



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

Anielle Souza de Oliveira

Léxico brasileiro em dicionários
monolíngues e bilíngues:
estudo metalexiconográfico da variação
em perspectiva dialetal e histórica

SALVADOR
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

Anielle Souza de Oliveira

Léxico brasileiro em dicionários
monolíngues e bilíngues:
estudo metalexigráfico da variação
em perspectiva dialetal e histórica

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de doutor.

Área de concentração: Linguística Histórica.

Orientador: Professor Doutor Américo Venâncio Lopes Machado Filho

SALVADOR
2017

Oliveira, Anielle Souza de
Léxico brasileiro em dicionários monolíngues e bilíngues:
estudo metalexicográfico da variação em perspectiva dialetal e
histórica. / Anielle Souza de Oliveira. -- Salvador, 2017.
354 f. : il

Orientador: Américo Venâncio Lopes Machado Filho.
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua e
Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras
da Universidade Federal da Bahia, 2017.

1. Metalexicografia histórico-variacional. 2. Variação
dialetal. 3. Léxico brasileiro. 4. Lexicografia monolíngue. 5.
Lexicografia bilíngue. I. Machado Filho, Américo Venâncio Lopes.
II. Título.

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas
leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.
Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.
Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.
— Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável,
o Padre me disse.
Ele fez um limpamento em meus receios.
O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença,
pode muito que você carregue para o resto da
vida um certo gosto por nada...
E se riu...
Você não é de bugre? — ele continuou.
Que sim, eu respondi.
Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas —
Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os arituncuns maduros.
Há que apenas saber errar bem no seu idioma.
Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática.

Manoel de Barros

A meus Pais , por serem a expressão
máxima do Amor, em que tanto acredito.

AGRADECIMENTOS

Às forças superiores que atuam sobre mim desde o meu nascimento.

A meus pais, imensamente amados, companheiros incansáveis.

Ao orientador e amigo, Professor Doutor Américo Venâncio Lopes Machado Filho, pela disponibilidade, transmissão de saberes, amizade, atenção, há mais de 10 anos.

À amiga irmã Natalia Schmidt, pela parceria eterna.

À saudosa Professora Doutora Rosa Virgínia Mattos e Silva, pelos conhecimentos transmitidos com tanta dedicação, respeito, carinho, fonte interminável de inspiração acadêmica.

Aos amigos do Nêmesis, pela energia, amor e conhecimentos compartilhados.

À Professora Doutora Mariana Fagundes de Oliveira e ao Professor Doutor Emílio Pagotto, pelas contribuições essenciais no Exame de Qualificação.

À Professora Doutora Aurelina Ariadne Almeida, pelo apoio, colaboração, atenção em momentos cruciais nesta Universidade.

Ao Professor Doutor Domingos Pimentel Siqueira, por todo o zelo e cuidado na função de presidente da Banca de Defesa.

À Professora Doutora Maria da Graça Krieger, à Professora Doutora Jacyra Andrade Mota, à Professora Doutora Marcela Moura Torres Paim, à Professora Doutora Mariana Fagundes de Oliveira, integrantes da Banca de Defesa, pelas importantíssimas sugestões e orientações.

Ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras, pelo suporte ao longo de todo o curso.

Aos funcionários técnico-administrativos do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, pela atenção constante.

À Universidade Federal da Bahia, pelo aprendizado adquirido e conquistas.

Aos meus familiares, pelo incentivo e carinho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pela bolsa concedida.

Ao grande amigo Juan Cabral Cuervo, pela força, incentivo durante boa parte da elaboração deste trabalho.

Aos colegas que partilharam conhecimentos comigo ao longo destes mais de 10 anos de Universidade Federal da Bahia.

RESUMO

Avaliou-se, nesta tese, a variação de cunho geolinguístico no léxico do português brasileiro (PB) registrado em dicionários monolíngues e bilíngues português-inglês. Dentro desse propósito, analisou-se historicamente a presença das marcas de uso dialetais, empregadas nos dicionários selecionados para composição do *corpus*, no período compreendido entre o século XVIII e o XXI, quando já são notadas expressões desse tipo de variação na microestrutura dos verbetes. Recorreu-se aos dados registrados nas cartas semântico-lexicais do *Atlas Linguístico do Brasil* (2014), utilizando-os como referência para observação da variação nas publicações investigadas. Incluiu-se, ainda, neste trabalho, a descrição das mega, macro e microestruturas das obras, com vistas a apresentar o contexto de produção e o posicionamento de lexicógrafos e suas equipes na constituição do projeto lexicográfico. As abreviaturas, no âmbito megaestrutural, e as marcas de uso, no microestrutural, emergem como parte essencial da definição em dicionários, recebendo atenção especial pela informação extralinguística contida, levando-se em conta as diferenças que permeiam o universo das obras monolíngues e bilíngues. Como produto da investigação proposta, apresenta-se um cotejo das obras lexicográficas analisadas, a partir das ocorrências reunidas no *Atlas Linguístico do Brasil*, verificando-se se e em que medida o registro da variação dialetal ocorre. Ademais, apresenta-se um pequeno glossário dialetal bilíngue em que são reunidas as unidades lexicais do *ALiB*, privilegiando-se a variação diatópica na elaboração das definições.

Palavras-chave: Metalexigrafia histórico-variacional. Variação dialetal. Léxico brasileiro. Lexicografia. Dicionários monolíngues. Dicionários bilíngues.

ABSTRACT

It was evaluated in this thesis the geolinguistic variation in the lexicon of the Brazilian Portuguese (BP), registered in monolingual and bilingual Portuguese-English dictionaries. Within this purpose, it was historically analyzed the presence of the dialectal use marks used in the dictionaries selected for the composition of the *corpus* from the eighteenth to twenty-first century, when expressions of this type of variation are already noted in the microstructure of the entries. The items registered by the semantic-lexical occurrences of the *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB, 2014) were the source of this study and were used as reference to observe the variation in the investigated publications. The description of the mega, macro and microstructures of the works was also included in this study, with the focus to present the context of production and the positioning of lexicographers and their teams in the constitution of the lexicographic project. The mega-structural abbreviations and use marks in the microstructural emerge as an essential part of the definition in dictionaries, receiving special attention for the extralinguistic information contained, taking into account the differences that permeate the universe of monolingual and bilingual works. As a product of the proposed research, a comparison of the lexicographic works analyzed, from the occurrences gathered in the *Atlas Linguístico do Brasil*, to verify if and to what extent the record of the dialectal variation occurs was presented. In addition to that, a small bilingual dialectal glossary in which the lexical units of the ALiB are grouped, with diatopic variation being preferred in the elaboration of definitions, was presented.

Key-Words: Historical-variational Metalexigraphy. Dialectal variation. Brazilian Lexikon. Lexicography. Monolingual dictionaries. Bilingual dictionaries.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|---------|
| Quadro 1: Comparativo verbete aipim | 25 |
| Quadro 2. Comparativo de praga | 32 |
| Quadro 3. Marcas de uso no comparativo de ‘rapariga’ | 36 |
| Quadro 4. Tipologia das variantes | 59 |
| Quadro 5. Classificação de Haensch (1982) para as obras lexicográficas | 72 |
| Quadro 6. Comparativo de traços tipológicos dos dicionários analisados. | 74-75 |
| Quadro 7. Comparativo de cambalhota | 80-81 |
| Quadro 8. Verbetes névoa | 102 |
| Quadro 9. Verbetes mosquito | 115 |
| Quadro 10. Lista de abreviaturas (recorte dialetal/geográfico) | 132 |
| Quadro 11. Comparativo Transtagano (1773) vs. Michaelis (1923) | 137 |
| Quadro 12. Abreviaturas/marcas de uso dialetais do português brasileiro | 142-143 |
| Quadro 13 Comparativo verbete aipim | 149 |
| Quadro 14: Comparativo verbete Brasil | 151 |
| Quadro 15: Comparativo verbete jaboticaba | 151 |
| Quadro 16. Comparativo verbete paca | 152 |
| Quadro 17. Comparativo verbete preguiça | 153 |
| Quadro 18. Comparativo verbete arrecife ~ recife | 153 |

| | |
|--|---------|
| Quadro 19: Comparativo verbete cascavel | 154 |
| Quadro 20. Comparativo verbete cotia | 155 |
| Quadro 21. Comparativo verbete aldeia | 155 |
| Quadro 22. Comparativo verbete cachoeira | 156 |
| Quadro 23: Comparativo verbete capitania | 156 |
| Quadro 24. Comparativo verbete coquilho | 156 |
| Quadro 25. Comparativo verbete goiaba | 157 |
| Quadro 26. Comparativo verbete goiaba | 157 |
| Quadro 27. Comparativo verbete macuma | 157 |
| Quadro 28. Comparativo verbete mamoeira | 158 |
| Quadro 29. Comparativo verbete remilham | 158 |
| Quadro 30. Comparativo verbete tapera | 158 |
| Quadro 31. Comparativo verbete japinabeiro | 159 |
| Quadro 32: Comparativo verbete jerepemonga | 160 |
| Quadro 33: Comparativo verbete igacaba | 160 |
| Quadro 34. Comparativo verbete manucodiata | 160 |
| Quadro 35. Comparativo verbete papapeixe | 161 |
| Quadro 36. Comparativo verbete patiguá | 161 |
| Quadro 37. Comparativo verbete reespuma | 161 |
| Quadro 38. Comparativo verbete yapu | 162 |
| Quadro 39. verbete a infallivel | 162 |
| Quadro 40. verbete encubertado | 162 |
| Quadro 41. verbete gerebita | 163 |
| Quadro 42. verbete pão de galinha | 163 |
| Quadro 43. verbete veta | 163 |
| Quadro 44. Verbetes ata, cassuá e fúro | 174-175 |
| Quadro 45. Verbetes sereno (versão atualizada) | 197 |
| Quadro 46. Verbetes sereno (versão original) | 198 |

| | |
|-----------------------------------|-----|
| Quadro 47. Verbete bala (DM) | 249 |
| Quadro 48. Verbete bombom (DM) | 250 |
| Quadro 49. Verbete caramelo (DM) | 250 |
| Quadro 50. Verbete confeito (DM) | 251 |
| Quadro 51. Verbete queimado (DM) | 251 |
| Quadro 52. Verbete bala (DB) | 252 |
| Quadro 53. Verbete bombom (DB) | 253 |
| Quadro 54. Verbete caramelo (DB) | 253 |
| Quadro 55. Verbete confeito (DB) | 253 |
| Quadro 56. Verbete aipim (DM) | 255 |
| Quadro 57. Verbete macaxeira (DM) | 255 |
| Quadro 58. Verbete mandioca (DM) | 256 |
| Quadro 59. Verbete aipim (DB) | 257 |
| Quadro 60. Verbete macaxeira(DB) | 257 |
| Quadro 61. Verbete mandioca (DB) | 258 |
| Quadro 62. Verbete mangará (DM) | 260 |
| Quadro 63. Verbete buzina (DM) | 260 |
| Quadro 64. Verbete mangará (DB) | 260 |
| Quadro 65. Verbete tangerina (DM) | 262 |

| | |
|--|-----|
| Quadro 66. Verbete mexerica (DM) | 262 |
| Quadro 67. Verbete poncã (DM) | 263 |
| Quadro 68. Verbete laranja-cravo (DM) | 263 |
| Quadro 69. Verbete bergamota (DM) | 263 |
| Quadro 70. Verbete mimosa (DM) | 264 |
| Quadro 71. Verbete tangerina (DB) | 264 |
| Quadro 72. Verbete mexerica (DB) | 264 |
| Quadro 73. Verbete bergamota (DB) | 264 |
| Quadro 74. Verbete prostituta (DM) | 267 |
| Quadro 75. Verbete biscate (DM) | 267 |
| Quadro 76. Verbete garota de programa (DM) | 267 |
| Quadro 77. Verbete meretriz (DM) | 268 |
| Quadro 78. Verbete mulher... (DM) | 268 |
| Quadro 79. Verbete puta(DM) | 269 |
| Quadro 80. Verbete quenga(DM) | 269 |
| Quadro 81. Verbete rameira(DM) | 269 |

| | |
|--|-----|
| Quadro 82. Verbete rapariga(DM) | 270 |
| Quadro 83. Verbete prostituta (DB) | 270 |
| Quadro 84. Verbete biscate (DB) | 271 |
| Quadro 85. Verbete garota de programa (DB) | 271 |
| Quadro 86. Verbete meretriz (DB) | 271 |
| Quadro 87. Verbete mulher...(DB) | 271 |
| Quadro 88. Verbete puta (DB) | 272 |
| Quadro 89. Verbete quenga (DB) | 272 |
| Quadro 90. Verbete rameira(DB) | 272 |
| Quadro 91. Verbete rapariga (DB) | 273 |
| Quadro 92. Verbete granizo (DM) | 275 |
| Quadro 93. Verbetes chuva... (de pedra, de granizo) (DM) | 276 |
| Quadro 94. Verbete granizo (DB) | 276 |
| Quadro 95. Verbete neblina (DM) | 277 |
| Quadro 96. Verbete cerração (DM) | 278 |
| Quadro 97. Verbete fumaça (DM) | 278 |
| Quadro 98. Verbete névoa(DM) | 279 |

| | |
|---|-----|
| Quadro 99. Verbete nevoeiro(DM) | 280 |
| Quadro 100. Verbete sereno (DM) | 281 |
| Quadro 101. Verbete neblina (DB) | 281 |
| Quadro 102. Verbete cerração (DB) | 282 |
| Quadro 103. Verbete fumaça (DB) | 282 |
| Quadro 104. Verbete névoa (DB) | 283 |
| Quadro 105. Verbete nevoeiro (DB) | 283 |
| Quadro 106. Verbete sereno (DB) | 284 |
| Quadro 107. Verbete orvalho (DM) | 286 |
| Quadro 108. Verbete sereno ² (DM) | 287 |
| Quadro 109. Verbete neblina ² (DM) | 288 |
| Quadro 110. Verbete garoa (DM) | 288 |
| Quadro 111. Verbete orvalho (DB) | 289 |
| Quadro 112. Verbete sereno2 (DB) | 289 |
| Quadro 113. Verbete neblina ² (DB) | 290 |
| Quadro 114. Verbete garoa (DB) | 290 |
| Quadro 115. Variantes para bicho-da-goiaba (DM) | 291 |
| Quadro 116. galinha d'angola (DM) | 293 |
| Quadro 117. Verbete angolista (DM) | 293 |

| | |
|---|-----|
| Quadro 118. Verbetes capote (DM) | 293 |
| Quadro 119. Verbetes cocar (DM) | 294 |
| Quadro 120. Verbetes guiné (DM) | 294 |
| Quadro 121. Verbetes estou-fraca~ tô-fraca (DM) | 294 |
| Quadro 122. Verbetes picota~picote (DM) | 294 |
| Quadro 123. Verbetes galinha d'angola (DB) | 295 |
| Quadro 124. Variantes de galinha d'angola (DB) | 295 |
| Quadro 125. Verbetes libélula (DM) | 296 |
| Quadro 126. Variantes de libélula (DM) | 297 |
| Quadro 127. Verbetes libélula (DB) | 297 |
| Quadro 128. Variantes de libélula (DB) | 298 |
| Quadro 129. Verbetes pernilongo (DM) | 299 |
| Quadro 130. Verbetes carapanã (DM) | 299 |
| Quadro 131. Verbetes mosquito (DM) | 300 |
| Quadro 132. Verbetes muriçoca (DM) | 300 |
| Quadro 133. Verbetes praga (DM) | 301 |
| Quadro 134. Verbetes pernilongo (DB) | 301 |
| Quadro 135. Verbetes carapanã (DB) | 302 |
| Quadro 136. Verbetes mosquito (DB) | 302 |
| Quadro 137. Verbetes muriçoca (DB) | 302 |
| Quadro 138. Verbetes praga (DB) | 303 |
| Quadro 139. Verbetes gude ~ bola de gude (DM) | 305 |
| Quadro 140. Variantes de bola de gude (DM) | 306 |
| Quadro 141. Verbetes bola de gude ~ gude (DB) | 306 |
| Quadro 142. Variantes de bola de gude (DB) | 306 |
| Quadro 143. Verbetes cambalhota (DM) | 308 |
| Quadro 144. Verbetes aú (DM) | 308 |
| Quadro 145. Verbetes cabriola (DM) | 309 |

| | |
|--|-----|
| Quadro 146. cangapé (DM) | 309 |
| Quadro 147. Verbete pirueta (DM) | 310 |
| Quadro 148. Verbete cambalhota (DB) | 310 |
| Quadro 149. Verbete cabriola (DB) | 311 |
| Quadro 150. Verbete pirueta (DB) | 311 |
| Quadro 151. Verbete estilingue (DM) | 312 |
| Quadro 152. Verbete atiradeira (DM) | 313 |
| Quadro 153. Verbete baladeira (DM) | 313 |
| Quadro 154. Verbete funda (DM) | 313 |
| Quadro 155. Variantes de estilingue (DM) | 314 |
| Quadro 156. Verbete estilingue (DB) | 314 |
| Quadro 157. Verbete atiradeira (DB) | 314 |
| Quadro 158. Verbete cetra (DB) | 315 |
| Quadro 159. Verbete funda (DB) | 315 |
| Quadro 160. Verbete sutiã (DM) | 316 |
| Quadro 161. Verbete porta-seios(DM) | 316 |
| Quadro 162. Verbete sutiã (DB) | 316 |
| Quadro 163. Verbete corpinho (DB) | 317 |
| Quadro 164. Verbete corpete (DB) | 317 |
| Quadro 165. Verbete semáforo (DM) | 318 |
| Quadro 166. Verbete farol (DM) | 318 |
| Quadro 167. Verbete sinal (DM) | 319 |
| Quadro 168. Verbete sinaleira (DM) | 319 |
| Quadro 169. Verbete semáforo (DB) | 319 |
| Quadro 170. Verbete farol (DB) | 320 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1. verbete pernilongo | 50 |
| Figura 2. Chave para consulta | 54 |
| Figura 3. Quadro demonstrativo sobre a megaestrutura de um dicionário | 91 |
| Figura 4: “Addenda” com as unidades de origem árabe | 94 |
| Figura 5: Errata apresentada por Transtagano, ao final do volume português-inglês | 95 |
| Figura 6. A cadeia lexicográfica | 105 |
| Figura 7. Itens de um verbete | 107 |
| Figura 8. Verbetes rapariga | 109 |
| Figura 9. Comentário de Aulete (1881) | 166 |
| Figura 10. Verbetes abacatuia | 167 |
| Figura 11. Comentário de Aulete (1881) | 167 |
| Figura 12. Comentário sobre neologismos (AULETE, 1881) | 169 |
| Figura 13. Explicação dos signaes (AULETE, 1881) | 169 |
| Figura 14. Figuração da pronuncia (AULETE, 1881) | 170 |
| Figura 15. Verbetes aipim | 170 |
| Figura 16. Verbetes neve | 171 |
| Figura 17. Comentário de Beaurepaire-Rohan (1889) | 172 |
| Figura 18. Verbetes maníva | 174 |
| Figura 19. Verbetes zumbí | 175 |

| | |
|---|-----|
| Figura 20. Verbete sereno | 181 |
| Figura 21. Verbete aipim | 185 |
| Figura 22. Verbete ainda | 186 |
| Figura 23. Verbete interativo | 189 |
| Figura 24. Verbete pernilongo | 190 |
| Figura 25. Verbete pernilongo (modo tradicional) | 191 |
| Figura 26. Verbete pernilongo (modo interativo) | 191 |
| Figura 27. Layout do Aulete digital | 195 |
| Figura 28. Verbete andar no dicionário analógico digital | 195 |
| Figura 29. Verbete sereno | 196 |
| Figura 30. Verbete aipim | 201 |
| Figura 31. fragmento 1 do 1º tomo do Dicionário | 203 |
| Figura 32. fragmento 2 do 1º tomo do Dicionário | 203 |
| Figura 33: fragmento 3 do 1º tomo do Dicionário | 204 |
| Figura 34. fragmento 1 do 2º tomo do Dicionário | 205 |
| Figura 35. fragmento 2 do 2º tomo do Dicionário | 205 |
| Figura 36. fragmento 3 do 2º tomo do Dicionário | 206 |
| Figura 37. fragmento 4 do 2º tomo do Dicionário | 206 |
| Figura 38. fragmento 5 retirado do 2º tomo do Dicionário | 207 |
| Figura 39. fragmento 4 retirado do 1º tomo do Dicionário | 208 |
| Figura 40. Verbete arrecife ~ recife | 209 |
| Figura 41. verbete debalde | 210 |
| Figura 42. verbete gente | 210 |
| Figura 43. Verbete nev ada | 212 |
| Figura 44. Verbete aipim | 213 |
| Figura 45. Pronúncia do português | 215 |
| Figura 46. Acentuação | 215 |
| Figura 47. Listas de abreviaturas do volume português-inglês e inglês-português | 216 |

| | |
|---|-----|
| Figura 48. Prefácio (volume inglês-português) | 217 |
| Figura 49. Verbete aipim | 217 |
| Figura 50. Verbete prostituta | 219 |
| Figura 51. Xilogravura de Calasans Neto | 221 |
| Figura 52. English index - Índice inglês | 223 |
| Figura 53. Verbetes com asterisco simples e duplo | 223 |
| Figura 54. Principais informantes | 225 |
| Figura 55. O uso da variante | 227 |
| Figura 56. Verbete sereno | 228 |
| Figura 57. Verbete mulher | 231 |
| Figura 58. Pronomes pessoais do português | 233 |
| Figura 59. Verbete cerração | 233 |
| Figura 60. Verbete puta | 235 |
| Figura 61. Layout e capa de Marques (2010) | 236 |
| Figura 62. Verbete neblina | 237 |
| Figura 63. Ranking dos “termos” mais buscados | 239 |
| Figura 64. Verbete mandioca | 239 |
| Figura 65. Rede de pontos ALiB | 241 |
| Figura 66. Comentários sobre variação pluridimensional na Carta L05 - tangerina | 243 |
| Figura 67. Carta L05 - tangerina | 246 |
| Figura 68. Chave de consulta 1 para o <i>Pequeno glossário</i> | 246 |
| Figura 69. Chave de consulta 2 para o <i>Pequeno glossário</i> | 325 |

LISTA DE ABREVIATURAS

AD - *Aulete Digital*

ALiB – *Atlas Linguístico do Brasil*

AM - *Brazilian Portuguese-English, English-Brazilian Portuguese concise dictionary*

AVT - *A dictionary of the Portuguese and English languages, in two parts, Portuguese and English: and English and Portuguese*

BC - *Random House Webster's Pocket Portuguese Dictionary*

CH - *A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese*

DCLP - *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*

DHLP - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*

DOP- *Dicio, Dicionário Online de Português.*

DVB - *Diccionario de vocábulos brasileiros*

GNDLP - *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*

HM - *A new dictionary of the Portuguese and English Languages enriched by a great number of technical terms used in commerce and industry, in the arts and sciences, and including a great variety of expressions from the language of daily life*

JT - *Portuguese English Dictionary*

LIN - *Linguee*

NADCLP - *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*

NDLP - *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*

ONPD - *The Oxford New Portuguese Dictionary*

RPP - *McKays's Modern Portuguese-English and English-Portuguese Dictionary*

TM - *Collins Gem English-Portuguese Portuguese-English Dictionary*

SUMÁRIO

| | |
|--|------|
| AGRADECIMENTOS..... | V |
| RESUMO..... | VI |
| ABSTRACT..... | VII |
| LISTA DE QUADROS..... | VIII |
| LISTA DE FIGURAS..... | XVI |
| LISTA DE ABREVIATURAS..... | XIX |
| | |
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 23 |
| 2 O QUE JUSTIFICA ESTA INVESTIGAÇÃO?..... | 28 |
| 2.1 POR QUE DICIONÁRIOS BILÍNGUES?..... | 29 |
| 2.2 POR QUE DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES? | 31 |
| 2.3 POR QUE O <i>ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL</i> ?..... | 33 |
| 2.4 POR QUE UM GLOSSÁRIO?..... | 34 |
| 2.5 POR QUE AS MARCAS DE USO?..... | 35 |
| 3 OBJETIVOS TRAÇADOS | 38 |
| 4 O PERCURSO METODOLÓGICO | 43 |
| 4.1 SELEÇÃO DOS <i>CORPORA</i> | 43 |
| 4.1.1 MONOLÍNGUES | 43 |
| 4.1.2 BILÍNGUES | 46 |
| 4.2 ANÁLISE DOS <i>CORPORA</i> | 50 |
| 4.3 O GLOSSÁRIO..... | 53 |
| 5 PANORAMA CONCEITUAL | 55 |
| 5.1 OBJETOS TEÓRICOS..... | 56 |
| 5.2 A (META)LEXICOGRAFIA | 66 |
| 5.2.1 DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES..... | 76 |
| 5.2.2 DICIONÁRIOS BILÍNGUES | 82 |
| 5.2.3 A PARCERIA PORTUGUÊS-INGLÊS | 87 |
| 5.2.4 MEGAESTRUTURA | 89 |
| 5.2.5 MACROESTRUTURA..... | 96 |
| 5.2.6 MICROESTRUTURA | 103 |
| 5.2.7 A DEFINIÇÃO..... | 110 |
| 5.2.7.1 EQUIVALÊNCIAS: SINÔNIMOS E/OU VARIANTES | 116 |
| 5.2.8 MARCAS DE USO..... | 127 |
| 5.2.8.1 O PORTUGUÊS BRASILEIRO E SUAS MARCAS DIALETAIS..... | 134 |
| 5.2.8.2 OS PROVÁVEIS “BRASILEIRISMOS” DE TRANSTAGANO (1773)..... | 148 |
| 6 CARACTERIZAÇÃO DAS OBRAS ANALISADAS | 165 |
| 6.1 OS DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES | 165 |

| | |
|---|-----|
| 6.1.1 <i>Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa</i> (CALDAS AULETE, 1889) . | 165 |
| 6.1.1.1 A MICROESTRUTURA EM CALDAS AULETE (1881) | 170 |
| 6.1.2 <i>Diccionario de vocábulos brasileiros</i> (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889)..... | 172 |
| 6.1.2.1 A MICROESTRUTURA EM BEAUREPAIRE-ROHAN (1889)..... | 174 |
| 6.1.3 <i>Novo Dicionário da Língua Portuguesa</i> (FIGUEIREDO, 1913)..... | 175 |
| 6.1.3.1 A MICROESTRUTURA EM FIGUEIREDO (1913) | 181 |
| 6.1.4. <i>Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa</i> (FREIRE, 1954)..... | 182 |
| 6.1.4.1 A MICROESTRUTURA EM FREIRE (1954)..... | 185 |
| 6.1.5 <i>Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</i> (HOUAISS, 2009)..... | 186 |
| 6.1.5.1 A MICROESTRUTURA EM HOUAISS (2009)..... | 189 |
| 6.1.6 <i>Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa e idicionário Aulete</i> (AULETE, 2011-2017) | 191 |
| 6.1.6.1 A MICROESTRUTURA EM AULETE (2011-2017)..... | 195 |
| Sereno..... | 198 |
| 6.1.7 <i>Dicionário Online de Português</i> (2009-2017) | 198 |
| 6.1.7.1 A MICROESTRUTURA NO <i>DICIO</i> (2009-2017)..... | 201 |
| 6.2 OS DICIONÁRIOS BILÍNGUES | 202 |
| 6.2.1 <i>A dictionary of the Portuguese and English languages, in two parts, Portuguese and English: and English and Portuguese</i> (VIEIRA TRANSTAGANO, 1773)..... | 202 |
| 6.2.1.1 A MICROESTRUTURA EM TRANSTAGANO (1773) | 209 |
| 6.2.2 <i>A new dictionary of the Portuguese and English Languages enriched by a great number of technical terms used in commerce and industry, in the arts and sciences, and including a great variety of expressions from the language of daily life</i> (1923)..... | 211 |
| 6.2.2.1 A MICROESTRUTURA EM MICHAELIS (1923)..... | 212 |
| 6.2.3 <i>McKays's Modern Portuguese-English and English-Portuguese Dictionary</i> (RICHARDSON et al., 1943) | 214 |
| 6.2.3.1 MICROESTRUTURA EM RICHARDSON ET AL. (1943)..... | 217 |
| 6.2.4 <i>Collins Gem English-Portuguese Portuguese-English Dictionary</i> (LAMB, 1964) . | 218 |
| 6.2.4.1 A MICROESTRUTURA EM LAMB (1964)..... | 219 |
| 6.2.5 <i>A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese</i> . (CHAMBERLAIN; HARMON, 1983) | 220 |
| 6.2.5.1 A MICROESTRUTURA EM CHAMBERLAIN E HARMON (1983) | 228 |
| 6.2.6 <i>Portuguese English Dictionary</i> (TAYLOR, 1970) | 228 |
| 6.2.6.1 MICROESTRUTURA EM TAYLOR (1970)..... | 231 |
| 6.2.7 <i>Random House Webster's Pocket Portuguese Dictionary</i> (CHAMBERLAIN, 1991) | 232 |
| 6.2.7.1 A MICROESTRUTURA EM CHAMBERLAIN (1991)..... | 233 |
| 6.2.8 <i>The Oxford New Portuguese Dictionary</i> (2008) | 234 |
| 6.2.8.1 MICROESTRUTURA EM <i>THE OXFORD NEW PORTUGUESE DICTIONARY</i> (2008) | 235 |
| 6.2.9 <i>Brazilian Portuguese-English, English-Brazilian Portuguese concise dictionary</i> (MARQUES, 2010)..... | 236 |
| 6.2.9.1 A MICROESTRUTURA EM MARQUES (2010)..... | 237 |

| | |
|--|-----|
| 6.2.10 <i>Linguee</i> (2017) | 238 |
| 6.2.10.1A MICROESTRURA NO LINGUEE (2017) | 239 |
| 6.2.O ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL: ARRIMO PARA A LEXICOGRAFIA | 240 |
| 7 ANÁLISE DOS DADOS | 247 |
| 7.1. ALIMENTAÇÃO E COZINHA | 248 |
| 7.1.1 BALA..... | 248 |
| 7.2.ATIVIDADES AGROPASTORIS | 254 |
| 7.2.1 AIPIM | 254 |
| 7.2.2 EXTREMIDADE DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA (PONTA ROXA NO CACHO DA BANANA) | 259 |
| 7.2.3 TANGERINA | 261 |
| 7.3 CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL | 265 |
| 7.3.1 PROSTITUTA..... | 265 |
| 7.4 FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS | 275 |
| 7.4.1 GRANIZO..... | 275 |
| 7.4.2 NEBLINA | 276 |
| 7.4.3 ORVALHO | 285 |
| 7.5 FAUNA | 291 |
| 7.5.1 BICHO-DA-GOIABA | 291 |
| 7.5.2 GALINHA D'ANGOLA | 292 |
| 7.5.3 LIBÉLULA..... | 295 |
| 7.5.4 PERNILONGO..... | 298 |
| 7.6 JOGOS E DIVERSÕES | 305 |
| 7.6.1 BOLINHA DE GUDE..... | 305 |
| 7.6.2 CAMBALHOTA | 307 |
| 7.7 VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS | 315 |
| 7.7.1 SUTIÃ..... | 315 |
| 7.8 VIDA URBANA..... | 317 |
| 7.8.1 SEMÁFORO..... | 317 |
| 8 O GLOSSÁRIO | 321 |
| 8.1 PREÂMBULO | 322 |
| 8.2 PEQUENO GLOSSÁRIO DIALETAL BILÍNGUE PORTUGUÊS-INGLÊS..... | 326 |
| 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 334 |
| 10 REFERÊNCIAS | 339 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

The lexicon of a language is open-ended and is the least stable, least systematic segment of the language's structure, and thus more open to novelties introduced from the outside.¹ (DWORKIN, 2012, p. 5)

O léxico, com toda sua dinamicidade, pode ser considerado o eixo de interseção linguístico, em que as unidades que o compõem estão em constante movimento de atração e disjunção, fazendo interagir os demais níveis da língua, sejam mórficos, fônicos, sintáticos, semânticos, o que fica evidente ao se consultar um dicionário. Toda essa confluência tem origem na expressão linguística criativa dos falantes, que, no uso diário, atribuem às palavras sentido, valor cultural, social, histórico. Dworkin (2012, p. 5) sugere, nesse cenário, ser o léxico o âmbito mais instável da língua, sendo a instância mais suscetível a incorporar “novidades”, conquanto não se possa perder de vista que “it keeps the secular extension of its most distant etymological sources which have solidified themselves in the historical basis”² (MACHADO FILHO, no prelo, p. 1).

Sendo um campo linguístico diretamente relacionado à prática social, onde a “liquidez”³ da vida moderna é sentida mediante alterações de forma e conteúdo, o léxico atende aos apelos diários que os novos sentidos do mundo impõem à comunicação humana. As criações lexicais transpassam e interligam língua e sociedade, no despontar das gírias e dos jargões, como afirmação identitária de grupos sociais; das expressões idiomáticas, onde a estrutura sintática assume função lexical; nos neologismos nascidos da associação dos novos conceitos aos *-ismos*, *-véis*, *-ões*, *-inhos* etc.; nos termos, essenciais às áreas do conhecimento técnico; nas variações lexicais, que se cristalizam no léxico como “abrobas” e “brocos”. Nesse cenário, os dicionários são o “nó górdio” em que as ocorrências lexicais de uma língua se guardam e se resguardam da própria dinâmica a que se submete o léxico em sua constituição.

¹ Tradução livre: o léxico da língua é ilimitado e é o segmento menos estável e sistemático da estrutura linguística e assim é mais aberto a novidades oriundas do meio externo.

² Tradução livre: esse mantém a extensão secular de suas fontes etimológicas mais distantes que se solidificaram na base histórica.

³ Em referência ao conceito desenvolvido por Bauman (1925 [2007], p. 10): “A vida numa sociedade líquido-moderna não pode ficar parada”.

Em face disso, o dicionário torna-se elemento-chave deste estudo, por constituir uma fonte lexical e histórica permanente. Os registros investigados nesta pesquisa, mesmo que impregnados da subjetividade de lexicógrafos e editores, retratam sincronias, unidades e significados pertencentes a um período que compreende o século XVIII até os dias atuais. Alterações estruturais marcam a passagem do tempo nessas obras e refletem o olhar sobre a língua e o léxico, como é possível notar ao se analisar o registro da variação de itens que se encontram mapeados pelas cartas semântico-lexicais do *Atlas Linguístico do Brasil* (2014). Com informações mais precisas, alcançadas pelo rigor do trabalho geolinguístico, surgem um ponto de partida e critérios mais confiáveis para avaliar como a diversidade tem sido explorada pela lexicografia monolíngue e bilíngue.

O produto lexicográfico é, como se sabe, resultado de uma seleção lexical, que contempla não só as unidades comuns aos usuários de um idioma, mas aquelas pertencentes a determinados usos sociais, que se destacam pelo prestígio ou desprestígio, avaliação que será apresentada ao consulente através do arranjo microestrutural. Nesse ponto, a seleção das variantes que figurarão como entrada ou daquelas que serão “etiquetadas” pelas marcas de uso, por pertencerem a outras normas da língua, é um indicador do padrão linguístico vigente. É preciso, no entanto, levar em conta que o dicionário, de maneira geral, assume um referencial normativo, mas, nem por isso, deixa de registrar usos e unidades lexicais não pertencentes ao “cânone”.

De acordo com Lara (1992, p. 20), o "dicionário representa a memória coletiva da sociedade e é uma das suas mais importantes instituições simbólicas". Nas palavras de Alain Rey, no prefácio de seu *Petit Robert* (1991, xvii): "o dicionário é a memória lexical de uma sociedade". Em ambas as observações, a ideia de “memória” está diretamente conectada ao trabalho lexicográfico, existindo, assim, uma expectativa de que ali esteja guardado o acervo lexical de uma língua. Essa noção faz da lexicografia uma importante ferramenta para o estudo histórico de um idioma. No caso deste estudo, a língua portuguesa do Brasil, protagonista da investigação proposta, tem sua “memória” lexical constituída a partir de obras que contribuíram para a legitimação dessa variedade. Paralelamente à publicação de gramáticas em que se estreava a “exótica” língua brasílica, a dicionarização exerceu um importante papel na consolidação da nova variedade frente à lusitana.

Uma análise dos recursos utilizados pelos lexicógrafos para registro da variação linguística na língua portuguesa, em dicionários, permite notar que, além de a

elaboração desses materiais estar fixada no eixo Brasil-Portugal, a variedade brasileira da língua portuguesa passou por estágios deveras idiossincráticos, o que é perceptível pelo caráter das marcações empregadas na microestrutura das obras. Se, inicialmente, as menções ao Brasil e à língua brasileira são pouco ou nada sistemáticas, com o tempo, elas se tornam mais especializadas, evidenciando o surgimento de uma língua amplamente reconhecida e merecedora de especial atenção, ainda que submetida ao monopólio eurocêntrico, o que se comprova pela necessidade de marcar usos especificamente brasileiros.

A título de exemplificação, no Quadro 1, na obra bilíngue de Antônio Vieira Transtagano, de 1773, atribui-se à definição de ‘aipim’ uma restrição geográfica dessa raiz, o que se repete em Michaelis (1923). Em Taylor (1970), apesar de não se notar presença de marca dialetal, restringe-se o uso lexical ao âmbito da botânica, com inclusão das variantes na forma de “called also” (ou “também chamado de”). Finalmente em Michaelis (2017), a marca de uso “brasileirismo” define um contexto diatópico bem demarcado de utilização do item lexical em questão.

Quadro 1. Comparativo verbete ‘aipim’

| | |
|------------|---|
| AVT (1773) | <i>AIPYI</i> , an herb in the Brasils, whose roots serves to make bread and wine. There are several kinds of it; but the better is one called by them machaxera. ⁴ |
| HM (1923) | Aipim, Aipii , m. (<i>bot.</i>) (in the Brazils) sweet manioc which is eaten roasted; there are several sorts of it, the best one is called <i>macuxeza</i> . ⁵ |
| JT (1970) | aipim (<i>m., Bot.</i>) the aipi cassava (<i>Manihot aipi</i>), c.a. MACAXEIRA, MANDIOCA-DOCE. Cf. MANDIOCA. |
| MIC (2017) | aipim , ai.pim sm <i>bras.</i> Bot = aipi |

Fontes: Transtagano (1773); Michaelis (1923); Taylor (1970); Michaelis (2017)

Diante da complexidade da lexicografia, com seus inúmeros detalhes inclusos na construção de um dicionário, selecionar unidades lexicais de um idioma, cuja dinamicidade já se configura como obstáculo às tentativas de “fotografá-lo”, é uma tarefa que, longe de ser simples, tem o compromisso de se tornar a cada dia mais precisa e fiel à realidade linguística, de modo que a consulta a dicionários seja mais eficiente. Sendo assim, o percurso de sistematização do léxico envolve métodos que contribuem

⁴ Tradução livre: AIPYI, uma erva no Brasil, cujas raízes servem para fazer pão e vinho. Há varios tipos, mas o melhor é o chamado por eles de machaxera.

⁵ Tradução livre: Aipim, Aipii, m. (*bot.*) (no Brasil) mandioca doce que é comida assada; há vários tipos, o melhor é chamado *macuxeza*.

para sua categorização, o que não se resume à variação dialetal, incorporando outros eixos de alternância de uso que dão conta das informações extralinguísticas, relacionados ao significado social do léxico.

Os estudos geolinguísticos no Brasil, iniciados a partir do século XIX⁶, exerceram, em muitos casos, uma função monodimensional⁷, com foco exclusivo sobre as questões diatópicas da língua. Contudo, uma ampliação desse olhar, com inclusão das variáveis sociais condicionadoras dos usos linguísticos de uma comunidade, faz da geolinguística pluridimensional um modelo amplamente adotado pela dialetologia, sobretudo por influência do pensamento laboviano⁸, inclusive na construção do *Atlas Linguístico do Brasil* que serviu de fonte para esta tese.

Na consolidação de uma norma brasileira, as marcas de uso dialetais constituem o primeiro e principal indício do registro de um léxico de língua portuguesa, geográfica e linguisticamente distinto do de Portugal. Ressalvadas as distinções metodológicas e estruturais, tanto dicionários monolíngues quanto bilíngues fizeram e fazem uso dessas marcas para restringir usos linguísticos do português brasileiro, doravante PB. A decisão de abranger os dois tipos de material advém da relevância do bilinguismo na história da lexicografia de língua portuguesa, que emergiu interlíngue. Além disso, o recorte português-inglês também foi condicionado por fatores históricos: no passado, o acordo político mais antigo de que se tem notícia (Portugal e Inglaterra); contemporaneamente, um intercâmbio linguístico e político ainda mais produtivo, entre Brasil e Estados Unidos, onde há uma grande comunidade brasileira e muitas iniciativas para o ensino dessa variedade do português.

⁶ “Costuma-se definir como marco inicial dos estudos dialetais no Brasil a contribuição escrita por Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, diga-se um baiano nascido em Santo Amaro da Purificação, datada de 1826 e produzida a pedido do geógrafo vêneta, Adrien Balbi, para compor a *Introduction* do seu *Atlas Ethnographique du Globe*. O Visconde de Pedra Branca faz um breve estudo no qual compara o português do Brasil com o português de Portugal, apresentando, do ponto de vista do léxico, casos de não coincidências entre esses dois usos da língua, seja pela presença de formas registradas no Brasil e não existentes além-mar, seja pelos novos valores semânticos que assumiram, na terra conquistada, formas do português ainda vigentes em território luso.” (CARDOSO, 2013, p. 1)

⁷ Os estudos de Dialetologia, como é sabido, orientam-se, no seu início, por uma metodologia definida como monodimensional, ou seja, centrada no exame da variação diatópica, ainda que, de maneira assistemática e não considerada na informação cartográfica, recolha dados a informantes de ambos os sexos, de diferentes faixas etárias e de escolaridade variada, aspectos sociais para os quais estiverem atentos os iniciadores dos estudos dialetais (CARDOSO, 2013, p. 128-129)

⁸ O advento da Sociolinguística a partir da década de 60 do século XXI, sobretudo a vertente liderada por William Labov, de cunho variacionista, pautada no princípio das regras variáveis e com destaque para a dimensão vertical (social) dos estudos linguísticos, lançou questionamentos sobre as diretrizes da Dialetologia, no que tange à prioridade concedida à dimensão horizontal (geográfica) na análise da fala. (ISQUERDO; ROMANO, 2012, p. 893)

Constitui-se, dessa maneira, uma tese de cunho metalexigráfico, comprometida com a análise de dicionários estruturalmente distintos, mas representativos pela atenção dispensada ao PB. A metalexigrafia, diferentemente da lexicografia, ocupa-se não da prática de elaboração de verbetes e demais componentes de um dicionário, mas de uma análise crítica dessas publicações, embasando-se no aporte teórico necessário para essa finalidade, as ciências do léxico, como a lexicologia e terminologia, e do significado, como a semântica. Por sua vez, os fatos extralinguísticos que interferem no idioma e a variação linguística, muito recorrente no âmbito lexical, demandam o suporte de estudos geo, sociolinguísticos e *corpora* que sirvam de parâmetro para os exemplos fornecidos, as definições, as marcações referentes ao estatuto social de um uso lexical.

Projetos avaliativos como o PNL D 2012 Dicionários, lançado pelo Ministério da Educação, corroboram a importância da metalexigrafia e de um olhar crítico visando o aperfeiçoamento das obras. Entende-se, entretanto, que, mais do que criticar, é necessário propor meios de intervenção que permitam transformar as discussões teóricas em ações para mudar a forma como os dicionários têm sido pensados e constituídos. Com base nisso, a elaboração de um glossário dialetal bilíngue foi pensada com o propósito de apresentar, junto a este trabalho, essencialmente metalexigráfico, diretrizes para uma revisão do modo como a variação dialetal continua a ser explorada. Em tempos de *continuum*, fronteiras rígidas, principalmente se tratando de espaços fluidos como o da língua, nem sempre são cabíveis.

2 O QUE JUSTIFICA ESTA INVESTIGAÇÃO?

Contribuirá a ciência para diminuir o fosso crescente na nossa sociedade entre o que se é e o que se aparenta ser, o saber dizer e o saber fazer, entre a teoria e a prática? (SANTOS, 1988, p. 47)

O questionamento lançado por Rousseau, em seu *Discours sur les Sciences et les Arts* (1750), e reproduzido por Boaventura Santos reflete uma inquietação epistemológica presente neste estudo, contudo, ousa-se contrariar a resposta negativa do filósofo e, no mínimo, expressar o desejo de que a ciência seja capaz de chegar à sociedade, às salas de aula, aos espaços onde o conhecimento precisa circular e por que não aos dicionários? Acredita-se, portanto, na necessidade de fazer com que a metalexigrafia estabeleça um diálogo produtivo com a lexicografia, e que desse intercâmbio participem outras correntes teóricas igualmente relevantes.

Inicialmente, vale frisar que os estudos metalexigráficos concentrados no português brasileiro têm recebido incentivos diversos, cada vez mais comprometidos com a análise crítica de dicionários, muito especialmente no âmbito pedagógico. Publicações como *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula* (2012) e *Dicionários escolares: políticas, formas e usos* (2011) evidenciam a necessidade de se avaliarem os modelos lexicográficos vigentes, seja mediante critérios estabelecidos pelo Ministério da Educação para a análise de materiais escolares, seja pontuando questões teóricas imbricadas na elaboração de dicionários, relacionadas à definição, terminologia variação.

Esse cenário, no entanto, tem ficado restrito à lexicografia monolíngue, não só alvo de reflexão teórica, mas de estudos históricos, a exemplo do projeto *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII*, idealizado pela Professora Doutora Maria Tereza Camargo Biderman, em 2005 e assumido pela Professora Doutora Clotilde de Azevedo Murakawa até sua conclusão em 2012.

2.1 POR QUE DICIONÁRIOS BILÍNGUES?

Os encontros bilíngues têm sido excluídos, de certo modo, da história das novas perspectivas que se inauguraram com a reconfiguração da realidade política e social, ao longo da história, que afeta diretamente a relação linguística intercultural. Do mesmo modo, não se privilegiam as observações acerca da variação em materiais bilíngues, minimamente explorados no que diz respeito à construção de uma norma de prestígio referente à língua portuguesa, um eixo linguístico que passa a funcionar como referência para os consulentes. Verdelho (2011, p. 6), maior incentivador dos estudos que contemplam a dicionarística bilíngue, considerada, mesmo hoje, “lexicografia ancilar”, evidencia a importância dessa vertente “pela especificidade do convívio interlinguístico e intercultural do português como língua nacional e transnacional”.

A lexicografia de língua portuguesa tem um longo histórico, já minuciosamente tratado em Verdelho (1999) e Silvestre e Verdelho (2007). É essencial destacar que, do mesmo modo que os de outras línguas modernas, os dicionários do idioma lusitano têm sua origem apoiada no encontro interlíngue. O português, no entanto, foi pioneiro na união com as línguas orientais, protagonizando as primeiras experiências lexicográficas trans-europeias, como destaca Verdelho (2011, p.13-14). Por volta de 1588, em Macau, o primeiro dicionário português-chinês foi produzido, com base na obra de Jerônimo Cardoso. Mais adiante, foi publicado em Nagasaki, Japão, no ano de 1595, o primeiro material bilíngue português-japonês, uma versão do *Dictionarium* do lexicógrafo italiano Ambrósio Calepino. Em seguida, no início do século XVII, foi publicado o *Vocabulario da lingoa de Iapam com a declaração em Portugues*, elaborado por padres da Companhia de Jesus.

Mediante processo de parceria, primeiro com o latim e depois com outras línguas contemporâneas, a língua portuguesa teve sua lexicografia desenvolvida a partir do bilinguismo. Foi também a dicionarística bilíngue que inaugurou em Portugal o processo de modernização do dicionário e sua adaptação a um emprego mais didático, escolar. Os dicionários de Jerônimo Cardoso, muito especialmente o *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* (1562), marcam o início da dicionarização sistemática da língua portuguesa. Nessa obra, Cardoso promoveria a primeira alfabetação do *corpus* lexical vernáculo português, servindo de referência às produções subsequentes. Seu trabalho repercutiu efetivamente na técnica dicionarística, no levantamento das unidades lexicais, na referenciação semântica e na fixação ortográfica.

O intercâmbio linguístico evidenciado pela lexicografia foi também indicador dos acordos políticos vividos pelas nações, em circunstâncias históricas especiais. Se, outrora, a ideia de língua como companheira do império, cunhada pelo italiano Lorenzo Valla, e apropriada pelo gramático espanhol Antonio Nebrija, mesclou-se à história dos povos conquistadores, hoje, os idiomas continuam a exercer papel fundamental na expansão de nações e culturas. No passado, aliado na expansão lusitana, imposição de costumes, ampliação de fronteiras, o português não fugiu à regra e, como instrumento de sujeição, permitiu o alargamento das fronteiras portuguesas além-mar. O aprendizado de línguas estrangeiras assumia a finalidade de permitir intercâmbios entre colonizadores e colonizados, nações unidas por alianças políticas, indivíduos envolvidos nos audaciosos projetos expansionistas.

A produção lexicográfica elaborada no âmbito do convívio da língua portuguesa com os idiomas europeus, especialmente com o francês e o inglês, constitui um testemunho linguístico e histórico com interesse para os estudos diacrônicos, para a história da língua e da cultura, para uma compreensão mais instruída do relacionamento externo de Portugal, e sobretudo para o estudo do léxico e para a elaboração lexicográfica. (VERDELHO, 2011, p. 14)

A progressiva promoção de uma lusofonia mais brasileira reivindicada no país ultrapassou as fronteiras nacionais. É possível afirmar, dessa maneira, que processo de parceria entre línguas portuguesa e inglesa já não estava mais resumido às alianças políticas e comerciais entre Inglaterra e Portugal. Dissolvia-se a hegemonia europeia. Nessas circunstâncias, a expansão da língua portuguesa do Brasil avançava, acompanhando os novos rumos políticos das relações internacionais. A visibilidade da ex-colônia portuguesa já era notada em terras norte-americanas por volta de 1940, ainda durante a Segunda Guerra, quando já eram enxergadas as vantagens no aprendizado de português brasileiro para possíveis negociações comerciais:

Portuguese will indubitably be useful to the United States businessman in Brazil. It will be useful for him to know that *empreiteiro* means a contractor, that *aceite* is acceptance, that *conhecimento* is a bill of lading – and if he meets the word *falência* he will know that a bankruptcy is involved (naturally he will hope that he seldom sees this word).⁹ (PEIRCE, 1943, p. 10)

⁹ Tradução livre: O português será inegavelmente útil ao homem de negócios norte-americano no Brasil. Será útil para ele saber que *empreiteiro* significa ‘contratante’, que *aceite* é ‘aceite’, *conhecimento* é ‘Conhecimento de Transporte’ – e se ele encontrar a palavra *falência* saberá que se trata de uma ‘bancarota’ (naturalmente será raro desejar ver essa palavra).

2.2 POR QUE DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES?

Somente na segunda metade do século XVIII, já com o respaldo dos trabalhos bilíngues, a lexicografia monolíngue se desenvolve, uma vez que a aprendizagem e o estudo do vernáculo começam a se desvincular do latim. Dicionários monolíngues passam a se consolidar como um dos instrumentos de aprendizado e consulta da língua, exercendo a função de materiais de fixação de uma norma em construção, partir de dicionários como o de Bernardo Bacelar (1783) e de Morais e Silva (1789). Destaca-se Antônio de Morais e Silva, cujo *Dicionário da língua portuguesa* oferece ao público registros do português sob a ótica de um brasileiro. Reeditada algumas vezes, recebendo constantes atualizações, a obra é declaradamente fundamentada no trabalho de Bluteau¹⁰, ainda que a autoria de Morais e Silva seja incontestável desde a primeira edição.

Muitos são os trabalhos lexicográficos monolíngues apontados como anunciadores da almejada brasilidade. Krieger et al. (2006, p. 2) apresentam um lista de títulos lexicográficos precursores na elaboração de uma língua mais “brasileira”. São elas: *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (Cândido de Figueiredo, 1926); *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* Caldas Aulete (1958). *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1938); *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* (Laudelino Freire, 1939-1944); *Dicionário da Língua Portuguesa* (Antenor Nascentes, 1961-1967); *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 1975).

Com uma proposta lexicográfica distinta daquela instaurada pelas publicações interlíngues, as obras em que somente uma língua é registrada revelam, em geral, um caráter descritivo mais detalhado do léxico (vide Quadro 2), contemplando informações complementares como datação e etimologia, além de uma definição mais esmiuçada com muitas acepções, marcas de uso, exemplos. A variação dialetal recebe atenção especial nos materiais monolíngues, uma vez que se buscam registrar os usos regionais de modo mais amplo, utilizando-se, para indicação das variantes, marcas de uso, na forma de abreviaturas, que dão conta dos estados e das principais regiões. Essa característica se evidencia, por exemplo, no Aulete (2011), em que os chamados

¹⁰ O *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1728) de Raphael Bluteau é o primeiro dicionário da língua portuguesa.

“regionalismos” dividem-se em abreviaturas de todos os estados, das regiões norte, nordeste, noroeste, sul, sudeste, sudoeste, centro-oeste, mantendo-se o “brasileirismo” nesse contexto.

Quadro 2. Comparativo de praga

| | |
|-------------|---|
| ONPD (2008) | praga /'praga/ f curse; (<i>inseto, doença, pessoa</i>) pest |
| DHLP (2009) | praga s.f. (sXIII) 1 ant. ferida, chaga 2 imprecação, maldição 3 desgraça coletiva de grandes proporções; calamidade, flagelo 4 grande quantidade de coisas importunas ou nocivas <p. de gafanhotos> <p. de mosquitos> 5 indivíduo ou coisa que aborrece, irrita, importuna <essa p. mexe em tudo> 6 fig. algo que causa malefícios, que prejudica a paz, a harmonia <a p. da inveja, da maledicência> 7 erva ou outra planta daninha <o cipó-chumbo é uma p.> 8 qualquer forma de vida animal que possa destruir aquilo que o ser humano considera um bem seu <os peixes carnívoros amazônicos, levados para fora do seu ecossistema, tornam-se pragas> 9 ARAC ENT m.q. bicho-de-galinha ♦ rogar p. lançar uma maldição; desejar o mal (a alguém); fazer uma imprecação ☉ ETIM lat. <i>plága,ae</i> 'golpe, pancada, chaga, contusão, dano, lesão, prejuízo' ☉ SIN/VAR ver sinonímia de <i>catástrofe e imprecação</i> |

Fontes: Oxford (2008); Houaiss (2009)

Ao se optar trabalhar com ambos os tipos de lexicografia nesta tese, monolíngue e bilíngue, aposta-se no aproveitamento dos aspectos que unem e distanciam as duas categorias. Leva-se em conta tanto o que existe em comum — o compromisso com o registro do léxico brasileiro e a seleção de recursos que delimitam a variação lexical em seus respectivos contextos —, quanto as diferenças de objetivos, de público e, principalmente, da natureza das micro e macroestruturas. Interesse especial há pelas peculiaridades definitórias de cada material e o emprego das marcas de uso, que podem exercer diferentes papéis e atender a variados públicos.

Importa afirmar que nas duas categorias lexicográficas selecionadas para este trabalho, foram sentidos os efeitos do pensamento nacionalista brasileiro, que resultaram em mudanças no plano social e linguístico. Se Portugal, outrora, como representante soberano da lusitanidade, concentrava em seu território o poder internacional em diferentes níveis, inclusive linguístico, transferiu-se para o Brasil a condição de representante do prestígio linguístico, na medida em que as relações internacionais se reconfiguravam com as novas circunstâncias históricas:

assiste-se, nos destinos tradicionais de emigração portuguesa, onde o português de Portugal era, portanto, sinónimo da língua portuguesa, à pluralização das suas variantes linguísticas. É o caso do Noroeste dos EUA e da Califórnia. Por outro, surgem regiões onde o português do Brasil se torna claramente a variante hegemónica entre os falantes nativos de língua portuguesa, como é o caso da Flórida e, em menor medida, do Texas ou da Geórgia. (RETO et al., 2014, p. 25-26)

Como consequência linguística desse cenário político, uma norma brasileira emerge subordinada ao padrão europeu. Inicialmente tratado como “corruptela”, o que é negado por Almeida (1987, p. 2), o “brasileirismo” nasce como deturpação do português europeu, mas essa subordinação acaba configurando um novo estágio na constituição do idioma brasileiro.

A língua nacional tem rr e ss finais...Deve ser utilizada sem plebeísmos que lhe afeia, a formação, Brasileirismo não é corruptela nem solecismo. A plebe fala errado; mas escrever é disciplinar e construir [...] (ALMEIDA, 1987, p. 2)

Essa marca de uso, assim como outras menções ao Brasil na microestrutura do verbete, expressadas por diferentes abreviaturas, são o principal vestígio desse processo, indicando a presença de um padrão europeu ainda vigente nas obras contemporâneas, monolíngues e bilíngues. Os dicionários analisados preenchem lacunas acerca da legitimação da variedade brasileira, possibilitando a identificação, com base em sua estruturação, da diversidade metodológica adotada pelos lexicógrafos quanto às variáveis e variantes linguísticas em diferentes níveis. Seja atribuindo um uso lexical ao Brasil, ao PB ou empregando uma abreviatura pré-definida, cada obra é representativa da sincronia à que pertence e de um posicionamento político e linguístico.

2.3 POR QUE O *ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL* ?

A utilização do *Atlas Linguístico do Brasil* (2014) foi necessária pelo cunho variacional desta tese no âmbito do português brasileiro. Os registros lexicais das cartas semântico-lexicais serviram de base para a análise lexicográfica, pelo fato de o *ALiB* constituir uma fonte científica e muito criteriosa. As ocorrências lexicais registradas dão conta de uma rede de pontos que soma 250 localidades espalhadas por todo o país e definidas a partir de critérios demográficos, históricos e culturais, sendo levada em

conta, na delimitação do número de pontos da área, critérios geolinguísticos que contemplam desde a densidade demográfica à importância histórica das localidades. Nenhuma “coleção” lexical seria mais pertinente na função de referência para um estudo sobre o léxico do português brasileiro, já que as áreas temáticas refletem uma realidade sócio-histórica urbana, que, apesar de contemporânea, não deixa de refletir uma tradição lexical.

O QSL procurava documentar a variação diatópica, buscando denominações de emprego mais geral na localidade, sem priorizar regionalismos, arcaísmos ou linguagens especiais de grupos [...] (CARDOSO et al., 2014, p. 85)

Com 202 questões contemplando 14 áreas temáticas, o questionário, de onde são extraídas as unidades registradas nas cartas, documenta a variação diatópica nas capitais brasileiras e, num segundo momento, a variação diageracional e(ou) diastrática, orientado por um olhar pluridimensional. Acredita-se que a seleção lexical adotada pelo *Atlas Linguístico do Brasil* engloba usos que compõem, de modo muito particular, o universo cultural brasileiro, de maneira que se pode imaginar esse elenco como, de fato, brasileiro, pois ganha vida e dinamicidade na língua falada pelo povo, na diversidade de expressões encontradas ao longo dos caminhos percorridos na pesquisa dialetal.

Quanto ao cotejo entre os dados do *Atlas* e dos dicionários que antecedem o período que este foi constituído e publicado, caso do Transtagano, de 1773, utilizou-se a publicação de 2014 por ser o maior referencial de caráter dialetal disponível até então. Ainda que seja possível questionar a eficácia de comparar dados antigos com os registros de uma produção moderna, vale ressaltar que, se, por um lado, o ALiB contempla um intervalo temporal extenso, por lidar com indivíduos de diferentes faixas etárias, os dicionários investigados, como é comum à lexicografia, mantêm uma “hereditariedade” no que diz respeito à constituição dos verbetes e suas respectivas definições. Na investigação, enfim, essa realização se mostrou possível e produtiva.

2.4 POR QUE UM GLOSSÁRIO?

As impressões extraídas da investigação não só prescindem de discussão teórica, mas de uma proposta que dê conta dos pontos questionados. A decisão de se elaborar um glossário encontra sua razão de ser no compromisso deste produto com a lexicografia, e não somente com a metalexigrafia. Nada mais justo do que, após

criticar a metodologia adotada nas fontes pesquisadas, converter toda essa avaliação um resultado concreto, com sugestões para os “problemas” encontrados. Julga-se o glossário como instrumento adequado para essa função por se caracterizar pela concisão e, principalmente, seleção não exaustiva de unidades lexicais. Portanto, a conformação desse gênero lexicográfico, se assim se pode chamar, relaciona-se diretamente com a delimitação de um conjunto lexical pré-determinado, no caso, as ocorrências lexicais reunidas no *Atlas Linguístico do Brasil*.

Sabe-se que a produção lexicográfica impressa não dá conta de um registro dinâmico e constantemente atualizado, no entanto, esse tipo de material tem seu valor garantido dentro da diacronia linguística, assegurando à língua a preservação de um recorte de seu léxico, dentro de uma campânula de valores que lhe são agregados. O cunho da obra lexicográfica, destarte, amplia-se para além da consulta sincrônica, servindo de depósito de usos. O glossário aqui pretendido se depara com esse cenário, justificando-se pelo seu caráter prenunciador, pois oferece respaldo para outros projetos maiores que sigam tendência semelhante, e também por seu valor histórico para sincronias futuras.

Como destaca Bagno (2011, p. 153), o século XXI é o cenário de um momento inédito na tradição lexicográfica brasileira, em que se começam a delinear critérios para a construção de materiais mais adequados à realidade da língua. Com uma gama de recursos e informações oferecidos hoje pelas ferramentas de pesquisa *online*, recorrer a instrumentos de pesquisa conservadores e alheios à heterogeneidade linguística pode ser perigoso. Em contrapartida, se a lexicografia tradicional passasse a incorporar novos métodos pautados em uma visão mais descritiva do idioma, contando com a sistematização e o amparo teórico que lhe são próprios, atenderia às novas demandas que despontam neste mundo em que a tecnologia aumentou consideravelmente a oferta de informação rápida e eficiente. Essa é, enfim, a intenção ao se propor um glossário como produto final desta pesquisa.

2.5 POR QUE AS MARCAS DE USO?

A lista de abreviaturas, componente do “front matter” de um dicionário, pode fornecer indícios do grau de abrangência de uma publicação lexicográfica. Nesse elenco, constam as reduções referentes às etiquetas (BIDERMAN, 1984, 138-139) aplicadas no corpo dos verbetes para restrição de acepções dentro das definições. A

necessidade de classificar um uso lexical dentro de um contexto, quando há uma gama de opções para serem selecionadas torna essencial o recurso da marca de uso. Quando não se empregam marcas de uso ou algum outro recurso para restrição de contexto de uso, corre-se o risco de deixar o utente sem uma informação-chave sobre o item consultado.

Quadro 3. Marcas de uso no comparativo de rapariga

| | |
|--------------------|--|
| GNDLP (1954) | RAPARIGA , s.f. Criança do sexo feminino. 2. Mulher que está no período intermédio da infância e da adolescência ou já na adolescência; mulher môça. 3. Môça do campo; môça rústica. 4. O mesmo que <i>donzela</i> . 5. <i>Pej.</i> O mesmo que <i>amásia</i> ou <i>meretriz</i> . |
| DHLP (2009) | rapariga s.f. (sXIII) 1 mulher na fase adolescente; jovem, moça, raparigota 2 aquela a quem se namora, a quem se corteja; namorada 3 <i>AMAZ</i> moça virgem; donzela 4 <i>B N.E. MG GO</i> mulher que vive maritalmente com um homem; concubina 5 <i>B N.E. MG GO</i> mulher que vive da prostituição; meretriz, prostituta 6 <i>P</i> moça do campo; roceira ☉ ETIM segundo Corominas, voc. mais recente que <i>rapaz</i> , explicado por algum cruzamento ou alteração moderna ☉ SIN/VAR ver sinonímia de <i>concupina</i> e <i>meretriz</i> ☉ COL raparigada, raparigagem |
| NADCLP (2011) | rapariga (ra.pa.ri.ga) sf. 1. Mulher jovem ou adolescente. [P.us. no Brasil.] 2. <i>Bras. N.E. MG GO</i> Prostituta. 3. <i>Lus.</i> Criança do sexo feminino. [F.: <i>De raparigo.</i>] |
| DOP (2009-2016) | Rapariga Significado de Rapariga s.f. Pouco usual no Brasil. Mulher entre a infância e a adolescência ou mulher jovem. Mulher com a qual se mantém um relacionamento amoroso - namorada. Amazônia. Menina virgem ou moça donzela. Algumas regiões do Brasil. Mulher que vive com um homem, mas sem estar casada com ele. Algumas regiões do Brasil. O mesmo que <u>prostituta</u> . [Portugal] Mulher entre a infância e a adolescência ou mulher jovem. [Portugal] Moça que vive no campo. (Etm. origem desconhecida) Sinônimos de Rapariga Rapariga é sinônimo de: <u>menina</u> , <u>moça</u> , <u>moçoila</u> |

Fonte: Freire (1954); Houaiss (2009); Aulete (2011); Dicionário Online do Português (2009-2016)

O quadro 3 é uma amostra da diversidade de marcas de uso adotada por diferentes dicionários monolíngues, em diferentes sincronias. Estão ausentes as marcas dialetais em Freire (1954), onde se observam apenas a marca formal referente à classe gramatical e ao gênero “s.f.” e uma marca de registro¹¹ “Pej.” (pejorativo). Por sua vez, nos dicionários mais contemporâneos, como o Houaiss (2009) e Aulete (2011), a variação espacial recebe uma etiquetagem detalhada quanto às regiões onde **rapariga** é utilizada como ‘moça virgem’ e ‘prostituta’.

¹¹ Verkuyl et al. (2003, p. 302) define como *register label* a marca que serve para orientar a linguagem individual dos usuários de um idioma no que diz respeito ao julgamento de um grupo social sobre o fato de um uso ser ou não apropriado a um determinado contexto.

O interesse pela variação dialetal no léxico do português brasileiro, desde o estágio inicial, encontrou nas marcas de uso um recurso fundamental à atividade metalexigráfica, já que através delas é possível enxergar a proposta lexicográfica da edição, no sentido do que é considerado norma e o que precisa de um registro etiquetado. A marca “brasileirismo”, por exemplo, reflete a norma lusitana vigente por muitos anos na lexicografia portuguesa e até mesmo nas obras produzidas no Brasil. No entanto, com o passar do tempo, essa marca, ainda adotada, revela muito mais usos tipicamente nossos, uma vez que também os usos europeus são evidenciados por esse mesmo recurso.

Além de ter orientado esta pesquisa de cunho (meta)lexicográfico e dialetal, como indicadores do registro da variação espacial, as marcas atuam constituem um auxílio eficiente ao se trabalhar com equivalências lexicais, ora chamados de sinônimos, ora de variantes. Mesmo não sendo o propósito desta tese uma discussão prolongada acerca do conceito de sinonímia, uma vez que esse tema já seria suficiente para ocupar integralmente uma pesquisa de doutorado, é inevitável considerar essa noção quando o assunto é variação lexical na lexicografia. Um dos problemas recorrentes na consulta ao dicionário, quando se buscam equivalentes, é saber qual é o mais adequado para cumprir a função desejada. Também, é frequente que variantes apareçam em entradas distintas sem remissão, ou seja, como se fossem desconectadas semanticamente. Por outro lado, em alguns casos, aparecem no verbete como variantes mas sem especificação do contexto de uso de cada uma, ou em que nível se dá a variação entre elas.

A marca de uso é, portanto, encarada como recurso microestrutural central no desenvolvimento deste trabalho, merecendo considerações sobre sua aplicação em contextos diversos, ainda que se evidencie, nesta oportunidade, o caráter diatópico. Ademais, constitui um recurso cuja função de orientar o usuário na consulta exige a busca de uma fundamentação confiável, que forneça o suporte adequado à categorização das acepções. Com esse objetivo, utilizaram-se os registros do *Atlas Linguístico do Brasil*, que serve de fonte de dados e cotejo para análise nesta pesquisa.

3 OBJETIVOS TRAÇADOS

Já não quero dicionários
consultados em vão.
Quero só a palavra
que nunca estará neles
nem se pode inventar.
(ANDRADE, 1983, p. 32)

Os versos de Drummond harmonizam-se à pretensão desta tese, resultado de uma consciência coletiva inquieta teoricamente, porém ciente de que há uma norma vigente na elaboração de dicionários gerais de língua e de que é necessário eleger variantes de prestígio para que se cumpram os pressupostos da lexicografia. Sugere-se, aqui, interpretar a “palavra que nunca estará neles” como a norma sem prestígio, seja pelo não pertencimento ao padrão, seja pela “invisibilidade” de seus usuários. Inclui-se, também, a palavra que “nem se pode inventar” porque tudo o que não está nos dicionários existe e não está à mercê de criações individuais aleatórias, já que se sustenta no âmbito social, inventado por ele e, por esta mesma via, legitimado.

Aliás, têm os dicionários de língua, preferencialmente – porém não exclusivamente –, utilizado textos escritos, na composição dos corpora, e como condicionador maior, obviamente, a norma-padrão, excluindo do processo de lematização os elementos que consideram os lexicógrafos como erros ortográficos, posição que não se pode considerar inapropriada na estrita perspectiva metodológica, embora seja em algum grau politicamente incorreta, que se diga, já que veladamente despreza outros usos linguísticos. (MACHADO FILHO, p. 2)

Apesar de variantes ortográficas não fazerem parte desta produção, a variação lexical é compreendida como parte essencial do trabalho lexicográfico. Quanto a isso, as inquietações foram determinantes para o planejamento do que seria necessário investigar em o *Léxico brasileiro em dicionários monolíngues e bilíngues: estudo metalexiconográfico da variação em perspectiva dialetal e histórica*. Para cada questão surgida, um objetivo foi traçado a fim de se buscarem respostas. Vale enunciar a pergunta central desta pesquisa:

- Qual a relevância da variação dialetal para a (meta) lexicografia?

A análise diacrônica realizada permitiu cumprir o objetivo central da tese, de revelar a importância da variação dialetal no léxico registrado pelos dicionários analisados. Tanto na lexicografia monolíngue quanto na bilíngue, observou-se, já a partir do século XVIII, uma ampla utilização de recursos microestruturais que dessem conta das características variacionais do léxico apresentado. Assim, foi possível investigar diacronicamente o percurso percorrido pelo português brasileiro, na constituição de uma norma nacional, já que, com o fortalecimento político da língua, viu-se o reflexo disso na sistematização do registro lexical, em dicionários. Esse raciocínio resolve, então, parcialmente, o objetivo geral traçado, no âmbito da metalexicografia.

Num segundo momento, nos limites da lexicografia, a variação dialetal tem se tornado cada vez mais imprescindível, e não só ela. A história dos estudos dialetológicos sinaliza para o estreitamento do diálogo entre o aspecto espacial e outros níveis de variação linguística, fazendo com que as características sociais, e não somente geográficas, sejam contempladas em pesquisas de campo para constituição de atlas linguísticos. Nos dicionários, nota-se ainda uma visão monodimensional prevalece, apesar dos novos rumos tomados, cujos resultados são visíveis no registro cada vez mais minucioso da variação. Além de ser perceptível a falta de um tratamento sistemático da variação no PB ou a imprecisão como fica evidente na manutenção da marca “brasileirismo”, sem uma clara definição do que isso representa na língua, evidencia-se uma noção restrita e incomunicável de variação. Cumprindo o objetivo central deste trabalho, buscou-se desenvolver uma reflexão acerca desse processo.

No que diz respeito aos objetivos específicos, os questionamentos formulados dão conta dos pontos que sustentam a construção deste trabalho.

- a) O que dicionários monolíngues e bilíngues cuja proposta lexicográfica contempla o registro do PB têm a apresentar sobre a variação dialetal?

O aspecto norteador deste trabalho é a variação dialetal no registro do léxico brasileiro em dicionários. Sendo um objetivo norteador desta pesquisa, esse assunto se conecta, invariavelmente, ao rótulo mais utilizado para fazer referência ao português brasileiro em gramáticas e dicionários, o “brasileirismo”. Tratar desse tema foi inevitável ao se investigar a variação dialetal, uma vez que essa etiqueta tem acompanhado o desenvolvimento de uma norma brasileira, contudo, há nuances que merecem ser observadas. Os comportamentos diversificados das obras investigadas mostraram as variadas noções subjacentes à atividade lexicográfica de cada período, o que reflete o *status* atribuído ao PB em diferentes épocas.

A reflexão em apreço conduz seu plano de realização norteada pelo compromisso de se repensar a marca de uso “brasileirismo” em dicionários monolíngues e bilíngues português-inglês, partindo do pressuposto de que essa marca recobre diferentes conceitos e propósitos com sua utilização. Os dados do *ALiB* (2014) foram essenciais nesse contexto, já que serviram de base de análise para uma avaliação acerca dos registros encontrados e como parâmetro para um recorte que representasse a realidade lexical do Brasil.

- b) Qual é o caminho para utilizar as marcas de uso como parâmetro de avaliação e apresentação da variação lexical em um dicionário?

As marcas de uso na definição lexicográfica recebem destaque pela informação extralinguística contida. Serviram como importantes eixos de orientação, uma vez que levam para o dicionário a variação linguística em diferentes direções, priorizando-se, nesta oportunidade, a variação dialetal. Esse recurso foi, assim, essencial para que se executasse o objetivo de avaliar como esse fenômeno foi sistematizado pelos dicionários.

Na presente ocasião, sugere-se, ademais, uma revisão da aplicação do item marca de uso na definição lexicográfica, com base nas cartas semântico-lexicais do *Atlas Linguístico do Brasil* (2014). Num primeiro momento, a intenção é, por meio de discussão teórica, promover uma aproximação entre resultados da pesquisa geolinguística apresentados no *Atlas Linguístico do Brasil* e os verbetes extraídos das obras analisadas. Pretende-se, desse modo, vencer eventuais obstáculos que impeçam a utilização de dados confiáveis para uma atividade lexicográfica mais descritiva e próxima da realidade comunicativa.

- c) Que conexões são possíveis de ser estabelecidas entre o *Atlas Linguístico do Brasil* (2014) e os trabalhos (meta) lexicográficos?

Observa-se um *déficit* lexicográfico no que diz respeito ao tratamento da variação linguística nos dicionários investigados, o que já foi observado por autores como Bagno (2011) e Machado Filho (2010). Nesta oportunidade, verificou-se, através da análise megaestrutural, que as obras analisadas não sofreram alterações quanto às fontes que servem de base para sua elaboração. Os poucos materiais lexicográficos que disponibilizam a lista de obras de referência, caso do Houaiss (2009), não incluem os atlas linguísticos, *corpora* cuja metodologia transmite maior confiabilidade e precisão no registro da variação linguística. Em vez disso, muitas outras obras lexicográficas são incluídas, corroborando uma prática comum entre os lexicógrafos, a de reproduzir informações de trabalhos antecessores.

A utilização do *ALiB* neste estudo tem por objetivo servir de base de análise metalexicográfica, por meio das cartas semântico-lexicais, em que se apresentam, como fruto de pesquisa de campo, variantes lexicais amplamente utilizadas no PB. Além disso, serve como referência essencial para a constituição de um glossário bilíngue oferecido como produto final, em que se propõe uma metodologia centrada no emprego de marcas de uso que definam, mais precisamente, a variação do PB no âmbito dialetal e, quando possível, a partir de um olhar social.

- d) De que forma a construção de um glossário pode servir como proposta de intervenção nesta tese?

A produção de um glossário bilíngue português-inglês é o último objetivo cumprido. Após análise e proposta de revisão, a elaboração desse material de cunho lexicográfico é apresentada como resultado das discussões teóricas, partindo-se do pressuposto que a teoria precisa vir acompanhada da prática, pois somente assim as mudanças se tornam possíveis. Compreende-se a metalexicografia e a lexicografia como atividades complementares, cabendo àquela a revisão metodológica e estrutural e a esta a confecção de dicionários. É certo, no entanto, que, de modo geral, lexicógrafos também assumem a função teórica, uma vez que precisam estar constantemente atentos a novas técnicas e à constante atualização. Quando, por outro lado, há um desencontro

entre as duas, não havendo diálogo entre teoria e prática, dicionários passam a ser produzidos sem o respaldo teórico e crítico necessário.

Se a lexicografia monolíngue necessita de revisões quanto ao modo de lidar com a variação, na bilíngue é ainda mais urgente a intervenção no sentido de sugerir estratégias para sistematizar os dados fornecidos por pesquisas dialetais de forma a torná-los adequados à consulta. Esta iniciativa se insere no âmbito da lexicografia variacional (MACHADO FILHO, 2014), corrente teórica subjacente ao *Projeto Dicionário Dialetal Brasileiro* (DDB) (MACHADO FILHO, 2010), que inaugura a ideia de aproveitamento, em perspectiva lexicográfica, dos dados atuais da variação lexical no Brasil.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO

“A ciência é, certamente, mais do que um conjunto de atitudes. É a busca da ordem, da uniformidade [...]” (SKINNER, 1998, p. 35)

A organização é, certamente, um dos aspectos centrais do trabalho científico. Sem a noção exata do que se quer realizar, a pesquisa fica comprometida em seu desenvolvimento, de modo que os resultados não são alcançados por falta de um planejamento adequado. Neste ponto, descreve-se a metodologia adotada para realização deste trabalho, até seu produto final, o glossário bilíngue, que merecerá atenção especial por se tratar de uma elaboração lexicográfica, que, como tal, precisa orientar o consulente acerca de sua macroestrutura. Inicialmente, contudo, cabe destrinchar as etapas que o antecedem.

4.1 SELEÇÃO DOS *CORPORA*

Pelo caráter diacrônico das pesquisas, selecionaram-se obras representativas de diferentes sincronias, critério que dividiu preferência com a preocupação relativa ao registro do português brasileiro. Optou-se por, em ambos os tipos analisados, monolíngues e bilíngues semasiológicos¹², investigar publicações impressas e eletrônicas, aproveitando-se essa diversificação para observar possíveis alterações na estruturação do dicionário e no teor das informações.

4.1.1 MONOLÍNGUES

No caso dos monolíngues, teve-se acesso ao dicionário Aulete em três versões, a mais antiga, de 1881, uma contemporânea impressa, de 2011, e a versão *online*. Os trabalhos de Nunes (2002, 2013) e Krieger (2012) serviram de referência para a constituição do *corpus* monolíngue, uma vez que os autores fazem um levantamento da dicionarização no Brasil e de obras significativas que incorporam um léxico brasileiro.

¹² Restringe-se a análise aqui desenvolvida ao âmbito semasiológico, pelo caráter desta tese que se propõe a investigar variantes lexicais do português brasileiro. Compreendendo a semasiologia como técnica lexicográfica que parte das formas linguísticas para formular definições correspondentes, torna-se a orientação mais adequada aos objetivos aqui pretendidos, além de estar diretamente associada à organização alfabética, cuja identificação com a lexicografia é recorrente no entendimento mais geral.

Abreviaturas foram adotadas a fim de que se evitassem as constantes repetições dos títulos dos dicionários, prezando-se pela economia textual.

Os *corpora* monolíngues, apesar de cronologicamente distintos, têm em comum o fato de serem representativos linguisticamente no período em que foram publicados. O trabalho de Aulete (1881) tem no sucesso editorial um indicador de mérito, com edições em Portugal e no Brasil, tendo sido o primeiro grande dicionário do século XIX a se manter no mercado até os dias atuais. Exemplo do longo alcance está nesta tese, onde são avaliados o Aulete (1881) e suas versões contemporâneas, impressa e *online*, possibilitando uma observação diacrônica. Sobreleva-se também a publicação de Figueiredo (1913), marcada pelo tamanho da nomenclatura e inclusão de “todos os arredores marginais da língua comum” (SILVESTRE;VERDELHO, 2007, p. 40), que nada mais são do que os usos em processo de legitimação, como é o caso daqueles pertencentes à variedade brasileira.

Freire (1954), por sua vez, constrói um dicionário “especialmente para brasileiros”, segundo palavras do próprio autor, sendo desprezadas as indicações de brasileirismos, o que torna a obra um marco para a lexicografia do PB, por priorizar essa variedade lusófona. Houaiss (2009) e Aulete (2011) são consideradas obras de referência nos dias atuais, em diferentes âmbitos sociais e inclusive no ensino de português como língua estrangeira (PLE). Dão conta do léxico geral da língua, de modo a contemplar a diversidade linguística a partir de um ângulo diferenciado, mais comprometido com a variação linguística, ainda que não satisfatoriamente.

A versão eletrônica do Aulete, disponível na internet permite o livre acesso dos consulentes a um material lexicográfico elaborado com critérios de uma fonte impressa confiável, mas incorporado ao ambiente virtual em que se ampliam os recursos de consulta. O *Dicionário Online de Português*, por fim, é um dicionário, de fato, eletrônico *online*, que se diferencia dos demais dessa categoria pela equipe editorial composta por lexicógrafos brasileiros. Diante da incipiência de publicações exclusivamente *online*, o dicionário selecionado se destaca por uma maior acurácia no tratamento das unidades lexicais no que tange à configuração microestrutural.

1. *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa* (DCLP)

AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Imp. Nacional, 1881.

2. *Dicionário de vocábulos brasileiros* (DVB)

BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. *Dicionário de vocabulos brasileiros*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1889.

3. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (NDLP)

FIGUEIREDO, António Cândido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1913.

4. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* (GNDLP)

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1954.

5. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (DHLP)

HOUAISS, Antônio; VILLA, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.

6. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (NADCLP)

AULETE, Caldas. [Org.: Paul Geiger]. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Lexikon, 2011.

7. Aulete Digital (AD)

Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, versão online, disponível em < <http://www.aulete.com.br/>>

8. Dicio, *Dicionário Online de Português*. (DOP)

Dicionário Online de Português disponível em < <https://www.dicio.com.br/>> , 2009-2017.

Desses, teve-se acesso às obras em suporte impresso nos casos de Freire (1954), Houaiss (2009) e Aulete (2011), sendo que esta, disponível também em suporte eletrônico *online*, teve seus verbetes registrados preservando-se alterações no corpo da definição. Nas divergências encontradas, adotou-se como marcação um asterisco. O *Dicio* (2009-2017) foi o único material publicado exclusivamente *online*. Os demais foram acessados mediante meio eletrônico, por se tratarem de obras fac-similadas.

4.1.2 BILÍNGUES

No caso das obras bilíngues, inicialmente, foram contatadas as instituições nacionais em que se aplica o Celpe-Bras (Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros), a fim de se obter informação a respeito de dicionários bilíngues indicados pelos professores. Houve unanimidade quanto à indicação de fontes *online* de consulta. Desse modo, uma primeira decisão foi a de também incluir os dicionários disponibilizados na internet, por constituírem a fonte de consulta das mais utilizadas na atualidade. A facilidade de acesso e a variedade de recursos facilitadores tornam os dicionários bilíngues *online* mais acessíveis, além de esse suporte permitir atualizações constantes, ainda que isso não ocorra com tanta frequência.

Fontes impressas, como previsto, compõem, entretanto, a parte mais substancial dos *corpora*, uma vez que a análise diacrônica exige que obras publicadas em períodos históricos diversos devam ser analisadas. Em pesquisa inicial, foi possível notar que, entre os séculos XVIII e XIX, o dicionário de Transtagano figura como fonte isolada, uma vez que foram encontradas publicações reeditadas até 1871, destacando-se, inclusive, uma edição de bolso dessa obra, datada de 1860. Foram consultadas obras bilíngues de diferentes períodos. Quanto aos materiais impressos, a maioria do século XX, foram adquiridos mediante compra em sebos especializados em obras raras.

Foram privilegiados dicionários que enfatizassem o português brasileiro, o que não é observado até meados do século XX. Desse modo, anteriormente a esse período, priorizaram-se as obras mais antigas encontradas. Após Transtagano (1773), destaca-se Michaelis (1923), não só pela data recuada, mas pelo sentido referencial que ganhou sua obra e seu sobrenome na história das parcerias bilíngues. Com publicação a partir de 1893, *A new dictionary of the Portuguese and English Languages* continuou a ser publicado em seguidas reedições, tendo-se acesso, nesta pesquisa, ao volume de 1923.

O trabalho de Henriette Michaelis, irmã da filóloga Carolina Michaelis, torna-se “símbolo de uma sólida lexicografia bilíngue” (HOEPNER, 2011, p. 181), merecendo destaque também por esse motivo.

A marca Michaelis ganhou projeção e passou a ser uma representante forte no cenário da lexicografia interlíngue no Brasil e em Portugal. A obra português-ínglês-português, elaborada a partir da versão português-alemão-português, destacou-se pelo pioneirismo, constituindo a base para o dicionário brasileiro da editora Melhoramentos. Permanece, ainda hoje, a tradição iniciada pela lexicógrafa alemã, já adaptada às tendências do mundo eletrônico, com a versão *online* do dicionário. Vale ressaltar que a edição impressa analisada oferece uma ampla lista de lexias marcadas como “brasileirismos”, o que indica uma atenção especial da autora em relação ao português do Brasil.

A partir daí, as obras que constam nesta seleção apresentam em sua lista de prioridades o português brasileiro. Chama-se atenção, contudo, para a publicação *A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese* (CHAMBERLAIN; HARMON, 1983), em que são registrados os usos considerados “informais” da língua portuguesa do Brasil. A novidade, além do direcionamento integral ao português brasileiro, reside no fato de o material ter sido elaborado a partir de um *corpus* falado, composto ao longo de quinze anos de pesquisa, fruto de entrevistas e conversas realizadas nos Estados Unidos com indivíduos provenientes de vinte e quatro estados brasileiros.

Além desse, entre as publicações mais contemporâneas, foram selecionados *Random House Webster's Pocket Portuguese Dictionary* (1991) e *The Oxford New Portuguese Dictionary* (2008), que também evidenciam, já em seus textos prädicionarísticos, a relevância da variedade brasileira. Teve-se o cuidado de optar por obras importadas, direcionadas a consulentes estrangeiros. Seguindo-se esse mesmo critério, foi escolhido um dicionário, em versão *e-book*, *Brazilian Portuguese-English, English-Brazilian Portuguese concise dictionary*, este voltado exclusivamente para o português brasileiro.

Quanto aos dicionários *online*, optou-se pelo *Michaelis*, pela variedade de “brasileirismos” registrados e por se tratar de um dicionário amplamente reconhecido por sua versão impressa. A preferência pelo *Linguee* foi motivada pela indicação de professores que lecionam português como língua estrangeira. Além disso, os projetos lexicográficos interessaram por se tratar de uma fonte constituída a partir de *corpora online*, em que dados são extraídos de *sites*.

Resguardado o compromisso de avaliar o léxico em dicionários bilíngues, dentro de uma perspectiva variacional, define-se como *corpus*:

- 1 *A dictionary of the Portuguese and English languages, in two parts, Portuguese and English: and English and Portuguese* (AVT)

TRANSTAGANO, Anthony Vieyra. *A dictionary of the Portuguese and English languages, in two parts, Portuguese and English: and English and Portuguese. In two parts: wherein I. The words are explained in their different meanings : II. The etymology of the Portuguese generally indicated from Latin, Arabic and other languages.* English Book Computer File 2 v. ; 40. London : printed for J. Nourse, 1773. CD-ROOM.

- 2 *A new dictionary of the Portuguese and English Languages enriched by a great number of technical terms used in commerce and industry, in the arts and sciences, and including a great variety of expressions from the language of daily life* (HM)

MICHAELIS, Henriette. *A new dictionary of the Portuguese and English Languages enriched by a great number of technical terms used in commerce and industry, in the arts and sciences, and including a great variety of expressions from the language of daily life,* Leipzig : F.A.Brockhaus, 1923.

- 3 *McKays's Modern Portuguese-English and English-Portuguese Dictionary* (RPP)

RICHARDSON, Elbert L.; SÁ PEREIRA, Maria de Lourdes; SÁ PEREIRA, Milton. *McKays's Modern Portuguese-English and English-Portuguese Dictionary,* 1943.

- 4 *Collins Gem English-Portuguese Portuguese-English Dictionary* (TM)

LAMB, N.J. *Collins Gem English-Portuguese Portuguese-English Dictionary,* Collins, London and Glasgow, 1964.

5 *A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese* (CH)

CHAMBERLAIN, Bobby; HARMON, Ronald M. *A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese*, Georgetown University Press, Washington, 1983.

6 *Portuguese English Dictionary* (JT)

TAYLOR, James L. *Portuguese English Dictionary* with corrections and additions by the author and Priscilla Clark Martin, Stanford University Press, 1970.

7 *The Oxford New Portuguese Dictionary* (ONPD)

The Oxford New Portuguese Dictionary, Berkley Publishing Group, New York, 2008.

8 *Random House Webster's Pocket Portuguese Dictionary*(BC)

CHAMBERLAIN, Bobby J. *Random House Webster's Pocket Portuguese Dictionary*. Random House Reference, USA, 1991.

9 *Brazilian Portuguese-English, English-Brazilian Portuguese concise dictionary* (AM)

MARQUES, Amadeu. *Brazilian Portuguese-English, English-Brazilian Portuguese concise dictionary*, Hippocrene Books, New York, 2010.

10 *Linguee* (LIN)

FRAHLING, Gereon. *Dicionário online Linguee, 2015*. Disponível em:
<http://www.linguee.com.br/portugues-ingles>

4.2 ANÁLISE DOS CORPORA

Inicialmente, procedeu-se às análises mega, macro e microestruturais de cada obra, contemplando-se textos pré-dicionarísticos, como prefácios e dedicatórias, cujas informações são essenciais ao estudo histórico. No tocante à avaliação da microestrutura, a investigação foi dividida em duas etapas. Na primeira delas, realizou-se a investigação dos aspectos formais da microestrutura. Na segunda, procedeu-se ao cotejo entre todas as publicações do *corpus* e o ALiB (2014). A fim de facilitar a visualização, os verbetes foram dispostos em tabelas, isolando-se a variante canônica em uma tabela à parte e elencando as demais numa mesma tabela comparativa. Buscou-se conservar, ao máximo, os indicadores tipográficos e não tipográficos, o que nem sempre foi possível. Ademais, as informações originais só foram mantidas quando, de fato, importavam para a compreensão do verbete. Vale citar o exemplo do DOP (2009-2017).

Na Figura 1, um *print screen* (ou, literalmente, foto da tela) do verbete **pernilongo** serve para exemplificar o formato pouco econômico, da perspectiva da cultura impressa, adotado pelo dicionário *online*, o que gerou a necessidade de se excluirmos algumas informações visando um melhor encaixe na tabela comparativa em que são apresentadas as definições em cotejo. Com o mesmo propósito, algumas alterações foram realizadas na estruturação do verbete, como no espaçamento e na disposição dos itens.

Figura 1. verbete pernilongo



The image shows a screenshot of a dictionary entry for the word "pernilongo". At the top, the word "pernilongo" is displayed in a large, bold font. To the right of the word are two social media sharing buttons: one for Facebook labeled "Compartilhar" and one for Twitter. Below the word, the entry is organized into sections. The first section is titled "Significado de Pernilongo" and contains two entries: "adj. Que tem as pernas longas." and "s.m. Ave aquática também chamada perna-de-pau." The second section is titled "Definição de Pernilongo" and contains grammatical information: "Classe gramatical: adjetivo e substantivo masculino", "Separação das sílabas: per-ni-lon-go", "Plural: pernilongos", and "Feminino: pernilonga".

Fonte: Dicionário Online do Português (2009-2017)

Num segundo momento, visando a um aprofundamento do estudo acerca da variação nas obras investigadas, utilizaram-se lexias extraídas das cartas semântico-lexicais do *ALiB* (2014) como parâmetro de avaliação. O *Atlas Linguístico do Brasil Linguístico do Brasil*, pelo seu alcance como fonte isolada da língua em uso no Brasil, foi utilizado como *corpus* de controle, permitindo a avaliação das obras quanto ao tratamento da variação linguística. Partindo-se das unidades registradas no *ALiB*, observou-se o comportamento dos lemas correspondentes nos dicionários no que diz respeito às definições apresentadas e marcas de uso. Somente com os dados da pesquisa dialetal foi possível confrontar as informações fornecidas pelos materiais lexicográficos com o estudo lexical de caráter variacional baseado em situações reais de fala.

Com base nesse procedimento, uma análise foi elaborada, utilizando-se uma lexia, e suas respectivas variantes por área temática no *Atlas Linguístico do Brasil*. Mediante a extração dos dados contidos nas cartas semântico-lexicais, para esta investigação, selecionaram-se unidades lexicais das seguintes áreas temáticas:

- ALIMENTAÇÃO E COZINHA: **bala**, *bombom*, *caramelo*, *confeito*, *queimado*;
- ATIVIDADES AGROPASTORIS: **aipim**, *macaxeira*, *mandioca*; (**extremidade da inflorescência da bananeira**) *mangará*, *umbigo*, *flor (da banana, da bananeira)*, *coração (da bananeira, do boi, do cacho)*, *pendão*, *buzo da bananeira*, *mangai*, *pêndulo*, *buzina*;; **tangerina**, *mexerica*, *poncã*, *maricote*, *laranja-cravo*, *tanja*, *carioquinha*, *bergamota*, *mimosa*
- CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL: (em prostituta I) **prostituta**, *biscate*, *garota de programa*, *meretriz*, *prima*, *puta*, *quenga*, *rameira/rampeira*, *rapariga*; *mulher ... (à toa, mulher da vida mulher de aluguel mulher de programa mulher de vida fácil mulher de zona mulher galinha mulher piranha)*.
- FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS: **granizo**, *chuva de granizo*, *chuva de gelo*, *chuva de pedra*, *chuva de neve*, *chuva de granito*, *chuva de pedra de gelo*; **neblina**, *cerração*, *fumaça*, *neve*, *névoa*, *nevoeiro*, *sereno*; **orvalho**, *sereno*, *neblina*, *garoa*, *neve*;

- FAUNA: **bicho da goiaba**, larva, tapuru, lagarta, broca, gongolô, bicho da fruta, coró; **galinha d'angola**, *tô-fraco*, *capote*, *guiné*, *picote*, *capote*, *capão*, *saqué*, *catraia*, *angolista*, *cocar*; **libélula**, *helicóptero*, *bate-bunda/lava-bunda/lava-cu*, *jacinta*, *zigue-zague*, *cigarra*, *cavalo-do-cão*, *lavadeira*, *cachimbal*, *cavalo*, *catirina*, *macaco*, *mané-magro*; **pernilongo**, *carapanã*, *mosquito*, *muriçoca*, *praga*;
- JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS: **bolinha de gude**/*bola de gude*, *peteca*, *bola de vidro/bolinha de vidro*, *biloca/birosca*, *bolita*, *bila*, *bola de fona*, *cabeçulinha*, *marraio*, *ximbra*, *búrica*; **cambalhota**, *carambela/carambola*, *cambota*, *bunda-canastra*, *pirueta*, *mortal*, *cangapé*, *cabriola*, *cambona*, *marina-escambona*, *aí*, *perereca*; *estilingue*, *baladeira*, *atiradeira*, *badogue*, *funda*, *peteca*, *setra*;
- VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS: **sutiã**, *corpete*, *califom*, *porta-seio*, *goleiro*;
- VIDA URBANA: **semáforo**, *sinal*, *sinaleiro*, *farol*, *sinaleira*, *luminoso*.

Em negrito, aparecem as variantes predominantes no cenário nacional; em itálico, as demais. Pesquisou-se nos dicionários o registro dessas unidades, observando-se o grau de ocorrência e o tipo de tratamento atribuído à variante dominante nas capitais e às regionais. Após um mapeamento dessas ocorrências, apresentando-se as definições atribuídas a cada variante registrada nos dicionários, esses dados foram lançados em tabelas para uma melhor visualização do panorama geral. Essa etapa cumpre o objetivo de mapear dicionários no que diz respeito à variação dialetal, a fim de se obter uma base de dados lexicográfica para composição do glossário. A pesquisa acerca dos registros foi realizada, tendo-se em mente avaliar o emprego de marcas de uso como expressão da variação linguística e como recurso imprescindível na definição lexicográfica.

As variantes registradas pelo ALiB, através do questionário semântico-lexical, são retratos dialetais das capitais brasileiras, constituindo usos da fala corrente e “denominações de emprego mais geral na localidade” (CARDOSO et al., 2014, p. 85). Por esse motivo, vê-se a necessidade de incluí-las num rol representativo de usos brasileiros contemporâneos, aqui tomados como referência para a análise da variação e constituição de uma proposta lexicográfica em que as marcas de uso têm seu valor e emprego revisado, a partir dos dados fornecidos pelo *Atlas Linguístico do Brasil*.

Em adição à análise, como parte da discussão teórica acerca da constituição de uma norma brasileira e, conseqüentemente, dos “brasileirismos” lexicais, foram

selecionados, em Transtagano (1773), verbetes cujo conteúdo englobasse referências à variedade brasileira do português. Opta-se, neste trabalho, pelo “brasileirismo” entre aspas como forma de indicar a subjetividade e, por consequência, imprecisão contida nessa categoria. Havendo uma diversificação histórica e entre as publicações na abrangência conceitual dessa unidade lexical, as aspas representam o questionamento acerca do real sentido de uma marca que restringe lexias associadas ao português brasileiro. O primeiro dicionário bilíngue português-inglês foi utilizado como base para a discussão teórica acerca desse tema exatamente por ainda não apresentar uma sistematização no registro do PB ou na adoção de abreviaturas destinadas a esse fim. Chama, assim, atenção o fato de, apesar de se registrarem ocorrências lexicais caracterizadas como brasileiras, prevalecer uma espécie de critério geográfico, ainda pouco ou nada associado à formação de uma norma linguística.

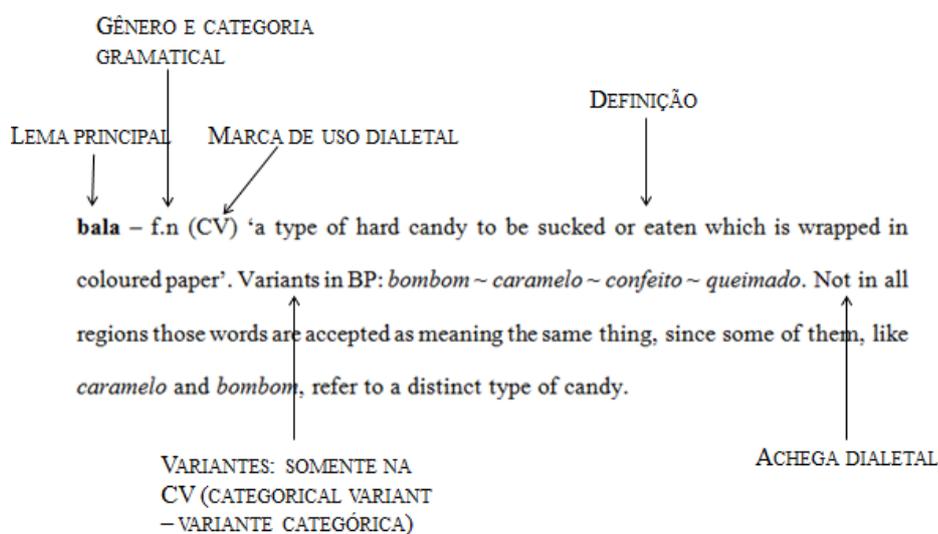
4.3 O GLOSSÁRIO

Na elaboração do glossário bilíngue português-inglês foram utilizadas as variantes lexicais registradas pelo questionário semântico-lexical do *Atlas Linguístico do Brasil*, incluindo-se um projeto lexicográfico que dê conta dos objetivos pretendidos. Peça fundamental na história da lexicografia mundial, os glossários foram publicados já na Idade Média, com vistas a elencar vocábulos extraídos de obras ou na função de listas de cunho prescritivista, como foi o caso do *Appendix Probi*¹³. Entretanto, diferentemente do caráter “amador” atribuído a essas primeiras tentativas, buscou-se incorporar, à confecção do glossário, elementos adequados à lexicografia contemporânea. Na composição da macroestrutura, o *outside matter*¹⁴ é constituído de prefácio, lista de abreviaturas, chave de consulta do verbete). A microestrutura, por sua vez, é delineada da seguinte maneira:

¹³ “[...] curioso glossário destinado a corrigir possíveis desvios da norma culta da língua que deveriam estar se tornando comuns”. (QUEDNAU, 2002, p. 80)

¹⁴ Termo que dá conta de todos os componentes da macroestrutura de uma obra de referência que não formam parte do central WORD-LIST. Outside matter is usually subdivided into FRONT MATTER (such as preface and user’s guide), MIDDLE MATTER (such as panels and plates of illustrations) and BACK MATTER (such as lists of names and weights and measures). (HARTMAN; JAMES, 1998, p.

Figura 2. Chave para consulta



Fonte: Glossário dialetal bilíngue (OLIVEIRA, 2017)

Entre as decisões metodológicas tomadas, vale destacar a não inserção da transcrição fonética. Considerando-se a prioridade atribuída à perspectiva variacional neste trabalho, optou-se pela não incorporação desse item, uma vez que seria necessária a apresentação de diferentes realizações. Como o objetivo maior na publicação do glossário é propor uma reconfiguração das marcas de uso comumente utilizadas para definir a variação geolinguística em dicionários, adentrar outras searas exigiria considerações prolongadas sobre o assunto. Concentra-se, dessa maneira, a elaboração do glossário no viés espacial, amparado, é certo, pelo social.

De um modo geral, os conceitos científicos procuram escapar a esta fluidez característica dos conceitos da vida cotidiana por meio de tentativas de definição em termos de traços necessários e suficientes. Por esta razão, os botânicos não fazem uso do conceito de *fruta*, mas sim dos conceitos de *fruto*, *infrutescência*, etc. O tomate é um *fruto*; o morango e o abacaxi são *infrutescências*. (DASCAL, BORGES NETO, 1991, p. 30)

Os conceitos orientam a pesquisa científica, estando diretamente relacionados ao objeto teórico que se adota. É sempre necessário, numa análise como esta, construir em torno do objeto observacional uma rede de noções a fim de se evitarem as generalizações acima do que se pode suportar no trabalho acadêmico. Na lexicografia, as definições vão além do âmbito microestrutural, dos verbetes, com seus traços sêmicos e informações extralinguísticas. Além disso, prestam-se à teoria e à prática, sendo essenciais tanto à análise e ao desenvolvimento teórico quanto à elaboração de dicionários. Categorizações tipológicas são aplicadas às obras, levando em conta critérios como o número de línguas (monolíngues, multilíngues), à orientação semântica (semasiológicos, onomasiológicos), grau de especificidade linguística (dicionários gerais, dicionários especializados), dentre outros. Essas, por sua vez, têm sua existência relativizada, na medida em são resultado de teorizações particulares.

Resguardando-se a porção de subjetividade presente nessas tentativas taxonômicas, sabe-se o quão importante são para o trabalho científico as classificações, por permitirem organizar teoricamente o conteúdo analisado, cumprindo o princípio da objetividade, essencial à ciência. Neste trabalho, a apresentação de pressupostos teóricos relacionados à (meta)lexicografia e aos estudos variacionais permite estabilizar conceitos que nem sempre são consensuais na bibliografia da área. Vale, por exemplo, citar as concepções de mega, macro, micro e medioestrutura, compreendidas diferentemente pelos autores, o que se evidencia tanto supressão de algumas delas quanto pelo modo como são definidas. A título de exemplo, Bejóint (2000, p. 13) chama atenção para as diferentes visões sobre a macroestrutura de um dicionário, defendendo a função de ordenação desempenhada na estrutura lexicográfica:

Alguns usam macroestrutura como sinônimo de nomenclatura, mas é preferível usar este último termo como equivalente de word-list, ao passo que o primeiro pode ser empregado para referir-se à maneira como o conjunto de entradas é organizado nos diversos dicionários.

Tanto na lexicografia quanto na metalexigrafia, os conceitos servem de orientação na elaboração e na discussão teórica acerca dos dicionários. Nesta ocasião, julga-se essencial discutir algumas noções a fim de que fique claro o posicionamento aqui adotado. Tanto os princípios norteadores da lexicografia quanto os da metalexigrafia interessam a esta pesquisa, optando-se, dessa maneira, por associar uma a outra, já que se complementam. Tratar de (meta)lexicografia significa compreender o sentido da prática a partir do que se desenvolve no campo teórico, entender que o dicionário vai além de sua utilização como instrumento de consulta, admitindo um conhecimento ativo, que extrapola os limites dos centros de produção lexicográfica, de modo a atingir os utentes e influenciá-los a serem receptores ativos. Para tanto, cabe apresentar o conjunto de concepções que conduzem esta tese.

5.1 OBJETOS TEÓRICOS

Nas ciências, são selecionados os escopos de acordo com os objetivos pretendidos. Borges Neto (2010) chama atenção para as “reduções parciais”, que dizem respeito às escolhas feitas por um determinado campo científico para investigar a realidade. Assim, o objeto selecionado, além de representar um recorte da realidade, é resultado de uma construção teórica por meio da qual se definem os métodos empregados para o desenvolvimento de uma pesquisa. Os objetos de análise, como se observa em Borges Neto (2010, p. 1), podem ser vistos sob duas perspectivas:

O objeto observacional de uma teoria científica é o conjunto de fenômenos, a porção de realidade, que a teoria assume como seu objeto; o objeto teórico é a construção (o modelo) que o cientista idealiza como representação do objeto observacional. Por exemplo, a sintaxe estruturalista e a sintaxe gerativista, em princípio, podem ter o mesmo objeto observacional (o conjunto de sentenças bem-formadas que podem ser ditas em alguma língua); os objetos teóricos, no entanto, podem ser bastante diferentes: a sintaxe estruturalista vê as sentenças como cadeias estruturadas de palavras (ou morfemas) e sua tarefa é revelar essas estruturas, enquanto a sintaxe gerativista vê as sentenças como o resultado da aplicação de regras internalizadas (inatas, em parte). Assim, onde o estruturalista encontra cadeias estruturadas, o gerativista encontra indícios da aplicação de regras presentes na mente/cérebro do falante. (BORGES NETO, 2010, p.1)

É possível determinar o dicionário como objeto observacional da lexicografia e da metalexigrafia, entendendo que, naquele caso, o objeto teórico se configura como produto e neste, como processo. Assim, compreende-se que o exercício da ciência lexicográfica propriamente dita incluirá, invariavelmente, o aporte metalexigráfico, tanto que, quando se menciona aquela, é natural esperar que a teoria esteja incluída. O sentido inverso, contudo, não se verifica, já que o desenvolvimento teórico não rende necessariamente o resultado prático, a publicação inerente à lexicografia. Apesar da legitimidade de conferir ao dicionário o papel de objeto de análise dessas ciências, sugere-se uma ampliação desse escopo, afinal, como tratar de obras lexicográficas sem levar em conta as unidades integrantes da nomenclatura, que, independente da organização adotada, semasiológica ou onomasiológica, fazem um dicionário ser reconhecido como tal?

Lexicografia e metalexigrafia, para além de serem ciências do dicionário, encaixam-se na esfera do léxico, intercomunicando-se muito especialmente com a terminologia e a lexicologia. Tanto a confecção de dicionários quanto a reflexão teórica acerca destes exigem um trabalho direcionado ao tratamento das unidades lexicais, de forma semelhante ao que ocorre com as demais ciências do léxico citadas. Vale, entretanto, observar que as unidades lexicais da língua, em obras lexicográficas, adquirem diferentes contornos em distintas. É a palavra, na visão do senso comum, a personagem principal nos dicionários, mas sua imprecisão científica exige que se definam, sob a luz das teorias cabíveis, categorias menos abertas.

Nesse sentido, a terminologia, em suas formas de expressão, contribui para o desenvolvimento de uma rede de conceitos, termos específicos de uma determinada teoria ou de áreas técnicas. Como afirma Benveniste (1989, p. 252), uma ciência só começa a existir e se impõe na medida em que se formam seus conceitos, denominando seu objeto. Assim, evidencia-se a “importância da função denominativa do componente lexical das línguas” (FINATTO; KRIEGER, 2004, p. 17). É com base nessa noção que a terminologia se estrutura e adota o “termo” como objeto teórico de sua esfera científica:

A word, phrase or alphanumeric symbol used by the practitioners of a specialised technical subject to designate a CONCEPT. Within the TERMINOLOGY of the whole field, the unity between term and concept is claimed to be an essential requirement of unambiguous communication,

strengthened by agreed definitions and the avoidance of synonymous expressions. (HARTMANN; JAMES, 2002, p. 138-139)¹⁵

A palavra é, desse modo, convertida em termo, adquirindo características exclusivas de um determinado campo teórico e técnico. Nesta pesquisa, ainda que não se adote a unidade terminológica como objeto norteador, considera-se salutar estabelecer um intercâmbio entre terminologia e lexicografia, uma vez que o objeto daquela é também contemplado pelos dicionários, quando se registra o léxico especializado. Defende-se que a terminologia expressa conceitos científicos (estáveis, paradigmáticos e universais), diferentemente da lexicografia, em que se manifestam significados (linguísticos, variáveis e determinados pelo contexto discursivo e pragmático). Essa distinção, corroborada por Krieger (2001, p. 121), procede da formulação inicialmente desenvolvida por Eugen Wüster, em sua obra *Die internationale Sprachnormun in der Technik, besonders in der Elektrotechnik*, de 1931, em que se propõe uma “teoria geral da terminologia”.

Em sua publicação, Eugen Wüster defende que a terminologia não deve acolher ambiguidades (homonímia, polissemia, sinonímia), sugerindo que a variação fosse eliminada mediante a normalização dos termos. Na contramão desse pensamento, surge uma corrente teórica em defesa de uma terminologia como disciplina de caráter social, evidenciada por Boulanger (1991, p. 19):

La variation terminologique et aussi nécessaire et évidente que la variation lexicale ou linguistique observée pour toute langue fragmentée dans le temps, dans l'espace et dans la société. Ces variations diachroniques, diatopiques et diastratiques forment l'essence même de la socioterminologie.¹⁶

Faulstich (1995, p. 5), norteadora por essa visão, desenvolve um diálogo entre terminologia e variação, entendendo que esta é inerente à língua, heterogênea por natureza, inclusive em contextos especializados. Uma “teoria da variação”, segundo Faulstich (2001, p. 25), sustentar-se-ia por cinco postulados: associação da estrutura terminológica a uma “noção de heterogeneidade ordenada”; abandono do isomorfismo entre termo-conceito-significado; aceitação de que a terminologia acolhe elementos

¹⁵ Tradução livre: Uma palavra, frase ou símbolo alfanumérico usado por praticantes de uma matéria técnica especializada para designar um conceito. No campo da terminologia, a união entre o termo e o conceito é considerada um requisito essencial para uma comunicação sem ambiguidades, fortalecida por definições convencionadas, evitando-se expressões sinônimas.

¹⁶ A variação terminológica é assim tão necessária e evidente quanto a variação lexical ou linguística observada por toda a língua fragmentada ao longo do tempo, do espaço e da sociedade. As variações diacrônicas, diatópicas e diastráticas fomentam a própria essência da socioterminologia.

variáveis; aceitação de que essa variação pode significar mudança em curso. A autora, além disso, propõe um panorama tipológico que dê conta das variantes detectadas no campo da terminologia.

Quadro 4. Tipologia das variantes

| | | |
|------------------------------------|---------------------------------------|------------------------------------|
| Variantes concorrentes | Variantes terminológicas linguísticas | Variante terminológica fonológica |
| | | Variante terminológica morfológica |
| | | Variante terminológica sintática |
| | | Variante terminológica lexical |
| | | Variante terminológica gráfica |
| | Variantes terminológicas de registro | Variante terminológica geográfica |
| Variante terminológica de discurso | | |
| Variante terminológica temporal | | |
| Variantes coocorrentes | Sinonímia | - |
| Variantes competitivas | Empréstimos linguísticos | - |

Fonte: Faulstich (2001, p.12)

Nota-se que a categorização resumidamente apresentada abrange a variação de forma ampla e diversificada, levando para o âmbito da linguagem de especialidade até mesmo a variação diatópica. A “variante terminológica geográfica”, inserida pela autora no campo da terminologia, constitui exemplo de como um mesmo objeto pode ser incorporado ao escopo de escolas teóricas distintas. Se, para Faulstich (2001), unidades como “aipim”, “macaxeira” e “mandioca” devem ser analisadas sob o viés da linguagem especializada como da biologia ou dos alimentos, neste estudo, esses mesmos itens são avaliados como objetos de outra ciência, a lexicografia variacional.

Ainda sobre a variação no âmbito terminológico, Faulstich (2015, p. 355) argumenta que as “reduções¹⁷ de termos compostos ou de termos simples” constituem um campo fértil para observação desse fenômeno. Abreviaturas, siglas e acrônimos são utilizados como amostras numa análise em que se evidenciam as possibilidades variacionais no registro dessas ocorrências em dicionários. Com relação às abreviaturas, que interessam especialmente a este trabalho, a autora menciona um fato corriqueiro em

¹⁷ “[...] formas da linguagem que sofrem apagamentos de estruturas para produzir o encurtamento da palavra ou da expressão.” (FAULSTICH, 2015, p. 353)

obras lexicográficas: a não utilização da abreviatura proposta para uma determinada função no corpo do verbete. Cita-se o caso do *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009), em que a redução “adj.2g.2n.s.2g.2n.” aparece na lista geral para indicar a entrada correspondente a um adjetivo e um substantivo de dois gêneros e dois números, contudo no corpo dos verbetes onde a abreviatura deveria aparecer são registradas as formas estendidas.

Nesta tese, as reduções têm papel de destaque por representarem um importante indicador da variação dialetal em dicionários. A função das formas abreviadas ganha, assim, especial significado, pois é por meio dessas que se, supostamente, sistematiza o registro da diversidade linguística na lexicografia. A sistematização inerente à técnica lexicográfica demanda recursos terminológicos como o emprego de abreviaturas pré-estabelecidas, listadas normalmente como parte do texto pré-dicionarístico (*front matter*), que, apesar de representarem um campo de especialização da língua, sofrem também interferência da variação. No caso das unidades consideradas como “brasileirismos”, há diferentes abreviaturas em diferentes obras lexicográficas de caráter geral, para representar a mesma marca diatópica, como: *b*, *bras*, *br.*, *brasil.*, dentre outras.

Assim, também na terminologia, a revolução promovida pelas pesquisas socioletais permitiu novos rumos para a definição teórica, passando-se a considerar, na investigação científica, a dinamicidade, o uso, o contexto em que o idioma se insere, concebendo-se a variação como inerente também aos níveis mais especializados e técnicos da língua. Uma orientação mais tradicional, contudo, permanece viva na prática terminológica, em que ainda se prima pela precisão, eliminação de possíveis ambiguidades e pelo prescritivismo.

Na esfera da lexicologia, Pottier (1974), ao lançar mão das *lexias* para definição das categorias lexicais, aproxima-se de uma visão mais fluida e condizente com os limites flexíveis que distinguem estruturas lexicais compostas por mais de um item, como *mão-de-obra*, daquelas tradicionalmente aceitas como palavra, a exemplo de itens como *mão*, *de* e *obra*. É possível que essa unidade vocabular tenha se mantido como garantia do ensino da escrita e da leitura, com ênfase no vocabulário. No entanto, à medida que o estudo científico do léxico se desenvolve, o rigor metodológico exige que novas decisões sejam tomadas. A *lexia* de Pottier (1974, p. 266-267) pode atender à necessária precisão envolvida na investigação lexicográfica, quando importa selecionar

unidades de comportamento do léxico que contemplem as inúmeras formas e nuances da língua.

A unidade básica da lexicologia é a palavra, a que atribuímos a definição dada por Pottier a “lexie”, ou seja, a <<unité de comportement syntaxique>> (1967: 17) ou <<unité fonctionnelle mémorisée en compétence>> (1974: 326). Genericamente costumam ser apresentados como critérios para delimitar a “palavra” a autonomia oracional, a permutabilidade externa e a existência de capacidade para desempenhar uma função sintáctica. Quanto à sua estrutura interna, as palavras podem ser constituídas por um monema (=unidade linguística mínima com conteúdo e expressão), como mar, azul, bem, ou por vários monemas (um lexema) (ou monema lexical) e um morfema (ou monema gramatical) [...]

A “palavra” não daria conta do amplo universo lexical da língua portuguesa, em que as estruturas lematizadas e sublematizadas vão muito além das fronteiras morfológicas das unidades lexicais enquadradas nessa categoria. Lemas como *amigo do peito*, analisados a partir do que se convencionou chamar de “palavra”, seriam compostos por mais de um item, desempenhando semanticamente, no entanto, um papel unívoco. Pottier (1974, p. 266-267) classifica as lexias em simples, compostas, complexas e textuais, conforme segue:

- a) La lexie simple correspond au « mot » traditionnel dans de nombreux cas: *chaise, pour, mangeait, la*.
- b) La lexie composée est le résultat d’une intégration sémantique, qui se manifeste formellement: *tire-bouchons, vert-bouteille, rez-de-chaussée*. Le lien peut être très étroit entre un lexème et un grammème, pour former un lexème secondaire: *fourchette* (qui ne s’oppose plus à *fourche*), *remanier* (≠ *manier*). Toute séquence peut s’intégrer et former un nouveau lexème. Esp.: *ensimismarse* (sur « en sí mismo »), *pordiosear* (sur « ¡por Dios! »).
- c) La lexie complexe est une séquence en voie de lexicalisation, à des degrés divers: *La guerre froide, un complexe industriel, prendre des mesures, feu rouge, bel et bien, hot dogs*. [...]
- d) La lexie textuelle est une lexie complexe qui atteint le niveau d’un énoncé ou d’un texte: hymne national, prière, tirade, devinette, proverbe...¹⁸

Atribui, no entanto, ao primeiro tipo a definição de “mot”, correspondente à palavra em francês. Uma espécie de circularidade pode ser notada na tentativa de estabelecer uma terminologia científica mais precisa. De qualquer maneira, a proposta

¹⁸ Tradução livre: a) a lexia simples corresponde à <<palavra>> tradicional em muitos casos: cadeira, para, comeu, o. b) a lexia composta é o resultado de uma integração semântica, que se manifesta formalmente: saca-rolhas, verde-garrafa, piso térreo. A ligação pode ser muito estreita entre um lexema e um gramema, para formar um lexema secundário: garfo...

torna possível a superação do caráter dicotomizante e estanque em que os níveis da língua estão inseridos, interessando destacar o lexical e o sintagmático. Pode-se, então, enxergá-los fora das fronteiras rígidas, dentro de um *continuum*, em que unidades como *maria-vai-com-as-outras* passam a representar um ponto de intersecção. Tem-se, dessa maneira, um sintagma nominal deslocado de seu ambiente originalmente sintático e legitimado, pelo uso, como unidade do léxico. Com a adoção dessas categorias, buscase dar conta não somente do que se considera lexia simples, mas das lexias compostas, que envolvem processos como a composição, a exemplo de *guarda-chuva* e *mestre-de-obras*, ou derivação, presente nas unidades *deslizar* e *cooperar*.

Ao lado das lexias compostas, aparecem ainda as estruturas complexas, localizadas no nível mais sintático do *continuum*, valendo citar como exemplo as lexias *conjunto habitacional* e *guerra de nervos*. A categorização de Pottier dá conta, assim, das unidades lexicais da língua, tanto aquelas individuais que se enquadram integralmente no conceito convencional de palavra, representado por um único elemento gráfico separado pelos demais por espaços em branco, quanto aquelas construções em que uma estrutura sintática equivale semanticamente a uma unidade lexica. A probabilidade de coocorrência das unidades componentes, neste caso, é alta o suficiente para garantir a frequência dessas estruturas em processo de lexicalização, transformação em unidades fixas do léxico.

Designadas sob diferentes rótulos (idiomatismo, expressão figurada ou idiomática, fraseologismo, fraseo, grupo fraseológico, unidade fraseológica, locução verbal, nominal, modismo, sintagma fixo, colocações, lexias complexas), as lexias complexas constituem um segmento essencial do léxico da língua, pois reiteram o caráter sociocultural e dinâmico do idioma, refletindo todo o potencial criativo e heterogêneo da norma, em seu sentido social. A dinamicidade desse produto tem sido registrada pelos trabalhos lexicográficos, levando-se em conta o critério da cristalização, frequência com que a expressão é utilizada em um determinado contexto semântico. Ainda que haja divergência de opiniões quanto à maior ou menor estabilidade das expressões idiomáticas (Eis), o que pode variar a depender do contexto em que o falante se encontra, é certo que definir os limites entre os sintagmas cristalizados e as formas frequentes ou em vias de lexicalização não é tarefa simples.

Biderman (2005, p.747) chama atenção para a falta de fundamentação dos dicionários tradicionais no que diz respeito a uma teoria lexical e um conceito preciso de unidade lexical, de modo que as lexias complexas sejam contempladas,

especialmente as expressões idiomáticas (EIs). A situação atual, segundo a autora, resulta na assistemática e inadequação no registro desses itens nos dicionários de língua portuguesa. Essa categoria merece, aqui, atenção especial, uma vez que é recorrente em usos caracterizados como típicos do português brasileiro. Em *A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese*, Chamberlain e Harmon (1983), ao enumerarem unidades presentes na variedade brasileira do português, em contextos informais, apontam uma diversidade de ocorrências em que as expressões idiomáticas têm papel de destaque. O dicionário parece refletir uma tendência evidenciada pelos teóricos da lexicologia:

Partimos do princípio de que a expressão idiomática tem uma importância vital na língua: é que a expressão idiomática não se explica pela anomalia nem pelo desvio ou pela derivação relativamente a uma norma, a um significado lexical literal originário. Postos perante a sua constituição, a sua frequência e a sua riqueza, não pode tratar-se de um elemento linguístico marginal e secundário (VILELA, 2002, p. 160).

Considerando a fraseologia como campo cujo objeto de estudo são as “combinações fixas”, Vilela acrescenta que os frasemas ou fraseologismos ampliam o léxico, nomeando, qualificando, contribuindo para a conceptualização e categorização das experiências diárias. Essas estruturas seriam responsáveis pela lexicalização das emoções, atitudes, interpretações subjetivas, comportamentos, nomeando ou reforçando, de forma mais expressiva, um conceito muitas vezes já existente. Quando, por exemplo, numa situação informal em que o indivíduo está sem dinheiro, afirma *estar duro* ou, num contexto em que pretende beber além da conta, divulga sua pretensão de *encher a cara*, essas lexias representam uma conexão entre as esferas concreta e metafórica na criação das unidades lexicais.

Perini (2010, p. 327-328) observa que é preciso enxergar com cautela essa rede associativa, uma vez que, se fosse o caso de haver equivalência entre expressões idiomáticas e metáforas, seria exigido um trabalho de interpretação para entendimento das EIs, o que não ocorre, já que as lexias complexas possuem um significado facilmente reconhecível e disponível no repertório previamente adquirido do ouvinte.

Isto equivale dizer, a nomeação por meio das fraseologias traz sempre uma marca: mesmo que já haja uma nomeação por meio de signos primários, o fraseologismo ou nomeia de forma mais expressiva, ou reforça a expressividade se ela já existir lexicalizada de outra forma. Por isso mesmo se explica a presença abundante em textos predominantemente comunicativos e onde a oralidade predomina (VILELA, 2002, p. 161).

Esse universo amplo criado a partir do conceito de Pottier é evidenciado, a partir de um olhar inovador, por Hoey (2005). O autor desenvolve um conceito de *lexical priming* por meio do qual apresenta sua perspectiva acerca de como o léxico e a sintaxe estão diretamente relacionados na constituição da gramática. Mediante um trabalho utilizando como base um extenso *corpus* com 95 milhões de unidade lexicais do jornal *Guardian* e 230 mil palavras proveniente de dados de fala, lançando mão do *software Wordsmith*, conclui que as unidades lexicais de um idioma seguem uma determinada “rotina” de coocorrência, que torna certas construções mais habituais ou naturais. Nessa perspectiva, a noção de gramática está diretamente conectada ao uso repetitivo de combinações lexicais que as torna muito naturais aos ouvidos do falante nativo de uma determinada variedade linguística.

Assumir a lexia como unidade de análise é essencial ao cumprimento dos objetivos pretendidos pelos estudos lexicológicos, uma vez que somente essa escolha metodológica foi capaz de dar conta de uma diversidade formal. Se as lexias simples ocupam um espaço significativo nesse âmbito, as compostas e complexas são essenciais na constituição do léxico, uma vez que refletem o dinamismo e a criatividade da língua, atendendo às exigências de uma abordagem variacional. O registro lexicográfico dessas unidades reflete um processo linguístico histórico, em que o léxico da língua é fixado com base em um padrão de uso, mas do qual a norma, nos moldes sociolinguísticos¹⁹, é participante ativa. Uma lexia complexa como *a preço de banana*, ao constituir a nomenclatura de um dicionário, está impregnada de valor cultural e diz respeito a um contexto linguístico popular do qual a banana faz parte, ou fazia, com valor financeiro muito acessível, no Brasil. No cenário atual, talvez o preço da banana não mais justifique o uso da expressão, mas é certo que sua (sub)lematização é reveladora quanto ao período em que seu uso foi registrado.

A lexia aqui analisada passa exercer a função de lema, quando incorporada ao universo lexicográfico, sendo canonizada e transformada em unidade do dicionário, mediante filtragem morfossintática, que retira informação gramatical a fim de inclui-la no rol de entradas de um dicionário. Retirar as marcas flexionais de um verbo, por exemplo, faz parte do processo de lematização de um item a fim de que passe a exercer

¹⁹ A norma linguística popular, segundo a sociolinguística variacionista (Labov), em que comunidade de falantes não se define por um comportamento linguístico homogêneo, mas sim por um “[...] sistema de valores com que julga esse comportamento e pelas tendências estruturais de mudança linguística impulsionadas na rede de relações sociais.” (LUCCHESI, 2006, p. 86)

a função de entrada no verbete de uma obra lexicográfica. Nessa transição, em que a lexia passa a ser o lema, todo um contexto a acompanha, determinado por critérios e métodos que definem a estruturação e função de um dicionário. Landau (2001, p. 98) acrescenta que o *lemma* “[...] is the form chosen to represent a paradigm”²⁰.

Compreende-se, nesta oportunidade, a lexicografia e metalexicografia como ciências cujo objeto teórico pode ser, dentre as diferentes possibilidades, a megaestrutura, o que se justifica pela atenção especial voltada ao projeto lexicográfico como um todo. Nesta tese, contudo, as fronteiras não se encerram nessas duas ciências, pois o caráter variacional da pesquisa e, principalmente, a execução de um glossário dialetal exigem que se determine um objeto condizente com essas propostas. A elaboração de publicações lexicográficas de cunho dialetal tem se desenvolvido sem um direcionamento teórico e técnico equivalente às demandas desse tipo de trabalho. Reconhe-se que a escassez de ferramentas e de fontes que permitissem um registro mais preciso da variação linguística constituiu, no passado, um empecilho à produção de dicionários com uma proposta voltada à incorporação da diversidade linguística. No século XXI, os estudos geolinguísticos pluridimensionais e o amparo da tecnologia para organização dos dados permitem que se desenvolvam os métodos para uma lexicografia variacional (MACHADO FILHO, 2014).

Essa noção de lexicografia, empregada na elaboração do *Dicionário Dialetal Brasileiro*²¹, tem exigido a adoção de um conjunto de medidas teóricas que permitam a conversão dos dados do *Atlas Linguístico do Brasil* em verbetes. Machado Filho (2016) reflete acerca do objeto teórico de sua proposta e sugere, para essa função, a “nomia”. Segundo o autor, a prática dos estudos lexicais, em perspectiva variacional ou histórica, tem demandado a definição precisa de uma unidade de tratamento do ponto de vista lexicográfico. Argumenta-se que os padrões adotados tradicionalmente por este campo teórico não dão conta da modalidade falada da língua e, conseqüentemente, a norma, que envolve os dialetos e socioletos, é excluída.

Ora, as realizações da fala de comunidades alijadas dos padrões prestigiados da língua têm sido ignoradas pela lexicografia tradicional, mas constituem-se, hoje, para a Lexicografia Histórico-Variacional, um novo e importante veio.

²⁰ Tradução livre: é a forma escolhida para representar um paradigma.

²¹ “[...] obra de verve coletiva e interinstitucional, que envolverá diversos especialistas, quer na área da dialetologia, quer nas áreas da lexicografia e das ciências da informação, do Brasil e da França. Sua concepção não está voltada ao tratamento isolado de dialetos brasileiros, mas visa permitir uma visão pandialetal da realidade variacional do léxico no Brasil, com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB).” (MACHADO FILHO, 2010, p. 10-11)

Às unidades lexicais que proliferam nesse cenário de variação, isto é, qualquer unidade do léxico, simples, composta ou complexa, relacionada ao espectro dos traços [+ léxico], [+ norma] e [+ fala], dá-se o nome de nomia. (MACHADO FILHO, 2016, p. 7)

Enfim, há, nesta pesquisa, diferentes objetos teóricos em jogo, desde o dicionário e o lema, no âmbito da (meta)lexicografia tradicional, à “nomia”, cunhada especialmente para atender aos propósitos de uma insurgente lexicografia variacional. Predomina, então, uma perspectiva teórica abrangente, que não se bastaria com a formulação restrita a uma dessas esferas. Se os objetos são resultados de uma construção e de um “recorte”, o trabalho com dicionários, que por si só já constituem um campo epistemologicamente abrangente, o que é potencializado pela ótica variacional e histórica, demanda conceitos que permitam a avaliação dessa natureza vasta e interteórica.

5.2 A (META)LEXICOGRAFIA

Introdutoriamente, optou-se por utilizar, neste trabalho, o termo “(meta)lexicografia”, com parênteses, a fim de se destacar a interrelação entre as lexicografias teórica e prática. Em alguns casos, contudo, será empregada metalexigrafia, sem parênteses, restringindo-se seu uso ao sentido teórico. No que diz respeito a essas ciências, a produção de listas lexicais e dicionários aconteceu antes mesmo da elaboração de uma teoria que fosse capaz de dar conta da estruturação desses materiais de consulta, que, desde os tempos mais remotos, serviram não só de fonte de pesquisa vocabular, mas de depósito da história lexical das nações. Como destaca Correia (2009, p. 17):

A lexicografia como prática não-científica é uma actividade cultural cujos fundamentos podem ser adquiridos de modo autodidático, podendo ser, portanto, exercida por pessoas não especialmente qualificadas para o efeito. Efectivamente, muitos dos dicionários de outros tempos e mesmo contemporâneos são realizados por pessoas sem formação específica em lexicografia. Mas a lexicografia é também uma prática cultural e científica.

A lexicografia envolve, dessa maneira, tanto a teoria quanto a prática relacionadas à elaboração de dicionários, sendo, hoje, considerada a disciplina linguística que trata tanto dos “modos de representação do conhecimento lexical” quanto das “técnicas e

métodos de descrição de vocabulários” (CORREIA, 2009, p. 133). À medida que a atividade lexicográfica tem se desenvolvido, com a publicação de dicionários intensificada pelas demandas surgidas a partir dos constantes intercâmbios linguísticos decorrentes da globalização, tem sido cada vez mais necessário o cultivo de uma teorização crítica sobre o trabalho lexicográfico. Considera-se, então, não somente as obras denominadas dicionários, mas vocabulários e glossários, que também demandam técnicas e métodos lexicográficos de estruturação da nomenclatura e dos verbetes.

A metalexigrafia surge, nesse contexto, como o espaço em que a “lexicografia teórica” é desenvolvida, como suporte para a “lexicografia prática” (WELKER, 2004, p. 11), abrangendo uma ampla reflexão a respeito dos problemas decorrentes da elaboração de dicionários, bem como a crítica a esses materiais. Além disso, são também contemplados pela pesquisa metalexigráfica o estudo histórico e as investigações sobre o uso dessas fontes de consulta. O pensamento aqui desenvolvido está incluído nas esferas da metalexigrafia, orientada por um viés histórico e crítico com ênfase sobre a variação, e da lexicografia, com vistas à produção de um glossário bilíngue, a ser posteriormente detalhada.

No âmbito histórico do português europeu, Verdelho (1995) e Silvestre e Verdelho (2007) são referências pioneiras no trabalho historiográfico acerca da lexicografia portuguesa, estendido aos encontros bilíngues do português, em trabalho organizado posteriormente (SILVESTRE;VERDELHO, 2011). Em Verdelho (1995), o autor realiza um levantamento acurado das obras que compõem o cenário lexicográfico português, através de uma ampla análise que abarca desde o período medieval, em que se inicia a inventariação do léxico por meio de textos enciclopédicos, nomenclaturas, glossários, cujo objetivo maior era a manutenção da língua latina, até o século XVI, quando surge a obra referencial da lexicografia portuguesa, o dicionário *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*, de Jerônimo Cardoso. Verdelho tem sido categórico, em suas publicações, no que diz respeito à necessidade de maior atenção aos dicionários bilíngues, na pesquisa lexicográfica histórica, pois são o ponto de partida da lexicografia lusófona.

Com a expansão do mercado editorial lexicográfico, inserido hoje num contexto de tecnologia e novos desafios para o lexicógrafo, a metalexigrafia tem expandido seu poder de atuação. As novas demandas exigem, para que se continue a elaborar materiais de qualidade, com aperfeiçoamento dos métodos utilizados, uma teoria que seja capaz de dar o suporte necessário é imprescindível. Sendo uma atividade marcada pela

subjetividade, a lexicografia é alvo constante de críticas, que apontam em dicionários constantes falhas relacionadas: informações que auxiliam na consulta, como chave do dicionário e lista de abreviaturas; seleção de *corpus* e do léxico para composição da nomenclatura; estruturação dos verbetes, o que inclui também a definição e recursos de contextualização dos usos lexicais.

O desenvolvimento de novas teorias linguísticas, como a dialetologia e a sociolinguística, cada vez mais comprometidas com a função social da língua, passa ser também tarefa da metalexicografia sugerir adequações dos dicionários à nova realidade que se delinea. As reflexões, dessa maneira, tendem hoje a extrapolar o âmbito estritamente linguístico e estrutural da língua, abrangendo a compleição extralinguística das obras e o modo como a contextualização é promovida a fim de facilitar a pesquisa dos consulentes. A história da lexicografia desemboca na modernidade amparada por um novo olhar sobre a língua, o que torna seu desempenho também suscetível a contornos mais atuais. O cunho pedagógico que a acompanha desde seu exercício embrionário tem sido associado aos propósitos de descrição, prescrição, codificação e legitimação da língua, gerando questionamentos por parte dos linguistas defensores de uma ampliação da função lexicográfica na direção da variação linguística.

A pesquisa metalexicográfica, incluindo estudos acerca do uso e da elaboração de dicionários, sobre as políticas de avaliação, que envolvem a aquisição e distribuição das obras, têm convidado à reflexão diferentes segmentos da linguística, como a dialetologia e a sociolinguística. Trabalhos como os de Aguilera (2011), Cardoso (2011), Mota (2011) e a coletânea organizada por Bagno e Carvalho (2011) comprovam uma tendência de discutir aspectos até contemplados pelos lexicógrafos, mas sem o amparo teórico devido. A título de exemplo, a contribuição de dados geolinguísticos presentes nos atlas linguísticos é tema de algumas das referências mencionadas. Também, a “reivindicação” pelo tratamento adequado dos fenômenos da variação linguística tem suscitado cada vez mais discussões, que buscam apontar os caminhos para que os dicionários não “se omitam da tarefa de tratar satisfatoriamente o português brasileiro contemporâneo em toda a sua multiplicidade de usos” (BAGNO, 2011, p. 139).

Rangel (2011, p. 47) chama atenção para o fato de que, em muitas publicações, ainda se adota uma “concepção conservadora de língua, de léxico e de dicionário, na contramão tanto da pesquisa acadêmica contemporânea quanto do perfil do estudante brasileiro de hoje”. Encontra-se aí um sintoma da negação da diversidade linguística

cultivada pelas fontes metalinguísticas que servem de referência para o ensino/aprendizagem de línguas. Atuando como legitimador de normas, o dicionário ainda constitui uma autoridade determinante na formação de uma nova mentalidade linguística que, em vez de estigmatizar, forneça subsídios para a aceitação da diversidade linguística como inerente ao idioma. Assim, a proposta lexicográfica deve incorporar recursos que permitam a constituição de uma descrição adequada da língua, com suas nuances variacionais incluídas.

Comprometido com também com essa questão, o *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD) passou, a partir do ano 2000, a contemplar obras lexicográficas monolíngues do português. Com edições em 2002, 2004, 2006 e 2012, o PNLD – Dicionários avaliou materiais utilizados nos ensinos fundamental e médio. Os aspectos observados, desde a proposta lexicográfica ao tratamento das informações linguísticas, contemplando-se ainda a configuração tipográfica, têm permitido uma apreciação crítica das obras, prenunciando uma maior integração entre as lexicografias teórica e prática. Através desse sistema avaliativo, uma ampla reflexão acerca de questões linguísticas passou a ser desenvolvido, constituindo mais um acréscimo à metalexigrafia moderna.

O PNLD tem sua importância ampliada por evidenciar um ramo digno de especial atenção, a lexicografia pedagógica. O propósito escolar tem estado presente na história do fazer lexicográfico, uma vez que o dicionário, além de desempenhar o papel de instrumento legitimador, tem a função de servir de fonte de consulta aos aprendizes de um idioma. Este propósito faz com que o aspecto organizacional da obra mereça atenção especial, o que tem sido reforçado por ferramentas avaliativas como o Programa citado. Rangel (2011, p. 54) enfatiza a relevância da proposta lexicográfica, especialmente no âmbito pedagógico, pautando-se no PNLD para determinar aspectos avaliativos que devem orientar a construção de dicionários voltados ao ensino de idiomas. São esses: a seleção vocabular; as estratégias de explicitação dos sentidos; padrões de definição mais naturais, como a sinonímia, a exemplificação e as ilustrações; a linguagem empregada nos enunciados definitórios; as definições oracionais; o projeto gráfico-editorial.

Surge, neste ponto, a necessidade de se abordar o aspecto tipológico por conta de sua presença inevitável na constituição do estudo metalexigráfico. Ao tratar do PNLD, fica evidente uma preocupação com dicionários escolares, que fazem parte de um segmento sobre o qual há uma grande concentração de trabalhos teóricos na

atualidade. Encarar o dicionário como ferramenta essencial ao ensino e à aprendizagem tem sido uma das grandes preocupações dos teóricos contemporâneos, no desenvolvimento de estudos que defendem a inserção de registros de uma norma menos padrão, adotando-se uma postura menos prescritivista. São, assim, classificados como escolares os materiais que possuem uma proposta lexicográfica voltada ao emprego na sala de aula, critério, contudo, pouco preciso, já que o outro polo dessa dicotomia também pode ser utilizado com a mesma finalidade, o dicionário geral.

As taxonomias fazem parte do fazer científico, e na esfera (meta)lexicográfica não tem sido diferente, havendo consensos e divergências quanto às tipologias empregadas, em alguns casos mais do que em outros. Bugueño (2014) sustenta que há três tipos de classificação aplicados a dicionários: impressionista ou fenomenológica; funcional; linguística. A primeira está associada a aspectos como o tamanho, quando se define um dicionário como mini ou de bolso, e a densidade macroestrutural (dimensão da nomenclatura, ou seja, o número de entradas). O autor, contudo, defende que não seria um “parâmetro universalmente válido de classificação” (BUGUEÑO, 2014, p. 216), por não ser possível identificar uma metodologia que forneça critérios para esse tipo de classificação, como, por exemplo, uma explicação a respeito do cálculo para se chegar ao número adequado para um determinado público.

A classificação com base no critério funcional, como o próprio nome diz, é determinada pela função que se planeja para o dicionário, relacionando-a a seu público-alvo, caso dos dicionários escolares, infantis, gerais. O terceiro tipo apontado tem o critério linguístico como norteador, que se faz presente em categorias como a dos dicionários monolíngues, bilíngues e plurilíngues. O autor chama atenção tanto no modelo taxonômico funcional quanto no linguístico para a falta de complementaridade entre ambos, já que não é possível, por exemplo estabelecer uma distinção entre obras semasiológicas e onomasiológicas, no caso de um dicionário infantil, ou, tratando-se de um dicionário monolíngue, o critério funcional está ausente.

Além dos questionamentos levantados por Bugueño (2014), é perceptível a tendência de que as classificações utilizem, quase sempre, noções dicotomizantes. A organização necessária ao desenvolvimento científico prescinde de agrupamentos e categorias, mas os modelos prototípicos de cada grupo muitas vezes constituem exceção, de modo que os demais elementos pertencentes a um conjunto possuem traços híbridos que os tornam aptos a figurar em outras tipologias. No caso da lexicografia, estabelecem-se dicotomias como monolíngue vs. bilíngue, cujo critério parece não

deixar dúvidas quando a distinção entre um dicionário que contém uma língua e aquele que contém duas. Por outro lado, dicotomias como *geral/escolar*, *geral/thesaurus*²² levantam questionamentos tanto no âmbito funcional quanto linguístico, já que, no primeiro, o fato de a obra ser geral não exclui a possibilidade de ser utilizada com estudantes de ensino médio, assim como também o fato de um dicionário ser considerado geral, como é caso do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, mas que apresenta traços de tesouro, por agrupar, após as acepções, unidades lexicais com base em seus significados.

Outra tentativa de classificação de obras lexicográficas foi colocada em prática por Haensch (1982), que sugere oito critérios: formato e número de entradas; caráter linguístico; sistema; número de línguas; seleção do léxico; ordenação das matérias; finalidades do dicionário; meios de divulgação. No quadro 4, adaptado de Silva (2007, p. 288), é possível observar que Haensch (1982) optou por mais subdivisões do que Bugueño (2014), o que torna a classificação mais detalhada e abrangente, no entanto, os questionamentos feitos por este autor acerca das tentativas taxonômicas continuam valendo mesmo na classificação mais pormenorizada do quadro 4. Além disso, permanece a tendência dicotomizante em que tipos são determinados a partir de modelos prototípicos, que normalmente não correspondem à realidade.

Nesta tese, prevaleceu o critério linguístico ou do número de línguas, ao se escolherem dicionários monolíngues e bilíngues, impressos, eletrônicos *off-line* e *online*. Além dessa seleção “voluntária”, determinada pelo objetivo principal de analisar a variação lexical no PB de perspectivas linguísticas diferentes, a semasiologia se fez presente na integralidade do *corpus*. O tipo semasiológico prevaleceu nos dicionários investigados, em que o critério de busca foi a atenção atribuída ao léxico brasileiro. O predomínio da orientação semasiológica resulta do contato com uma lexicografia de maior circulação tanto no âmbito monolíngue quanto no bilíngue, em que a ordenação alfabética ainda é preferida pelos consulentes. Entre os dicionários investigados, de acordo com as classificações propostas, estão: gerais, parcial (diatópico), bilíngue “pocket” (de bolso, mini ou escolar), padrão. Invariavelmente, todos seguiram o padrão semasiológico.

²² Conhecido como “tesouro”, é definido da seguinte maneira: trabalho de listagem de palavras em que são elencadas palavras e frases associadas, usualmente sem definição e agrupados com base em seus significados. (STERKENBURG, 2003, p. 417).

Quadro 5. Classificação de Haensch (1982) para as obras lexicográficas

| Critério | Tipologia lexicográfica | |
|------------------------------|--|--|
| Formato e número de entradas | Dicionário geral (“todo” o léxico) Dicionário padrão (+- 50 mil) Dicionário escolar (15 a 30 mil) Dicionário infantil (4 a 5 mil) | |
| Caráter linguístico | Dicionário linguístico Dicionário enciclopédico Mistos | |
| Sistema linguístico | Obra realizada por um lexicógrafo ou equipe de lexicógrafos Obra baseada em <i>corpus</i> | |
| Número de línguas | Dicionário monolíngue Dicionário plurilíngue (bilíngue e multilíngue) | |
| Seleção do léxico | Vocabulário geral ou parcial | Geral ou parcial (dicionário geral) Dicionário parcial (de regionalismos, técnico etc.) |
| | Exaustão ou seleção | <i>Thesaurus</i> (exaustivo) Dicionário técnico (seletivo) |
| | Cronológico | Dicionário diacrônico Dicionário sincrônico Dicionário histórico Dicionário etimológico |
| | Prescrição ou descrição | Dicionário de Academia Dicionário de pronúncia Dicionário ortográfico |
| Ordenação das matérias | Dicionário semasiológico Dicionário onomasiológico Dicionário por imagem Dicionário de rimas | |
| Finalidades do dicionário | Dicionários de abreviaturas Dicionários paradigmáticos (de sinônimos, de combinatórias, de provérbios) | |
| Meios de divulgação | Dicionário eletrônico Dicionário impresso Dicionário <i>online</i> | |

É certo que, ao tratar da variação linguística, interessa a taxonomia, pois é natural que os dicionários, a depender da proposta lexicográfica, adotem diferentes tratamentos. É preciso, em alguns casos, traçar um perfil das obras estudadas a fim de que se encontrem métodos para o registro da variação em um determinado contexto. Para além das taxonomias apresentadas, vale “escutar” os próprios lexicógrafos, através dos textos disponíveis no *outside matter*, de modo a verificar em que âmbito estão incluídas as obras de acordo com o parecer do autor ou da equipe autoral. Será que há uma consciência taxonômica por parte dos lexicógrafos ou essa fica restrita à metalexicografia?

No quadro 6, são elencados os traços tipológicos apresentados nos prefácios dos dicionários utilizados como *corpora* nesta tese. Observa-se uma tendência geral, desde as obras mais antigas pesquisadas, a descrever o contexto em que o material se insere, com indicação acerca do público a que se destina, posicionamento adotado acerca das línguas cujo léxico é registrado e também quanto às variantes evidenciadas. Por outro lado, os aspectos estruturais, que, evidentemente, foram impulsionados pelos avanços tecnológicos aparecem com mais frequências nas obras contemporâneas, em que, inclusive, o cunho comercial da lexicografia passou a exigir apelos quanto à publicidade das obras. Com vistas a atingir o mercado editorial em que os modelos impressos têm perdido espaço, as obras passaram a conter informações mais precisas sobre a densidade macroestrutural, visando atingir consulentes ávidos por fontes de consulta que deem conta de um universo lexical cada vez mais amplo, dinâmico, mas que continue a reproduzir a norma de prestígio.

Quadro 6. Comparativo de traços tipológicos dos dicionários analisados.

| Dicionários | Número de línguas | Número de entradas | Público-alvo | Proposta linguística | Tipo de suporte |
|-------------|-------------------|----------------------------|--|---|-----------------------|
| AVT (1773) | Bilíngue | Não especificado | Leitor português e inglês | Português e inglês, com atenção especial direcionada ao vocabulário relativo à guerra e ao comércio. | Impresso fac-similado |
| HM (1923) | Bilíngue | Não especificado | Leitor inglês, português e brasileiro. | Português luso-brasileiro e inglês, com atenção especial voltada às locuções familiares e profissionais relativas ao comércio e à indústria. | Impresso |
| RPP (1943) | Bilíngue | Não especificado | Estudantes de língua portuguesa e pessoas que tenham que usar essa língua visando propósitos práticos. | Português contemporâneo e representa o uso brasileiro. | Impresso |
| TM (1964) | Bilíngue | Não especificado | Não especificado. | Não especificado. | Impresso |
| CH (1983) | Bilíngue | Não especificado | Pesquisadores e estudantes envolvidos em aulas, mas também viajantes, homens de negócios, diplomatas, clérigos, tradutores e outros que necessitem aprender a língua falada no Brasil atualmente. | Documentação do léxico informal contemporâneo do Brasil. | Impresso |
| JT (1970) | Bilíngue | +60.000 entradas | Desde estudantes iniciantes da língua a professores de português; desde viajantes, tradutores, exportadores, importadores, a técnicos, engenheiros, cientistas, pessoas profissionais, oficiais de governo e diplomatas. | Atenção especial ao português do Brasil (com incorporação de muitas variantes), incluindo vocabulário relacionado à fauna e à flora, grande número de palavras técnicas das artes e ciências, muitos coloquialismos, expressões idiomáticas, gírias e expressões. | Impresso |
| BC (1991) | Bilíngue | + 38.000 entradas | Não especificado. | Diferentemente da maioria dos dicionários português-inglês, inglês-português, enfatiza a variedade brasileira do português. | Impresso |
| ONPD (2008) | Bilíngue | + 40.000 palavras e frases | Obra de referência prática e abrangente para turistas, estudantes e pessoas de negócios que necessitam de respostas rápidas e confiáveis para suas traduções. | Inclusão das variedades brasileira e europeia do português. | Impresso |

| Dicionários | Número de línguas | Número de entradas | Público-alvo | Proposta linguística | Tipo de suporte |
|-----------------|-------------------|------------------------------------|---|--|-------------------------------|
| AM (2010) | Bilíngue | +/- 10.000 entradas | Não especificado. | Inglês americano e português brasileiro. | Eletrônico <i>off-line</i> |
| LIN (2015) | Bilíngue | Não especificado. | Não especificado. | Não especificado. | Eletrônico <i>online</i> |
| MIC (2017) | Bilíngue | +/- 167.000 verbetes | Não especificado. | Não especificado. | Eletrônico <i>online</i> |
| DCLP (1881) | Monolíngue | Não especificado | Dicionário portátil para a maioria das pessoas que falam a língua portuguesa. | Vocabulário que represente a língua portuguesa como ela é hodiernamente, contendo palavras do domínio da conversação, neologismos sancionados pelo uso e pela necessidade e termos técnicos e arcaísmos. | Impresso fac-similado |
| DVB (1889) | Monolíngue | Não especificado | Não especificado. | Português brasileiro | Impresso fac-similado |
| NDLP (1913) | Monolíngue | Não especificado | Não especificado. | Português europeu, não só do continente, mas dos arquipélagos açoreano e madeirense; português brasileiro, incluindo termos da população indígena. | Impresso fac-similado |
| GNDLP (1954) | Monolíngue | Não especificado | Feito principalmente para brasileiros. | Português de Portugal, da África e Ásia. Nenhuma denominação é atribuída ao português do Brasil, por ter sido feito principalmente para brasileiros. | Impresso |
| DHLP (2009) | Monolíngue | + 442.000 entradas | Não especificado. | Não especificado. | Impresso Eletrônico CD-ROM |
| NADCLP (2011) | Monolíngue | 75.756 verbetes 18.645 locuções | Não especificado. | Consistente representatividade do léxico da língua portuguesa falada no Brasil | Impresso |
| | | 818.000 verbetes | | | Eletrônico <i>online</i> |
| DOP (2009-2017) | Monolíngue | + 400.000 palavras | Não especificado. | Língua portuguesa e a constante evolução de suas palavras, o Dicio contextualiza suas definições com exemplos reais de uso da língua. | Eletrônico <i>online</i> |

Fontes: Transtagano (1773); Michaelis (1923); Richardson et al. (1943); Lamb (1964); Chambelain et al. (1983); Taylor (1970); Oxford (2008); Chamberlain (1991); Marques (2010); Michaelis (2017); Linguee (2015); Aulete (1881); Beaurepaire-Rohan (1889); Figueiredo (1913); Freire (1954); Houaiss (2009); Aulete (2011); Dicio (2009-2017)

Enfim, em qualquer circunstância, um requisito para a investigação metalexigráfica é a adoção de critérios de análise que permitam avaliar as obras a partir dos objetivos pretendidos e da configuração social atual em que se reivindicam cada vez mais instrumentos legitimadores que convidem à reflexão acerca da realidade, diversa como é, e não prescrita a partir de um padrão dominante e idealizado. Na presente oportunidade, leva-se em conta não só a proposta lexicográfica das obras investigadas, mas o tratamento do português brasileiro e da variação linguística, adotando-se o aporte teórico da geolinguística pluridimensional (CARDOSO, 2010) e da lexicografia variacional (MACHADO FILHO, 2014) para a análise dos dados. Dessa maneira, ainda que a estrutura dos dicionários como um todo tenha sido observada, atribuiu-se ênfase aos recursos utilizados nessas obras para apresentação da variedade brasileira do português.

5.2.1 DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES

Na tradição lexicográfica, nota-se uma tendência a associar o conceito de dicionário muito mais ao tipo unilíngue, como se estivesse subentendido o tratamento de uma única língua nesses materiais. Sterkenburg (2003, p. 3) se refere a uma definição de um “dicionário prototípico”, que seria o dicionário geral alfabético monolíngue, cujas características são o uso de um idioma para o objeto e os métodos de descrição deste, a natureza exaustiva da lista de palavras descritas e a natureza mais linguística do que enciclopédica do conhecimento oferecido. Béjoint (2000, p. 40) completa esse raciocínio justificando o que faz com o esse tipo de dicionário seja tão prototípico:

It is the one that every household has, that everyone thinks of first when the word *dictionary* is mentioned, it is the type that is most often bought, most often consulted, the one that plays the most important role in the society that produces it.²³

Reforça ainda esse aspecto a definição de dicionário elaborada por Krieger (2011, p. 133):

²³ Tradução livre: Esse é o tipo que toda família tem, aquele que todos pensam em primeiro lugar quando a palavra dicionário é mencionada, é o tipo mais frequentemente comprado e consultado, que desempenha o papel mais importante na sociedade que o produz.

Obra que sistematiza e legitima o léxico de um idioma, funcionando como uma espécie de cartório de palavras, e como instrumento de autoridade que fixa padrões linguísticos.

Essa perspectiva é assegurada também por lexicógrafos:

Compilação completa ou parcial das unidades léxicas de uma língua (palavras, locuções, afixos etc.) ou de certas categorias específicas suas, organizadas numa ordem convencional (alfabética), que pode fornecer, além das definições, informações sobre ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia. (HOUAISS, 2009)

Reconhece-se, assim, a dominância da cultura monolíngue no âmbito lexicográfico, resultante da noção prototípica tão comum à constituição de definições mais precisas no âmbito científico. A exatidão, necessária à construção do objeto observacional, acaba por determinar a criação de modelos prototípicos que se encaixem plenamente no conceito-chave formulado por uma teoria. A lexicografia, assim, exige uma definição de dicionário que seja compatível com o que se pretende elaborar, dentro de limites teóricos. É preciso, contudo, estar atento às restrições inadequadas, que podem resultar em padrões mais limitantes do que o necessário. Compreendendo-se o dicionário monolíngue como uma das possibilidades categóricas desse instrumento de consulta, James e Hartmann (1998, p. 95) o definem como:

a type of REFERENCE WORK in which the words of a language are explained by means of that same language, in contrast to INTERLINGUAL DICTIONARIES. For most languages, the monolingual dictionary (also called 'general', 'explanatory' ou 'usage' dictionary) is the prototypical work of reference for native speakers. For the same reason, it has also been the most popular and best studied dictionary genre.²⁴

O critério linguístico tem sido o principal, ou, no mínimo, um dos determinantes, na distinção tipológica de dicionários. A dicotomia monolíngue vs. interlíngue/plurilíngue tem sido protagonista nas discussões teóricas lexicográficas. Como em todo contexto dicotômico, tem sido cultivada uma propensão histórica à valorização de uma em detrimento da outra, no caso a preferência pousado sobre as obras monolíngues. É provável que algumas características comumente atribuídas a esta

²⁴ Tradução livre: Um tipo de obra de referência em que as palavras de uma língua são explicadas por meio da mesma língua, em contraste aos dicionários interlíngues. Para a maioria dos idiomas, o dicionário monolíngue (também chamado 'geral', 'explanatório' ou 'de uso') é a obra de referência prototípica para falantes nativos. Pela mesma razão, tem sido o gênero lexicográfico mais popular e estudado.

classe tenha reforçado as avaliações positivas, muito especialmente em contexto de aprendizagem de língua estrangeira.

Como defende Landau (2001, p. 8), as publicações monolíngues são destinadas a falantes nativos, a aprendizes de um segundo idioma num país onde este é amplamente falado como língua nativa ou “língua franca” ou ainda a pessoas que estão aprendendo uma língua estrangeira. O autor emenda que esse tipo de material fornece muitos tipos de informação sobre as entradas, contudo, mais relevantes são as definições, em que o objetivo principal é explicar o que as palavras significam e como utilizá-las, por meio de definições perifrásticas no mesmo idioma da palavra entrada. Os atributos apontados por Landau correspondem, de algum modo, à realidade, mas, ao mesmo tempo em que fazem do dicionário monolíngue uma fonte (supostamente) mais completa e abrangente, podem constituir uma questão passível de críticas.

Os estudos linguísticos e as mudanças de concepção acerca da língua, promovidas por novas correntes teóricas como a sociolinguística, a partir de meados do século XX, têm promovido frequentes discussões no âmbito da lexicografia geral, ou monolíngue. Em coletânea organizada por Bevilacqua et al. (2011), convidam-se teóricos a responder questões atinentes à técnica lexicográfica a partir de diferentes pontos de vista, visando compreender o aporte teórico que deve sustentar as principais informações a serem disponibilizadas nesse tipo de publicação. Cardoso et al. (2011), p. 57-62) argumentam acerca dos critérios que devem orientar a inserção de lusitanismos, africanismos, regionalismos, sugerindo que se recorra à documentação escrita e a acervos documentais da fala (Projeto NURC, VARSUL, PEUL etc.). Além disso, sugere-se também a consulta aos atlas linguísticos, que resultam de trabalhos geo e sociolinguísticos exaustivos.

A referência citada é apenas um entre tantos exemplos de trabalhos teóricos brasileiros sobre a lexicografia monolíngue. De modo semelhante, Bagno (2011, p. 119-140) se posiciona em *Dicionários, variação linguística e ensino* sobre o tratamento dado à variação em dicionários escolares monolíngues, concluindo o linguista que:

Não há justificativa para que os dicionários escolares se omitam da tarefa de tratar satisfatoriamente o português brasileiro contemporâneo em toda sua multiplicidade de usos. (BAGNO, 2011, p. 139)

Diferentemente do que se observa quanto à lexicografia bilíngue, as publicações monolíngues têm sido alvo de investigação por parte de linguistas que cobram uma

integração maior com os estudos linguísticos contemporâneos, que preconizam uma visão de língua mais científica, descritiva, social. Esse apelo está associado ao fato de o dicionário monolíngue estar comprometido com uma visão mais geral sobre o idioma, que exige a inclusão das informações requeridas não só pelo falante nativo, mas também pelo consulente estrangeiro familiarizado de algum modo com a língua portuguesa. Swanepoel (2003, p. 56) defende que haja uma distinção tipológica entre dicionários monolíngues voltados a falantes nativos e os pedagógicos, ou para aprendizes, destinados a quem está aprendendo um idioma como segunda língua (L2) ou língua estrangeira (LE). Considerando-se, contudo, a escassez de dicionários monolíngues brasileiros voltados a falantes não nativos, a diferenciação proposta torna-se dispensável, já que os monolíngues para nativos predominam no Brasil para ambas as finalidades.

Num viés histórico, a lexicografia monolíngue constituiu um dos pilares do desenvolvimento da norma lexical brasileira. No que diz respeito à variação, observa-se, diacronicamente, uma ampliação e sistematização dos recursos que a registram. Mesmo assim, não são poucas as críticas acerca do registro da diversidade linguística em dicionários monolíngues do português brasileiro. A participação no projeto de construção do idioma nacional, que possibilitou o fortalecimento da variedade brasileira no cenário nacional e internacional, reforçou o caráter prescritivista da lexicografia monolíngue no Brasil, ao eleger normas de prestígio e estigmatizar usos ou desconhecer a variação espacial lexical em seu sentido mais amplo.

A lexicografia monolíngue do português tem seu marco histórico no *Dicionário da língua portuguesa* composto por Antônio de Moraes Silva, reeditado sete vezes, entre 1813 e 1891. Interessa, no entanto, o histórico da lexicografia brasileira, que só passa a se desenvolver efetivamente a partir do século XX, ainda que se reconheçam as tentativas anteriores a esse período, já no século XIX:

De fato, porém, a primeira tentativa de descrever o vocabulário brasileiro foi feita por Antônio Joaquim Macedo Soares. Ele seria o primeiro dicionarista a descrever o português brasileiro se sua obra tivesse sido publicada integralmente no século dezenove. Contudo, só a primeira parte, a letra C, foi publicada em 1888. Seu dicionário contém definições claras e precisas bem como informações de natureza fonética e etimológica. A posição nacionalista de Macedo Soares que pugnava pelo reconhecimento da individualidade do português brasileiro está evidente nesta passagem: "... no Brasil [...] todos [...] falamos e escrevemos nesta nossa língua que os críticos de Lisboa censuram" (Soares, 1954, p.xx) (BIDERMAN, 2002, p.71).

Assim também, a obra de Beurepaire-Rohan (1889), de forma mais concisa, representa, nesta investigação, uma primeira tentativa de registro do léxico brasileiro, pertencente à classe dos dicionários parciais, atribui ênfase à descrição diatópica, com referências constantes à variacional dialetal no país e uma sistematização de abreviaturas que já chama atenção para o período em que foi elaborado. Assim como esse dicionário, os outros que figuram entre os *corpora* analisados nesta tese exerceram a função de instrumentos legitimadores do PB, empregando, para tanto, a marca uso mais representativa dessa variedade: o “brasileirismo”.

Inicialmente situada na esfera gramatical, a marca de uso “brasileirismo” emerge no plano sintático, mas logo é incorporada à lexicografia como indício da formação de uma unidade linguística diversa da europeia. É perceptível o cunho político desse recurso microestrutural, não exclusivo da lexicografia monolíngue, que, mesmo representando uma tentativa de autonomizar o português brasileiro, evidencia uma sujeição. O registro do PB, dessa maneira, não gozava do prestígio de uma língua, sendo marcado como variedade submetida ao padrão europeu vigente. Freire (1954), visando romper essa tendência, opta por não incluir a marca “brasileirismo” em seu dicionário, por considerá-la desnecessária numa obra, de fato, brasileira.

A análise diacrônica revela diferentes posicionamentos quanto ao registro da variedade brasileira, a partir do século XIX, contudo, mantem-se a tendência, própria à tradição lexicográfica, de copiar verbetes de obras anteriores, ainda hoje. Assim, as interferências das primeiras publicações são sentidas até nos dicionários mais modernos, quando se observam definições idênticas às primeiras encontradas sobre um mesmo lema. No quadro 7, entre os dicionários de 1881, 1913 e 1954, é notada a utilização do *genus* “volta” em todas as definições, que torna a ser utilizado no dicionário eletrônico *online*. Houaiss (2009) e Aulete (2011), talvez na tentativa de elaborarem uma definição mais precisa, optam pelo *genus* “movimento”, rompendo com a tradição mencionada.

Quadro 7. Comparativo de cambalhota

| Dicionário | Verbetes |
|--------------|---|
| DCLP (1881) | Cambalhota (kan-ba- <i>lhó</i> -ta), <i>s.f.</i> volta que se dá virando o corpo por sobre a cabeça; reviravolta; trambolhão. |
| NDLP (1913) | cambalhota <i>f.</i> Volta, que se dá com o corpo, baixando a cabeça, ou firmando-a no chão, e levantando as pernas posteriormente, para caírem do outro lado. Trambolhão. (Do rad. de <i>cambar</i> ¹) |
| GNDLP (1954) | CAMBALHOTA , <i>s.f.</i> Volta que se dá com o corpo, baixando a cabeça ou firmando-a no chão e depois levantando as pernas para caírem do outro lado. 2. Queda, trambolhão. 3. Passe de cartas de jogar, de cima para baixo do baralho. |

| | |
|--------------------|--|
| | 4. Reviravolta. 5. Mudança de opinião. |
| DHLP (2009) | cambalhota s.f. (1789) 1 movimento ou exercício em que se faz o corpo girar para a frente ou para trás, com ou sem apoio em qualquer superfície, realizando uma revolução em que os pés passam por cima da cabeça e voltam a tocar o chão; bagaço, cabriola, cambota 2 p.ext. qualquer salto acrobático 3 p.ext. qualquer movimento em que algo gira ou rodopia sobre si mesmo; reviravolta 4 queda espalhafatosa, desastrada, esp. com os pés para o ar ou com movimento grotesco do corpo; trambolhão 5 fig. mudança repentina da condição ou situação de algo ou alguém <de repente, sua vida deu uma c.> ☉ ETIM orig.duv., prov. ligado a <i>cambalear</i> ☉ SIN/VAR ver sinonímia de <i>queda</i> ☉ HOM <i>cambalhota</i> (fl.cambalhotar) |
| NADCLP (2011) | cambalhota (cam.ba.lho.ta) [ó] sf. 1. Movimento em que se gira o corpo sobre a própria cabeça, apoiando ou não as mãos no chão ou em qualquer superfície sólida; CAMBOTA ; CABRIOLA 2. Acrobacia no ar 3. Giro ou rodopio sobre si mesmo (na direção vertical, de baixo para cima ou vice-versa) sem apoio; REVIRAVOLTA 4. Queda desastrada com as pernas para o ar; TRAMBOLHÃO 5. Fig. Mudança repentina (numa situação etc.) [F.: Posv. dev. de <i>cambalear</i>] Dar ~ s 1 Fig. Fazer ou dizer coisas opostas, contraditórias (seja de modo hábil, ou desajeitadamente) para conseguir algo muito difícil sem perder o controle da situação, o equilíbrio, a coerência: <i>Teve de dar cambalhotas para explicar suas declarações.</i> Dar uma ~ Fig. Sofrer mudança acentuada e brusca; ter ou passar por uma reviravolta |
| DOP (2009-2016) | Cambalhota Significado de Cambalhota s.f.Volta que se dá com o corpo, apoiando-se ou não a cabeça, ou as mãos, no chão. Sinônimos de Cambalhota Cambalhota é sinônimo de: <u>pirueta</u> , <u>cabriola</u> , <u>viravolta</u> |

Fonte: Aulete (1881); Beaurepaire-Rohan (1889); Figueiredo (1913); Freire (1954); Houaiss (2009); Aulete (2011); Dicio (2009-2016)

O detalhamento das definições apresentadas nos verbetes das obras monolíngues constituiu um aspecto favorável à investigação aqui desenvolvida. A riqueza desses *corpora* extrapola os âmbitos mega e microestruturais, pois, assim como em qualquer gênero textual, o verbete também abriga a intertextualidade²⁵. Referências implícitas e explícitas se mesclam às definições e à megaestrutura, seja por meio das informações pertencentes a diferentes áreas do conhecimento ou pelas menções a fontes especializadas para retirada de abonações e informações mais específicas, técnicas, restritas ao âmbito científico, transplantadas para a esfera lexicográfica. Há, não raras vezes, em dicionários de maior porte, a listagem de referências consultadas na elaboração da obra.

²⁵ Considerada uma dos critérios da textualidade (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981), a intertextualidade diz respeito às “[...] relações entre um dado texto e os outros textos relevantes encontrados em experiências anteriores, com ou sem mediação. Há hoje um consenso quanto ao fato de se admitir que todos os textos comungam com outros textos, ou seja, não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário.” (MARCUSCHI, 2008, p. 129)

Nos dicionários monolíngues mais antigos, as obras literárias constituem um suporte essencial à elaboração dos verbetes, assim como acontecia nas gramáticas, tomando-se frases como modelo, e não somente exemplo, dos usos lexicais registrados. Charmberlain e Harmon (1983) se destacam, já no âmbito dos bilíngues, pelo caráter da obra elaborada, um dicionário informal do português brasileiro, e, especialmente, por se basear não somente em *corpora* escritos, mas também falados. Listam-se os informantes principais entrevistados na pesquisa dialetal para constituição do dicionário, contudo, não se especifica a metodologia empregada.

5.2.2 DICIONÁRIOS BILÍNGUES

Apesar de se levar em conta a hegemonia do unilinguismo neste estudo acerca da variação dialetal no português brasileiro, compreende-se aqui uma perspectiva mais ampla, com um propósito histórico, em que o modelo bilíngue também integra o escopo de um estudo acerca do léxico. Sanromán (2000, p. 13) chama atenção para o “abandono” a que tem sido submetida a lexicografia bilíngue, que exerce papel fundamental neste estudo. A escassez, nesse campo, é ainda maior quando se trata de incluir esses materiais no âmbito dos estudos diacrônicos do léxico. Nesse sentido, vale citar Verdelho (1991, p. 252), que propõe:

1. A lexicografia bilingue como fonte e campo de ensaio para as soluções técnicas e para a fundamentação teórica dos dicionários portugueses.
2. A lexicografia bilingue como fonte de referência para o estabelecimento de uma nomenclatura do “corpus” lexical português, e para a sua permanente actualização.
3. A lexicografia bilingue portuguesa como suporte e fonte de orientação para o uso e para o acesso à significação do vocabulário da própria língua portuguesa, antecipando quase toda a informação fornecida a partir de 1789 pelo dic. Monolingue.
4. A lexicografia bilingue como fonte particularmente caudalosa para a pesquisa ainda actual de levantamento do vocabulário português e para a elaboração da lexicografia da língua histórica.

A lexicografia, estruturada como disciplina linguística, emergiu bilíngue a partir da primeira metade do século XVI, fundamentando-se no ensino do latim como língua estrangeira. À medida em que a prática escrita avançava, fazia-se necessário o desenvolvimento de reflexões metalinguísticas, contextualizadas pela configuração de um latim escolar que desencadearia a produção de material didático, cujo maior objetivo

era compreensão mútua entre línguas. A lexicografia portuguesa, ainda que modestamente, assim como a europeia de uma forma geral, erigiria seus pilares sobre o bilinguismo, confrontando latim e línguas vulgares, sob a influência de eméritos como Antonio de Nebrija e Ambrósio Calepino. Nesse histórico inicial, um marco importante se fixa na produção do português Jerônimo Cardoso, cujo *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* (1562) representa o início da dicionarização portuguesa e de procedimentos típicos da atividade lexicográfica:

Neste dicionário Cardoso promoveu a primeira alfabetação do “corpus” lexical vernáculo e deu assim origem, com maior ou menor interferência, a todos os subseqüentes dicionários do português, repercutindo-se efectivamente na técnica dicionarística, no levantamento das unidades lexicais, na referenciação do seu valor semântico, e na fixação da sua imagem ortográfica (SILVESTRE; VERDELHO, 2007, p. 14).

São bilíngues as obras que promovem o encontro de dois idiomas. Defende Carvalho (2001, p. 49) como “mais básica e evidente diferença” entre monolíngue e o bilíngue o fato de este apresentar equivalências interlinguísticas, enquanto aquele é construído a partir de definições. Apesar de esse traço distintivo não se confirmar em todas as circunstâncias, há um consenso quanto à associação entre dicionários bilíngues e os equivalentes lexicais:

A type of DICTIONARY which relates the vocabularies of two languages together by means of translation EQUIVALENTS, in contrast to the MONOLINGUAL DICTIONARY, in which explanations are provided in one language. This is at once its greatest advantage and disadvantage. By providing lexical equivalents, the bilingual dictionary helps language learners and translators to read or create texts in a foreign language. However, finding suitable lexical equivalents is a notoriously difficult task, especially in pairs of languages with different cultures²⁶ (JAMES; HARTMANN, 1998, p.14).

Mesmo concordando que os equivalentes lexicais representam uma das principais propriedades distintivas da lexicografia bilíngue em relação à unilíngue, os autores reconhecem os problemas interculturais advindos dessa prática. Se essa técnica já se configura habitualmente um desafio, quando entram em jogo unidades lexicais cujo uso está revestido de especificidades dialetais o grau de complexidade aumenta. Foram

²⁶ Tradução livre: um tipo de dicionário que relaciona os vocabulários de duas línguas unidos por meios de equivalentes de tradução, em contraste ao dicionário monolíngue, em que explicações são fornecidas em uma língua. Essa é, ao mesmo tempo, uma grande vantagem e desvantagem. Oferecendo equivalentes lexicais, o dicionário bilíngue auxilia aprendizes de idioma e tradutores a ler ou criar textos em língua estrangeira. Contudo, encontrar equivalentes lexicais apropriados é uma atividade notoriamente difícil, especialmente entre línguas com diferentes culturas.

constantes, nos usos dialetais mais específicos do PB, os registros de definições parafrásticas é possível encontrar inúmeros registros de usos lexicais atribuídos ao português brasileiro, em que as lexias são definidas e não associadas a equivalências, pela impossibilidade de encontrar correspondência lexical na língua-fonte (do consulente).

A falta de equivalentes entre duas línguas é tratada por Landau (2001, p. 10) como uma situação natural decorrente das circunstâncias culturais. O autor cita o exemplo de termos do *football* utilizados nos Estados Unidos e Canadá, como *tackle*, que não possuem equivalentes nos países onde o esporte não é jogado. A impossibilidade de equivalência vai além das culturas distante, uma vez que, como sugere o próprio, Landau (2001), ocorre também naquelas em que há algum parentesco. Não interessa, contudo, nesta oportunidade, considerar um aporte teórico relativo à linguística aplicada ou às ciências da tradução para discutir a aprendizagem ou técnicas empregadas no uso e na elaboração dos materiais avaliados. Importa compreendê-los no contexto histórico em que foram publicados, relacionando as técnicas empregadas às necessidades de cada época.

A depender dos interesses subjacentes, os dicionários podem ser incluídos em diferentes classificações, baseadas em critérios como tamanho, extensão da nomenclatura, metalíngua, abarcados pela megaestrutura (Figura 3). Acredita-se, entretanto, que, para fins históricos, o dicionário bilíngue precisa ser enxergado além das categorias normalmente utilizadas para classificá-lo, mono ou bidirecional, com base na posição das língua-alvo e língua-fonte na composição do verbete; de codificação ou decodificação, categorização utilizada nas discussões da linguística aplicada sobre o uso de dicionários bilíngues. Importa, na atual proposta, uma seleção tipológica abrangente, que contemple os diferentes papéis desempenhados por essa fonte de consulta em sincronias distintas.

it is impossible to classify dictionaries in a way that would be both orderly and applicable to all societies. Dictionaries come in more varieties than can ever be classified in a simple taxonomy [...] lexicographers keep finding new solutions, creating new categories and subcategories of dictionaries that will not fit into any prior classification²⁷ (BÉJOINT, 2000, p. 37).

²⁷ Tradução livre: é impossível classificar dicionários de uma forma em que sejam ao mesmo tempo ordenados e aplicáveis a todas as sociedades. Dicionários aparecem em mais variedades do que seria possível classificar em uma simples taxonomia. [...] lexicógrafos continuam encontrando novas soluções, criando novas categorias e subcategorias de dicionários que não se enquadram em nenhuma classificação anteriormente criada.

Em que pesem a variedade de tipos e a dificuldade de se abranger essa riqueza numa tentativa taxonômica, prevalecem, na metalexigrafia, algumas tendências classificatórias que orientam os trabalhos de pesquisa sobre dicionários bilíngues. De modo geral, adotam-se critérios baseados na função do dicionário, se destinado à codificação ou decodificação, que correspondem à produção ou recepção (HANNAY, 2003, p. 145). No caso de se enquadrarem na função de codificação ou produção, segue-se a direção língua-fonte → língua-alvo e visam atender à necessidade de achar na língua estrangeira a correspondência para o item desejado. Quanto àqueles que desempenham a função de decodificação ou recepção, organizam-se na direção língua-alvo → língua-fonte, buscando auxiliar o consulente na tarefa de compreensão de uma unidade lexical da língua-alvo. É possível, ainda, encontrar, como equivalência para língua-fonte a “língua materna”, mas essa correspondência não ocorre, na prática, de forma categórica.

Adicionalmente à classificação mencionada, costuma-se dividir dicionários que apenas apresentam a direção de codificação, ou seja, cujas entradas aparecem na língua-fonte, ou somente de decodificação, com entradas em língua-alvo, como monodirecionais. Àqueles que incorporam ambas as funções denominam-se bidirecionais, não pela função desempenhada, mas pela direção, ainda que estejam ambas, função e direção, conectadas nessas propostas. Nesta pesquisa, foram contemplados materiais bidirecionais, priorizando-se, contudo, a função de decodificação ou recepção, na perspectiva do consulente que tem no português sua língua-alvo. Essa preferência decorre do interesse de avaliar os recursos voltados à atividade de decodificação para registro da variação linguística.

In the case of a reception task, the situation is quite different. Here the use is going from the unknown to the known. What is unknown is a given L2 item, and the user's main problem is usually that she does not fully understand what the item means in the given context and may wish to translate the item into her own language. It is therefore essential in a reception-oriented dictionary to provide a comprehensive picture of the phonetic, semantic, grammatical, and stylistic features of a word. This can be done by including style labels (e.g. formal, literary), attitude labels (e.g. ironic, insulting), as well as social variety labels (e.g. child's language, soldier language) and a wide range of grammatical details. In addition, there is the opportunity to add domain-specific, culture-specific and encyclopedic information ²⁸(HANNAY, 2003, p. 148).

²⁸ Tradução livre: No caso da tarefa de recepção, a situação é muito diferente. Aqui o uso ocorrerá do desconhecido para o conhecido. O desconhecido é fornecido por meio de um item de L2, e o principal problema do consulente é que ele não entende integralmente o que o item significa em um dado contexto e pode desejar traduzi-lo em sua própria língua. É, assim, essencial em um dicionário de recepção

O avanço tecnológico proporcionou transformações significativas no suporte dos dicionários. Inicialmente veiculada como reprodução em CD-ROM das obras impressas, a lexicografia eletrônica tem ganhado autonomia e subvertido alguns padrões lexicográficos modernos. Como parte do estudo histórico desenvolvido, ignorar esse advento não seria justo, tanto pelo seu generalizado uso na modernidade quanto pelo novo olhar lançado sobre a lexicografia a partir desse produto. Propõe-se, como sugere Welker (2004, p.225), uma subdivisão para essa categoria, que contemple separadamente materiais *online* e *off-line*. No primeiro grupo, estariam as fontes que podem ser consultadas por acesso à internet; no segundo, estão incluídos tanto os dicionários que acompanham os volumes impressos, em CD-ROM, quanto os modelos portáteis, sem acesso à rede.

A relação com um público cada vez mais globalizado e ávido por atualização em curto espaço de tempo tem levado o dicionário eletrônico bilíngue *online* a ocupar posição de destaque frente às publicações impressas. Ainda que colocado no rol de uma lexicografia ancilar, o suporte *online* tem fornecido aos consulentes a praticidade, atualização e os recursos essenciais à compreensão da língua estrangeira. A própria noção de *corpus* na lexicografia é avivada por esse modelo que lança mão de ocorrências extraídas de *sites* de notícias, dentre outras fontes, visando uma contextualização mais real e condizente com o uso efetivo do idioma. Ademais, a pronúncia das unidades passou a não depender mais de interpretação da transcrição fonética fornecida, uma vez que, com um clique no ícone de áudio, é possível ter acesso à reprodução do som.

No campo das línguas portuguesa e inglesa, as tipologias variam e são reflexo de um intercâmbio linguístico diversificado e profícuo. Se os propósitos políticos, comerciais e bélicos movimentaram essa aliança a partir do século XIV, a configuração dessa relação adquiriu nova feição com o passar do tempo. A lexicografia inicialmente concentrada nas mãos de uma elite intelectual e dependente de influência política para sua execução era beneficiada pelo excesso de espaço, refletido no volume de páginas. Dicionários não eram feitos para circulação geral, mas apenas entre uma minoria. A

oferecer uma visão ampla dos traços fonéticos, semânticos, gramaticais e estilísticos de uma palavra. Isso pode ser feito incluindo marcas de estilo (ex.: formal, literário), marcas de atitude (ex.: irônico, insulto), bem como marcas de variação social (ex.: linguagem infantil, linguagem de soldados) e uma enorme variedade de detalhes gramaticais. Em adição, é possível acrescentar informações específicas de um domínio, uma cultura e informações enciclopédicas.

realidade mundial passou, contudo, por mudanças que têm permitido, cada vez mais, o acesso de segmentos sociais antes excluídos do conhecimento a novos espaços e novas realidades. Além de uma estruturação que acompanhasse esse processo, as obras passaram por revisões no que diz respeito à língua e seus valores sociais.

Os dicionários, aqui, são compreendidos como elaborações organizadas sob as noções de mega, macro e microestrutura. No caso dos bilíngues, esses conceitos ganham contornos especiais, pela relevância da apresentação de informações que oferecem ao aprendiz de uma língua estrangeira o suporte extralinguístico necessário ao falante não nativo. Desde os textos externos, passando pelo tamanho da nomenclatura, chegando à constituição dos verbetes e todos os recursos utilizados para contextualização do idioma ganham um valor mais robusto, pelo fato de se direcionarem aos consulentes sem domínio da língua-alvo, o idioma que precisa ser decodificado.

5.2.3 A PARCERIA PORTUGUÊS-INGLÊS

Ainda inexplorada no Brasil, no âmbito dos estudos histórico do léxico em dicionários, a lexicografia bilíngue merece espaço especial nesse contexto, como reiteradamente defendem Silvestre e Verdelho (2011, p. 14). O trabalho de Carvalho (2001) é, assim, inaugural, sendo a primeira publicação a fornecer um panorama geral no encontro entre o português e o alemão. Sobre o contato entre português e inglês, não se tem notícia de uma investigação lexicográfica em perspectiva histórica que dê conta do tratamento do português brasileiro.

Os dicionários bilíngues conservam em si uma fonte lexical original e diversificada, adequando seus objetivos, muitas vezes, à relação intercultural existente entre os idiomas. No caso do encontro entre português e o inglês, o contexto em que se inserem essas produções é determinante na estruturação da obra, de modo a atender às demandas intercambiais da sincronia a que pertencem. O trabalho de Transtagnano (1773), considerado pioneiro nesse contexto, oferece exemplos significativos tanto nos textos prefaciais quanto ao longo da nomenclatura. Seu prefácio, enriquecido pelos testemunhos do autor acerca das dificuldades enfrentadas na elaboração do dicionário e sobre os objetivos traçados no desenvolvimento de seu produto faz de *A dictionary of the Portuguese and English languages, in two parts: Portuguese and English, and*

English and Portuguese um *corpus* relevante para a proposta de pesquisa de cariz diacrônico.

Ensaíada desde 1294, a união entre Inglaterra e Portugal consolidou-se em 1386, com o Tratado de Windsor. O Tratado de Westminster, assinado em 1654, foi outro também a surgir, concedendo à Inglaterra privilégios políticos, econômicos e judiciais relativos a Portugal. O Tratado de Methuen, assinado em 1703, também conhecido como Tratado dos Panos e Vinhos, tornou-se um dos mais representativos documentos da aliança, apesar de ser o menor, em termo de linhas redigidas e em número de artigos. Pelos seus termos, os portugueses se comprometiam a consumir os têxteis britânicos e, em contrapartida, os britânicos, os vinhos de Portugal. As constantes negociações seladas pelo intercâmbio linguístico estimularam a produção lexicográfica, inaugurada por Antônio Vieira Transtagano, em 1773.

O encontro com o inglês, descontando a episódica e certamente obliterada publicação do “copioso dicionário” de 1701, foi auspiciosamente retomado em 1773 com a obra de Antônio Vieira Transtagano (1712-1797): *A dictionary of the Portuguese and English Languages, in two parts, Portuguese and English: and English and Portuguese* (VERDELHO, p. 26, 2011).

O lexicógrafo alentejano pode ser apresentado, dessa maneira, como precursor da elaboração dicionarística bilíngue português-inglês/inglês-português e instaurador de novos horizontes para o estudo do português, em terras britânicas, transcendendo as fronteiras vocabulares em direção aos propósitos políticos implantados pelas conquistas e pelo comércio entre as nações portuguesa e inglesa. Diferentemente do propósito didático e escolar, que perdura ainda na contemporaneidade, típico dos compêndios português-latim, no século XVI, o confronto bilíngue português-inglês, inaugurado pelo lexicógrafo alentejano no século XVIII busca atender às demandas geradas pelo intercâmbio linguístico fundamentado em tratados de cooperação comercial e militar.

O estudo de materiais bilíngues como o dicionário de Transtagano pode oferecer revelações essenciais à pesquisa lexical. O encontro político e histórico entre Portugal e Inglaterra fez da parceria entre as línguas portuguesa e inglesa um tema relevante pela força desse intercâmbio. Se, entretanto, no século XVIII era o português europeu a variedade linguística hegemônica, hoje, no século XXI, a lusofonia vive um período áureo em que a diversidade linguística rompe as fronteiras do português europeu. Com a fundação da *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* (CPLP), em 1996, tem-se

priorizado não eleger uma variedade apenas como representante de prestígio, buscando-se uma “normatização convergente” em meio à diversidade cultural e linguística dos países-membros através de medidas como a elaboração do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990 (AO90). Ocupando, hoje, o 5º lugar, também na internet, como idioma mais falado no mundo, antes apenas do hindu, mandarim, inglês e espanhol, o português avança no cenário internacional, desde as redes sociais às salas de aula, despertando cada vez mais o interesse de aprendizes atraídos pelo português como segunda língua (PL2), língua estrangeira (PLE) ou língua de herança (PLH).

Nesse contexto, o português brasileiro (PB), cujo número de falantes gira em torno dos 250 milhões, lidera o *ranking* não só pelo contingente populacional, mas pelo prestígio econômico internacional, conferindo posição de destaque à língua, originalmente lusitana, no cenário internacional. A progressiva visibilidade de uma insurgente e descentralizada lusofonia, incluindo as nações africanas e países observadores²⁹, tem sido cada vez mais contemplada pelas políticas linguísticas contemporâneas que incluem, entre outras iniciativas, a produção de ferramentas como o VOC³⁰ (Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa). A lexicografia bilíngue, com seu cunho pedagógico, desponta, assim, como um meio eficaz para o registro e a divulgação dessa nova lusofonia, atraindo olhares para a diversidade linguística caracterizadora do PB no presente.

5.2.4 MEGAESTRUTURA

A produção lexicográfica extrapola as fronteiras da seleção lexical e composição da nomenclatura. Sua elaboração envolve escolhas, métodos e um posicionamento teórico que pode permitir a caracterização histórica, cultural e linguística do material consultado. A apresentação de informações relevantes acerca da obra, o que inclui a justificativa para elaboração entre outras orientações detalhadas, facilita a busca por

²⁹ A CPLP é formada por oito países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. No entanto, outras formas de integrar a Comunidade são possíveis. É o caso dos países observadores, que precisam seguir os mesmos princípios que norteiam a CPLP: promoção da democracia, direitos humanos e boa governança. A condição de observador precisa ser pleiteada e acordada entre os oito Estados Membros.

³⁰ O VOC é um instrumento comum para a política da língua, construído pelos países que tem o português como língua oficial. uma base de dados digital disponível gratuita e universalmente para os cidadãos, acessível pela Internet, com aproximadamente 250 mil entradas e mais de dois milhões de formas ortográficas, realizada segundo os últimos avanços da lexicografia, composto por um vocabulário etiquetado que permite saber, entre outras coisas, o uso atestado de cada uma das palavras em cada país, possibilitando visualizar que palavras são comuns a todos os países e que palavras ocorrem em que país ou países especificamente. (Informações extraídas de <http://voc.cplp.org/>)

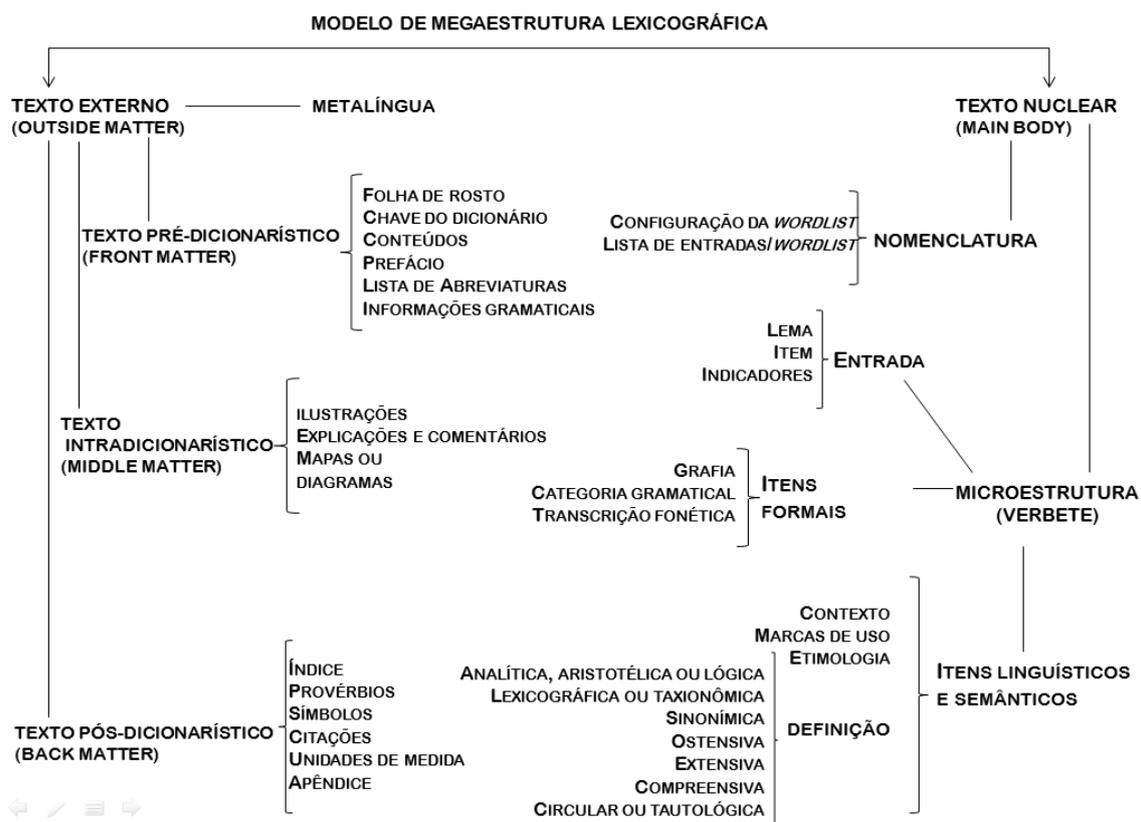
unidades e usos lexicais, definições e equivalências. Através de uma exposição clara da proposta lexicográfica, obtêm-se informações a respeito do contexto em que a obra foi escrita, os *corpora* que serviram de base para sua produção, aspectos linguísticos evidenciados, como, por exemplo, no caso da parceria português-inglês, as variedades linguísticas englobadas.

James e Hartmann (1998, p. 92-93) avaliam a megaestrutura como a totalidade das partes que compõem o produto lexicográfico, sendo formada pela macroestrutura e o *outside matter*³¹. Mesmo entendendo que a concepção de dicionário está fundamentalmente relacionada à compilação lexical, a matéria externa, é tão relevante quanto a exposição dos verbetes. No estudo histórico, essas informações externas à nomenclatura são reveladoras, muito especialmente no caso de obras antigas em que há escassez de dados biográficos acerca do autor e descritivos sobre a obra em si. Considera-se, dessa forma, dentro da investigação metalexigráfica, imprescindível a observação de elementos como prefácio, introdução, lista de abreviaturas e siglas.

Denomina-se, nesta ocasião, megaestrutura (Figura 1) o ponto mais abrangente, em que está inserido todo o corpo do dicionário. A ela estão conectados a metalíngua e os textos externos (*outside matter*), que não incluem o conjunto de entradas e verbete, mas o conteúdo pré, intra e pós-dicionarístico (*front matter*, *middle matter* e *back matter*). Também ligado à megaestrutura está aquele que pode ser considerado o setor nuclear, dentro da atividade lexicográfica, o *main body*, onde se inserem as macro e microestruturas. Mesmo reconhecendo a centralidade do trabalho minucioso de seleção lexical na elaboração do dicionário, confere-se, aos textos externos, neste trabalho, especial atenção. Ainda que seja variável entre os metalexígrafos a percepção acerca da importância dos textos de apresentação, para os objetivos aqui pretendidos, a presença e análise desse material têm muita relevância.

³¹ James e Hartmann (1998, p. 104) definem *outside matter* como todos os componentes da macroestrutura de uma obra de referência que não fazem parte da *word-list* central. É normalmente subdividido em *front matter* (ex.: prefácio e chave de consulta), *middle matter* (ex.: tabelas e quadros) e *back matter* (ex.: listas de nomes, pesos e medidas).

Figura 3. Quadro demonstrativo sobre a megaestrutura de um dicionário



Nos dicionários bilíngues, a metalíngua localiza-se no mesmo plano dos textos que compõem a estrutura externa dos dicionários, e constitui um nível diretamente relacionado à megaestrutura. É caracterizada como “a língua utilizada para comentários e explicações” (HONSELAAR, 2003, p. 324), sendo utilizada no texto externo e interno, no âmbito das informações paratextuais e microestruturais. Esse, inclusive, foi um dos aspectos aqui observados. É comum a adoção de uma metalinguagem nas línguas portuguesa e inglesa, em dicionários bilíngues bidirecionais, aquelas construídas, efetivamente, para consulentes de ambos os idiomas. No entanto, nem sempre essa relação é mantida, priorizando-se uma das línguas na elaboração da obra, o que, na perspectiva de alguns lexicógrafos, coloca esses produtos na categoria dos monodirecionais, ou seja, direcionados ao consulentes de uma das línguas apresentadas, da língua-fonte ou da língua-alvo.

Introdutoriamente, fazem parte do contexto pré-dicionarístico os elementos paratextuais, considerando-se a concepção de Genette (2009). Nesse espaço da produção lexicográfica, estão incluídos elementos que, seja de modo direto ou indireto, influenciam o leitor em sua pesquisa. Entre as funções do paratexto, o autor destaca:

lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem o mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente (GENETTE, 2009, p. 10).

No âmbito lexicográfico, podem ser considerados elementos paratextuais os textos introdutórios: capa, folha de rosto, em que se encontram informações adicionais à primeira, contemplando edição, ano e local de publicação, volume e epígrafe; chave do dicionário, em que se oferece ao leitor uma orientação sobre o processo de consulta à obra; lista de conteúdos, onde são elencadas as seções paratextuais da obra; prefácio, texto com explicações sobre o conteúdo, propósitos de elaboração da obra, público-alvo, dentre outros aspectos que variam de acordo com o cenário histórico e cultural em que a obra foi publicada, como menções a fontes de referência canônica e homenagens; lista de abreviaturas, cuja função tem papel de destaque nesta tese, uma vez que fornece indícios sobre o tratamento da variação linguística.

Neste estudo, o prefácio e a lista de abreviaturas recebem atenção especial. O primeiro pelo valor contextual e o segundo pela relação direta com as marcas de uso empregadas nos verbetes. No que diz respeito ao prefácio, ao longo da história da elaboração bibliográfica, surge como uma de suas partes constituintes, nem sempre recebendo a ênfase merecida. Numa fase definida por Genette (2009) como pré-histórica, os prefácios eram dotados de brevidade e simplicidade. Encontramos já textos com esse tipo de conteúdo na Proposição e na Invocação da *Epopéia*, no Exórdio da Retórica de *Aristóteles* e, até mesmo, nas primeiras páginas das obras historiográficas.

A inserção de textos introdutórios tem sido uma prática adotada por autores e editores na produção de dicionários. Nesta pesquisa, foi possível, inclusive, selecionar as obras para composição do *corpus* a partir dos prefácios que incluíssem o português brasileiro entre as variedades linguísticas mencionadas pelo autor. Notam-se, numa observação diacrônica, as transformações sofridas pelo prefácio a partir do século XVIII. Em ambas as categorias avaliadas, monolíngues e bilíngues, essas mudanças são notadas no nível linguístico e sociocultural. Quanto àquele, foi possível observar diferentes posicionamentos acerca do registro da língua portuguesa, das variedades linguísticas e áreas temáticas priorizadas. No tocante ao segundo aspecto, as publicações mais antigas possuem parágrafos direcionados a membros da elite política ou eclesiástica, muitas vezes revelando a pretensão de se conquistar o patrocínio necessário à publicação dos dicionários. Nos dias atuais, os fins comerciais da

lexicografia impressa têm reivindicado outros tipos de apelo, visando atrair um público seduzido pelo universo dos *e-books* e da *internet*.

Se, em 1773, quando da publicação do primeiro dicionário bilíngue português-inglês-português, a realidade lusófona ficava restrita ao padrão europeu e os comentários de Transtagano levavam em conta apenas a parceria entre Portugal e Inglaterra, nas obras do século XIX e XX, o português brasileiro já divide espaço com o europeu, ainda que submetido a esta variedade nos registros lexicográficos. A relevância da variedade brasileira vai, aos poucos, ganhando espaço e chega, no século XXI, ao seu auge, servindo de convite ao público interessado pelo aprendizado do português brasileiro, que tem crescido não só pelo destaque do país no cenário político e econômico, mas pelo fomento ao ensino de português como língua de herança, entre os filhos de imigrantes.

No tocante às abreviaturas, são fontes de informação na construção do dicionário, representando um indicador confiável na avaliação da obra quanto à norma, aqui entendida como encontro entre a língua e a sociedade. Essas evidências serão comentadas mais adiante, na seção em que se discutem as marcas de uso, já no âmbito microestrutural. O elenco de abreviaturas reflete, por exemplo, a atenção dada aos aspectos geolinguísticos dos idiomas, que, desde as primeiras publicações, têm se apoiado sobre uma visão conservadora tanto da língua portuguesa quanto da inglesa. Dedicam-se atenção maior, assim, àquelas que desempenham função variacional, no âmbito dialetal.

Na figura 3, nos textos intra e pós-dicionarísticos, são citados, respectivamente: ilustrações, explicações/comentários, mapas/diagramas e índice, provérbios, símbolos, citações, unidades de medida, apêndice. No *middle matter*, as ilustrações ficam restritas aos dicionários bilíngues ilustrados, não sendo um recurso aplicado às obras até então analisadas. A falta de espaço constitui obstáculo à utilização de elementos intradicionarísticos pelos autores e editores de obras menores, uma vez que imagens, tabelas, gráficos exigem ampliação do tamanho das páginas e das obras. Do mesmo modo, ainda que mais recorrente, o texto pós-dicionarístico está também submetido a essa limitação.

Vale lembrar, quanto ao domínio externo, que, mesmo havendo certo consenso na configuração estrutural adotada pelos autores e editores, na elaboração de um dicionário, há variação na constituição dos itens pertencentes ao *outside matter*, tanto no eixo diacrônico quanto tipológico. No texto pré-dicionarístico, em materiais bilíngues,

Figura 5: Errata apresentada por Transtagnano, ao final do volume português-inglês

| E R R A T A V O L. I. | | |
|---|---|--|
| <p>After <i>ABCESSO</i>, read <i>abcess</i> instead of <i>abcess</i>.</p> <p>After <i>ABEJARUCO</i>, read <i>abelheiro</i>, instead of <i>abelheiro</i>.</p> <p>Under the word <i>ABUSAR</i>, read to make one believe, instead of make one believe.</p> <p>After <i>ABELLADO</i>, read of the colour of a dead leaf, or philemot, instead of a faffroned, &c.</p> <p>Under the word <i>AGULHA</i>, read a- gulha de enfiadar, instead of <i>agulha de enfiadar</i>.</p> <p>Under the word <i>ALGARVE</i>, instead of, it is not determined, &c. read as follows; This word is derived either from the Arabic verb <i>عرب</i> the <i>sun</i> was <i>set</i>, because that province is situated in one of the western corners of Spain; or from the Arabic <i>خور</i> a plain, and also a low ground approaching to a valley; all the ground towards the shore of that province being remarkable for its lowness. <i>Tibama</i>, a province of Arabia, is called <i>خور</i> because its situation is such with respect to the rest of Arabia.</p> <p>After <i>ALMEIDA</i> do leme, read lower counter, instead of, the hole in the ship, &c.</p> <p>After <i>AMURADAS</i>, read gunwales, instead of the high sides.</p> <p>After <i>BAIRAM</i>, read <i>bairro</i>, instead of <i>barro</i>.</p> <p>After <i>BALSEMAM</i>, read gives, instead of give.</p> | <p>Under the word <i>BOCA</i>, instead of P. da mão não admite fiador, read P. a boca não admite fiador.</p> <p><i>CAMISA</i>. After writing what In- dorus says, I met with the word <i>قميص</i> in the XIIIth Sura of the Alcoran, which signifies <i>tunica</i>, or <i>indusium</i>; from which I think this Portuguese word, as well as the Italian, French, and Spanish words signifying a <i>shirt</i>, are derived. See Golius's Arabic Dictionary, under the word <i>قميص</i>.</p> <p>After <i>CASCADEL</i>, instead of varvel about, &c. read hawk's bells.</p> <p>After <i>CEGUDE</i>, read through, instead of though.</p> <p>After <i>COLA</i>, read <i>size</i>, instead of glue.</p> <p>After <i>COSMICO</i>, read <i>cosmical</i>, instead of <i>colimica</i>.</p> <p>After <i>CLAPAR</i>, read to winnow corn, instead of to sift.</p> <p>After <i>GARRA</i>, instead of they also call so, &c. read also the fetlock of a horse.</p> <p>After the words <i>LADRAM GAYAM</i>, read, the name of a thief; who, according to tradition, was a giant, instead of a giant.</p> <p>After the words <i>LIGAR</i> por feiticaria, read to tie one's cod-piece, instead of to bewitch.</p> <p>After the word <i>RAMADAN</i>, instead of from artemedar, &c. read as follows; This word signifies properly a consum-</p> | <p>ing best in Arabic, and is likewise the name of the Arabic ninth month in which Mahomet commanded a strict fast to be observed. This month is very much revered by the Mahometans, not only on account of this solemn fast, but likewise because the <i>leilá al-adar</i>, that is, the night of power, falls in this month. <i>Leilá al-adar</i>, is the name Mahometans give to the 27th night of the month <i>Ramsadan</i>, in which the <i>koran</i> began, according to their reveries, to descend from heaven.</p> <p><i>RINCHADO</i>, read <i>tincham</i>, instead of <i>racham</i>.</p> <p>Between the words <i>RIPIO</i> and <i>RIFURIA</i> <i>rip</i>, you will find <i>ripaço</i> ou <i>cunha do verbo</i>, instead of <i>subito</i> read <i>ripio</i> ou <i>cunha do verbo</i>.</p> <p>Under the word <i>SACADA</i>, read bay-window, instead of bow-window.</p> <p>Under the word <i>SI</i>, you will find the English words, and I say no, instead of <i>subito</i> read, and I say yes.</p> <p><i>TENÇA</i>, a fish called a tench, read <i>TENÇA</i>, I.</p> <p><i>THERIACA</i>, read <i>THERIACA</i>.</p> <p>After <i>TURCO</i>, (in a ship) read cat's head, instead of, I think it is, &c.</p> <p>Under the word <i>WIND</i>, read <i>nordeste quarta a leste</i>, instead of, <i>nordeste quarta a leste</i>.</p> <p><i>lo</i>, read, <i>les nordeste</i>, instead of, <i>les nordesta</i>.</p> <p>Under <i>FERGADALTO</i>, read, to be ready to fall, instead of, to stand for the offing.</p> |
| V O L. II. | | |
| <p>In the word <i>ROCKINESS</i> em vez do que duro e espero, read do que he duro e alpero.</p> <p>After <i>COUNTY</i> read <i>comarca</i>, huma certa parte de huma provincia, instead of provincia.</p> | | |

Fonte: Transtagnano (1773)

Acerca do étimo e seu desuso em trabalhos lexicográficos, Landau (2001) reflete:

To divorce a language from its past misses the opportunity to show language in its context, even though particular words may be very well defined without etymology. It is the difference between seeing a lion on the African plains and seeing it in a zoo. The zoo may afford a better look at the lion – but a much inferior view of lions. I come back to my view that a dictionary should be more than a telephone directory in which you search for a datum and find it³² (LANDAU, 2001, p. 132).

A visão defendida pelo metalexícografo destoa da prática adotada, ao menos, na lexicografia bilíngue, em que a etimologia tem sido rejeitada. Por outro lado, nos dicionários monolíngues, permanece integrada à microestrutura. Quantos aos lemas

³² Separar a língua de seu passado tira a possibilidade de mostrá-lo em seu contexto, ainda que algumas palavras possam ser muito bem definidas sem a etimologia. É a diferença entre ver um leão nas planícies africanas e vê-lo no zoológico. Este pode oferecer uma melhor visão do leão – mas uma visão muito inferior. Eu volto a minha visão de que o dicionário deve ser mais do que uma lista telefônica em que você pesquisa por dados e os encontra.

(leões) e seus contextos (planícies africanas), vale repensá-los. O cenário histórico, outrora, pode ter constituído a base da contextualização lexical, mas talvez seja necessário lançar um novo olhar sobre as novas “planícies” que se vislumbram num horizonte, muito adiante e pouco distante, contemporâneo e dinâmico.

É inegável a imprescindibilidade da história para se entenderem os fenômenos atuais, no entanto, reconhecer as demandas do tempo presente é tão importante quanto. Assim, cabe uma releitura da metáfora de Landau (2001), assumir que o habitat natural dos “leões” precisa ser minimamente reproduzido no confinamento, a fim de que não haja alterações comportamentais prejudiciais à vida dos mesmos. Ainda que seja impossível imitar a realidade encontrada nas “planícies africanas”, os recursos básicos precisam ser mantidos e vão além da etimologia, pois, no caso do léxico, o contexto sincrônico e os aspectos variacionais constituem um suporte essencial ao entendimento dos sentidos e usos.

5.2.5 MACROESTRUTURA

A macroestrutura é aqui entendida como o projeto dicionarístico de que a nomenclatura faz parte. Há, entretanto, autores que neutralizam essa distinção, atribuindo à macroestrutura as seguintes correspondências: “conjunto de entradas” (REY-DEBOVE, 1971, p. 21), “nomenclatura” (BIDERMAN, 1998, p. 31) e “*word-list*” (BÉJOINT, 2000, p. 13). Em conformidade com esses pontos de vista, Sterkenburg (2003, p. 6) define *macrostructure* como “the list of all the words that are described in a dictionary”. Mais detalhadamente, James e Hartmann (1998, p. 91) declaram:

The overall LIST structure which allows the compiler and the user to locate information in a REFERENCE WORK. The most common format in Western dictionaries is the alphabetical WORD-LIST (although there are other ways of ordering the HEADWORDS, e.g. thematically, chronologically or by frequency), which constitutes the central component. This can be supplemented by OUTSIDE MATTER in the front, middle or back of the work.³³

³³ A estrutura da lista global que permite ao compilador e ao usuário localizar informações numa obra de referência. O formato mais comum nos dicionários ocidentais é a *word-list* alfabética (contudo há outros modos de ordenar as entradas, como por exemplo: tematicamente, cronologicamente ou por frequência), que constitui o componente central. Esta pode ser suplementada pelo *outside matter* no início, no meio ou no final do trabalho.

O desenvolvimento da ciência lexicográfica, ao longo do tempo, passa não somente pela composição dos verbetes e das definições, mas por uma macroestrutura condizente com os propósitos da publicação. Começando pelo arranjo das entradas, se alfabético, baseado na pronúncia, onomasiológico ou semasiológico, passando pelo tamanho na nomenclatura, as fontes e os *corpora* utilizados para construção do dicionário, a configuração macroestrutural na lexicografia também passou por transformações.

No desenvolvimento da elaboração lexicográfica, a organização alfabética foi um dos primeiros indícios de avanço técnico. Jerônimo Cardoso, também nesse quesito, tentou ser pioneiro, promovendo com seu *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem*, de 1562, o que seria a primeira alfabetação do léxico da língua portuguesa, não tendo, contudo, alcançado seu objetivo de forma integral. Considerando a época em que o autor produziu o dicionário, ordenar uma nomenclatura desse modo não foi um empreendimento fácil. Segundo Verdelho (2007, p 100), é provável que Cardoso tenha contado com a colaboração de alunos e até de suas filhas na seguidas escritas e reescritas das sequências de unidades, representadas por um total de 12.787 lemas.

Em Jerónimo Cardoso, a alfabetação é cuidadosa e próxima do rigor moderno. Convirá entretanto lembrar que a codificação alfabética portuguesa actual sofreu algumas alterações em relação à prática lexicográfica geralmente seguida até o final do século XVIII. A partir dessa data abandonou-se a tradição espanhola e começou a prevalecer o modelo alfabético francês. A mudança verificou-se especialmente na neutralização dos dígrafos e dos valores fonográficos (sibilante ou gutural) do símbolo C/Ç, além do estabelecimento dos valores fonográficos distintivos das letras ramistas. Os dígrafos ch, lh e nh eram sequenciados após todas as ocorrências das letras iniciais, assim: as formas ‘chamar’ ou ‘chuva’ ocorriam depois de ‘cidade’, ‘costume’, ‘cruz’, etc. Do mesmo modo ‘acudir’ deve ser procurado antes de ‘acidente’ ou de ‘açude’. As letras “ramistas” – I/J, U/V só receberam pertinência distintiva, sob o ponto de vista fonográfico, a partir do dicionário de António de Morais Silva. Em todo o caso, o trabalho do primeiro dicionarista ficou sendo uma base de assentamento para toda a subsequente lexicografia portuguesa (VERDELHO, 2007, p. 101).

A alfabetação constituiu um enorme avanço para a pesquisa lexicográfica no século XVI, sendo mais um aspecto que torna a obra de Cardoso uma referência para a lexicografia moderna. Quantos às sincronias à que se teve acesso, não há nenhuma mudança significativa nesse âmbito a partir do século XVIII em diante. Há, contudo, que se destacar, com o dicionário eletrônico, muito especialmente, o *online*, uma alteração do método de consulta, o que suplantou, de algum modo, a ordem alfabética

como recurso facilitador das pesquisas. Dependendo hoje apenas da digitação da lexia desejada, a busca por um lema dispensa alfabetação. No material impresso, ainda que haja outras formas de organização, prevalece, nas produções bilíngues gerais, a consulta guiada por ordem alfa.

No momento atual, em que se acompanha o desenvolvimento dos estudos linguísticos cada vez mais comprometidos com a diversidade linguística, as propostas de modelos lexicográficos que incorporem a variação à lexicografia começam a surgir. Machado Filho (2014) reflete sobre o assunto, lançando o olhar sobre o método de tratamento das variantes, que serve de base teórica ao projeto lexicográfico do mesmo autor, o *Dicionário Dialectal Brasileiro* (DDB). Variantes normalmente deixadas de lado pela lexicografia são cogitadas para compor o texto nuclear do dicionário, a partir de dados extraídos do *Atlas Linguístico do Brasil*. Há, nesse contexto, o “dilema” da seleção utilizada para compor a nomenclatura, se aquela pertencente à norma de prestígio ou à norma popular. Nesse ponto, discute-se ainda o aspecto fônico em sua interferência no plano da variação lexical. Sobre essa questão, desenvolve-se uma reflexão mais adiante.

Tanto no estudo lexical quanto em seu tratamento lexicográfico, pode-se partir tanto do lema em direção a seus sentidos quanto de um significado ou conceito para as unidades lexicais que os representam. Está na semântica a fonte das teorizações a respeito desse aspecto, discutido por Baldinger (1964, 1977) sob as designações de semasiologia e onomasiologia. A orientação semasiológica (comumente adotada pelos lexicógrafos, em que parte do significante para o significado) ou onomasiológica (segue a direção significado → significante). Sobre essa categorização:

A semasiologia, é certo, considera a palavra isolada no desenvolvimento de sua significação, enquanto que a onomasiologia encara as designações de um conceito particular, vale dizer, uma multiplicidade de expressões que formam um conjunto. A onomasiologia implica pois, desde o comêço, numa preocupação de ordem estrutural (BALDINGER, 1964, p.8).

O modelo semasiológico passou por uma espécie de depreciação teórica principalmente a partir da década de 1920. Dornseiff (2004, p. 25) foi um de seus principais críticos, defendendo a ideia de que o dicionário alfabético era capaz de decompor o sistema orgânico do vocabulário, uma vez que lexias incompatíveis seriam agrupadas com base em um critério que em nada corresponde ao espaço semântico e cultural ocupado pelas mesmas. Rey (1977, p. 20), por sua vez, aceitando a “eficácia

prática” da ordem alfabética e encontrando apenas nessa justificativa o motivo de sua sobrevivência no meio lexicográfico, julga essa configuração como absurda, do ponto de vista conceitual e linguístico.

É certo que, mesmo havendo discordâncias quanto à eficácia da organização alfabética, tem sido a orientação adotada de modo quase unânime pelos lexicógrafos monolíngues e bilíngues. Welker (2004, p. 82-83), nesse contexto, abre espaço para uma visão menos limitada da alfabetação, classificando esse arranjo, com base em Wiegand (1983), em: i) linear (a que segue exclusivamente a ordem alfabética); ii) alfabético com agrupamentos (apresenta uma quebra na linearidade, com o agrupamento em blocos, ou parágrafos, constituídos de um lema principal e um ou mais sublemas, sendo justificado pela economia de espaço); iii) não estritamente alfabético com agrupamentos (colocam-se, dentro de um bloco, as lexias relacionadas ao lema principal em ordem alfabética linear, embora devam aparecer após o lema principal seguinte, considerando a alfabetação geral).

Vale considerar, ademais, a dimensão dessas publicações, que atingem uma variedade de públicos e, na mesma proporção, variam de formato. Welker (2004, p. 84) adota as categorias: microdicionário (até 5000 entradas); minidicionário (de 5.000 a 20.000); dicionário pequeno, “de bolso”, embora, como o autor destaca, não caiba no bolso (20.000 a 50.000); dicionário médio “de mão” (50.000 a 100.000); dicionário grande (mais de 100.000 entradas). Observando o percurso da lexicografia bilíngue português-inglês-português, nota-se, a partir do século XX, uma proliferação de obras pertencentes à categoria “mini”, cada vez mais próximas, de fato, do tamanho dos bolsos dos viajantes. Diferentemente, a lexicografia monolíngue mantém seus dicionários de grande porte, uma vez que o público-alvo e o propósito da obra não demandam a mesma concisão e praticidade do dicionário bilíngue. Ainda que os modelos escolares assumam uma dimensão menor, visando o alcance dos consulentes jovens e a facilidade de transporte.

No caso das obras bilíngues analisadas, observa-se uma redução das dimensões na medida em que avançam no tempo. As obras de Transtagano, publicada pela primeira vez em 1773, dividida em dois volumes, português-inglês e inglês-português, com 618 e 591 páginas, respectivamente, e de Michaelis, de 1893, com 730 páginas no volume português-inglês e 742, no inglês português, são exemplos representativos de uma lexicografia bilíngue copiosa. Não a quantidade de entradas, mas a extensão dos verbetes e da microestrutura diferencia obras desse porte daquelas menores, que, apesar

de elencarem um número maior de unidades, têm microestrutura sucinta e com pouca informação.

É comum, ainda na metade do século XX, observar as reedições de trabalhos mais extensos disputando espaço com publicações de menor porte, sem as capas duras e austeras, que costumavam acompanhar anteriormente os dicionários e que revelavam a nobreza das casas editoriais e o patrocínio da elite política. A técnica lexicográfica bilíngue, visando dar conta de um novo público e de novos objetivos, passou a adotar mais recursos que tornassem a consulta simples, rápida e esclarecedora. A elaboração de dicionários deixou, assim, de estar relacionada a uma compilação lexical em ordem alfabética, estendendo seu alcance aos textos externos, ou seja, introdução, guias de utilização, lista de abreviaturas, bem como a todo tipo de elemento facilitador da pesquisa.

No âmbito unilíngue, são sentidas as mudanças estéticas e de diagramação, mas as dimensões se mantêm. O surgimento de novas edições sintéticas marca a contemporaneidade, com a incorporação de recursos mais didáticos e visuais, no entanto, não há um redirecionamento como aconteceu na dicionarística bilíngue, em que a redução dos volumes passou a ser uma tendência. Edições como o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009) e o *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (2011) comprovam a manutenção dos grandes dicionários monolíngues, com macroestruturas copiosas, informações semânticas e enciclopédicas. No entanto, as versões escolares apresentam redução de seus volumes, em nome da praticidade exigida pelo contexto em que circula. Diferentemente do segmento bilíngue, no entanto, as edições abundantes foram mantidas e continuam atuando como protagonistas no universo lexicográfico do português brasileiro.

Em pleno século XXI, a lexicografia passa por transformações acentuadas. Landau (2001, p. 2) frisa que, já entre as décadas de 1985 e 1995, o mundo dos dicionários passou por uma dramática mudança por conta do grande avanço promovido pela informática. Como fruto desse processo, surgem as coleções eletrônicas de ocorrência linguísticas. Antes baseada em obras canônicas e literárias, a constituição da nomenclatura e dos verbetes ficou muito tempo restrita à cópia de obras lexicográficas já existentes ou aos dados extraídos de documentos literários e canônicos, resguardando o padrão linguístico desejado. Correia (2009, p. 81) enfatiza a importância de que hoje o dicionário seja construído a partir de um *corpus* textual, seguindo a tendência anunciada por Landau (2001). Sob essa ótica, com o auxílio de *softwares* especializados, a

exemplo do *Wordsmith Tools*³⁴, é possível reunir ocorrências de acervos dos mais diversos gêneros.

Nesse ponto, o dicionário eletrônico *online* tem sido beneficiado pela vantagem de ter a sua disposição espaço e recursos suficientes para colocar em prática uma lexicografia baseada em fontes atualizadas e em dados extraídos de *corpora* textuais mediante a utilização de concordanciadores. Ferramentas de pesquisa disponibilizam, além de equivalências e definições, o contexto de uso das unidades lexicais, indicado através de abonações extraídas de *corpora online*, como revistas e jornais da internet. Esta, por si só, é uma fonte inesgotável de *corpora*, que auxiliam não só a construção de dicionários propriamente ditos, mas de ferramentas de pesquisa, como a *Wikipedia*, que permitem, mediante a função de hiperligação ou *hyperlink*³⁵, a contextualização instantânea do léxico presente nos textos disponibilizados pelo *site*.

Conclui-se que a tecnologia viabilizou, na lexicografia, o aproveitamento máximo dos recursos que já eram utilizados, mas não sem limitados pela falta de espaço da obra impressa. Aulete (1881) e Michaelis (1923) superaram as restrições enfrentadas à época em que publicaram suas primeiras edições, ao elaborarem obras vultosas e representativas. A riqueza do léxico apresentado faz crer que existe uma preocupação com o registro do maior número de unidades possível. O lexicógrafo português não faz uso de nenhum modo de “economia” da nomenclatura, abrindo entradas para cada lema individualmente. Michaelis (1923), por outro lado, lança mão, na estruturação da nomenclatura, da ordem alfabética com agrupamentos ou nichos (Quadro 7), segundo classificação de Wiegand (1983), certamente, com o objetivo de melhor aproveitar o espaço na exposição das entradas. Ademais, a economia possibilitou a elaboração de uma nomenclatura ampla, com inclusão de muitas lexias atribuídas ao português brasileiro, o que sugere uma busca pela incorporação dessa variedade ao cenário lexicográfico, o que será discutido mais adiante.

³⁴ Pacote de software pago, utilizado especialmente por linguistas, para o trabalho no âmbito da linguística de *corpus*. Compreende uma coleção de ferramentas para pesquisa de padrões linguísticos ou coocorrências.

³⁵ Um sistema de referência, acionado com um clique do *mouse* em cima do item desejado e criado dentro de um documento em hipertexto, que torna possível a ligação entre partes desse documento ou entre esse e outro documento.

Quadro 8. Verbetes névoa

| | |
|----------------|---|
| DCLP (1881) | Névoa (<i>né-vu-a</i>), s. f. vapor aquoso muito denso que obscurece o ar: Andando vinha eu sósinho sem me de coisa temer; com a <i>névoa</i> não via as ondas; não as ouvia bater. (Castilho.) Obscuridade, falta de clareza: O saltitar liberto da científica <i>névoa</i> . (Idem.) (Med.) Macula que se fórma na córnea e obscurece a vista. (Fig.) Qualquer leve estorvo á visão: Sentiu nos olhos a <i>névoa</i> de duas lagrimas. (R. da Silva.) Qualquer estorvo á compreensão de um objecto: E então mais quando vem deslumbrado com taes <i>névoas</i> que tohem a vista de seu conhecimento. (Arte de Furtar.) (Med.) Substancia que condensa na urina e a tolda. Ir-se em <i>névoa</i> , desfazer-se, dissipar-se, tornar-se coisa van: Vai-se-me em <i>névoa</i> o mundo. (Castilho.) Ter <i>névoas</i> nos olhos (fig.), ver mal; (por ext.) ser estúpido, não entender. F. lat. <i>Nebula</i> . |
| HM (1923) | Né voa , f. fog, mist; (<i>med.</i>) nebule, a slight speck on the córnea; a mist or cloud suspended in the urine; <i>fig.</i> trouble, confusion, obscurity, dimness, darkness. ~ oaça , f. V. <i>nevoa</i> , <i>nevoeiro</i> . ~ oado , adj. <i>foggy</i> , <i>misty</i> , <i>cloudy</i> . [...] |

Fonte: Aulete (1923); Michaelis (1923)

Como parte de uma complexa rede de relações lexicais, semânticas, culturais, a lexicografia tem se desenvolvido, ampliando seu alcance, aperfeiçoando suas técnicas. Os dicionários eletrônicos *online* podem ser a porta de entrada para a utilização da ferramenta como “fiel escudeira” dos novxs desbravadores do século XXI, andarilhxs globais, mochileirxs ou mulheres e homens de negócios, munidxs de *gadgets* e *smartphones* conectados 24 horas. Não se pode, contudo, negligenciar o olhar sobre o suporte linguístico que sustenta a proliferação de uma lexicografia atenta às atuais demandas. Se o arrimo tecnológico a torna especialmente interessante, a metalexigrafia e a linguística podem estender essa eficácia a definições bem elaboradas e contextualizadas com a diversidade manifesta.

Chega-se, enfim, ao setor nuclear da atividade lexicográfica: a elaboração dos verbetes. Não obstante o valor da nomenclatura, é na microestrutura, e não somente nela, em que localizam as informações linguísticas, semânticas e culturais acerca das lexias e seu contexto de uso. Na análise histórica, as microestruturas revelam o caminho percorrido pelo dicionário através do tempo, numa relação direta com as tendências linguísticas de cada época, ora mais estruturais, ora mais voltadas ao caráter social e enciclopédico da língua. Apreciar essa configuração em perspectiva diacrônica significa compreender o dicionário como “participante” ativo da história, constituindo, nos moldes da obra impressa, uma fotografia lexical tirada em meio a uma convergência de detalhes.

5.2.6 MICROESTRUTURA

Antagonicamente à concepção de “micro”, cuja rede semântica remete a um referente de tamanho reduzido e proporções restritas, a microestrutura alcança uma dimensão tão grandiosa que não seria exagerado considerá-la o conceito central da produção lexicográfica. No senso comum, inclusive, quando se fala em dicionário, logo vem à mente a ideia de uma fonte de definições e equivalências onde se guarda o léxico da língua, chegando a ser chamado “tesouro” naqueles casos em que o acervo registrado parece abranger todos os itens de uma língua. A microestrutura, por assim dizer, confunde-se à própria concepção de dicionário, sendo percebida pela metalexigrafia como a seção que trata do *design*, ou desenho, do verbete, que pode ser considerado o resultado físico da construção microestrutural.

Do mesmo modo que se apresenta como texto nuclear do dicionário, a microestrutura é também, ao lado da megaestrutura, central para esta pesquisa. É através dela que se busca não só observar diacronicamente a participação do português brasileiro nos dicionários analisados, mas propor uma revisão dessa prática por meio da construção de um glossário, muito especialmente no tocante às avaliações dialetais e, por conseguinte, às definições apresentadas. Tratando-se, nesta ocasião, de uma pesquisa que compreende duas vertentes lexicográficas distintas, monolíngue e bilíngue, entende-se que visões distintas de microestrutura precisem ser consideradas. Contudo, há um conceito norteador geral, que servirá a ambas:

The internal design of a REFERENCE UNIT. In contrast to the overall word-list (MACROSTRUCTURE), the microstructure provides detailed information about the HEADWORD, with comments on its formal and semantic properties (spelling, pronunciation, grammar, definition, usage, etymology). If the headword has more than one SENSE, the information is given for each of these (SUBLEMMA). Dictionaries vary according to the amount of information they provide, and how they present it in the text of the ENTRY. Users may not have sufficient reference skills to follow the intricacies of the microstructure, and may need explicit guidance and/or instruction to find and extract the details required (HARTMANN; JAMES, 1998, p. 94)³⁶.

³⁶ Tradução livre: o *design* interno de uma unidade de referência. Em contraste a *word-list* (nomenclatura) geral (macroestrutura), a microestrutura fornece uma informação detalhada acerca da cabeça do verbete, com comentários sobre sua forma ou propriedades semânticas (grafia, pronúncia, gramática, definição, uso, etimologia). Se a cabeça do verbete tem mais do que um sentido, a informação é fornecida para cada um desses (sublemas). Dicionários variam de acordo com o montante de informação que oferece, e como eles a apresentam no texto da entrada. Usuários podem não ter habilidades suficientes para compreender os aspectos intrínsecos da microestrutura, e podem precisar de uma orientação explícita e/ou instrução para encontrar e extrair os detalhes requeridos.

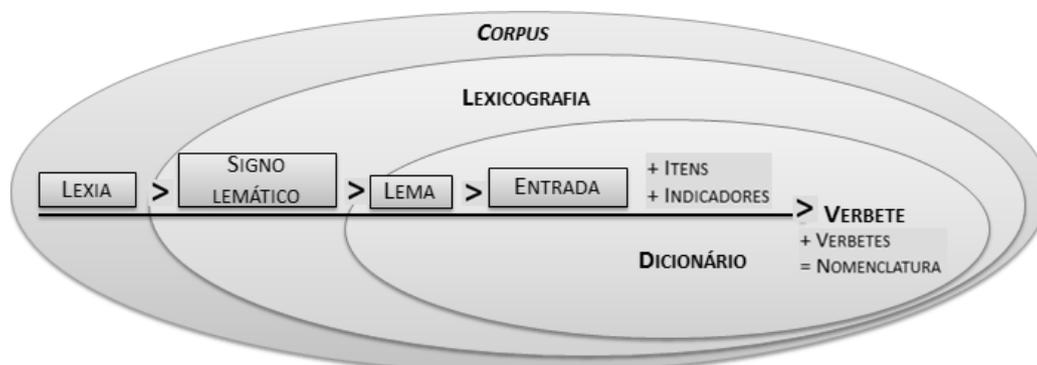
Introdutoriamente, compreende-se a microestrutura como uma noção que se materializa no verbete, composto por itens e indicadores. Estes incluem tanto recursos aplicados com a finalidade de chamar a atenção do consulente, por meio de cores, formas, destaques, podendo ser divididos em tipográficos (e.g.: recuo, itálico, negrito, colorido) e não tipográficos (e.g.: sinais, símbolos, parênteses). Itens são as informações sobre um lema, em um verbete. A entrada, por exemplo, será encarada como um item, do mesmo modo que a categoria gramatical, a transcrição fonética, as marcas de uso, acepções etc.

Em microestrutura e verbete, nota-se um par de termos compatíveis que, no entanto, são vistos como denominações provenientes de óticas diferentes. A primeira surge como resultado da investigação metalexigráfica, em que uma abstração teórica é criada para dar conta do conceito prático. O verbete representa a execução da microestrutura, quando esta é desenhada no dicionário. Da mesma maneira, ao se tratar de entrada e lema, é necessário entender que, apesar de ambas estarem associadas pela função que desempenham no dicionário, suas diferentes denominações indicam uma distinção teórica. A entrada está relacionada ao papel que o lema exerce quando passa a compor a nomenclatura do dicionário, sendo assim, toda entrada constituirá um lema. A ordem inversa, contudo, não se confirma, pois nem todo lema pode ser considerado entrada, já que seu *status* de signo lemático canonizado não o torna, somente por isso, parte da nomenclatura. Trabalha-se, assim na metalexigrafia, com conceitos próximos que precisam ser definidos com traços mínimos, a fim de não haja um embaraço conceitual.

A entrada e o lema, antes de receberem essa denominação, cumprem suas funções fora do ambiente dicionarístico, como signo lemático e lexia. Esta surge ainda fora das reflexões metalexigráficas, como unidade básica de estudo do léxico, mas, sendo cogitada para compor a nomenclatura do dicionário passa ao papel de signo lemático, potencial “candidato” à canonização. O processo de canonização, ou lematização, envolve, na lexicografia tradicional, a retirada do máximo de gramática possível do signo lemático, o que significa, no caso do português, registrar um verbo em sua forma infinitiva, ou um nome sem flexão de gênero, número ou grau. Finalmente, já constituindo o verbete, surge o item cabeça do verbete, se somente a entrada, sem

nenhum outro, constituir o único item com informação que sirva para o verbete na íntegra.

Figura 6. A cadeia lexicográfica



Na figura 6, ilustra-se a relação entre termos equivalentes, na constituição da microestrutura, mas cuja denominação representa as diferentes esferas teóricas e metodológicas percorridas pelo lexicógrafo até a elaboração do verbete. O universo microestrutural é desenvolvido a partir de uma percepção teórica multidisciplinar, em que a lexia, como objeto teórico lexicológico, passa a ser pensada do contexto lexicográfico como signo lemático. Por sua vez, este somente se torna lema, quando sai do espaço de abstração teórica da lexicografia (não seria metalexigrafia, por se tratar de uma etapa da prática lexicográfica) e passa a existir concretamente dentro do dicionário, em função das regras de canonização adotadas.

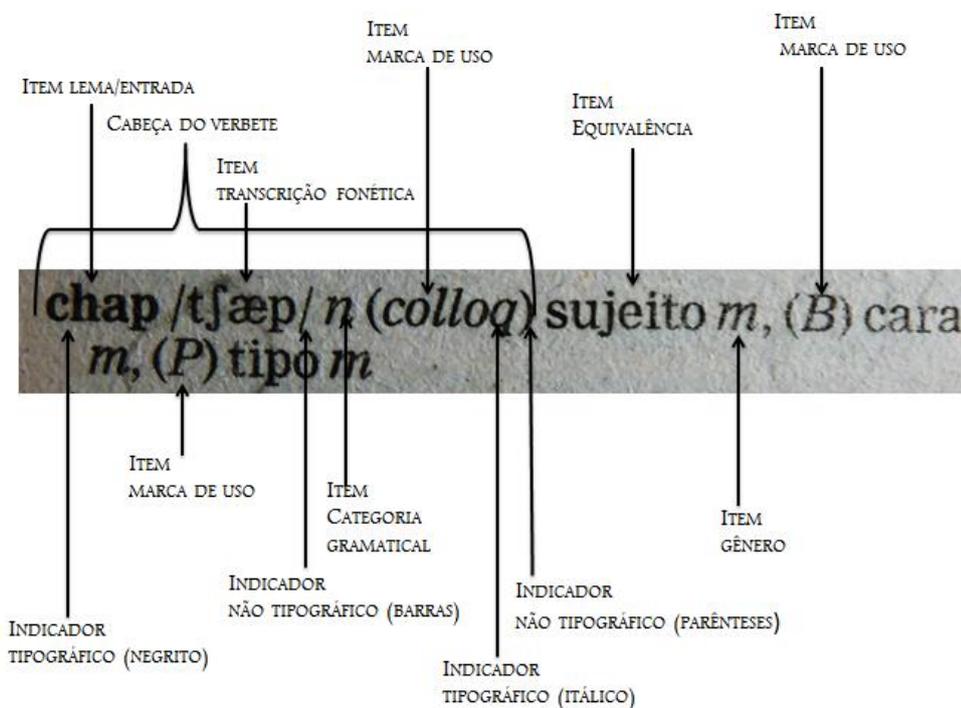
Ainda que participem do mesmo domínio, o lema, a entrada, o item e a cabeça do verbete precisam ser diferenciados, e um critério válido nessa tarefa é relação com a composição do verbete. O lema é o signo lemático canonizado, acrescido dos devidos indicadores, passando a constituir a nomenclatura do dicionário. Instantaneamente, o lema vira entrada, e esta funciona como ponto de comunicação entre o espaço macroestrutural da nomenclatura e o microestrutural do verbete. Integrada ao verbete, a entrada, se não for composta exclusivamente pelo lema, é acrescida da função e denominação de cabeça do verbete. É possível que, neste trabalho, os termos apresentados sejam compatibilizados, nas situações em que prevalece o traço comum entre eles: a função de unidade lexical incorporada ao dicionário e sobre a qual definições são elaboradas.

Nesta ocasião, em que se avaliam dicionários monolíngues e bilíngues, é necessário considerar que a construção da microestrutura, apesar de manter uma composição básica nos dois casos, conserva traços peculiares a cada um dos tipos. Swanepoel (2003, p. 46) assegura que, tomando a microestrutura como ponto de partida, as obras podem ser comparadas quanto às categorias de informação gramatical fornecida para lema num verbete e quanto à ordenação das mesmas. Dessa maneira, o autor associa esse nível lexicográfico ao conteúdo gramatical incluído no verbete, deixando subentendido que o arranjo microestrutural fornece informações concernentes ao sistema linguístico. Vale verificar os dados elencados como constituintes: ortográficos (grafia, formas variantes); fonéticos (pronúncia, tonicidade); sintáticos (categorias sintáticas, colocações); morfológicos (morfologia inflexional, derivação e composição); semânticos (com marcas de uso como *eufemismo*, *formal* etc.); distribucionais (distribuição geográfica ou sociolinguística; frequência dentro do *corpus*); etimológicos; marcas de uso; ilustrativos (exemplos verbais e não verbais).

Apesar de Swanepoel (2003, p. 46) tratar os dados como “gramaticais”, nota-se que os itens apresentados extrapolam esse âmbito, pois abrangem também aspectos relativos à variação em diferentes níveis. Importa considerar que, tanto em dicionários monolíngues e bilíngues, as categorias enumeradas pelo autor podem aparecer, como as semânticas e distribucionais, mas há aquelas mais ou menos esperadas para uma determinada tipologia. Enquanto, por exemplo, em dicionários monolíngues, dados ortográficos, morfológicos e etimológicos costumam ser frequentes, nos dicionários bilíngues são habitualmente inseridos os dados fonéticos.

Hausmann e Wiegand (1989, p. 341) destacam, na microestrutura dos dicionários bilíngues: (1) itens que identificam o lema na sincronia (grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, gênero); (2) variantes ortográficas; (3) itens identificadores do lema no contexto social (marcas de uso); (4) itens explicativos (definição); (5) equivalências; (6) informações sintagmáticas (construções, colocações, exemplos); (7) remissões; (8) indicadores tipográficos (reco, itálico, uso de cores) e não tipográficos (símbolos, sinais, parênteses). Apesar da utilização de uma terminologia diferente da empregada por Swanepoel (2003), são praticamente iguais os dados elencados. Apesar de os autores restringirem a listagem aos materiais bilíngues, o detalhamento microestrutural é o mesmo que se aplica aos monolíngues.

Figura 7. Itens de um verbete



Aparecem no verbete os itens básicos de qualquer microestrutura, à exceção da transcrição fonética, típica de materiais bilíngues. São eles:

- o lema/entrada (aquela no nível do verbete, esta no da nomenclatura) ;
- indicadores tipográficos (itens como recuo, itálico, negrito, cores em geral etc.);
- indicadores não tipográficos (itens como sinais, símbolos e parênteses etc.);
- item marca de uso (marcas identificadoras de dialetos, socioletos etc.);
- item categoria gramatical (item que indica a categoria gramatical do lema em suas diferentes acepções);
- item gênero (item que indica o gênero do lema em suas diferentes acepções).

Quanto ao primeiro aspecto, vale notar que, entre os itens citados, a pronúncia, ou transcrição fonética, só foi verificada no *Collins Gem English-Portuguese Portuguese-English Dictionary* (1964), *The Oxford New Portuguese Dictionary* (2008) e *Brazilian Portuguese-English, English-Brazilian Portuguese concise dictionary* (2010), não tendo sido registrada em nenhum dos monolíngues. Havendo variação de tamanho das obras analisadas, esperava-se, nas maiores, o registro desse item. É possível isso se deva ao fato de as obras maiores analisadas pertencerem a um período anterior à elaboração

definitiva do alfabeto fonético internacional, cuja última alteração mais importante ocorreu em 1989 e a última revisão em 2005.

O predomínio das informações sincrônicas atende aos propósitos da lexicografia bilíngue, em que se buscam usos lexicais mais atualizados e fiéis à realidade. De nada adianta ao consulente um registro defasado, que leve em conta uma sincronia afastada do momento atual da pesquisa. A necessidade de contextualização sincrônica dos itens apresentados, no entanto, não se restringe ao aspecto cronológico, uma vez que um eixo interdisciplinar se faz necessário para a compreensão adequada de uma lexia e seu emprego na comunicação. Dessa maneira, é esperada a atualização constante do dicionário bilíngue, o que deixa as obras impressas em desvantagem em relação às fontes eletrônicas *online*, na modernidade.

Se, contudo, prevalecem hoje ferramentas de pesquisa disponíveis em celulares e *tablets*, não foi sempre assim. A lexicografia tinha, até pouco tempo atrás, sua existência limitada ao papel ou, no máximo, CD-ROM, que nada mais eram que uma versão eletrônica (e sem possibilidade de atualização frequente) dos dicionários impressos. Esses materiais também conseguiram, dentro da limitação de recursos, atender às demandas de seu público-alvo, por meio dos recursos à disposição do lexicógrafo para descrição da língua na constituição da microestrutura. Sugerir que o dicionário seja descritivo, no entanto, pode soar controverso, uma vez que esse produto e a gramática “adquirem quase o mesmo valor de código de prescrições incontestáveis e digno de veneração” (BAGNO, 2011, p. 122).

Figura 8. Verbetes rapariga

rapariga



Significado de Rapariga

substantivo feminino

Pouco usual no Brasil. Mulher entre a infância e a adolescência ou mulher jovem.

Mulher com a qual se mantém um relacionamento amoroso - namorada.

Amazônia. Menina virgem ou moça donzela.

Algumas regiões do Brasil. Mulher que vive com um homem, mas sem estar casada com ele.

Algumas regiões do Brasil. O mesmo que [prostituta](#).

[Portugal] Mulher entre a infância e a adolescência ou mulher jovem.

[Portugal] Moça que vive no campo.

Etimologia (origem da palavra *rapariga*): origem desconhecida.

Fonte: *Dicio* (2009-2017)

No que diz respeito à microestrutura, nos dicionários eletrônicos em que há um compromisso com a técnica lexicográfica, são observadas muitas semelhanças entre modelos impressos, já consolidados, e publicações exclusivamente eletrônicas *online*. Na figura 8, o verbete **rapariga** retrata a metodologia adotada pelo *Dicionário Online do Português* (2009-2016). Nota-se uma preocupação com a manutenção de itens microestruturais, como categoria gramatical, marcas de uso dialetais e de frequência, no entanto, as abreviaturas foram substituídas pelas formas desenvolvidas. O que merece destaque são os itens próprios ao contexto, como *hiperlinks* e ícones de redes sociais. Assim, o verbete passa a dialogar vigorosamente com a multimodalidade (incorporação de linguagem não verbal) e com as remissões virtuais proporcionadas pelo sistema de hiperligação³⁷.

Nas diferentes categorias, a variação linguística diatópica é sempre contemplada pelos itens microestruturais. Reconhece-se, no entanto, que esses registros não fogem ao princípio prescritivista dos dicionários, uma vez que são apresentados sempre acompanhados de marcas de usos que os identificam, frequentemente, como desvios de uma norma centrada no eixo sul-sudeste. Na perspectiva do consulente, ao mesmo tempo em que se mantém ainda hoje uma expectativa de que o dicionário reúna formas

³⁷ (O mesmo que *hyperlink*) Elemento básico de hipertexto, um *hyperlink* oferece um método de passar de um ponto do documento para outro ponto no mesmo documento ou em outro documento. (FERRARI, 2012, p. 182)

padronizadas da língua, a cobrança pelo contexto de uso é também grande, transmitindo o uso lexical válido. Não se admite, assim, uma obra que deixe de lado itens como a categoria gramatical e o gênero, mas, ao mesmo tempo, espera-se que recursos como a marca de uso e as abonações reflitam, respectivamente, um parecer social atual e a utilização da língua em contextos reais. Acontece que esse parecer, normalmente, vem acompanhado de valoração em que o peso do prestígio de algumas normas continua prevalecendo, reservando-se à variação linguística o espaço externo ao padrão.

5.2.7 A DEFINIÇÃO

Encarada como “arte suprema” (IMBS, 1960, p. 9), a definição é entendida como central na elaboração de dicionários. Seu valor tanto para a teoria quanto para a prática lexicográfica é indiscutível, mas são variados os posicionamentos a esse respeito. A relação com o passado é evidente, pois as primeiras reflexões metalexográficas ocorrem como parte do pensamento filosófico de Porfírio e Aristóteles. A distinção entre dicionário e enciclopédia, por exemplo, é uma das dicotomias surgidas nas primeiras formulações acerca da teoria lexicográfica e que se mantém em alguns contextos classificatórios ainda vigentes. Ainda que sejam constantes as reconsiderações acerca da tradição, é justo que se considere a definição como principal elemento da microestrutura, já que desempenha a função principal do dicionário: a de fornecer meios para que se compreenda uma determinada unidade lexical.

A component part in the MICROSTRUCTURE of a REFERENCE WORK which gives an explanation of the meaning of a word, phrase or term. The definition provides an essential function: it is the place where compilers locate and users find semantic information. [...] The relationship between the word to be explained ('definiendum') and the explanation ('definiens') is complex and depends on the purpose of the definition and the DEFINITION STYLE used³⁸ (HARTMANN; JAMES, 1998, p. 36).

Eco (2013, p. 28) descreve um modelo de dicionário associado a uma semântica de traços que propõe condições necessárias e suficientes para a definição do significado,

³⁸ Tradução livre: Parte componente da microestrutura de uma obra de referência que oferece explicação do significado de uma palavra, frase ou termo. A definição fornece uma função essencial: é o lugar onde os compiladores situam e os usuários encontram informação semântica. [...] A relação entre uma palavra a ser explicada (definiendum) e a explicação (definiens) é complexa e depende da proposta de definição e do estilo utilizado.

de modo que o conhecimento de mundo fica excluído. Essa concepção, por sua vez, remonta à primeira ideia de dicionário instituída pela *Arbor Porphyriana*, a árvore de substâncias de Porfírio, cuja proposta se baseia na constituição de um conjunto hierárquico e finito de gêneros e espécies, em que se exclui o conhecimento enciclopédico, este relacionado ao conhecimento de mundo de modo complementar ao linguístico, priorizado pelo dicionário. Essa visão, contudo, não se sustenta, uma vez que comprovadamente a definição do dicionário inclui invariavelmente elementos externos à língua, tornando essa dicotomia obsoleta, pelo menos para o propósito das teorizações lexicográficas aqui desenvolvidas. O próprio autor conclui:

O dicionário se dissolve necessariamente, por força interna, numa galáxia potencialmente desordenada e ilimitada de elementos de conhecimento do mundo. Portanto se torna uma enciclopédia e se torna isso porque de fato era uma enciclopédia que se ignorava, ou um artifício cogitado para mascarar a inevitabilidade da enciclopédia (ECO, 2013, p. 28).

A representação da árvore ainda se mantém como pilar no trabalho lexicográfico, na elaboração de definições no viés dos estudos estruturalistas e semânticos que continuam orientando investigações metalexigráficas. Conceitos como os de gênero próximo (*genus proximum*) e diferença específica (*differentia specifica*) têm norteado pesquisas nesse âmbito. As noções aristotélicas, ora corroboradas, ora refutadas pelos teóricos, servem de base para o desenvolvimento de novos postulados. Casares (1992, p. 158-161) critica pontualmente essa dicotomia clássica, argumentando que outros esquemas de definição são necessários, quando se almeja a precisão, e sugere as definições: genética; teleológica; descritiva.

[...] es necesario acudir con frecuencia a otros esquemas de definiciones que dividiremos en genéticas, descriptivas y teleológicas. Las primeras procuran explicar el definido como el efecto de la acción que lo engendra; v. gr.: “HUELLA. Señal que deja el pie en el suelo”, es decir, resultado visible de pisar una superficie que conserva a la impresión recibida. La Geometría hace uso constante de estas definiciones, que para ella son insustituibles.” [...] La definición teleológica es la que nos informa de la naturaleza de las cosas en razón del fin a que se destinan. “ESPANTAJO. Lo que se pone en los sembrados para espantar a los pájaros.” Puede ser un muñeco, un cencerro que se mueve al soplo del viento o cualquier otra cosa que sirva para el fin indicado. “BARÓMETRO. Instrumento que sirve para medir la presión atmosférica.” [...] En cuanto a las definiciones descriptivas, podemos distinguir las que sólo tienen este carácter, como son casi todas las referentes a plantas y animales, que pueden verse en cualquier diccionario y las que combinan la descripción de la forma y otros caracteres sensibles con la indicación teleológica o funcional, y aun con el origen o la causa de la cosa

que se define. “SUBLIMADO. Substancia blanca, volátil y soluble en agua caliente (caracteres físicos), que se obtiene por combinación de dos equivalentes de cloro y uno de mercurio (indicación genética), y se usa en medicina como deinfectante enérgico (finalidad).”³⁹

As definições apresentadas para **pegada**, **espantalho**, **barômetro** e **sublimado** respectivamente, enquadram-se no modelo classificatório de Casares (1992), evidenciando-se, em cada um dos tipos propostos, um método que aciona a memória do consulente em relação às experiências vivenciadas. Assim, na definição genética, remete-se à imagem que o utente possui do resultado da ação de os pés tocarem um solo cuja composição permite a impressão de marcas; na definição teleológica, apresentam-se a natureza e a finalidade da ação ativada por uma unidade lexical, como no caso de “espantalho”, que pode ser um boneco ou um artefato utilizados para espantar pássaros. As definições descritivas, por sua vez, podem ser restritas a essa função ou empregadas em combinação com os outros tipos elencados.

Zgusta (1971, p. 255) também retoma a discussão acerca da relação entre conhecimento enciclopédico e a lexicografia, defendendo a associação entre ambos, argumentando que “lexicographic definitions tend to become encyclopedic, or at least to contain some encyclopedic elements”⁴⁰. Essa distinção, considerada solucionada entre os estudos da área, por outro lado, permanece viva entre os teóricos contemporâneos que a julgam pertinente, como Haensch et al. (1982), que a adotam. Welker (2004, p. 118), nessa linha, defende que, nos trabalhos sobre definição, os tipos lexicográfico e enciclopédico pertencem a categorias diferentes, alegando que na tradição lexicográfica as definições são normalmente constituídas de uma frase, perífrase, enumeração ou sintagma.

³⁹ Tradução livre: é necessário recorrer com frequência a outros esquemas de definições que dividiremos em genéticas, descritivas e teleológicas. As primeiras procuram explicar o definido como o efeito da ação que o engendra; v. gr.: PEGADA. Sinal que o pé deixa no solo, é dizer, resultado visível de pisar uma superfície que conserva a impressão recebida. A Geometria faz uso constante dessas definições, que para ela são insubstituíveis.”[...] A definição teleológica é a que nos informa da natureza das coisas em razão do que a que se destinam. “ESPANTALHO. O que se põe nas plantações para espantar os pássaros.” Pode ser um boneco, uma biruta que se move com o sopro do vento o qualquer outra coisa que sirva para o fim indicado. “BARÔMETRO. Instrumento que serve para medir a pressão atmosférica.” [...] Quanto às definições descritivas, podemos distinguir as que só têm esse caráter, como são quase todas referentes a plantas e animais, que podem ser vistas em qualquer dicionário e as que combinam a descrição da forma e outros caracteres sensíveis com a indicação teleológica ou funcional, e ainda com a origem ou causa da coisa que se define. “SUBLIMADO. Substância branca, volátil e solúvel em água quente (características físicas), que se obtém por combinação de dois equivalentes de cloro e um de mercurio (indicação genética), e se usa na medicina como desinfetante enérgico (finalidade).”

⁴⁰ Tradução livre: definições lexicográficas tendem a ser enciclopédicas, ou pelo menos a conter alguns elementos enciclopédicos.

Numa perspectiva tradicional, adotada por Welker (2004), a definição analítica, aristotélica ou lógica é aquela que delimita o conceito, relacionando-o a atributos e propriedades por meio de uma “equação sêmica inconteste” (MACHADO FILHO, 2014⁴¹) em que há um *definiendum*, aquilo definido, e o *definiens*, aquilo que define. A respeito desta terminologia, Rey-Debove (1966) a corrobora e propõe que aquele esteja relacionado a um conceito decomposto em outros menos complexos, que, expressos mediante outros signos, formem o *definiens*. A qualidade da definição dependerá, desse modo, do emprego adequado dessa “equação”, podendo ou não ser comprovada pela “experiência do mundo”.

No caso da definição lexicográfica ou taxionômica, o conceito é definido a partir de uma composição formada pelo *genus proximum* e pela *differentia specifica*. Enquanto esta se refere ao traço diferenciador entre lexias, aquela, ao traço sêmico comum. Geeraerts (2003, p. 89) inclui esse tipo de definição no grupo das *intentional definitions* (definições intencionais), em que a *headword* (termo base) identifica uma classe mais ampla à qual o *definiendum* pertence, e o restante do texto especifica as características que individualizam o *definiens* dentro da categoria maior. Com uma terminologia emprestada, segundo o autor, da filosofia escolástica medieval, a definição intencional ou analítica é, por vezes, chamada de definição por *genus proximum* e *differentia specifica*, de modo que aquele é o hiperônimo e estas os traços distintivos.

O modelo *genus* vs. *differentia* é amplamente adotado no âmbito lexicográfico como inerente à técnica lexicográfica, em que uma unidade é definida de acordo com a categoria a que pertence e, então, diferenciada das demais unidades pertencentes à mesma classe. Em exemplo fornecido por Landau (2001, p. 153), dentro dessa perspectiva, uma criança (*child*) seria uma pessoa (*genus*) que é jovem ou cuja relação com outra pessoa é de filho ou filha (*differentia*). Apesar de refutado, o que se deve às limitações provenientes desse padrão estruturalista, continua a servir de base para o desenvolvimento de novas reflexões. São reconhecidos, nesta oportunidade, os pontos negativos e positivos dessa visão tradicional, considerando-se que sua aplicação pode ser necessária, se acompanhada de outras estratégias.

No caso específico dos dicionários bilíngues, a definição denominada sinonímica é frequentemente citada como comum a essa categoria. Construída com base em *definiencia* equivalentes, o emprego de equivalências lexicais ocorre tanto no eixo

⁴¹ Anotações de aula na disciplina LET C04 Léxico da língua portuguesa, ministrada pelo Professor Doutor Américo Venâncio Lopes Machado Filho.

língua-alvo → língua-fonte quanto na direção língua-fonte → língua-alvo. Duran e Xatara (2006) defendem que se convencionou, nessa esfera, apresentar apenas esse tipo de definição a fim de se evitar redundância, cabendo às “situações especiais” o emprego de perífrases. Segundo as autoras, como resultado da bilingualização de obras monolíngues, passou-se a associar as definições perifrásticas aos equivalentes lexicais em publicações bilíngues, o que motivou a nova designação “semibilíngue”.

Landau (2001, p. 160) chama atenção para as *culture-specific words*, as “unidades culturalmente específicas”. Nesse caso, pela dificuldade de encontrar equivalências e, logo, a atribuição de uma unidade correspondente na outra língua, sendo necessária a elaboração de uma paráfrase que dê conta do sentido. Baldinger (1964, p. 139) propõe que o processo de busca por equivalentes passe por uma espécie de teste, a fim de se verificar a viabilidade desse tipo de definição. Primeiro, seriam analisados os sememas para o qual se procura um equivalente; em seguida, verifica-se se há na língua da definição uma unidade lexical que contenha esse semema; uma resposta intuitiva é encontrada; através de uma análise sêmica propriamente dita, confirma-se ou não a escolha da equivalência. Como ressalta Welker (p. 194), o nível intuitivo, muitas vezes, constitui o fator decisivo nesse processo.

Para os casos em que as equivalências não são encontradas, Carvalho (2001, p. 117-118) sugere o empréstimo, quando se utiliza a própria unidade lematizada na definição, sendo necessária uma explicação do que significa; o decalque, uma “espécie de tradução-cópia” segundo a autora, que só deve ser utilizada se o resultado for uma unidade que faça sentido para o consulente; o item lexical análogo, quando há uma unidade culturalmente equivalente na outra língua; as paráfrases, que, segundo a autora, devem ser “a última possibilidade de correspondência a ser considerada” (p. 118), já que auxiliam a compreensão, mas não a produção de um texto, por exemplo.

A esses aspectos tratados acerca da definição lexicográfica em dicionários monolíngues e bilíngues, somam-se as recomendações dos autores quanto à elaboração definitiva. Enxergar o verbete como um gênero textual (DIONISIO, 2007, p. 125-137) é essencial para que se entenda a definição como uma produção que deve obedecer a critérios que a tornem o mais elucidativa possível. Há, inclusive, entre as categorias de definição, critérios que apontam para os requisitos de uma “boa” definição. O modelo ostensivo, por exemplo, seria aquele em que se a objetividade para tornar possível a compreensão do *definiendum* (unidade a ser definida), o que acontece em um *definiens* como “vaca é aquele bicho que fica no pasto”. A definição circular ou tautológica é a

formulação do enunciado utilizando-se um *definiendum* no lugar do *definiens*: “humano é um animal gerado por humanos”, considerada inadequada por descumprir o princípio de informar ao utente o significado de uma unidade.

Landau (2001, p. 157-191) detalha o que seriam as orientações básicas para a elaboração de uma definição adequada. Nesse grupo, o princípio mais relevante é exatamente “evitar a circularidade”, justificando que qualquer coisa que negue ao leitor a oportunidade de encontrar o significado de uma palavra constitui o defeito mais sério que um dicionário pode ter. A título de exemplo, o autor menciona definições como “o estado de ser bonito” para a unidade “beleza” e “cheio de beleza” para “bonito”, registros não raro encontrados em dicionários monolíngues e bilíngues. Interessa notar que a variação lexical fica reservada ao capítulo sobre as marcas de uso, como se não pertencesse ao âmbito da definição, mas a outro nível do verbete. Esse aspecto pode ser questionado, pois, nas unidades analisadas neste estudo, são recorrentes os casos em que a variação precisaria ser levada em consideração na definição, seja perifrástica, seja por meio de equivalentes, em dicionários bilíngues. No caso dos monolíngues, especialmente no caso em que se apresentam equivalências lexicais na forma de “sinônimos”, a definição pode ser prejudicada quando se omitem informações acerca da variação.

Quadro 9. Verbetes **mosquito**

| | |
|------------------|--|
| NADCLP (2011) | mosquito (mos.qui.to) sm.1. Ent. Nome comum dado a várias spp. de insetos dípteros, esp. da fam. dos culicídeos, com larvas aquáticas, pernas longas e finas e cujas fêmeas, hematófagas, podem servir como importantes vetores na transmissão de diversas doenças ao homem; MURIÇOCA; PERNILONGO |
|------------------|--|

Fonte: Aulete (2011)

No verbetes **mosquito**, são elencados os equivalentes ‘muriçoca’ e ‘pernilongo’, sem nenhum registro variacional acerca dessas ocorrências. Landau (2001, p. 170), em mais um de seus critérios para elaboração de definições, destaca a importância de se evitar a ambiguidade nos casos em que unidades empregadas numa definição são polissêmicas. No caso das unidades em destaque, a informação dialetal auxiliaria o usuário do dicionário em sua compreensão, pois indicaria em que situação essas unidades são variantes do lema. Caso o utente resolva utilizar ‘muriçoca’ em correspondência a **mosquito** em qualquer contexto o sentido pode ficar comprometido.

A definição tem sido amplamente discutida pela tradição lexicográfica, concentrando propostas de categorização e discussão teórica ainda em padrões dicotomizantes como conhecimento dicionarístico e enciclopédico, admitindo-se como possível que a competência linguística fosse separada do conhecimento de mundo. Mesmo reconhecendo a importância de modelos associados à semântica de traços, às noções aristotélicas de *genus* e *differentia*, defende-se aqui que a definição lexicográfica dificilmente encontrará seu fim sob uma perspectiva puramente estruturalista e linguística. Vale ressaltar, entretanto, que utilizar as bases do desenvolvimento teórico dessa ciência é igualmente imprescindível.

5.2.7.1 EQUIVALÊNCIAS: SINÔNIMOS E/OU VARIANTES

Em dicionários monolíngues e bilíngues, a definição lexicográfica, invariavelmente, abrange o emprego de equivalências lexicais, sinônimos e, numa perspectiva contemporânea, variantes. Nas categorias propostas pelos metalexicógrafos, esses recursos são sempre citados como parte essencial do processo definitório. No caso das obras em que mais de uma língua é registrada, as equivalências lexicais são apresentadas como unidades que correspondam, com o maior grau de fidelidade possível, a uma realidade linguística, semântica, pragmática na língua-alvo. Como ressalta Carvalho (2001, p. 111), “praticamente todos os trabalhos sobre lexicografia bilíngue abordam o tema das equivalências [...]”, incluindo autores como Hausmann (1977), Haensch et al. (1982), Zgusta (1984), Hartmann (1985), Rey (1991), Kromann (1994).

É ainda Carvalho (2001, p. 113) que adverte: “[...] A relação entre o lema e a(s) equivalência(s) constitui o eixo fundamental do dicionário bilíngue”. Acerca dessa afirmação, a autora desenvolve cinco possibilidades para essa relação: o lema com uma única equivalência; relação lema-equivalências divergente; relação lema-equivalências convergente; relação lema-equivalências multivergente; lema sem equivalência. No tratamento dessas categorias, a discussão gira em torno da transposição linguísticocultural nos eixos língua-fonte/língua-alvo, no entanto, evidencia-se a necessidade de informações adicionais caracterizadoras que situem as unidades quanto a seus contextos:

As informações que encontramos nos dicionários sobre os lemas e as equivalências constituem o principal meio de que o lexicógrafo dispõe para equalizar os dois sistemas em contraste. Cada um desses sistemas não é, na verdade, um bloco homogêneo, mas sim compõe-se de vários subsistemas (Weinreich, 1954), dentro dos quais estão situados os lexemas. Logo, cada lema, assim como cada uma de suas equivalências, possui um determinado estatuto dentro da língua e precisa ser situado em termos geográficos, sociais, de registro, etc. Como sabemos que raros são os casos de total equilíbrio entre as duas partes, i.e., muitos dos verbetes compõem-se de equivalências parciais, então praticamente todos os verbetes vão precisar de algum tipo de informação adicional. Essas informações exercem papel importante na caracterização e, principalmente, na distinção das equivalências em relação ao lema, pois, quanto melhor caracterizadas e delimitadas elas forem, maiores serão as chances de o usuário aplicá-las de modo adequado (CARVALHO, 2001, p. 119).

Chama-se atenção para o fato de que o registro de equivalências exclusivamente não dá conta da heterogeneidade da língua e prescinde de informações que as situem em seu contexto comunicativo, buscando-se atender às necessidades do consulente. Apesar de se admitir o valor das marcas de uso, o papel atribuído a estes itens ainda é secundário diante da função desempenhada pela definição propriamente dita. É preciso, no entanto, considerar esses recursos como parte essencial da definição, que extrapolam a função de contextualizar, pois refletem um sistema em seu estado natural de variação, quando se recorre às fontes adequadas.

As unidades caracterizadas como equivalentes, quando em relação convergente (CARVALHO, 2001, p. 115), ou seja, o lema tem mais de um correspondente lexical na língua-alvo, podem constituir variantes dialetais, que precisam ser identificadas de acordo com os limites territoriais em que são utilizadas. Não bastasse isso, algumas unidades da língua podem variar em um determinado eixo e, em outro, possuírem sentidos distintos, deixando de concorrer. Exemplo disso está nas variantes lexicais diatópicas **aipim~mandioca**, que constituem variantes diatópicas (em Salvador, diz-se “aipim”, enquanto em São Paulo fala-se “mandioca”), porém, em Salvador, as duas unidades, apesar de conhecidas, têm significados distintos e que precisam ser considerados já que mandioca é compreendida como uma raiz venenosa.

Nos dicionários monolíngues, o conceito de sinonímia, desenvolvido ainda hoje é cultivado, a exemplo do que se encontra em Houaiss (2009), em que há no final das definições um espaço reservado para “sinônimos/variantes”, sugerindo-se que a relação é de correspondência entre os termos. Hartmann; James (1998, p. 135) definem sinonímia como:

The SENSE RELATION obtaining between the members of a pair or group of words or phrases whose meanings are similar. This definition leaves out of account the degree and nature of the meaning similarity. ‘Complete’ (‘absolute’, ‘strict’ or ‘total’) synonym is impossible as no two words ever have exactly the same sense in terms of denotation, connotation, formality or currence, but ‘partial’ (‘relative’, loose’, ‘quase-’ or ‘pseudo-’) synonyms can be substituted for each other in some contexts, e.g. *able, capable, competent, qualified*. Synonyms are said to be more common in the BASIC VOCABULARY than in technical terminology, but in the latter pairs, or even multiples, of words with (almost) identical denotation can be found, e.g. the terms *meaning discrimination, meaning differentiation, meaning distinction, sense discrimination* and *sense distinction* in semantics and lexicography.⁴²

A sinonímia constitui uma noção desenvolvida pela semântica e utilizada frequentemente num viés prescritivista. Na tradição escrita, a repetição de palavras não é bem vista e isso faz com que o consulente busque o dicionário monolíngue para encontrar unidades equivalentes. Essa compatibilização de sentidos, no entanto, é bastante questionada. Ulmann (1964, p. 291) dedica um capítulo de sua obra à sinonímia e defende que raramente as palavras se incluem nessa categoria, lembrando que na linguística contemporânea tornou-se “quase axiomática” a ideia de que sinônimos completos não existem. Sustenta, entretanto, que nas nomenclaturas técnicas a completa sinonímia pode existir, apesar de, com o tempo, os termos perderem essa condição, pois têm seus sentidos distanciados ao longo da história.

O autor, além disso, apresenta uma tentativa de esquematização das diferenças mais típicas que impediriam as unidades de funcionarem como sinônimas: casos em que um termo é mais geral que outro; casos em que um termo é mais intenso que outros; quando um termo é mais emotivo que outro; quando um implica aprovação ou censura moral, enquanto o outro é neutro; um termo é mais profissional que outro; um termo é mais literário que outro; um termo é mais coloquial que outro; um termo é mais local ou dialetal que outro; um dos sinônimos pertence à linguagem infantil. Apesar de, naturalmente, não abranger todos os aspectos impeditivos da sinonímia, um dos fatores

⁴² A relação de sentido obtida entre membros de um par ou grupo de palavras ou frases cujos significados são similares. Essa definição não leva em conta o grau e natureza de similaridade dos significados. Um sinônimo ‘completo’ (‘absoluto’, ‘estrito’ ou ‘total’) é impossível na medida em que duas unidades nunca têm exatamente o mesmo sentido em termos de denotação, conotação, formalidade ou frequência, mas sinônimos ‘parciais’ (‘relativos’, ‘quasi-’ ou ‘pseudo-’) pode ser substituídos um pelo outro em alguns contextos, ex.: *hábil, capaz, competente, qualificado*. Sinônimos são considerados mais comuns no VOCABULÁRIO BÁSICO do que na terminologia técnica, mas nesta há pares ou até mesmo grupos de palavras com (quase) um significado denotativo idêntico, ex.: os termos *discriminação do significado, diferenciação do significado, distinção do significado, discriminação do sentido* e *distinção do sentido* na semântica e lexicografia.

mencionados Ulmann (1964, p. 295) vincula-se diretamente aos objetivos traçados nesta tese: a diferença dialetal entre as unidades.

Desse modo, mesmo reconhecendo a sinonímia como um recurso ainda presente na lexicografia, entende-se a mesma como parte de uma herança prescritivista e pouco comprometida com a variação na língua, adotando-se a noção de variante, que se ajusta melhor aos interesses deste estudo. Conceito originado nos estudos sociolinguísticos, a variante é uma alternativa que se revela mais adequada para o olhar variacional que se lança sobre as unidades a serem registradas no glossário. Empregado em algumas das fontes lexicográficas consultadas, o termo “variante”, de modo geral, não integra a terminologia adotada pelos dicionários monolíngues e bilíngues gerais.

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes. Entendemos então por variantes as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância (BRAGA; MOLLICA, 2013, p. 10-11).

A variante linguística, sob essa perspectiva, é uma noção que dá conta de elementos da língua em variação, nos diferentes eixos, atendendo aos interesses do tratamento da diversidade. Contudo, verificando-se a definição retirada de Hartmann e James (2002, p. 153), não se evidencia a associação entre o conceito de variante e os estudos variacionais. Apresenta-se uma noção de variante distinta da anterior, desatrelada do sentido dinâmico da língua, uma vez que se restringe a alternâncias na esfera de um sistema homogêneo e abstrato, em que a variação linguística fica resumida a formas de uma única norma de prestígio.

A form of word which differs from other forms in SPELLING, PRONUNCIATION or GRAMMAR, e.g. *colour/color*; *'controversy/con'troversy*, *got/gotten*. CANONICAL forms are chosen from among several variants of a word or phrase to be cited as HEADWORDS in a dictionary entry, e.g. *open* from *opens*, *opening*, *opened*. Dictionaries and USAGE GUIDES often present variants, explain their existence, and comment on their use (HARTMANN; JAMES, 2002, p. 153) ⁴³.

⁴³ Tradução livre: uma forma que varia de outras pela GRAFIA, PRONÚNCIA ou GRAMÁTICA, e.g. “*colour/color*”; “*controversy/con'troversy*”, “*got/gotten*”. Formas canônicas são escolhidas entre as inúmeras variantes de uma palavra ou frase utilizada como unidades principais na entrada de um dicionário, ex.: “*open*” de “*opens*, *opening*, *opened*”. Dicionários e guias de uso frequentemente apresentam variantes, explicam sua existência, e comentam seu uso.

Defende-se a utilização do primeiro conceito destacado, não só por estar de acordo com a perspectiva teórica adotada na elaboração do glossário, mas por considerar necessário transpor a sinonímia nesta pesquisa em que as equivalências lexicais apresentam traços dialetais e, por vezes, socioletais que as inserem num plano de variação. A manutenção da concepção de sinônimo torna, sob a ótica aqui adotada, a lexicografia um campo de abstrações, em que a língua permanece isolada de seu entorno social e das nuances que permeiam seu léxico.

Como sugerem Mollica e Braga (2013, p. 10), “a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes”. Essa breve explicação dá conta apenas de mensurar a importância da noção de variante para a pesquisa linguística. A concepção de um sistema linguístico naturalmente heterogêneo está associada a regras variáveis, o que faz da variante um conceito chave no tratamento da variação. Sua existência é a comprovação maior de que a variabilidade não prejudica o funcionamento da língua, mas, muito pelo contrário, é natural, uma vez que, sendo parte de um contexto social, molda-se a diferentes situações a partir de avaliações diversas.

Quando se admite que sinônimos totais não são reais, concebe-se a existência de traços diferenciadores entre as unidades léxicas que supostamente se encaixam nessa categoria. Sendo assim, encarar esses itens como variantes garante que a compatibilidade semântica entre eles seja relativizada com base em fatos extralinguísticos, especialmente, os dialetais. Certamente, não é esse o único tipo de variação verificada, contudo, em termos de fornecimento de dados, o eixo diatópico pluridimensional é o que possui fontes mais confiáveis e concretas. Com a publicação do *Atlas Linguístico do Brasil*, em 2014, em que se registram variantes semântico-lexicais frequentes na língua portuguesa brasileira, uma proposta de revisão dos dicionários passou a ser possível com esse “banco de dados” que apresenta a língua tal como ela é.

Destaca-se, assim, a importância de recursos que definam de modo mais preciso o alcance social de uma unidade lexical. Vale, todavia, salientar que essas informações, por muito tempo, foram negligenciadas também por conta da escassez de fontes que permitissem o registro adequado da variação linguística. A modernidade proporcionou não somente o aporte tecnológico necessário, mas principalmente um novo olhar sobre a língua, que resultou na publicação de fontes como o *ALiB*. Mesmo que se identifiquem aspectos teórico-metodológicos a serem questionados, esses ainda são os *corpora* mais

completos e confiáveis para extração de dados, especialmente acerca da variação dialetal.

Propõe-se, enfim, que se repense a sinonímia, já que, além dos traços distintivos semânticos, que, mesmo sutis, causam alterações de sentido, há a informação dialetal que pode solucionar, em alguns casos, as incertezas de supostos equivalentes lexicais. Compreende-se que há em torno da noção de variante o aspecto da avaliação social que seleciona entre unidades lexicais coocorrentes uma considerada o *standard*, ou padrão de uso. Todavia, o âmbito dialetal pode também constituir um espaço em que essa valoração deixa de existir, uma vez que não há sentido em considerar o registro de uma determinada região como preferencial. Por outro lado, é concebível que se levem em conta as variantes cujo uso é mais generalizado no território nacional, de modo que uma marca a respeito desse predomínio seja acrescentada.

A adoção do termo/conceito variante, então, tem por finalidade, neste trabalho, cumprir a função de atribuir aos “equivalentes” lexicais marcas dialetais distintivas, entre essas unidades supostamente correspondentes. Na elaboração do glossário, busca-se garantir a precisão da definição lexicográfica, recorrendo-se ao aporte teórico da dialetologia para registrar unidades concorrentes no eixo dialetal da língua. Na investigação metalexográfica, a variante também serve de ponto de referência para que se analisem as definições sinonímicas.

O dicionário, encarado como “depositário do acervo lexical da cultura” (BIDERMAN, 2006, p. 177) é uma fonte abundante de ocorrências relacionadas à língua de um determinado período. É necessário considerar, desse modo, as variantes apresentadas nas obras como indícios do posicionamento adotado em relação à variação linguística. A respeito disso, Machado Filho (2014, p. 263) julga ser imprescindível “circunscrever a noção de variante aos estudos do léxico” e, indo além, é também essencial circunscrevê-la à lexicografia, espaço onde ainda não se ambientaram integralmente os instrumentos metodológicos que dão suporte ao tratamento da variação. Sobre esse conceito exaustivamente debatido, coincide o pensamento de que as variantes são:

Diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente. A concordância entre o verbo e o sujeito, por exemplo, é uma variável linguística (ou um fenômeno variável), pois se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes: a marca de concordância no verbo ou a ausência da marca de concordância (MOLLICA; BRAGA, 2013, p. 10-11).

Enxergando o léxico como nível que vai além dos limites morfológicos e gráficos, Machado Filho (2014) questiona a função do conceito de variante como tem sido adotado pelos estudos variacionais. A multidinamicidade desse item é evidenciada como característica essencial a uma compreensão mais adequada e completa da variante linguística, esperando-se, a partir dessa ótica, que “os diversos aspectos do léxico (fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos) sejam representados de maneira integrada” (LORENTE, 2004, p. 27).

Um entendimento ampliado da noção de variante sugerida como parte das decisões metodológicas é essencial à observação do tratamento da variação linguística em obras lexicográficas.

O cerne da questão é compreender a razão de o conceito de variante lexical, hoje adotado, privilegiar um dos níveis de análise em detrimento de outros, isto é, por que estabelecer uma relação mais evidente de aspectos morfológicos e semânticos com o léxico e desconsiderar outras instâncias? Significa dizer que isofônicas não diriam respeito aos estudos do léxico, mas exclusivamente, aos da fonética dialetal, como se houvesse um medidor que pudesse hierarquizar em até que ponto uma alteração de forma deva ou não ser considerada como relevante para a observação científica de um objeto teórico (MACHADO FILHO, 2014, p.271).

A linguística tem buscado, ao longo dos anos, responder aos questionamentos em torno da forma como as línguas se comportam nos limites do contato social, seja dentro dele (correntes teóricas que somente concebem a língua em uso, como produto extralinguístico) ou fora (posicionamentos imanentes, intrassistêmicos). Encontrar o lugar da diversidade nesse contexto tem sido desafiador, uma vez que as noções desenvolvidas no campo da Linguística nem sempre são aceitas com prontidão pelas instâncias de poder, que se inspiram, não raras vezes, em modelos teóricos estruturalistas, reservando à variação linguística o segundo ou terceiro plano.

O modelo de análise proposto por William Labov, a teoria da variação e mudança, tem como texto fundador o *Empirical Foundations for a Theory of Linguistic Change*, publicado originalmente em 1968 e, no Brasil, em 2005, e de autoria compartilhada com Uriel Weinreich e Marvin Herzog. Nessa linha, confirma-se o pensamento sociolinguístico de que sistematicidade e heterogeneidade não se excluem, argumentando Weinreich que o domínio de estruturas heterogêneas por um falante nada mais é que parte da competência linguística monolíngue. Essa “heterogeneidade ordenada” (MATTOS E SILVA, p. 11), cientificamente elaborada pela tríade

variacionista, muito tem interessado a diferentes segmentos das ciências linguísticas, entre os quais a linguística histórica:

a diversidade linguística pode ser considerada como arquiobjeto teórico da Linguística Histórica (LH) em sentido lato, a que se relacionariam, em relação de contínuo, variação e mudança, como objetos prototípicos, conjugados a diferentes traços específicos, como espaço, sociedade, tempo e gramática (ou sistema funcional). A filiação principal a um dos dois subobjetos teóricos (variação ou mudança) permite individualizar a Linguística Histórica *Stricto Sensu* da Sociolinguística e da Dialectologia, já que estas operam eminentemente com a variação em perspectiva diastrática e diatópica, respectivamente, e, ainda, distinguir a LH da Linguística Diacrônica, que, embora focalize seu trabalho de investigação na mudança linguística em função do tempo, esta, diferentemente da Linguística Histórica, exclui fatores extralinguísticos, sobretudo os sócio-históricos, no foco e no cômputo de suas análises (MACHADO FILHO, 2014, p. 10).

Vale considerar, nesse cenário, a pesquisa histórica como âmbito dotado de imensa relevância para o desenvolvimento dos estudos variacionais, uma vez que propõe o trabalho com gerações conviventes, tornando possível a captação do processo de difusão da mudança na estrutura da língua. Os estudos restritos às mudanças consideradas concluídas foram expandidos, abrindo-se o caminho para as análises diacrônicas a partir da investigação sincrônica, com foco no processo de variação, em que formas semanticamente equivalentes, porém com avaliações sociais distintas, concorrem no repertório de um idioma.

O compromisso de estudar a variação linguística é, assim, firmado, relacionando, finalmente, a língua ao contexto extralinguístico, negado até então pelos objetos teóricos de vertentes como a estruturalista, cuja crença estava baseada no isolamento do objeto língua. Os sociolinguistas e dialetólogos, entretanto, superando essa premissa, passaram a considerar um conjunto de fatores extralinguísticos, essenciais, sob essa ótica, à compreensão dos fenômenos de variação linguística. Aspectos como origem geográfica, *status* socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, enquadramento profissional, redes sociais passaram a fazer parte do escopo das pesquisas acerca da língua.

No léxico, as transformações históricas de uma sociedade ficam mais evidentes pela mutabilidade, perceptível nesse segmento tão receptivo às novidades e considerado o menos estável e sistemático da língua. A variabilidade e mutabilidade lexical que acompanham a história social de um povo são indícios de o quanto se pode extrair na investigação científica acerca dessa esfera. A lexicografia, nesse contexto, com seu

interesse mais descritivo do que prescritivo, como defendem os próprios lexicógrafos, pode ser considerada o espaço onde esse histórico fica registrado, constituindo-se uma fonte significativa. Se, no léxico, são “pirogravadas” as “designações que rotulam as mudanças encadeadoras dos caminhos e dos descaminhos da humanidade” (SILVA, 2000, p. 142), é a lexicografia um importante instrumento congregador desses vestígios linguísticos. A lexicografia bilíngue, pelo encontro intercultural que promove, mais ainda tem a revelar:

A lexicografia bilingue interferiu com muito préstimo na inovação lexical do português, oferecendo-lhe um confronto sistemático com outras línguas. Como acontecera já com os dicionários de latim-português, o emparelhamento com as línguas modernas, nomeadamente com o francês, o inglês e o italiano, suscitou a transferência do vocabulário referente à ciência e à técnica, e ofereceu modelos de criatividade lexical e de formação de palavras, provendo o “corpus” lexical com novos recursos de expressão (SILVESTRE; VERDELHO, 2011, p. 7).

Ainda que não se esteja lidando com dados da língua em uso, é preciso considerar os dicionários como materiais não somente prescritivos, mas descritivos⁴⁴, pois reúnem os usos atinentes à norma de prestígio, ao cânone, mas também as formas endossadas pelo uso popular. Há, no entanto, que se levar em conta a frequência lexical considerada na elaboração dos dicionários de língua, determinante na seleção dos itens que compõem a obra. Compreende-se, assim, como fator determinante na composição da nomenclatura a natureza do item quanto a seu índice de emprego na língua, o que torna o dicionário ainda mais interessante no que diz respeito à análise variacional, uma vez que são priorizadas nesses materiais as unidades do uso corrente. Dessa maneira, é possível obter uma fotografia do léxico em uma determinada sincronia, mesmo que variantes não sejam apresentadas, viabilizando-se o desenvolvimento de um estudo diacrônico, como o que aqui se propõe.

A heterogeneidade funcional do sistema tem muito a contribuir para a constituição de uma teoria lexicográfica. A variação, que permite respostas mais flexíveis e contextualizadas com as necessidades de comunicação, pode ser mais explorada na elaboração de dicionários, que ainda se mantêm conectados a uma visão conservadora

⁴⁴ Hoey (2005, p. 182) assevera, com relação ao léxico de uma língua, que “the least noticeable type of priming comes in the form of dictionaries and grammars. This is why there is always irritation whenever grammarians and lexicographers argue that their function is to describe, not prescribe”. Traduz-se que: o tipo menos frequente de coocorrência lexical vem do modelo de dicionários e gramáticas. Daí o porquê de haver sempre irritação quando gramáticos e lexicógrafos argumentam que sua função é descrever, não prescrever (escolheu-se traduzir “priming” por coocorrência, pelo fato de o termo cunhado por Hoey fazer menção aos diferentes tipos de informação contidas num item lexical).

de língua e seu entorno sociocultural. Exemplo disso está na utilização de marcas de uso, “rótulos” que atribuem avaliações geolinguísticas, sociais e de outras ordens, algumas delas preconceituosas ou, no mínimo, obsoletas. Ademais, mantém-se a visão eurocêntrica, em muitas obras que consideram a variedade europeia como padrão linguístico e o português brasileiro como variedade secundária. Além de prevalecer uma concepção de língua portuguesa monolítica no âmbito internacional, a mesma postura é mantida quando o assunto é o português brasileiro, sendo eleito o padrão linguístico normalmente concentrado no eixo sul/sudeste, fazendo surgir “brasileirismos” e “regionalismos” que buscam dar conta de usos não prestigiados.

Com o advento da sociolinguística, a partir de 1960, concentraram-se esforços na relação entre a língua e a sociedade. O sistema naturalmente heterogêneo evidenciado pela teoria laboviana amplificou os estudos da língua integrada ao contexto social. Vale, no entanto, ressaltar que as pesquisas dialetais já influenciavam, de algum modo, o Brasil, a partir de 1826, com a participação do Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, na elaboração do *Atlas Ethnographique du Globe*, de Adrien Balbi. A primazia do pensamento sociolinguístico, a partir do século XX, poderia significar o declínio do enfoque espacial e geográfico assumido pela dialetologia, mas, pelo contrário, houve uma expansão do terreno dialetológico.

A variação espacial, objeto do método geolinguístico, foi explorada, no Brasil, em diversos trabalhos cujo propósito era apresentar as especificidades lexicais do português naquele país. Já em 1879, *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*, elaborado por José Jorge Paranhos da Silva, foi publicado, assumindo a dianteira dos trabalhos lexicográficos acerca das peculiaridades da variedade brasileira. A ênfase no léxico ocupou o centro das atenções na elaboração de trabalhos como o *Vocabulário Gaúcho* (1926), de Roque Callage, *Vocabulário do Nordeste do Rio Grande do Sul: linguagem dos praieiros* (1933), de Dante de Laytano e *O vocabulário pernambucano* (1937), de Pereira da Costa.

O empenho dos autores no desenvolvimento das pesquisas lexicais, assim como de outros que buscaram investigar o português brasileiro no âmbito da pesquisa dialetal, sugere uma forte tendência à produção de trabalhos lexicográficos com esse caráter. Eram parcas, entretanto, as fontes de dados para elaboração de materiais sobre a realidade dialetal do Brasil, situação que, mais tarde, começou a sofrer mudanças com a promulgação do decreto 30.643, de 1952, que definia, entre as atribuições da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil*. Ainda

que o produto final dessa proposta tenha sido publicado somente muitos anos depois, em 2014, a partir do decreto, muitos esforços foram empreendidos. Prova disso é a iniciativa do professor Nelson Rossi, com a execução do primeiro atlas linguístico brasileiro, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, em 1963.

Depara-se, hoje, com um cenário em que tanto a sociolinguística quanto a dialetologia encontram-se em graus avançados de desenvolvimento. Se na primeira, a variação social e o socioleto estão no escopo da pesquisa, nos estudos dialetais, a variação espacial e o dialeto são centrais nas investigações. Ambas, entretanto, não têm sido encaradas como estanques, buscando-se enxergar a compatibilidade, muito possível, entre essas teorias complementares e até necessárias uma à outra. Cardoso (2010, p. 12) indaga, a respeito da expectativa de enfraquecimento da dialetologia em face da ascensão da sociolinguística no século XX, se seria cabível separar o geográfico do social “como se o social fosse destacável do espacial ou como se o regional não se concretizasse em pessoas com idade, sexo, faixa etária e profissão definidos”.

A diversidade linguística tem, enfim, recebido mais atenção a partir da teoria da mudança e variação, o que incluiu a elaboração e o aperfeiçoamento de métodos que inserem a variação linguística no centro das investigações sociolinguísticas e dialetais. Conforme as ideias aqui defendidas, nota-se uma tendência de associar essas correntes teóricas de modo que se obtenha um produto mais adequado à incorporação da língua ao social, sem isolá-la como era de costume entre os teóricos estruturalistas. Sabe-se, contudo, que os resultados positivos oriundos das discussões teóricas acerca da variação têm ocupado ainda pouco espaço na lexicografia moderna, que continua a construir suas bases sem o apoio de fontes mais “reais”:

Historicamente, para a composição dos grandes dicionários de Língua Portuguesa publicados no Brasil, os lexicógrafos constituem seus corpora de abonações por meio de textos escritos, principalmente o literário de ficção e, mais modernamente, o jornalístico e o das demais mídias impressas, como revistas e periódicos (AGUILERA, 2011, p. 271).

Se na lexicografia monolíngue essa tendência é observada discretamente, na bilíngue a interferências de um respaldo sociolinguístico e dialetológico tem sido ainda menos sentidas. Vale destacar que, pelo desprestígio do dicionário bilíngue, considerado por muitos anos desaconselhável ao aprendizado de línguas estrangeiras, há carência não só de atualização metodológica quanto de uma revisão dos modelos linguísticos adotados. É necessário acrescentar, contudo, que a variação linguística, de algum modo,

tem sido contemplada pelos dicionaristas e a maneira como é abordada reflete o pensamento linguístico e cultural de uma época, em que os valores das variantes correspondem ao contexto social em que a obra se insere. As obras lexicográficas podem constituir, destarte, uma fonte prolífica para o estudo histórico e descritivo da variação linguística, mediante um recurso metodológico amplamente utilizado com no registro variacional:

O que se pode hoje observar em relação ao registro da variação nos dicionários contemporâneos, publicados no Brasil, se refere meramente a marcas de uso, que normalmente refletem uma certa carga de preconceito em face do padrão ortográfico que neutraliza quaisquer outras atualizações linguísticas que se possam insinuar na nomenclatura (MACHADO FILHO, Projeto *DDB*, 2010, p.5).

5.2.8 MARCAS DE USO

A permanência de cisões conceituais como conhecimento linguístico e enciclopédico nas reflexões metalexográficas encontra nas marcas de uso argumento para endossar e, ao mesmo tempo, refutar esse discurso. Incumbidas da demarcação dos usos dialetais, sociais, culturais e especializados do léxico, as marcas, encaradas, muitas vezes, isoladamente da definição, corroboram a ideia de que há uma tendência a se privilegiar o conhecimento linguístico, tratando-se separadamente da contextualização das unidades registradas. Por outro lado, a inserção desse recurso sugere que a definição lexicográfica jamais será completa sem a inserção dessas etiquetas indicadoras dos contextos de uso. No entanto, questiona-se aqui até que ponto as marcas de uso refletem a realidade ou se sua aplicação ocorre dentro de uma linha subjetiva e impressionística, sob um viés prescritivista.

Esses itens recebem atenção especial nesta ocasião, porque, além de terem sido norteadores na pesquisa realizada acerca da variação dialetal no léxico do português brasileiro, também exerceram papel fundamental na elaboração de um glossário dialetal bilíngue. No plano da análise, nos dicionários pertencentes a diferentes períodos, desde o século XVIII, a utilização desses itens retrata a subjetividade do lexicógrafo e a variação também nesse âmbito mais especializado e supostamente mais estável quanto à utilização dos termos e reduções. Incluem-se nessa categoria tanto as abreviaturas, apresentadas no texto pré-dicionarístico, quanto quaisquer notas acerca do âmbito social, cultural, geográfico, técnico de um determinado uso lexical, geralmente identificadas por algum indicador, tipográfico ou não tipográfico.

Nas obras monolíngues, a utilização de marcas de uso ocorre com frequência e tem um alcance amplo, o que fica evidente somente numa rápida vista à lista de abreviaturas. As publicações aqui investigadas, por pertencerem à categoria de dicionários gerais, são abrangentes no que diz respeito às áreas do conhecimento contempladas e à variação lexical, apresentada com mais detalhamento. O tamanho das obras impressas, naturalmente, também precisa ser considerado, já que em dicionários de menor porte, pela restrição de espaço, observam-se verbetes e definições mais sintéticos, além de, conseqüentemente, uma lista de abreviaturas reduzida. No entanto, entre obras de mesmo porte, citando-se aqui os de Houaiss (2009) e Aulete (2011), há uma significativa diferença no que diz respeito à dimensão das listas de reduções. Enquanto no primeiro a relação ocupa seis páginas, no segundo, metade desse espaço é destinado à mesma finalidade.

Em dicionários bilíngues, as marcas podem ser consideradas “elementos diferenciadores” (WELKER, 2004, p. 205), permitindo ao consulente “escolher o equivalente da acepção que o interessa”. Muito especialmente, nos volumes classificados como de recepção/decodificação (cuja direção é língua-alvo → língua-fonte), o valor desses itens é indiscutível, como sugere (HANNAY, 2003, p. 148), ao ressaltar a importância de marcas regionais, formas alternativas e aquelas “old-fashioned” (fora de moda), bem como as gramaticalmente marcadas, como plurais e tempos verbais que podem não ser facilmente reconhecidas pelos consulentes. Entre essas, destacam-se aqui as regionais, com ênfase sobre aquelas que evidenciam o português brasileiro.

A delimitação de critérios é, seguramente, uma das inquietações naturais a qualquer dicionarista. Além de ser complexa pela necessidade de aprofundamento no que tange a diferentes campos do conhecimento, pela abrangência de significantes e significados, é revestida pela subjetividade do(s) autor(es), envolvendo escolhas e recortes interpretativos. Oferecer ao consulente os dados necessários para o entendimento do verbete, preenchendo as entradas não somente com definições, mas com expressões dele derivadas, além de informações que contemplem contextos de uso, dentre outros elementos, é imprescindível. Por outro lado, coloca em risco a obra publicada, uma vez que a adoção de critérios, muito frequentemente, divide opiniões.

Conhecidas por *marcas*, no espanhol, *marques* ou *marques d'usage*, em francês, *labels*, no inglês,

marcas de uso ou rubricas situam as palavras na área de conhecimento em que são usadas com mais frequência. São antecedidas de abreviações que estão listadas no texto paralexiconográfico do dicionário (FAULSTICH, 2011, p. 192).

São elementos, ou rótulos, como preferiu chamar Borba (2003), encadeadores de significado, conectando ou, na pior das hipóteses, prendendo palavras a seus domínios de uso e significação. Destarte, de um modo geral, podem representar um “risco” ao autor e são constante alvo de discussões e discordâncias no meio linguístico, o que é corroborado por Welker (2004, p. 130):

Por terem um “caráter mais ou menos intuitivo” e ainda por cima pelo fato de que os usuários não as compreendem adequadamente, essas rotulações são consideradas por Rey – ele mesmo grande lexicógrafo francês – parcialmente fictícias e arbitrárias. Hausmann (1989), lamentando, por um lado, que, em diversas introduções à lexicografia, o assunto é pouco tratado, e indicando, por outro lado, um grande número de trabalhos sobre esse tema, recomenda que, apesar das enormes diferenças constatadas em dicionários, não se abra mão das informações sobre os lexemas marcados, isto é, sobre “as palavras que fogem, sob certos aspectos, ao uso corriqueiro, normal, da língua de uma comunidade linguística”.

Ainda esse autor afirma que:

No que concerne aos dicionários bilíngues, vários autores [...] salientam que a marcação diassistemática preenche duas funções: caracterizar lexemas (e suas diversas acepções) e diferenciar acepções. Na verdade, essa constatação vale também para os dicionários monolíngues, pois uma marca como *pejorativo* caracteriza uma acepção ou palavra, ao passo que marcas diatópicas – ou, por exemplo, diatextuais – distinguem acepções, já que indicam que o significado fornecido na definição de determinada acepção só existe em certa região, ou só se aplica a certo gênero textual. Mas o fato é que a função discriminatória é particularmente importante no dicionário bilíngüe quando consultado na produção de textos na L2. Para poder escolher o equivalente certo, o falante nativo da L1 precisa de algum elemento diferenciador, sendo a informação diassistemática um desses elementos (WELKER, 2004, p. 135).

No diassistema, referido por Welker (2004, p. 131), as marcações podem acontecer nos níveis: diacrônico; diatópico; diaintegrativo; diamedial; diastrático; diafásico; diatextual; diatécnico; diafrequente; diaevaluativo; dianormativo. O prefixo “dia-”, nesse caso, acaba restringindo o poder de alcance desses itens, que não expressam, ou não deveriam expressar, somente dois extremos de uma variável linguística. Mesmo lançando mão dessa terminologia, uma visão limitadora não deve

prevalecer. Tomando por base a categorização de Landau (2001, p. 217-218), esses termos são substituídos por: marcas temporais (*antigo, arcaico, obsoleto*), regionais ou de variação geográfica (*português brasileiro, europeu, moçambicano* etc.) e ainda regionais no âmbito de um mesmo país (a marca *regionalismo* ou a indicação da região onde uma forma é utilizada); marcas técnicas ou de terminologia especializada (astronomia, química, física, esporte), considerando-se que *técnico* e *especializado* também podem funcionar como marcas de uso; marcas de uso restrito, escatológico e relativas a tabus (ofensivo, tabu, vulgar, obsceno). Logo, trata-se aqui das marcas diatópicas, “aplicadas nas acepções restritas a certas regiões ou países” (LANDAU, 2001, p. 217-218).

Com todas as objeções, no entanto, essas informações têm sido mantidas, sob alegação da necessidade de seu emprego nas circunstâncias em que as palavras “fogem” ao uso comum, trivial, o que, muitas vezes, desagua em questões controversas, como a perpetuação de estereótipos e preconceitos. É preciso, contudo, considerar a relevância dessas etiquetas, valendo mencionar a diferença entre obras bilíngues e monolíngues, direcionadas a propósitos diversos e obedientes a configurações metodológicas e didáticas distintas. No tocante aos dicionários bilíngues, objeto do estudo em andamento, Duran e Xatara (2007, p. 317) destacam, em um dos critérios discutidos (a funcionalidade), a necessidade de, na direção língua materna → língua estrangeira, os equivalentes só poderem ser usados pelos consulentes, de forma segura, “se o dicionário informa em que situações de uso eles ocorrem”.

É certo que o ato de “usar um dicionário”, ou o “ato de uso” (Welker, 2006, p. 15), deve ser levado em consideração. Há de se observar e respeitar, assim, os interesses do indivíduo que consulta, entendendo que os objetivos de uma obra desse caráter devem privilegiar, principalmente, seus leitores. Dicionários bilíngues, voltados aos aprendizes de português como L2, buscam atender a um universo desse público, na maioria das vezes, desprovido de referenciais socioculturais relacionadas ao vocabulário da língua-alvo. Nesse caso, marcas de uso dialetais e socioletais identificam as unidades quanto às possibilidades de utilização e adequações aos contextos.

Mais uma vez, chama-se atenção para a relação entre as marcas e a finalidade da publicação lexicográfica. Nos dicionários monolíngues, pelo caráter mais amplo de seu alcance sobre a língua, as marcas de uso são mais frequentes e abundantes, já que o léxico é tratado de modo mais detalhado. As abreviaturas constituem um indicador eficiente dessa abrangência, pois a lista desses itens revela as variedades da língua e

áreas de especialidade incluídas nas definições. Cotejando novamente as obras Houaiss (2009) e Aulete (2011), além haver uma diferença expressiva em relação ao tamanho da lista de abreviaturas, observam-se no elenco daquele dicionário muitas reduções associadas não só à variedade brasileira do português como também à europeia, incluindo-se marcas que dão conta das variantes dialetais de ambos os países. Também são incorporadas marcas referentes aos demais países lusófonos e territórios como Macau e Goa, a outros idiomas como o inglês (no sentido dialetal, variedades australiana, norte-americana e, no diacrônico, antigo, médio, moderno), mexicano, iorubá, japonês, italiano etc.

[...]vê-se que elas são um instrumento indispensável para os lexicógrafos. Constata-se também que nem sempre é fácil saber que as marcas de uso são apropriadas para tal ou tal verbete. O número mais ou menos elevado de marcas de uso permite então um trabalho lexicográfico mais ou menos refinado. A análise das abreviações empregadas pelos dicionários mostra que os dicionários monolíngues são mais ricos em informação desta natureza do que os bilíngues. Isto se explica, sem dúvida, pelo fato de que o dicionário bilíngue tem outra finalidade. Este busca, antes de tudo, dar equivalentes lexicais (STREHLER, 1997, p. 177).

Reafirma-se a importância das marcas em dicionários, chamando-se a atenção, no entanto, para o fato de que abreviações estabelecem uma relação com a cultura, permitindo que se tenha acesso aos critérios de avaliação da língua com base nos valores sociais. A partir dessa constatação, no caso das obras bilíngues, esses elementos rotuladores têm papel de destaque, pois norteiam o consulente quanto ao julgamento do emprego de lexias. Considerando-se a língua portuguesa, é recorrente o emprego de abreviaturas e notas que indicam uma restrição dialetal quanto à variedade utilizada, se brasileira ou europeia. As demais variedades lusófonas, faladas em outros países, têm sido mantidas longe da esfera de prestígio, concentrado hoje nas variedades do Brasil e de Portugal, em que se concentram os trabalhos lexicográficos gerais do português.

Na investigação aqui realizada, as marcas de uso evidenciaram diferentes aspectos linguísticos e socioculturais. As listas de abreviaturas dos dicionários pesquisados constituíram um ângulo essencial da pesquisa, por fornecerem indícios sobre o detalhamento das definições antes mesmo de se avaliar o verbete. Além disso, esse elemento pré-dicionarístico, integrante do *front matter*, reflete o perfil das obras, de modo que tanto no eixo diacrônico quanto no sincrônico são sentidas diferenças que deixam transparecer a proposta lexicográfica da obra. Comparando Aulete (1881),

Freire (1954) e Houaiss (2009), é notável a expansão da lista de abreviaturas e as categorias que passam a constituí-la relacionam-se diretamente com as mudanças que afetam a sociedade ao longo da história.

Quadro 10. Lista de abreviaturas (recorte dialetal/geográfico)

| | |
|----------------|--|
| Aulete (1881) | alemão; árabe; arcaísmo; brasil. brasileiro; céltico; hespanhol; latim; Minas Geraes; portuguez; Rio Grande do Sul; romano. |
| Freire (1954) | Afrolusitanismo; alemão; albanês; alto alemão; americano; anglicismo; antigo alto alemão; árabe; arcaísmo; asiolusitanismo; berbere; baixo latim; borgonhês; brasileiro, brasileirismo; espanhol; francês; franco; gaélico; galicismo; germânico; germanismo; gíria de ciganos; gíria de ladrões; grego bizantino; grego moderno; guarani; hebraico, hebreu; holandês; húngaro; indostano; inglês; irlandês; italiano; japonês; latim; latim bárbaro; latim científico; latim hipotético; lundês; lusitanismo; médio alto alemão; neerlandês; nórdico; regionalismo; romano; russo; tupi-guarani; turco. |
| Houaiss (2009) | Alto-alemão; alto-alemão antigo; açorianismo, Açores; Acre; África; africânder; alto-inglês; Alagoas; alemão; Alto Alentejo; Algarve, alemão-suíço; Alentejo; Amazonas; Amazônia; anglicismo; anglo-normando; anglo-saxão; anglicismo semântico; Amapá; árabe; aramaico; Ásia; brasileirismo, Brasil; Bahia; baixo-alemão; Centro Oeste do Brasil; Este do Brasil; Beira; Beira-Alta; Beira Baixa; Beira Litoral; baixo latim; Norte do Brasil; Nordeste do Brasil; Noroeste do Brasil; dialetismo brasileirismo; Sudeste do Brasil; Sudoeste do Brasil; Baixo Alentejo; Cabo Verde; Ceará; China; Macau; crioulo, vocábulo crioulo; Distrito Federal; Douro (região do); Douro litoral; Espírito Santo; escandinavo; eslovaco, esloveno; espanhol, espanholismo; Estremadura; Estados Unidos da América; Fernando de Noronha; francês; francês antigo; galego; galicismo semântico; Gaulês; Guiné-Bissau; germânico; Goiás; grego; grego bizantino; grego eclesiástico; grego moderno; groenlandês; grego tardio; hindu; hispano-americano; hispano-árabe; húngaro; indoeuropeu; Índia; indo-chinês; Damão; Diu; Goa; indonésio; indo-português; inglês; inglês antigo; inglês australiano; inglês médio; inglês moderno; inglês norte-americano; iorubá; irlandês; islandês; italiano, italianismo; ioguslavo; japonês; javanês; latim, latinismo; latim bárbaro; latim cartorial; latim científico; latim clássico; latim eclesiástico; latim escolástico; latim hipotético; latim hispânico; latim imperial; latinização inglesa; latim medieval; latim popular; latim tardio; latim vulgar; lunyaneka; lunfardo; médio alto-alemão; Maranhão; Madeira, madeirense; Minas Gerais; médio holandês; Minho; Moçambique; moçárabe; Mato Grosso do Sul; Mato Grosso; Nordeste; nor-nordeste; nor-noroeste; Noroeste; Oeste; Pará; Marajó, ilha de; Paraíba; Pernambuco; Leste de Portugal; Norte de Portugal; Paraná; dialetismo português; Sul de Portugal; Sudeste de Portugal; Sudoeste de Portugal; quicongo; regionalismo, dialetismo; Ribatejo; Rio de Janeiro; Rio Grande do Norte; Rondônia; Roraima; Rio Grande do Sul; Sul; sânscrito; Santa Catarina; Sergipe; Sudeste; Sudoeste; São Paulo; São Tomé e Príncipe; tailandês; Timor-Leste; Trás-os-Montes; umbundo. |

Fontes: Aulete (1881); Freire (1954); Houaiss (2009)

No quadro 10, são listadas as abreviaturas na forma desenvolvida como aparecem no prefácio dos dicionários Aulete (1881), Freire (1954) e Houaiss (2009). O recorte dialetal-geográfico denota uma mudança expressiva na abrangência dos registros e na

ampliação dos limites linguísticos. O número de línguas, países, estados, cidades e regiões é muito é ampliado em Houaiss (2009), passando a incluir referências não somente associadas à contemporaneidade, mas à proposta etimológica dessa obra (são incluídas novas categorias da língua latina e grega). Assim também as referências aos idiomas africanos, alguns diretamente associados à formação do português brasileiro, como *quimbundo*, *quicongo*, *umbundo*.

Em Aulete (1881), ainda não se verifica o “brasileirismo”, mas a abreviatura de “brazil., brasileiro” reflete o destaque atribuído a essa variedade, ainda submetida ao modelo europeu. Nesse mesmo dicionário, chama atenção, entre as reduções, a presença de apenas dois estados brasileiros, Rio Grande do Sul e “Minas Geraes”, recém-fundados (1889). Destaca-se, todavia, que as reduções, apesar de terem muito a “comunicar”, não correspondem precisamente ao que se encontra no corpo dos dicionários, uma vez que é frequente na lexicografia, ainda hoje, a falta de sistematização na aplicação de alguns recursos. As abreviaturas, constituindo uma parte essencial trabalho lexicográfico, evoluíram com o desenvolvimento técnico e tiveram seu uso, como item do verbete, aprimorado.

Nesta tese, as abreviaturas ganham sentido especial ao serem analisadas como parte integrante das definições e dos verbetes, na forma de marcas de usos. As informações dialetais acerca do português brasileiro constituem o principal objeto da análise das definições. As unidades lexicais do questionário semântico-lexical do *Atlas Linguístico do Brasil* servem de parâmetro para essa avaliação, verificando-se, entre os dicionários monolíngues e bilíngues de diferentes períodos, que o registro do português brasileiro é diacronicamente distinto. Os “brasileirismos” começam a aparecer já nos dicionários mais antigos consultados, mas assumem diferentes formas, como é o caso do “termo brasileiro” em Figueiredo (1913). Nesse caso, a propriedade linguística da marca é mantida, logo, cumprindo função equivalente à da sufixada em *-ismo*. Já em publicações como Transtagano (1773) utilizam-se sempre as notas “*in the Brazils*” (no Brasil), sem uma associação à variedade linguística, o que é compreensível por se trata de uma obra do início do século XVIII. Seria esse um primeiro indício de constituição de uma norma do português brasileiro ou se tratam de referências exclusivas ao território onde as unidades lexicais foram identificadas?

Refletir acerca dessas concepções acentua a necessidade de revisar conceitos e métodos subjacentes à aplicação dessa marca de uso, em dicionários. Ainda que o olhar eurocêntrico não seja mais tão frequente, na elaboração de obras, atualmente, persistem

as imprecisões metodológicas na elaboração de materiais voltados ao ensino de português, seja como língua materna ou estrangeira. Para tanto, demanda-se a adoção de critérios interdisciplinares, que atuem conjuntamente de modo a proporcionar definições menos imprecisas. Entendendo-se a marca de uso como um rótulo sociocultural, é preciso levar em conta os referenciais que nela se entremeiam.

Assim, a identidade, sendo definida historicamente, é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (FLEURI; SOUZA, 2003, p. 56).

Buscar acolhida nos estudos interculturais pode ser uma primeira tentativa no sentido de melhor compreender os propósitos e consequências com a utilização dessas marcas, mais ainda em dicionários bilíngues. Nestes, prevalece ainda hoje uma concepção dicotômica de língua portuguesa, em que as duas variedades predominantes do português são a europeia e a brasileira. Ademais, a necessidade por parte dos consulentes, ao consultarem esse tipo de material, faz com que as correspondências lexicais não sejam suficientes, precisando-se de indícios que lhes permitam utilizar, com segurança, o vocabulário da língua-alvo.

5.2.8.1 O PORTUGUÊS BRASILEIRO E SUAS MARCAS DIALETAIS

Segundo Teyssier (2001, p. 95), é “[...] no decorrer do século XVIII que se documentam as primeiras alusões aos traços específicos que caracterizam o português falado no Brasil”. Autores, como D. Jerônimo Contador de Argote (*Regras da Lingua Portuguesa*, 1725) e Frei Luís do Monte Carmelo (*Compendio de Orthographia*, 1767), foram pioneiros na observação de características típicas do português brasileiro, tanto na descrição de aspectos lexicais quanto fonéticos. Jerônimo Soares Barbosa (*Grammatica Philosophica*, 1822) também fez parte desse grupo, assim como Manuel Rodrigues de Maia, em sua obra teatral, onde retratou “[...] uma série de pormenores caracterizadores da língua [...]”. Cabe, no entanto, questionar acerca do julgamento social dessas marcas brasileiras.

Os esforços em direção à constituição de uma consciência nacional, no Brasil, quanto ao idioma aqui falado, resultaram, ainda, em querelas linguísticas protagonizadas por autores como José de Alencar, criticado pelos puristas que o

acusavam de escrever incorretamente, e, posteriormente, pelos vanguardistas da Semana de Arte Moderna, em 1922. Os movimentos literários acolheriam, assim como ocorreu durante o Romantismo e o Modernismo, reivindicações em prol da formação de uma identidade, de uma língua brasileira isenta de amarras lusitanizantes, materializadas mediante expressões artísticas.

De acordo com Bagno (2001, p. 174), uma base filosófica, inspirada na noção de “visão de mundo”, do alemão *Weltanschauung*, teria sido o pilar fundamental do projeto romântico-modernista. Dentro dessa concepção, “visões de mundo diferentes implicam, inevitavelmente, visões e usos diferentes da língua”. Somaram-se a essa realidade de embates linguísticos, filólogos e linguistas como Júlio Ribeiro, José Ribeiro, Manuel Said Ali, Mário Barreto, Sousa da Silveira, Antenor Nascentes, Joaquim Mattoso Câmara Júnior, Sílvio Elia, Gladstone Chave de Melo, Celso Cunha, Nelson Rossi, aventurando-se, cada um a seu modo, no universo de debates sobre o PB.

Há de se considerar, acerca desse tema, algumas questões intrínsecas à história da língua portuguesa e sua instalação no Brasil. Para além dos *Pronominais*, de Oswald de Andrade, em que versifica uma das marcas linguísticas peculiares ao português brasileiro, o distanciamento linguístico entre Portugal e Brasil, certamente, ultrapassa a colocação do pronome átono em início absoluto de frase. Muitos trabalhos foram publicados, a partir do momento em que foram balbuciadas as primeiras palavras do português europeu em solo brasileiro, formas que retratariam uma língua portuguesa com novos contornos, em processo de formação de identidade, inaugurando-se aí uma discussão, ainda viva hoje em dia, pautada no PB.

Nota-se, na análise de marcas de uso identificadoras do português brasileiro e suas variedades regionais, em dicionários, que a adoção de critérios metodológicos passa por alguns estágios, de alguma forma, relacionados a setores distintos das ciências linguísticas. Desde as publicações mais antigas, registram-se referências ao léxico brasileiro, com atenção já voltada para algumas “províncias” do país, como Pernambuco Rio de Janeiro, citadas por Transtagano, em seu dicionário de 1773. Em todas as obras pesquisadas, evidentemente (e por isso foram selecionadas), são encontrados muitos registros atribuídos ao Brasil. Apesar de frequentemente as marcas se associarem à variedade linguística, parece ter havido, como parte do desenvolvimento de uma identidade linguística, a fixação de uma identidade territorial, por intermédio do léxico.

Ao léxico especificamente brasileiro em dicionários tem sido atribuída a marca de uso “brasileirismo”, desde as primeiras obras de referência. Encarado aqui dentro da

esfera (meta)lexicográfica, é também possível compreendê-la como “termo”, já que sua aplicação se dá em contextos linguisticamente especializados. Não é novidade essa interpretação, uma vez que algumas pesquisas têm sustentado essa perspectiva. Gonçalves (2012), por exemplo, analisa a terminologia açucareira em dicionários brasileiros da língua portuguesa, o *Vocabulario Brasileiro* (1853) e o *Diccionario de Vocabulos Brasileiros* (1889).

O léxico da língua portuguesa adquiriu em terras brasileiras novas acepções e também novos âmbitos terminológicos decorrentes das actividades e práticas económicas desenvolvidas em terras de Vera Cruz. Entre os domínios terminológicos criados no português do Brasil conta-se o das unidades lexicais relativas ao cultivo intensivo da cana e à produção de açúcar, período que se estendeu de 1532, data em Martim Afonso de Sousa (Vila Viçosa, c.1490/1500-Lisboa,1571) levou da Madeira para o Brasil as primeiras mudas de cana, até finais do século XVII, quando a produção açucareira entra em declínio devido à concorrência de outras regiões. Com efeito, na linha sugerida pela escola *wörter und sachen*, a par das “coisas” (i.e. objectos, utensílios, produtos, indivíduos e actividades) próprias do local onde se plantava e moía a cana – engenho de açúcar –, foram forjadas as denominações que, ao funcionarem apenas num contexto social e num domínio linguístico restrito e especializado constituíram uma “terminologia” (Krieger / Finatto, 2004), vale dizer, um conjunto de «termos» que, por designarem referentes que ou são exclusivos de um âmbito técnico ou neste adquiriram um significado particular, transitam do léxico comum para o domínio das linguagens técnicas ou especiais (Verdelho, 1995, p.58).

O “brasileirismo”, assim, é interpretado sob ângulos teóricos distintos, tendo em comum o direcionamento voltado à língua português do Brasil. Despertou curiosidade, neste trabalho, o fato de obras antigas como o dicionário bilíngue Transtagano (1773) já registrarem ocorrências lexicais associadas ao Brasil, mesmo num período anterior à independência política de nosso país, quando se iniciam oficialmente as querelas em torno da unidade linguística brasileira. É razoável, no entanto, questionar se a referência é feita no plano linguístico ou geográfico, já que ora o autor caracteriza uma unidade lexical como “*in the Brasils*”, ora como “*in Brasil*”, ou ainda como “*in the province of Brasil*”.

Quadro 11. Comparativo Transtagano (1773) vs. Michaelis (1923)

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) |
|---|--|
| <i>AIPYI</i> , an herb in the Brasils, whose roots serves to make bread and wine. There are several kinds of it; but the better is one called by them machaxera. ⁴⁵ | Aipim, Aipii , m. (<i>bot.</i>) (in the Brazils) sweet manioc which is eaten roasted; there are several sorts of it, the best one is called <i>macuxeza</i> . ⁴⁶ |
| <i>PA'CA</i> , s.f. a small beast in Brasil like a pig of two months old, yet its flesh is tough; some are as white as snow, which are only found on the river of St. Francis. ⁴⁷ | Paca , f. I. pack, little bale. II. (<i>zool.</i>) paca, spotted cavy. ⁴⁸ |
| <i>MANDIO'CA</i> , s.f. a root in the province of Brasil, like a carrot or parsnip but bigger. The Indians dry and grind them, and of the meal make their common bread, as do most of the Portuguese. ⁴⁹ | Mandioca , f. (<i>bot.</i>) manioc, manihot; <i>farinha de ~</i> , flour of manioc. ⁵⁰ |

Fontes: Transtagano (1773); Michaelis (1923)

A situação encontrada em Transtagano (1773) se repete, parcialmente, no dicionário de Michaelis (1923), no que diz respeito ao léxico considerado por aquele como originário do Brasil. Na obra do século XX, já há, contudo, indício de uma sistematização das unidades consideradas brasileiras, o que é perceptível pela lista de abreviaturas, com inclusão do item “Brazileiro”, no entanto, as ocorrências marcadas por Transtagano não recebem essa etiqueta. A marcação empregada por Transtagano, assim, parece se concentrar mais no âmbito geográfico do que no da língua propriamente dito, de modo que é possível questionar se os registros do autor português já apontariam para a constituição de uma identidade lexical brasileira. Talvez seja o caso de considerar o trabalho do alentejano como pioneiro no campo da lexicografia, pela atenção especial atribuída ao léxico do PB, merecendo ser incorporado ao conjunto de publicações que evidenciam o distanciamento linguístico entre Brasil e Portugal, liderado pelo texto do Visconde de Pedra Branca.

A categoria dos “brasileirismos”, apesar de emergir teoricamente mais concentrada na esfera da gramática, das construções típicas da sintaxe brasileira, em

⁴⁵ Tradução livre: uma erva no Brasil, cujas raízes servem para fazer pão e vinho. Há muitos tipos, mas o melhor é chamado por eles de macaxeira.

⁴⁶ Tradução livre: (no Brasil) mandioca doce que é comida assada; há muitos tipos, mas a melhor é chamada *macuxeza*.

⁴⁷ Tradução livre: Um tipo de animal pequeno no Brasil como um porco de dois meses de idade, com carne dura; alguns são brancos como neve, os quais somente são encontrados no rio São Francisco.

⁴⁸ Tradução livre: I pacote, pequena bala. II (*zool.*) paca,

⁴⁹ Tradução livre: Raiz na província do Brasil, como uma cenoura ou pastinaca, só que maior. Os índios a secam e moem, e desse alimento fazem o pão comum, assim como a maioria dos portugueses.

⁵⁰ Tradução livre: Mandioca; farinha de mandioca.

contraste à lusitânica, desde as primeiras reflexões, passou a incluir o léxico como fonte produtiva. Os “brasileirismos” começam a ser discutidos em 1826, pelo Visconde de Pedra Branca, Domingos Borges de Barros, com a publicação daquele que é considerado o mais antigo texto em que se estudam as diferenças entre o português do Brasil e de Portugal. Pedra Branca apontou, como ressalta Alkmin (2012, p. 22), características morfológicas distintivas, mais especificamente a produtividade de um sufixo para indicar ferimento ou golpe (como em “facada” e “pedrada”) e a possibilidade de formação de superlativos e diminutivos a partir de qualquer adjetivo. São incorporadas ainda a esse grupo uma evidência fonética, que o autor denomina “acidez da pronúncia” brasileira, e outra lexical, que abrange a mudança de sentido de algumas palavras e a existência de unidades utilizadas exclusivamente no Brasil e desconhecidas em Portugal.

A “amostra lexical de Pedra Branca”, segundo Alkmin (2012), é composta de cinquenta oito unidades, mas sem que fique claro o critério para seleção desses itens. Nota-se, dessa maneira, que o pioneirismo desse autor na reflexão acerca do português brasileiro já englobava o léxico como parte desse esquema distintivo. Contudo, as gramáticas foram, inicialmente, as publicações onde essa temática mais circulou. Vale citar Andrade e Silva Júnior (1887, p. 70-71), que situam o “brasileirismo” no plano da “limitação regional ou dialectal”:

Limitação regional ou dialectal.— As palavras às vezes mudam de sentido da metrópole para a colônia, de província para província, etc. Estas mudanças constituem os *brasileirismos*, *americanismos*, *provincia lismos*... Ex.: *Babado* em Portugal = cheio de baba, no Brasil — id., *fólhos de vestido* ; *capoeira* em Port. = gaiola para guardar aves, no Brasil—id., e *matagal de arvoredos tênues*, *ave*, *indivíduos que atacam com a cabeça e os pés*, etc. ; *muqueca* em Port. é termo de agricultura, e no Brasil —guisado de peixe e camarão/ *calunga* (voz africana) na Bahia significa ratinho,* em Pernambuco — *boneco de pão*, no Rio de Janeiro — companheiro, parceiro (só em linguagem plebéa, dial. brazil. afr.).

No dicionário de Figueiredo (1913, p. 305), encontra-se, enfim, o verbete ‘brasileirismo’, com a seguinte definição: ‘m. Expressão própria de Brasileiros’. Tem-se aí um ponto de referência importante, o registro desse termo que tem permanecido como marca indicadora da variedade brasileira do português. Pinto (1931) elabora um glossário de “brasileirismos” extraídos da obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. O autor identifica essa categoria como: “expressões ou acepções peculiares do falar ou do

escrever brasileiro e de uso do povo, generalizado ou regional” (PINTO, 1931, p. 13). São feitas, no entanto, algumas considerações a respeito das unidades que devem ou não ser incluídas nesse conjunto. Pinto (1931, p. 14) defende que não sejam tratadas como “brasileirismos” unidades aqui formadas e utilizadas, “sem nenhuma peculiaridade do Brasil” ou aquelas “de origem erudita”, que poderiam ser daqui ou de Portugal. Além dessas, palavras empregadas com gêneros distintos nos dois países (ex.: laringe, segundo o autor, é masculina no Brasil e feminina em Portugal), também não se incluem.

Os “brasileirismos” passaram a constituir uma classe de marcas linguísticas caracterizadoras do PB. No âmbito do léxico, houve um amplo aproveitamento dessa concepção, com a publicação de listas para registro desses elementos, assim também dicionários passaram a incluir cada vez mais unidades assim “etiquetadas”. Contudo, do ponto de vista teórico, os critérios adotados para a elaboração dessa categoria foram alvo de discussões por parte dos autores interessados no tema. Em seu estudo *Que é um brasileiro?*, Cunha (1987) desenvolve, amparando-se sobre obra de Ambrosio Rabanales (1953)⁵¹, uma reflexão mais aprofundada sobre o uso de “brasileirismo”, em dicionários, chamando a atenção para os referenciais que recobrem essa marca e os aspectos que determinam sua aplicação.

Cunha (1987) destaca, ao longo de sua obra, o posicionamento conservador, subjacente ao emprego desse termo, por parte de muitos autores que a utilizaram. É incontestável que o português brasileiro não gozava do mesmo prestígio que a variedade europeia da língua portuguesa. Muitas das inovações registradas eram alvo dos críticos intolerantes e tradicionalistas, cujas percepções refletiam conceitos equivocados de homogeneidade e superioridade linguística. Para esses, que ainda hoje coadunam seus pareceres com as prescrições e os valores da gramática normativa, o português europeu seria superior a seu herdeiro espúrio, o português brasileiro, fruto de contatos com línguas desprestigiadas, do ponto de vista colonialista e eurocêntrico. Nessa atmosfera, o brasileiro, composto pelo “-ismo”, habitualmente depreciativo⁵² e associado a um

⁵¹ Rabanales, em sua monografia, *Introducción al estudio del español de Chile: determinación del concepto de chilenoismo*, “[...] examina previamente as várias definições de americanismo, propostas desde o século passado, antes de se demorar na de chilenoismo. E distribui tais definições por cinco grupos, de acordo com a diferença específica que os separa.” (CUNHA, 1987, p. 20)

⁵² Em Houaiss (2001), define-se o sufixo -ismo como aquele que “designa intoxicação de um agente”, sendo apresentado o exemplo de alcoolismo. Além disso, mencionam-se os termos calvinismo, tropicalismo e feminismo, na outra possibilidade atribuída ao morfema, como designativo de “movimentos sociais e ideológicos”, o que parece ser uma extensão da primeira aceção, pois os movimentos mencionados, certamente, carregam um valor social de exagero e extremismo.

vocabulário de origem africana e indígena, difundiu-se pelos compêndios lexicográficos monolíngues e bilíngues.

As contendas envolvendo a língua portuguesa no Brasil, como pontua Teyssier (2001, p. 111-116), entabuladas pelos literatos e mantidas por filólogos e linguistas, estiveram presentes ao longo de todo o percurso histórico da língua portuguesa em território brasileiro. Cunha (1987, p. 43) salienta, sobre a concepção de brasileirismo, a “visão depreciativa das criações brasileiras reflete e perpetua um pensamento tipicamente eurocêntrico”. A fim de amparar esse ponto de vista, o autor recorre a citações de estudiosos, como Laudelino Freire, autor do *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, publicado em cinco volumes, de 1939 a 1940, cuja definição da marca de uso em pauta é elaborada sob a ótica do purismo, considerando-se o PB uma corrupção, em vários sentidos, ortográfico, fonético, sintático, semântico. No entanto, apesar de considerar a inclusão dos brasileirismos um “desserviço à língua”, Freire acabou, curiosamente, inserindo-os em seu trabalho.

É essencial compreender a importância de se analisar esse elemento, cuja função instaura uma cadeia de nuances significativas relacionadas à posição do português brasileiro (PB) frente ao europeu (PE). Torna-se, desse modo, mais um “-ismo”, não necessariamente cumpridor do ingênuo papel de demarcador geográfico de itens lexicais.

Linguisticamente considerados, tanto são brasileirismos os vocábulos mais bem constituídos dentro dos recursos e tradições do idioma como aqueles que trazem o estigma das classes marginalizadas onde nasceram. A adequação do seu emprego a grupos sociais ou culturais é outro problema, que nada tem a ver com a sua naturalidade (CUNHA, 1987, p. 46).

Cunha (1987) define, a partir do “americanismo” de Rabanales, cinco critérios para definição de seus “brasileirismos”: o uso exclusivo no Brasil; a difusão geográfica ou usos peculiares a cada região do país; a difusão social; sinonímia como diferença específica; a origem como diferença específica. Observa-se, nesse conjunto, a presença de valores puristas e restritivos difíceis de sustentar com as atuais concepções de língua e lusofonia, todavia, é válido compreendê-lo em seu contexto sincrônico. A defesa de uma língua brasileira foi reivindicada não por “vozes” que prezavam pela diversidade linguística, mas pela língua homogênea, que representasse adequadamente o conceito de idioma oficial. Para tanto, os critérios apresentados por Cunha se associam a uma concepção conservadora, como por exemplo o de selecionar uma variedade regional

como prestigiada diante das outras (difusão social) ou de eleger como “brasileirismo” apenas as unidades que tenham um equivalente lexical no português europeu (sinonímia como diferença específica).

Dentre os critérios para sua aplicação, está o contrastivo, pautado na oposição da norma brasileira em relação à europeia. João Ribeiro (1889, p. 30) já conceituava “brasileirismo” como “expressão que damos a toda a casta de divergências notadas entre a linguagem portuguesa vernácula e a falada geralmente no Brasil”. No entanto, como reconhecer essas divergências, verdadeiramente? Que critérios adotar para considerar uma unidade lexical brasileiro e não regionalismo, peculiar do norte ou nordeste, do Rio de Janeiro ou do Recife? Biderman (2000, p. 43) defende que seja tomada por base a variedade falada e escrita no Rio de Janeiro e em São Paulo, eixo adotado como difusor do PB padrão, pela autora, sendo considerados regionalismos as ocorrências não registradas nos centros onde se fala a variedade de referência. O posicionamento teórico de Biderman parece endossar o purismo linguístico, cujo modelo se transferiu de Portugal para o Sudeste do Brasil.

Marcar, enfim, um lema ou uma de suas acepções como “brasileirismo” implica inseri-los num perfil sócio-histórico particular. Pode-se inferir que, estando a obra declaradamente incorporada ao domínio do português brasileiro, não faz sentido a utilização da marca de uso em questão. Por outro lado, em dicionários sem especificações quanto à variedade do português apresentada, os “brasileirismos” são frequentes e, na tradição lexicográfica e até mesmo na expectativa dos consulentes, considerados indispensáveis.

Na adoção de parâmetros, acaba sendo necessária a decisão por algum modelo, em detrimento de outro(s), no entanto, atribuir a apenas uma variedade regional a condição de norma representante de uma realidade nacional é perpetuar uma visão conservadora e homogeneizante de língua. Contemporaneamente, é possível dizer que a dialetologia e, junto com ela, a geografia linguística, muito contribuíram no que diz respeito ao emprego das marcas de uso. Contudo, antes mesmo do desenvolvimento da linguística variacional, a partir da década de sessenta, os dicionários passaram a apresentar, entre os itens microestruturais, marcas de uso dialetais associadas às variantes lexicais do português brasileiro. Assim, o PB passava a ser contemplada não mais como unidade oficial representada exclusivamente pelos “brasileirismos”, mas como uma variedade linguística.

Quadro 12. Abreviaturas/marcas de uso dialetais do português brasileiro

| | |
|--------------|---|
| HM (1923) | <i>Braz. Brasileiro</i> |
| TM (1964) | <i>Braz. Brazilian Brasileiro</i> |
| CH (1983) | Centr. Central Brazil; NE Northeastern Brazil; North Northern Brazil; South Southern Brazil AC Acre; AL Alagoas; AM Amazonas; AP Amapá; BA Bahia; CE Ceará; DF Distrito Federal; ES Espírito Santo; FN Fernando de Noronha; GO Goiás; MA Maranhão; MG Minas Gerais; MS Mato Grosso do Sul; MT Mato Grosso; PA Pará; PB Paraíba; PE Pernambuco; PI Piauí; PR Paraná; RJ Rio de Janeiro; RN Rio Grande do Norte; RO Rondônia; RR Roraima; RS Rio Grande do Sul; SC Santa Catarina; SE Sergipe; SP São Paulo |
| JT (1970) | Amaz. Amazon(ian) Amazonas; Braz. Brazil(ian); Pern. Pernambuco; M.G. Minas Gerais; Mt. Gr. Mato Grosso; S.C. Santa Catarina; R.G.S. Rio Grande do Sul; R.J. Rio de Janeiro; S.P. São Paulo |
| BC (1991) | B. Brazil; Brasil |
| ONPD (2008) | Brazilian Portuguese <i>Bras português do Brasil</i> |
| MIC (2017) | AC Acre; AL Alagoas; AP Amapá; AM Amazonas; BA Bahia; CE Ceará; DF Distrito Federal; ES Espírito Santo; GO Goiás; MA Maranhão; MT Mato Grosso; MS Mato Grosso do Sul; MG Minas Gerais; PA Pará; PB Paraíba; PR Paraná; PE Pernambuco; PI Piauí; RJ Rio de Janeiro; RN Rio Grande do Norte RS Rio Grande do Sul; RO Rondônia; RR Roraima; SC Santa Catarina; SP São Paulo; SE Sergipe; TO Tocantins |
| DCLP (1881) | brazil., brasileiro.; .Min. Ger., Minas Geraes. ; R. G. do Sul, Rio Grande do Sul. |
| DVB (1889) | <i>Amaz. Amazonas; Esp. Santo. Espírito-Santo; Mat. Gros. Matto-Grosso.; Par. do N. Parahyba do Norte; Pern. Pernambuco; provs. merid. províncias meridionais; provs. do N. províncias do Norte; R. de Jan. Rio de Janeiro; R. Gr. do N. Rio-Grande do Norte.; R. Gr. do S. Rio-Grande do Sul; Serg. Sergipe; S. Cat. Santa Catarina; Valle do Amaz. Vale do Amazonas.</i> |
| NDLP (1913) | Bras. termo brasileiro. |
| GNDLP (1954) | Bras. Brasileiro, brasileirismo |
| DHLP (2009) | AC, AC Acre; AL, AL Alagoas; AM, AM Amazonas; AMAZ, AMAZ Amazônia; AP, AP Amapá; B, B brasileirismo, Brasil; BA, BA Bahia; BC. -O Centro Oeste do Brasil; B E. Este do Brasil; B N. Norte do Brasil; B N.E. Nordeste do Brasil; B N.O. Noroeste do Brasil; B (reg.) dialetismo brasileiro; B S. Sul do Brasil; B S.E. Sudeste do Brasil; B. S.O. Sudoeste do Brasil; CE, CE Ceará; DF Distrito Federal; ES, ES Espírito Santo; FN Fernando de Noronha; GO, GO Goiás; MA, MA Maranhão; MG, MG Minas Gerais; MS, MS Mato Grosso do Sul; MT, MT Mato Grosso; N.E. Nordeste; N.N.E. nor-nordeste; N.N.W. nor-noroeste; N.O. Noroeste; O. Oeste; PA, PA Pará; PA (Marajó) Marajó, ilha de; PB, PB Paraíba; PE, PE Pernambuco; PI, PI Piauí; PR, PR Paraná; RJ, RJ Rio de Janeiro; RN, RN Rio Grande do Norte; RO, RO Rondônia; RR, RR Roraima; RS, RS Rio Grande do Sul; S. Sul; SC, SC Santa Catarina; SE, SE Sergipe; S.E. Sudeste; S.O. Sudoeste; SP, SP São Paulo; S.S.E. su-sudeste ou su-sueste; S.S.W. su-sudoeste; TO, TO Tocantins. |

| | |
|---------------|--|
| NADCLP (2011) | bras., <i>Bras.</i> brasileirismo; <i>AC</i> Acre; <i>AL</i> Alagoas; <i>AM</i> Amazonas; <i>Amaz</i> Amazônia; <i>AP</i> Amapá; <i>BA</i> Bahia; <i>CE</i> Ceará; <i>C.O.</i> Centro-Oeste; <i>E.</i> Leste; <i>ES</i> Espírito Santo; <i>MA</i> Maranhão; <i>MG</i> Minas Gerais; <i>MS</i> Mato Grosso do Sul; <i>MT</i> Mato Grosso; <i>N.</i> Norte; <i>N.E.</i> Nordeste; <i>N.O.</i> Noroeste; <i>O.</i> Oeste; <i>PA</i> Pará; <i>PB</i> Paraíba; <i>PE</i> Pernambuco; <i>PI</i> Piauí; <i>PR</i> Paraná; <i>RJ</i> Rio de Janeiro; <i>RN</i> Rio Grande do Norte; <i>RO</i> Rondônia; <i>RR</i> Roraima; <i>RS</i> Rio Grande do Sul; <i>S.</i> Sul; <i>SC</i> Santa Catarina; <i>SE</i> Sergipe; <i>S.E.</i> Sudeste; <i>S.O.</i> Sudoeste; <i>SP</i> , <i>SP</i> São Paulo; <i>TO</i> Tocantins. |
|---------------|--|

Fontes: Transtaganano (1773); Michaelis (1923); Lamb (1964); Chamberlain (1983); Taylor (1970); Chamberlain (1991); Oxford(2008); Michaelis (2017); Aulete (1881); Beaurepaire-Rohan (1889); Figueiredo (1913); Freire (1954); Houaiss (2009); Aulete (2011).

No quadro 12, encontram-se dispostas as abreviaturas utilizadas pelos dicionários pesquisados no âmbito da variação dialetal do português brasileiro. Uma minoria não apresentou nenhum registro nessa esfera, na lista de reduções, contudo, é perceptível que a maioria abrange marcas dialetais num sentido mais amplo que o dos “brasileirismos” apenas. Nota-se, contudo, que, como era de se esperar, as obras monolíngues apresentaram uma maior profusão de elementos representativos da realidade variacional brasileira. Chama atenção, nesse sentido *A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese* (1983), cuja proposta bilíngue distinta das demais, por se tratar de um dicionário “especializado”, incorpora a variação diatópica do Brasil num viés inovador na esfera da lexicografia bilíngue português-inglês.

É perceptível que o registro da diversidade dialetal do léxico brasileiro reflete a superação, ainda que discreta, de uma noção homogênea acerca do idioma no âmbito lexicográfico. Se nas publicações bilíngues, a variação dialetal aparece sistematizada nas abreviaturas numa obra da segunda metade do século XX, nas monolíngues, essa organização se faz notar já no século XIX. O *Diccionario de vocabulos brasileiros* de Beaurepaire-Rohan (1889), que também pode ser incluído no rol das publicações especializadas, por se tratar de um dicionário de cunho dialetal, amplia significativamente o alcance diatópico em relação às obras anteriores. De qualquer modo, observa-se a manutenção da marca referente à variedade brasileira, e esse fato é revelador em dois sentidos: a conservação do eixo dicotômico de lusofonia Brasil vs. Portugal; o português brasileiro ainda submetido ao predomínio do poder linguístico europeu, tornando necessária a marcação dessa variedade “não padrão”.

Diante disso, os estudos dialetais poder um papel essencial na superação de alguns limites ainda assentados sobre a lexicografia tradicional, cabendo à geolinguística a função de:

Método de que se utiliza a Dialectologia para localizar espacialmente as variações das línguas umas em relação às outras, podendo situar socioculturalmente cada um dos falantes considerados (CARDOSO, 2010, p. 198).

Aguilera (2011), em capítulo intitulado *A importância dos dados geolinguísticos para a construção de dicionários de língua portuguesa*, chama atenção para a “inovação metodológica” por parte de dois grandes projetos lexicográficos internacionais, que buscam amparo na geolinguística: o *Dicionário Dialectal Brasileiro (DDB)*, em desenvolvimento na UFBA, pelo Professor Doutor Américo Venâncio Lopes Machado Filho, em cooperação com a Universidade de Paris XIII; o *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*, do Instituto de Língua Galega, Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, coordenado pela Professora Doutora Rosário Álvarez. Na contramão de grandes empreendimentos lexicográficos já publicados, cujos *corpora* foram constituídos de abonações provenientes de textos escritos, os trabalhos mencionados são um importante contributo à língua, servindo, seguramente, de base para outras produções:

Para nós, dialetólogos e geolinguistas brasileiros, será de inestimável valor poder contar com obras lexicográficas específicas de dados dialetais. Um dos motivos diz respeito à preservação do farto material que foi rigorosa e pacientemente coletado, analisado e mapeado pelos atlas estaduais, desde 1963, dos quais foram feitas tiragens restritas (não mais que 500 exemplares) (AGUILERA, 2011, p. 274).

Esse material pode adicionar valores pouco explorados a trabalhos lexicográficos confrontando duas línguas. Para além do ângulo geográfico, atribuir marcas como o “brasileirismo” suscita, no mínimo, uma reflexão sobre o lugar ocupado pela variedade brasileira do português no espaço da lexicografia moderna. Se em Transtagano (1773) já é possível observar a utilização de notas de destaque para o PB, as obras subsequentes acompanharam cada vez mais a tendência de atribuir foco ao português do Brasil. Com a publicação, em 1983, de um dicionário voltado integralmente para o português brasileiro, o *Dictionary of Informal Brazilian Portuguese* (1983), de Bobby J.

Chamberlain e Ronald M. Harmon, nota-se uma ampliação evidente do espaço atribuído a esta variedade na esfera bilíngue.

Nesse sentido, o *Atlas Linguístico do Brasil* (2014) serve de base para este estudo. O *ALIB* é resultado de uma vasta pesquisa dialetal acerca do português brasileiro, sendo ainda pouco explorado como base de dados para investigação e confecção de obras de referência, como o dicionário. Vale, no entanto, destacar a importância de se promover uma mudança desse quadro, o que é evidenciado por Cardoso (2011):

Por que os dicionários não se encontram com a Geolinguística? Por que não recorrem com sistematicidade a essa fonte? Por que deixam à margem leixas que se apresentam enraizadas em diferentes áreas vivas no vocabulário ativo de seus falantes? (CARDOSO, 2011, p. 315)

A essa observação, Mota (2011), acrescenta:

No Brasil [...] não se tem procedido à inclusão, em dicionários, dos dados linguísticos fornecidos pelos atlas publicados. A distância entre os dados dos atlas linguísticos e os registros que se encontram nos dicionários brasileiros de consulta mais ampla é aqui comprovada a partir do confronto entre as formas lexicais presentes nas cartas do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), primeiro atlas linguístico brasileiro, publicado em 1963, e os verbetes encontrados no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e no Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa (MOTA, 2011, p. 331)

Se a lexicografia monolíngue ainda necessita de mais zelo e atenção quando o assunto é variação linguística, a bilíngue permanece em situação similar e até mais distante das contribuições geo e sociolinguísticas. Incentivados pela objetividade e concisão, os autores de dicionários bilíngues têm mantido suas publicações numa zona externa às discussões científicas sobre a língua, deixando de lado *corpora* e materiais de referência que reportam a realidade da língua em uso, refletindo a diversidade natural ao idioma.

Constantes têm sido as pesquisas acerca do português como língua materna (L1), em que a variação é concebida em diferentes níveis (sintático, morfológico, fonético). É, no entanto, essencial, também, direcionar o olhar às circunstâncias onde o idioma português emerge como segunda língua (L2) e (ou) língua estrangeira (LE), a fim de se buscar a dimensão ideal das pesquisas tangentes à sua constituição histórica. Desse modo, escolheu-se trabalhar com o léxico dos dicionários, mais especificamente *corpora* bilíngues, pelo papel de destaque desempenhado por esses materiais, uma vez que documentos com esse caráter reforçam a compleição dialógica de uma língua,

organizando correspondências semânticas e interculturais. A título de exemplo, vale citar Raphael Bluteau, que, em seu pioneiro *Vocabulario Portuguez Latino*, publicado também no século XVIII, lançou mão do bilinguismo e acabou deixando uma importante contribuição aos estudos diacrônicos acerca do português, pois, como aponta Murakawa (2002, p.184), “sua intenção era descrever a língua portuguesa e não a língua latina que serviu em sua obra lexicográfica como equivalência para os exemplos em português”.

No exame da trajetória percorrida pelo português, a variedade brasileira é observada aqui quanto à sua representatividade lexical em dicionários bilíngues bidirecionais português-inglês/inglês-português. A língua portuguesa, cada vez mais internacionalizada, desde então, vem adquirindo novos “contornos”, relacionados a seu itinerário, tanto aquele atinente ao percurso geográfico, em que houve a dissociação entre português europeu e brasileiro, quanto à configuração interna de cada variedade portuguesa, em diferentes níveis, como o diastrático, em que variáveis como escolaridade e renda familiar são determinantes na seleção das variantes linguísticas.

É perceptível, ao longo do tempo, a modificação nos propósitos, tanto de transmissão quanto de aquisição, da língua. No século XVIII, o contato estava muito pautado em questões políticas, havendo um interesse mais restrito à aquisição de itens linguísticos que permitissem a realização de negociações:

No século XVIII, o ensino do Português e do Espanhol enquanto línguas estrangeiras gozava já de uma tradição de cerca de dois séculos suportada em obras lexicográficas, livros de diálogos, gramáticas e manuais. Trata-se contudo de uma produção didáctica orientada para os falantes dos países colonizados – quer a oriente, quer a ocidente – ou dos países europeus com os quais se mantinham relações comerciais prioritárias, e não para o contexto ibérico. Mais que a satisfação da curiosidade linguística, essa produção tem um fim eminentemente prático, pelo que, aos referidos materiais, acrescem livros de catecismo e cartilhas, para doutrinar e alfabetizar os povos dos territórios colonizados, e, nos restantes casos, os chamados *secretários*, ou livros concebidos para ensinar a redigir correspondência diversa (DUARTE; LEÓN, 2005, p. 384).

Em direção ao presente, o delineamento de uma nova conjuntura continua a refletir os tipos de relação existentes entre Inglaterra/Estados Unidos e, mais contemporaneamente, Portugal/Brasil. Vale mencionar, por exemplo, a situação do português brasileiro nos EUA, ensinado aos filhos de pais brasileiros como língua de herança, além de interessar aos cidadãos americanos que buscam usufruir, de algum modo, das crescentes oportunidades de emprego e de carreira, no Brasil.

Sustenta-se, como problema central, a compreensão do contexto linguístico em que o português tem sido transmitido, mediante dicionários, às nações angloamericanas, a partir do século XVIII. Contemporaneamente, no entanto, utilizam-se, na transmissão da língua portuguesa aos falantes de inglês, obras lexicográficas direcionadas a nativos e que não contemplam aspectos imprescindíveis à formação linguística do consulente. Nesse cenário, as estruturas desses materiais passaram por alterações constantes e significativas, nem sempre eficazes, visando acompanhar a mudança de olhar sobre a aquisição da língua portuguesa como idioma estrangeiro.

Enfim, tomando por base aspectos geopolíticos acerca do português brasileiro (PB) e português europeu (PE), é certo que o primeiro tem se expandido com maior alcance do que o segundo, o que se justifica não só pela representatividade demográfica, mas pela proeminência frente às outras nações. O Brasil é, certamente, um dos países em que mais se tem apostado, assumindo, hoje, uma posição de relevo no cenário internacional. Faz-se necessário reforçar que a história do português não pode ser tratada de modo unitário, tendo em vista a “ruptura” política e linguística entre Brasil e Portugal, na história. Destarte, encarar esse aspecto será fundamental no estudo proposto.

Concebendo-se esses aspectos e tomando-se como ponto de partida o século XVIII, em que surgem o compêndio lexicográfico reputado o primeiro dicionário bilíngue inglês-português/português-inglês (TRANSTAGANO, 1794), com autoria declarada, e outras obras semelhantes, o percurso linguístico do português é investigado, a partir dos 1700 até o período atual, sob uma perspectiva metalexigráfica, em que um lugar especial é reservado à variação linguística no português. As marcas de uso, integradas à nomenclatura e, conseqüentemente, à microestrutura dos dicionários, representam, neste estudo, um importante elemento norteador nas obras investigadas.

Utilizadas em dicionários como uma espécie de etiqueta limitadora do uso de uma unidade lexical, em diferentes âmbitos, refletem a avaliação social, mas principalmente do lexicógrafo acerca de um idioma, seus padrões e variedades. Sendo o dicionário o registro lexical sincrônico de uma língua, é possível encarar as marcas de uso como um registro sociocultural dessa sincronia. No que diz respeito à variação, as informações fornecidas pelas marcas orientam a atual pesquisa nas esferas dos usos considerados típicos de uma determinada região, mais ou menos coloquiais, especializados, vulgares etc.

Como *corpora* da presente análise adotam-se obras merecedoras de destaque por seu caráter inovador, em algum sentido, quanto ao registro lexical do português. O dicionário de Antônio Vieira Transtagano, *A dictionary of the Portuguese and English languages, in two parts, Portuguese and English: and English and Portuguese*, cuja primeira publicação é datada de 1773, já referida, é um instrumento pioneiro na disseminação do português pela Europa. Além desse material, reeditado algumas vezes, a gramática do autor também figura como importante suporte colocado à disposição dos participantes no intercâmbio lusobritânico, apresentando uma vasta lista lexical, em que são expostas palavras de uso frequente, em português e inglês, o que reforça o empenho do lexicógrafo alentejano em contribuir para a elaboração de um inventário do léxico português.

Apesar de seu compromisso maior ser com o português europeu, Transtagano já abre espaço em sua produção para outras variedades lusófonas (Figura 7), registrando unidades lexicais atribuídas ao português brasileiro. Dessa maneira, o enfoque da presente pesquisa no léxico do português brasileiro já pode ser explorado na publicação do lexicógrafo setecentista. A distinção linguística entre Portugal e Brasil (detentor do maior número de falantes de português no mundo) é evidenciada por meio das marcas de uso, identificadoras da variedade brasileira, indicando um padrão europeu. A crescente visibilidade do português brasileiro pode ser acompanhada por meio dos registros da marca *brasileirismo*, representados por abreviaturas como *bras.*, *B*, *br.* etc.

5.2.8.2 OS PROVÁVEIS “BRASILEIRISMOS” DE TRANSTAGANO (1773)

Transtagano (1773) é o dicionário mais antigo investigado nesta tese e é digno de destaque principalmente por evidenciar, em seu volume português-inglês, o português brasileiro através de marcações ainda pouco sistemáticas, mas que permitem detectar as unidades atribuídas, de algum modo, ao Brasil. É comum, em sua obra, a caracterização de algumas esferas lexicais, o que permitiu a Oliveira (2011), em sua dissertação, extrair as áreas temáticas com maior número de registros lexicais na publicação setecentista. Assim, os assuntos militares e comerciais são frisados pelo lexicógrafo português através de marcas como *military word* (palavra militar), *in fortification* (na fortificação, uma construção típica desse contexto), *in trade* (no comércio).

No final do século XVIII, quando se publica a primeira edição da obra de Vieira Transtagano, o Brasil estava submetido à hegemonia linguística e política europeia. Seu

registro lexical no encontro com o inglês, assim, restringiu-se, nesse período, ao âmbito da novidade, do desconhecido, de um universo cultural ainda pouco explorado. Vale, sob essa ótica, notar que lemas cujas definições atuais se resumem a equivalências, no período mais recuado, com definições extensas, detalhadas, substanciadas com exemplos.

Complementando a discussão teórica acerca dos “brasileirismos”, elegeu-se, nesta oportunidade, o dicionário de Transtagano (1773) como primeira instância de representação desses elementos, comparando-o ao trabalho de Michaelis (1923). Esse cotejo, que ainda se estende a um modelo lexicográfico mais atual (Michaelis *online*, 2009), tentar dar conta do questionamento quanto à natureza da caracterização proposta pelo lexicógrafo português. Comparando-se os trabalhos bilíngues, buscou-se verificar se as unidades atribuídas ao português brasileiro por Transtagano permanecem sob essa condição nos trabalhos subsequentes de Michaelis, referência para a lexicografia bilíngue português-inglês.

Nesse sentido, a unidade **aipim** é a primeira da lista, sendo observados tipos de definição distintos em sincronias diferentes. Lematizada por Transtagano (1773) como *aipyi*, é descrita da seguinte forma: ‘uma erva no Brasil, cujas raízes servem para fazer pão e vinho. Há vários tipos; mas a melhor é uma chamada de machaxera’. Na definição de Michaelis (1923), para as variantes *aipim* ~ *aipii*, apresentam-se as marcas de uso “bot.” e “in the Brazils”, a primeira relacionada à especialidade botânica do item e a segunda, que aparece entre parênteses, caracteriza a lexia como típica do Brasil, sendo definida como ‘mandioca doce que é comida assada; há muitos tipos, e o melhor deles é chamado *macuxeza*’.

Quadro 13: Comparativo verbete aipim

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|--|---|--|
| <i>AIPYI</i> , an herb in the Brasils, whose roots serves to make bread and wine. There are several kinds of it; but the better is one called by them machaxera. | Aipím, aipii m. (bot.) (in the Brazils) sweet manioc which is eaten roasted; there are several sorts of it, the best one is called <i>macuxeza</i> . | aipim ai.pim <i>sm bras</i> , Bot = aipi. aipi ai.pi <i>sm bras</i> , Bot (also uapi, mandioca, macaxeira)cassava manioc |

Fonte: Transtagano (1773); Michaelis (1923); Michaelis (2009)

Em Michaelis (2009), dicionário eletrônico *online*, em *aipim*, faz-se remissão a *aipi*, este definido com a equivalência ‘mandioca’ (‘cassava’ e ‘manioc’). São destacadas as variantes desse item no português: uaiipi, mandioca, macaxeira. Michaelis

(2009) lança mão da marca de uso “bot.” e “bras” (brasileirismo) do mesmo modo que o dicionário de 1923, aderindo, contudo, ao sistema de abreviaturas em que bras. é utilizada como referência ao português brasileiro. Nota-se, nos dicionários do século XVIII e XX, uma semelhança nas definições, o que será observado em outros verbetes e confirma a tendência na lexicografia de elaborar definições a partir de cópias de publicações anteriores. Michaelis (1923), contudo, apresenta, como variante, “macuxeza”, e não “machaxera” como sugere o lexicógrafo alentejano.

No dicionário contemporâneo, vem à tona a variação lexical, mas sem especificação do uso dessas variantes, tanto no português quanto no inglês. Conclui-se que, apesar de haver uma mudança no tipo de definição, mantém-se a ausência de informação relativa aos contextos de uso no Brasil. Tal fato compromete a consulta, uma vez que a relação variacional entre unidades como aipim e mandioca, no português brasileiro, integra uma realidade complexa diretamente vinculada ao nível diatópico. É possível que seja essa uma das lexias cujo registro lexicográfico necessite de revisão baseada em pesquisas dialetais. Destaca-se, finalmente, sobre **aipim**, a manutenção de sua marcação como lexia originalmente brasileira.

Além de **aipim**, adicionam-se a esse grupo, em que se mantém o *status* de “brasileirismo”, mas com transformações no tipo de definição, **Brasil** e **jaboticaba**. O primeiro não chega a ser considerado “brasileirismo”, no entanto, constitui o topônimo identificador do país e, como tal, atribuído ao português brasileiro. A definição dessa lexia revela os diferentes olhares sobre esse país, a partir do século XVIII. Aí, como é possível notar pela descrição fornecida por Transtagano (1773), uma minuciosa definição é elaborada, deixando transparecer uma realidade ainda desconhecida pelos ingleses: ‘uma extensa província da América do Sul. Pedro Álvares Cabral foi o primeiro a descobrir esse país, em 1501, tendo sido conduzido por uma tempestade e erigido pilar com as tropas do rei de Portugal, seu mestre’. Michaelis (1923) e Michaelis (2009), apesar do distanciamento temporal, aproximam-se pela definição pouco detalhada, possivelmente explicada pelo reconhecimento internacional do país àquela altura.

Quadro 14: Comparativo verbete Brasil

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|---|--|---|
| <i>BRASIL</i> , s.m. Brasil, a large province of South America. Peter Alves Cabral, was the first who discovered this country, in 1501, having been driven thither by a tempest, and erected a pillar with the arms of the king of Portugal his master. | Brasil , <i>m. (geogr.)</i> Brazil, the Brazils; <i>páo do ~</i> , Brazil wood; <i>Brasis</i> , <i>m. pl.</i> natives of the Brazils, Indians. <i>~éiro</i> , <i>adj. & m.</i> Brazilian, a native of the Brazils. <i>~ ete</i> , <i>m.</i> braziletto, sort of Brazil wood of a common quality. <i>~ico</i> , <i>~lense</i> , <i>adj.</i> Brazilian. | Brasil Bra.sil sm 1 Brazil. 2 brazilwood. 3 m + f Hist Brazilian Indian. |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

Quanto à **jaboticaba**, em Transtagano (1773), tem-se: ‘árvore grande e estreita na província do Brasil, na América do Sul, com grandes galhos cheios de frutas, do pé ao topo, e são tantas e tão próximas que o corpo da árvore dificilmente pode ser visto’. A definição de Michaelis (1923) é uma cópia da apresentada pelo dicionário setecentista, mantendo-se o modelo de descrição detalhada para a lexia. Avançando no tempo, Michaelis (2009) utiliza o sistema de remissão, em que *jaboticaba* aparece como variante de *jaboticaba*. Elabora sua definição de forma circular, descrevendo *jaboticaba* somente como ‘fruto da jaboticabeira’. Cogita-se, assim, que a brevidade da definição esteja relacionada à ampliação no uso dessa lexia no âmbito internacional, inclusive.

Quadro 15: Comparativo verbete jaboticaba

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|--|--|---|
| <i>JABOTICA'BA</i> , s.f. a large strait tree in the province of Brasil, in South America, with large branches bearing fruit from the foot to the top, in such quantity, and so so close together, that the body of the tree can scarce be seen. | Jaboticab a , <i>f.</i> the fruit of jaboticabeira, like cherries. <i>~éira</i> , <i>f. (bot.)</i> a large straight tree in Brazil with large branches bearing fruit from the foot to the top in such quantity, and so close together, that the body of the tree can scarcely be seen. | jaboticaba ja.bo.ti.ca.ba <i>sf</i> <i>bras = jaboticaba</i> Jaboticaba ja.bu.ti.ca.ba <i>sf</i> <i>bras jaboticabeira</i> fruit. |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

Na esfera das lexias que deixam de ser reputadas “brasileirismos”, mas, assim como os exemplos anteriores, apresentam redução e modificação tipológica da definição, aparecem **paca**, **preguiça** e **recife ~ arrecife**. **Paca** é definida pelo dicionário do século XVIII como ‘um animal pequeno no Brasil como um porco de dois

meses de idade, com carne dura; alguns são brancos como neve, esses somente encontrados no rio São Francisco’. A descrição elaborada reflete um total desconhecimento da espécie, que chega a ser comparada a um suíno jovem, quando, na verdade, é um roedor. A menção ao Rio São Francisco, um dos mais importantes do Brasil, atravessando cinco estados, reforça a dimensão regional desse animal e de seu referente lexical. Nem Michaelis (1923) nem o dicionário de 2009 produzem uma definição pormenorizada como a setecentista, atribuindo-se apenas a marca de uso “zool.” que inclui a unidade na esfera da especialidade zoológica. Ambas as definições se resumem ao fornecimento de equivalência idêntica ‘paca’.

Quadro 16. Comparativo verbete paca

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|--|---|---|
| <i>PA'CA</i> , s.f. a small beast in Brasil like a pig of two months old, yet its flesh is tough; some are as white as snow, which are only found on the river of St. Francis. | Paca , <i>f.</i> I pack, little bale. II. (<i>zool.</i>) paca, spotted cavy. | paca pa.ca sf 1. Zool paca (Cuniculus paca) 2 bale, package. 3. masc simpleton, nincompoop, fool. adj. inexperienced, ingenuous. paca pa.ca adv. bras, vulg = pacas |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

Com relação à **preguiça**, Transtagano (1773) a define como ‘um animal notável por sua lentidão, no Brasil. É chamada por alguns nativos de aig, ou hay; e por outros de unau’. O autor se refere somente ao animal, excluindo o sentido de preguiça como ócio, no entanto, além da descrição, apresenta as variantes lexicais utilizadas pelos “nativos” brasileiros. Em Michaelis (1923) e Michaelis (2009) **preguiça** aparece definida com ambas as acepções, contudo, vale ressaltar que, no âmbito da zoologia, só são atribuídos equivalentes, ‘unau’ e ‘sloth’, ambos utilizados para se referir ao animal preguiça em inglês.

Quadro 17. Comparativo verbete preguiça

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|---|---|---|
| <i>Preguiça</i> , a beast very remarkable for slowness, in Brazil. It is called by some of the natives <i>arg</i> , or <i>hay</i> , and by others <i>unau</i> . | Preguiça , <i>f.</i> laziness, idleness, indolence, sluggishness, sloth, slothfulness; slowness, dullness; negligence; carelessness; piece in a horse-mill; a rope fastened to a burden, in order to keep it off the wall when winding it up; (<i>zool.</i>) ~do Brazil, unau. | preguiça pre.gui.ça <i>sf</i> 1 indolence, sluggishness, laziness, idleness, slothfulness, slowness 2. <i>Zool.</i> sloth. |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

No tocante à lexia **recife**, considerada como uma formação tipicamente brasileira por Transtagano (1773), a definição neste dicionário é novamente detalhada, consistindo, contudo, na exposição de duas acepções diferentes: ‘uma formação rochosa ao longo da costa; também um porto pertencente à capitania de Pernambuco no Brasil, América do Sul. James Lancaster entrou no ano de 1595, com sete ou oito navios ingleses e se fez mestre do castelo e do porto’. Numa mesma entrada, mencionam-se a formação rochosa recife e o topônimo Recife, por meio das entradas *arrecife* ~ *recife*. Em Michaelis (1923), detalha-se mais ainda a definição, sem atribuição ao português brasileiro e sem menção ao nome da cidade: ‘recife de coral, formação rochosa, cadeia ou extensão de pedras próxima à água ou em sua superfície’.

Quadro 18. Comparativo verbete arrecife ~ recife

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|--|---|---|
| <i>ARRECI'FE</i> , or <i>RECIFE</i> , s.m. a ridge of rocks along the sea-coast; also a harbour belonging to the captainship of Pernambuco, in the Brasils, South America. James Lancaster go into it in the year 1595, with seven or eight English ships, and made himself máster of the castle and port. | Recife , <i>m.</i> reef, ridge, a chain or range of rocks lying near or at the surface of the water. | recife re.ci.fe <i>sm</i> reef, skerry |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

Em Michaelis (2009), define-se apenas como: ‘recife de coral, formação rochosa’ (*reef*, *skerry*). Acrescentam-se a essa definição alguns exemplos de coocorrência lexical como ‘cheio de recifes’ e ‘recife de coral’. A definição apresentada, mais uma vez, reflete a ampliação do alcance da lexia **recife**, sendo possível concluir que não é mais

necessária uma descrição detalhada por conta da existência de equivalências na língua-fonte, o inglês. Supostamente, a utilização de equivalências indica um conhecimento aprofundado das línguas interconectadas no dicionário bilíngue, afinal só é possível encontrar correspondências para as lexias de um idioma em outro a partir do momento em que há um mínimo reconhecimento cultural mútuo. Sendo também o dicionário de Transtagano o primeiro registro bilíngue do português brasileiro num encontro com o inglês, é natural que definições detalhadas fossem necessárias, uma vez que, no século XVIII, era escasso o conhecimento dos ingleses acerca da realidade brasileira e de seu léxico.

Outro fato merecedor de nota é que, atreladas à variação no detalhamento das definições, numa observação diacrônica, estão as mudanças notadas no grau de especialização envolvido na elaboração dos verbetes. Esse aspecto se relaciona de modo especial aos “brasileirismos” pela frequente associação aos âmbitos da fauna e flora. A lexia **cascaavel** pode ser acrescentada a esse grupo, em que se lança mão da taxionomia científica na construção da definição. Apresentada como sublema de Cascaavel (o *Cobra de cascaavel* é definida por Transtagano (1773), como ‘uma cobra de chocalho, os povos selvagens do Brasil a chamam boicinininga’. Michaelis (1923), para essa acepção, fornece apenas o equivalente ‘rattle-snake’ (cascaavel em inglês). Michaelis (2009), por sua vez, adiciona à equivalência lexical a marca de uso “zool” (zoologia) e o nome científico da cobra cascaavel “*Crotalus terrificus*”. Desse modo, nota-se que tanto a marca de uso quanto a definição apresentam indícios de um suporte científico da zoologia na atividade lexicográfica.

Quadro 19: Comparativo verbete cascaavel

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|---|--|--|
| <i>CASCADE'L</i> , s.m. varvels about the leg of a hawk, ferret, &c. <i>Cobra de cascaavel</i> , a rattle-snake, the wild people of the Brasils call her <i>boicinininga</i> . | Cascavél , m. pl. ~eis, I. a little round bell, rattle; foolishness, want of understanding; varvels about the leg of a hawk, ferret etc; button, cascaavel or pomiglion of a cannon; <i>cobra de</i> ~, rattle-snake. | cascaavel cas.ca.vel sm (pl cascaavéis) 1 rattle, round bell 2 bagatelle, trifle 3 fig foolishness 4 sf (bras) Zool a rattlesnake, rattler (<i>Crotalus terrificus</i>) |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

Observa-se o mesmo no registro da lexia **cotia** ~ **cutia**. Transtagano (1773) define *cotia* como ‘um tipo de bicho no Brasil, semelhante ao coelho; também um tipo de

navio na Índia’. Na acepção relacionada ao animal cotia, a comparação com o coelho, classificado contemporaneamente como mamífero, parece uma tentativa de facilitar o entendimento do consulente acerca do roedor, sem inclusão de critérios zoológicos. Michaelis (1923), sem destoar dessa tendência, utiliza *ipsis litteris* a definição de Transtagano. Em Michaelis (2009), comprova-se novamente a busca pelo amparo científico, quando se define *cutia* como ‘roedor da família Caviidae (*Dasyprocta aguti*)’, incluindo as marcas de uso “bras” e “zool”.

Quadro 20. Comparativo verbete cotia

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|---|---|--|
| <i>COTTIA</i> , s.f. a sort of beast in the Brazils, not unlike the rabbit; also a sort of ship in India. | Cotia , <i>f. I. (zool.)</i> coati, a sort of beast in the Brazils, not unlike the rabbit. | cotia co.tia <i>sf</i> Náut ancient, small, light vessel from the Indian Ocean. cutia cu.tia <i>sf 1. bras. Zool</i> agouti: a rodent of the family Caviidae (<i>Dasyprocta aguti</i>). |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

Houve ainda as lexias incluídas entre os registros brasileiros, mas sem alterações significativas que diz respeito às definições apresentadas pelos dicionários. **Aldeia**, lematizada como *aldea*, é definida por Transtagano (1773) como ‘(entre selvagens do Brasil) uma casa de palha’. Em Michaelis (1923) a definição se mantém, mas sem a especificação “entre os selvagens”. Já em Michaelis (2009), novamente, menciona-se o caráter indigenista da unidade, reconhecida como vilarejo tipicamente indígena no Brasil (a marca “bras” reforça essa associação).

Quadro 21. Comparativo verbete aldeia

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|---|---|---|
| <i>Aldea</i> , (among the wild people of the Brazils) a thatched house. | Aldea, Aldéia , <i>f. village; vida de ~, country-lige, rural life</i> | aldeia al.dei.a <i>sf 1. village. 2 bras a) Indian settlement b) any one of the huts or houses of an Indian settlement</i> |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

Vejam-se as entradas abaixo:

- CACHOEIRA, s.f. (no Brasil) uma grande queda d’ água de um lugar alto, uma catarata;

Quadro 22. Comparativo verbete cachoeira

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|--|---|--|
| <i>CACHOE'IRA</i> , s.f. (in the Brasils) a great fall of water from a high place, a cataract. | Cachoeira , <i>f.</i> fall of water, cataract (= <i>catadupa</i>) | cachoeira ca.cho.ei.ra <i>sf</i> 1 waterfall. 2 river rapids. |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

- Capitania, (no Brasil) uma província;

Quadro 23: Comparativo verbete capitania

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|---|---|---|
| <i>Capitania</i> , (in the Brasils) a province. | Capit ania , <i>f.</i> office or authority of a captain, captainship, military and civil government of a province, formely a province or district (in the Brasils), captainry. | capitania ca.pi.ta.ni.a <i>sf</i> captainship: a)condition, dignity or authority of a captain b) command, control c) bras, Hist designation of the firts administrative divisions of Brazil. capitania hereditária bras, Hist administrative division of Brazil during the colonial period whose possession was inherited by the descendants. |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

- COQUILHO, s.m. pequeno coco proveniente do Brasil; confeccionam caixas de rapé e contas a partir dele;

Quadro 24. Comparativo verbete coquilho

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|--|--|--|
| <i>COQUILHO</i> , s.m. a little coco-nut that comes from the Brasils; they generally make snuff boxes and beads out of it. | Coquilho , <i>m.</i> (<i>dim.</i> of <i>coco</i>) a little cocoa-nut that comes from the Brasils (they generally make snuff-boxes and beads out of it). | coquilho co.qui.lho <i>sm</i> 1. <i>Bot</i> coquilla nut. 2 the meat or kernels of the coquila nut from which oi lis extracted. |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

- GOYA'VA, s.f. um tipo de fruta pobre no Brasil, cheia de sementes duras. Tem odor semelhante ao dos percevejos.

Quadro 25. Comparativo verbete goiaba

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|--|---|--|
| <i>GOYA'VA</i> , s.f. a poor sort of fruit in the Brasils, full of hard seeds. It stinks like the bugs that breed in beds. | Goiab a , <i>f.</i> guava, fruit of the guava-tree. | goiaba goi.a.ba <i>sf</i> 1 guava: fruit of the guava tree 2 <i>m+f bras</i> , <i>gír</i> a boring person 3 <i>bras</i> , <i>gír</i> simpleton: a person who is foolish, easy deceived or not very inteligente. |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

- JACARANDÁ, s.m. uma árvore na província do Brasil na América do Sul, de grande beleza; madeira que exala um delicioso perfume, como o de rosa;

Quadro 26. Comparativo verbete goiaba

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|--|---|--|
| <i>JACARANDA'</i> , s.m. a tree in the province of Brasil in South-American, of wonderful beauty; the wood whereof has a delicious scent, like that of a rose. | Jacaranda , <i>m.</i> jacarandá, rosewood, a fine kind of wood, highly esteemed for cabinet work, brought from Brazil etc. | jacarandá ja.ca.ran.dá <i>sm bras</i> , <i>Bot</i> rosewood: any of several tropical leguminous trees or their heavy dark wood. |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

- MACUMA, s.f. (no Rio de Janeiro) mulher escrava;

Quadro 27. Comparativo verbete macuma

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|---|--|--|
| <i>MACUMA</i> , <i>f. f.</i> (in the Rio de Janeiro) a woman slave. | Macuma , <i>f.</i> a woman-slave (in Brazil). | macuma ma.cu.ma <i>sf bras</i> , <i>Hist</i> female slave working as a woman's companion. |
| <i>MACUMA</i> , s.f. (in the Rio de Janeiro) a woman slave. | | |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

- MAMOEIRA, s.f. uma árvore no Brasil, da qual há o macho e a fêmea; o macho não gera frutos, mas somente flores; a fêmea gera frutos e não flores;

Quadro 28. Comparativo verbete mamoeira

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|---|---|---|
| <i>MAMOEIRA</i> , s.f. a tree in Brasil, of which there is male and female; the male bears no fruit, but only flowers; the female bears fruit and no flowers. | Mamoéira, Mamoéiro , f. ricinus. | mamoeira ma.mo.ei.ra <i>sf Bot</i> = mamona. |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

- REMILHAM, s.m. (no Brasil) uma colher, um tipo de colher grande na atividade açucareira;

Quadro 29. Comparativo verbete remilham

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|---|--|--|
| <i>REMILHAM</i> , s.m. (in the Brasils) a ladle, a sort of large spoon used in the sugar works. | Remilhão , m.pl. ~ões, (<i>Braz.</i>) large copper spoon used in sugar-works. | remilhão re.mi.lhão <i>sm (pl)</i> remilhões) = reminhol. |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

- TAPERA, s.f. (no Brasil) uma casa etc. que está ruindo ou em decadência; também qualquer lugar deserto.

Quadro 30. Comparativo verbete tapera

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) | Michaelis (2009) |
|---|--|--|
| <i>TAPERA</i> , s.f. (in the Brasils) a house &c. that falls to ruin or decay; also any desert place. | Tápera , f. (<i>Braz.</i>) country-seat or manor that has been abandoned and grows into a wilderness. | tapera ta.pe.ra <i>sf bras</i> 1. abandoned countryseat, village or manor |

Fonte: Transtagano, 1773; Michaelis (1923); Michaelis (2009)

As lexias supracitadas são definidas de modo muito semelhante pelos dicionários. Algumas sutis mudanças são, contudo, observadas. Dessas, mantêm-se com atreladas ao português brasileiro, por meio de marca de uso ou menção à variedade: **capitania**, **jacarandá**, **macuma**. No tocante aos outros itens lexicais, vale destacar as alterações gráficas observadas: o lema *goyava* de Transtagano (1773) passa a *goiaba* nas obras sucessoras; remilham (TRANSTAGANO, 1773) se transforma em remilhão, seguindo,

assim como na lexia anterior, a tendência do português contemporâneo de formação do ditongo nasal *-ão* a partir de *-am*.

Observaram-se unidades atribuídas ao Brasil cujas correspondências não foram encontradas no dicionário bilíngue contemporâneo. Nesse caso, todas, com exceção de **igaçaba** e **reespuma**, foram associadas ao território brasileiro de formas semelhantes. Michaelis (1923) não utilizou a marca “Braz.” em nenhuma das ocorrências, o que pode ser indício de uma falta de sistematização, tão comum à lexicografia, ora utilizando abreviatura, ora o termo desenvolvido, mas, por outro lado, pode indicar o enquadramento em categorias diferentes.

- JAPINABEIRO, s.m. árvore muito bonita no Brasil, cujo fruto tem formato parecido com o da laranja, sabor de marmelo, excelente contra disenteria. Seu sumo é branco, mas esfregando-o sobre a pele, torna-se preto, durando nove dias; os índios usam-na para colorir a pele;

Quadro 31. Comparativo verbete japinabeiro

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) |
|--|--|
| <i>JAPINABEIRO</i> , s.m. a very beautiful tree in Brasil, which bears a fruit in hape like an orange, in taste like a quince, excellent against the flux. The juice of it is first white, but rubbing the skin with it, it soon turns wonderful black, which lasts nine days; the Indians use it to colour their skins. | Japinabéiro , <i>m. (bot.)</i> a beautiful tree in Brasil, which bears a fruit in shape like an orange, in taste like a quince, excellent against the flux. The juice of it is first white, but rubbing the skin with it, it soon turns wonderful black, which lasts nine days; the Indians use it to colour their skins. |

Fonte: Transtagano (1773); Michaelis (1923)

- JEREPEMONGA, s.f. um tipo de serpente marinha no Brasil, que fica sob a água, e quando é tocada por alguma criatura, ataca tão rápido que dificilmente pode ser atingida, alimenta-se então. Às vezes surge enrolada na praia, mas se alguém coloca a mão sobre ela, ela a segura tão rapidamente, e pondo a outra mão para tentar retirar, a serpente se estica e, entrando no mar, alimenta-se de sua presa;

Quadro 32: Comparativo verbete jerepemonga

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) |
|--|---|
| <i>JERPEMONGA</i> , s.f. a sort of sea snake in Brasil, which often lies still under water, and whatever creature touches it, sticks so fast, that it can scarce be parted, on which the snake feeds. Sometimes it comes out and coils itself on the shore, and if a man puts his hand to it, it sticks fast, and putting the other to get it off, that sticks too, then the serpente stretches itself out, and getting into the sea, feeds on its prey. | Jerepemonga , <i>f.</i> a sort of sea snake in Brasil, which often lies still under water, and whatever creature touches it, sticks so fast, that it can scarce be parted. |

Fonte: Transtagano (1773); Michaelis (1923)

- IGACABA, s.f. (no Brasil) um grande pote ou jarro de barro, para vinho ou qualquer outra bebida;

Quadro 33: Comparativo verbete igacaba

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) |
|--|--|
| <i>IGACA'BA</i> , s.f. (in the Brasils) a large earthen pot or jar, for wine, or any other liquor. | Igacaba, Igaçaba , <i>f.</i> a large earthen pot for water. |

Fonte: Transtagano (1773); Michaelis (1923); Michaelis (2009)

- Manucodiata, (no Brasil) um tipo de pássaro chamado pelos nativos de jabira guaca;

Quadro 34. Comparativo verbete manucodiata

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) |
|--|--|
| <i>Manucodiata</i> , (in the Brasils) a sort of bird called by the natives jubiru guaca. | <i>Manucodiata</i> , (in the Brasils) a sort of bird called by the natives <i>jubiru guaca</i> . |

Fonte: Transtagano (1773); Michaelis (1923); Michaelis (2009)

- PARAPEIXE, s.m. (no Brasil) um tipo de pássaro que caça peixes. Os nativos chamam de jaquati guacu;

Quadro 35. Comparativo verbete papapeixe

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) |
|---|---|
| <i>PAPAPE'IXE</i> , s.m. (in the Brasils) a sort of bird that preys upon fish. The natives call it <i>jaguacati guacu</i> . | <i>PAPAPE'IXE</i> , s.m. (in the Brasils) a sort of bird that preys upon fish. The natives call it <i>jaguacati guacu</i> . |

Fonte: Transtagano (1773); Michaelis (1923)

- PATIGUA, s.m. (entre os povos selvagens do Brasil) um baú feito de palha;

Quadro 36. Comparativo verbete patiguá

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) |
|--|--|
| <i>PATIGUA'</i> , s.m. (among the wild people of the Brasils) a chest made of straw. | Patiguá , <i>m.</i> (among the wild people of the Brasils) a chest made of straw. |

Fonte: Fonte: Transtagano (1773); Michaelis (1923)

- REESPUMA, s.f. (no Brasil) um tipo de açúcar;

Quadro 37. Comparativo verbete reespuma

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) |
|---|---|
| <i>REESPU'MA</i> , s.f. (in the Brasils) a sort of sugar. | Reespuma , <i>f.</i> sugar made of the scum of the first scumming. |

Fonte: Fonte: Transtagano (1773); Michaelis (1923)

- YAPU, s.m. um pássaro no Brasil, como uma pega, cujo corpo é todo preto, e somente o rabo é amarelado, e tem três pequenos tufos na cabeça, que parecem chifres, tem olhos azuis e bico amarelo; um belo pássaro, mas bica quando provocado; bom em uma casa para devorar aranhas, e outros insetos, mas perigoso para segurar no punho porque ataca instintivamente nos olhos.

Quadro 38. Comparativo verbete yapu

| Transtagano (1773) | Michaelis (1923) |
|--|---|
| <i>YAPU</i> , s.m. a bird in Brasil, like a magpie, whose body is all black, and only the rail yellowish, having three little tufts on the head, which it sets up like horns, has blue eyes and a yellow beak; a beautiful bird, but stinks when angered; good in a house to devour spiders, and other insects, but dangerous to hold on the fist, because it naturally strikes at the eyes. | Yapú , m. a bird in Brazil, like a magpie. |

Fonte: Transtagano (1773); Michaelis (1923)

Finalmente, houve aqueles somente registrados em Transtagano (1773), tornando inviável o cotejo com outras obras:

- A *infallivel*, (no Rio de Janeiro) uma ventania diária, ou brisa de vento leste;

Quadro 39. verbete a infallivel

| Transtagano (1773) |
|---|
| <i>A infallivel</i> , (in the Rio de Janeiro) a daily gale, or breeze of easterly wind. |

Fonte: Transtagano (1773)

- ENCUBERTADO, s.m. um animal no Brasil e Índia ocidental, todo coberto com casco e escama como uma armadura. Os nativos do Brasil o chamam tatu, os índios tatic e os espanhóis armadillo;

Quadro 40. verbete encubertado

| Transtagano (1773) |
|--|
| <i>ENCUBERTA'DO</i> , s.m. a beast in the Brasils and West Indies, covered all over with shells or scales like armour. The natives of the Brasils call him talu, the Indians tatic, and the Spaniards armadillo. |

Fonte: Transtagano (1773)

- GEREBITA, s.f. (no Brasil) um tipo de bebida extraída do bagaço da cana-de-açúcar;

Quadro 41. verbete gerebita

| |
|---|
| Transtagano (1773) |
| <i>GEREBITA</i> , s.f. (in the Brasils) a sort of liquor extracted from the dregs of sugar-canes. |

Fonte: Transtagano (1773)

- Pão de galinha, (no Brasil) um tipo de minhoca que come as raízes da cana-de-açúcar;

Quadro 42. verbete pão de galinha

| |
|--|
| Transtagano (1773) |
| <i>Pão de galinha</i> , (in the Brasil) a sort of worm that eats the roots of the sugar canes. |

Fonte: Transtagano (1773)

- Veta, (no Brasil) um veio de ouro etc. que se estende por entre uma rocha ou vale rochoso;

Quadro 43. verbete veta

| |
|---|
| Transtagano (1773) |
| <i>Veta</i> , (in the Brasils) a vein of gold, &c. that is extended through the middle of a rock or stony hill. |

Fonte: Transtagano (1773)

A comparação entre o antigo e o contemporâneo, na lexicografia, pode não ser adequada, mas, neste caso, justifica-se pela necessidade de elaboração de parâmetros para que se trace um panorama diacrônico. Ainda que as obras atuais não tenham atingido o grau máximo de sistematização, constituem trabalhos elaborados num contexto tecnologicamente e tecnicamente mais evoluído, o que tem permitido organizar melhor os métodos e recursos utilizados. Uma parte dos registros de Transtagano (1773) identificados como brasileiros se mantêm na atualidade com a

marca de uso “brasileirismo”, indicando que o autor, já naquele tempo, elaborou suas definições com base em critérios que permanecem vigentes.

Assim, por mais que seja válido questionar até que ponto as indicações na obra do século XVIII estejam associadas à marca “brasileirismo”, compreende-se que há sim um propósito orientado pela constituição de uma pré-identidade linguística, já que os termos assinalados por Vieira Transtagano são verificados em território brasileiro. Mesmo que não se tenham comparado essas publicações a outras monolíngues anteriores, é possível imaginar que, assim como em Michaelis (1923) há verbetes idênticos aos de Transtagano, este também se “inspirou” em trabalhos que o antecederam. Essa amostra reforça a tendência lexicográfica da cópia, recorrente nesse âmbito, constatando-se, em alguns casos, a reprodução integral do item. Considera-se, desse modo, o primeiro dicionário bilíngue português-inglês-português, também, como referência quanto às particulares lexicais do português brasileiro, mesmo que não pertencentes à categoria de “brasileirismos” propriamente ditos.

6 CARACTERIZAÇÃO DAS OBRAS ANALISADAS

Abre-se espaço para a descrição mega e microestrutural dos dicionários investigados, destacando-se os aspectos metalexigráficos discutidos nas seções anteriores. Como parte crucial da pesquisa, a caracterização dos *corpora* tem como propósito mostrar que o projeto lexicográfico abrange todas as seções de um dicionário, incluindo o *front matter* (elementos pré-dicionarísticos), que, não raras vezes, contém informações valiosas acerca da obra e dos aspectos ideológicos, discursivos presentes nos textos prefaciais. A lexicografia, como uma das fontes de legitimação da língua, muito tem a transmitir acerca do pensamento linguístico vigente em um determinado período. Para tanto, a “voz” do lexicógrafo, ou da equipe que desempenha essa função, precisa ser “escutada” a fim de que se obtenham dados intra e extralinguísticos essenciais à compreensão de uma publicação, que vão muito além das orientações para utilização desta.

6.1 OS DICIONÁRIOS MONOLÍNGUES

6.1.1 *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa* (CALDAS AULETE, 1889)

A primeira obra, por ordem diacrônica, na categoria dos materiais monolíngues é a edição inaugural portuguesa, de 1881, do *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*, iniciada por Francisco Júlio de Caldas Aulete e concluída por António Lopes dos Santos Valente e sua equipe, após a morte de Caldas Aulete. Um dos principais representantes da lexicografia em língua portuguesa até os dias atuais, o dicionário rompe, segundo o próprio autor, com o modelo de lexicografia até então praticado. Chama atenção também por ter atravessado o séculos e ainda se manter como referência lexicográfica, como destacam Silvestre e Verdelho (2007, p. 39) [...] foi o primeiro grande dicionário do século XIX que se manteve no mercado até à actualidade.

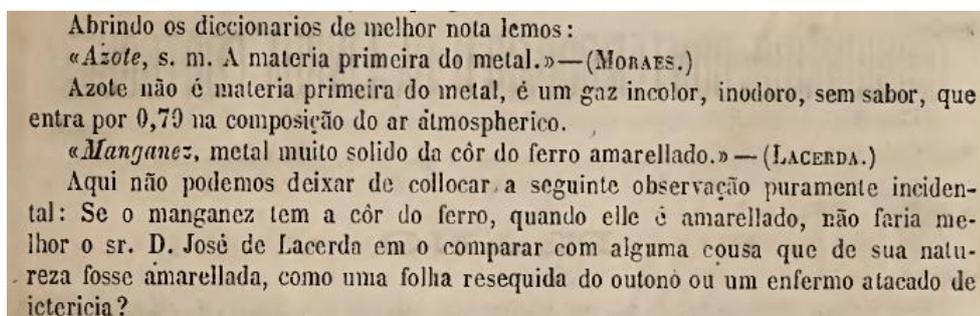
Caldas Aulete evidencia seu objetivo de desenvolver não um dicionário enciclopédico, pois, para isto, seriam necessários “cultores dos tantos e tão variados ramos em que se divide o saber humano”, mas um:

dicionário portátil para a maioria das pessoas que falam a língua portugueza; um vocabulario que represente a lingua portuguesa como ella é hodiernamente, contendo as palavras que são do domínio da conversação, de que boa parte se não encontra nos dictionarios nacionaes; os neologismos sancionados pelo uso e pela necessidade, e os termos technicos, que, com o desenvolvimento da instrucção publica, tem passado para a litteratura e para a linguagem da conversação” (CALDAS AULETE, 1881, p. I).

O autor admite ainda a inserção de “arcaísmos”, essenciais, segundo ele, à compreensão de algumas unidades contemporâneas. Organizada em dois volumes, a obra foi publicada em Lisboa em 1881 pela Imprensa Nacional. O primeiro volume tem, como parte dos textos prefaciais, uma introdução escrita por Basilio de Castelbranco, que, além de apresentar algumas características da obra, informa que, após o falecimento de Caldas Aulete, o doutor Antonio Lopes dos Santos Valente teria ficado responsável pelo projeto até sua finalização. A autoria, então, é assumida pelo próprio Caldas Aulete em um longo texto de apresentação de seu trabalho, dividido em cinco seções.

A primeira parte, intitulada “plano”, acolhe a avaliação metalexigráfica de três dicionários de língua portuguesa, respectivamente de Roquette, Lacerda e Moraes, comentando-os criticamente, principalmente quanto à elaboração das definições. Faz questão de ressaltar, logo entre as primeiras palavras, que são comuns as cópias entre dicionários, o que torna os erros reincidentes. O lexicógrafo sugere, por exemplo, que os autores analisados insistem em manter “todos os ridículos preconceitos da velha sciencia, e omittem os d’aquelles que o progresso tem desecoberto” (CALDAS AULETE, 1881, p. II).

Figura 9. Comentário de Aulete (1881)



Abrindo os dictionarios de melhor nota lemos :
«Azote, s. m. A materia primeira do metal.»—(MORAES.)
Azote não é materia primeira do metal, é um gaz incolor, inodoro, sem sabor, que entra por 0,79 na composição do ar atmosphérico.
«Manganez, metal muito solido da côr do ferro amarellado.»—(LACERDA.)
Aqui não podemos deixar de collocar a seguinte observação puramente incidental: Se o manganez tem a côr do ferro, quando elle é amarellado, não faria melhor o sr. D. José de Lacerda em o comparar com alguma coisa que de sua natureza fosse amarellada, como uma folha resequida do outono ou um enfermo atacado de ictericia?

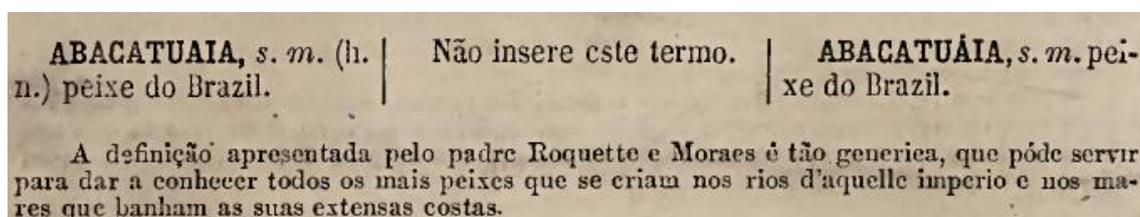
Fonte: Caldas Aulete (1881)

São feitas inúmeras críticas contundentes aos trabalhos avaliados, sem economia de termos ofensivos:

as definições apresentadas pelos nosso dicionaristas representam em geral a ignorancia da idéa, aliada ao burlesco da fórma, ou da mais desbragada sordidez de phrase acompanhando o grotesco da idéa. (CALDAS AULETE, 1881, p. II)

Caldas Aulete, ainda em sua análise metalexigráfica, reserva um espaço para comentar alguns verbetes especificamente, como no caso do peixe “abacatuáia”, em que destaca o caráter excessivamente genérico adotado pelos lexicógrafos.

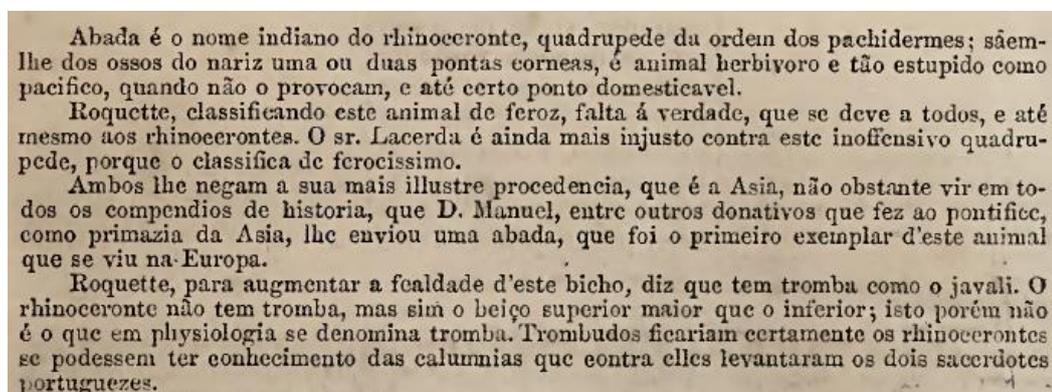
Figura 10. Verbetes abacatuáia



Fonte: Caldas Aulete (1881, p. VIII)

Com sua costumeira acidez, não poupa, em nenhum momento, seus colegas de profissão, entrando no mérito das definições com uma crítica tão aguçada que parece desconhecer a tarefa árdua de elaboração de um dicionário. Exemplo disso está nos comentários sobre as definições de “rhinoceronte”, em que, além de condenar os qualificativos empregados para caracterizar o animal, questiona o conhecimento de história por parte dos lexicógrafos:

Figura 11. Comentário de Aulete (1881)



Fonte: Caldas Aulete (1881, p. X)

Na seção seguinte, o tema desenvolvido por Caldas Aulete é a formação da língua portuguesa. O autor comenta alguns fenômenos fônicos na passagem do latim para o português, como a mudança de *pl* > *ch*, “lei observada em grande numero de palavras de origem popular”. Contudo, além do “possante jazigo da lingua latina”, reforçada pelo autor não somente nessa seção, são mencionadas outras origens para o “tesouro do vocabulario portuguez”: línguas estrangeiras, incluindo o castelhano, italiano, francês, inglês, alemão, árabe, grego, hebreu; termos que criaram em resultado de um acontecimento histórico (ex.: “camoniana”, palavra de origem histórica, derivada do nome Camões); onomatopeia (termos formados por imitação dos sons dos animais e dos homens ou de certos fenômenos naturais ou de produtos do homem); ciência e tecnologia; analogia (quando se recorre a formas hipotéticas para explicar alguns termos).

São tratadas ainda questões referentes à ortografia, de pronúncia e ao significado, nas seções seguintes. O autor prossegue com sua visão purista, argumentando que “a orthographia é a parte esthetica da palavra” e ainda que as “palavras historicas monumentais” e que nos remetem à “veneração por um heroe ou as recordações gloriosas de um povo” serão aquelas que “melhor falarão ao nosso enthusiasmo, quando a sua fórma concorrer para excitar a nossa sensibilidade”. (CALDAS AULETE, 1881, p. XX) . Quanto à “pronunciação”, assevera que “são as cidades, em que reside a corte, que estabelecem a norma” e que “são as pessoas eruditas e ilustradas da côrte as que dão a lei e estabelecem o typo da mais aprimorada pronunciação das línguas” (p. XXI).

No que tange à “significação”, Caldas Aulete afirma ser a parte mais “indeterminada da lexicologia”, uma vez que “a mesma palavra de seculo para seculo umas vezes muda de acepção”, enquanto em outros casos “perde o esplendor de sua antiga fidalguia, para viver uma vida obscura e humilhante”. Concentra-se, ainda, em observações prescritivas, como nas que formula acerca dos neologismos, estipulando as condições que determinam sua manutenção ou não:

Figura 12. Comentário sobre neologismos

Na adopção dos neologismos entendemos que deviamos excluir:

- 1.º Aquelles que possuem uma existencia ephemera, que nascem e se propagam com grande rapidez, e com a mesma desaparecem, isto é, os que vivem enquanto dura o capricho da moda, que lhes deu a existencia, e com ella se extinguem.
- 2.º Os que tem termos equivalentes na lingua, e que não servem senão de crear uma synonymia embaraçosa.

Ao contrario inserimos:

- 1.º Todos aquelles que estão auctorizados pelo uso e pela necessidade, e cuja fórma se acha em harmonia com o espirito da lingua: folhetim, folhetinista; telegrapho, telegraphar; chlorophormio, chlorophormisar; estore, adagio, andante, etc.
- 2.º Os que não tem adoptado a fórma nacional, mas que o uso e a necessidade, a despeito de tudo, tem admittido e esperam a sua vez de vestir á moda do paiz: *Meeting, wisth, beef, jockey, groom, rail, toilette, dandy, bill, dog-cart, kirsch, club, bismuth, lunch.*

Fonte: Caldas Aulete (1881)

Além dessas subdivisões, o autor adiciona duas listas de abreviaturas, a primeira com as reduções utilizadas nos verbetes na forma de marcas de uso e a segunda com os nomes dos autores e dos títulos das obras de que se extraíram citações. Há, ainda, a explicação sobre os sinais (Figura 13) utilizados pelo lexicógrafo e aqueles empregados para orientar os consulentes acerca da pronúncia das unidades (Figura 14). O primeiro volume cobre da letra A à letra I, e o segundo, da J à letra Z, acrescentando-se a este último, como era comum às obras da época, um apêndice com “correções e adições”.

Figura 13. Explicação dos signaes

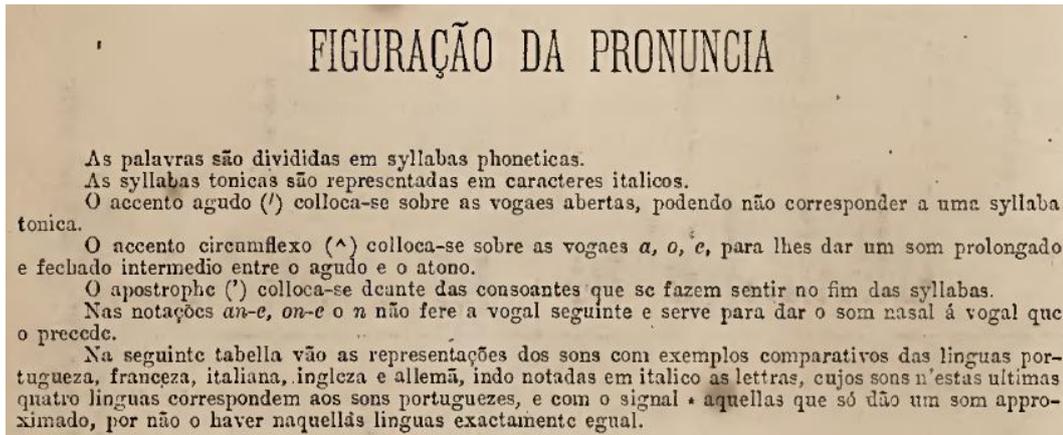
EXPLICAÇÃO DOS SIGNAES

- || Serve para separar as diferentes acceções das palavras.
- , [] Serve para encerrar as explicações destinadas a esclarecer o texto.
- + Serve para separar os elementos formativos das palavras.
- Serve para evitar a repetição do termo de cuja monographia se trata.

As letras em redondo empregadas nos radicaes são as que soffrem modificações na composição da nova palavra, ou que cáem quando se lhes juntam os elementos componentes.

Fonte: Caldas Aulete (1881)

Figura 14. Figuração da pronuncia

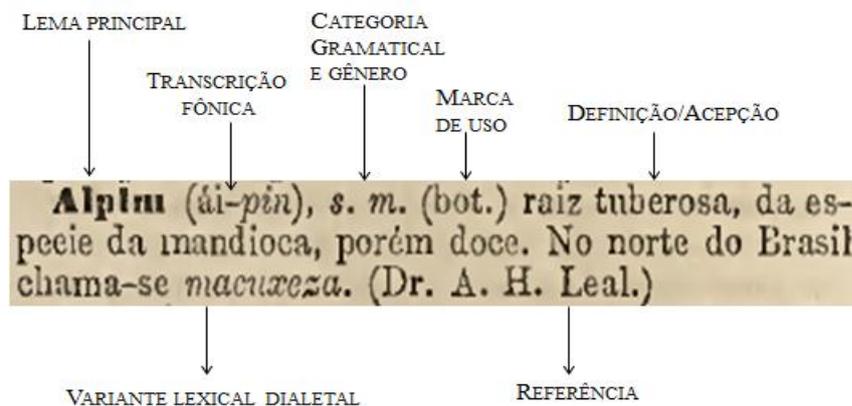


Fonte: Caldas Aulete (1881)

6.1.1.1 A MICROESTRUTURA EM CALDAS AULETE (1881)

O modelo microestrutural adotado pelo autor dá conta das principais informações disponíveis acerca de um lema, abarcando os seguintes itens:

Figura 15. Verbete aipim



Fonte: Caldas Aulete (1881, p. 50)

De acordo com a figura 15, Caldas Aulete adota em seu verbete, para destacar a entrada/lema principal, o indicador tipográfico negrito. Na transcrição fônica, as unidades são divididas em “syllabas phoneticas”. Utilizam-se o acento agudo para marcar a abertura da vogal, conforme orientações do autor, o indicador tipográfico itálico para indicar a sílaba tônica e o indicador não tipográfico parêntese para demarcar o espaço referente a essa informação. A categoria gramatical substantivo e o gênero masculino são indicados por meio de abreviatura. No caso específico do verbete **aipim**, junto à definição, oferece-se um equivalente lexical, destacado pelo indicador tipográfico itálico, demarcando-se a variação dialetal. Desse modo, é perceptível o compromisso do autor com a diversidade diatópica brasileira já no século XIX.

Nesta exposição acerca da microestrutura, a seleção de apenas um verbete que reúna todos os recursos utilizados na obra, que se poderia chamar de “verbo prototípico”, nem sempre é possível. Compreendendo-se essa limitação, apresenta-se também o item **neve**, cujo verbete apresenta muitas abonações (trechos de obras que contextualizam o uso da unidade). A primeira, do general escritor Latino Coelho, é utilizada para exemplificar o emprego de neve em seu sentido denotativo. No sentido figurado, indicado pelo item marca de uso “*fig.*”, indicado em itálico, são apresentadas abonações extraídas do poeta português Luís de Camões, do escritor português Antonio Feliciano de Castilho e Luís Augusto Rebello da Silva. As acepções são separadas pelos indicadores não tipográficos barras verticais duplas, conforme a “explicação dos sinais” anexada ao texto prefacial da obra.

Figura 16. Verbo neve

Neve (*nê-vc*), *s. f.* agua congelada que eai da atmospha em leves floeos extremamente braneos: Ao longe o pieo vulcanico adornado com a sua coroa de *neve*. (Lat. Coelho.) || (*Fig.*) Extrema alvura: Entre rubis e perolas doce riso, debaixo de oiro e *neve* cõr de rosa. (Camões.) || As eans. || Extremo frio. || Gelado feito com assucar e leite ou sumo de certas fruetas; sorvete. || *Neves* perpetuas, as que cobrem os pincaros das montanhas mais elevadas e nunea chegam a derreter-se. || Estação das *neves*, o inverno. || De *neve*, frio ou branco como a neve: Dê cá essa mão de *neve*. (Castilho.) No lume de agua aos ares ondeando sobre os hombros de *neve* as tranças bellas. (Tolentino.) || Frio de *neve*, frigidissimo: A mão estava fria de *neve*. (R. da Silva.) || Coração de *neve*, coração insensivel; impassivel. || F. lat. *Nix*.

Fonte: Caldas Aulete (1881)

6.1.2 *Diccionario de vocabulos brasileiros* (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889)

O tenente-general Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire-Rohan, ou Visconde de Beaurepaire-Rohan, é o autor de uma obra cuja natureza dialetal no final do século XIX merece destaque pelo direcionamento ao léxico brasileiro, que tanto interessa nesta. Caracterizada por Horta Nunes (2008, p. 354) como “dicionário de brasileirismos”, a obra é composta de um volume, com 147 páginas, em que são elencadas unidades lexicais e seus usos geográficos específicos. Dedicada à “magestade imperial” D. Pedro II, “imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil”, evidencia-se o cunho político da elaboração de Beaurepaire-Rohan, homem de muitas funções relacionadas à Coroa. Além de ter sido vice-presidente da província do Paraná, presidente das províncias do Pará e da Paraíba, foi ministro da Guerra, Conselheiro d’Estado e de Guerra, Gran-Cruz da Ordem de Aviz, Dignatario da Ordem da Rosa, dentre outras incumbências que atribuem ao Visconde o prestígio necessário para publicação de seu trabalho lexicográfico, em 1889.

Mesmo breve, o prólogo contém informações relevantes sobre a proposta do autor. Consciente de seu papel, o autor mostra ser dotada de alguma “sensibilidade lexicográfica” quando se disponibiliza a receber críticas que possam contribuir para o aperfeiçoamento de seu trabalho, citando o poeta francês Gresset, quando diz que “devemos honrar crítica, sátira e desprezo, desfrutar de seus erros e fazer melhor”. Ele próprio considera sua obra insuficiente, quando reconhece que:

[...] meu Diccionario de Vocabulos Brasileiros melhor preencheria seu titulo se comprehendesse a totalidade das denominações vulgares dos nossos productos naturaes, das tribus aborigenes que existiram e ainda existem em nosso paiz, e das localidades, cuja etymologia é tão rica de poesia. (BEAUREPAIRE-ROHAN, 1889)

Justifica sua falha, alegando a pressa para publicar seu trabalho, por conta de sua idade avançada, mas, logo em seguida, aponta outra possível lacuna de sua produção: a falta de sistematicidade quanto à ortografia das palavras derivadas do tupi. Compara sua dificuldade à encontrada pelos europeus, “que primeiro estudaram e lhe organizaram grammaticas e vocabularios” e apresenta alguns exemplos dos problemas enfrentados e soluções encontradas na busca por elementos gráficos que, de algum modo, permitissem representar os sons da língua indígena.

Figura 17. Comentário de Beurepaire-Rohan (1889)

Ha sobretudo uma vogal guttural cuja pronuncia só pôde ser adquirida por uma longa pratica. Montoya a representa por *ĩ*; alguns jesuitas portuguezes por *ig*; e Anchieta ora por um *i* com um ponto em baixo, quando esse *i*, a que elle chama *aspero*, se acha no meio da dicção, e ora por *ig* no fim da palavra. Eu a substitui em qualquer caso por *y*. Os jesuitas, tanto hespanhoes como portuguezes, no intuito de accommodarem aos diversos dialectos da lingua tupi o nosso alphabeto, supprimiram a lettra *s* e a substituiram por *c* e *ç*. O *ç*, quando o escriptor se esquecia da indispensavel cedilha, foi causa do estropeamento de muitos vocabulos, taes como *araçari*, *jaçanân*, *çavid*, convertidos hoje, na linguagem scientifica, em *aracari*, *jacanân*, *cavid*, etc. Em logar do *ç* inicial, uso eu francamente do *s*, como em *sapéca*, *sapiranga*, *sapiróca* e outros mais; e se não escrevo *arasari jasanân* é pelo receio de induzir em erro o meu leitor, obrigando-o a pronunciar *arazari*, *jasanân*, pela regra bem conhecida de que, salvo poucas excepções, o *s* entre vogaes tem o som de *z*.

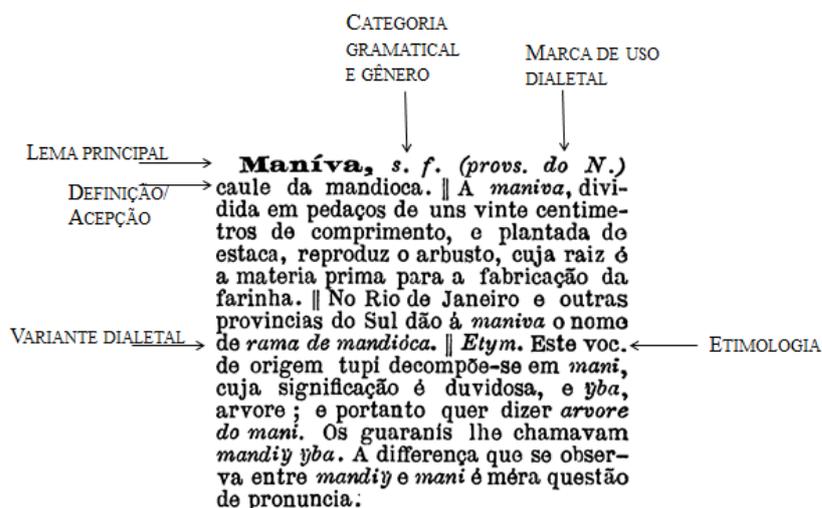
Fonte: Beurepaire-Rohan (1889)

O Visconde observa, no entanto, que a situação não se restringe às línguas indígenas, uma vez que “este estado de desordem na ortografia de idiomas iletrados” está também presente em nossa “propria e formosa lingua”, quando “um auctor indica um modo de escrever e pronunciar diverso dos outros”. O tenente-general alega sentir falta de um dicionário oficial da língua portuguesa que exerça o papel de autoridade diante da variação ortográfica recorrente, segundo ele. Tece, enfim, uma observação acerca do tratamento da etimologia em seu dicionário, afirmando ter incluído apenas “aquellas que me pareceram racionaes”. Após seu sucinto prefácio, fornece uma “relação das pessoas que contribuíram com informações, e cujos nomes estão citados no correr d’este Diccionario”, a “relação de auctores e obras mencionados” e as “principaes abreviaturas”.

6.1.2.1 A MICROESTRUTURA EM BEAUREPAIRE-ROHAN (1889)

Quanto à microestrutura, selecionou o verbete **maníva**.

Figura 18. Verbetes maníva



Fonte: Beaufrepaire-Rohan (1889)

No verbete da figura 18, o lema principal é indicado em negrito, com inicial maiúscula. O indicador tipográfico itálico é empregado para destacar a abreviatura que recobre a categoria gramatical substantivo e o gênero feminino. Utilizou-se também o itálico na marca de uso “províncias do Norte”. As acepções são separadas por barras duplas verticais. Observa-se também a utilização do indicador itálico para destacar alguns itens como a abreviatura de etimologia, a variante dialetal “rama de mandioca”, utilizada, segundo o autor, no Rio de Janeiro e em outras províncias do sul, e também para destacar o equivalente lexical entre os guaranis.

Quadro 44. Verbetes ata, cassuá e fúro

Ata, s.f. (Ceará, Maranhão, Pará) fructa da Ateira, planta do genero *Anona* (*A. squamosa*) da familia das Anonaceas. Nas colonias francezas chamam-lhe *Atte*; no Rio de Janeiro, *Fructa do conde*; na Bahia e Pernambuco *Pinha*.

Cassuá (1º), s.m. (*De Alagoas ao Rio-Gr. do N.*) especie de cesto de cipó rijo, da feição de uma canastra sem tampa, com azelhas do mesmo cipó para dellas se pendurarem nas cangalhas. Um par de *cassuás* com feijão, arroz, milho, melancias, etc. constitue a carga de um animal (Moraes). || No interior do Maranhão é o *cassuá* feito de couro (B. de Jary) e a isso chamam

bruáca em outras partes do Brazil.

Fúro, *s.m.* estreito entre duas ilhas, ou entre uma ilha e a terra firme. Corresponde àquillo a que em terra chamam *atalho*, porque torna mais breve o trajecto das canoas e outras embarcações pequenas. No Pará, quando o *furo* comprehendido entre uma ilha e a terra firme é muito extenso no sentido do comprimento, lhe chama *Paraná-mirim*. Na Bahia dão ao *Furo* o nome de *Furádo*.

Fonte: Beaufort-Rohan (1889)

Nota-se o compromisso dialetal do dicionário sempre presente nas definições. Além das marcas de uso aplicadas logo após a categoria gramatical e colocadas entre parênteses, o autor também lança mão de observações diatópicas incorporadas ao texto da definição. Apesar de não haver referência à fonte dos dados dialetais, os usos lexicais regionais são apresentados com detalhamento de quem tem um conhecimento apurado acerca dos “falares” brasileiros. Nota-se, ademais, o caráter enciclopédico predominante, uma vez que os conhecimentos ativados pelo lexicógrafo ultrapassam a esfera linguística e adentram o contexto sociocultural, ativando um conhecimento de mundo mais amplo para que se chegue à compreensão do lema definido. Na figura 20, o verbete *zumbí* fornece mais um exemplo da natureza definitória adotada por Beaufort-Rohan. O *zumbi* é descrito com base na crença popular, e não apenas quanto à sua função como unidade linguística.

Figura 19. Verbetes *zumbí*

Zumbí, *s. m.* ente phantastico, que, segundo a credence vulgar, vagueia no interior das casas em horas mortas, pelo que se recommenda muito a quem tiver de percorrer os aposentos às escuras que esteja sempre de olhos fechados, para não encarar com elle. || *Etym.* E' vocabulo da lingua bunda, significando duende, alma do outro mundo (Capello e Ivens). || Fig. na Bahia, chamam *zumbi* àquelle que tem por costume não sahir de casa senão à noute : Tu és um *zumbi*. || Em outras provincias do norte, dão o nome de *zumbi* a qualquer logar ermo, tristonho, sem meios de communicação (Meira).

Fonte: Beaufort-Rohan (1889)

6.1.3 *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FIGUEIREDO, 1913)

A obra mais conhecida do escritor e filólogo português Antonio Cândido de Figueiredo, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo foi publicado pela primeira vez em 1899. Teve-se acesso, nesta oportunidade, à segunda edição, de 1913. Como salientam Silvestre e Verdelho (2007, p. 40), o dicionário

completa o “ciclo dos dicionários de acumulação”, caracterizando-se pela “ excessiva valorização da quantidade da nomenclatura”.

A abundância da nomenclatura, que logo na primeira edição se elevava a cerca de 110.000 entradas, distribuídas a duas colunas por dois vols. com 781 e 860 páginas [...] é acompanhada pela ausência quase geral de citações e por uma grande simplificação dos artigos, mantém todavia a informação gramatical e etimológica. [...] Cândido de Figueiredo retocou e ampliou ainda o seu dicionário nas edições seguintes (2 – 1913; 3 – 1920/22) até à 4ª. publicada já postumamente, em 1926, mas ainda “corrigida e copiosamente ampliada” pelo autor, de modo que atingiu para cada volume 1110 e 1014 páginas com mais de 136000 entradas e ainda dois apêndices onomásticos [...] (SILVESTRE;VERDELHO, 2007, p. 40-41)

A edição a que se teve acesso é descrita pelo próprio Figueiredo como “essencialmente refundida, corrigida e copiosamente ampliada” (1913, p.iii). Dotada de um longo texto pré-dicionarístico, o front matter é subdividido em: razão da obra; materiais da obra; processo da obra; ortografia; pronúncia; acentuação gráfica; etimologia; gramática. Inicialmente, o autor se volta à variedade europeia do português, censurando as obras que lhe são contemporâneas pela falta de atualização diante da dinamicidade da língua: “[...] sucedeu que a língua andou e os dicionários pararam.” (FIGUEIREDO, 1913, p. iii). Adepto de uma visão preciosista, sentia falta “[...] de um vocabulário, que me dirigisse no estudo dos mestres da língua, desde Fernão Lopes até Camillo [...]”. Mostrando uma visão crítica aguçada, reconhece a complexidade do trabalho lexicográfico e sua susceptibilidade aos erros, dos quais nem os “mais respeitáveis” escapam:

Por isso, embora o respeitável Moraes e outros distintos lexicógraphos errem ao definir licranço, pesebre, teiró, croca, pieira, calambrá, rocló, lacrau, baceira, cerva, maniqueira, corça, torneja, gallacrista, etc.; embora registem palavras que nunca existiram, como igarvana, garna, fomo, fangapena, marapinina, frondíballo, etc.; embora mandem lêr adípe, (que é ádipe), alcácel, (que é alcacél), caguí, (que é çagüí, ou sagüí), mucuna, (que é mucuná), gombo, (que é gombô), etc.; embora perpetrem manifesto arbítrio e notáveis irregularidades em prosódia, tornando ora paroxýtonas, ora proparoxýtonas, palavras de formação similar, como hydrocéle, epiplócela, etc., etc., não era por esse lado que mais facilmente se justificaria o acréscimo de mais um dicionário a tantíssimos que enxameiam o escasso mercado nacional; mas, sim, pela assombrosa deficiência de vocábulos ou artigos, imprescindíveis em qualquer inventário da língua nacional. (FIGUEIREDO, 1913, p. iii)

Mesmo com essa compreensão, não deixa de criticar seus colegas de profissão, como faz acerca da obra de Frei Domingos Vieira⁵³, afirmando que em nos artigos de apenas uma letra da obra procurou, em vão, unidades lexicais como “pelagiano”, “perómelos”, “phene”, “patigabiraba”, “picaveco”, dentre outra. Atribui essa falha à falta de método e à participação de muitos colaboradores na confecção do dicionário. Quanto ao seu compromisso como lexicógrafo, Figueiredo se mostra preocupado com o registro da “linguagem popular”, que, de acordo com ele, é “desadorada” pelos lexicógrafos, merecendo “longos e especiaes cuidados” da parte dele. Admite algumas dificuldades encontradas no registro de “provincianismos portugueses”:

Na classificação dos provincianismos portugueses, nem sempre pude seguir uma norma absolutamente rigorosa. A um termo, que se ouve pelo menos em Mogadoiro, em Miranda ou em Vinhaes, chamei provincianismo trasmontano, sem que isso signifique que êlle é usado em toda aquella província ou que não é usado fóra della. Uma vez ou outra, — raramente, — designo a localidade, (termo de Alcobaça, termo de Coímbra, etc.), por tór a probabilidade de que o termo respectivo só ali é usado. Também, quando chamo a um vocábulo provincianismo beirão, quero dizer que êlle é falado, pelo menos, numa das duas Beiras, (Alta e Baixa), ou até só em parte de uma dellas. Da mesma fórmula, há provincianismos alentejanos, que não são conhecidos no Alto Alentejo, e outros, que os distritos de Beja e Portalegre não conhecem. (FIGUEIREDO, 1913, p. iv-v)

Vale aqui comentar as considerações feitas pelo dicionarista quanto à variação dialetal registrada por ele. Figueiredo, sem entrar no mérito teórico, estaria tratando de isoglossas, ao comentar sobre o fato de as ocorrências não obedecerem aos limites geográficos de uma província. É possível que esse “obstáculo” tivesse sido transposto, se o autor estivesse consciente desse processo, tão frequente no âmbito da variação lexical. Para além das questões variacionais, o autor se coloca como um precursor quanto à inserção de neologismos, o que poderia até mesmo atizar os “neologóphobos”, aqueles com fobia desses elementos lexicais. Apesar de muitas vezes exteriorizar uma visão conservadora de língua, o que é comum na lexicografia, o autor se vê como inovador ao registrar “muitos centenaes de termos de gíria” (FIGUEIREDO, 1913, p. v).

Na quinta página de sua introdução, Figueiredo, finalmente, direciona sua atenção a outras variedades lusófonas. O autor afirma ter incluído a “linguagem popular dos archipélagos açoreano e madeirense”, além de expressões relativas aos costumes diários

⁵³ Autor do *Grande diccionario portuguez* ou *Thesouro da lingua portuguesa*, com cinco volumes, publicados entre 1871 e 1874.

de Angola, Moçambique, Índia, Macau e Timor. Junto a essas, atribui destaque ao Brasil, caracterizada por ele como “grande nação, que se emancipou da nossa velha soberania”, responsável por levar a civilização europeia aos “sertões da América do Sul”. Teria o português brasileiro, segundo Figueiredo, recebido numerosos termos da população indígena, principalmente do tupi. Dessa maneira, apesar de compreender os brasileirismos como de origem tupi ou criação brasileira, também inclui nessa esfera os “velhos portuguesismos”.

Muitos dëlles são velhos portuguesismos, que partiram daqui com os descobridores e colonizadores das terras de Santa-Cruz, e que lá vivem e prosperam ainda, sendo aqui já esquecidos ou mortos. Assim é que a conjunção si que, no português, é hoje privativa do Brasil foi usada por clássicos nossos; usoua, por exemplo, Garcia da Orta, nos seus Collóquios. O vocábulo perendengues, se não partiu de cá, foi de lá recebido há muito e entrou no português dos mestres; usou-o Filinto, pelo menos. A geriza, o agir, o faneco (pedaço de pão), a alfafa ou alfaifa, o guaiar, etc., são bons e velhos vocábulos portugueses, de que nós nos esquecemos quási, mas que os Brasileiros, para vergonha nossa, sabem alimentar e prezar. (FIGUEIREDO, 1913, p. vi)

No que diz respeito às outras seções do dicionário, quanto ao “processo da obra”, Figueiredo conta sobre os vinte anos necessários à coleta de material e sobre a dúvida entre elaborar um material com mais volumes ou mais sintético. Tendo escolhido esta última opção, o autor alega ter organizado seu trabalho de modo que o valor cobrado pelo dicionário não o tornasse inacessível ao público.

Acerca da “ortografia”, revela incômodo com a falta de um padrão, alegando haver uma grande variação entre os autores, o que resulta em “[...] duzentas orthographias diferentes e quási todas autorizadas” (FIGUEIREDO, 1913, p. ix). Por conta dessa diversidade, elege como modelo a ortografia do “Diário do Govêno”, mesmo compreendendo que os próprios ministros só a praticam “nas columnas da mesma folha”, deixando prevalecer a que “lhe ensinou o professor de primeiras letras, cuja orthographia já brigava com a do professor da vizinha escola”. Figueiredo se mostra bastante incomodado com esse cenário, traduzindo-o da seguinte forma:

O uso dos doutos é outro bordão, que de nada serve porque o uso do douto Garret não é o uso do douto Herculano; o uso dêste não é o de Castilho; o de Castilho não é o de Latino, e assim por deante. Lembremo-nos de que Herculano escreveu outomno e Castilho outono; Camilo graphou filósopho; Garret usava mattar, cinquenta, fummo, entrehabrir, e outras extravagâncias do mesmo gênero. (1913, p. ix)

Acerca desse assunto, Figueiredo parece se compreender como um lexicógrafo à frente de seu tempo, na medida em que acredita que sua “[...] missão não é preconizar systemas, nem fazer reformas, nem manter intolerantes exclusivismos.” (1913, p. ix), mas sim acolher variações “[...] sob a responsabilidade de um escritor antigo ou moderno ou sob a chancella da prática corrente numa época”. Quando à “pronúncia”, Figueiredo julga ser sua fixação e representação uma das mais graves dificuldades com que o dicionarista se defronta, justificando esse fato pela variação no emprego da acentuação gráfica pela maioria dos escritores. Desse modo, os dicionaristas “[...] vendo uma palavra sem accentuação tónica, uns a tomaram por esdrúxula, outros por grave” (1913, p. xii).

Nesse âmbito, chama a atenção do autor as diferenças entre Brasil e Portugal:

Além do que, a pronúncia do português no Brasil oferece notáveis divergências da nossa pronúncia e, em muitos casos, será difícil justificar o direito com que pretendamos dar lições prosódicas aos nossos irmãos transatlânticos. Dentro do próprio Brasil, do norte ao sul, há sensíveis divergências na modulação das vogas átonas. Assim, ao norte, como em Portugal, o o de botar é surdo, pronunciando-se bu-tar; e ao sul é aberto, pronunciando-se bô-tar. (FIGUEIREDO, 1913, p. xiv)

As questões formais do idioma parecem inquietar bastante Figueiredo, que se ocupa, ao longo de seu texto introdutório desses aspectos, deixando transparecer sua excessiva preocupação com acurácia de seu trabalho lexicográfico. É justo afirmar que, da mesma maneira com que o autor se mostra um crítico sagaz de dicionários contemporâneos a ele, exterioriza um elevado grau autoavaliativo. Quanto à “acentuação gráfica”, mais uma das seções de seu dicionário, o filólogo português comenta o fato de alguns eruditos portugueses só admitirem o acento agudo como sinal de vogal tónica. O autor lamenta pelo não emprego do acento circunflexo como possibilidade de marcar a “modulação fechada”.

E assim, ainda que a vogal tónica tenha modulação fechada, como em esplendido, languido, hellespontico, infancia, êlles accentuam infânciã, hellespóntico, lánquido, espléndido. E contudo aquellas vogas tónicas têm modulação fechada, e para esta modulação criou-se o acento circunflexo. (1913, p. xv)

Figueiredo se revela um observador assíduo dos fatos concernentes à língua, revelando uma preocupação que, certamente, vai além de uma pretensão prescritivista. Sobre a etimologia, discorre acerca da importância desse elemento não para “o comum dos leitores”, mas para “[...] a história da língua, para o estudo da linguagem e para a correção da escrita [...]” (1913, p. xvii). Reconhece as mudanças também nesse âmbito, o que chama de “facto interessante e vulgaríssimo”, quando sinaliza que a cada dia se fazem novas descobertas nesse campo e a origem hoje considerada correta pode amanhã ser rejeitada pelos novos estudos. Sempre zeloso, afirma ter consultado as melhores fontes em suas incursões etimológicas, citando Diez, Meyer-Lübke, Littré, Freund, Dozy e Bréal.

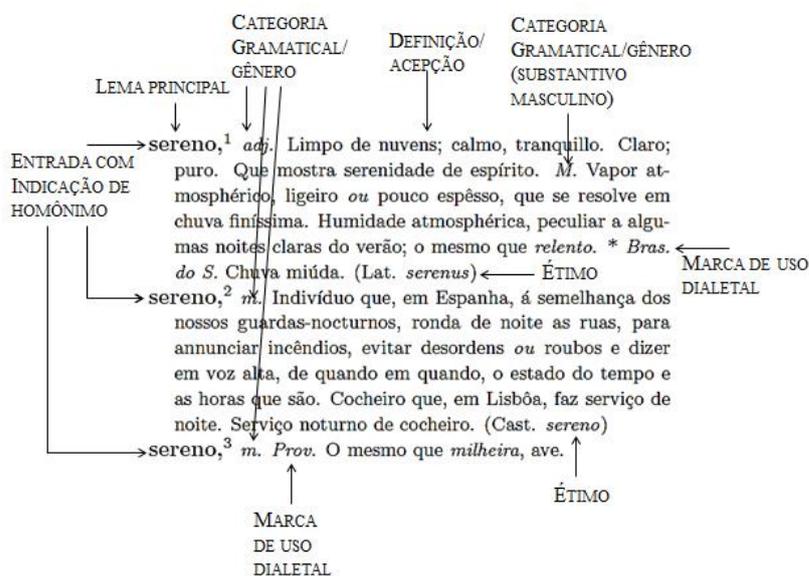
Destaca, ainda a respeito do étimo, como atuou com relação à representação de unidades do tupi e do árabe:

A representação do tupi e ainda do árabe, por exemplo, tem de sêr feita, aproximadamente pelo menos, consoante a pronúncia de quem os falou ou os ouviu. Para a representação do tupi temos no Brasil os subsídios de Gonçalves Dias e de outros estudiosos; e para a representação do árabe, — visto que, num dicionário de uso geral, não sería opportuna a reprodução de caracteres alheios aos nossos, — temos os subsídios de Dozy. Mas, apesar da autoridade do grande arabista, algumas vezes simplifiquei as suas fórmulas, por me acostar ao conceito de hábeis arabistas nossos que, na representação de muitos termos árabes, dispensam certos grupos consonantes que, em português, nada exprimem do como devemos pronunciar o árabe. (1913, p. xviii)

As informações pré-dicionarísticas se encerram com a seção “grammática” em que Figueiredo expõe seu posicionamento acerca da expectativa dos consulentes quanto à incorporação de noções gramaticais ao dicionário. O autor se manifesta contrariamente a essa inserção, justificando seu posicionamento, primeiro, pela falta de “afeto” à gramática como “estudo das leis que regulam a linguagem”, cujo objetivo em nada oferece vantagens ao conhecimento linguístico prático. Em segundo lugar, o lexicógrafo defende que a “população escolar” deve ir aos escritores, e não às gramáticas, sugerindo modelos linguísticos encontrados na escrita de Thomé de Jesus, Luís de Sousa, Bernárdez e Vieira, e, dos modernos, Herculano, Latino e Castilho. Para completar o *front matter*, inclui-se a chave de sinais e abreviaturas da obra.

6.1.3.1A MICROESTRUTURA EM FIGUEIREDO (1913)

Figura 20. Verbetes sereno



Fonte: Figueiredo (1913)

Na figura 20, o verbete **sereno** é apresentado com lema principal destacado em negrito e indicação de entradas homônimas, organizadas mediante números sobrescritos, recurso recorrente na lexicografia nesses casos. A categoria gramatical e o gênero (quando ocorre) são indicados logo após o lema principal em itálico. As diferentes acepções são separadas por ponto, e as marcas de uso, indicadas também em itálico. O étimo é marcado por indicador não tipográfico, parênteses, e tipográfico, itálico. Apesar de não ser uma característica frequente em Figueiredo a utilização de uma definição de cunho enciclopédico, uma vez que seu texto é mais objetivo e conciso, ele adota nesse, principalmente no homônimo de número 2, uma definição que busca interagir com a realidade do leitor, ao exemplificar as situações em que os serenos podem atuar, na função de guardas noturnos. Ainda que o autor apresente variantes lexicais como “relento” e “milheiro, ave”, não circunstancia o emprego das mesmas ou não deixa claro quando faz, a não ser pela marca de uso “provincianismo”.

6.1.4. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* (FREIRE, 1954)

Nunes (2008, p. 354) cita a obra de Laudelino Freire entre os primeiros dicionários gerais brasileiros, publicados a partir de 1930, considerando que a predominância, até então, dos materiais portugueses. Krieger et al. (2006, p. 181) caracterizam a obra de Freire como vinculada ao “[...]dever e a missão de produzir um dicionário da língua nacional ao modo dos países de grande tradição lexicográfica”, determinados pela Academia Brasileira de Letras. Assim,

[...] o projeto maior do dicionário de língua da Academia procurou se concretizar pela proposta de Laudelino Freire, ainda em 1924. Entretanto, diante da inoperância dos acadêmicos levarem a cabo essa tarefa, ele publica seu próprio dicionário, constituído de cinco volumes, que aparecem, gradativamente, entre 1939-1944. Duas novas edições de sua obra (1954 e 1957) podem ser encontradas. (KRIEGER et al., 2006, p. 181)

Teve-se acesso aos cinco volumes impressos da segunda edição, de 1954, publicada pela editora José Olympio. Com um texto introdutório no volume referente à letra A, abrem-se espaço para as considerações de Freire acerca de sua obra. Logo de início, como de costume entre os lexicógrafos, o autor mostra-se consciente acerca da laboriosa atividade que desenvolve, admitindo não ser possível a existência de um “dicionário absolutamente completo”. Menciona o trabalho de Cândido de Figueiredo, como “digno de todo apreço”, pois o considera como um dicionarista extremamente comprometido com o registro de “palavras novas, dispersas, esquecidas ou ignoradas”, responsável por organizar “[...] o mais copioso léxico de quantos opulentam o nosso patrimônio lexicográfico” (FREIRE, 1954, p. VII).

No que diz respeito à abrangência de sua obra, Freire elenca os seguintes itens: vocábulos em geral, ou palavras próprias da língua; palavras oriundas de outros idiomas e frequentes na linguagem ordinária; expressões idiomáticas, dizeres, modismos, brasileirismos e regionalismos; locuções em geral, e algumas do latim já incorporas ao vocabulário; indianismos e africanismos; termos científicos e técnicos, cujo registro se faz necessário; neologismos e termos da linguagem comum dos novos escritores já consagrados pelo uso; prefixos e sufixos, inclusive elementos de composição vernáculos, latinos, gregos e tupis; abreviaturas e siglas; termos de conversação e gíria; variantes morfológicas dos vocábulos, ainda que erradas, mas admitidas pelo uso comum.

Em seu texto introdutório, Freire comenta seu olhar sobre a variação diatópica e o posicionamento que será adotado diante dos regionalismos e provicianismos. Reflete-se acerca da dificuldade de estabelecer com rigor os limites de uso de um determinado termo, sendo difícil, segundo o autor, estabelecer se uma palavra é privativa ou não de uma região. O lexicógrafo exemplifica essa situação com o fato de que alguns termos e locuções do norte do Brasil são conhecidos em São Paulo ou Rio de Janeiro, assim como expressões cariocas ou paulistas são encontradas frequentemente no linguajar gaúcho. Freire, certamente, encontraria algumas respostas para sua inquietação nos estudos geolinguísticos. Ainda que a dificuldade de se delimitar fronteiras geográficas para fenômenos linguísticos seja real, o suporte dos atlas linguísticos pode, no mínimo, fornecer dados mais seguros quanto à realidade dialetal do país. É de lamentar, entretanto, que, mesmo com o desenvolvimento de fontes mais confiáveis, a lexicografia atual permaneça “cega” diante das soluções já existentes para questionamentos como os de Freire.

Um fato que merece atenção especial no dicionário de Freire é que não são apresentadas marcas identificadoras dos “brasileirismos”, o que é justificado pelo autor da seguinte forma:

Feito principalmente para brasileiros, êste dicionário não precisa da indicação de *brasileirismo* para conhecimento da linguagem falada no país. Além disso, não é fácil definir o que seja *brasileirismo*. Muitos deles são expressões do português falado pelos antigos colonizadores; outros são termos da linguagem comum, os quais, por não terem sido averbados em dicionários lusitanos, foram considerados *brasileirismos*. Cândido de Figueiredo classifica *azaranzado*, arrolado por Valdomiro Silveira em “Os Caboclos”, como *brasileirismo*, muito embora o verbo *azaranzar* já tivesse sido empregado por escritores como Alexandre Herculano, em “O Monge de Cister”. (FREIRE, 1954, p. VIII)

Mantêm-se, contudo, outros “rótulos” como “lusitanismos”, “afrolusitanismos” e “asiolusitanismos” para fazer referências às outras variedades lusófonas registradas, colocadas em segundo plano em relação à brasileira. Acerca dos “termos de gíria e de conversação”, Freire se revela contrário à inserção de “corrutelas que conduzem a erros crassos ou se traduzem em chulices” (1954, p. VIII), pois, como ele próprio afirma “[...] léxico não é portão de feira franca, aberto a disparates de gíria, troças e plebeísmos de esquina, chulismos de mangalaça e pulhices desprezíveis”. Diferentemente de Figueiredo (1913), o autor parece não estar muito interessado na “linguagem popular”.

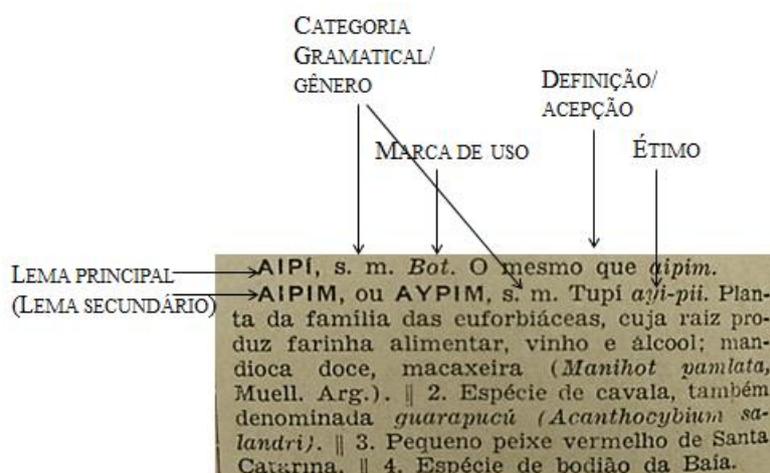
Freire mostra sua preocupação com os “elementos constitutivos”, que podem auxiliar o leitor quanto à análise de um novo termo, possibilitando a apreensão do significado de uma palavra desconhecida. No que tange à etimologia, Freire acredita que muita dedicação a esta se faz desnecessária por não se tratar de um dicionário para especialistas, oferecendo apenas a “etimologia rigorosamente certa” e deixando de lado as que “abrem margem a suposições, controvérsias e discussões” (1954, p. IX). Quanto à ortografia, o lexicógrafo admite ter usado aquela resultante do Acordo de 1931, entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras, adotado oficialmente no Brasil por determinação do Governo Federal. Nesse sentido, compara a grafia antiga e a moderna, argumentando em favor desta. Acerca dessa “simpatia” pela adoção da ortografia atualizada, compartilhada pelas instâncias de poder, o autor comenta:

Apesar de tôdas estas manifestações de simpatia, algumas pessoas recusam admitir a ortografia moderna, visto que, com a simplificação, inúmeras palavras ficam com a mesma identidade de letras com que se escrevem, resultando, a seu ver, confusão, equívoco e dúvida com outras muito diversas na acceção e perdendo as analogias e etimologias por onde conhecer-se de onde foram traduzidas ou derivadas. (FREIRE, 1954, p. XII)

Ao final da introdução, Freire comenta sobre a difícil empresa que foi a constituição de sua obra lexicográfica, necessário à nação brasileira, ainda carente de uma obra desse porte, fruto da vitória e perseverança segundo ele. Reconhece, porém, a colaboração de “dois beneméritos filhos da valorosa e nobre Nação Lusitana” (1954, p. XV), Vasco Lima e Antônio Soares Franco Júnior. Concluída essa seção, o autor dedica algumas páginas ao “formulário ortográfico”, elaborado “conforme as bases do acordo entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa” (1954, p. XVII). São anexadas, assim, as regras do novo modelo, como supressão de consoantes surdas (sinal, e não signal; caráter, e não carácter), não duplicação de consoantes (sábado, e não sabbado; acusar, e não accusar), substituição de encontros consonantais por consoantes (ph por f, como em filosofia; mp por n, como em assunto), dentre outras. Finalmente, o autor encerra seu *front matter* com a chave de abreviaturas e sinais.

6.1.4.1A MICROESTRUTURA EM FREIRE (1954)

Figura 21. Verbetes **aipim**



Fonte: Freire (1954)

Na figura 21, o verbete **aipi** aparece como lema secundário, que acompanha remissão à variante padrão **aipim**. Freire utiliza caixa alta e negrito para destacar o lema principal (entrada) e nenhum indicador para a abreviatura de categoria gramatical e gênero. A remissão *aipim* é destacada em itálico, no verbete **aipi**. No verbete **aipim**, após a categoria e o gênero, apresentam-se as acepções numeradas e separadas por barras duplas verticais. O autor incorpora a variação dialetal ao próprio texto da definição, sem emprego de marcas de uso com esse fim. A propósito, a única marca de uso utilizada nesse caso integra a cabeça do verbete **aipi**, e restringe a definição ao âmbito da botânica (*Bot.*).

Não sendo possível exibir todos os recursos utilizados na elaboração da microestrutura dos verbetes, selecionam-se amostras representativas destes. O verbete do advérbio **ainda** na figura 22 mostra a estratégia adotada por Freire na definição de uma unidade mais gramatical da língua, lançando mão de muitas abonações seguidas da fonte de onde foi extraída (a maioria oriunda do escritor português Alexandre Herculano), para ilustrar os possíveis usos desse elemento. Ademais, são elencadas locuções compostas a partir da unidade principal, organizadas na forma de entradas postpostas ao verbete, com lema principal em caixa alta, mas sem negrito.

Figura 22. Verbetes ainda

AINDA, adv. Disjunção de *a* + *indagora*, do lat. *inde* + *hac hora*. Até este momento, até agora: "a última artéria que *ainda* faz bater o coração da tirania desesperada e moribunda" (Herculano). || 2. Até então: "*Ainda* não eram passados os quarenta dias" (Dic. Acad. Lisb.). || 3. Além disso: "Isto é grave, porque é atroz; mas *ainda* há aí cousa mais grave" (Herculano). || 4. Não obstante: "aparecem depois as raras e inúteis protelações de um ou doutro prelado que ousava *ainda* lembrar-se das prerrogativas episcopais" (Herculano). || 5. Também: "No sul da França e, *ainda*, nas províncias setentrionais da Espanha... a heresia lavrava cada vez mais possante" (Herculano). || 6. Mesmo, até: "Tanto é certo que, *ainda* no meio do delírio das paixões e da perversão das idéias, nunca se obscurece de todo o respeito à sã razão e à verdadeira virtude" (Herculano). || 7. Para o futuro: "Porque saibas do mal meu os muitos que *ainda* hás-de ter" (Dic. Acad. Lisb.). || 8. Empregado antes de comparativo exprime exagêro na qualidade atribuída a um ser, em relação à que foi dada ao que serve de termo de comparação: "Mas pouco me dá já... que digam que *ainda* menos sei de rima do que de grego sabe um etíope" (Dic. Acad. Lisb.). || 9. Junto a advérbios ou locuções de tempo, serve para restringir-lhes a significação: "Também eu cuidei assaz nisso, e *ainda* esta noite o pratiquei com minha mulher na cama" (Dic. Acad. Lisb.).

AINDA AGORA, loc. adv. Há pouco: "*Ainda agora* saí do quarto de meu pai, onde fui chamada, e entrei a tremer" (Camilo).

AINDA AGORA!, interj. Exclamação usada para significar a alguém que veio mais tarde do que se esperava.

Fonte: Freire (1954)

6.1.5 Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2009)

Foram consultadas, nesta investigação, ambas as edições impressa e eletrônica (do CD-ROM que acompanha aquela), de 2009. Sendo assim, apesar dos recursos tecnológicos presentes na versão para computador, as mega e microestruturas se mantêm as mesmas, a não ser pelos recursos ao alcance de um *click* que a edição eletrônica proporciona. Há, portanto, uma adaptação, mas sem interferência nas informações transmitidas, de modo que os textos pré-dicionarísticos, por exemplo, são exatamente idênticos nos dois suportes. O *front matter* é composto pelos seguintes itens: uma breve biografia de Antônio Houaiss; uma página de epígrafes (não observada no texto eletrônico); o sumário; equipe editorial; prefácio de Mauro de Salles Villar; a chave do dicionário; detalhamento dos verbetes e outras informações técnicas; os

verbos; o Novo Acordo Ortográfico da língua portuguesa; emprego do hífen; lista geral de reduções. No *back matter*, encontram-se as referências bibliográficas.

No que diz respeito às considerações sobre Antônio Houaiss, que dá nome a um dos dicionários monolíngues gerais mais comercializados atualmente e utilizados em diferentes contextos, fala-se um pouco da vida desse “trabalhador estrênuo e devorador de cultura”, que muito se dedicou a questões linguísticas, especialmente à bibliologia, mas também à lexicografia, com elaboração de obras de grande porte, como *A grande enciclopédia Delta-Larousse* e a *Enciclopédia Mirador internacional*, além de dicionários bilíngue. Exerceu também a função “delegado porta-voz brasileiro do Projeto do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa” e atuou como tradutor e escritor. Tendo iniciado a elaboração do *Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa* em 1986, interrompeu essa empresa por falta de financiamento. Com a fundação do Instituto Houaiss de Lexicografia, por Francisco de Mello Franco e Mauro de Salles Villar, em 1997, a produção de Houaiss foi retomada, sendo concluída no final de 2000, infelizmente pouco tempo após seu falecimento.

No prefácio de Salles Villar, historiam-se brevemente algumas publicações do Instituto: a primeira edição do *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* em 2001 e também a primeira também do *Minidicionário Houaiss* nesse mesmo ano; *Meu Primeiro Dicionário Houaiss*, publicado em 2005. O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, objeto desta pesquisa, é situado, nesse contexto, entre o *Grande* e o *Mini*. A obra análise é, assim, descrita como um meio termo, primando-se pelo “[...]máximo de informações na forma mais contida e eficaz possível” (VILLAR, 2009, p. XI). Para tanto, a nomenclatura do *Dicionário* sofre cortes a fim de se tornar mais adequada aos objetivos pretendidos, eliminando-se, por exemplo, “dialetismos portugueses” e “palavras dos crioulos orientais e afriacanos” presentes no *Grande*, cujo propósito, segundo Villar, era ser “ecumenicamente lusofônico”.

A concisão, necessária ao *Dicionário* impresso, é dispensada no caso do CD-ROM, em que a limitação de espaço não é problema:

[...] deixou seus textos integrais e o dos outros formantes, como vogais e consoantes de ligação, desinências e demais elementos mórficos de composição antepositivos, interpositivos e pospositivos, para o CR-ROM que acompanha este volume impresso. (2009, p. XI)

As etimologias também são resumidas, mantendo o “núcleo básico”. Conclui-se que o resultado final é uma obra com cerca de 146.000 entradas, ágil, prática, mas com um número de informações maior do que o normalmente encontrado em materiais da mesma extensão. Vale ressaltar que, na busca por compilar o maior número possível de dados em um menor espaço, parece que até mesmo o material das folhas vai ao encontro dessa demanda, uma vez que se utiliza uma textura muito fina, muito semelhante a um papel de seda.

Apresenta-se nas seções seguintes a chave do dicionário, com os elementos que compõem a microestrutura, orientando o consulente na leitura dos verbetes. Essa parte se faz necessária em qualquer dicionário, ainda que nem sempre se faça presente. Na obra em questão, especialmente, com a utilização de indicadores não tipográficos que vão além dos parênteses e colchetes, a chave se torna um elemento imprescindível. Na seção “detalhamento dos verbetes e outras informações técnicas” são tratadas questões relativas à entrada; ao campo da ortoépia e da pronúncia; ao campo da datação; ao campo dos conteúdos ou das definições; ao subcampo do plural com sentido próprio; ao subcampo das locuções e da fraseologia; ao campo da gramática ou da gramática e uso, ou do uso; ao campo da etimologia; ao campo dos sinônimos e variantes; ao campo dos antônimos; ao campo dos coletivos; ao campo dos homônimos e dos parônimos; ao campo das vozes dos animais.

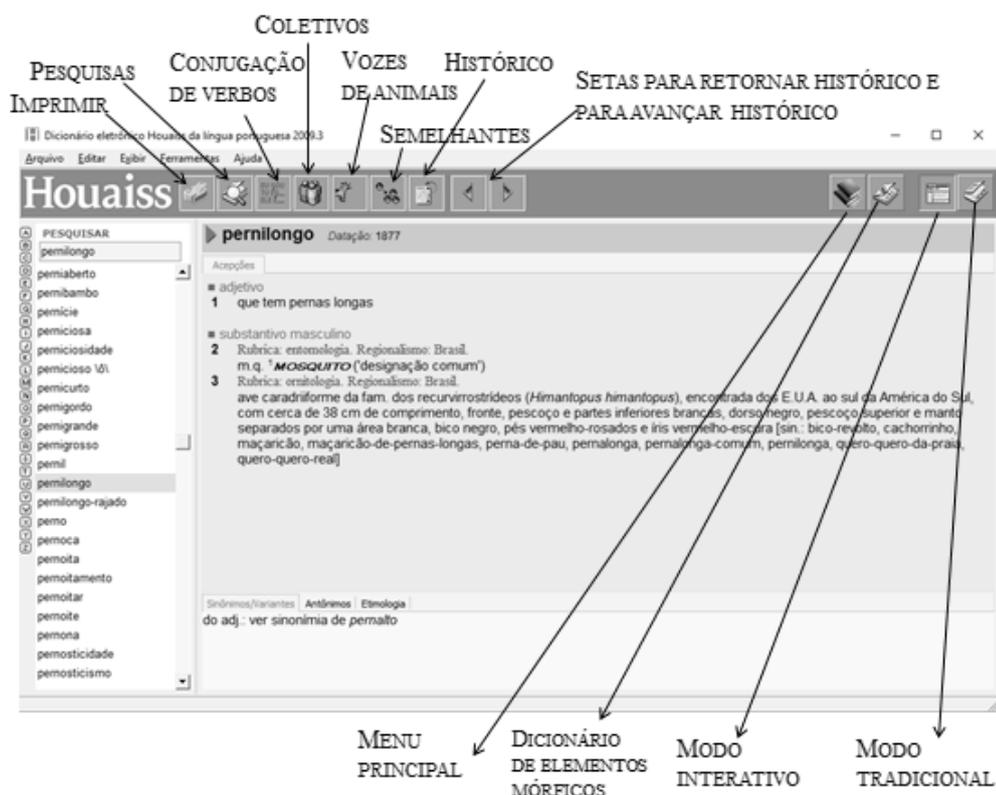
O campo dos “sinônimos e variantes” merece destaque pelo cunho variacional deste trabalho, despertando curiosidade no sentido do tratamento dado a esses termos. Observou-se, no entanto, que nenhum esclarecimento é feito com relação ao emprego de ambos na lexicografia, sendo tratados ora como unidades equivalentes (sinônimo e/ou variante), ora como termos distintos: “Algumas vezes, as variantes e alguns sinônimos antecedem as remissões para outras sinonímias mais extensas” (2009, p. XXIX).

Adicionalmente, incluem-se algumas páginas dedicadas a explicações sobre verbos, incorporando aspectos como: número, pessoa, modo, tempo, voz, conjugação, regularidade, irregularidade, intensidade, sínclise (emprego do pronome átono em relação ao verbo) e formação dos tempos simples. Na sequência, um quadro de conjugações é fornecido, com os verbos amar (1ª conjugação), vender (2ª conjugação) e partir (3ª conjugação), que é expandido na versão do CD-ROM, possibilitando ao leitor conjugar todos os verbos dicionarizados. Apresentam-se, finalmente, o Acordo Ortográfico e todo seu detalhamento e uma parte destinada exclusivamente para o

“emprego do hífen em palavras formadas por acréscimo de prefixos e falsos prefixos”. Fechando o *front matter*, são elencadas as abreviaturas na “lista geral de reduções”.

É importante destacar que, apesar da versão eletrônica manter integralmente os textos da obra impressa, alguns recursos são disponibilizados somente naquela. Como mostra a Figura 23, o verbete do CD-ROM permite ao consulente acessar algumas informações adicionais e integradas a um modelo interativo.

Figura 23. Verbetes interativo

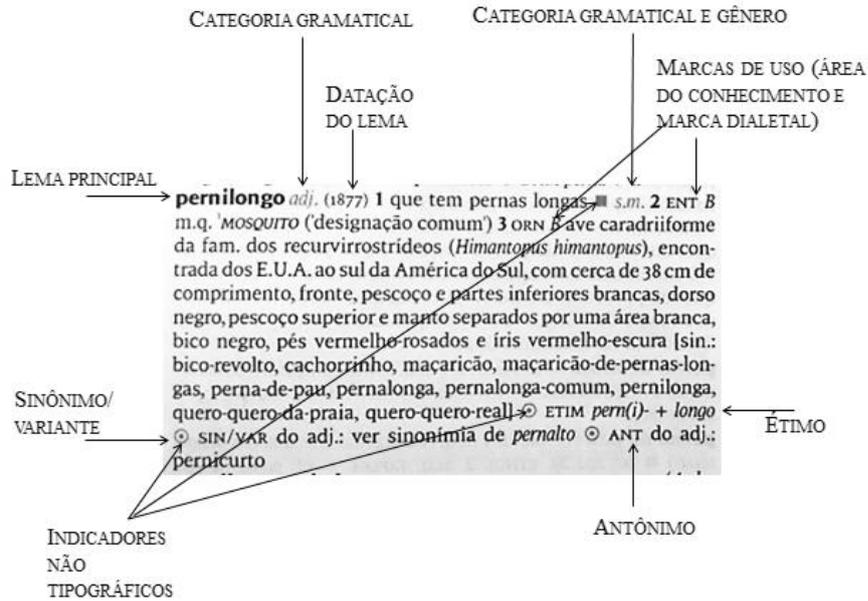


Fonte: Houaiss (2009)

6.1.5.1 A MICROESTRUTURA EM HOUAISS (2009)

Mesmo que nas duas versões, impressa e eletrônica, tenham sido preservados, de modo geral, os elementos constituintes do verbete, alguns aspectos diferenciadores merecem atenção, inclusive porque no CD-ROM são oferecidas duas opções de visualização da microestrutura, o modo tradicional (idêntico ao do modelo impresso) e o modo interativo, cuja organização se diferencia bastante da anterior (Figura 25).

Figura 24. Verbetes pernilongo



Fonte: Houaiss (2009)

No verbete **pernilongo**, o lema principal é apresentado em negrito, seguido da categoria gramatical em itálico, aplicando-se também a cor laranja como indicador tipográfico. A datação do lema é destacada entre parênteses, com apresentação da primeira acepção do verbete. Na segunda acepção fornecida, marca-se a alteração de classe gramatical com o indicador não tipográfico representado por um pequeno quadrado na cor laranja. As acepções são organizadas numericamente, e são utilizados desde os modelos de definição mais curtos e objetivos ou por equivalentes lexicais, como na acepção 2, até definições mais enciclopédicas, como a número 3, em que se fornecem informações acerca da ave, do local onde é encontrada e a caracterização completa da mesma. Ao final do verbete, são apresentados, respectivamente, a etimologia e o sinônimo/variante, sinalizados por indicadores não tipográficos no formato de um pequeno círculo também na cor laranja.

Na versão em CD-ROM, mantém, no modo tradicional (Figura 24), a mesma microestrutura do dicionário impresso, preservando-se os mesmos indicadores. Já no modo interativo, a disposição das informações permite uma melhor visualização e facilitam a consulta, ficando a critério do leitor acessá-las, ou não, de acordo com seu interesse (a exemplo dos antônimos e da etimologia, na Figura 26).

Figura 25. Verbetes pernيلongo (modo tradicional)

▶ **pernilongo**

adj. (1877) **1** que tem pernas longas ■ s.m. **2** ENT B m.q. ¹**MOSQUITO** ('designação comum') **3** ORN B ave caradriiforme da fam. dos recurvirrostrídeos (*Himantopus himantopus*), encontrada dos E.U.A. ao sul da América do Sul, com cerca de 38 cm de comprimento, fronte, pescoço e partes inferiores brancas, dorso negro, pescoço superior e manto separados por uma área branca, bico negro, pés vermelho-rosados e íris vermelho-escura [sin.: bico-revolto, cachorrinho, maçaricão, maçaricão-de-pernas-longas, perna-de-pau, pernalonga, pernalonga-comum, pernيلonga, quero-quero-da-praia, quero-quero-real] ◉ ETIM *per(i)- + longo* ◉ SINVAR do adj.: ver sinonímia de *pernalto* ◉ ANT do adj.: *pernicurto*

Fonte: Houaiss CD-ROM (2009)

Figura 26. Verbetes pernيلongo (modo interativo)

▶ **pernilongo** Datação: 1877

Acepções

- adjetivo
- 1** que tem pernas longas
- substantivo masculino
- 2** Rubrica: entomologia. Regionalismo: Brasil. m.q. ¹**MOSQUITO** ('designação comum')
- 3** Rubrica: ornitologia. Regionalismo: Brasil. ave caradriiforme da fam. dos recurvirrostrídeos (*Himantopus himantopus*), encontrada dos E.U.A. ao sul da América do Sul, com cerca de 38 cm de comprimento, fronte, pescoço e partes inferiores brancas, dorso negro, pescoço superior e manto separados por uma área branca, bico negro, pés vermelho-rosados e íris vermelho-escura [sin.: bico-revolto, cachorrinho, maçaricão, maçaricão-de-pernas-longas, perna-de-pau, pernalonga, pernalonga-comum, pernيلonga, quero-quero-da-praia, quero-quero-real]

Sinónimos/Variantes | Antónimos | Etimologia |

do adj.: ver sinonímia de *pernalto*

Fonte: Houaiss CD-ROM (2009)

6.1.6 *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa e idicionário Aulete* (AULETE, 2011-2017)

Assim como no caso do Houaiss (2009), utilizaram-se paralelamente as versões impressa e eletrônica. Nesse caso, no entanto, a versão eletrônica é disponibilizada *online*, na *internet*. A atualização da mesma, assim, não segue a do modelo impresso, já que seu suporte permite uma dinamicidade muito maior. Organizada por Paulo Geiger e publicada pela Lexicon, editora digital, a versão impressa tem seu *front matter* composto por prefácio escrito pelo escritor e professor Deonísio da Silva, proposta

lexicográfica e princípios organizacionais, breve guia para o estudante, guia de como utilizar o dicionário, abreviações utilizadas na obra, uma pequena gramática, paradigmas de conjugação verbal, hierarquia militar brasileira. Por sua vez, o *back matter* constituído somente de um elenco de gentílico brasileiros.

Introdutoriamente, o prefácio elaborado por Silva (2011) contém algumas reflexões sobre a importância do dicionário como fonte de conhecimento e o verbete como “[...] lâmpadas que acendemos quando está escuro e não vemos nada ou apenas sombras”. As palavras seriam, nesse raciocínio, a luz que iluminam e esclarecem os significados procurados. Sabe-se, contudo, que nem sempre é essa a realidade encontrada nos dicionários, com suas definições tautológicas e imprecisas. De qualquer modo, o autor se mostra convicto de que as palavras “adormecidas” nos dicionários estão prontas para “acordar” e nos dar as respostas, tornando o mundo “mais bonito e mais claro”.

Após esse “poético” prefácio, apresenta-se a proposta lexicográfica da obra. Comenta-se sobre a extensão da nominata, com cerca de 75.000 “vocábulos-verbetes” e se origina do mesmo banco de dados que serve de fonte para o *idicionário Aulete*, “edição digital, atualizada e ampliada, gratuita” do *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete*, cuja primeira edição portuguesa é apontada como sendo de 1894 (nesta tese, utilizou-se a primeira edição, de 1881). Dessa maneira, a última versão do *Caldas Aulete* brasileiro, de 1985, teria sido atualizada, ampliada e reeditada pela Lexikon, dando origem ao dicionário *online*. São apontados três tipos de verbetes constituídos a partir da edição impressa: os “originais”, presentes na referida versão; os “atualizados”, que chegam a 65.000, aqueles reescritos e reestruturados a partir de um novo modelo de organização e apresentação dos dados; os “novos”, verbetes que foram incorporados, mas não existiam na edição impressa. Destaca-se que todo esse conteúdo foi adaptado à nova ortografia, de 1990.

Com relação ao *Novíssimo Aulete*, destaca-se sua representatividade do léxico de língua portuguesa falada no Brasil, num dicionário de porte médio, seguindo-se alguns parâmetros lexicográficos para seleção das unidades registradas, como a frequência de uso, baseada em grandes arquivos de texto, levando em conta “usos comuns”, mas também os “científicos e tecnológicos”, de modo a abranger o “léxico geral e especializado”. Os critérios para seleção das entradas seria fundamentado em “princípios básicos da lexicografia moderna”: frequência de uso; observância dos

registros específicos, neologismos e tecnicismos; registro de novos sentidos; representatividade vocabular quanto ao falar comum e aos falares regionais brasileiros.

Ademais, destacam-se aspectos como: as configurações estruturais e gráficas da obra, visando à ergonomia e à acessibilidade (organização mega e microestrutural da obra, com o propósito de tornar a publicação mais interessante e eficiente); informações gramaticais; informações semânticas e enciclopédicas (verbetes, locuções, achegas enciclopédicas, clareza dos itens dispostos no verbete); reiteração acerca da revisão do dicionário com base no Acordo Ortográfico de 1990; cuidado com os conceitos preconceituosos, utilizando-se, para indicação desses, marcas de uso que façam referência ao caráter depreciativo ou ofensivo nas definições apresentadas para um lema.

No “breve guia para o estudante”, são reunidas orientações a respeito da organização da obra. Destacam-se aspectos como a ordenação alfabética do dicionário, explicações sobre o que é verbete, lema, acepção, definição, achega enciclopédica. Detalha-se a microestrutura, de modo a apresentar os itens que a compõem e os critérios levados em conta para definir uma unidade lexical, como a clareza e a riqueza de elementos léxicos e de contextualização. Na apresentação das abreviações, são exibidas as mais gerais, subdividindo-se as demais em: símbolos, classes gramaticais, regências verbais, níveis de uso, regionalismos e rubricas. Após essas seções, são incluídos a “pequena gramática”, com autoria de José Carlos Santos de Azeredo, os paradigmas de conjugação verbal e, curiosamente, uma página dedicada à “hierarquia militar brasileira”.

Diferentemente do que ocorre no caso do Houaiss (2009), não há uma compatibilidade entre a megaestrutura das obras. O texto “pré-dicionarístico” (com aspas, porque, na publicação eletrônica, a ordenação está apenas implícita) fornece apenas algumas informações básicas e está dividida em breves seções: o que é o Aulete digital; o que é esta versão do Aulete digital, o estuário da língua portuguesa; dicionário Aulete; dicionário analógico; gramática básica. No primeiro item, fala-se na “reinvenção do conceito de dicionário” promovida pelo Projeto Caldas Aulete, ampliando-o não só no que diz respeito à incorporação de acepções, conceitos e terminologias mais recentes, mas também à inserção nos novos canais resultantes do desenvolvimento tecnológico, como *smartphones* e demais dispositivos móveis, sem necessidade de *download* e com livre acesso pela internet.

Na proposta lexicográfica, descreve-se o idiccionario Aulete como uma publicação “em construção, atualização e correção permanentes, para o qual seus usuários poderão contribuir”, constituída de dois “módulos”: o “tradicional e respeitadíssimo” *Dicionário Caldas Aulete*, com mais de 200 mil verbetes e um módulo atualizado com 85.000 verbetes, “com nova e moderna estrutura e visualização”, sendo esse grupo constantemente ampliado e atualizado. Consta ainda a informação de que a obra é aberta ao público e permite, após as devidas seleções e edições, a atualização do conteúdo a partir da interferência dos usuários. Os consulentes têm, assim, a oportunidade de, mediante cadastro, tornarem-se colaboradores, enviando sugestões e correções, participando de fóruns de discussão de palavras e seus significados. Quanto ao dicionário analógico (Figura 28), esclarece-se que, se a unidade lexical pesquisada for uma das 100 mil unidades análogas referidas, será mostrada uma “estrela”, sendo a palavra pesquisada localizada ao centro e cercada pelos verbetes que a contêm.

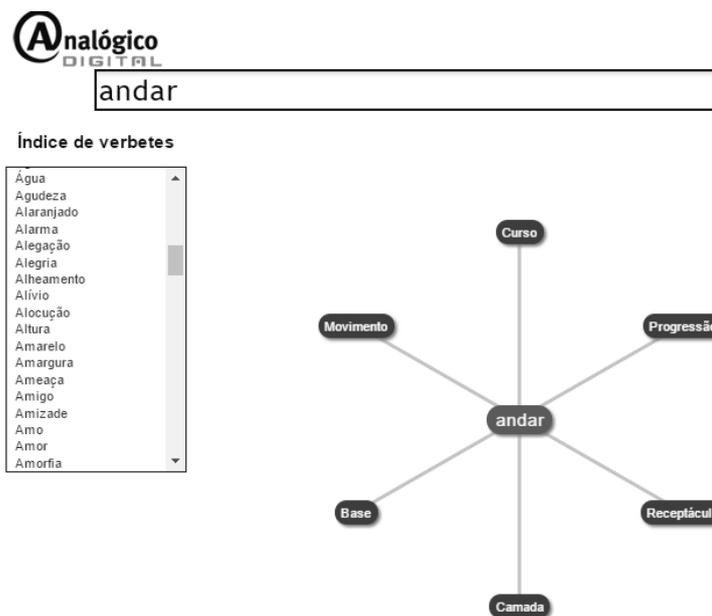
Na página principal, apresentam-se a um pequeníssimo resumo do projeto lexicográfico e a “palavra do dia” (Figura 27). Além disso, três opções de consulta encontram-se disponíveis no topo da página: dicionário Caldas Aulete; gramática básica; dicionário analógico. Acessando o primeiro, o consulente é direcionado ao dicionário propriamente dito; clicando na segunda opção, depara-se com a *Gramática básica do português contemporânea*, organizada por Cilene da Cunha Pereira e baseada na *Nova Gramática da Língua Portuguesa* de Celso Cunha. Selecionando o terceiro item, acessa-se um dicionário em que as unidades são, supostamente, agrupadas por afinidades semânticas, numa espécie de campo associativo (Figura 27).

Figura 27. Layout do Aulete digital



Fonte: Aulete digital (2017)

Figura 28. Verbetes andar no dicionário analógico digital



Fonte: Aulete digital (2017)

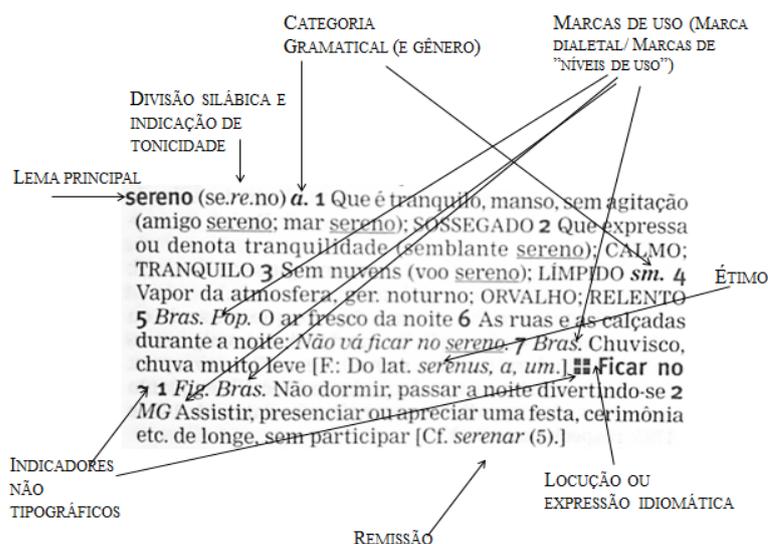
6.1.6.1 A MICROESTRUTURA EM AULETE (2011-2017)

No caso do dicionário impresso, a microestrutura segue o padrão adotado nesses tipos de obra, com algumas particularidades como os símbolos adotados como

indicadores não tipográficos. Cada dicionário, naturalmente, desenvolve um sistema de sinais próprios, constituindo parte da identidade textual de cada obra. No caso do Aulete (2011), na figura 29, em que se apresenta o verbete **sereno**, o indicador utilizado para inserção de uma locução ou expressão idiomática é constituído de quatro pequenos quadrados menores agrupados que formam um maior, na cor preta. Além desse, utiliza-se o ~ (til) no lugar do lema, para que se evite repetir a unidade no corpo da locução, economizando espaço. Quanto aos itens, o lema principal é destacado em negrito, sendo seguido da separação silábica, em que se evidencia a sílaba tônica por meio de indicador itálico. Utilizou-se a caixa alta para todos os equivalentes lexicais.

Ademais, a categoria gramatical e o gênero aparecem em negrito e itálico, e as marcas de uso, somente em itálico, indicador este utilizado no exemplo apresentado (acepção 6), na identificação do étimo e para destacar o item remissivo *serenar*. Quanto às marcas dialetais/diatópicas, são empregadas *Bras.* e *MG*, a primeira referente ao “brasileirismo” e a segunda, ao estado de Minas Gerais. As demais se associam à esfera dos “níveis de uso”, segundo descrição do próprio dicionário: “figurado” e “popular”. Vale, adicionalmente, observar que a elaboração de uma categoria como “nível de uso” corrobora a ideia de há uma hierarquia de usos linguísticos, estando submetidos ao juízo de valor que os definem como melhores ou piores. As acepções, como de costume, são ordenadas numericamente, sem utilização de nenhum sinal gráfico que as separe.

Figura 29. Verbetes sereno



Fonte: Aulete (2011)

Os dicionários Aulete, tanto o impresso quanto o *online* analisados, apresentaram informações similares na constituição dos verbetes, no entanto, o dicionário possui as funções “verbetes atualizado” e “verbetes original”, em que se observam microestruturas distintas, já que na atualização há similaridade com a versão impressa no que diz respeito à definição, porém com uma estrutura menos econômica e mais visual, enquanto, no caso do verbete original, conserva-se uma estruturação muito similar à do modelo impresso analisado nesta tese, no entanto, com acepções pertencentes a uma fonte mais antiga, o “tradicional e respeitadíssimo Dicionário Caldas Aulete”, cuja última atualização é de 1980.

No quadro 45, o verbete **sereno**, na versão atualizada, é constituído das mesmas informações apresentadas no *Novíssimo Aulete*, todavia, indicadores tipográficos, especialmente as cores, e a configuração dos itens no espaço disponível para o verbete atribuem à microestrutura um caráter mais inovador, mais condizente com a realidade virtual.

Quadro 45. Verbetes sereno (versão atualizada)

(se.re.no)

a.

1. Que é tranquilo, manso, sem agitação (amigo sereno; mar sereno); SOSSEGADO
2. Que expressa ou denota tranquilidade (semblante sereno); CALMO; TRANQUILO
3. Sem nuvens (voo sereno); LÍMPIDO

sm.

4. Vapor da atmosfera, ger. noturno; ORVALHO; RELENTO
5. Bras. Pop. O ar fresco da noite.
6. As ruas e as calçadas durante a noite: Não vá ficar no sereno.
7. Bras. Chuvisco, chuva muito leve.

[F.: Do lat. *serenus*, a, um.]

Fonte: Aulete digital (2017)

No quadro 46, por sua vez, o verbete original traz um conjunto de acepções bem diferentes dos casos anteriores. São inúmeras as referências à erudição literária portuguesa, representada por autores como Alexandre Herculano, Luís de Camões, Almeida Garrett, Rebelo da Silva, Dinis da Cruz (o Cruz e Silva), Camilo Castelo Branco e Júlio de Castilho, havendo espaço também para o brasileiro Fagundes Varela. Desse modo, a contextualização das unidades se faz por meio de abonações extraídas de obras da literatura portuguesa e brasileira. Além disso, os indicadores são outros, como no caso da separação das acepções, realizada por meio de barras duplas verticais. Nota-

se também a inserção da indicação de homônimos, marcados com números sobrescritos, constituindo-se, assim, três entradas para o lema **sereno**.

Quadro 46. Verbetes sereno (versão original)

Sereno
sereno¹ Adj. || que não tem nuvens, limpo de névoas, claro, puro e calmo (falando da atmosfera): *Sereno* o ar e os tempos se mostravam sem nuvens, sem receio de perigo. (Camões.)) Pela manhã cedo de um dia *sereno* estava D. Diogo em sua morada. (Herc.) || (Fig.) Tranquilo, manso, calmo, sossegado: A beira do Mondego, ainda inchado mas *sereno*, a aragem doldejava descabelando os ramos dos salgueiros. (R. da Silva.) Ela por onde passa o ar e o vento *sereno* faz com brando movimento. (Camões.) De um *sereno* ribeiro. (Garrett.) Na destra mão em trêmulos reflexos *serena* luz lhe brilha. (Dinis da Cruz.) || Que indica serenidade, paz e tranquilidade de espírito; calmo, isento de perturbações, de inquietações: Rosto *sereno*. |.. como é *sereno* o mar em dia de calma, porque dorme o vento. (Garrett.) Sem mais auxílio que o de seu homem e o da sua *serena* coragem naquele ato. (Camilo.) Então caminha *sereno* a depor no cadafalso uma cabeça. (Castilho.) || V. *gota-serena*. || Cavaleiro sereno 1. aquele que não é dado a precipitações. || - s. m. vapores que se resolvem em uma chuva fina, sem que a transparência do ar fique sensivelmente perturbada; umidade fina, penetrante e em pouca abundância, que cai depois do pôr do sol pela estação calma sem que haja nuvens na atmosfera; orvalhada; relento: Silvestres flores... úmidas de *sereno* abrem medrosas à luz da lua as cândidas corolas. (Fagundes Varela, Obras, III, p. 15.) || (Bras.) Chuva miúda e passageira. || (Fam.) A rua, o ar livre. || Ajuntamento popular diante de casas onde se realizam festas, de ordinário a noite; mosquiteiro. F. lat. *Serenas*.

Fonte: Aulete digital (2017)

6.1.7 Dicionário Online de Português (2009-2017)

Exclusivamente eletrônico e *online*, o *Dicionário Online de Português*, disponibilizado no endereço <https://www.dicio.com.br/>, constitui um avanço no âmbito dos dicionários disponíveis na *internet*. Apesar de ainda enxergada como lexicografia ancilar, em que as técnicas e o aporte científico não são contundentes o suficiente para permitir a concorrência das obras originalmente *online* com dicionários consagrados pela tradição, a lexicografia que se constrói no mundo virtual tem permitido avanços talvez mais necessários do que aqueles promovidos pela cientificidade das publicações mais antigas e atribuídas a “marcas” reconhecidas como Houaiss, Aulete, Aurélio, Michaelis etc.

Pelo fato de a lexicografia ter sido associada por muito tempo ao formato impresso e a um modelo linguístico prescritivista, acaba sendo esse o ponto de partida para se avaliar a credibilidade de todas as publicações. É necessário, contudo, compreender que as demandas passaram a ser outras e, certamente, o perfil dos consulentes modernos se identifica muito mais com os formatos eletrônicos, pela

praticidade e facilidade de acesso. Ignorar a existência desses materiais ou tratá-los como “marginais” só faz com que, cada vez mais, a lexicografia se afaste de seu objetivo principal: atender às demandas linguísticas de seu público, que, vale lembrar, independente do grau de escolaridade, está conectado 24 horas a *gadgets* de todo tipo.

Após essa breve introdução, apresenta-se, de fato, o *Dicionário Online de Português* como exemplar de dicionário monolíngue *online* selecionado para esta pesquisa. Destaca-se que a predileção por essa fonte não se deu de forma randômica, pois é resultante de uma observação acurada dos níveis mega e microestruturais. Quanto àquele, pode-se dizer que há uma preocupação com o fornecimento de orientações e informações gerais acerca da obra, como é de praxe na lexicografia “tradicional”. Na página inicial, são disponibilizadas as seguintes seções: ferramenta de busca; “palavras mais pesquisadas no Dicionário”; “Melhore seu vocabulário”; “Dúvidas de português”; “Palavras em destaque no Dicionário”; “Últimas atualizações”; um breve resumo sobre a proposta do *Dicio* e como consultá-lo. À direita da página, há *links* com as seguintes opções: dúvidas de português; dicionário de sinônimos; dicionário de antônimos; conjugação de verbos. Por fim, na parte inferior disponibilizam-se os *links*: abreviaturas; palavra do dia; exemplos de palavra; privacidade; termos de uso; palavras mais buscadas; sobre nós; reportar erro; contato.

Quanto à proposta, a obra é identificada como “um dicionário de português contemporâneo”, composto por mais de 400 mil palavras. Descreve-se a microestrutura, sendo composta de: definição, classificação gramatical, etimologia, divisão silábica, plural, sinônimos, antônimos, transitividade verbal, conjugação de verbos e rimas. Chama-se atenção para a importância de se contextualizarem as definições, o que se faz por meio de “exemplos reais de uso da língua”, incluindo-se também expressões idiomáticas e de “uso corrente”, além dos “regionalismos, coloquialismos, estrangeirismos e neologismos”. Nas orientações acerca da consulta, sugere-se que a “forma preferencial de pesquisa” deve ser por “palavras no masculino singular ou verbos no infinitivo”. Especifica-se que as acepções são gramaticalmente classificadas e ordenadas conforme o uso, sendo fornecidas informações relevantes, o domínio conceitual ou a área do conhecimento em que os significados se aplicam (destacadas por colchetes) e, finalmente, a etimologia (destacada por parênteses).

Dentro da cibercultura⁵⁴, o dicionário é reinventado como fonte de referência, muito especialmente aqueles originados na *internet*. Surgem novas demandas e, logo, mecanismos que as atendam são necessários para constituição dessa realidade lexicográfica contemporânea. Cabe, nesse contexto, observar alguns elementos “pré-dicionarísticos” que, apesar de não obedecerem a uma ordem fixa, como na publicação impressa, introduzem a obra no sentido de constituírem um quadro de informações básico para utilização da mesma. Fazem parte desse conjunto:

- a “privacidade”, que trata da política de privacidade do *site*, quanto à utilização de dados dos visitantes, garantindo que, apesar de manter “informações de seu browser” nos servidores, não as torna públicas. Além disso, apresenta-se a proposta dos anunciantes, que também recolhem dados do público, como no caso do *Google*, que disponibiliza anúncios com base nas visitas feitas;

- os “termos de uso” se referem à responsabilidade de uso das informações disponibilizadas pelo site, cabendo ao usuário qualquer “risco de utilização dos conteúdos”;

- “sobre nós” apresenta a equipe responsável pelo dicionário, composta, segundo consta, de experientes técnicos e linguistas, vinculados à empresa 7 graus, contando com a colaboração das lexicógrafas Débora Ribeiro Santos e Flávia de Siqueira Neves e do jornalista Luís Felipe Cabral, todos com formação em universidades portuguesas. Fornece-se, ainda, uma orientação acerca de como citar o dicionário em trabalhos acadêmicos, de acordo com as normas da ABNT: escreva “Disponível em” ; em seguida, coloque a designação do site entre os sinais < >. Por fim, escreva a data em que o mesmo foi consultado, precedido da expressão: “Acesso em”;

- a função “reportar erro” coloca o consulente em contato direto com a equipe, caso detecte alguma falha no texto dos verbetes;

- a opção “contato” desempenha papel semelhante à anterior, contudo, destinada a fins diversos.

⁵⁴ Segundo Lévy (1999, p. 16-17) “O ciberespaço (que também chamarei de ‘rede’) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.”

6.1.7.1A MICROESTRUTURA NO *DICIO* (2009-2017)

Figura 30. Verbetes aipim

The image shows a screenshot of the Dicio online dictionary entry for the word 'aipim'. The entry is annotated with labels and arrows pointing to specific parts of the text:

- LEMA PRINCIPAL** points to the word **aipim**.
- CATEGORIA** points to the word **aipim**.
- GRAMATICAL E GÊNERO** points to the text **Significado de Aipim**.
- MARCAS DE USO** points to the text **substantivo masculino**.
- MARCAS DE USO** points to the text **[Brasil] Planta de cujos tubérculos se aproveitam as propriedades alimentares...**.

The entry content includes:

- Significado de Aipim**
substantivo masculino
[Brasil] Planta de cujos tubérculos se aproveitam as propriedades alimentares extraindo farinha, polvilho, bebidas ou servindo-os cozidos; mandioca, macaxeira. (Var.: aipi.) (Família das euforbiáceas.).
- Sinônimos de Aipim**
Aipim é sinônimo de: [mandioca](#)
- Definição de Aipim**
Classe gramatical: substantivo masculino
Separação silábica: ai-pim
Plural: [aipims](#)
- Exemplos com a palavra aipim**
Além de oferecer pipocas doces e salgadas (R\$ 7, a pequena, e R\$ 10, a grande) --com opção de cobertura de azeite saborizado (R\$ 5)--, o cardápio inclui porções de bolinho de aipim com carne-seca e cheddar (R\$ 17,50) e de mozzarella de búfala temperada (R\$ 22,30).
Folha de São Paulo, 03/02/2010

Fonte: Dicio (2009-2017)

Como mostra a figura 30, o verbete do *Dicionário Online do Português* possui uma microestrutura autoexplicativa, em que todos os itens são especificados por subtítulos. A visualização dos mesmos é bastante facilitada pelos indicadores tipográficos (negrito, cor cinza e tamanho de fonte) e não tipográficos (colchetes), além da possibilidade de o consulente acionar o *hyperlink* de algumas unidades, como no caso do “sinônimo” mandioca. Chama atenção que a seção “definição” é constituída dos itens classe gramatical, separação silábica e plural, não ficando claro que critério foi levado em conta para essa associação, já que se espera que a definição seja formada pelas acepções atribuídas ao lema. Os exemplos, como se verifica, são extraídos de um jornal de grande circulação no sudeste do Brasil, que, pelo visto, ainda serve de padrão linguístico na esfera dos usos lexicais brasileiros. Não é, contudo, o caso de se relacionar essa postura a uma possível incipiência das fontes *online*, já que é de praxe, na lexicografia “tradicional” esse tratamento.

Vale destacar o fato de o dicionário utilizar a abreviatura de “variante” como marca de uso na variante lexical “aipi”. Evidencia-se, assim, uma preocupação com a

inserção da lexicografia no âmbito sociolinguístico e dialetal, ainda que, novamente de forma semelhante às publicações impressas analisadas, prevaleçam marcas generalistas de uso, como o caso do “brasileirismo”. A falta de espaço, comum às obras impressas, nesse caso, não se justifica no que diz respeito à falta de detalhamento geolinguístico, já que há fartura nesse quesito, quando se trata de suporte eletrônico *online*.

6.2 OS DICIONÁRIOS BILÍNGUES

6.2.1 *A dictionary of the Portuguese and English languages, in two parts, Portuguese and English: and English and Portuguese* (VIEIRA TRANSTAGANO, 1773)

Sendo o primeiro dicionário português-inglês-português, pode ser considerada produção inaugural bilíngue em que figura o português brasileiro. As menções do autor a essa variedade no texto lexicográfico, destacadas na análise aqui exposta, são prova de que o PB já interessada, ainda que num espaço temático limitado à diminuta atenção que lhe era atribuída no século XVIII. Nenhuma explicação é fornecida sobre a inclusão dessa variedade linguística, mas, ainda assim, alguns aspectos aqui expostos importam para que se analise na integralidade de suas nuances esse trabalho inédito e essencial à história da lexicografia portuguesa.

O autor evidencia, em suas considerações prefaciais, o “profundo respeito” existente por parte do autor em relação ao Barão de Plassey, Robert Clive⁵⁵. Em algumas palavras, Transtagano deixa clara a sua admiração pelo nobre, elogiado, também, pelo acúmulo de conhecimentos, que lhe permitem reconhecer o valor de obras dessa qualidade. Pode-se refletir, em face das informações colhidas, sobre qual teria sido a relação estabelecida entre Antônio Vieira Transtagano e o Barão Robert Clive, se revelando, talvez, algum vestígio do real propósito existente na divulgação deste compêndio. Questões de diferentes naturezas, política, cultural, linguística, confluem de maneira a estabelecer sentido para a obra em destaque. É importante considerar, nesta oportunidade, a língua como instrumento de poder, e de que modo, por exemplo, a interferência ideológica se refletiria na elaboração de um trabalho deste caráter.

Logo, introdutoriamente, é curioso observar as palavras dirigidas pelo alentejano ao leitor inglês e português, no primeiro e no segundo volumes, dispostos em “The Portuguese before the English” e “The English before the Portuguese”, nessa sequência.

Na primeira parte, referindo-se ao público inglês, o autor se empenha em descrever a árdua tarefa de elaboração do dicionário. Fala da dificuldade em executar a obra, não tendo sido possível nem mesmo o aproveitamento de outros trabalhos dessa mesma natureza:

Figura 31. fragmento 1 do 1º tomo do Dicionário⁵⁶

AS the compiler of this work has been entirely destitute of all help that might have been expected from other dictionaries of the English and Portuguese languages; it has been attended with much difficulty, and unavoidable delay.

Fonte: Transtagano (1773)

Mas, nesse contexto, abre parênteses para admitir a grande assistência recebida do dicionário de Bluteau:

Figura 32. fragmento 2 do 1º tomo do Dicionário⁵⁷

The only dictionary from which I have received great assistance has been that of the learned and laborious Bluteau, who spent above thirty years in collecting words, proverbs, and phrases, from upwards of two thousand volumes, for his Portuguese and Latin Dictionary.

Fonte: Transtagano (1773)

Não deixa, contudo, de ressaltar o desapontamento referente ao Vocabulário Portuguez Latino, além da “deficiência de muitas palavras”. Outrossim, segundo Transtagano, o próprio Bluteau confessa sua falta de entendimento em relação a muitos vocábulos, dificuldade que se estende à busca por correspondências adequadas entre palavras portuguesas e latinas, utilizando, muitas vezes, a citação onde o verbete foi encontrado na tentativa de explicar seu sentido:

⁵⁶ Tradução livre: “Como o autor deste trabalho tem sido inteiramente destituído de toda a ajuda que seria esperada de outros dicionários das línguas inglesa e portuguesa; este foi realizado com muita dificuldade, e inevitável atraso.”

⁵⁷ Tradução livre: “O único dicionário do qual eu recebi grande assistência foi o do erudito e laborioso Bluteau, que gastou mais de trinta anos coletando vocábulos, provérbios e expressões, buscados em quase dois mil volumes, para elaboração do seu Vocabulário Português e Latino”

Figura 33: fragmento 3 do 1º tomo do Dicionário⁵⁸

But even in this work, besides its deficiency of many words, my hopes were often disappointed. Bluteau himself confesses that he does not understand the true meaning of many words, or that he cannot find the Latin word answering to the Portuguese, and brings oftentimes only a quotation, wherein the Portuguese word is found, in order to explain it

Fonte: Transtagano (1773)

Vieira, então, passa a enumerar os obstáculos encontrados durante a elaboração da obra e que teriam retardado sua publicação. De maneira resumida, pode-se dizer que o autor leva em consideração os seguintes pontos: 1) fazer o maior número de cópias possível; 2) exemplificar os diferentes significados da mesma palavra, nas duas línguas, com o mesmo rigor e clareza; 3) indicar a etimologia de muitas palavras estrangeiras presentes no português, não deixando de lado nem mesmo as de influência persa ou árabe; 4) inserir um considerável número de palavras técnicas; 5) apontar as palavras portuguesas e inglesas que são obsoletas, ou pouco usadas, e aquelas exclusivamente poéticas.

Finalmente, adverte que o leitor encontrará todas as palavras inseridas na língua portuguesa pelos conquistadores e aquelas relativas ao comércio pelas costas da África, Ásia e América, especialmente os termos referentes a moedas, unidades de medida, trabalhos, títulos, usados em todas as partes do mundo ou encontrados nos livros portugueses a respeito de viagens pela Etiópia, Arábia, Pérsia e por outros países.

Ao leitor português, no segundo volume, Transtagano justifica sua deferência à língua inglesa, destacando as circunstâncias vitoriosas em que estivera inserida a Grã-Bretanha, não deixando de se referir, ainda que brevemente, às “glórias de Portugal”. Considerando o contexto histórico da época, é possível compreender, com clareza, a hegemonia do Império Britânico enfatizada pelo autor português e é nesse cenário que a língua se configurava um importante instrumento de poder e autoridade frente às nações conquistadas.

⁵⁸ Tradução livre: Trad.: “Mas até nesse trabalho, além da deficiência de muitas palavras, minhas esperanças foram frequentemente desapontadas. O próprio Bluteau confessa que ele não entende o real significado de muitas palavras, ou que não pode achar a palavra latina correspondente à portuguesa, e traz com frequência apenas uma citação, em que a palavra portuguesa é encontrada, para explicá-la”

Figura 34. fragmento 1 do 2º tomo do Dicionário

TANTOS e tão celebres são os escritores, que em todo o genero de Artes e Sciencias a GRAM BRETANHA tem produzido : tanto se tem os seus dominios dilatado pellos rapidos progressos e gloriosas façanhas que na ultima guerra fizeraõ, principalmente na America Setentrional, e naquella parte da India chamada Portugueza que foy o mayor theatro das glorias de Portugal, e na qual, em outros tempos, avallamos Reys, fundamos Colonias, tiramos e puzemos Principes, depuzemos os Inconfidentes, entronizamos os Confederados, e fizemos tributarios às QUINAS PORTUGUESAS OS REYS de ORMUZ, de TIDORE, de CEILAÕ, das MALDIVAS, de COULAÕ, de MELINDE, de ZANZIBAR, de BAREM, &c. &c. tal, finalmente, he o auge e florecente estado a que tem chegado o seu universal commercio, pella industria dos seus laboriosos habitantes, pella multidão das suas naos, e pella perfeição das suas numerosas Manufacturas, que o estudo da lingua Ingleza, com summa razaõ, se julga utilissimo ao estudante nos seus progressos, ao viandante nas suas peregrinaçoens e ao mercador nos seus negocios.

Fonte: Transtagano (1773)

Dada a proeminência mundial da nação inglesa naquele tempo, no âmbito comercial também se fazia indispensável o conhecimento do inglês àqueles que intentassem negociar com britânicos. Enfim, Vieira Transtagano enfatiza o relevo de obras deste caráter, o que se pode ilustrar com a composição das gramáticas da língua persa pelos ingleses logo que se lhes franqueou o comércio das Índias Orientais, como viria a dizer o autor. Dirigindo-se especificamente a seu trabalho, o lexicógrafo de além do Tejo expõe os propósitos que teriam motivado a elaboração do dicionário:

Figura 35. fragmento 2 do 2º tomo do Dicionário

Para facilitar por tanto a intelligencia das obras scientificas escritas na lingua Ingleza: para fazer agradavel e proveytoza a peregrinaçaõ pella Gram Bretanha e suas conquistas: e, finalmente, para promover o bem publico e adiantar o commercio entre as duas naçoens Ingleza e Portugueza, emprendi a presente obra; não por que fosse levado da cobiça das riquezas, por que do trabalho della me não pude sustentar; nem para adquirir nome, por que tal he geralmente a desdita dos que queimaõ as pestanas nehas obras, que, (naõ obstante o serem o principio de toda a erudiçaõ, como disse Socrates) despois de roçarem os espinhos, desfazerem os penhacos, vencerem as difficuldades, igualarem e indiretarem o escabroso do caminho, e por fim, despois de facilitarem o estudo das outras letras tanto Divinas, como Humanas, são reputados como se fossem meros gastadores de hum exercito, ou fica o seu nome entregue ao esquecimento

Fonte: Transtagano (1773)

É interessante, nesse contexto, a preocupação de Vieira em deixar claro o seu desinteresse rédito na composição da obra, destacando, ainda, o “ingrato” caminho laboriosamente percorrido por aqueles que, assim como ele, “queimaram as pestanas” no desenvolvimento de estudos “das outras letras tanto Divinas, como Humanas”. Voltando-se à etimologia, Transtagano salienta a relevância do fundo árabe na atribuição de étimos às palavras portuguesas, no primeiro tomo. Evidencia que grande é o número de palavras “arábicas” na língua portuguesa, mostrando-se confiante em relação à necessidade de estudos futuros sobre as línguas orientais, principalmente, a árabe. Nesse impulso, indica os proveitos que poderiam ser obtidos a partir de investigações sobre essa língua:

Figura 36. fragmento 3 do 2º tomo do Dicionário

O primeyro, que poderia defentranhar a etymologia de infinito numero de palavras da propria lingua, e particularmente dos nomes proprios das povoaçoens, e daquelles mefmos edificios, de que só ficaraõ as ruinas ; o que contribuiria grandemente para os estudos dos nosfios Geographos e Antiquarios. O segundo, que se poriaõ em estado de poderem vencer os obstaculos que se encontraõ na intelligencia do SAGRADO TEXTO, como quer que a lingua Arabica feja (como lhe chama Bocharto) a fagrada ancora, a que se pegaõ os Expositores despois do Naufragio da lingua Hebraica. O terceyro que poderiamos ter a glòria de augmentar o Dicionario de Golio ; pois quem pode duvidar que muytas palavras Arabicas, ou alguma das significaçoens da mefma palavra que este e outros grandes homens omittiraõ, ou que com o andar do tempo ficaraõ defufadas, se confervem na noffa lingua e na Castellhana, como o doutiffimo Michaelis julga poder succeder nas Aldeas da Arabia * ?

Fonte: Transtagano (1773)

O autor finaliza as considerações afirmando ter adicionado à segunda parte da obra um grande número de expressões, sem, no entanto, fazer referências ao étimo, diferentemente da primeira parte. Como sugestão aos interessados, cita:

Figura 37. fragmento 4 do 2º tomo do Dicionário

Diccionarios da lingua Ingleza de Johnfon, Bailey, e outros authores Inglezes que tem esquadrinhado a parte etymologica da fua lingua.

Fonte: Transtagano (1773, p.3)

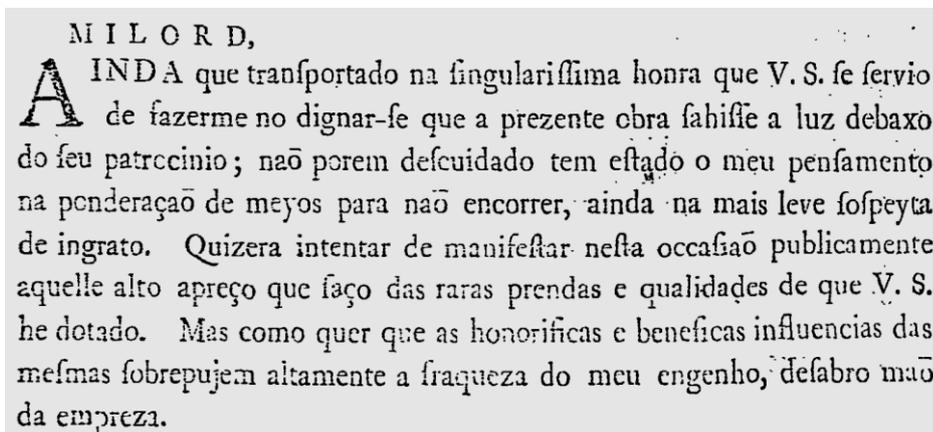
No tocante a essas duas referências reportadas por Transtagano, têm, ambas, uma vultosa significância no cenário lexicográfico. Em relação ao primeiro, Samuel Johnson,

é considerado um ícone dos cenários linguístico e literário europeu, sendo cotejado a Shakespeare, em ordem de notabilidade literária. Nascido em Lichfield, Staffordshire, em 1709, publicou um dos mais influentes dicionários da língua inglesa *A Dictionary of the English Language* (1755), vindo a falecer em Londres, em 1784. O outro, Nathaniel Bailey, filólogo e lexicógrafo inglês, por sua vez, teria produzido o *Dictionarium Britannicum*, publicado primeiramente em 1730 e contendo 48.000 verbetes, servindo de base ao seu contemporâneo, Johnson, na elaboração de posterior obra.

Percebe-se implícita e explicitamente, no discurso do autor, a influência, tanto do seu berço português quanto do convívio em terras britânicas. Enquanto se ocupa, resumidamente, em divulgar as vitórias portuguesas, reserva à Grã-Bretanha todos os seus esforços, mediante enaltecimento de conquistas e promoção da língua inglesa. Tal devoção se confirma na mensagem prefacial que o autor escreve ao Barão de Plassey, Robert Clive⁵⁹, que, segundo as palavras de Transtagano, teria patrocinado a veiculação de *A dictionary of the Portuguese and English languages, in two parts: Portuguese and English, and English and Portuguese*.

Nesse contexto, dedicará uma série de elogios à figura do “Milord”, delatando toda estima e apreço ao nobre:

Figura 38. fragmento 5 retirado do 2º tomo do Dicionário



M I L O R D,
AINDA que transportado na singularíssima honra que V. S. se servio de fazerme no dignar-se que a prezente obra sahisse a luz debaxo do seu patrocínio; não porem descuidado tem estado o meu pensamento na ponderação de meyos para não encorrer, ainda na mais leve sospeyta de ingrato. Quizera intentar de manifestar nesta occasião publicamente aquelle alto apreço que faço das raras prendas e qualidades de que V. S. he dotado. Mas como quer que as honorificas e beneficas influencias das mesmas sobrepujem altamente a fraqueza do meu engenho, defabro maõ da empreza.

Fonte: Transtagano (1773)

Ademais, oferece ao Barão de Plassey a seguinte dedicatória:

⁵⁹ Soldado e primeiro administrador britânico em Bengala, foi um dos primeiros instituidores do Império Britânico na Índia. Em seu primeiro governo (1755-60), ganhou a Batalha de Plassey, vindo a se tornar governador de Palashi (Plassey, em inglês arcaico). Em seu segundo mandato (1764-67), teria reorganizado a colônia inglesa.

Figura 39. fragmento 4 retirado do 1º tomo do Dicionário⁶⁰

With regard to the following work, it becomes me, I apprehend, in decency to your Lordship, to say, that I would not have aspired to offer it to your protection, were I not conscious that it is justly entitled to all the recompence from its readers which the unhappy nature of it will admit--- Such is the fate of the slaves of science, however useful---the negative recompence, to escape reproach. But you, my Lord, who are already fully instructed in it's subject, will be one of the best judges of it's execution; and if you should find it not undeserving the character I have presumed to give it, though it can convey no information to your Lordship, it will be no small pleasure to you, I doubt not, that a work of such utility and demand is given to the world. No one knows better than your Lordship how necessary the knowledge of the Portuguese language is to the purposes of war and commerce throughout the Eastern coasts, and in many parts of the other quarters of the globe---to all which, I please myself with thinking, this work will carry with it my proudest mark of distinction, that of being suffered by LORD CLIVE

to rank myself

as his most devoted servant,

ANTHONY VIEIRA TRANSTAGANO.

Fonte: Transtagano (1773, p.4)

As informações pré-dicionarísticas fornecidas acrescentam valor à obra, uma vez que relacionam a atividade lexicográfica ao contexto extralinguístico, à história, às relações políticas, tão acentuadas entre as nações inglesa e portuguesa. O autor, no entanto, não insere em suas observações nenhum comentário acerca da metodologia adotada no que diz respeito às variantes e marcas de uso utilizadas, que funcionam como auxílio essencial ao consulente estrangeiro. A obra já apresenta muitos indícios de um aperfeiçoamento da técnica lexicográfica, lançando mão de remissões na exposição das variantes e, não sistematicamente, de abreviaturas que funcionam como marcas restritivas dos usos lexicais, conhecidas como marcas de uso.

⁶⁰ Tradução livre: No que diz respeito ao trabalho que se segue, convém a mim, eu apreendo, em decoro à sua Senhoria, dizer, que não teria pretendido oferecê-lo à sua proteção, não estivesse eu cômico que este é justamente oferecido a toda a recompensa de seus leitores os quais a infeliz natureza deste poderá admitir...Tal é o fato dos escravos da ciência, contudo úteis --- a recompensa negativa, para escapar reprovação. Mas, meu Senhor, que já está completamente instruído nesta matéria, vai ser um dos melhores juízes desta execução; e se não considerar inadequado o caráter que ousei atribuir a esta, embora não possa transmitir nenhuma informação à sua Autoridade, não será pouca a satisfação para o senhor, eu não duvido, que um trabalho de tamanha utilidade e demanda seja dado ao mundo. Ninguém sabe melhor que sua Senhoria quanto necessário é o conhecimento da Língua Portuguesa para os propósitos da guerra e do comércio nas costas orientais, e em muitas partes de outros quartos do globo --- para todos aqueles, que agrado com meu pensamento, este trabalho leva consigo minha mais nobre marca de distinção, a de ser consentida pelo Lorde CLIVE coloco-me como seu mais devotado criado, Antonio Vieira Transtagano.

Além disso, com relação à variação, no âmbito diatópico, o autor oferece informações geolinguísticas regionais no âmbito do português europeu, mas já considera outras nações lusófonas como o Brasil, Angola e Moçambique. Com relação ao eixo social, o detalhamento fornecido pelas marcas de uso empregadas são indicadores de um intercâmbio muito pautado em uma linguagem comercial e militar, com pouca ênfase sobre as relações socioculturais, restritas usos “vulgares” e “familiares”.

6.2.1.1A MICROESTRUTURA EM TRANSTAGANO (1773)

Ainda que estivesse distante do propósito didático hoje presente em obras lexicográficas bilíngues, Transtagano, assim como qualquer dicionarista, desenvolveu uma metodologia própria para a elaboração da macroestrutura, muito especialmente, num dicionário cujo volume português-inglês contém 610 páginas, em que estão dispostas três colunas com aproximadamente 35 verbetes, cada (entre entradas e subentradas).

Ao consulente da época, interessado, no caso da obra bilíngue em questão, na praticidade da pesquisa e na resolução rápida de suas dúvidas quanto à língua do outro, Transtagano ofereceu, ao seu modo, uma publicação que já anunciava a prática que seria adotada, a partir de então, pelos autores de dicionários bilíngues. Com verbetes em itálico e maiúsculas, acompanhados de sinal de tonicidade e classe gramatical, Transtagano inclui, algumas vezes, variantes ortográficas, em seu texto lexicográfico.

Figura 40. Verboete arrecife ~ recife

ARRECIFFE, or RECIFE, f. m. a ridge of rocks along the sea-coast; also a harbour belonging to the captainship of Pernambuco, in the Bra-fils, South America. James Lan-cafter got into it in the year 1595, with seven or eight English ships, and made himself master of the cattle and port.

Fonte: Transtagano (1773, p.65)

Aproveitando o amplo espaço de sua obra para expor o léxico selecionado sem necessidade de restrições por falta de espaço, ao longo das 611 páginas do volume português-inglês, o autor lança mão com frequência de combinações lexicais recorrentes

no contexto da época. Na Figura 41, o lema *debalde* é contextualizado nas colocações *debalde vos cançais* e *para melhor he fazer debalde que estar debalde*.

Figura 41. verbete *debalde*

DEBA'LDE, adv. in vain, for nothing.
Debalde vos cançais, you trouble your-
self for nothing.
*P. Melhor he fazer debalde que estar de-
balde*, it is better to work for nothing,
than be lazy and do nothing at all.

Fonte: Transtagano (1773, p. 176)

Além disso, marca de uso, de colocações, adágios e locuções são recursos também utilizados e que parecem que familiarizam o leitor com o contexto linguístico da época e as combinações lexicais mais recorrentes. No item acima, nota-se o sinal de tonicidade empregado pelo autor ao longo do dicionário – uma espécie de apóstrofo após a sílaba mais “forte”. A classe gramatical vem especificada logo a seguir, com a abreviatura adj, assim como será indicado, posteriormente, no caso dos substantivos analisados (s.f. e s.m., para nomes femininos e masculinos, respectivamente). As subentradas são elencadas em minúsculas e itálico, certamente, para que sejam facilmente relacionadas à entrada. Notam-se marcas de uso, além das lexias e/ou expressões que o contextualizam.

Figura 42. verbete *gente*

GENTE, f. f. people, folks; also men,
servants, attendants, domestics.
Gente dada-as letras, the learned, or
scholars.
O direito das gentes, the law of nations.
Gente baixa, the mob, or rabble.
Gente que não he gente, good for nothing
people.
Da nossa gente, of our family, or de-
pendents.
Gente, or *soldados*. See **SOLDADO**.
Fazer gente, to raise soldiers.
Gente de cavallo, the cavalry of an army.
Gente de pe. See **INFANTARIA**.
Gente, or *nação*. See **NAÇAM**.
Gente do mar, marines, soldiers belong-
ing to a navy.

Fonte: Transtagano (1773, p. 302)

6.2.2 *A new dictionary of the Portuguese and English Languages enriched by a great number of technical terms used in commerce and industry, in the arts and sciences, and including a great variety of expressions from the language of daily life* (1923)

Teve-se acesso ao volume português-inglês, da edição de 1923, de Henriette Michaelis, publicada em Leipzig, Alemanha, pela editora Brockhaus, onde atuou como revisora de português e espanhol. Apresenta-se um breve texto pré-dicionarístico em seu *front matter*, de maneira que o prefácio intitulado “ao leitor” conta com apenas uma página e meia de explicações acerca da publicação. O mesmo é fornecido em ambas as línguas, português e inglês, o que é indício da preocupação com a realização de uma obra efetivamente bilíngue. Segundo palavras da própria autora, a obra faz parte de uma coleção de trabalhos lexicográficos, constituindo a terceira de uma série. Dirige-se aos leitores portugueses, ingleses e brasileiros, chamando atenção o direcionamento específico a estes. A autora garante ser seu trabalho rico e mais completo no âmbito das locuções e dos termos, o que lhe atribuiria posição de destaque em relação a publicações do mesmo gênero, citando autores como Valdez, Vieyra e Lacerda.

A lexicógrafa reconhece, entretanto, seu privilégio diante predecessores mencionados, pelo acesso a recursos como:

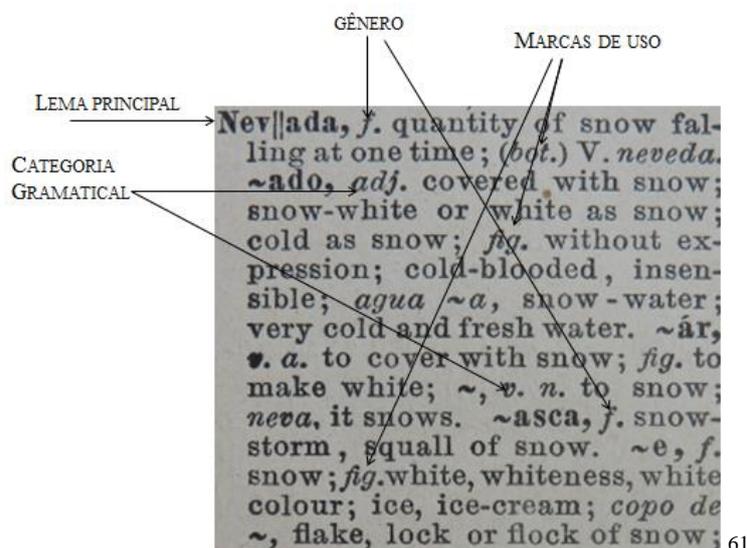
um manuscrito cuidadosamente elaborado de J. Cornet, o *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*, de Caldas Aulete, a última edição do *Diccionario da Língua Portuguesa* de A. de Moraes, revista por F.A. Coelho (Lisboa, 1878), e enfim o *grande Diccionario de Domingos Vieira* (em 6 volumes, Porto 1871-74). (MICHAELIS, 1923, p. V)

Ademais, Michaelis afirma ter consultado “obras especiaes, tratados, manuais, guias de conversação, glossarios commerciaes, industriaes e technologicos, catalogos”, dentre outras fontes que, muito abundantes quanto ao volume de informações fornecidas, poderiam ter aumentado o volume da obra. Contudo, buscando-se atender às “observações sensatas e praticas do editor”, julgou-se por bem estabelecer um formato determinado e fixar as dimensões do trabalho “no intuito de marcar um preço limitado”. Assume-se a dedicação direcionada à “parte phraseologica”, recolhendo locuções familiares e profissionais vinculadas ao comércio e à indústria, elementos que a autora define como “importantissimos”. Ressalta-se, ainda, a relevância de leituras dos “representantes mais conspicuos do jornalismo luso-brazileiro”, sem os quais a língua portuguesa não teria sido retratada como “organismo vivo”.

Finalmente, fala-se da inclusão da morfologia da gramática portuguesa, incluída na publicação “tanto quanto possível”, atentando-se para a irregularidade na formação do plural dos substantivos e adjetivos e a flexão irregular dos verbos, adicionando-se também os “synonymos de palavras e locuções importantes”. Michaelis conclui seu prefácio com agradecimentos dedicados à sua irmã, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, pelo suporte essencial ao enriquecimento da obra e pelas cuidadosas revisões, mas que não a isentaram de “muitos defeitos”, cujas emendas, promete a lexicógrafa alemã, serão providenciadas conforme a necessidade. Assim como na obra de Transtaganó (1773), evidencia-se o auxílio prestado pelo material àqueles que desenvolveram laços comerciais com o Brasil, distinguindo-se do lexicógrafo alentejano pela discreta menção ao cenário de intercâmbio entre anglófonos e lusófonos. Como parte do *back matter*, encontra-se apenas a lista (uma página) de abreviaturas utilizadas nos verbetes.

6.2.2.1A MICROESTRUTURA EM MICHAELIS (1923)

Figura 43. Verbetes nev||ada



Fonte: Michaelis (1923)

⁶¹ Tradução livre: Nev||ada quantidade de neve caindo em um determinado momento; (bot.) V. neveda. ~ado, adj. coberto com neve; branco-neve ou branco como a neve; frio como a neve; fig. sem expressão, sangue-frio, insensível; *agua ~a*, água-neve; água muito fria e fresca. ~ár, v.a. cobrir com neve; fig. tornar branco; v.n. nevar; *neva*, *neva*. ~asca, f. tempestade de neve, chuva de neve. ~f. neve; fig. branco, cor branca; gelo; sorvete; *copo de ~*, floco de neve.

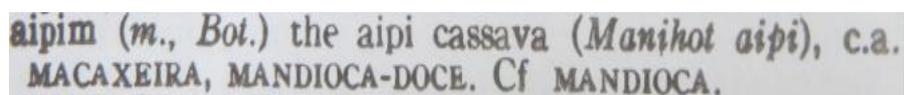
No verbete **nev||ada**, utilizam-se as barras duplas verticais para separar radical da unidade mórfica sufixal. Observa-se a estratégia utilizada pela autora visando à economia de espaço, a disposição de sublemas em que se suprime o radical, que é substituído pelo indicador não tipográfico ~ . Verdelho e Silvestre (2011, p. 59) sublinham esse recurso, considerando-o parte de um modelo lexicográfico muito distinto dos desenvolvidos até então:

Destaca os radicais na primeira entrada da ordem alfabética e ordena ao longo do artigo todas as formas com o mesmo radical, propondo um modelo lexicográfico bastante diferente dos dicionários anteriores.

Assim como se concluiu nesta pesquisa, os metalexícógrafos sugerem que a solução teria reduzido “[...] consideravelmente o número de entradas, que não ultrapassará as 40.000 [...] (2011, p. 61), fornecendo, por conta da economia de espaço, uma nomenclatura “muito mais quantiosa”, sem a necessidade de construir verbetes separados para cada uma das entradas, agrupadas por Michaelis (1923) em ninho num único artigo. Em sua microestrutura, a alemã marca tanto lema principal quanto os sublemas com indicador tipográfico negrito. São especificados a categoria gramatical e o gênero do lema e dos sublemas por meio de abreviatura em itálico seguida de ponto. As marcas de uso empregadas são referentes à especialidade de uso no âmbito da botânica (*bot.*), indicada por abreviatura em itálico e entre parênteses, e ao sentido figurado da língua, marcado apenas pela abreviatura *fig.*, em itálico, sem parênteses.

Apesar de não se notar uma atenção especial direcionada à variação dialetal no português brasileiro, são oferecidas, como se observa na figura 42, variantes que indicam um olhar voltado à diversidade linguística. Não fica, contudo, clara a categoria a que pertencem as unidades, para a lexicógrafa, já que a abreviatura c.a. não consta da lista disponível ao final da obra, reconhecendo-se apenas o Cf. (conforme) que antecede a unidade “mandioca”, que pode, considerada dentro dos estudos geolinguísticos contemporâneos, variante dialetal de aipim.

Figura 44. Verbetes aipim



aipim (*m.*, *Bot.*) the aipi cassava (*Manihot aipi*), c.a.
MACAXEIRA, MANDIOCA-DOCE. Cf MANDIOCA.

Fonte: Michaelis (1923)

6.2.3 *McKays's Modern Portuguese-English and English-Portuguese Dictionary* (RICHARDSON et al., 1943)

A edição a que se teve acesso é de 1943, publicada em Nova York, pelos autores Elbert L. Richardson, Maria de Lourdes Sá Pereira e Milton Sá Pereira. O volume português-inglês/inglês-português, de 347 páginas, é muito compacto e não possui um texto pré-dicionarístico introdutório, constituindo somente das seguintes seções: tabela de conteúdos, dividindo-se a obra em parte 1 (português-inglês) e parte 2 (inglês-português). Daquela fazem parte: a pronúncia do português, silabação, abreviaturas, guia para a pronúncia reformada, dicionário português-inglês, verbos irregulares, alterações ortográficas dos verbos, verbos irregulares. O volume inglês-português, por sua vez, é formado por: abreviaturas, prefácio, dicionário inglês-português.

A obra, assim, possui textos no *front* e *middle-matter*, já que são acrescentadas informações extradicionarísticas não somente nas páginas iniciais, mas no meio do dicionário, na “zona de transição” entre o volume português-inglês e inglês-português. Vale ressaltar que, no primeiro volume, as informações são disponibilizadas em língua inglesa e, no segundo, em português, tendo-se o cuidado de utilizar a metalíngua adequada ao público-alvo de cada volume. Seguindo-se a ordem em que se organiza o dicionário, na seção inicial “portuguese pronunciation” (Figura 45), apresenta-se o alfabeto do português, comparando-o ao do inglês, como tentativa de fazer com que se entendam os sons daquela língua, considerada “muito difícil”. Sugere-se que a melhor forma de aprendê-la seria escutando um nativo.

Figura 45. Pronúncia do português

| PORTUGUESE PRONUNCIATION | | |
|---|------|---|
| The pronunciation of Portuguese is very difficult. It can best be learned by listening to a native. The sounds given below are only approximate but it is hoped that they will be found useful and helpful. | | |
| Letter | Name | Approximate Sound |
| a | á | When stressed, like <i>a</i> in <i>father</i> . When unstressed, like <i>a</i> in <i>about</i> . |
| b | bê | Like English <i>b</i> . |
| c | cê | When written with a cedilla, thus ç, or when followed by <i>e</i> or <i>i</i> , like English <i>s</i> in <i>some</i> . In all other cases, like English <i>k</i> . |
| d | dê | Like English <i>d</i> . |
| e | é | When stressed, <i>e</i> has two sounds, an open sound like <i>e</i> in <i>set</i> and a close sound like <i>a</i> in <i>fate</i> . When unstressed, like French mute <i>e</i> , except when final, when it has the value of English <i>e</i> in <i>me</i> . |
| f | éfe | Like English <i>f</i> . |
| g | gê | When followed by <i>e</i> or <i>i</i> , like English <i>s</i> in <i>measure</i> . In all other cases, like English <i>g</i> in <i>go</i> . |
| h | agá | Always silent. However, see the following combinations below, ch , lh , and nh . |

Fonte: Richardson et al. (1943)

Quanto à acentuação (Figura 46), relaciona-se a tonicidade à terminação de uma palavra, por exemplo, serão paroxítonas, caso terminem em vogal, em **s** ou em **am**, **em** ou **ens**. Acrescentam-se a essas informações a respeito dos dois acentos gráficos portugueses, o agudo e o circunflexo, explicando-se que estes não marcam somente a tonicidade, mas a “qualidade” da vogal. Mais uma vez, utiliza a comparação interlinguística como forma de esclarecimento dos fenômenos fônicos do português.

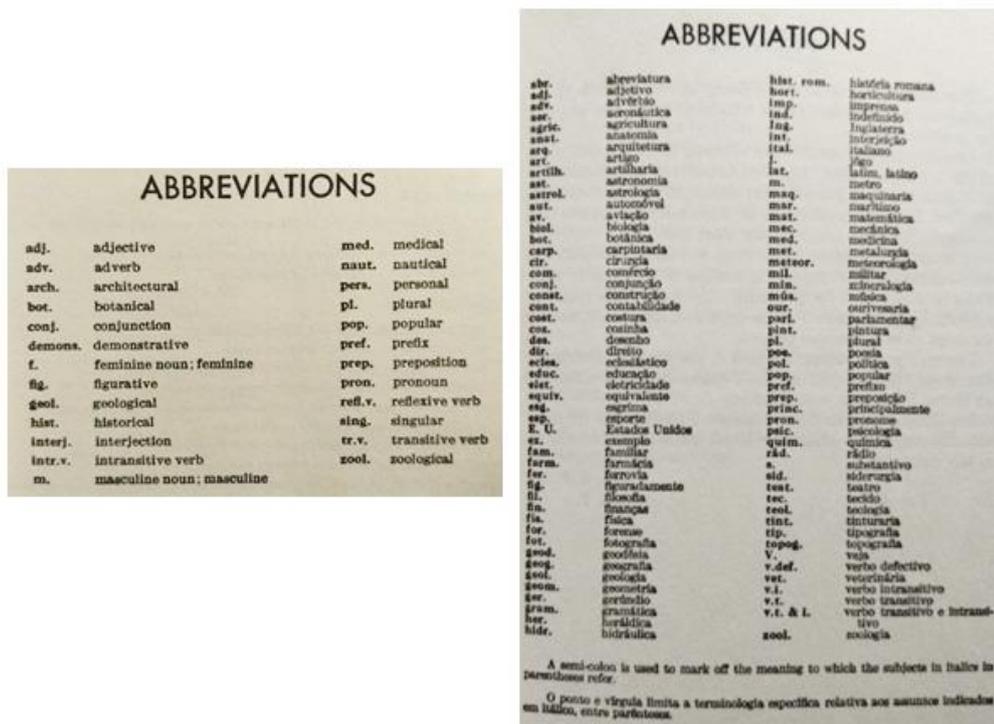
Figura 46. Acentuação

| ACCENTUATION | |
|---|--|
| 1. | Words ending in a vowel, in <i>s</i> , or in <i>am</i> , <i>em</i> , or <i>ens</i> are stressed on the syllable next to the last. |
| 2. | Words ending in <i>l</i> , <i>r</i> , <i>z</i> , <i>im</i> , <i>ins</i> , <i>um</i> , or <i>uns</i> are stressed on the last syllable. |
| 3. | If the stress does not fall in accordance with one or the other of these two rules, it must be indicated by a written accent. |
| There are two written accents in Portuguese, the acute and the circumflex. The acute is used on <i>i</i> and <i>u</i> . Either the acute or the circumflex is used on <i>a</i> , <i>e</i> , or <i>o</i> , according as the vowel is open or close. That is, if a written accent must be used on <i>a</i> , <i>e</i> , or <i>o</i> in accordance with rule 3 above, it must be the acute or the circumflex to correspond with the quality of the vowel. Thus the written accents on <i>a</i> , <i>e</i> , and <i>o</i> show that they are pronounced as follows: | |
| á | has the sound of <i>a</i> in <i>father</i> . |
| â | has the sound of <i>a</i> in <i>about</i> . |
| é | has the sound of <i>e</i> in <i>set</i> . |
| ê | has the sound of <i>a</i> in <i>fate</i> . |
| ó | has the sound of <i>o</i> in <i>north</i> . |
| ô | has the sound of <i>o</i> in <i>note</i> . |

Fonte: Richardson et al. (1943)

Dedica-se uma página à apresentação do sistema silábico do português e ao quadro de abreviaturas. A respeito destas, nota-se uma diferença significativa entre os volumes português-inglês e inglês-português, sendo maior a lista deste em relação àquele. Observa-se, no segundo volume, conforme lista de abreviaturas da direita na figura 47, um aumento no rol das reduções, decorrente da adição de muitos itens relacionados a distintas áreas do conhecimento. Enquanto, no português-inglês, restringem-se às áreas de especialidade botânica, médica, náutica e zoológica, na segunda parte, esse elenco se amplia sensivelmente, incorporando: astrologia, astronomia, comércio, contabilidade, educação, farmácia, geografia, geologia etc. É possível que esse fato se justifique pelo conhecimento reduzido acerca das unidades de língua portuguesa registradas.

Figura 47. Listas de abreviaturas do volume português-inglês (esq.) e inglês-português (dir.)



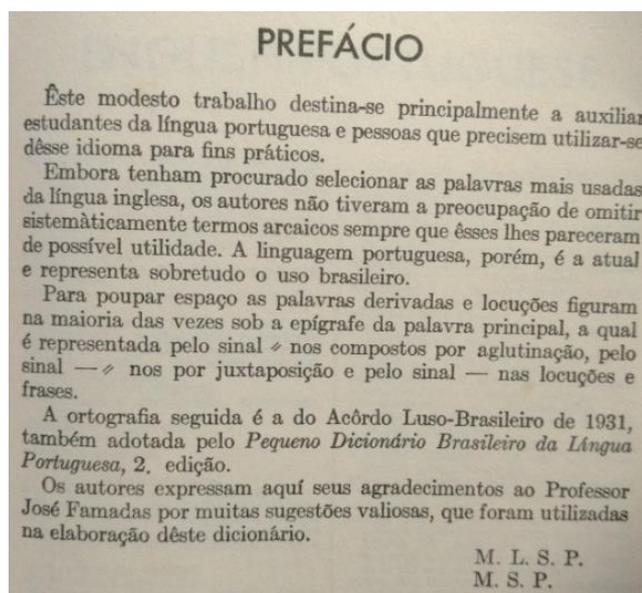
Fonte: Richardson et al. (1943)

Ainda com relação ao primeiro volume, apresenta-se um “guide of reformed spelling” (guia de ortografia “reformada”), em que são disponibilizadas as mudanças ocorridas com a Reforma ortográfica portuguesa de 1911, em que muitas alterações foram realizadas no sistema gráfico desse idioma, como o desaparecimento de dígrafos

ch, ph e **th** iniciando palavras, a supressão de grupos consonantais como **çç, ct, gm, mpt**, bem como a de consoantes duplas (**bb, cc, dd, ff** etc.).

No segundo volume, apresenta-se, após a lista de abreviaturas, que introduz o *middle matter*, um pequeno texto, intitulado prefácio (Figura 48), curiosamente exclusivo à seção inglês-português. Assinado por dois dos autores, Maria de Lourdes Sá Pereira e Milton Sá Pereira, fornece algumas poucas orientações acerca da obra, inclusive sobre alguns recursos que visam à economia de espaço no dicionário.

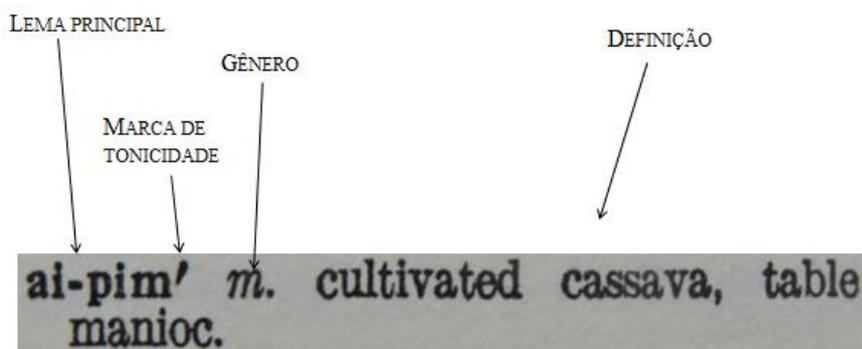
Figura 48. Prefácio (volume inglês-português)



Fonte: Richardson et al. (1943)

6.2.3.1 MICROESTRUTURA EM RICHARDSON ET AL. (1943)

Figura 49. Verbetes aipim



Fonte: Richardson et al. (1943)

Com uma microestrutura muito simples, os verbetes em Richardson et al. (1943) são sintéticos não só no que diz respeito às definições, mas aos itens empregados. Como se pode ver em **aipim**, o lema principal, em negrito, é caracterizado quanto à divisão silábica e a marca de tonicidade (´), verificada após a sílaba tônica. A classe gramatical é suprimida, apresentando-se apenas o gênero da unidade, em itálico. A definição é muito concisa, com duas acepções somente, sem variantes ou sinônimos. Também não se observam marcas de uso, que poderiam ter sido empregadas acerca dos usos lexicais dialetais possíveis para esse lema.

6.2.4 *Collins Gem English-Portuguese Portuguese-English Dictionary* (LAMB, 1964)

Inserido numa categoria de dicionário “de bolso”, pelo tamanho que, de fato, faz com que esta publicação se torne portátil, o dicionário bilíngue da Collins possui uma megaestrutura semelhante à de algumas obras de maior porte, com conteúdos distribuídos da seguinte forma: constituindo o *front matter*, *foreword*, prefácio, *abbreviations*, esquema da pronúncia, o alfabeto inglês, *gender of portuguese nouns*; *english-portuguese dictionary*; *middle matter* composto de nomes de países, *spelling*, *pronunciation*, *the portuguese alphabet*; *portuguese-english dictionary*; *back matter* contendo *geographical names*, numerais ingleses, medidas e pesos, *portuguese numerals*, *measures and weights*.

Nota-se que, apesar do tamanho reduzido, o dicionário é um dos poucos analisados a conter *front*, *middle* e *back matter*. Vale, especialmente, destacar a preocupação com a veiculação de informações em línguas portuguesa e inglesa. Os textos, embora sucintos, contêm orientações importantes para os consulentes. No pequeno prefácio, o autor exterioriza sua expectativa com relação à realização da obra, afirmando ter tentado fazer um “dicionário claro e actualizado”. Expõe também seu receio quanto à elaboração de um material “deste tamanho” em que não sejam omitidas palavras essenciais dos idiomas. Além disso, como de praxe, agradece os colaboradores pelo auxílio na confecção do dicionário.

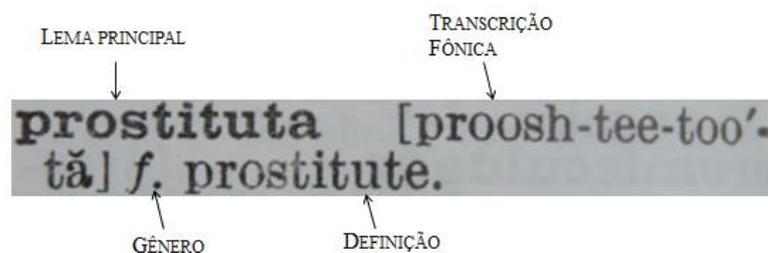
No “esquema da pronúncia”, o autor confessa ter empregado em sua publicação a “forma denominada ‘Standard English’ ou ‘King’s English’” (LAMB, 1964, p. 6). Cuida, nesse sentido, de expor para os consulentes alguns sons do inglês que podem se tornar difíceis para um falante de português, lançando mão do comparativo entre línguas

na tentativa de explicar os sons do inglês. Já apresenta, contudo, a representação fônica das vogais, ditongos, consoantes, incluindo ainda o alfabeto inglês em que se elencam as letras e seus respectivos sons. Concluindo o *front matter*, insere um tópico acerca do gênero dos nomes em português, escrito em inglês. No *middle matter*, após elencar os nomes de países, com suas respectivas transcrições fônicas e equivalentes em português, tece alguns comentários acerca da ortografia (*spelling*) e pronúncia (*pronunciation*). Acerca do primeiro item, afirma ter adotado o acordo ortográfico luso-brasileiro de 1945, frisando que há variações de uso no Brasil, distoantes do padrão português, como o caso do acento circunflexo, indicativo de uma vogal fechada.

Quanto à pronúncia, sugere que a brasileira seria mais “clara” do que lusitana aos ouvidos dos ingleses, não sendo possível encontrar nos símbolos ingleses formas que representem foneticamente a “complexidade” dos sons do português. Além disso, descreve alguns dos recursos microestruturais: sílabas separadas por hífens, somente não após a sílaba tônica, a tonicidade está na sílaba que imediatamente precede o acento agudo, como em [ish-tee’loo], em que a tonicidade está na sílaba “tee”. Após essas informações, há o *back matter* com a lista de “nomes geográficos”, agora na direção português-inglês.

6.2.4.1 A MICROESTRUTURA EM LAMB (1964)

Figura 50. verbete prostituta



Fonte: Lamb (1964)

Apresentando, assim como na obra anterior, uma microestrutura muito simplificada, sem itens como abonações e marcas de uso, o verbete em Lamb (1964) apresenta o lema principal destacado por indicador tipográfico negrito, seguido da transcrição fônica separada por colchetes do restante dos itens, em que, conforme orientação da própria obra, marca-se a tonicidade as sílaba com um acento agudo após o fragmentoônico. Apenas o gênero é indicado, suprimindo-se a classe gramatical. No

caso desse lema, somente foi fornecido um equivalente lexical para a unidade na língua-alvo.

6.2.5 *A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese*. (CHAMBERLAIN; HARMON, 1983)

Assim como Transtagano foi pioneiro no primeiro dicionário bilíngue português-inglês/inglês-português, é possível definir a obra de Chamberlain e Harmon (1983) como vanguardista e original em sua proposta de fornecer registros lexicais informais acerca do português brasileiro extraídos de informantes nativos. A perspectiva dialetal do trabalho se evidencia pelo compromisso com a diversidade linguística, buscando-se sair do “lugar comum” dos dicionários tradicionais, que se baseiam, muitas vezes, em modelos repetitivos e sem uma referência explícita aos *corpora* utilizados ou fundamentados em publicações literárias legitimadas pela erudição. Evidentemente, é necessário compreender cada uma dessas produções lexicográficas em seus contextos, sem, contudo, deixar de lado um olhar crítico acerca da dinamicidade e da variação inerentes à língua, fato que, ao ser suprimido num dicionário, torna o idioma ali retratado inerte, até ineficaz.

O farto texto introdutório, integralmente veiculado em inglês, garante ao consulente uma visão ampla e esclarecedora acerca de *A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese*, publicado em Washington D.C., pela Georgetown University Press, em 1983. Já na primeira página, descortina-se uma xilogravura do artista baiano Calasans Neto (Figura 49). Esta, muito comum à literatura de cordel, é uma expressão representativa das culturas brasileiras, dialogando com a visão de língua subjacente à proposta do dicionário. No verso da segunda página, onde se localiza a ficha catalográfica, apresenta-se um breve agradecimento pelo suporte fornecido, ao professor emérito das línguas espanhola e portuguesa, da UCLA (Universidade da Califórnia), Claude Hulet, e ao professor John Hunter da Universidade do Estado de Michigan. Além disso, são especialmente citados os informantes Reginaldo Franco, Cristina Ramirez, José Luiz Garcia, Eduardo Malamut e Ricardo Silveira. Finaliza-se essa seção com a expressão de gratidão ao senador J. William Fulbright, bem como ao programa Fulbright-Hays, pela oportunidade de iniciar o projeto.

A tabela de conteúdos é composta de *foreword, introduction, principal informants, abbreviations and labels, Brazilian state and Territory Abbreviations, A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese, English index, selected bibliography,*

cujos equivalentes em português são: prefácio, informantes principais, abreviaturas e marcas de uso, abreviaturas do estado e território brasileiros, o dicionário propriamente dito, índice em inglês, bibliografia selecionada.

O prefácio recebe o subtítulo “a translator’s view”, que quer dizer: ponto de vista de um tradutor. Nesse texto, Gregory Rabassa (professor do Queens college e a universidade Cuny), responsável pela tradução de romances como *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, comenta sobre as dificuldades linguísticas encontradas por um tradutor em sua atividade e o suporte que só uma obra como a de Chamberlain e Harmon pode oferecer. Admite, assim, que os “standard dictionaries” (dicionários padrão), mesmo os melhores, não respondem a algumas questões, que somente algum “brazilian friend” (amigo brasileiro) poderia resolver ou uma ferramenta de consulta como *A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese*.

Figura 51. Xilogravura de Calasans Neto



Fonte: Chamberlain; Harmon (1983)

Rabassa confessa, dessa maneira, ter sido diretamente auxiliado pelo dicionário quanto às “local expression” (expressões locais) utilizadas por Amado em sua obra, cujos significados não foram encontrados nos dicionários monolíngues e bilíngues a que o tradutor teve acesso. Compreendendo que essas fontes constituem um dos pilares do trabalho de tradução, chama atenção para o cuidado que se precisa ter, nesse âmbito, com os conceitos e interpretações, que podem ser enganadores. Considera, assim, o

“metadicionário”, segundo sugere Rabassa, um trabalho de grande valia, na medida em cria uma “ponte” entre o português brasileiro, que julga como “exceedingly malleable” (excessivamente maleável), e o inglês. Sinaliza, enfim, para a necessidade de que uma série de apêndices deverá ter acrescida à obra, a fim de mantê-la atualizada pelas constantes modificações e invenções do idioma brasileiro.

A introdução é segmentada em *overview* (visão geral), *data collection and methodology* (coleta de dados e metodologia), *format* (formato). Na primeira parte, apresenta-se um panorama da obra, destacando-se aspectos como a função pedagógica, alguns recursos microestruturais empregados e um breve histórico de publicações lexicográficas de cunho dialetal sobre o português brasileiro. Destaca-se, inicialmente, a posição de destaque que o português brasileiro assume nos Estados Unidos, ainda que haja obstáculos para o aprendizado desse idioma, descrito como “critical language”. Entre as “barreiras” estão a falta de visibilidade, oferta limitada de cursos e escassez de materiais de ensino. Aponta-se, ainda, o “fosso” existente entre a língua aprendida em sala e a realidade linguística, em que prevalecem uma linguagem não formal, bastante utilizada nas obras literárias contemporâneas.

O dicionário, nesse sentido, oferece o suporte linguístico necessário não somente a pesquisadores e estudantes envolvidos em situações formais de aprendizado, mas a viajantes, homens de negócio, diplomatas, clérigos, tradutores e outros que precisem conhecer a língua falada no Brasil hoje. A originalidade da obra é também destacada por ser a única dessa natureza voltada para falantes de inglês como língua materna. Ademais, louva-se o fato de os registros lexicais não se restringirem às ocorrências literárias, buscando-se confirmação destas na fala dos informantes consultados, atribuindo ao dicionário um caráter dinâmico e atual.

Macroestruturalmente, a obra é descrita como contendo mais de 7.500 “Brazilian expressions” (expressões brasileiras). No nível microestrutural, fala-se da indicação acerca da frequência de uso, definição em inglês e “ilustrações” do uso por meio de frases. Como parte da megaestrutura, o “English index” (índice inglês) (Figura 52), localizado no *back matter*, reúne as entradas em português que são agrupadas sob unidades lexicais gerais e coloquiais do inglês. Quanto aos “additional features” (traços adicionais), os autores citam a utilização de asteriscos nas entradas, utilizando asteriscos duplos para as unidades muito frequentemente utilizadas e os simples para aquelas consideradas somente frequentes (Figura 53). Citam-se outras obras dialetais que antecederam o *Dicionário*, como *A gíria brasileira* (1953), de Antenor Nascentes, e o

Dicionário da gíria brasileira (1945), de Manuel Viotti, destacando-se a importâncias das mesmas, mas sem deixar de reconhecer o ineditismo de um trabalho lexicográfico dessa natureza voltado exclusivamente a anglófonos e associada a uma visão mais geral do léxico informal frequente do PB.

Figura 52. English index (índice inglês)

BEHIND, the _____ (bottom, rump)

- o assento
- o balaio
- o bumbum
- a bunda
- o cachorro
- a chocolateira²
- o cu (vulg.)
- o fiofô (vulg.)
- a jaca
- o latifúndio dorsal
- o lombô (vulg.)
- a mala² (vulg.)
- a padaria
- o pandeiro
- o popô
- o popô
- a poupança
- os quartos [quarto]
- o rabo (vulg.)
- a saúde
- a traseira
- o traseiro

Fonte: Chamberlain e Harmon (1983)

Figura 53. Verbetes com asterisco simples e duplo

| | |
|--|---|
| <p>ESTREPAR-SE</p> <p>*<u>estregar-se</u> (sl.) to get fouled up, get balled up, get "screwed," get all messed up</p> <p>Bem que te disse, Manuel: vai se estregar com essa turma.</p> | <p>AONDE</p> <p>**<u>aonde . . . ?</u> (for "onde") (colloq.) where? in what place? (cf. "onde . . . ?")</p> <p>Aonde ele está?</p> |
|--|---|

Fonte: Chamberlain e Harmon (1983)

No que diz respeito à coleta de dados e à metodologia, descreve-se o dicionário como resultado de quinze anos de pesquisa sistemática, inicialmente conduzida no Brasil em 1968 e 1969, sob os auspícios do programa Fulbright-Hays, e, depois desse intervalo, nos anos de 1971, 1973, 1974 e 1980, contando-se também com informantes e estudantes de passagem pelos EUA. O *corpus* constrói-se, dessa maneira, a partir de incontáveis entrevistas e conversas com uma grande variedade de informantes, de

diversas idades, profissões e contextos socioeconômicos, regiões e estilos de vida, de 17 estados brasileiros, contudo, assume-se que a “confirmação” das ocorrências se deu através de consultas a informantes de “[...] two major regions of the country in order to avoid strict regionalisms and to assure contemporary and widespread distribution of usage”⁶² (CHAMBERLAIN; HARMON, 1983, p. ix). Nota-se, assim, o predomínio de uma visão de norma hegemônica, com eleição dos eixos regionais “mais representativos”.

Os informantes (Figura 54) foram solicitados a: definir uma unidade ou expressão idiomática em português e fornecer uma ou mais sentenças a fim de exemplificá-las em seus mais típicos contextos; distinguir entre itens que são mais utilizados na conversação e aqueles mais utilizados pelos “outros” ou aqueles sobre os quais se tem um conhecimento mais “passivo” ou “nenhum” conhecimento; diferenciar itens usados no país de modo mais geral daqueles utilizados apenas regionalmente; distinguir entre itens frequentes e aqueles em desuso; diferenciar itens empregados por seu próprio grupo etário e aqueles empregados pelas gerações mais novas ou mais velhas; identificar as circunstâncias em que os itens são utilizados (gíria, contexto coloquial, sentido figurado, vulgar, não *standard*, jargão); identificar, quando possível, a origem dos itens. Essas respostas foram checadas algumas vezes, a fim de se obter uma definição adequada, confrontando-as com outras fornecidas por informantes de diferentes regiões do país e, quando possível, com registros de dicionários gerais e especializados.

⁶² Tradução livre: “[...] das duas maiores regiões do país com vistas a evitar regionalismos e assegurar uma distribuição de uso contemporânea e geral.”

Figura 54. Principais informantes

PRINCIPAL INFORMANTS

(The following list represents only a fraction of the hundreds of informants used for the Dictionary, but these individuals were the source of a substantial portion of the material collected; abbreviations refer to states of origin or long-term residence [see "Brazilian State and Territory Abbreviations" list])

Vicente Nogueira (AM)
Jussara Nogueira (AM)
Reginaldo S. Franco (BA)
João Bosco Leite d'Ávila and family (BA)
Carmen Célia Carneiro (BA)
Paulo Apaán (BA)
Antônio Cunha (BA, RJ)
José Leão and family (CE)
Párcles Gasparini Alves (DF)
Cristina Ramirez (ES)
Rivadavia de Guarnão (MG)
Juarez da Silva (MG)
Lica de Carvalho-Neto (MG)
Benjamin Lyra Nunes Machado (PE, RJ)
Antônio Nunes Machado (PE, RJ)
Henrique Koshler (PR)
Ricardo Silveira (RJ)
José Luis Garcia (RJ)
José S. Monteiro (RJ)
Luiz Soares (RJ)
Ivan Santoa (RJ)
Carmen Lúcia Santos Machado (RJ)
José Marinho Bezerra Júnior (RN)
Alex do Nascimento (RN)
José Gilberto Gastal (RS)
Marisia Araújo Vasconcellos (RS)
Eunildo Rebelo (SC)
Friedrich Franzke and family (SC)
Paulo de Carvalho-Neto (SE)
Eduardo Malamut (SP)
Malcolm Kigar (SP)
Paulo Alcântara (SP)

Fonte: Chamberlain e Harmon (1983)

O critério de inclusão utilizado foi baseado, em maior escala, no senso dos autores do que é mais ou menos útil para os nativos de língua inglesa, incorporando-se unidades pertencentes a categorias como “gíria”, “coloquial” e “figurado”, a partir de alguns critérios pré-estabelecidos. São estes: consideraram-se “gírias” aquelas unidades utilizadas numa linguagem muito informal, com tendência a serem mais contemporâneas, lúdicas e inventivas, além de orientadas pelo uso entre os jovens, incluindo-se os itens mais frequentes num intervalo temporal maior; quanto ao rótulo “coloquial”, são menos informais que as gírias e ocorrem em situações sociais diversas, não sendo caracterizados por pertencerem a um grupo específico na sociedade, ficando reservados à utilização diária, no contexto familiar, devendo ser evitados em situações formais; no caso do termo “figurado”, relaciona-se à escrita e à fala mais formais e são originalmente literários e eruditos.

Outras marcas de uso apontadas são o “jargão” (expressões originadas em grupos formados nas atividades especializadas e profissões), “vulgar” (aqueles itens considerados inapropriados em contextos mais polidos por serem obscenos), “não standard” (expressões que constituem “desvios” do que é gramaticalmente aceito, mas amplamente utilizadas), “obsoleto” (gírias utilizadas pelas gerações mais antigas). A

respeito do registro dialetal, evidencia-se a dificuldade de delimitar o uso preciso da distribuição geográfica de cada item registrado, optando-se por não utilizar a marca de uso regional nas expressões usadas em pelo menos duas grandes regiões do país. Nesse sentido, alude-se às situações de preconceito linguístico que podem existir na esfera regional, o que se deve ao “prestige dialect of the Rio-São Paulo axis” (dialeto de prestígio do eixo Rio-São Paulo). Lembra ainda, quando às questões geolinguísticas, que o fato de um item ser apontado como brasileiro, não o define como exclusivo ao Brasil, uma vez que pode também ocorrer em Portugal. Revela, desse modo, sua concepção acerca do rótulo “brasileirismo” ou, pelo menos, do critério que não o define – o da exclusividade.

Finalizando o detalhado texto pré-dicionarístico, os autores, ao tratarem do “formato” da obra, apresentam, pormenorizadamente, a microestrutura dos verbetes. Detalha-se toda a constituição dos artigos, de modo a deixar o consulente totalmente integrado com os recursos utilizados para definição das unidades. As entradas ou lemas principais (“key word” para os autores), listados alfabeticamente em caixa alta, são ligeiramente recuados à esquerda, e abaixo destas são listadas as entradas subordinadas à principal. Itens recorrentes no verbete são pontuados, como o caso dos números sobrescritos, em unidades homógrafas, ou as barras diagonais para separar “alternative wordings” (“palavras alternativas”, que poderiam ser substituídas por palavras ou expressões sinônimas, como é de praxe entre os dicionários). As definições são separadas por vírgulas, utilizando-se ponto-e-vírgulas para sentidos distintos. A variante é incluída entre as noções que fazem parte do verbete, aparecendo como item que o compõe:

When an entry is referred to another entry with “(same as ‘...’)” or “(var. of ‘...’)”, it refers to all meanings of that other entry, unless the latter carries a differentiating superscript; thus, for example, ser fogo na roupa, listed as a variant of “ser fogo” is a variant of both ser fogo¹ and ser fogo². (CHAMBERLAIN; HARMON, 1983, p. xiii)⁶³

Ainda que não detalhe sobre a concepção de variante adotada, nota-se a conservação da noção sociolinguística “básica”, em que duas unidades são, de fato,

⁶³ Tradução livre: “quando uma entrada remete a outra com “(mesmo que ‘...’)” ou “(variante de ‘...’)”, refere-se a todas as acepções daquela outra, a menos que a última traga um número sobrescrito diferenciador; como, por exemplo, ser fogo na roupa, listado como variante de “ser fogo” é variante de ambos ser fogo¹ e ser fogo².”

semanticamente compatíveis. Apresenta-se o exemplo destacado pelo autor na figura 55, a fim de tornar mais claro o que é descrito.

Figura 55. O uso da variante

****ser fogo¹** (colloq.)
to be hard, be rough, be "murder"

A prova de Química vai ser fogo,
meu caro, mas fogo mesmo!

****ser fogo²** (colloq.)
to be hard-to-beat, be outstanding,
be terrific, be lively, be "hot
stuff"

Aquele cantor é fogo; para o
samba, só ele mesmo.

A chopada do Zé vai ser fogo.

ser fogo na iaca (sl.)
(var. of "ser fogo")

ser fogo na jacutinga (sl.)
(var. of "ser fogo")

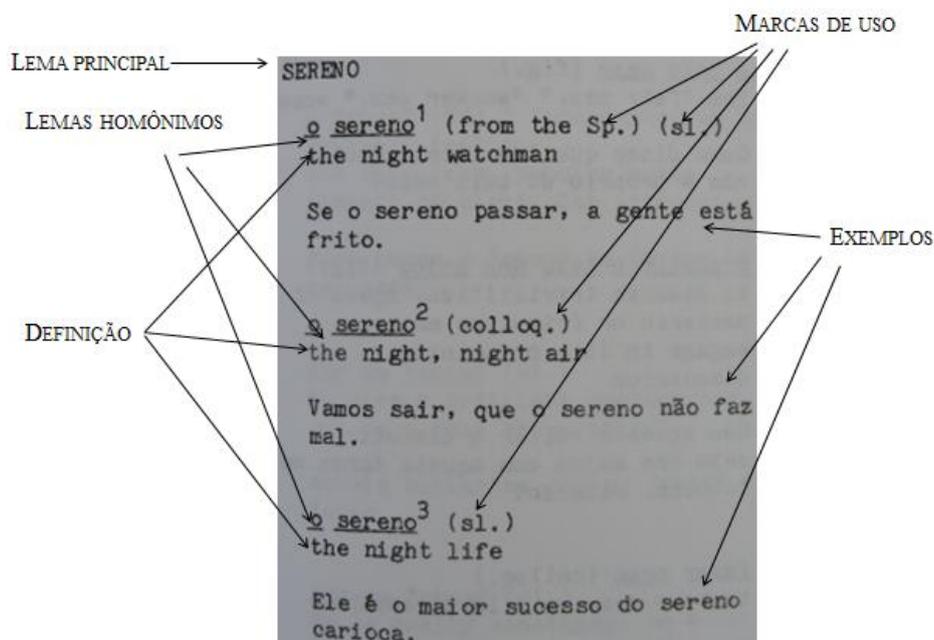
****ser fogo na roupa** (colloq.)
(var. of "ser fogo")

Fonte: Chamberlain e Harmon (1983)

Finalmente, após os textos mencionados, disponibilizam-se a lista de abreviaturas das marcas de uso gerais empregadas e as referentes aos estados e territórios brasileiros. Ao final, conforme amostra da figura 52, está localizado um longo "English index".

6.2.5.1 A MICROESTRUTURA EM CHAMBERLAIN E HARMON (1983)

Figura 56. Verbete sereno



Fonte: Chamberlain e Harmon (1983)

Na figura 55, o verbete **sereno** reúne itens microestruturais recorrentes no dicionário analisado, destacando-se um lema principal em caixa alta, ao qual não está associada nenhuma definição diretamente, como é de praxe nessa obra. Relacionam-se a ele as entradas homônimas, sublinhadas (indicador tipográfico) precedidas do artigo definido "o". Não são apresentadas categorias como classe gramatical ou gênero da unidade a ser definida, no entanto, as marcas de uso são recorrentes para marcar os usos informais em que ocorrem. No caso do verbete, foram utilizadas: a marca dialetal "from the Sp." (do espanhol); "slang" (gíria); "colloquial" (uso coloquial). Os exemplos são frases sem citação de fonte que contextualizam os usos especificados nas definições.

6.2.6 Portuguese English Dictionary (TAYLOR, 1970)

Publicado no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, o dicionário de James L. Taylor foi primeiramente publicado em 1958, sendo reeditado para posterior publicação em 1963, passando novamente por esse processo antes de ser republicado em 1970, edição a que se teve acesso, descrita como "with corrections and additions by

the author and Priscilla Clark Martin” (com correções e adições do autor e de Priscilla Clark Martin). Apesar de não possuir uma megaestrutura das mais detalhadas, oferece ao leitor muitas orientações formais acerca dos idiomas tratados.

Teve-se acesso ao volume português-inglês, que tem sua megaestrutura composta de: acknowledgment (agradecimentos); introduction (introduction); orthography (ortografia); accentuation (acentuação); syllabification (silabação); pronunciation (pronúnciação); the vowels (as vogais); the diphthongs (os ditongos); the consonants (as consoantes); continental vs. brazilian portuguese (portuguese continental vs. brasileiro); explanatory notes (notas explanatórias); works of reference (trabalhos de referência); abbreviations (abreviaturas); Portuguese-English dictionary (dicionário português-inglês); appendix: verb models, by James S. Holton (apêndice: padrões verbais); regular verbs (verbos regulares); orthographic-changing verbs (verbos cuja ortografia sofrem alteração); radical-changing verbs (verbos cujos radicais sofrem alteração); irregular verbs (verbos irregulares); table of defective and irregular verb models (tabela de padrões verbais defectivos e irregulares).

Nos agradecimentos, são citados muitos nomes, entre eles, o do escritor brasileiro Érico Veríssimo e de alguns outros responsáveis pela revisão do léxico de áreas de conhecimento especializado, como o caso do antropólogo e professor Robert Francis Murphy, da Universidade da Califórnia, a quem o lexicógrafo expressa sua gratidão pela revisão de “Indian tribal names” (nomes de tribos indígenas). Na introdução, fala-se da escassez de dicionários português-inglês no Brasil, que, na opinião do autor, diferentemente das obras inglês-português, deixam a desejar quanto à qualidade. Destaca-se o objetivo principal, com a publicação do dicionário, de fornecer uma ferramenta de trabalho para o maior número de pessoas possível, desde estudantes iniciantes a cientistas, oficiais do governo e diplomatas, “qualquer um” que, por alguma razão, esteja buscando uma palavra em português. Nota-se, não só por esse argumento, mas pela metalíngua utilizada, o inglês, que esta constitui a língua-fonte.

São explicitadas, principalmente, questões relativas à elaboração das definições, evidenciando-se as estratégias empregadas nas diferentes situações, a exemplo de quando não são encontradas um equivalente lexical para a unidade a ser definida, optando-se por uma tradução literal, copiada do *Merriam-Webster* ou do *Glossary of Brazilian-Amazonian Terms*. Comenta-se, ainda, acerca do alto número de variantes presentes no léxico do português brasileiro, fenômeno não restrito a “names of plants and animals” (nomes de plantas e animais). Ademais, o lexicógrafo expõe sua inquietação acerca da

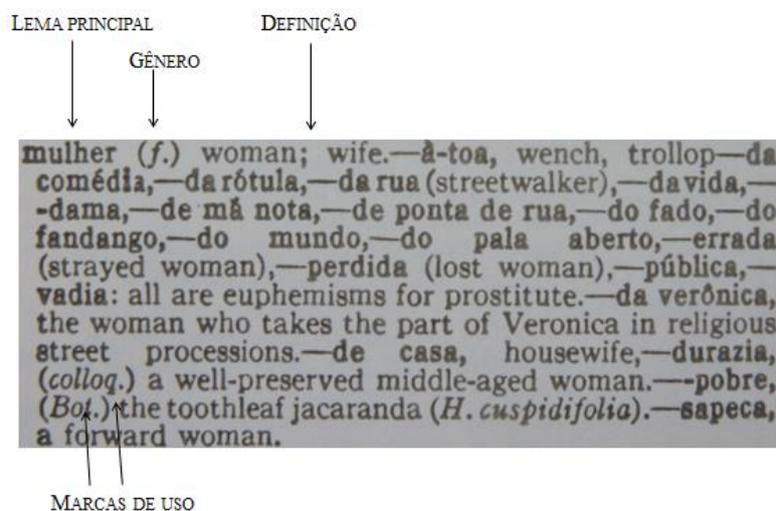
decisão sobre o número total de entradas, que, finalmente, ficou em aproximadamente 60.000. Além desse texto introdutório, o dicionário de Taylor possui um elemento adicional à megaestrutura, que contém informações relevantes acerca da proposta, a “orelha”, em que se enfatiza a atenção dispensada ao português brasileiro na obra, sendo considerado esse o único dicionário a fornecer equivalentes lexicais ingleses para as unidades do PB.

Na seção sobre ortografia, traça-se um breve panorama acerca dos acordos, declarando-se seguir o de 1945, assim como fizeram outras obras do século XX. Nas demais seções, repetem-se as informações de outras obras, como a de Richardson et al. (1943), em que se descreve, de forma mais detalhada, no caso de Taylor (1970), aspectos relativos aos sistemas ortográfico, silábico, às peculiaridades presentes na pronúncia de vogais, consoantes e ditongos, estabelecendo-se sempre cotejos com a língua-fonte inglês e chamando atenção para as questões mais “problemáticas” nessas esferas. Como não poderia deixar de ser, numa obra tão comprometida com o registro da variedade brasileira, a comparação com a variedade europeia (português continental) também ocorre, destacando-se o campo das vogais como mais “produtivo” nessa distinção.

O dicionário apresenta um *back matter* exclusivamente dedicado ao tratamento dos verbos. Com um compromisso prescritivo, o apêndice apresentado por Taylor (1970) elenca os padrões verbais do português, considerados difíceis por falantes de língua inglesa, por conta dos sistemas morfológicos distintos, já que esta se caracteriza por uma gramática morfológicamente “pobre” em relação à língua lusitana.

6.2.6.1 MICROESTRUTURA EM TAYLOR (1970)

Figura 57. Verbete mulher



Fonte: Taylor (1970)

Com microestruturas concisas em muitos casos, esse é um exemplo em que o verbete se estende por conta das lexicais compostas e complexas, por serem variados os graus de cristalização⁶⁴, elencadas como parte da definição do lema principal mulher, discretamente destacado pelo indicador tipográfico negrito. Constituindo a cabeça do verbete, tem-se apenas o item gênero, indicado por abreviatura em itálico e entre parênteses, excluindo-se a classe gramatical. Fornecem-se equivalentes lexicais na língua-fonte, sem a elaboração de uma definição parafrástica, a não ser na definição de mulher da verônica, descrita como ‘a mulher que toma parte de Verônica [personagem bíblica] nas procissões religiosas’. São muitas as lexicais, ou compostos lexicais, formados da unidade **mulher**, esta substituída por um travessão em todos os casos.

As definições são ora fornecidas entre parênteses, em que se incluem equivalentes lexicais, como em “mulher da rua”, ora sem esse indicador não tipográfico, quando se apresenta uma acepção parafrástica (ex.: “mulher durazia”: ‘uma mulher de meia idade bem conservada’). Esse verbete, especialmente, reflete muito bem o papel reservado à mulher na sociedade, em que são incluídas lexicais de cunho pejorativo, sem indicação nenhuma a esse respeito. A propósito, as únicas marcas de uso empregadas no verbete

⁶⁴ Utiliza-se “cristalização” aqui no sentido de compostos cuja frequência de coocorrência faz desses uma unidade lexical da língua. No caso do verbete de Taylor (1970), é possível, com base no uso lexical mais amplo do português brasileiro, avaliar o composto “mulher da vida” como mais cristalizado do que “mulher pobre”, por exemplo.

foram “coloquial” e “botânica”, desconsiderando-se totalmente o discurso de preconceito subjacente aos usos lexicais apresentados.

6.2.7 *Random House Webster's Pocket Portuguese Dictionary* (CHAMBERLAIN, 1991)

Editado por Bobby J. Chamberlain, autor de *A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese*, o “pocket dictionary” publicado pela Random House Reference, possui uma megaestrutura resumidíssima, o que é natural a sua proposta de ser um dicionário de “bolso”. Curiosamente, apresentam-se alguns elementos pré-dicionarísticos antes mesmo da capa interna, como é o caso dos ordinais, pesos e medidas, sinais e placas, dias da semana, meses e estações, todas as informações em português e inglês. Seu *front matter* é constituído de: *Note on Brazilian and Continental Portuguese* (notas sobre o português brasileiro e continental), *Concise Portuguese Pronunciation Guide* (guia conciso de pronúncia do português), *Diphthongs* (ditongos), *Portuguese Subject Pronouns* (pronomes pessoais do português), *Regular Portuguese Verbs* (verbos regulares do português), *Irregular Portuguese Verbs* (verbos irregulares do português), *Irregular Portuguese Participles* (particípios irregulares do português), A Pronúncia do Inglês Americano, O Plural do Substantivo Inglês, O Verbo em Inglês, *English Abbreviations/ Abreviaturas inglesas*, *Numerals/Números*.

Como se pode notar, alguns elementos do *front matter* aparecem em inglês, outros em português, havendo ainda aqueles veiculados em ambos os idiomas. Merece destaque a “nota sobre o português brasileiro e continental” em que se chama atenção para a prioridade lexical dada ao PB nessa obra, explicando-se que, em casos relevantes de diferenciação do léxico, a marca do português europeu (P) será aplicada. Esclarece-se, adicionalmente, que será também priorizada a variedade brasileira em caso de variação ortográfica ou de acentuação. Apesar de serem reunidas informações repetitivas em relação ao que se observou nas outras publicações, como explicações acerca da pronúncia e dos ditongos, algumas merecem ser mencionadas pela ênfase atribuída à língua do Brasil, caso das observações acerca dos pronomes pessoais do português (Figura 57). No *back matter*, há apenas uma pequena lista com “palavras e expressões úteis”.

Figura 58. Pronomes pessoais do português

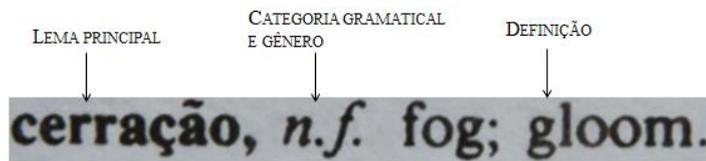
| Portuguese Subject Pronouns | | |
|-----------------------------|---|--|
| | Singular | Plural |
| First Person Verbs | eu (I) | nós (we) |
| Third Person Verbs | você (you, <i>inform.</i>) o senhor (you, <i>form., m.</i>) a senhora (you, <i>form., f.</i>) ele (he) ela (she) | vocês (you, <i>inform.</i>) os senhores (you, <i>form.</i>) as senhoras (you, <i>form., f.</i>) eles (they) elas (they, <i>f.</i>) |

Note: *Tu* (thou) and *vós* (ye), technically the second-person 'you' pronouns, have only limited use in Brazil. While the plural *vós* is usually considered archaic or is relegated to liturgical use, the singular *tu* is widespread in a few regions, particularly in the South, where it is used with the corresponding second-person singular verb forms. In addition, *tu* and especially the object pronoun *te* and possessive *teu/tua*, etc., often alternate in much of Brazil with *você* and its objective and possessive pronouns, appearing with third-person singular verb forms. Only the first- and third-person forms of the verb are supplied here, the latter being used with both the third-person pronouns (ele, ela, eles, elas) and second-person, or 'you', pronouns (você, o senhor, a senhora, vocês, os senhores, as senhoras).

Fonte: Chamberlain (1991)

6.2.7.1A MICROESTRUTURA EM CHAMBERLAIN (1991)

Figura 59. Verbetes cerração



Fonte: Chamberlain (1991)

Com uma diminuta microestrutura, que atende, também, à proposta mais sintética desse dicionário, apresenta-se um lema principal, marcado por indicador tipográfico negrito, seguido da abreviatura referente à categoria gramatical e ao gênero, com uma definição constituída de equivalentes lexicais, sem construções parafrásticas.

⁶⁵ Tradução livre: Nota: Tu (thou) e vós (ye), tecnicamente os pronomes de 2ª pessoa “você” são utilizados com algumas restrições no Brasil. Enquanto o plural vós é normalmente considerado arcaico ou relegado ao uso litúrgico, o singular tu é amplamente usado em algumas regiões, particularmente no sul, onde é empregado com verbos correspondentes a 2ª pessoa do singular. Adicionalmente, tu tem como pronome objeto te e pronome possessivo teu/tua, sendo utilizados como correspondentes a você e seu pronome objeto e possessivo, aparecendo com verbos na 3ª pessoa do singular. Somente as formas de 1ª e a 3ª pessoas são fornecidas aqui, esta última sendo utilizada com ambos os pronomes de 3ª (ele, ela, eles, elas) e 2ª pessoa ou “you” (você, o senhor, a senhora, vocês, os senhores, as senhoras).

6.2.8 *The Oxford New Portuguese Dictionary* (2008)

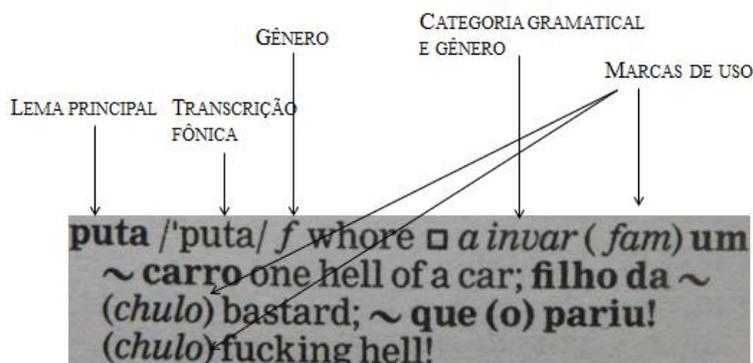
Obra representativa do século XXI, esse dicionário bilíngue, publicado pela Berkley Books, de Nova York, tem sua autoria atribuída ao Penguin Group, e não a um lexicógrafo ou equipe lexicográfica. O nome Oxford, certamente, legitima a credibilidade dessa fonte de referência, por constituir uma espécie de “grife” ou “marca de luxo” no mundo dos dicionários. Portanto, não se tem acesso aos nomes que compõem a equipe editorial e nem a um lexicógrafo em especial. A despeito desse fato, a publicação é muito bem avaliada pelos consulentes no *site* <www.amazon.com>, que o qualificam como adequado pelo tamanho e outros aspectos, como pelo fato de registrar também o português brasileiro.

Com uma megaestrutura simples e breve, registra mais de 40.000 unidades lexicais, entre “words and phrases” (palavras e compostos/frases). Seu *front matter* é constituído de: prefácio, introdução, nomes comerciais, pronúncia (do português e do inglês), português europeu, abreviaturas. Vale ressaltar que as informações são fornecidas em ambos os idiomas registrados, português e inglês. No prefácio, pouquíssimo se diz a respeito da obra e, nesse resumido texto, afirma-se que o dicionário teria sido escrito “por pessoas de língua portuguesa e inglesa” (2008, p. iv). Evidencia-se aí um pequeno equívoco, já que, na mesma seção, o texto em inglês utiliza a preposição “for”, e não “by”, fazendo mais sentido dizer que “*The Oxford Paperback Portuguese Dictionary* has been written for speakers of both Portuguese and English”. Dessa maneira, o dicionário teria sido elaborado para falantes do português e do inglês, e não “por pessoas de língua portuguesa e inglesa”, possivelmente um desacerto de tradução, considerando-se a prática recorrente de dicionários bidirecionais se valerem desse recurso, e não textos específicos para cada público.

Na introdução, são fornecidas algumas orientações acerca dos símbolos utilizados nos verbetes, como “til” (~) para substituir a palavra entrada nas ocorrências desta no corpo do verbete. Mais uma vez, nota-se um “problema” no texto em português, quando se diz que o símbolo é utilizado “para substituir o verbete”, o que não faz o menor sentido, já que o verbete constitui o conjunto integral de informações fornecidas acerca de um lema. Sem muitos comentários no *front matter* que mereçam destaque especial, o *back matter* também não apresenta “novidades”, mas apenas considerações acerca dos verbos portugueses.

6.2.8.1 MICROESTRUTURA EM *THE OXFORD NEW PORTUGUESE DICTIONARY* (2008)

Figura 60. Verbete puta



Fonte: Oxford (2008)

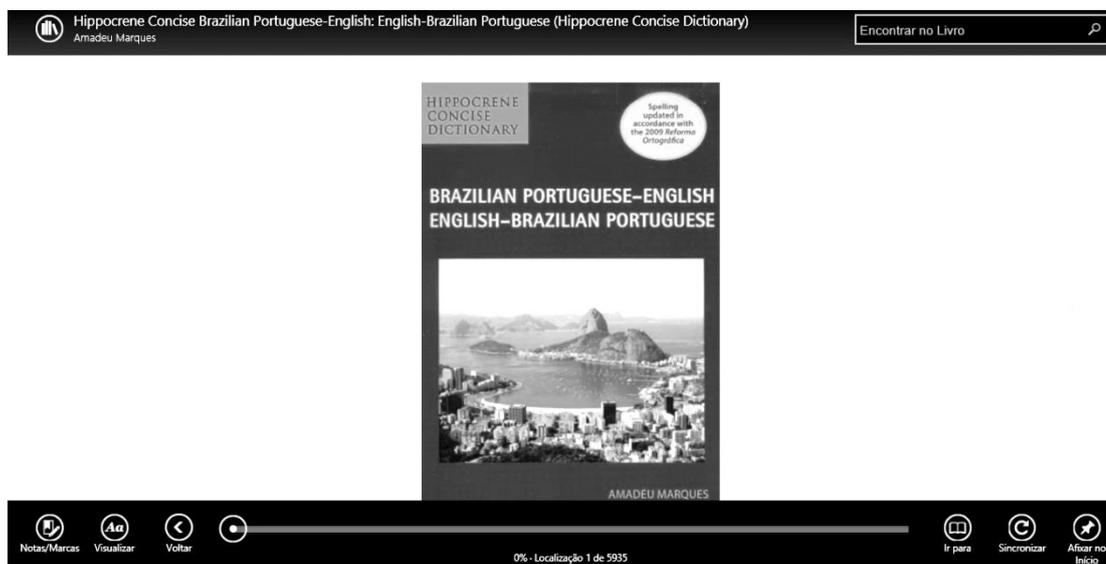
Ao lema principal, marcado por indicador tipográfico negrito, vinculam-se, na ordem em que aparecem no verbete: a transcrição fônica, entre barras inclinadas, com marcação da sílaba tônica por meio do indicador (´) precedendo a mesma; indicação do gênero; um equivalente lexical, sem marca indicadora de uso pejorativo; um quadrado vazado é utilizado para marca a transição para outra acepção, categorizada como “adjetivo invariável”, seguido de marca de uso “família” e com apresentação da primeira locução “um puta carro”, seguida de “filho da puta”, este sim marcado como “chulo” e de “puta que pariu”, que recebe a mesma marca de uso anterior.

As marcas de uso são destacadas pelo indicador tipográfico itálico e colocadas entre parênteses, este indicador as distingue da indicação de classe gramatical e gênero, destacadas somente por itálico. Tem-se, mais uma vez, um caso em que o verbete deixa transparecer o descaso linguístico com questões de gênero, já tão debatidas, quando não faz nenhuma menção à avaliação social da unidade “puta” ou “whore”. Apesar de o foco da pesquisa ser o viés dialetal, é essencial destacar registros dessa natureza, recorrentes no universo dos dicionários monolíngues e bilíngues, muito especialmente os impressos, o que demonstra o quanto as produções lexicográficas contribuem para endossar discursos de intolerância, na contramão das lutas sociais.

6.2.9 *Brazilian Portuguese-English, English-Brazilian Portuguese concise dictionary* (MARQUES, 2010)

Disponível em formato digital e impresso, essa publicação foi adquirida naquele formato e é válido destacar que, apesar de disponível em dois suportes distintos, apresenta uma megaestrutura plenamente adaptada ao modelo eletrônico (Figura 58), uma vez que os recursos empregados permitem ao consulente lançar mão de funções próprias ao ciberespaço, como folhear a obra ao toque do *mouse* ou buscar unidades sem a necessidade de proceder à busca alfabética, comum ao dicionário impresso. Utilizando-se da metalíngua inglês, apresenta os seguintes itens pré-dicionarísticos, que, diga-se de passagem, parecem seguir a tendência atual de abreviar ao máximo os textos megaestruturais (*front, middle e back matter*): *foreword* (prefácio), *contents* (conteúdos), *a brief guide to the dictionary* (um breve guia sobre o dicionário), *abbreviations/abreviaturas*, *guide to Brazilian pronunciation* (guia para a pronúncia brasileira).

Figura 61. *Layout e capa de Marques (2010)*



Fonte: Marques (2010)

O prefácio apresentado por Marques (2010) se assemelha menos a um texto pré-dicionarística cujo objetivo é apresentar a obra e do que a um anúncio publicitário, bem ao estilo “Venha você também para o Brasil!”. Após citar nomes como o de Tom Jobim, Carmem Miranda, Sérgio Vieira de Mello, Chico Mendes, Sonia Braga, Ayrton Senna, Chico Buarque e Gisele Bündchen, o autor questiona o que eles têm em comum – a

“brasilidade”. Seriam esses, de fato, os “brasileiros”, no que diz respeito à norma linguística predominante no país e à representatividade popular? Com frases como “diga o nome do país e sinta seu gosto”, Marques parece tentar inovar, com muitas doses de *marketing* turístico, ao propor um dicionário bilíngue cuja variedade lusófona padrão é o português brasileiro. Talvez não tenha se dado conta de que seu texto acaba “dando brecha” para a reprodução de estereótipos desfavoráveis ao país.

Algumas poucas orientações são fornecidas na seção “breve guia do dicionário”: a obra contém aproximadamente 10.000 entradas, destacando-se o predomínio das variedades americanas do português e do inglês. Quanto à ortografia, são adotadas as normas pós Reforma Ortográfica. Orientações relevantes como sobre os símbolos utilizados na microestrutura são fornecidas, no entanto, os verbetes se mostram simples e de fácil leitura, com definições curtas, sem muitos itens e detalhamento.

6.2.9.1 A MICROESTRUTURA EM MARQUES (2010)

Figura 62. Verbetes neblina



Fonte: Marques (2010)

Com uma microestrutura reduzida e simplificada, o autor aplica alguns indicadores tipográficos, como o negrito, para marcar o lema principal, e o itálico, para destaque da abreviatura de categoria gramatical e gênero. Na definição, apenas um equivalente lexical é fornecido.

6.2.10 *Linguee* (2017)

Desenvolvido por Gereon Frahlin, doutor em informática, como consta na “ficha técnica”, o diretor executivo do *Linguee* é um jovem fundador de uma ferramenta de tradução que vai muito além da direção português-inglês, explorada nesta pesquisa. Tratando-se de um modelo de dicionário exclusivamente eletrônico *online*, o *Linguee* convida, em sua página inicial, os consulentes a embarcarem “numa experiência única”, baixando o aplicativo e transformando seus aparelhos eletrônicos em suportes para essa fonte de consulta. Como de praxe nesse tipo de publicação, não há um formato bilíngue pré-estabelecido, já que as unidades lexicais dos idiomas ali registrados ficam disponíveis para serem “cruzadas” quando são consultadas. Selecionado entre os modelos *online* por sua ampla utilização pelos estudantes, conforme consulta a professores, o dicionário se mostra uma solução prática na realidade contemporânea em que, de forma exagerada, é possível afirmar que os *smartphones* passaram a constituir uma extensão do corpo humano.

A respeito das informações acerca do dicionário em si, não há muito que observar. No topo da tela inicial, são disponibilizados os *links* “sobre o Linguee”, “entrar” e “fale conosco”. Ao final da página, aparecem a “ficha técnica”, os “termos e condições” e a “política de privacidade”. No primeiro *link* citado, não há informações relativas à proposta lexicográfica, mas apenas algumas frases associadas ao que se pode chamar de função conativa, cujo propósito é “vender” a marca para os visitantes: “uma porta para o mundo”; “baixe agora, é gratuito!”; “o inglês é seu diferencial”, “o tempo é precioso”. Disponibilizam-se, além dessas poucas informações, um *ranking* de palavras “mais consultadas”.

Figura 63. Ranking dos “termos” mais buscados



Fonte: Linguee (2017)

6.2.10.1A MICROESTRURA NO LINGUEE (2017)

Figura 64. Verbetes mandioca



Fonte: Linguee (2017)

Com uma microestrutura simplificada, no que diz respeito à apresentação das definições, no *Linguee* são recorrentes as equivalências lexicais na microestrutura do verbete. Utilizam-se indicador tipográfico no destaque do lema principal, que aparece na cor azul, sendo destinada a cor cinza à categoria gramatical e ao gênero. Lança-se mão dos recursos multimodais, como a disponibilização do áudio (símbolo da caixa de

som) e do *hiperlink* tanto no caso do lema principal quanto no dos “exemplos” (assim chamados, mas que, na verdade, são compostos lexicais).

6.2.O *ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL*: ARRIMO PARA A LEXICOGRAFIA

Em 1952, registrou-se inédita manifestação favorável à produção de um atlas linguístico brasileiro, mediante o Decreto 30.643, de 20 de março, delegando-se a execução à Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa. Nomes como o de Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Antenor Nascentes defenderam, em ocasiões diversas, a ideia de se produzirem atlas linguísticos. Já avançados na Europa, valendo citar, como exemplo, o *Atlas Linguistique de La France* e *Linguistischer Atlas des Dakorumänischen Sprachgebietes*, os estudos dialetais brasileiros encontravam na avaliação censitária de 1950 uma confluência de motivos que corroboravam a necessidade de se testemunhar o quadro de variação linguística brasileiro que ganhava feições moldadas pela globalização, com uma realidade mais urbana, permeada cada vez mais pelos novos meios de comunicação e transporte.

Surgido num contexto favorável, em que as universidades começavam a se interessar pelos estudos dialetais, incluindo-os nos currículos dos cursos de Letras, a publicação dos dois primeiros volumes, em 2014, do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) é fruto de um projeto audacioso. Não bastassem as dimensões continentais do Brasil, o Projeto “[...] exigiu dos pesquisadores-inquiridores o esforço, e, por que não dizer, a generosidade para com a ciência geolinguística no Brasil, de percorrer longas distâncias.”(CARDOSO, 2014, p. 27). Como ainda ressalta a autora, o trabalho conjunto de todas as equipes envolvidas perfez um total de 277.851 km de caminhos por via terrestre, aquática e aérea.

Tratando-se de uma realização vultosa, a produção do atlas brasileiro demandou . diferentes etapas, com uma extensa rede de colaboradores, incluindo instituições oficiais e privadas, personalidades de cada uma das localidades visitadas para realização das entrevistas, igrejas, agremiações sociais, escolas, cidadãos comuns, dentre outros. Também Cardoso (2014, p. 29) chama atenção para o fato de, apesar de não ter contado com um financiamento global, a pesquisa ter sido mantida com apoios e concessões de auxílio financeiros que permitiram sua concretização. Entre os inúmeros desafios de um empreendimento dessa magnitude, certamente, a configuração da rede de pontos (Figura 65) constituiu um dos principais:

É sabido que a configuração da rede de pontos é um dos procedimentos metodológicos fundamentais nas pesquisas geolinguísticas, que têm como objetivo primordial garantir a recolha dos dados em um feixe de localidades que permitam a apreensão da variação diatópica da língua em uso. A rede de pontos tem, pois, a finalidade de assegurar a representatividade da documentação da variação espacial da língua, a comparação posterior dos dados e sua respectiva distribuição num determinado espaço geográfico por meio de cartas linguísticas, razão pela qual “a boa determinação dos pontos dos inquéritos influi grandemente na perfeição de um atlas” [...] (ISQUERDO; TELES, 2014, p. 37)

Figura 65. Rede de pontos ALiB



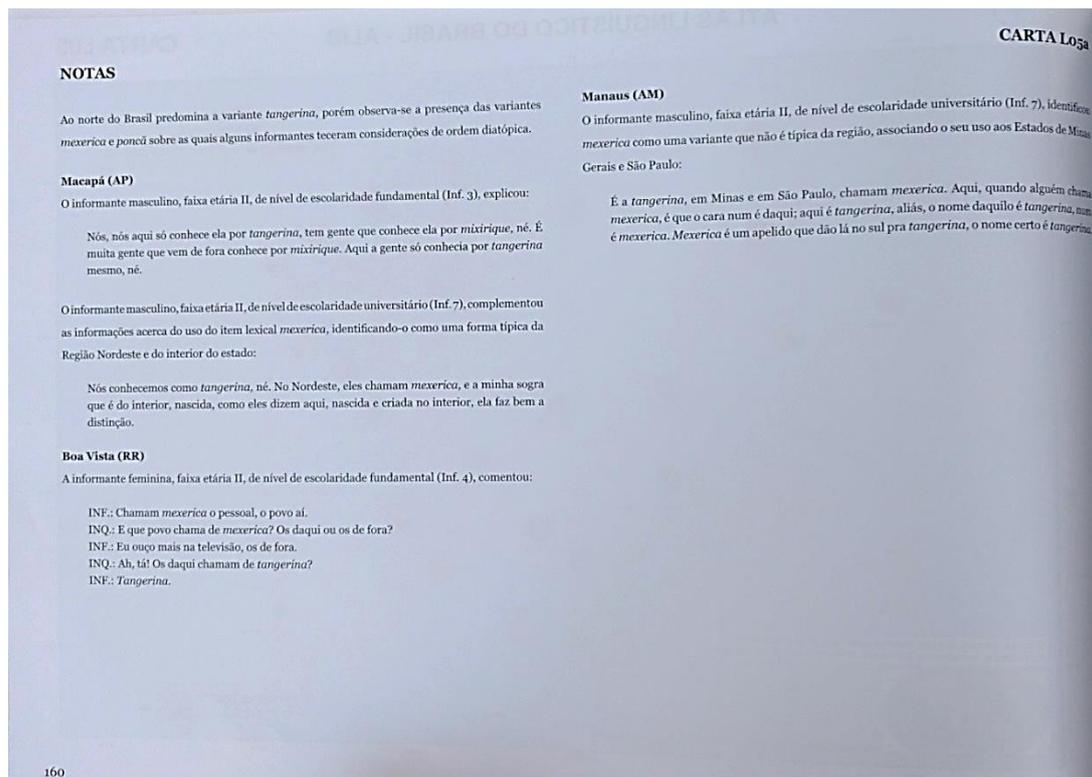
Fonte: ALiB (2014, vol. 1, p. 72)

Diferentemente dos atlas linguísticos “tradicionais”, de caráter rural, que não incluíam os grandes centros urbanos por conta dos objetivos linguísticos pretendidos, o ALiB, fundamentalmente urbano, enfrentou, na definição de sua rede de pontos, um grau maior de complexidade. Contando com o apoio de uma equipe técnica multidisciplinar, composta de antropólogos, historiadores, geógrafos, indigenistas, analisou-se o processo de povoamento e de desenvolvimento de cada área destinada à realização de entrevistas. Na determinação do número de pontos, por estado, ainda segundo Isquierdo e Teles (2014, p. 39), foram levados em conta critérios como: as

localidades sugeridas por Antenor Nascentes, em 1958, em seu trabalho *Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil*; a densidade demográfica; zonas dialetais resultantes de pesquisas anteriores; distribuição espacial, a fim de que os pontos não ficassem muito próximos entre si, mantendo um distanciamento minimamente homogêneo; importância da localidade para o rastreamento de bilinguismo/diglossia, levando-se em conta a localização em zona limítrofe internacional ou interestadual.

Mesmo partindo de diferentes critérios para verificação de caráter diatópico, o Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), iniciado no final do século XX, esteve amparado pelo avanços metodológicos da Geolinguística pluridimensional, cuja proposta não se restringia a uma perspectiva monodimensional, exclusivamente diatópica, estendendo seu alcance a parâmetros como o diagenérico (diferenças na fala de homens e mulheres), diageracional (diferenças entre falantes de distintas faixas etárias), diastrático (relacionado ao contexto socioeconômico do falante) e diafásico (diferenças referentes ao grau de formalidade, às variantes mais ou menos coloquiais). Assim, na publicação de 2014, as cartas são acompanhadas de informações e comentários que contextualizam a variação dentro de uma perspectiva pluridimensional (Figura 66).

Figura 66. Comentários sobre a variação pluridimensional.



Fonte: ALiB (2014, vol. 2, p. 160)

A variação, sob essa ótica, é melhor compreendida se os contextos geográfico e social forem considerados interdependentes. Tal confluência tem se feito notar nos atlas, não somente o brasileiro, mediante as variáveis sociais presentes na cartografia linguística. Cardoso (2010) cita autores como Rousselot, Milladert, Terracini, que, já entre o final do século XIX e início do XX, levavam em conta, na publicação de atlas linguísticos, o social. Indiscutivelmente, essa visão mais abrangente de variação, adotada posteriormente pelo ALiB, é representativa de uma perspectiva mais atual e adequada à realidade da língua, cujos usos dificilmente ficam limitados a fronteiras geográficas.

Considerados os objetivos desta tese, priorizou-se a variação diatópica, por conta do maior volume de dados disponibilizados pelo Atlas. Leva-se em conta o fato de serem necessários, para registro do léxico do idioma no dicionário, dados que forneçam o número maior possível evidências científicas quanto à aplicação de unidades lexicais em contextos específicos. Desse modo, o mapeamento dialetal, por sua abrangência e detalhamento no Atlas, ainda que restrito às capitais, ofereceu maior suporte para o tratamento da variação na análise dos dicionários e na elaboração do glossário. Vale destacar, contudo, que a seleção geográfica realizada, apesar de circunscrita às

principais cidades de cada estado, teve seu raio de alcance ampliado por conta, por exemplo, do fator projeção histórica, como foi o caso de Santa Cruz de Cabrália (ponto 101, no extremo sul da Bahia) Limoeiro do Norte (ponto 47, no Ceará) e União dos Palmares (ponto 74, em Alagoas).

As estratégias metodológicas para composição de um panorama dialetal tão amplo do Brasil tornam, enfim, o ALiB uma fonte expressiva e criteriosa de dados para a investigação aqui desenvolvida. Considerando-se a necessidade de contextualização dos dicionários no que diz respeito ao emprego das marcas caracterizadoras das variantes diatópicas no português brasileiro, os registros documentados pelos mapas foram utilizados não somente na análise, mas na elaboração do glossário, possibilitando tanto um olhar crítico acerca dos materiais quanto uma proposta de intervenção a partir do *Atlas*.

A importância do *Atlas Linguístico do Brasil* (2014), nesta pesquisa, estende, assim, seu alcance às publicações lexicográficas. A documentação dialetal inédita desenvolvida a partir de 1996 constituiu a primeira tentativa, no âmbito nacional, de descrição do português brasileiro. Com base em dados coletados, em pesquisas de *campo*, nas diversas regiões geográficas brasileiras, o ALiB envolveu a investigação de uma rede de pontos (Figura 65) que engloba o espaço geográfico brasileiro, desde o Oiapoque (ponto 001) até o Chuí (ponto 250). Insere-se, assim, no campo da variação linguística, mais especificamente da dialetologia e de uma metodologia geolinguística, e também no contexto da cartografia linguística, sendo resultado de questionários utilizados na entrevista a informantes oriundos de variados contextos sociais.

No caso desta tese, foram utilizados os dados gerados pelo Questionário semântico-lexical (QSL), com 202 questões, distribuídas por 14 áreas semânticas, das quais foram selecionadas 8, relacionadas a eixos temáticos diversificados cujos registros fossem frequentes em dicionários. Sem priorizar regionalismos, mediante o QSL, documentou-se a variação diatópica mais geral nas localidades visitadas, enfrentando-se situações desafiadoras também nessa etapa. A título de exemplo, Aguilera (2014, p.100) cita os campos que apresentaram maior número de não respostas ou respostas inadequadas: Astros e tempo; Atividades agropastoris; Fauna; Jogos e diversões infantis; Acidentes geográficos; Fenômenos atmosféricos; Corpo humano e alimentação e cozinha. Mesmo no caso daqueles não incluídos nessa lista houve ocorrências dignas de nota, como foi o caso do campo de Vestuário e acessórios, em que os homens

deixaram de responder sobre *rouge/blush*, tendo declarado conhecer apenas *pó de arroz* ou o hiperônimo, *maquiagem*.

Observadas as circunstâncias diversas e complexas que envolveram a confecção do *Atlas Linguístico do Brasil*, elegeu-se, assim, essa fonte de registros do léxico brasileiro como referência norteadora neste estudo, constituindo recurso essencial para resolver, inclusive, alguns “problemas” associados à definição lexicográfica. Com uma gama diversificada de informantes, foram contemplados, nas entrevistas necessárias ao preenchimento das questões semântico-lexicais do *Atlas Linguístico do Brasil*, indivíduos de duas faixas etárias, 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, e, nas capitais, quanto aos níveis de escolaridade, informantes com ensino fundamental incompleto e universitário. Assim, o questionário contém, além de perguntas cujo objetivo é a identificação da variação semântico-lexical, comentários e relatos pessoais.

A título de exemplificação, selecionou-se a carta referente à unidade **tangerina**, a fim de se apresentar a configuração do registro das variantes diatópicas. Como se pode observar, a unidade **tangerina** aparece em destaque na parte superior direita, elecando-se todas as variantes mais abaixo. No mapa, são distribuídos gráficos de frequência das variantes em cada capital, atribuindo-se a cada uma delas uma cor diferente a fim de facilitar a visualização. A pergunta do QSL está disponível no canto inferior esquerdo, possibilitando ao pesquisador verificar a questão utilizada nas entrevistas, cujas respostas são as unidades registradas.

Figura 67. Carta L05 – tangerina



Fonte: ALiB (2014, vol. 2, p.161)

A partir dos registros do questionário semântico-lexical do *Atlas Linguístico do Brasil* (2014), cotejam-se as informações dialetais fornecidas por este com a dos dicionários pesquisados. As unidades apresentadas pelo ALiB constituem uma fonte de registro lexical representativa do português brasileiro, uma vez que as unidades lexicais que aparecem como respostas às perguntas frequentes no uso do idioma, salvo raras exceções como “ruge” e “galinha d’angola”, por exemplo. O “aproveitamento” dessas unidades, nesta tese, ocorre não só no sentido de servir de base para uma análise metalexigráfica, mas para a construção glossário, apresentado na penúltima seção deste trabalho.

Como será possível notar, a lexicografia, a despeito do avanço do tempo e das novas tecnologias, mantém um vínculo secular com a tradição dos estudos prescritivistas acerca da língua. Entre definições mais ou menos extensas, pormenorizadas ou sucintas, menos ou mais científicas, observa-se uma tendência geral de identificar unidades dentro do espaço geográfico brasileiro, ainda restringindo a variação diatópica do português ao emprego de marcas como o “brasileirismo”. Ao lado disso, a variação dialetal ainda hoje tem sido pouco aproveitada, o que é perceptível pela pouca atenção dada às variantes e seus traços dialetais e socioletais distintivos. De um modo ou de outro, o tratamento da variação em obras lexicográficas, tanto monolíngues quanto bilíngues permanece tímido. Em alguns casos, é importante dizer, as obras mais antigas surpreendem nesse quesito pela atenção dispensada à diversidade linguística, mesmo numa época em que as ferramentas não eram tantas nem tão desenvolvidas.

Se por um lado, o suporte teórico das ciências naturais possibilitou a elaboração de definições mais precisas, com categorias fundamentadas em estudos científicos sobre as espécies de animais e plantas, a incorporação da variação ao dicionário não sofreu a mesma interferência das ciências linguísticas. Nesta avaliação metalexigráfica, buscase, assim, não somente apontar “defeitos” no âmbito dialetal, mas, principalmente, chamar atenção para um recurso que pode ser determinante na formulação de definições mais reais. Apresentam-se, enfim, as variantes investigadas, identificando-se as subseções com as áreas semânticas conforme constam nas cartas semântico-lexicais, seguidas das unidades lexicais associadas a estas, preservando-se a configuração

adotada pelo *Atlas Linguístico do Brasil*, logo, as variantes que intitulam as subseções são apontadas, em geral, pelo critério geográfico.

Considerando-se o fato de que se trabalha aqui também com obras bilíngues, serão fornecidas as traduções, quando necessário, das definições entre chaves []. Como são muitos os casos em que as publicações fornecem equivalentes lexicais, dispensando-se maiores explicações acerca do significado (a não ser em casos particulares), as traduções de definições parafrásticas serão disponibilizadas ao longo do texto da análise crítica. Quanto ao tratamento das variantes, adota-se o negrito para a aquela considerada, de acordo com o *ALiB*, mais geral e o itálico para as demais como em **bala** ~ *bombom* ~ *caramelo* ~ *confeito* ~ *queimado*. Enfim, nem todas as variantes foram encontradas no dicionário, listando-se nos quadros: exclusivamente as obras em que se encontraram registros; os trechos dos verbetes correspondentes à acepção que se desejava encontrar. Foram deixados de lado, portanto, os verbetes e acepções cujo sentido não tem a ver com o das unidades em variação. Na legenda dos quadros, utilizaram-se as abreviaturas DM e DB, respectivamente, para os dicionários monolíngues e bilíngues, a fim de diferenciar quadros com a mesma legenda descritiva.

7.1. ALIMENTAÇÃO E COZINHA

7.1.1 BALA

As variantes da unidade **bala** registradas pelo *ALiB* foram *bombom*, *caramelo*, *confeito*, *queimado*, e responderam à pergunta: “aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa?”. Entre os dicionários monolíngues, destaca-se a definição no *DVB* que, em 1889, já evidencia a variação lexical dialetal que somente virá a ser registrada nas publicações mais contemporâneas: o fato de *queimado* ser variante de **bala**, na Bahia, o que aparece nos registros do *ALiB*, associando-se diatopicamente essa variante ao município de Salvador. Apesar de nenhum dos dicionários fazer menção ao uso específico nessa cidade, tanto o *DVB* quanto o *NADCLP* aplicam a marca de uso BA (Bahia). No *NDLP* e *DOP*, atribui-se essa unidade ao contexto brasileiro, identificando-se com a marca de uso dialetal própria (Quadro 51). No *DOP*, emprega-se a noção de sinonímia (Quadro 49), sem nenhuma marca a respeito dos contextos de uso das

unidades sugeridas: rebuçado, bala, confeito. A unidade rebuçado, inclusive, não aparece entre as variantes registradas pelo *ALiB* e parece ter seu uso muito restrito no Brasil, estando mais vinculada ao português europeu.

Quadro 47. Verbetes bala (DM)

| | |
|--------------------|---|
| DVB (1889) | Bála , <i>s.f.</i> (<i>R. de Jan. e Prvs. merid.</i>) pequena pelota de assucar refinado em ponto vítreo e envolto em papel. É o que em Portugal e no Pará chamam <i>Rebuçado</i> ; na Bahia, <i>Queimado</i> ; em Pernambuco, Alagôas e outras províncias do norte, <i>Bóla</i> . <i>Étym.</i> Este confeito deve, sem duvida, seu nome à forma arredondada que lhe davam antigamente. Hoje ha <i>Balas</i> de todos os feitios. |
| GNDLP (1954) | BALA , s.m. [...] 4. Pequena pelota de açúcar refinado misturado com outras substâncias e solidificado em ponto vítreo; rebuçado [...] |
| DHLP (2009) | bala <i>f.</i> (1339) [...] 5 pequena guloseima de açúcar em ponto vítreo, ao qual se acrescentam ingredientes ou essências de vários sabores < <i>b. de hortelã</i> > 6 <i>p.ext.</i> guloseima doce de pequeno tamanho e consistência firme ou macia, de diversos tipos (drope, caramelo, jujuba etc.) [...] b. de goma CUL pequena guloseima feita de açúcar, amido, essência e corante; jujuba [...] © ETIM fr. <i>balle</i> 'trouxa, pacote' © COL balame © HOM <i>bala</i> (fl. bala) |
| NADCLP (2011) | bala (<i>ba</i> la) <i>sf.</i> 1. Bras. Pequeno doce feito de açúcar misturado e cozido com substâncias aromáticas ou medicamentosas, e solidificado, seja em consistência vítrea ou macia; CONFEITO; REBUÇADO [...] [F.: Do fr. <i>balle</i> .] [...] ~ delícia 1 Confeito feito com leite de coco, que se dissolve na boca. [...] |
| DOP (2009-2017) | Bala s.f. Pequena quantidade de açúcar misturada com substâncias aromáticas e solidificada, que se deixa dissolver na boca; rebuçado. |

Fonte: Beaufrepaire-Rohan (1889); Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 48. Verbetes bombom (DM)

| | |
|--------------------|--|
| DHLP (2009) | bombom <i>s.m.</i> (1899) CUL confeito ger. de chocolate, por vezes com cobertura de glace ou caramelado, podendo ou não vir com recheio (de fruta, amêndoa, licor etc.) © ETIM fr. <i>bombon</i> 'doce à base de açúcar' |
| NADCLP (2011) | bombom (bom. <i>bom</i>) <i>sm.</i> Cul. Guloseima de chocolate, às vezes com recheio de frutas, licor etc. [Pl.: -bons.] [F.: Do fr. <i>bombon</i> .] |
| DOP (2009-2017) | bombom <i>s.m.</i> Guloseima feita com açúcar, geralmente confeitada e revestida de chocolate |

Fonte: Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 49. Verbetes caramelo (DM)

| | |
|--------------------|---|
| DCLP (1881) | Caramello (ka-ra-mé-lu), <i>s.m.</i> [...] Assucar fundido que forma uma massa escura e porosa; chama-se também rebuçado. [...] |
| NDLP (1913) | caramelo <i>m.</i> [...] Confeição de açúcar, coagulada e porosa. [...] |
| GNDLP (1954) | CARAMELO , <i>s.m.</i> [...] 2. Confeição de açúcar, coagulada e porosa; rebuçado. 3. Confeição puxa-puxa, geralmente de chocolate, leite ou fruta. [...] |
| DHLP (2009) | caramelo <i>s.m.</i> (1593) [...] 5 <i>p.met.</i> CUL bala ('guloseima') feita com essa calda misturada à matéria graxa e aromatizada com essências variadas [...] © ETIM orig. contrv. |
| NADCLP (2011) | caramelo (ca.ra.me.lo) <i>sm.</i> [...] 2. Bala feita com essa calda. [...] |
| DOP (2009-2017) | caramelo <i>s.m.</i> Açúcar derretido e em parte decomposto pela ação do fogo. Bombom feito com açúcar assim preparado, ao qual se junta essência de frutas. Sinônimos de Caramelo Caramelo é sinônimo de: <u>rebuçado</u> , <u>bala</u> , <u>confeito</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 50. Verbetes confeito (DM)

| | |
|--------------------|--|
| DCLP (1881) | Confeito (kon-fei-tu), <i>s.m.</i> semente de erva doce ou outro pequeno fructo coberto com uma camada aderente de assucar. F. lat. <i>Confectus</i> . |
| NDLP (1913) | confeito , ¹ <i>m.</i> Pequena semente ou pevide, coberta de açúcar, preparada em xarope e sêca ao fogo. (Provavelmente do it. <i>confetto</i>) |
| GNDLP (1954) | CONFETO [...] CONFETO <i>s.m.</i> Pequena semente ou pevide, coberta de açúcar, preparada em xarope e sêca ao fogo: “Vasos de louça grosseira cheios de <i>confeitos</i> ou doces secos, alfêloa e frutas la de avamas poucas mas succulentas iguarias” (Herculano). |
| DHLP (2009) | confeito <i>adj.</i> (1500) [...] 4 <i>p.ext.</i> CUL bala ('doce'); rebuçado [...] ⊗ ETIM lat. <i>confectum</i> 'preparado' part.pas. de <i>conficio, is, fēci, fēctum, ficēre</i> 'preparar, confeccionar, fabricar', pelo it. <i>confetto</i> 'pequeno doce' ⊗ HOM <i>confeito</i> (fl. confeitar) |
| NADCLP (2011) | confeito (con-fei-to) <i>Cul. sm.</i> 1. Guloseima de açúcar em ponto vítreo, a que se adicionam sabor e cor artificiais; BALA; 9. BA Bala, caramelo. [F.: Part. de <i>queimar</i>] |
| DOP (2009-2017) | confeito <i>s.m.</i> Semente coberta de açúcar. [Por Extensão] Bala, rebuçado. Sinônimos de Confeito Confeito é sinônimo de: <u>bala, caramelo, rebuçado</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 51. Verbetes queimado (DM)

| | |
|--------------------|---|
| DVB (1889) | Queimado (1º), <i>s.m.</i> (<i>Bahia</i>) o mesmo que <i>Bala</i> . |
| NDLP (1913) | queimado , ² <i>m.</i> <i>Braz.</i> O mesmo que <i>bala</i> ² ou <i>rebuçado</i> . |
| GNDLP (1954) | QUEIMADO [...] QUEIMADO , <i>s.m.</i> [...] 4. Bala, rebuçado |
| DHLP (2009) | queimado <i>adj.</i> (1065) [...] 13 BA bala (cul) <comprou um real de q. na venda> [...] ⊗ ETIM part. de <i>queimar</i> |
| DOP (2009-2017) | queimado <i>adj.</i> [...] [Brasil] Bala caramelada. |

Fonte: Beaupaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011)

Predominam nos dicionários bilíngues as definições por equivalentes, com exceções em que se apresenta uma breve explicação, como em ‘piece of hard candy’ [pedaço de doce duro] (Quadro 52) ou, nas definições fornecidas por Transtagano (1773) e Michaelis (1923) quase tautológicas, ‘also a kind of sweetmeat made of sugar’ [também um tipo de doce feito de açúcar] (Quadro 54). Em nenhum dos dicionários consultados foi encontrado registro da unidade *queimado*, que tem seu uso restrito a Salvador, segundo indicação do *Atlas Linguístico do Brasil*. Interessa observar , a

respeito dessa variável linguística, que unidades que estão em variação para alguns contextos sociais ou geográficos podem não estar para outros. No caso específico de **bala** ~ *bombom* ~ *caramelo* ~ *confeito* ~ *queimado*, há registros de *caramelo*, em Campo Grande e Cuiabá, como resposta para a mesma pergunta que foi respondida com a unidade *bombom* em cidades do norte do país.

Não somente nas publicações bilíngues, mas também nas monolíngues, registram-se definições em que se notam traços distintivos que distanciam semanticamente as unidades. Sobre **bala**, as descrições a definem como ‘pequena pelota de assucar refinado em ponto vítreo’ (DVB) ou, mais contemporaneamente, ‘pequena guloseima de açúcar em ponto vítreo’ (DHLP), tendo em comum o “ponto vítreo”. Já no caso de *caramelo*, aparecem ‘assucar fundido que forma uma massa escura e porosa’ (DCLP) ou ‘bala feita com essa calda misturada à matéria graxa e aromatizada com essências variadas’ (DHLP). Os bilíngues por sua vez, ao definirem *caramelo*, utilizam o equivalente idêntico em inglês, e não somente *candy* ou ‘hard candy’, como aparece na definição de **bala**. Nota-se que a perspectiva adotada pelos dicionários, dessa maneira, não é compatível com um estado de variação entre as unidades identificadas pelo ALiB. Apesar de se defender, neste trabalho, a utilização da marca de uso dialetal como recurso diferenciador importante na construção das definições, é preciso reconhecer que nem sempre o registro da variação dialetal será o caminho.

Quadro 52. Verbetes *bala* (DB)

| | |
|-------------|--|
| JT (1970) | bala (<i>f</i>) [...] piece of hard candy [...] |
| BC (1991) | bala , <i>n.f.</i> [...] hard candy [...] |
| ONPD (2008) | bala / <i>bala/f</i> [...] (doce) sweet. |
| AM (2010) | bala / <i>bala/nf1</i> piece of (hard) candy [...] |
| LIN(2017) | bala substantivo, feminino (plural: balas) bullet <i>s</i> (frequentemente utilizado) (plural: bullets) [...] <i>menos frequentes:</i> candy <i>s</i> [...] |

Fonte: Taylor (1970), Oxford (2008), Chamberlain (1991), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 53. Verbete bombom (DB)

| | |
|---------------|---|
| RPP (1943) | bom-bom' <i>m.</i> bonbon |
| TM (1964) | bombom [bon'bon] <i>m.</i> chocolate (sweet) |
| JT (1970) | bombom (<i>m.</i>) bonbon. |
| LIN(2017) | bombom <i>substantivo, masculino</i> bonbons candy's |

Fonte: McKays (1943), Lamb (1964), Taylor (1970), Linguee (2017)

Quadro 54. Verbete caramelo (DB)

| | |
|---------------|---|
| AVT (1773) | <i>CARAMELO</i> , s.m. ice; also a kind of sweetmeat made of sugar. |
| HM (1923) | Caramelo , <i>m.</i> [...] caramel, burnt sugar; a kind of sweetmeat made of sugar. |
| RPP (1943) | ca-ra-me'-lo <i>m.</i> caramel; caramel candy [...] |
| TM (1964) | caramelo [kã-rã-me'loo] <i>m.</i> caramel. |
| JT (1970) | caramelo (<i>m.</i>) caramel candy [...] |
| LIN(2017) | caramelo <i>substantivo, masculino</i> caramels (<i>frequentemente utilizado</i>) |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), McKays (1943), Lamb (1964), Taylor (1970), Linguee (2017)

Quadro 55. Verbete confeito (DB)

| | |
|---------------|--|
| AVT (1773) | <i>CONFITOS</i> , s.m.p. comfits, sugar-plumbs. |
| HM (1923) | Confeit [...] ~os, <i>m. pl.</i> comfits, sugar-plumbs. [...] |
| RPP (1943) | con-fei'-to <i>m.</i> candy, sweets. |
| JT (1970) | confeito (<i>m.</i>) comfit; sweetmeat, candy, pastry; sugar-coated almond. |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), McKays (1943), Taylor (1970)

7.2.ATIVIDADES AGROPASTORIS

7.2.1 AIPIM

Na área temática das atividades agropastoris, aparecem, como variantes de **aipim**, *macaxeira* e *mandioca* (CARDOSO et al., 2014, p. 185), que, no questionário, servem de resposta à pergunta “Como se chama aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?” Há, contudo, uma peculiaridade aí presente no que diz respeito à *mandioca*, a variante utilizada amplamente no Brasil, conforme registro do *Atlas Linguístico do Brasil*, responde a diferentes denominações: “raiz não venenosa consumida frita, assada ou cozida, e de que também se fazem doces e bolos” (carta L08) e “raiz venenosa usada apenas na produção de farinha e ração animal” (carta L09) . Sendo assim, a variável linguística em que as unidades aparecem como variantes precisa ser relativizada, levando-se em conta o contexto dialetal. Enquanto em Belém, por exemplo, registram-se as três variantes associadas à acepção 1, no restante do país observam-se ou o predomínio de uma das variantes ou a coocorrência entre duas.

A respeito da definição, observando-se os registros nos dicionários monolíngues, nota-se que somente em Hoauiss (2009) e Aulete (2011) , no quadro 58, a definição de *mandioca* considerará sua propriedade de ser venenosa, por isso mesmo, devendo ser reconsiderada a compatibilidade semântica entre essa e outras unidades consideradas de igual significado. São atribuídos “sinônimos” a essa unidade, sem se considerar a questão dialetal como essencial à compreensão de uma relação de variação entre as unidades *mandioca* ~ *macaxeira* ~ *aipim*. Como se nota no quadro 57, os dicionários lançam mão de marcas de uso dialetais na definição de *macaxeira*, o NDLP utiliza “brasileirismo do norte”; o DHLP aplica “brasileirismo do norte e nordeste” e “mesmo que *mandioca*”; o DOP também emprega “brasileirismo” e “nordeste” como marcas diatópicas, com remissões ao verbete *mandioca* e sem de detalhamento a respeito dos aspectos semânticos envolvidos.

Quadro 56. Verbetes aipim (DM)

| | |
|---------------|--|
| DCLP (1881) | Aipim (âi-pin), s.m. (bot.) raiz tuberosa, da especie da mandioca, porém doce. No norte do Brasil chama-se <i>macaxeira</i> . (Dr. A. H. Leal) |
| DVB (1889) | Aipim , s.m. (<i>Provs. merid.</i>) planta brasileira da família das Euforbiáceas (<i>Manihot Aypi</i>), cuja raiz assada ou cozida é excelente alimento. Em Pernambuco e d'ahi até o Pará lhe chamam <i>Macaxeira</i> . Etym. Do tupi <i>Aipi</i> , que Montoya e Léry escreveram <i>Aypi</i> . |
| NDLP (1913) | aipim m. Planta brasileira. Mandioca doce. (De <i>aipo</i> ?) |
| GNDLP (1954) | AIPIM , ou AYPIM , s.m. Tupi <i>ayi-pii</i> . Planta da família das euforbiáceas, cuja raiz produz farinha alimentar, vinho e álcool; mandioca doce, macaxeira (<i>Manihot pamlata</i> , Muell. Arg.). |
| DHLP (2009) | aipim s.m. (a1576) 1 ANGIOS arbusto de até 4 m (<i>Manihot palmata</i>), da fam. das euforbiáceas, de folhas partidas, pequenas flores amarelas ou violáceas e frutos capsulares; macaxeira, macaxera, mandioca, mandioca-doce, mandioca-mansa [Nativo do Brasil, é muito semelhante à mandioca (<i>Manihot esculenta</i>) e tb. cultivado, com inúmeras variedades, pelas raízes tuberosas, de elevado teor alimentício e ger. menos venenosas.] 2 ANGIOS raiz dessa planta, consumida frita, assada ou cozida e de que tb. se fazem doces e bolos; macaxeira, macaxera, mandioca, mandioca-doce, mandioca-mansa 3 ANGIOS m.q. mandioca (<i>Manihot esculenta</i> , 'raiz') [...] SIN/VAR nas acp. 1, 2 e 3: aipi, aimpim, impim, ipim |
| NADCLP (2011) | aipim (a.i.pim) sm. Bot. O mesmo que <i>mandioca</i> . [Pl.: -pins.] [F.: Do tupi <i>ai'pi</i> .] |
| DOP | Aipim s.m. [Brasil] Planta de cujos tubérculos se aproveitam as propriedades alimentares, extraindo farinha, polvilho, bebidas ou servindo-os cozidos; mandioca, macaxeira. (Var.: aipi.) (Família das euforbiáceas.) Aipim é sinônimo de: mandioca |

Fonte: Aulete (1881), Beaurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 57. Verbetes macaxeira (DM)

| | |
|-----------------|--|
| NDLP (1913) | macaxeira f. Bras. do N. Mandiva raspada. macaxera f. O mesmo que <i>macaxeira</i> |
| GNDLP (1954) | MACACHEIRA , s. f. Grafia errônea de <i>macaxeira</i> . MACACHERA , s. f. Grafia errônea de <i>macaxera</i> . MACAXEIRA , s. f. Mandiba raspada. 2. Planta da família das euforbiáceas, também chamada <i>mandioca doce</i> , <i>aipim</i> (<i>Manihot palmata</i> , Muell. Arg.) |
| DHLP (2009) | macaxeira s.f. (1608) ANGIOS B N. B N.E. 1 m.q. mandioca (<i>Manihot esculenta</i> , 'raiz') 2 m.q. ¹ aipim (<i>Manihot palmata</i> , 'raiz') © ETIM tupi <i>maka'xera</i> 'mandioca mansa, aipim' © COL macaxeiral, macaxeral |
| NADCLP (2011) | macaxeira (ma.ca.xei.ra) sf. N.E. Bot. Ver <i>mandioca</i> (1 e 3) [F: Do tupi <i>maka'sera</i> .] |
| DOP (2009-2017) | macaxeira s.f. [Brasil: Nordeste] O mesmo que <i>mandioca</i> ou <i>aipim</i> . |

Fonte: Figueiredo (1913), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 58. Verbetes mandioca (DM)

| | |
|-----------------|---|
| DCLP (1881) | Mandioca (man-di-ô-ka), <i>s. f.</i> (bot.) planta do Brasil da família das euforbiáceas (<i>Jatropha manihot</i>), chamada também sacymandia, maniva, manuba e manduba. A raiz d' esta planta formada de grandes tuberculos carnudos e ovaes de que se extrai a fécula alimenticia chamada farinha de pau e tapioca. (Bot.) Pequena planta do Brasil da familia das oxalídeas (<i>oxatis mandioccana</i>). (Pop.) Qualquer comida; comezaina. |
| DVB (1889) | Mandiôca , <i>s. f.</i> planta do genero <i>Manihot</i> (<i>M. utilisissima</i>) da familia das Euphorbiaceas, da qual há muitas especies. |
| NDLP (1913) | mandioca <i>f.</i> Planta euforbiácea do Brasil, (<i>Jatropha manihot</i>). *Raiz, de que se faz farinha e polvilho. Pop. Aquillo que se come, aquillo que é comestível. Acto de comer. |
| GNDLP (1954) | MANDIOCA , <i>s. f.</i> Planta do Brasil, da familia das euforbiáceas, chamada também <i>maniva</i> , <i>manuba</i> e <i>manduba</i> (<i>Manihot utilisissima</i>). 2. A raiz desta planta, formada de grandes tubérculos carnudos e ovaes de que se extrai a fécula alimenticia chamada <i>farinha de pau e tapioca</i> . |
| DHLP (2009) | <i>s. f.</i> (1549) 1 ANGIOS arbusto (<i>Manihot esculenta</i>) da fam. das euforbiáceas, nativo da América do Sul, de folhas membranáceas, inflorescências ramificadas e frutos capsulares, cultivado pelas raízes tuberosas, muito semelhantes às do aipim e tb. ricas em amido e de largo emprego na alimentação, embora sejam ger. mais venenosas e freq. us. apenas para a produção de farinha de mandioca, farinha-d'água e ração animal 2 ANGIOS raiz dessa ♦ ETIM tupi <i>mandi'oka</i> 'id.' □ SIN/VAR nas acp. 1 e 2: aipi, aipim, castelinha, ipim, macamba, macaxeira, macaxera, mandioca-brava, mandioca-doce, mandioca-mansa, maniva, maniveira, mucamba, pão-de-pobre, tapioca, uaipi ♦ COL mandiocal |
| NADCLP (2011) | mandioca (man.di.o.ca) <i>sf. 1. Bras.</i> Planta lactescente, da fam. das euforbiáceas (<i>Manihot esculenta</i>), nativa da América do Sul, cujos grossos tubérculos, ricos em amido, são us. para fazer farinha de mesa e como ração animal (os tubérculos quando crus são venenosos por conterem ácido cianídrico, o qual é destruído no processo de lavagem, cozimento e torrefação); MACAXEIRA; MANDIOCA-BRAVA 2. <i>Bot.</i> Tubérculo dessa planta; MACAXEIRA; MANDIOCA-BRAVA 3. Arbusto da fam. das euforbiáceas (<i>Manihot palmata</i>), nativo do Brasil, tb. cultivado pelos tubérculos, semelhantes aos da sp. <i>M. esculenta</i> , porém não venenosos; AIPIM; MACAXEIRA; MANDIOCA-DOCE; MANDIOCA-MANSA 4. Tubérculo dessa planta; AIPIM; MACAXEIRA; MANDIOCA-DOCE; MANDIOCA-MANSA <i>sm.</i> [...]. |
| DOP (2009-2017) | mandioca <i>s. f.</i> Gênero de plantas euforbiáceas, que compreende arbustos da América, cuja raiz fornece uma fécula nutritiva, de que se faz a tapioca. Sinônimos de Mandioca Mandioca é sinônimo de: <u>aipim</u> |

Fonte: Aulete (1881), Beaurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Considerado pelos dicionários de 1773, 1923 e 2009 como unidade léxica típica do Brasil, **aipim** surge no contexto lexicográfico bilíngue com variantes lexicais aipyi (1773), aipim, aipii (1923). Também, nessas obras, são feitas remissões à “machaxera” e “macuxeza”, respectivamente, assim como em Taylor (1970) que remete à “macaxeira” e também à “mandioca”. Nos dicionários contemporâneos, o sistema de remissão não é predominante, mesmo no caso em que todas as variantes foram registradas. Esse recurso promove uma ligação entre verbetes, facilitando a pesquisa dos consulentes, por meio da associação entre unidades compatíveis semanticamente. Além

disso, a nota remissiva pode ser aplicada quando há necessidade de entradas distintas e localizadas em posições diferentes de uma publicação lexicográfica organizada dentro de uma estrutura semasiológica em ordem alfabética, ficando dependente, contudo, do espaço disponível no caso de obras impressas. No tratamento da variação lexical em dicionários, a remissão pode exercer uma função determinante, uma vez que permite a associação de variantes situadas em diferentes posições da lista de entradas.

Quadro 59. Verbetes aipim (DB)

| | |
|-------------|--|
| AVT (1773) | <i>AIPYI</i> , an herb in the Brasils, whose roots serves to make bread and wine. There are several kinds of it; but the better is one called by them machaxera. |
| HM (1923) | Aipim, Aipii , m. (<i>bot.</i>) (in the Brazils) sweet manioc which is eaten roasted; there are several sorts of it, the best one is called <i>macuxeza</i> . |
| RPP (1943) | ai-pim m. cultivated cassava, table manioc. |
| JT (1970) | aipim (m., <i>Bot.</i>) the aipi cassava (<i>Manihot aipi</i>), c.a. MACAXEIRA, MANDIOCA-DOCE. Cf. MANDIOCA. |
| BC (1991) | aipim , n.m. sweet manioc |
| ONPD (2008) | aipim /aj`pĩ/ m cassava |
| AM (2010) | aipim /ay`pĩ/ nm cassava, manioc |
| LIN (2017) | aipim substantivo masculino manioc (<i>frequentemente utilizado</i>) cassava |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), McKays (1943), Taylor (1970), Oxford (2008), Chamberlain (1991), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 60. Verbetes macaxeira(DB)

| | |
|------------|--|
| JT (1970) | macaxe[j]ra = AIPIM |
| LIN (2017) | macaxeira substantivo feminino cassava |

Taylor (1970), Oxford (2008), Linguee (2017)

Quadro 61. Verbetes mandioca (DB)

| | |
|-------------|--|
| AVT (1773) | <i>MANDIOCA</i> , s.f. a root in the province of Brasil, like a carrot or parsnip but bigger. The Indians dry and grind them, and of the meal make their common bread, as do most of the Portuguese. |
| HM (1923) | Mandioca , f. (<i>bot.</i>) manioc, manihot; <i>farinha de ~</i> , flour of manioc. |
| RPP (1943) | man-di-o'-ca f. manioc. |
| TM (1964) | mandioca [man-dee-o'kã] f. manioc; cassava; tapioca. |
| JT (1970) | macaxe[i]ra = AIPIM mandioca (f., <i>Bot.</i>) the common or bitter cassava (<i>Manihot esculenta</i>), of great economic importance in Brazil. [The food staple FARINHA DE MANDIOCA (manioc meal) is made from this species, the tubers of which must first be roasted to expel the poisonous hydrocyanic acid. It is also the source of tapioca]. – doce, c.a. MACAXEIRA, is the sweet or aipi cassava (<i>Manihot aipi</i>). [Its long, non-poisonous tubers are boiled and eaten like potatoes] – brava = FAVELEIRO. |
| BC (1991) | mandioca , n.f. manioc, cassava. |
| ONPD (2008) | mandioca /mãdʒioka/ f manioc |
| AM (2010) | mandioca /mãdʒioka/ nf manioc, cassava |
| LIN (2017) | macaxeira <i>substantivo feminino</i> cassava |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), McKays (1943), Taylor (1970), Oxford (2008), Chamberlain (1991), Marques (2010), Linguee (2017)

Quanto às definições, a restrição de espaço precisa ser sopesada em obras como *The Oxford New Portuguese Dictionary* (2008), onde somente a definição sinonímica, por meio de equivalente, é empregada. Mesmo havendo um argumento favorável ao uso da equivalência, trata-se de um tipo de definição pouco esclarecedor e demanda o emprego de marcas de uso que identifiquem o contexto de cada uma das equivalências apresentadas. No caso de equivalentes que também sejam variantes, a marca de uso indicadora do tipo de variação passa a ser essencial. Num volume de recepção/decodificação (cuja direção é língua-alvo → língua-fonte), se é feita remissão em **mandioca** à entrada *aipim*, por exemplo, é fundamental que se especifique a relação de variação existente, que compatibiliza as duas variantes, mas que as distancia pelos usos distintos, sejam eles de ordem diatópica, diastrática ou outra.

Em Transtagano (1773), nota-se um modelo de definição lexicográfica ou taxionômica, em que ao *genus* “herb” (erva) é adicionada a *differentia* “whose roots serves to make bread and wine” (cujas raízes servem para fazer pão e vinho). Adicionalmente, lança-se mão da definição extensiva, sendo elencados elementos relacionados ao lema “aipim”: “There are several kinds of it; but the better is one called machaxera” (Há vários tipos, mas o melhor é chamado macaxeira).

As demais definições apostam nos equivalentes “manioc” e “cassava”, ambas utilizadas como aipim/mandioca na definição de **aipim**, sem que seja feita nenhuma menção à polêmica utilização desse item no Brasil. Na carta semântico-lexical referente a essa lexia, no *ALiB* (2014, p. 184-185), nota-se que a utilização das variantes é diversificada no território brasileiro. Prevalece no Sudeste e Sul a utilização de *mandioca* e/ou **aipim** ou alguns casos em que a variação não existe, como em Porto Alegre, onde se registra apenas **aipim**. No Norte e Nordeste aparecerá a variante *macaxeira*, ora coocorrendo com **aipim**, ora com *mandioca* ou como variante categórica da capital (caso de Manaus). Destaca-se o fato de que em muitas regiões *mandioca* e **aipim** não são variantes, uma vez aquela surge como resposta à questão “Como se chama uma raiz que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?”.

O quadro variacional retratado no *Atlas Linguístico do Brasil* acerca da unidade **aipim** confirma a necessidade de se repensar o tratamento da variação também em dicionários bilíngues, uma vez que a definição de algumas lexias próprias ao português brasileiro demanda uma configuração microestrutural que dê conta das nuances comunicativas tão indispensáveis à compreensão de um lema, que exige mais do que tentativas de definir. Principalmente no que diz respeito a lexias próprias de um contexto cultural particular, torna-se cada vez mais imprescindível uma caracterização variacional que oriente o consulente adequadamente. No caso de **aipim**, *mandioca* e *macaxeira*, a relação variacional já observada nas primeiras obras analisadas, estende-se à contemporaneidade e conta com o suporte de fontes de dados sobre a língua em uso, como é o caso do *ALiB*.

7.2.2 EXTREMIDADE DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA (PONTA ROXA NO CACHO DA BANANA)

Nesse caso, tem-se uma construção descritiva da parte do cacho da bananeira para a qual se desejou encontrar as unidades lexicais correspondentes nas entrevistas. Com a pergunta no questionário semântico-lexical: “como se chama a ponta roxa no cacho da bananeira?” (carta L07), são registradas as seguintes variantes pelo *ALiB*: mangará, umbigo, flor (da banana, da bananeira), coração (da bananeira, do boi, do cacho), pendão, buzo da bananeira, mangai, pêndulo, buzina. Dessas, foram encontradas no dicionário apenas as listadas nos quadros 62, 63 e 64.

Quadro 62. Verbetes mangará (DM)

| | |
|-----------------|--|
| DCLP (1881) | Mangará (man-gha-rá), s.m. (bot.) a tubera de que nascem certas plantas do Brazil: O mangará da bananeira. |
| DVB (1889) | Mangará (2 ^o), s.m. (Pern.) ponta terminal da inflorescência da bananeira, constituída pelas brácteas que cobrem as pequenas pencas de flores abortadas (Glaziou). |
| NDLP (1913) | mangará, ² m. Bras. Ponta terminal da inflorescência da bananeira. |
| GNDLP (1954) | MANGARA, s.m. Ponta terminal da inflorescência da bananeira. |
| DHLP (2009) | mangará s.m. (c1584) 1 angios m.q. mangarito ('designação comum') 2 morf.bot B.N.E. infm. extremidade bulbosa da inflorescência da bananeira, roxa ou castanho-avermelhada; buzina, coração ⊙ etim tupi mangá'ra 'planta da fam. das aráceas' ⊙ hom mangará(fl.mangar) |
| NADCLP (2011) | mangará (man.ga.rá) sm. l. Bras. N.E. Ponta terminal da inflorescência da bananeira [...] |
| DOP (2009-2017) | mangará [...] sm[Regionalismo: Nordeste] Parte terminal da inflorescência da bananeira; umbigo.(tupi mangará) |

Fonte: Aulete (1881), Beaurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 63. Verbetes buzina (DM)

| | |
|-------------|--|
| DHLP (2009) | buzina s.f. (s.XIV) [...] 10 MORF.BOT ES infm. m.q. mangará ('extremidade') ⊙ ETIM lat. <i>bucina</i> , ae 'trombeta, buzina' ⊙ HOM <i>buzina</i> (fl.buzinar) |
|-------------|--|

Fonte: Houaiss (2009)

Quadro 64. Verbetes mangará (DB)

| | |
|-----------|--|
| JT (1970) | mangará (m., Bot) [...] the inflorescence at the end of a banana stalk, c.a. CORAÇÃO [...] |
|-----------|--|

Fonte: Taylor (1970)

Como se nota, o *mangará* esteve presente em todos os monolíngues consultados, recebendo, em alguns deles, a marca dialetal “brasileirimo” e “nordeste”, como foi o caso dos NDLP, DHLP, NADCLP e o DOP, este com a marca “regionalismo”, em lugar de “brasileirismo”. Os critérios de utilização das marcas não ficam muito claros, mas, de algum modo, os dados se comunicam com os retratados pelo ALiB, em que *mangará*

aparece como variante bastante utilizada no nordeste do país, mais especificamente em João Pessoa, Natal, Fortaleza, São Luís e Teresina. Por outro lado, no norte também essa unidade é registrada, como consta no *Atlas Linguístico do Brasil*, mas em nenhum dos dicionários é detectada essa ocorrência. O único monolíngue a registrar outra variante foi o DHLP, em que se encontra buzina com remissão para mangará (m.q. = mesmo que).

7.2.3 TANGERINA

No que diz respeito à fruta **tangerina**, tem-se a seguinte pergunta no questionário semântico-lexical “Como se chamam as frutas menores que a laranja, que se descacam com a mão e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?” (carta L05). As variantes registradas no *ALiB* foram: *mexerica*, *poncã*, *maricote*, *laranja-cravo*, *tanja*, *carioquinha*, *bergamota*, *mimosa*. Nos dicionários monolíngues, **tangerina** e *bergamota* foram as variantes registradas pelo maior número de obras, só não aparecem no DVB. Quanto às demais, registram *mexerica* o GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP. *Poncã* aparece no DHLP e NADCLP, enquanto *laranja-cravo* está no GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP. Finalmente, *mimosa* só é lematizada por DHLP e NADCLP. Diante dos outros, o DOP se destaca pelas muitas variantes apresentadas, ainda que sob o rótulo de “sinônimos” (Quadro 65, 66 e 69). Além disso, somente esse dicionário associa o uso de **bergamota** ao estado do Rio Grande do Sul, constituindo uma marca dialetal importante e condizente com registro do *ALiB*.

Quadro 65. Verbetes tangerina (DM)

| | |
|-----------------|--|
| DCLP (1881) | Tangerina (ta-je-ri-na), <i>s.f.</i> (bot.) fructo da tangerineira tambem chamado laranja tangerina. F. r. <i>Tanger</i> (cidade do norte da Africa). |
| NDLP (1913) | tangerina <i>f.</i> Espécie de laranja pequena, muito aromática. (De <i>tangerino</i>) |
| GNDLP (1954) | TANGERINA , <i>s.f.</i> De <i>tangerino</i> . Espécie de laranja pequena, muito aromática; laranja-cravo (<i>Citrus nobilis</i> , Lour.) |
| DHLP (2009) | tangerina <i>s.f.</i> (1844) 1 ANGIOS fruto da tangerineira; bergamota, laranja-cravo, laranja-mimosa, mandarina, mexerica, mimosa, tangerina-cravo, tangerina-do-rio, vergamota 2 ANGIOS m.q. <i>tangerineira</i> (<i>Citrus reticulata</i>) 3 ENT CE m.q. <i>libélula</i> ⊙ ETIM da expr. (<i>laranja</i>) <i>tangerina</i> , fem. de ' <i>tangerino</i> |
| NADCLP (2011) | tangerina (tan.ge.ri.na) <i>sf.</i> 1. <i>Bot.</i> O fruto da tangerineira; fruta cítrica, pouco ácida, cuja casca se solta facilmente dos gomos; MANDARINA; MEXERICA; MIMOSA 2. <i>Bot.</i> O mesmo que <i>tangerineira</i> (<i>Citrus reticulata</i>). 3. <i>CE Ent.</i> Ver <i>libélula</i> . [F.: Substv. do adj. fem. <i>tangerina</i> na expr. <i>tangerina de Tânger</i> , do top. <i>Tânger</i> .] |
| DOP (2009-2017) | tangerina Significado de Tangerina <i>s.f.</i> Fruto da tangerineira, de cor laranja e sabor cítrico, cuja casca desprende-se com facilidade dos gomos; mexerica, bergamota, fuxiqueira. (Etm. Fem. de <i>tangerino</i>) Sinónimos de Tangerina Tangerina é sinónimo de: <u>mexerica</u> , <u>laranja-mimosa</u> , <u>mandarina</u> , <u>poncã</u> , <u>laranja-cravo</u> , <u>mimosa</u> , <u>bergamota</u> , <u>clementina</u> |

Fonte: Aulete (1881), Beaurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 66. Verbetes mexerica (DM)

| | |
|-----------------|---|
| GNDLP (1954) | MEXERICA , <i>s.f.</i> Laranja-cravo, tangerina. |
| DHLP (2009) | mexerica <i>s.f.</i> (s.XX) ANGIOS 1 m.q. <i>tangerina</i> ('fruto') 2 m.q. <i>tangerineira</i> (<i>Citrus reticulata</i>) 3 m.q. <i>loureiro-de-jardim</i> ('designação comum') 4 m.q. <i>pixirica</i> (<i>Clidemia hirta</i>) ⊙ ETIM regr. de <i>mexericar</i> ⊙ HOM <i>mexerica</i> (fl. <i>mexericar</i>) |
| NADCLP (2011) | mexerica (me.xe.ri.ca) <i>Bot. sf.</i> 1. O mesmo que <i>tangerina</i> . 2. O mesmo que <i>tangerineira</i> . [F.: Dev. de <i>mexericar</i> . Hom./Par.: <i>mexerica</i> (sf.), <i>mexerica</i> (fl. de <i>mexericar</i>).] |
| DOP (2009-2017) | mexerica <i>s.f.</i> Tangerina. Tangerina-cravo (<i>Citrus deliciosa</i>). Sinónimos de Mexerica Mexerica é sinónimo de: <u>tangerina</u> , <u>bergamota</u> |

Fonte: Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 67. Verbetes poncã (DM)

| | |
|---------------|---|
| DHLP (2009) | poncã <i>s.m.</i> AGR. variedade de tangerina, grande e de casca frouxa, originária do Japão ⊕ GRAM/USO empr. tb. apositivamente ⊕ ETIM jap. <i>ponkan</i> |
| NADCLP (2011) | poncã (pon.cã) <i>sm.</i> 1. <i>Bras. Agr.</i> Variedade de tangerina graúda e de casca frouxa, originária do Japão. [F.: Do jap. <i>ponkan</i> .] |

Fonte: Houaiss (2009), Aulete (2011)

Quadro 68. Verbetes laranja-cravo (DM)

| | |
|-----------------|--|
| GNDLP (1954) | LARANJA [...] LARANJA-CRAVO, <i>s.f.</i> Arvore da familiadas auranciáceas (<i>Citrus nobilis</i> , Loureiro). 2. O fruto da mesma árvore, conhecido também por <i>tangerina</i> e <i>mexeriqueira</i> . |
| DHLP (2009) | laranja-cravo <i>s.f.</i> ANGIOS B1 m.q. <i>tangerina</i> ('fruto') 2 m.q. <i>tangerineira</i> (<i>Citrus reticulata</i>) ⊕ GRAM pl.: <i>laranjas-cravos</i> e <i>laranjas-cravo</i> |
| NADCLP (2011) | laranja-cravo (la.ran.ja-cra.vo) <i>sf.</i> 1. <i>Bras.</i> O mesmo que <i>tangerina</i> 2. Bot. O mesmo que <i>tangerineira</i> (<i>Citrus reticulata</i>) [Pl.: <i>laranjas-cravos</i> e <i>laranjas-cravo</i> .] |
| DOP (2009-2017) | laranja-cravo Ainda não temos o significado de laranja-cravo . Mas você pode ajudar a melhorar o Dicio sugerindo uma <u>definição</u> . |

Fonte: Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 69. Verbetes bergamota (DM)

| | |
|-----------------|---|
| DCLP (1881) | Bergamota (ber-gha-mó-ta), <i>s.f.</i> (<i>bot.</i>) planta da família das labiadas, odorifera, de folhas ovaes e flores vercilladas (<i>mentha arvensis</i>). Variedade de pera muito sumarenta e aromática. Fructo de uma variedade de limoeiro (<i>citrus limetta</i>), de cujo sumo se extrai a essencia do mesmo nome com que se aromatizam varios cosméticos. F. turc. <i>Berg armuth</i> , pera do senhor. |
| NDLP (1913) | bergamota <i>f.</i> Planta odorifera, da fam. das labiadas. Espécie de pêra sumarenta. Espécie de limoeiro, de cujo fructo se extrai essencia aromática para cosméticos. * <i>T. da Guarda</i> . Espécie de pêra. (De <i>Bérgamo</i> , n.p.) |
| GNDLP (1954) | BERGAMOTA , <i>s.f.</i> 3. Variedade de limão de que se extrai uma essencia muito aromática para cosméticos (<i>Citrus limetta</i>). |
| DHLP (2009) | bergamota <i>s.f.</i> (a1608) ANGIOS SC RS m.q. <i>tangerina</i> ('fruto') ⊕ GRAM/USO na acp. 1, empr. tb. apositivamente ⊕ ETIM it. <i>bergamoto</i> 'id.', fem. <i>bergamotta</i> 'variedade de pera', do tur. <i>beg armudi</i> 'pera do bei, pera do príncipe' ⊕ SIN/VAR <i>vergamota</i> |
| NADCLP (2011) | bergamota (ber.ga.mo.ta) <i>sf.</i> 1. <i>Agr.</i> Variedade de pera com muito sumo e aromática. 2. RS SC Bot. O mesmo que <i>tangerina</i> . BERGAMOTEIRA 5. Bot. O fruto dessa árvore. 6. Oleo essencial volátil extraído da casca desse fruto, muito us. em perfumaria. [F.: Do turco <i>beg armudi</i> , pelo it. <i>bergamoto</i> . Sin. ger.: <i>vergamota</i> .] |
| DOP (2009-2017) | bergamota <i>s.f.</i> [Brasil: Rio Grande do Sul e Santa Catarina] O mesmo que <u>tangerina</u> e <u>tangerineira</u> . Sinônimos de Bergamota Bergamota é sinônimo de: <u>mexerica</u> , <u>tangerina</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 70. Verbete mimosa (DM)

| | |
|---------------|--|
| DHLP (2009) | mimosa <i>s.f.</i> (1716) 3 m.q. <i>tangerina</i> ('fruto') ⊙ ETIM lat.cien. gên. <i>Mimosa</i> |
| NADCLP (2011) | mimosa (mi.mo.sa) <i>Bot. sf.</i> 3. O fruto da tangerina. [F.: Do lat. cient. <i>Mimosa</i> .] |

Fonte: Houaiss (2009), Aulete (2011)

Quadro 71. Verbete tangerina (DB)

| | |
|-------------|--|
| HM (1923) | Tangerina , <i>f.</i> orange of Tanger. |
| TM (1964) | tangerina [tan-zhê-ree'nã] <i>f.</i> tangerine. |
| JT (1970) | tangerina (<i>f.</i>) a tangerine or mandarin orange, c.a. BERGAMOTA, VERGAMOTA, LARANJA-CRAVO, MEXERICA, MANDARINA, MIMOSA, LARANJA-MIMOSA. |
| BC (1991) | tangerina , <i>n.f.</i> tangerine |
| ONPD (2008) | tangerina /tãjɛ'rina/ <i>f.</i> tangerine |
| AM (2010) | tangerina /tãji'rina/ <i>n.f.</i> tangerine |
| LIN (2017) | tangerina <i>substantivo, feminino</i> tangerine <i>s</i> (<i>frequentemente utilizado</i>) mandarin <i>s</i> <i>menos frequentes:</i> mandarin orange <i>s</i> <i>Exemplos:</i> tangerina verde <i>f</i> — green mandarin <i>s</i> |

Fonte: Michaelis (1923), Lamb (1964), Taylor (1970), Oxford (2008), Chamberlain (1991), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 72. Verbete mexerica (DB)

| | |
|-------------|---|
| JT (1970) | mexerica (<i>f.</i>) tangerine, mandarin [=TANGERINA; LARANJA-CRAVO] |
| ONPD (2008) | mexeri ca /meʒe'rika/ <i>f.</i> tangerine [...] |
| AM (2010) | mexerica /miʒi'rika/ <i>n.f.</i> tangerine mexerico /miʒi'riku/ <i>nm</i> gossip |

Fonte: Taylor (1970), Oxford (2008), Marques (2010)

Quadro 73. Verbete bergamota (DB)

| | |
|------------|---|
| JT (1970) | bergamota (<i>f.</i>) the bergamot orange (<i>Citrus bergamia</i>) from whose rind is extracted an essential oil used in perfumery; the name by which in other parts of Brazil is called TANGERINA, LARANJA-CRAVO, MEXERICA, and in Portugal, MANDARINA; the bergamot mint (<i>Mentha citrata</i>); the wild bergamot beebalm (<i>Monarda fistulosa</i>); a minor variety of pear. Var. VERGAMOTA. |
| BC (1991) | bergamota , <i>n.f.</i> tangerine |
| LIN (2017) | bergamota <i>substantivo, feminino</i> bergamot <i>s</i> <i>Exemplos:</i> óleo de bergamota <i>m</i> — bergamot oil <i>s</i> |

Fonte: Taylor (1970), Chamberlain (1991), Linguee (2017)

No rol dos bilíngues, registraram **tangerina** HM, TM, JT, BC, AM e LIN, enquanto mexerica ficou restrita a JT, ONPD e AM. De forma semelhante, *bergamota* foi somente registrada por JT, BC e LIN. Chamou atenção o fato de em JT haver muitas variantes associadas à **tangerina**, incluindo praticamente todas que estão no *ALiB*, a exceção de poncã. Sendo fornecidos equivalentes lexicais em todas as definições, não foram vistas marcas de uso dialetais nesses dicionários, sem nenhuma referências à localização em que essas unidades são mais usadas. Como se observou no DOP (monolíngue), a referência à utilização de bergamota mais ao sul do país foi feita e constitui uma informação relevante para o consulente, já que o uso dessas unidades não se dá por igual no país todo. O emprego de *mimosa*, por exemplo, não seria compatível a qualquer contexto, diferentemente de tangerina que tem um alcance dialetal maior, conforme se vê na carta L05 do *Atlas Linguístico do Brasil*. Por seu turno, *mimosa* fica restrita a alguns usos mais isolados no sul do país como em Florianópolis e Curitiba.

7.3 CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

7.3.1 PROSTITUTA

Na área temática do convívio e comportamento social, avalia-se **prostituta**, em coocorrência com *biscate*, *garota de programa*, *meretriz*, *mulher...*, *prima*, *puta*, *quenga*, *rameira/rampeira* e *rapariga*. As unidades foram as respostas registradas nas capitais brasileiras para a pergunta “Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?” (carta L15A). A produtiva variação observada e o número de itens envolvidos nessa relação faz dessas unidades um grupo lexical significativo no PB, o que é corroborado pela alternância notada no registro dos dicionários.

Não bastasse a variação no português brasileiro, alguns registros aparecem num contexto de variação dialetal entre Brasil e Portugal também, como se nota *rapariga*, que, de modo geral, não tem o mesmo sentido aqui e lá. Entrando no mérito das ocorrências observadas nos dicionários monolíngues, a unidade **prostituta** aparece em DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP. Destes o DOP é o que mais elenca variantes, mas também em NADCLP notam-se unidades em relação de equivalência,

sem se especificar, entretanto, a relação de correspondência existente. Utilizam-se marcas de uso como “pejorativo” e “tabuísmo”, mas nenhuma de cunho dialetal.

Por sua vez, *biscate* é registrada em NDLP, GNDLP, DHLP e NADCLP. Neste, emprega-se a marca “sp.antiq.gír” referente ao uso em antiquado São Paulo como gíria. A unidade *garota de programa* só é apresentada em DHLP e NADCLP, enquanto meretriz surge em DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP, destacando as inclusões de sinônimos feitas por este: prostituta, marafaia, marafona, rameira, mudana, quenga, piranha, todas *hiperlinkadas*, de modo que o consulente pode construir seu próprio texto remissivo como desejar. Quanto aos compostos *mulher...* são variados em GNDLP, DHLP. Em NADCLP, registra-se apenas mulher-dama conforme se vê no quadro 78.

Acerca de *puta*, está registrado em NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP. Em DHLP, utiliza-se a marca “pejorativo” e associa-se à meretriz; em NADCLP, remete-se aos equivalentes *biscate*, meretriz, mundana, piranha, sob o rótulo de “tabuísmo”. No DOP, aparecem os sinônimos marafona, prostituta, rameira e meretriz com marca de “pejorativo”. *Quenga* é registrada por NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP, detectando-se nesses registros marcas dialetais como “brasileirismo do norte” em NDLP e “nordeste” em NADCLP, junto à marca de uso “vulg.” para vulgar. *Rameira* aparece em DCLP, NDLP, DHLP, NADCLP e DOP, neste com sinônimos prostituta e meretriz. *Rapariga* está em DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP. Em DHLP, são acrescentadas as marcas dialetais “B.N.E MG GO” (brasileirismo do nordeste, Minas Gerais e Goiás.). No que diz respeito à marcação dialetal do nordeste, há compatibilidade com as ocorrências do *Atlas Linguístico do Brasil*, em que há registros de *quenga* em Aracaju, Maceió, João Pessoa, Fortaleza, São Luís e Teresina. Quanto à *prima*, registrada em São Paulo, nenhum dicionário a registrou como equivalente de **prostituta**.

Quadro 74. Verbetes prostituta (DM)

| | |
|-----------------|--|
| DCLP (1881) | Prostituta (pru-ti-tú-ta), <i>s.f.</i> mulher publica, meretriz. F. lat. <i>Prostituta</i> . |
| NDLP (1913) | prostituta <i>f.</i> Mulher pública; rameira; meretriz. (Lat. <i>prostituta</i>) |
| GNDLP (1954) | PROSTITUTA, <i>s.f.</i> Lat. <i>prostituta</i> . Mulher pública; rameira, meretriz. |
| DHLP (2009) | prostituta <i>s.f.</i> (1841) mulher que exerce a prostituição ◉ ETIM lat. <i>prostituta, ae</i> 'id.', fem. substv. do adj. <i>prostitutus, a, um</i> 'id.' ◉ SIN/VAR ver sinonímia de <i>meretriz</i> ◉ COL femeação, femeeiro |
| NADCLP (2011) | prostituta (pros.ti. tu.ta) <i>sf.</i> 1. Mulher prostituta; MERETRIZ; RAMEIRA 2. Tabu. Puta. [F.: Do lat. <i>prostituta</i> .] |
| DOP (2009-2017) | prostituta <i>s.f.</i> Aquela que se dedica ao exercício da prostituição; mulher que faz relações sexuais por dinheiro. [Pejorativo] Tabu. Meretriz, rameira ou puta. (Etm. do latim: prostituta) Sinônimos de Prostituta Prostituta é sinônimo de: <u>perdida, rameira, meretriz, puta</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 75. Verbetes biscate (DM)

| | |
|---------------|--|
| NDLP (1913) | biscate , ¹ <i>m.</i> Fam. Picuína. Motejo que offende. (De <i>bisca</i>) biscate , ² <i>m.</i> Obra ou trabalho de pouca monta. (Cp. <i>biscato</i>) |
| GNDLP (1954) | BISCATE , <i>s.m.</i> De <i>bisca</i> . Obra ou trabalho de pouca monta. BISCATE , <i>s.m.</i> Motejo que ofende; remoque, bisca. 2. Fam. Picuína. |
| DHLP (2009) | biscate <i>s.m.</i> (1899) 1 serviço simples e rápido, de pouca importância; bico ◊ fazer b. <i>infrm.</i> 1 trabalhar em tarefa pouco rendosa, seja complementar, seja subsidiária a outra(s), ou não 2 RJ SP <i>euf.</i> prostituir-se (como profissão ou eventualmente); batalhar ◉ ETIM ver em <i>biscato</i> ◉ SIN/VAR bico, biscato, galho, gregueu, trabulança, viração; verb. sinonímia de <i>meretriz, trabalho e zombaria</i> |
| NADCLP (2011) | biscate (bis.ca.te) <i>sm.</i> 1. Bras. Trabalho ou tarefa eventual, ger. de simples execução, que rende dinheiro extra; BICO: <i>Fazia biscates nos fins de semana</i> 2. Bras. A remuneração obtida com esse trabalho; BICO 3. SP <i>Antq.</i> Gir. Prostituta [F.: Posv. de or. expressiva.] |

Fonte: Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011)

Quadro 76. Verbetes garota de programa (DM)

| | |
|---------------|---|
| DHLP (2009) | garota \ô\ <i>s.f.</i> B <i>infrm.</i> 1 criança ou adolescente do sexo feminino 2 moça que se namora; namorada, pequena 3 transporte coletivo; ônibus ◊ g. de programa mulher jovem que se prostitui sem se expor nas ruas como a prostituta comum, ger. fazendo contatos por telefone ◉ ETIM <i>garoto</i> + -a ◉ HOM <i>garota</i> (fl. <i>garotar</i>) |
| NADCLP (2011) | garota (ga.ro.ta) [ô] <i>sf.</i> ~ de programa 1 Mulher jovem que se prostitui, ger. sem se oferecer nas ruas, e sim sendo solicitada por telefone. |

Fonte: Houaiss (2009), Aulete (2011)

Quadro 77. Verbetes meretriz (DM)

| | |
|-----------------|---|
| DCLP (1881) | Meretriz (me-re-tris), <i>s.f.</i> rameira, prostituta. F. lat. <i>Meretrix</i> . |
| NDLP (1913) | meretriz <i>f.</i> Mulher pública. Rameira; mara fona. (Lat. meretrix) |
| GNDLP (1954) | MERETRIZ , <i>s.f.</i> Lat. <i>meretrix</i> ; <i>meretricem</i> . Prostituta. |
| DHLP (2009) | meretriz <i>s.f.</i> (sXIV) mulher que pratica o meretrício; prostituta ◉ GRAM dim. irreg.: <i>meretricula</i> ◉ ETIM lat. <i>meretrix, icis</i> 'mulher pública, meretriz', pelo ac. <i>meretrice(m)</i> ◉ SIN/VAR cortesã, dama, horizontal, madame, mara fa, marafona, messalina, moça-dama, mulher-dama, mundana, muxaba, pécora, piranha, prostituta, puta, quenga, rameira, rapaiga, va dia, vulgívaga, zabaneira ◉ COL femeação, femeeiro, puta da, quenga da |
| NADCLP (2011) | meretriz (me.re.triz) <i>sf.</i> 1. Aquela que faz sexo por dinheiro; PROSTITUTA [Dim.: <i>meretricula</i> .] [F: Do lat. <i>meretrix, cis</i> .] |
| DOP (2009-2017) | meretriz <i>s.f.</i> Aquela que tem relações sexuais por dinheiro; mulher que exerce o meretrício, que se prostitui ou comercializa o corpo; prostituta. (Etm. do latim: meretrix.cis) Sinônimos de Meretriz Meretriz é sinônimo de: <u>prostituta, mara fona, marafona, rameira, mundana, quenga, piranha</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 78. Verbetes mulher... (DM)

| | |
|---------------|--|
| GNDLP (1954) | MULHER [...] MULHERATOIA , <i>s.f.</i> Meretriz MULHER-DAMA , <i>s.f.</i> O mesmo que <i>meretriz</i> . MULHER DA RÓTULA , <i>s.f.</i> Mara fona MULHER DA RUA , <i>s.f.</i> Prostituta: "Ficou tempo esquecido olhando a aquelas feições de <i>mulher da rua</i> " (Valdomiro Silveira). MULHER DA VIDA , <i>s.f.</i> Prostituta, rameira. MULHER DE MÁNOTA , <i>s.f.</i> Prostituta. MULHER DE SOLDADA , <i>s.f.</i> Mulher que serve outrem por dinheiro. MULHER DO FADO , <i>s.f.</i> O mesmo que <i>mulher da vida</i> : "vivia pagodeando de mau com quanta <i>mulher do fado via</i> " (Valdomiro Silveira). MULHER PERDIDA , <i>s.f.</i> Prostituta. |
| DHLP (2009) | mulher [...] ♦ m. à-toa <i>pej.</i> meretriz • m. da rua <i>B pej.</i> meretriz • m. da vida <i>B euf. pej.</i> meretriz • m. de gamela <i>BA</i> vendedora ambulante de peixes, mingau e miúdos • m. de programa aquela que, mediante pagamento, participa de encontros com fins sexuais e/ou de lazer • m. de sociedade mulher que pertence ou frequenta a alta sociedade • m. do mundo <i>euf. pej.</i> meretriz • m. do povo mulher que pertence às classes populares • m. fálica <i>PSIC infrm.</i> mulher autoritária, com traços de personalidade pretendidamente masculinos • m. fatal mulher irresistivelmente atraente e sedutora, que freq. induz homens a situações complicadas; vampe ◉ GRAM aum. irreg.: <i>mulherão, mulheraça</i> ◉ GRAM/USO empr. tb. apositivamente (<i>determinante específico</i> que significa 'relativo à feminilidade, às qualidades ou aos atributos femininos etc.') em: a) locuções: <i>menina mulher, filha mulher</i> b) composições eventuais, ligando-se por hífen à primeira palavra: <i>gerente-mulher, tenente-mulher</i> etc. ◉ ETIM lat. <i>mulier, èris</i> 'id.' ◉ COL feminino, mulherame, mulherio |
| NADCLP (2011) | mulher-dama (mulher-da.ma) <i>sf.</i> 1. <i>Bras. Pop.</i> Mulher que faz sexo em troca de dinheiro; PROSTITUTA; MERETRIZ [Pl.: <i>mulheres-damas</i> .] |

Fonte: Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011)

Quadro 79. Verbetes puta(DM)

| | |
|-----------------|--|
| NDLP (1913) | puta <i>f. Pleb.</i> Mulher devassa; meretriz. |
| GNDLP (1954) | PUTA , <i>s.f. Chul.</i> Mulher devassa; meretriz. PUTA POBRE , <i>s.f.</i> Planta da família das sapindáceas, também chamada farinha sêca (<i>Dilodendron bipinnatum</i> , Radl.) |
| DHLP (2009) | puta <i>s.f.</i> (sXIII) <i>tab.</i> 1 m.q. <i>prostituta</i> 2 <i>pej.</i> qualquer mulher lúbrica que se entregue à libertinagem ⊕ ETIM orig. contrv. ⊕ SIN/VAR ver sinonímia de <i>meretriz</i> ⊕ COL puta da, putaria, putedo, puteiro |
| NADCLP (2011) | puta (<i>pu.ta</i>) <i>sf.</i> 1. <i>Tabu.</i> Prostituta, mulher que faz sexo por dinheiro; BAGAGEIRA ; BISCATE ; MERETRIZ ; MUNDANA ; PIRANHA ; PISTOLEIRA 2. <i>Fig.</i> Mulher despuadora da e acintosamente vulgar. <i>a2g2n.</i> 3. Muito grande, intenso ou extraordinário: <i>uma puta comemoração: um puta carro.</i> [F.: obsc. Nas defs 1 e 2 é ofensivo.] |
| DOP (2009-2017) | puta <i>s.f.</i> [Pejorativo] Tabu. Mulher que faz relações sexuais por dinheiro; prostituta. [Pejorativo] Figura do. Aquela que não tem pudor; libertina ou despuadora Sinônimos de Puta Putá é sinônimo de: <u>marafona</u> , <u>prostituta</u> , <u>rameira</u> , <u>meretriz</u> |

Fonte: Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2011)

Quadro 80. Verbetes quenga(DM)

| | |
|-----------------|---|
| NDLP (1913) | quenga , ² <i>f. Bras. do N.</i> Meretriz. O mesmo que <i>quengo</i> . |
| GNDLP (1954) | QUENGA , <i>s.f.</i> Meretriz. 2. O mesmo que <i>quengo</i> . 3. Causa imprestável ou inútil. |
| DHLP (2009) | ¹ quenga <i>s.f.</i> (1836) 3 tab. mulher que exerce a prostituição; meretriz 4 <i>infrm.</i> coisa imprestável, inútil ⊕ ETIM quimb. <i>kienga 'tacho'</i> ⊕ SIN/VAR ver sinonímia de <i>meretriz</i> ⊕ COL quengada |
| NADCLP (2011) | quenga (<i>quen.ga</i>) <i>sf. N.E. Vulg.</i> Prostituta, meretriz. [F.: Do quimb. <i>kienga 'tacho'</i>] |
| DOP (2009-2017) | quenga .[Chulismo] Prostituta. |

Fonte: Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 81. Verbetes rameira(DM)

| | |
|-----------------|--|
| DCLP (1881) | Rameira (<i>ra-mei-ra</i>), <i>s. f.</i> mulher publica, prostituta, meretriz. F. <i>Ramo + eira</i> . |
| NDLP (1913) | Rameira <i>f.</i> Meretriz; mulher pública. |
| GNDLP (1954) | RAMEIRA , <i>s.f.</i> De ramo. Meretriz, prostituta. 2. <i>Lus.</i> Urze ou queiró, de que se fazem vassouras. 3. <i>Lus.</i> Ramo grande. |
| DHLP (2009) | rameira <i>s.f.</i> (1481) mulher que exerce a prostituição; meretriz, prostituta ⊕ ETIM ¹ <i>ramo + -eira</i> ⊕ SIN/VAR ver sinonímia de <i>meretriz</i> |
| NADCLP (2011) | rameira (<i>ra.mei.ra</i>) <i>sf.</i> 1. Prostituta, meretriz. 2. <i>Lus.</i> Urze de que se fazem vassouras. [F.: <i>ramo + -eira</i> .] |
| DOP (2009-2017) | rameira <i>s.f.</i> [Pejorativo] Do mesmo significado de prostituta. Mulher que faz sexo por dinheiro. (Etm. ram(o) + eira) Sinônimos de Rameira Rameira é sinônimo de: <u>prostituta</u> , <u>meretriz</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 82. Verbetes rapariga(DM)

| | |
|-----------------|--|
| DCLP (1881) | Rapariga (ra-pa-ri-gha), <i>s.f.</i> criança do sexo feminino. Mulher que está na transição da infância para a adolescência. Mulher que está no período da juventude; mulher moça. Moça rustica, grosseira. F. fem. de <i>Rapaz</i> . |
| NDLP (1913) | Rapariga <i>f.</i> Mulher moça. Moça de campo, moça rústica. Mulher, que está no período intermédio da infância e da adolescência ou já na adolescência. * <i>T. do Amazonas</i> O mesmo que <i>donzela</i> . * <i>T. do Ceará</i> O mesmo que <i>amásia</i> ; meretriz. (Fem. de <i>rapaz</i> ¹) |
| GNDLP (1954) | RAPARIGA , <i>s.f.</i> 5. <i>Pej.</i> O mesmo que <i>amásia</i> ou <i>meretriz</i> . |
| DHLP (2009) | rapariga <i>s.f.</i> (sXIII) 1 mulher na fase adolescente; jovem, moça, raparigota 2 aquela a quem se namora, a quem se corteja; namorada 3 <i>AMAZ</i> moça virgem; donzela 4 <i>B N.E. MG GO</i> mulher que vive maritalmente com um homem; concubina 5 <i>B N.E. MG GO</i> mulher que vive da prostituição; meretriz, prostituta 6 <i>P</i> moça do campo; roceira ⊕ ETIM segundo Corominas, voc. mais recente que <i>rapaz</i> , explicado por algum cruzamento ou alteração moderna ⊕ SIN/VAR ver sinonímia de <i>concubina</i> e <i>meretriz</i> ⊕ COL raparigada, raparigagem |
| NADCLP (2011) | rapariga (ra.pa.ri.ga) <i>sf.</i> 1. Mulher jovem ou adolescente. [P.us. no Brasil.] 2. <i>Bras. N.E. MG GO</i> Prostituta. 3. <i>Lus.</i> Criança do sexo feminino. [F.: De <i>raparigo</i> .] |
| DOP (2009-2017) | rapariga <i>s.f.</i> Pouco usual no Brasil. Mulher entre a infância e a adolescência ou mulher jovem. Mulher com a qual se mantém um relacionamento amoroso - namorada. Amazônia. Menina virgem ou moça donzela. Algumas regiões do Brasil. Mulher que vive com um homem, mas sem estar casa da com ele. Algumas regiões do Brasil. O mesmo que <u>prostituta</u> . [Portugal] Mulher entre a infância e a adolescência ou mulher jovem. [Portugal] Moça que vive no campo. (Etm. origem desconhecida) Sinônimos de Rapariga Rapariga é sinônimo de: <u>menina</u> , <u>moça</u> , <u>moçoila</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 83. Verbetes prostituta (DB)

| | |
|-------------|--|
| HM(1923) | Prostitu [...] ~ta, f. a prostitute, courtesan, whore, strumpet. |
| RPP (1943) | pros-ti-tu'-ta <i>f.</i> prostitute. |
| TM (1964) | prostituta [proosh-tee-too'-tã] <i>f.</i> prostitute. |
| JT (1970) | prostituto -ta (<i>adj.</i>) prostituted; (<i>f.</i>) prostitute, harlot [=MERETRIZ]. |
| BC (1991) | prostituta , <i>n.f.</i> prostitute. |
| ONPD (2008) | prostitui [...] ~ta <i>f</i> prostitute |
| AM (2010) | prostituta /proʃtʃi'tuta/ <i>n.f</i> prostitute |
| LIN(2017) | prostituta substantivo, feminino <u>prostitute</u> <i>s</i> <u>whore</u> <i>s</i> <i>menos frequentes:</i> <u>harlot</u> <i>s</i> <u>hookers</u> <u>streetwalker</u> <i>s</i> <u>pickups</u> <u>moll</u> <i>s</i> <u>chippy</u> <i>EUA</i> <i>s</i> |

Fonte: Michaelis (1923), McKays (1943), Lamb (1964), Taylor (1970), Oxford (2008), Chamberlain (1991), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 84. Verbete *biscate* (DB)

| | |
|-------------|--|
| RPP (1943) | bis-ca'-te <i>m.</i> work of little importance. |
| JT (1970) | biscate (<i>m.</i>) a minor task of achievement; an odd job; a sideline. |
| BC (1991) | biscate , <i>n.m.</i> odd job; (<i>sl.</i>) prostitute. |
| ONPD (2008) | bisca te /bis'katʃi/ <i>m</i> odd job; ~ teiro <i>m</i> odd-job man |
| AM (2010) | biscate /bis'katʃi/ <i>nm</i> odd job |
| LIN(2017) | biscate <i>substantivo, masculino</i> odd jobs <i>pl</i> casual work <i>s</i> |

Fonte: McKays (1943), Taylor (1970), Oxford (2008), Chamberlain (1991), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 85. Verbete *garota de programa* (DB)

| | |
|-----------|---|
| LIN(2017) | garota de programa <i>substantivo, feminino [BR]</i> call girl <i>s</i> <i>Veja também:</i> garota <i>f</i> — girl <i>s</i> gal <i>s</i> chick <i>s</i> garoto de programa <i>m</i> — rent boy <i>s</i> male prostitute <i>s</i> |
|-----------|---|

Fonte: Linguee (2017)

Quadro 86. Verbete *meretriz* (DB)

| | |
|-------------|--|
| AVT (1773) | MERETRICE , ou MERETRIZ , <i>s.f.</i> a whore. |
| HM(1923) | Metr [...] ~ iz , <i>f. pl.</i> ~ es , prostitute, whore, strumpet, harlot. |
| JT (1970) | meretriz (<i>f.</i>) prostitute. |
| ONPD (2008) | mere [...] ~ triz <i>f</i> prostitute |
| LIN(2017) | meretriz <i>substantivo, feminino</i> harlot <i>s</i> (<i>quase sempre utilizado</i>) <i>menos frequentes:</i> whore <i>s</i> meretriz <i>substantivo, feminino [pej.]</i> slut <i>s [pej.]</i> |

Fonte: Transtagano (1773), Taylor (1970), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 87. Verbete *mulher...*(DB)

| | |
|-----------|---|
| CH (1983) | MULHER-A-TOA * a mulher-à-toa (<i>colloq.</i>) the prostitute (same as “a mulher-da-vida”) |
| JT (1970) | Mulher (<i>f.</i>) [...] — à-toa , wench, trollop — da comédia , — da rótula , — da rua (streetwalker), — da vida , — dama , — de má nota , — de ponta de rua , — do fado , do fandango , — do mundo , — do pala aberto , — errada (strayed woman), — perdida (lost woman), — pública , — vadia : all are euphemisms for prostitute. [...] |
| BC (1991) | mulher-da-vida , <i>n.f. (colloq.)</i> prostitute. |

Fonte: Taylor (1970), Chamberlain; Harmon (1983), Chamberlain (1991)

Quadro 88. Verbetes puta (DB)

| | |
|-------------|--|
| AVT (1773) | PUTA, s.f. a whore, a harlot. |
| HM (1923) | Put a, f. whore, harlot, strumpet. [...] |
| JT (1970) | puta (<i>f.</i>) a low word for whore. |
| BC (1991) | puta , <i>n.f.</i> (<i>vulg.</i>) whore. |
| ONPD (2008) | puta /'puta/ fwhore □ <i>a invar (fam) um ~ carro</i> one hell of a car; filho da ~ (chulo) bastard; ~ que (o) pariu! (<i>chulo</i>) fucking hell! |
| LIN(2017) | puta <i>substantivo, feminino [pej.] [vul.] (plural: putas,f)</i> whore <i>s</i> (<i>plural: whores</i>) bitch <i>s</i> (<i>plural: bitches</i>) <i>menos frequentes:</i> hookers [<i>jar.</i>] cunt <i>s</i> tramp <i>s</i> <i>puta</i> <i>substantivo, feminino [pej.] [vul.]</i> slut <i>s</i> |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), Taylor (1970), Chamberlain (1991), Oxford (2008), Linguee (2017)

Quadro 89. Verbetes quenga (DB)

| | |
|-----------|--|
| CH (1983) | QUENGA <u>a quenga</u> (<i>vulg.</i>) the prostitute, whore Essa mulher só serve para quenga. |
| JT (1970) | quenga (<i>f.</i>) a vessel or dipper made from a coconut shell; chicken stew with okra; (<i>colloq.</i>) prostitute. |
| LIN(2017) | quenga <i>substantivo, feminino [vul.] [BR]</i> whore <i>s</i> [<i>pej.</i>] |

Fonte: Taylor (1970), Chamberlain; Harmon (1983), Linguee (2017)

Quadro 90. Verbetes rameira(DB)

| | |
|------------|---|
| AVT (1773) | <i>RAMEIRA</i> , s.f. a harlot, a common whore; so called from <i>ramada</i> , because they used to build huts with boughs in the highway. |
| HM(1923) | Raméira , <i>f.</i> common prostitute, strumpet, drab, street-walker, woman of the town. |
| CH (1983) | RAMPEIRA <u>a rampeira</u> (<i>sl.</i>) the prostitute (same as “a mulher-da-vida”) |
| JT (1970) | rameira (<i>f.</i>) prostitute, drab [=MERETRIZ]. |
| BC (1991) | rameira , <i>n.f.</i> whore. |
| LIN(2017) | rameira <i>substantivo, feminino</i> whore <i>s</i> (<i>frequentemente utilizado</i>) <i>menos frequentes:</i> prostitute <i>s</i> rameira <i>substantivo, feminino [pej.] [vul.]</i> hooker <i>s</i> [<i>pej.</i>] [<i>vul.</i>] tramp <i>s</i> |

Transtagano (1773), Michaelis (1923), Taylor (1970), Chamberlain; Harmon (1983), Chamberlain (1991), Linguee (2017)

Quadro 91. Verbetes rapariga (DB)

| | |
|-------------|---|
| AVT (1773) | <i>RAPARIGA</i> , s. f. a girl. Latin, <i>puella</i> . |
| HM(1923) | Rapariga a f. a girl, lass; maid-servant [...] |
| RPP (1943) | ra-pa-ri-ga f. girl, maiden. |
| TM (1964) | rapariga [rá-pá-ree-gã] f. girl. |
| CH (1983) | RAPARIGA a rapariga (colloq., pej.) the prostitute, whore; kept woman, concubine. Nem a família sabe do seu caso com aquela rapariga . |
| JT (1970) | Rapariga (f.) in Portugal, girl, young woman; in Brazil, strumpet, wench; servant girl. |
| BC (1991) | rapariga , n.f. prostitute, concubine; (P.) young lady. |
| ONPD (2008) | rapariga /xapa'riga/ f (Port) girl |
| LIN(2017) | rapariga substantivo, feminino girl s (quase sempre utilizado) menos frequentes: woman s female s rapariga substantivo, feminino [PT] young girl s little girl s <i>Exemplos:</i> bela rapariga f— beautiful girl s rapariga adolescente f [PT]— teenage girl s jovem rapariga f— young girl s |

Transtagano (1773), Michaelis (1923), Taylor (1970), Chamberlain; Harmon (1983), Chamberlain (1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

A relação variacional é reforçada pelas definições das publicações consultadas, em que prevalecem equivalências como ‘strumpet’, ‘whore’ e ‘prostitute’ (todas equivalentes à prostituta) para as lexias registradas no *ALiB*. Interessa destacar que se observa, desde os dicionários mais antigos, a ausência de definições descritivas e mais extensas. Tratando-se de unidades cujo referencial cultural é compartilhado por diversas línguas, observa-se, desde a primeira publicação lexicográfica português-inglês, uma facilidade para o encontro de correspondências entre ambos os idiomas.

Vale ressaltar que, nesse contexto, *prima* é a lexia que, apesar de encontrada nos dicionários, não é lematizada pela maioria deles, pois aparece como feminino de primo, no sentido de grau de parentesco. *Biscate* e *rapariga* não aparecem sempre associadas semanticamente à prostituta no *corpus* lexicográfico, a primeira menos ainda do que a segunda, significando, na maior parte das ocorrências, ‘trabalho de pouco valor’. Quanto à *rapariga*, esta surge como uma das lexias cujo significado apresentado nos dicionários se altera conforme a variedade lusófona a que pertence, brasileira ou europeia, o que já é destacado na definição de JT, ‘em Portugal, garota, jovem mulher; no Brasil, prostituta, meretriz’.

Nota-se uma relação entre o sentido atribuído à *rapariga* e a variedade lusófona adotada como padrão pelo dicionário bilíngue, destacando-se que os mais antigos, como AVT, HM e RPP, registram o sentido da variedade europeia, ‘garota’. Mesmo nas publicações mais contemporâneas, como LIN, mantem-se essa postura na definição da lexia. A equivalência prostituta surge nos dicionários que dedicam espaço ao português brasileiro, contudo, mesmo nessas obras, permanecem lacunas no tocante à relação sinonímica existente no quadro de variantes lexicais registrado pelas obras, em que não se registram marcas de uso que determinem o contexto desses usos.

Quanto aos registros nos dicionários, tem-se o seguinte: **prostituta** não é registrada em AVT e CH; *biscate* não aparece em AVT, HM, TM, CH; *garota de programa* somente é registrada nos material mais contemporâneo LIN ; *meretriz* não ocorre em RPP, TM, CH e AM; *mulher...*⁶⁶ não é registrada por AVT, HM, RPP, TM, ONPD, AM, LIN; *prima* não ocorre em HM, RPP, JT, CH, BC, AM, LIN; *puta* não é registrada por RPP, TM, CH e AM; *quenga* está ausente em AVT, HM, RPP, TM, BC, AM, ONPD, LIN; *rameira/rampeira* não ocorre em RPP, TM, AM e ONPD; *rapariga* está ausente somente em AM.

Quanto à recorrência dos itens no ALiB, prostituta figura como variante mais expressiva na maior parte das capitais (Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, Natal, São Luís, Belém, Boa Vista, Manaus, Porto Velho, Rio Branco, Cuiabá, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis, Porto Alegre Curitiba). Coocorre com as variantes mulher...~ puta ~ rameira/rampeira ~ meretriz ~ rapariga (Salvador); mulher... ~ puta ~ rapariga (Manaus, Boa Vista, Rio Branco); Mulher... ~ puta (Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro).

Nesse contexto, confirma-se uma ampla variação envolvendo a unidade **prostituta**, que vai além da fronteira estabelecida pelo registro de *rapariga*, ora lusitano ora brasileiro. O suporte do estudo dialetal pode, como se pode concluir da amostra apresentada, preencher lacunas, que levam o consulente a acreditar numa relação sinonímica indiferente ao contexto, que o embaraça num emaranhado de sutilezas linguísticas desconhecidas que ultrapassam equivalências mantidas, talvez mais por costume do que por utilidade, ao longo da história do encontro bilíngue entre português e inglês.

⁶⁶ Leva-se em conta como registro de “mulher...” qualquer lexia composta envolvendo essa unidade, cujo sentido seja compatível ao de prostituta.

7.4 FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

7.4.1 GRANIZO

A unidade **granizo** e suas variantes lexicais apontadas no ALiB respondem à seguinte pergunta “Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?”. Na carta L01, aparecem as seguintes possibilidades de variantes: *chuva de granizo, chuva de gelo, chuva de pedra, chuva de neve, chuva de pedra de gelo, chuva de pedra, chuva de granito*. Das variantes encontradas pelo Brasil, poucas foram vistas nos dicionários, a não ser a “principal” **granizo**, que só não aparece no DVB. Quanto aos compostos com “chuva de ...”, encontraram-se registros no DHLP (chuva de pedra) e NADCLP (chuva de granizo). No NADCLP, inclui-se ‘granito’, mas não se fornece pistas se teria a ver com a “chuva de granito” do *Atlas Linguístico do Brasil*. Não há menções à variação dialetal.

Quadro 92. Verbete granizo (DM)

| | |
|-----------------|--|
| DCLP (1881) | Granizo (<i>ghra-ni-zu</i>), <i>s.m.</i> chuva de pedra, pedrisco, pedraça, saraiva. (Fig.) Grande quantidade de coisas miúdas: <i>Granizo</i> de peloiros e frechas. F. <i>Grão</i> + <i>izo</i> (por <i>iço</i>). |
| NDLP (1913) | granizo <i>m.</i> Saraiva; chuva de pedra. <i>Fig.</i> Porção de coisas miúdas, que caem ou são expelidas. (Do <i>rad.</i> do lat. <i>granum</i>) |
| GNDLP (1954) | GRANIZO , <i>s.m.</i> Cast. <i>granizo</i> . Saraiva; chuva de pedra. 2. Porção de cousas miúdas que caem ou são expelidas. |
| DHLP (2009) | granizo <i>s.m.</i> (1597) 1 MET precipitação atmosférica constituída de pedregulhos de gelo, formados nas nuvens, devido à queda brusca de temperatura; saraiva 2 <i>fig.</i> granizada, saraivada < <i>g. de bombas</i> > 3 grão miúdo; granito, grânulo ◉ GRAM <i>dim. irreg. de grão</i> ◉ ETIM esp. <i>granizo</i> 'id.', de <i>grano</i> 'grão' ◉ COL <i>granizada</i> ◉ HOM <i>granizo</i> (fl. <i>granizar</i>) |
| NADCLP (2011) | granizo (<i>gra.ni.zo</i>) <i>sm.</i> 1. Met. Chuva que cai em forma de grãos de gelo; chuva de pedra 2. Esse grão de gelo. [Col.: <i>granizada</i> .] 3. Grão pequeno; GRÂNULO; GRANITO [F.: Do esp. <i>granizo</i> . Hom./Par.: <i>granizo</i> (sm.), <i>granizo</i> (fl. de <i>granizar</i>).] |
| DOP (2009-2017) | granizo <i>s.m.</i> Precipitação atmosférica formada por pequenos glóbulos de gelo resultantes da congelação das gotas de água ao atravessarem uma camada de ar frio; chuva de pedra. As pedras tem um tamanho que varia desde o de uma ervilha até o de uma batata. Já se registrou uma pedra de granizo que media 44,5cm de circunferência e pesava 800g. Tempestades violentas de granizo são perigosas para as pessoas, os animais e as colheitas. Sinônimos de Granizo Granizo é sinônimo de: <u>saraiva</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 93. Verbetes chuva... (de pedra, de granizo) (DM)

| | |
|---------------|--|
| DHLP (2009) | chuva [...] c. de pedra MET m.q. <i>granizo</i> |
| NADCLP (2011) | chuva [...] Chuva de granizo 1 Pop. Queda de pedaços de gelo, ger. em forma de glóbulos, resultante do congelamento das gotas de chuva ao passar por camada muito fria da atmosfera [Tb. se usa apenas <i>granizo</i> .] Chuva de pedra 1 Met. Granizo. |

Fonte: Houaiss (2009), Aulete (2011)

Quadro 94. Verbetes granizo (DB)

| | |
|-------------|--|
| AVT (1773) | GRANIZO, s.m. hail. Lat. <i>grando</i> . |
| HM (1923) | Graniz [...] ~o, m. hail; fig. great deal or quantity, a shower of blows, of balls, stones etc. |
| TM (1964) | granizo [grã-nee'zoo] m. hail. |
| JT (1970) | granizo (m.) hail. — miúdo, sleet. |
| BC (1991) | granizo, n.m. hail. — granizar. vb. |
| ONPD (2008) | granizo /gra'nizu/ m hail. |
| AM (2010) | granizo /gra'nizu/ nm hail. |
| LIN (2017) | granizo substantivo, masculino hail s (quase sempre utilizado) A previsão do tempo alertou contra as tempestades de granizo. The weather forecast warned against storms with hail. menos frequentes: hailstorm s sleet s hailstones pl hoar frost s Exemplos: chover granizo v — hail v tempestade de granizo f — hailstorm s |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain (1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Nos dicionários bilíngues, somente foram encontradas ocorrências da unidade **granizo**, com uma menção de LIN a “chover granizo” mas sem apresentação do composto propriamente dito. No *Atlas Linguístico do Brasil*, há uma distribuição ampla de chuva de granizo (registrada em todas as capitais), chuva de gelo (em todas as regiões), chuva de pedra (em boa parte do país, incluindo capitais do centro-oeste, sul e sudeste) e chuva de neve por todo o nordeste.

7.4.2 NEBLINA

No âmbito dos fenômenos atmosféricos, selecionou-se **neblina**, cujas variantes registradas por Cardoso et. al (2014, p. 155) são *cerração, fumaça, neve, névoa, nevoeiro, sereno*, respondendo à pergunta: “Muitas vezes, principalmente de manhã

cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?” (carta L03).

Neblina é registrada por DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP, traçando-se correspondências semânticas com *névoa*, *nevoeiro* (DHLP), também *cerração* (DOP). Quanto à *cerração*, encontram-se registros em DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP, também com equivalência lexical *nevoeiro* (DHLP, NADCLP). *Fumaça* aparece em DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP, este último apresentando como equivalências *nevoeiro* e *smog*, já nos demais dicionários não fica evidente a compatibilidade semântica entre *fumaça* e *neblina*, colocando-se *fumaça* num sentido mais genérico.

Névoa, por sua vez, é registrado em DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP, com associações diretas ao sentido de *neblina* (Quadro 97). *Nevoeiro*, por sua vez, é registrado por DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP. Por fim, *sereno* aparece nos dicionários monolíngues DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP, contudo, sem muita associação com esse sentido de **neblina**, que tem a ver com “nevoeiro que dificulta a visão ou orientação espacial” (carta L04) como em ‘Bras. do S. Chuva miúda’, em NDLP, ou ‘B. infirm. o ar livre ao crepúsculo ou à noite’ em DHLP (Quadro 99).

Quadro 95. Verbetes *neblina* (DM)

| | |
|-----------------|---|
| DCLP (1881) | Neblina (<i>ne-bli-na</i>), s. f. névoa densa e rasteira; nevoeiro: O sol reaparece, desfaz-se a neblina. (Castilho.) Atravez da <i>neblina</i> brancacenta...descobri um vulto. (Garrett.) |
| NDLP (1913) | neblina f. Grande nevoeiro. Névoa densa e rasteira. Ext. Sombra, trevas. (Cast. <i>neblina</i>) |
| GNDLP (1954) | NEBLINA , s. f. Cast. <i>neblina</i> . Grande nevoeiro; névoa densa e rasteira. 2. Sombra, trevas. |
| DHLP (2009) | neblina s.f. (1660) 1 névoa baixa e fechada; nevoeiro 2 fig. ausência de luz; escuridão 3 B.N.E. chuva miúda; chuvisco 4 PI panca da de chuva forte e rápida; aguaceiro ◉ ETIM esp. <i>neblina</i> <lat. <i>nebula</i> , as 'névoa, nevoeiro' ◉ SIN/VAR librina, nebrina; ver tb. sinonímia de <i>bruma</i> e <i>chuvisco</i> ◉ HOM <i>neblina</i> (fl.neblinar) |
| NADCLP (2011) | neblina (<i>ne.bli.na</i>) sf. 1. Névoa densa e baixa; BRUMA; CERRAÇÃO; NEVOEIRO: "O bunitizal provinha das <u>neblinas</u> do fundo (...)." (João Guimarães Rosa, "Uma estória de amor", in <i>Corpo de baile</i> .) 2. Fig. Sombra, escuridão 3. Bras. N.E. Ver <i>chuvisco</i> 4. PI Chuva forte e rápida [F.: Do esp. <i>neblina</i> . Hom./Par.: <i>neblina</i> (fl. de <i>neblinar</i>).] |
| DOP (2009-2017) | Neblina s.f.Névoa, nevoeiro, cerração. Sinônimos de Neblina Neblina é sinônimo de: <u>cerração, nevoeiro, névoa, chuvisco, garoa</u> |

Fonte: Aulete (1881), Beaurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-201)

Quadro 96. Verbetes cerrração (DM)

| | |
|-----------------|---|
| DCLP (1881) | Cerrração (sse-rra-ssão), <i>s.f.</i> escuridão causada principalmente por nevoeiro ou acumulação de nuvens grossas. Escuridão, trevas. <i>Cerrração</i> da fala, rouquidão, a sufocação que não deixa perceber o que se diz. F. <i>Cerrar</i> + <i>ão</i> . |
| NDLP (1913) | cerrração <i>f.</i> Nevoeiro espesso. Escuridão. <i>Fig.</i> Rouquidão, dificuldade em falar. (<i>De cerrar</i>) |
| GNDLP (1954) | CERRAÇÃO , <i>s. f.</i> De <i>cerrar</i> + <i>ção</i> . Nevoeiro espesso: "Apesar da <i>cerrração</i> divisava-se um largo pano da muralha pardacenta" (Herculano). 2. Escuridão, trevas. CERRAÇÃO DA FALA , <i>s. f.</i> Dificuldade de falar; rouquidão, sufocação. |
| DHLP (2009) | cerrração <i>s.f.</i> (s.XV) 1 MET nevoeiro espesso, denso; neblina 2 <i>p.ext.</i> ausência de luminosidade; escuridão, treva 3 m.q. <i>cerramento</i> SIN/VAR ver sinonímia de <i>bruma</i> ⊕ HOM <i>serração</i> (s.f.) |
| NADCLP (2011) | cerrração (cer.ra.ção) <i>sf.</i> 1. Neblina espessa (que dificulta a visão ou orientação espacial), tanto na terra como no mar; NEVOEIRO; BRUMA 2. <i>P.ext.</i> Ausência de luz, obscuridade; escuridão 3. Dificuldade de falar, por algum problema respiratório, ou devido a rouquidão 4. Ação ou efeito de cerrar, fechar; cerramento (<i>cerração</i> das pálpebras) [Pl.: -ções.] [F.: <i>cerrar(r)</i> + -ção. Hom./Par.: <i>serração</i> .] |
| DOP (2009-2017) | Cerrração <i>s.f.</i> Escuridão causada por nevoeiro ou acumulação de nuvens. Escuridão, trevas. Cerrração da fala, rouquidão, sufocação que impede o uso da fala. Sinônimos de Cerrração Cerrração é sinónimo de: <u>bruma, nevoeiro, névoa</u> |

Fonte: Aulete (1881), Beaurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 97. Verbetes fumaça (DM)

| | |
|-----------------|--|
| DCLP (1881) | Fumaça (fu-má-ssa), <i>s.f.</i> grande massa de fumo que sobre de coisa incendiada. A porção de fumo que se toma de um jacto aspirando cachimbo, charuto ou cigarro. -, <i>pl.</i> jactância, vaidade: É preciso abater-lhe as <i>fumaças</i> . F. <i>Fumo</i> + <i>aça</i> . |
| NDLP (1913) | fumaça <i>f.</i> Grande porção de fumo. *Qualquer porção de fumo, que o fumista absorve de cada vez. <i>Fig.</i> Vaidade. |
| GNDLP (1954) | FUMAÇA , <i>s.f.</i> Grande porção de fumo. 2. Qualquer porção de fumo, que o fumista absorve de cada vez. 3. Qualquer porção de fumo. 4. Vaidade, prosápia, jactância. FUMAÇA , <i>adj.</i> Diz-se do boi cujo pelo é vermelho tirante a preto. 2. Diz-se do animal que tem a cara escura e de cor diferente da do corpo. |
| DHLP (2009) | <i>s.f.</i> (s.XV) 1 porção de vapor resultante de um corpo em chamas < <i>af. do cigarro</i> > 2 m.q. <i>fumo</i> ('produto', 'vapor', 'coisa transitória') 3 grande quantidade de fumaça (acp. 1); fumaceira 4 fumada, tragada ⊕ ETIM <i>fumo</i> + - <i>aça</i> ⊕ HOM <i>fumaça</i> (fl. <i>fumaçar</i>) |
| NADCLP (2011) | (<i>fu.ma.ça</i>) <i>sf.</i> 1. Grande massa de vapor acinzentado que sobe de coisa queimada: "...a <u>fumaça</u> das ardentes fogueiras..." (Fagundes Varela, <i>Obras</i>) 2. Porção de fumo que se aspira de uma vez do cigarro, charuto ou cachimbo: "... Tadeu acendeu um cigarro, tragou a <u>fumaça</u> , bufando-a logo, na sufocação a flita..." (Coelho Neto, <i>Miragem</i>) |
| DOP (2009-2017) | Fumaça <i>s.f.</i> Grande massa de fumo que sobe de coisa incendiada. A porção de fumo que se toma de um jato aspirando cachimbo, charuto ou cigarro. Partículas sólidas, finamente divididas, suspensas (mistura das) num gás. A uma mistura de nevoeiro e fumaça dá-se o nome de smog. A maior parte da fumaça é produzida por partículas de carbono, originadas pela queima de combustíveis. Sinônimos de Fumaça Fumaça é sinónimo de: <u>jatância, presunção, fumo, vaidade</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 98. Verbetes névoa(DM)

| | |
|-----------------|--|
| DCLP (1881) | Névoa (<i>né-vu-a</i>), s. f. vapor a quoso muito denso que obscurece o ar: Andando vinha eu sósinho sem me de coisa temer; com a <i>névoa</i> não via as ondas; não as ouvia bater. (Castilho.) Obscuridade, falta de clareza: O saltitar liberto da científica <i>névoa</i> . (Idem.) (Med.) Macula que se fôrma na cómea e obscurece a vista. F. lat. <i>Nebula</i> . |
| NDLP (1913) | nevôa <i>f. Açor.</i> O mesmo que <i>névoa</i> . (De <i>nevoar-se</i>) |
| GNDLP (1954) | NÉVOA , s.f. Lat. <i>nebula</i> . Vapor a quoso, muito denso, que obscurece o ar. 2. Obscuridade, falta de clareza. 3. <i>Med.</i> Mácula que se forma na cómea e obscurece a vista; belida. 4. Qualquer leve estôrvo à visão. 5. Qualquer estôrvo à compreensão de um objeto. 6. <i>Med.</i> Substância que se condensa na urina e a tolda. |
| DHLP (2009) | névoa <i>s.f.</i> (sXIV) 1 MET vapor atmosférico menos denso que a cerração; neblina, nevoeira 2 <i>p.ext.</i> falta de visibilidade, de transparência 3 <i>p.met.</i> o que impede ou dificulta a visibilidade 4 <i>fig.</i> ausência de clareza, de nitidez; obscuridade MET aquela resultante de partículas líquidas em suspensão, sem saturação da atmosfera ○ ETIM lat. <i>nebula</i> , <i>ae</i> 'névoa, nevoeiro, cerração' ○ SIN/VAR <i>nêbula</i> ; ver tb. sinonímia de <i>bruma</i> ○ PAR <i>névoa</i> \ô\ (fl.nevoar) |
| NADCLP (2011) | névoa (<i>né.vo:a</i>) <i>sf.</i> 1. <i>Met.</i> Vapor de água suspenso nas camadas da atmosfera; BRUMA; NEBLINA 2. <i>Fig.</i> O que dificulta a visibilidade: <i>Uma névoa no olhar não lhe permitia distinguir as pessoas. Met.</i> Difusão de partículas sólidas (poeira, fumaça) que turvam a atmosfera, sem saturação de vapor de água. ~ úmida 1 <i>Met.</i> Névoa provocada pela presença de partículas líquidas em suspensão na atmosfera, sem saturá-la. Ter ~ nos olhos 1 Ter a visão embaçada. 2 <i>Fig.</i> Não ter percepção, não conseguir entender. |
| DOP (2009-2017) | Névoa s.f. Vapor a quoso muito denso que obscurece a atmosfera. Obscuridade, falta de clareza. Aquilo que embaraça a vista; leve estorvo à visão. [Medicina] Mácula que se forma na cómea e dificulta a visão; belida. Sinónimos de Névoa Névoa é sinónimo de: <u>bruma</u> , <u>neblina</u> , <u>penumbra</u> , <u>revoada</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 99. Verbetes nevoeiro(DM)

| | |
|-----------------|--|
| DCLP (1881) | Nevoeiro (ne-vu-ei-ru), s. m. grande nevoa, nevoa densa: Hi! que <i>nevoeiro cego</i> , cega inda mais a noite, escura como um prego! (Castilho.) (Fig.) Grande obscuridade. Agregado de vapores ou nuvens: Aos meus rogos, do doirado <i>nevoeiro</i> , onde se ocultam, descendam presto. (Castilho) F. <i>Nevoa</i> + <i>eiro</i> . |
| NDLP (1913) | nevoeiro m. Névoa espessa. Fig. Obscuridade. *Nevoeira. (De <i>névoa</i>) |
| GNDLP (1954) | NEVOEIRO , s.m. De névoa. Névoa espessa. 2. Grande obscuridade. 3. Nevoeira. |
| DHLP (2009) | nevoeiro s.m. (sXIII [?]) 1 MET nebulosidade que se constitui de grande número de gotículas de água suspensas na camada mais baixa da atmosfera e que difere da nuvem apenas por estar mais perto da superfície terrestre; nevoaça ♦ n. de vapor MET nevoeiro, raso e leve, que se forma sobre superfícies de água ou de terra encharcada quando estas apresentam temperatura bem mais elevada que o ar, frio e úmido ⊕ ETIM <i>névoa</i> + <i>-eiro</i> ⊕ SIN/VAR ver sinonímia de <i>bruma</i> ⊕ ANT claudade, luz |
| NADCLP (2011) | nevoeiro (ne.vo.ei.ro) sm. 1. Met. Névoa muito densa; CERRAÇÃO 2. Fig. Acúmulo de fumaça.: "Diz do fumo entre os densos <u>nevoeiros</u> ..." (Castro Alves, 'O navio negreiro', in <i>Os escravos</i>) 3. Fig. Falta de clareza; OBSCURIDADE [F.: De <i>névoa</i> + <i>eiro</i> . Ant. ger.: <i>claridade</i> .] |
| DOP (2009-2017) | Nevoeiro s.m. Aglomeração de gotículas de água em suspensão no ar; nebulosidade, névoa densa. [Figurado] Obscuridade. Sinônimos de Nevoeiro Nevoeiro é sinônimo de: <u>bruma</u> , <u>cerração</u> , <u>névoa</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 100. Verbetes sereno (DM)

| | |
|-----------------|--|
| DCLP (1881) | Sereno (sse-rê-nu), <i>adj.</i> que não tem nuvens, limpo de nevoas, claro, puro e calmo (falando da atmosfera): <i>Sereno</i> o ar e os tempos se mostravam sem nuvens, sem receio de perigo. —, <i>s. m.</i> vapores que se resolvem em uma chuva fina, sem que a transparência do ar fique sensivelmente perturbada; humidade fina, penetrante e em pouca abundancia, que eai depois do pôr do sol pela calmosa sem que haja nuvens na atmosfera; orvalhada; relento. F. lat. <i>Serenus</i> . |
| NDLP (1913) | sereno , ¹ <i>M.</i> Vapor atmosférico, ligeiro ou pouco espesso, que se resolve em chuva finíssima. Humidade atmosférica, peculiar a algumas noites claras do verão; o mesmo que relento. *Bras. do S. Chuva miúda. (Lat. <i>serenus</i>) |
| GNDLP (1954) | SERENO, s.m. Vapôres que se resolvem em uma chuva fina, sem que a transparência do ar fique sensivelmente perturbada; umidade fina, penetrante e em pouca abundância, que cai às vezes depois do pôr do sol, sem que haja nuvens na atmosfera; orvalhada, relento. 2. Chuva miúda. 3. Lugar onde se dão bailes populares, ao ar livre. 4. O ar livre. |
| DHLP (2009) | ¹ sereno <i>adj.</i> (sXV) 6 <i>B infirm.</i> o ar livre ao crepúsculo ou à noite 7 <i>B infirm.</i> vida noturna ⊙ ETIM lat. <i>serēnus, a, um</i> 'sereno, puro de nuvens, calmo' □ SIN/VAR ver sinonímia de <i>orvalho</i> e <i>tranquilo</i> ⊙ ANT ver sinonímia de <i>apavorado, medroso</i> e <i>preocupado</i> ⊙ HOM <i>sereno</i> (fl. <i>serenar</i>) |
| NADCLP (2011) | sereno (se.re.no) 4. Vapor da atmosfera, ger. noturno; ORVALHO; RELENTO 5. <i>Bras. Pop.</i> O ar fresco da noite. 6. As ruas e as calça das durante a noite: <i>Não vá ficar no sereno.</i> 7. <i>Bras.</i> Chuvisco, chuva muito leve. [F.: Do lat. <i>serenus, a, um.</i> ■ Ficar no sereno ~1 <i>Fig. Bras.</i> Não dormir, passar a noite divertindo-se. 2 <i>MG</i> Assistir, presenciar ou apreciar uma festa, cerimônia, etc., de longe, sem participar. [Cf. <i>serenar</i> (5).] |
| DOP (2009-2017) | sereno s.m. Orvalho; gotículas de água que se acumulam durante a noite sobre; o vapor da atmosfera observado durante a noite: <i>compunha no sereno.</i> [Brasil] Chuvisco; chuva passageira e muito fina: <i>sai do sereno porque não te quero ver resfriada!</i> Sinônimos de Sereno Sereno é sinônimo de: <u>pacífico, comedido, ameno, sossegado, brando, chuvisco, delicado, orvalho,</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 101. Verbetes neblina (DB)

| | |
|-------------|---|
| AVT (1773) | NEBLINA, s.f. a thick fog, a mist. |
| HM (1923) | Neblina, <i>f.</i> a thick fog, a mist. |
| RPP (1943) | ne-bli'-na <i>f.</i> thick mist, fog. |
| TM (1964) | neblina [nê-blee'ná] <i>f.</i> mist; fog. [nébula (<i>astr.</i>). |
| JT (1970) | neblina (<i>f.</i>) fog, mist, haze. |
| BC (1991) | neblina, n.f. fog, mist. |
| ONPD (2008) | neblina /ne'blina/ <i>f</i> mist |
| AM (2010) | neblina /ne'blina/ <i>nf</i> mist |
| LIN (2017) | neblina <i>substantivo feminino</i> fog mist haze fogging Exemplos neblina de água <i>f</i> - watermist neblina d'água <i>f</i> - water fog |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 102. Verbetes cerração (DB)

| | |
|------------|---|
| AVT (1773) | <i>CERRAÇAM</i> , s. f. ex. <i>Cerraçam do tempo</i> , close gloomy weather. <i>Cerraçam do peito</i> , shortness of breath, oppression of the breast. |
| HM (1923) | Cerr açã o, <i>f. pl.</i> ~ões, darkness, gloom, cloudiness; ~ <i>do tempo</i> , close, gloomy weather; ~ <i>do peito</i> , shortness of breath, oppression of the breast, hoarseness. ~ adamente , <i>adv.</i> closely (= <i>simuladamente</i> & <i>obtinadamente</i>). |
| TM (1964) | cerração [sê-râ-sown'] <i>f.</i> fog; gloom; hoarseness (voice). |
| JT (1970) | cerração (<i>f.</i>) fog, mist. "The smoke from large-scale burnings on the plains, especially in the eastern part of Amazonia, frequently so thick as to halt navigation at night; winter fogs produced by evaporation." [GBAT]. – da fala , hoarseness. |
| BC (1991) | cerração , <i>n.f.</i> fog; gloom. |
| LIN (2017) | cerração fog, mist, haze |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Linguee (2017)

Quadro 103. Verbetes fumaça (DB)

| | |
|-------------|--|
| AVT (1773) | <i>FUMAÇA</i> , s.f. a smoky paper held under the nose o fone that sleeps. <i>Fumaça</i> , (in a moral sense) See <i>ORGULHO</i> , and <i>VAIDADE</i> . |
| HM (1923) | Fum aç a, <i>f.</i> thick smoke that rises from fire; smoky paper held under one's nose when asleep; the smoke that rises from powder, and gives signal in the day-time in a watch-tower; fumes of wine etc. mounting to the brain; <i>fig.</i> pride, vanity; phantom, illusion. |
| RPP (1943) | fu-ma'-ça <i>f.</i> smoke, puff |
| JT (1970) | fumaça (<i>f.</i>) smoke; (<i>pl.</i>) airs (haughty manner); (<i>adj.</i>) smoke-colored. cortina de – , smoke screen, sem – smokeless. |
| BC (1991) | fumaça , <i>n.f.</i> smoke; (<i>pl.</i>) airs |
| ONPD (2008) | fu maça /fu'masa/ <i>f.</i> smoke; ~ <i>maceira</i> <i>f.</i> cloud of smoke |
| LIN (2017) | fumaça <i>substantivo, feminino</i> smoke (<i>quase sempre utilizado</i>) smog fumaça <i>substantivo, feminino [BR]</i> fume |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), McKay's (1943), Taylor (1970), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Linguee (2017)

Quadro 104. Verbete névoa (DB)

| | |
|-------------|--|
| AVT (1773) | <i>NE'VOA</i> , s.f. a fog, a mist. Lat. <i>nebula</i> |
| HM(1923) | <i>Né voa</i> , <i>f.</i> fog, mist; (<i>med.</i>) nebule, a slight speck on the córnea; a misto or cloud suspended in the urine; <i>fig.</i> trouble, confusion, obscurity, dimness, darkness. [...] |
| RPP (1943) | <i>né-vo-a</i> <i>f.</i> dense fog |
| TM (1964) | <i>névoa</i> [ne'voo-ã] <i>f.</i> fog, mist. |
| JT (1970) | <i>névoa</i> (<i>f.</i>) fog, mist; obscurity. |
| BC (1991) | <i>névoa</i> , <i>n.f.</i> fog, mist. |
| ONPD (2008) | <i>névoa</i> /'nɛ'voa/ <i>f</i> haze |
| AM (2010) | <i>névoa</i> /'nɛ'vwa/ <i>nf</i> mist |
| LIN | <i>névoa</i> <i>substantivo, feminino</i> mist <i>s</i> Está difícil enxergar as montanhas por causa da névoa. It is hard to see the mountains because of the mist. fog <i>s</i> <i>menos frequentes:</i> haze <i>s</i> <i>Exemplos:</i> <i>névoa salina</i> <i>f</i> —salt spray <i>s</i> · saline mist <i>s</i> · salt fog <i>s</i> · salt mist <i>s</i> <i>névoa de sal</i> <i>f</i> —salt spray <i>s</i> <i>névoa de água</i> <i>f</i> —water mist <i>s</i> |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), McKay's (1943), Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 105. Verbete nevoeiro (DB)

| | |
|-------------|---|
| AVT (1773) | <i>NEVO'EIRO</i> , s.m. a thick fog; also any thing that dims or darkens the mind. (<i>Metaph.</i>) |
| HM(1923) | <i>Név [...] ~oéiro</i> , <i>m.</i> a thick fog; <i>fig.</i> any thing that dims or darkens the mind, obscurity, confusion. [...] |
| TM (1964) | <i>nevoeiro</i> {nê-voo-ay'ee-roo} <i>m.</i> (thick) fog. |
| JT (1970) | <i>nevoeiro</i> (<i>m.</i>) dense fog, heavy mist; obscurity. |
| BC (1991) | <i>nevoeiro</i> , <i>n.m.</i> fog. |
| ONPD (2008) | <i>nevoeiro</i> /nevo'eru/ <i>m</i> fog |
| LIN (2017) | <i>nevoeiro</i> <i>substantivo, masculino</i> fog <i>s</i> (quase sempre utilizado) <i>menos frequentes:</i> mist <i>s</i> · haze <i>s</i> <i>Exemplos:</i> luz de nevoeiro <i>f</i> —fog light <i>s</i> · fog lamp <i>s</i> · rear fog lamp <i>s</i> nevoeiro salino <i>m</i> —salt mist <i>s</i> · saline mist <i>s</i> faróis de nevoeiro <i>m pl</i> —fog lamps <i>pl</i> · fog lights <i>pl</i> |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 106. Verbetes sereno (DB)

| | |
|------------|--|
| AVT (1773) | <i>SERENO</i> , s.m. serene, a dampish and unwholesome vapour that falls after sun-set in hot countries; a sort of mildew. |
| HM(1923) | <i>Seren</i> [...] ~o, <i>adj.</i> serene, clear, fair; cheerful, quiet; (<i>msd.</i>) <i>gotta ~a</i> , amaurosis; <i>gutta ~a</i> , drop serene; ~, m. serene; <i>dormir ao ~</i> , to sleep in the open air. |
| TM (1964) | <i>sereno</i> [sê-ray'noo] <i>adj.</i> calm, serene, placid, still; clear, cloudness; <i>m.</i> night dew, evening mist. |
| CH (1983) | <i>SERENO</i> o <i>sereno</i> ² (colloq.) the night, night air Vamos sair, que o sereno não faz mal. |
| JT (1970) | <i>sereno</i> –na (m.) damp night air, mist; open-air, out-of-doors; (colloq.) group of persons who gather at night to observe from the outside the festivities taking place inside a house. |
| BC (1991) | <i>sereno</i> , 2. <i>n.m.</i> night dew; outdoors. |
| AM (2010) | <i>sereno/a</i> /se'renu/ <i>nm</i> dew |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), Lamb (1964), Chamberlain; Harmon (1983), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010)

Verifica-se, quanto a essa área temática, a importância do cotejo entre os dados do *ALiB* e as informações fornecidas pelos dicionários, uma vez que as lexias em variação pertencem a universos culturais distintos no Brasil. Ainda que **neblina** e suas variantes não tenham sido marcadas como “brasileirismos” até então, seus usos refletem particularidades diatópicas, que somente com o *Atlas Linguístico do Brasil* tornam-se passíveis de registro lexicográfico. A variante de maior ocorrência, segundo pelo *ALiB*, **neblina**, é associada nos dicionários às equivalências ‘fog, mist, haze’, nem sempre nessa ordem, todas relacionadas à ideia de diminuição da visibilidade ocasionada por fenômenos naturais.

Importa destacar, no entanto, que as mesmas equivalências incluídas no verbete cuja entrada é **neblina** são utilizadas na definição de outros itens, como **cerração**, **névoa** e **nevoeiro**. Invariavelmente, aparecem “fog” e “mist” como correspondências do inglês para os lemas citados. A questão central é que, do mesmo modo que no inglês, em que é muito sutil a fronteira que separa um fenômeno do outro, torna-se difícil a distinção com base em critérios científicos em dicionários bilíngues gerais, que, pelo próprio objetivo pretendido, não oferecem definições tão especializadas. Sendo, entretanto, empregadas dentro de uma relação sinonímica, tornam-se essas unidades variantes que encontram seu espaço de uso na variação diatópica.

Vale sublinhar, sobre *sereno*, a recorrência de definições de cunho descritivo, ora lexicográficas, ora extensivas ou ostensivas. Algumas tentativas de associá-la a equivalências do inglês não parecem adequadas, pois a confunde semanticamente com

outras unidades, como orvalho ('night dew') e neblina ('fog'). Destaca-se, nesse sentido, o AVT, que oferece uma definição lexicográfica através da qual tenta descrever o fenômeno a fim de torna-lo compreensível ao consulente: 'vapor úmido e insalubre que cai depois do pôr do sol nos países quentes'.

Nos dez dicionários avaliados, tem-se a seguinte situação quanto ao registro das lexias: *neblina*, variante geral do *ALiB*, aparece em todos, menos em CH; *cerração* não é registrada nos dicionários RPP, CH, ONPD, AM e LIN, neste somente aparece na forma de abonação, não como verbete; *névoa* só não aparece em CH; *nevoeiro* não consta em RPP, CH e AM. Verifica-se, assim, o predomínio das variantes **neblina** e *névoa*, nos dicionários, estando ausentes apenas em CH.

Confrontando a aparição das lexias com a porcentagem de respostas válidas à pergunta motivadora, prevalece, no Brasil, a variante *neblina*. Há distintas situações de coocorrência com as outras variantes, valendo citar: *névoa* ~ *neve* (Salvador); *cerração* (Aracaju); *névoa* (Maceió); *névoa* ~ *nevoeiro* ~ *fumaça* ~ *neve* (Recife); *sereno* ~ *neve* ~ *nevoeiro* (Manaus); *neve* (Rio Branco); *sereno* ~ *neve* (Macapá); *cerração* ~ *névoa* (Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba); *cerração* ~ *nevoeiro* (Florianópolis). Há capitais, inclusive, em que *neblina* não é a variante dominante, como em Fortaleza, em que *névoa* assume esse lugar e, em segundo plano, *neve* ~ *nevoeiro* ~ *neblina*.

7.4.3 ORVALHO

A variável linguística envolvendo **orvalho**~*sereno*~*neblina*~*garoa*~*neve* responde à questão "De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?". A variante mais geral, nos âmbito dos dicionários monolíngues, aparece em DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP com o sentido predominante de 'vapor aquoso' (DCLP), 'condensação de vapor de água' (DHLP), 'vapor da água atmosférica que se condensa e deposita em gotículas [...] sobre qualquer superfície plana' (NADCLP). Quanto à *sereno*, os registros são os mesmos de quando aparece fazendo parte da variável de *neblina*, mas agora o sentido parece "casar" melhor com as definições fornecidas: 'orvalhada' (DCLP); 'humidade atmosférica' (NDLP); 'sinonímia orvalho' (DHLP); 'orvalho' (DOP).

Além dessas, verificaram-se os registros de *garoa* no DVB, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP, mais associada a ideia de 'chuveiro' (DVB, NDLP, GNDLP),

‘nebulosidade’ e ‘neblina’ (DOP). Como se observou até então, nem sempre as unidades como são registradas pelos dicionários refletem os sentidos percorridos pela variação “fotografada” pelo ALiB. O período em que os dicionários foram escritos deve ser levado em conta, contudo, como o *Atlas Linguístico do Brasil* vinha sendo desenvolvido desde 1996, muitos usos pertencem a um tempo já passado e pode, assim, dialogar com dicionários não tão contemporâneos e também com os mais novos, como é comum acontecer, já que a variação passou a estar mais presente nessas obras, com os novos recursos lexicográficos disponíveis.

Quadro 107. Verbetes orvalho (DM)

| | |
|-----------------|---|
| DCLP (1881) | Orvalho (ôr-vá-lho), <i>s.m.</i> vapor aquoso que se vê pela manhã depositado sobre uma grande parte dos corpos expostos ao ar livre, em forma de pequenas gotas. (Por ext.) Gostas de liquido que se assemelham ao orvalho. |
| NDLP (1913) | Orvalho <i>m.</i> Camada de humidade, que, sob a forma de pequenas gotas, se deposita, durante a noite, sobre os corpos expostos ao ar livre, quando o céu está limpo. Ext. Gotas, semelhantes ao orvalho. |
| GNDLP (1954) | ORVALHO , <i>s.m.</i> Vapor aquoso que se vê pela manhã depositado sobre uma grande parte dos corpos expostos ao ar livre, em forma de pequenas gotas; vapor atmosférico que se condensa e depõe em gotinhas durante a noite. 2. Gotas de liquido que se assemelham ao orvalho. 3. <i>Poét.</i> Bálsamo; principio benfazejo; cousa edificante. 4. <i>Lus.</i> Pequeninos confeitos ou granjeia com que se enfeitam alguns doces. |
| DHLP (2009) | orvalho <i>s.m.</i> (sXIV) 1 MET condensação do vapor da água da atmosfera que se deposita em gotículas sobre superfícies horizontais e resfria das (terra, telha dos, folhagens etc.), pela manhã e à noite; relento, rociada, rocio 2 <i>p.ext.</i> espécie de chuva fina, leve, miúda; chuvisco 3 <i>p.ext.</i> qualquer líquido propagado em gotículas como se fosse orvalho; bonifo ☉ ETIM orig.obsc. ☉ SIN/VAR aljôfar, aljofre, brandura, cacimba, caruja, iroração, lentura, mangra, molúria, orvalhada, orvalheira, relento, rociada, rocio, rol; ver tb. sinonímia de <i>chuvisco</i> ☉ HOM <i>orvalho</i> (fl.orvalhar) |
| NADCLP (2011) | orvalho (or.va.lho) <i>sm.</i> 1. Met. Vapor da água atmosférica que se condensa e deposita em gotículas, de manhã cedo e à noite, sobre qualquer superfície plana. 2. <i>P.ext.</i> Chuva miúda; CHUVISCO; GAROA |
| DOP (2009-2017) | orvalho <i>s.m.</i> Precipitação atmosférica em que o vapor de água se condensa e se deposita durante a noite e pela manhã, formando gotículas muito finas e permanecendo sobre a vegetação do que está exposto ao ar livre; rocio, aljofre. [Por Extensão] Chuva muito rala, leve, passageira; chuvisco. [Figura do] Sensação de alívio da pessoa que desabafou ou se livrou das preocupações que a afligiam. (Etm. de origem questionável) Sinônimos de Orvalho Orvalho é sinônimo de: <u>lentura</u> , <u>relento</u> , <u>alívio</u> , <u>lenitivo</u> , <u>refrigério</u> , <u>chuvisco</u> , <u>bonifo</u> |

Fonte: Aulete (1881), Beaurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 108. Verbetes sereno² (DM)

| | |
|-----------------|---|
| DCLP (1881) | Sereno (<i>sse-rê-nu</i>), <i>adj.</i> que não tem nuvens, limpo de nevoas, claro, puro e calmo (falando da atmosfera): <i>Sereno</i> o ar e os tempos se mostravam sem nuvens, sem receio de perigo. —, <i>s. m.</i> vapores que se resolvem em uma chuva fina, sem que a transparencia do ar fique sensivelmente perturbada; humidade fina, penetrante e em pouca abundancia, que eai depois do pôr do sol pela calmosa sem que haja nuvens na atmosfera; orvalhada; relento. F. lat. <i>Serenus</i> . |
| NDLP (1913) | sereno , ¹ <i>M.</i> Vapor atmosférico, ligeiro ou pouco espesso, que se resolve em chuva finíssima. Humidade atmosférica, peculiar a algumas noites claras do verão; o mesmo que relento. *Bras. do S. Chuva miúda. (Lat. <i>serenus</i>) |
| GNDLP (1954) | SERENO, <i>s.m.</i> Vapôres que se resolvem em uma chuva fina, sem que a transparência do ar fique sensivelmente perturbada; umidade fina, penetrante e em pouca abundância, que cai às vezes depois do pôr do sol, sem que haja nuvens na atmosfera; orvalhada, relento. 2. Chuva miúda. 3. Lugar onde se dão bailes populares, ao ar livre. 4. O ar livre. |
| DHLP (2009) | ¹ sereno <i>adj.</i> (sXV) 6 <i>B infm.</i> o ar livre ao crepúsculo ou à noite 7 <i>B infm.</i> vida noturna ⊙ ETIM lat. <i>serénus, a, um</i> 'sereno, puro de nuvens, calmo' □ SIN/VAR ver sinonímia de <i>orvalho</i> e <i>tranquilo</i> ⊙ ANT ver sinonímia de <i>apavorado</i> , <i>medroso</i> e <i>preocupado</i> ⊙ HOM <i>sereno</i> (fl. <i>serenar</i>) |
| NADCLP (2011) | sereno (<i>se.re.no</i>) 4. Vapor da atmosfera, ger. noturno; ORVALHO; RELENTO 5. <i>Bras. Pop.</i> O ar fresco da noite. 6. As ruas e as calçadas durante a noite: <i>Não vá ficar no sereno</i> . 7. <i>Bras.</i> Chuvisco, chuva muito leve. [F.: Do lat. <i>serenus, a, um</i> . ■ Ficar no sereno ~1 <i>Fig. Bras.</i> Não dormir, passar a noite divertindo-se. 2 <i>MG</i> Assistir, presenciar ou apreciar uma festa, cerimônia, etc., de longe, sem participar. [Cf. <i>serenar</i> (5).] |
| DOP (2009-2017) | Sereno <i>s.m.</i> Orvalho; gotículas de água que se acumulam durante a noite sobre; o vapor da atmosfera observado durante a noite: <i>compunha no sereno</i> . [Brasil] Chuvisco; chuva passageira e muito fina: <i>sai do sereno porque não te quero ver resfriada!</i> Sinônimos de Sereno Sereno é sinônimo de: <u>pacífico</u> , <u>comedido</u> , <u>ameno</u> , <u>sossegado</u> , <u>brando</u> , <u>chuvisco</u> , <u>delicado</u> , <u>orvalho</u> , |

Fonte: Aulete (1881), Beaurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 109. Verbetes neblina² (DM)

| | |
|-----------------|--|
| DCLP (1881) | Neblina (<i>ne-bli-na</i>), s. f. nevoa densa e rasteira; nevoeiro: O sol reaparece, desfaz-se a neblina. (Castilho.) Atravez da <i>neblina</i> brancacenta...descobri um vulto. (Garrett.) |
| NDLP (1913) | neblina f. Grande nevoeiro. Névoa densa e rasteira. Ext. Sombra, trevas. (Cast. <i>neblina</i>) |
| GNDLP (1954) | NEBLINA , s. f. Cast. <i>neblina</i> . Grande nevoeiro; névoa densa e rasteira. 2. Sombra, trevas. |
| DHLP (2009) | neblina s.f. (1660) 1 névoa baixa e fechada; nevoeiro 2 <i>fig.</i> ausência de luz; escuridão 3 <i>B.N.E.</i> chuva miúda; chuvisco 4 <i>PI</i> pancada de chuva forte e rápida; aguaceiro ⊙ ETIM esp. <i>neblina</i> <lat. <i>nebula</i> , ae 'névoa, nevoeiro' ⊙ SIN/VAR librina, nebrina; ver tb. sinonímia de <i>bruma</i> e <i>chuvisco</i> ⊙ HOM <i>neblina</i> (fl.neblinar) |
| NADCLP (2011) | neblina (<i>ne.bli.na</i>) sf. 1. Névoa densa e baixa; BRUMA; CERRAÇÃO; NEVOEIRO: "O bunitzal provinha das <i>neblinas</i> do fundo (...)." (João Guimarães Rosa, "Uma estória de amor", in <i>Corpo de baile</i> .) 2. Fig. Sombra, escuridão 3. Bras. N.E. Ver <i>chuvisco</i> 4. PI Chuva forte e rápida [F.: Do esp. <i>neblina</i> . Hom./Par.: <i>neblina</i> (fl. de <i>neblinar</i>).] |
| DOP (2009-2017) | Neblina s.f.Névoa, nevoeiro, cerração. Sinónimos de Neblina Neblina é sinónimo de: <u>cerração, nevoeiro, névoa, chuvisco, garoa</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 110. Verbetes garoa (DM)

| | |
|-----------------|--|
| DVB (1889) | Garôa , s.f. (<i>provs. merid.</i>) chuvisco. Etym. E' vocabulo de origem peruana. No Perú dizem <i>Garúa</i> , e assim tambem no Chile e em outros paizes hispano-americanos. |
| NDLP (1913) | garôa f. Bras. do S. O mesmo que <i>chuvisco</i> . (Do peruano <i>garua</i>) |
| GNDLP (1954) | GAROA , s.f. Peruv. <i>garua</i> . Nevoeiro fino e persistente: "Aí pelas 7 horas, uma <i>garoa</i> subitânea chiava no teto de palha" (J.A. de Almeida). 2. O mesmo que chuvisco. |
| DHLP (2009) | ¹ garoa \ô\ s.f. (1890) B 1 nevoeiro fino 2 chuva miúda e contínua; chuvisco ⊙ ETIM orig.contrv. ⊙ SIN/VAR <i>garua</i> ; ver tb. sinonímia de <i>chuvisco</i> ⊙ HOM <i>garoa</i> (fl.garoar) |
| NADCLP (2011) | garoa (<i>ga.ro.a</i>)[ô] Bras. sf. 1. Bras. SP Chuva miúda que cai por longo tempo; CHUVISCO 2. Nevoeiro fino <i>sm</i> |
| DOP (2009-2017) | garoa s.f.Chuvisco; chuva fina e permanente que cai por um tempo prolongado.Nevoeiro fino; nebulosidade formada por gotículas de água suspensas na atmosfera; nevoeiro próximo da superfície, abaixo das nuvens.(Etm. de origem questionável)s.m.Regionalismo. Sinónimos de Garoa Garoa é sinónimo de: <u>jereré, nevoeiro, chuvisco, neblina, nebulosidade, valentão</u> |

Fonte: Beaupaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 111. Verbetes orvalho (DB)

| | |
|-------------|---|
| AVT (1773) | <i>ORVA'LHO</i> , s.m. dew. |
| HM(1923) | Orvalh ~o, <i>m.</i> dew. |
| RPP (1943) | or-va'-lho <i>m.</i> dew; fine, misty rain. |
| TM (1964) | orvalho [ohr-val'yoo] <i>m.</i> dew |
| JT (1970) | orvalho <i>m.</i> dew; mist. — da-aurora , the iceplant (<i>Mesembrianthemum crystallinum</i>), c.a. GELADA , PRATEADA , ERVA-DO-ORVALHO . |
| BC (1991) | orvalho <i>n.m.</i> dew. |
| ONPD (2008) | orvalho /or'va.lu/ <i>m</i> dew |
| AM (2010) | orvalho /or'va.lu/ <i>nm</i> dew |
| LIN(2017) | orvalho <i>substantivo, masculino</i> dew <i>s</i> (quase sempre utilizado) <i>menos frequentes:</i> mist <i>s</i> de orvalho dew <i>Exemplos:</i> orvalho matinal <i>m</i> — morning dew <i>s</i> formação de orvalho <i>f</i> — dew formation <i>s</i> |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), McKay's (1943), Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 112. Verbetes sereno² (DB)

| | |
|------------|---|
| AVT (1773) | <i>SERENO</i> , s.m. serene, a dampish and unwholesome vapour that falls after sun-set in hot countries; a sort of mildew. |
| HM(1923) | Seren [...] ~o, <i>adj.</i> serene, clear, fair; cheerful, quiet; (<i>med.</i>) <i>gotta ~a</i> , amaurosis; <i>gutta ~a</i> , drop serene; ~, <i>m.</i> serene; <i>dormir ao ~</i> , to sleep in the open air. |
| TM (1964) | sereno [sẽ-ray'noo] <i>adj.</i> calm, serene, placid, still; clear, cloudness; <i>m.</i> night dew, evening mist. |
| CH (1983) | SERENO o sereno ² (colloq.) the night, night air Vamos sair, que o sereno não faz mal. |
| JT (1970) | sereno -na (<i>m.</i>) damp night air, mist; open-air, out-of-doors; (colloq.) group of persons who gather at night to observe from the outside the festivities taking place inside a house. |
| BC (1991) | sereno , 2. <i>n.m.</i> night dew; outdoors. |
| AM (2010) | sereno/a /se'renu/ <i>nm</i> dew |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010)

Quadro 113. Verbete neblina² (DB)

| | |
|-------------|--|
| AVT (1773) | <i>NEBLINA</i> , s.f. a thick fog, a mist. |
| HM (1923) | Neblina, <i>f.</i> a thick fog, a mist. |
| RPP (1943) | ne-bli'-na <i>f.</i> thick mist, fog. |
| TM (1964) | neblina [nê-blee'ná] <i>f.</i> mist; fog. [nêbula (<i>astr.</i>). |
| JT (1970) | neblina (<i>f.</i>) fog, mist, haze. |
| BC (1991) | neblina, <i>n.f.</i> fog, mist. |
| ONPD (2008) | neblina /ne'blina/ <i>f</i> mist |
| AM (2010) | neblina /ne'blina/ <i>n/f</i> mist |
| LIN (2017) | neblina <i>substantivo feminino</i> fog mist haze fogging Exemplos neblina de água <i>f</i> - water mist neblina d'água <i>f</i> - water fog |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), McKay's (1943), Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 114. Verbete garoa (DB)

| | |
|-------------|--|
| CH (1983) | GAROA <u>a garoa</u> (colloq.) the mist, fog O aeroporto vai ter que fechar por causa da garoa, não acha? |
| JT (1970) | g ^o roa (<i>f.</i>) fog; fine drizzle. |
| BC (1991) | g ^o roa, <i>n.f.</i> mist. |
| ONPD (2008) | g ^o ro a /ga'roa/ <i>f</i> drizzle; ~ar <i>vi</i> drizzle |
| AM (2010) | g ^o roa /ga'roa/ <i>n/f</i> drizzle g ^o roar /ga'rwa(r)/ <i>vi</i> drizzle |
| LIN (2017) | g ^o roa <i>substantivo, feminino [BR]</i> drizzle <i>s</i> Exemplos: leve garoa <i>f</i> [BR]—light drizzle <i>s</i> |

Fonte: Taylor (1970), Chamberlain; Harmon (1983), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Nas obras bilíngues, acontece algo semelhante ao que se observou nas publicações monolíngues. Orvalho está registrado em AVT, HM, RPP, TM, JT, BC, ONPD, AM e LIN, sempre com seu equivalente lexical recorrente 'dew' e outros que também se relacionam à ideia de vapor d'água. No caso de *sereno*, registrado por AVT, HM, TM, CH, JT, BC e AM, observa-se com 'vapour that falls after sunset' (AVT), ou seja, um vapor que cai após o sol se por, relacionando-se o sentido de sereno não só com vapor mas com noite, como em 'damp night air' (JT), ar úmido da noite. Quanto à *g^oroa*, registra-se em CH, JT, BC, ONPD, AM e LIN, sempre relacionada ao sentido de 'drizzle' (JT), chuvisco, e 'light drizzle' (LIN), chuvisco leve. Finalmente, no que diz

respeito à neblina, notam-se acepções como ‘mist’ e ‘water mist’ (neblina e neblina de água).

Como se pode notar, a relação de variação não se estabelece tanto pela falta de associação entre os sentidos das unidades analisadas quanto pela falta de marcação dialetal que diferencie os usos. O *Atlas Linguístico do Brasil* identifica que, em algumas regiões do Brasil, as unidades estão, de fato, em variação, como em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Belém, em que competem as unidades orvalho, sereno e neblina.

7.5 FAUNA

7.5.1 BICHO-DA-GOIABA

No QSL, pergunta-se “Como se chama aquele bichinho branco enrugadinho que dá em goiaba, em coco?” (carta L13) Para essa questão surgem as seguintes respostas: **bicho da goiaba**, larva, tapuru, lagarta, broca, gongolô, bicho da fruta, coró. Poucos foram os registros associados a essas variantes nos dicionários pesquisados. Foram estes os verificados:

Quadro 115. Variantes para bicho-da-goiaba (DM)

| | |
|---------------|--|
| DCLP (1881) | Lagarta (la-ghá-ta), <i>s.f.</i> (zool.) larva dos lepidópteros ou borboletas; a primeira fase que estes insectos apresentam na sua organização, e que dura desde que saem dos ovos até se transformarem em chrysalidas. [O corpo é alongado e composto de doze anéis; têm umas falsas pernas, que perdem quando passam ao estado de insecto perfeito e sobre os flancos apresentam pequenos orifícios, que são os órgãos respiratórios.] (Fig. pop.) Jogar á cega <i>lagarta</i> . andar ao acaso ou proceder sobre bases incertas. F. lat. <i>Lacerta</i> . |
| GNDLP (1954) | BROCA , <i>s.f.</i> Lat. brochus. [...] 13. Larca de certo insecto, que se desenvolve na casca nas raízes das plantas, penetrando nelas e danificando-as. 14. Larva de certo insecto, que ataca os livros. [...] |
| DHLP (2009) | coró <i>s.m.</i> ent <i>B</i> design. comum e imprecisa a diversas larvas, esp. de besouros escarabeídeos, encontradas no solo, ger. us. como isca em pescarias; bicho-de-esterco, bicho-de-pau-podre, carapicu, morotó [...] |
| NADCLP (2011) | tapuru (ta.pu.ru) <i>sm.</i> [...] 3. <i>Bras. N.E.</i> Bicho-da-fruta [F.: Do tupi <i>tapu'ru</i> 'larva e árvore] |

Fonte: Aulete (1881), Freire (1954), Houaiss (2009), Dicio (2009-2017)

Nos dicionários bilíngues, não foram encontrados registros dessa variável. Nos monolíngues, como se vê no quadro 114, as associações são diversas, passando pela

‘larva dos lepidópteros ou borboletas’ (DCLP), ‘larva de certo inseto’ (GNDLP), ‘design. comum e imprecisa a diversas larvas’ (GNDLP), ‘Bras.N.E. Bicho-da-fruta’ (NADCLP).

7.5.2 GALINHA D’ANGOLA

Como respostas à questão “Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?”, as seguintes variantes coocorrem no cenário registrado pelo *ALiB*: **galinha d’angola** ~ *picote* ~ *capote* ~ *tô-fraco*. Nos dicionários, galinha d’angola é registrada pela maioria dos monolíngues: NDLP, GNDLP, DHLP e NADCLP, utilizando no primeiro dessa lista a marca de uso dialetal “brasileirismo” na acepção ‘ave gallinácea’. Sua variante, *angolista*, foi registrada pelo GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP, aplicando-se no segundo uma marca dialetal “SP” para o uso como ‘galinha d’angola’, mesma marca encontrada no NADCLP. A variante *capote* foi encontrada no NDLP, GNDLP, DHLP e NADCLP, sendo que neste registra-se também a marca “brasileirismo” para a acepção correspondente à variante principal. *Cocar* é encontrada em DHLP e NADCLP, com a marca “PI BA” (Piauí, Bahia) na acepção ‘galinha d’angola’, que não corresponde ao registro do *Atlas Linguístico do Brasil*, uma vez que essa unidade ocorre em Goiânia e Cuiabá, no centro-oeste.

Quanto à *guiné*, aparece no GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP, sendo que, entre esses, Houaiss (2009) atribui a marca dialetal PE, que corrobora um dos registros do *ALiB* apontando a ocorrência dessa unidade em Recife. Encontraram-se, além dessas unidades, outras que constituem “variantes das variantes” apontadas pelo *Atlas*. Assim se sucedeu com a unidade “estou-fraca” para galinha d’angola, encontrada em NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP. De forma semelhante, porém um tanto artificial com relação a *tô-fraco*, “estou-fraca” foi predominante nessas publicações, em que a visão prescritivista continua presente. Como substituir uma forma como *tô-fraco*, certamente criada pela norma popular, por algo como “estou-fraca”? Assim também, em lugar de *picote*, encontrou-se *picota*, registrada pelo NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP. Nesses, aplicaram-se marcas de uso dialetais para dar conta desse uso: Bras; Amaz.; regionalismo.

Quadro 116. galinha d'angola (DM)

| | |
|------------------|--|
| NDLP (1913) | galinha-de-angola <i>f. Bras.</i> Ave galinácea, tamb' em conhecida por <i>guiné</i> . |
| GNDLP (1954) | GALINHA , ou GALLINHA , <i>s.f. [...]</i> GALINHA DE ANGOLA, <i>s.f.</i> Ave galinácea, também conhecida por <i>guiné</i> . |
| DHLP (2009) | galinha-d'angola <i>s.f. (1913)</i> 1 ORN ave galiforme, campestre, da fam. dos numídeos (<i>Numida meleagris</i>), originária da África e introduzida e domesticada em diversos países de clima quente; de plumagem cinzenta pintalga de branco e cabeça nua, vivamente colorida e dotada de uma crista óssea dorsal; <i>angolinha</i> , <i>angolista</i> , <i>capote</i> , <i>cocar</i> , <i>conquém</i> , <i>edu</i> , <i>estou-fraca</i> , <i>galinha-da-guiné</i> , <i>galinha-da-índia</i> , <i>galinha-da-numídia</i> , <i>galinha-do-mato</i> , <i>galinhola</i> , <i>guiné</i> , <i>picota</i> , <i>pintada</i> , <i>sacué</i> 2 <i>p.met.</i> CUL iguaria que se prepara com esta ave 3 ENT B m.q. <i>estaladeira</i> ('designação comum') ⊙ GRAM pl.: <i>galinhas-d'angola</i> ⊙ VOZ v. e subst.: <i>fraquejar</i> |
| NADCLP (2011) | galinha-d'angola (<i>galinha-d'angola</i>) <i>sf. Zool.</i> Ave da fam. dos numídeos (<i>Numida meleagris</i>), de plumagem acinzentada com pintas brancas, originária da África e domesticada em países de clima quente ou temperado. [Pl.: <i>galinhas-d'angola</i> .] |

Fonte: Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 117. Verbete angolista (DM)

| | |
|--------------------|--|
| GNDLP (1954) | ANGOLISTA , <i>s.f.</i> O mesmo que <i>angolinha</i> . [...] |
| DHLP (2009) | angolista <i>s.f. (1974)</i> 1 ORN SP m.q. <i>galinha-d'angola</i> (<i>Numida meleagris</i>) [...] ⊙ ETIM top. <i>Angola + -ista</i> ⊙ PAR <i>angulista</i> (<i>s.f.</i>) |
| NADCLP (2011) | * angolista (<i>an.go.lis.ta</i>) <i>sf. l. SP Zool.</i> O mesmo que <i>galinha-d'angola</i> (1) [F.: Do top. <i>Angola + -ista</i> .] |
| DOP (2009-2017) | angolista <i>sf</i> [Ornitologia] Variação de <i>angolinha</i> . [...] |

Fonte: Aulete (1881), Beaurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 118. Verbete capote (DM)

| | |
|------------------|---|
| NDLP (1913) | capote <i>m. [...]</i> * Gallinha de Angola. [...] |
| GNDLP (1954) | CAPOTE , <i>s.m. [...]</i> 10. Gallinha de Angola (<i>Numida meleagris</i>). [...] |
| DHLP (2009) | ¹ capote <i>s.m. (1622-1682)</i> [...] 7 ORN m.q. <i>galinha-d'angola</i> (<i>Numida meleagris</i>) [...] ⊙ ETIM fr. <i>capote</i> 'capa com capuz' ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de <i>sobretudo</i> ⊙ HOM <i>capote</i> (fl. <i>capotar</i>) ⊙ PAR <i>capota</i> (<i>s.f.</i>) |
| NADCLP (2011) | capote ² (<i>ca.po.te</i>) [ô] [...] 6. <i>Bras. Zool.</i> Gallinha-d'angola. [F.: de <i>capa + -ote</i> .] |

Fonte: Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 119. Verbetes cocar (DM)

| | |
|---------------|---|
| DHLP (2009) | cocar <i>s.m.</i> (1727) [...] 6 ORN <i>PI</i> m.q. <i>galinha-d'angola</i> (<i>Numida meleagris</i>) ⊙ |
| NADCLP (2011) | cocar ¹ (<i>co.car</i>) <i>sm.</i> [...] 6. <i>Bras. PIBA Zool.</i> Galinha-d'angola. [F.: do fr. <i>cocarde</i> .] |

Fonte: Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 120. Verbetes guiné (DM)

| | |
|-----------------|---|
| GNDLP (1954) | GUINÉ , <i>s.f.</i> O mesmo que <i>galinha de Angola</i> . [...] |
| DHLP (2009) | guiné <i>s.2g.</i> [...] 3 ORN <i>PE</i> m.q. <i>galinha-d'angola</i> (<i>Numida meleagris</i>) ⊙ ETIM top. <i>Guiné</i> |
| NADCLP (2011) | guiné ² (<i>gui.né</i>) <i>sf.</i> <i>Zool.</i> Ver <i>galinha-d'angola</i> (<i>Numida meleagris</i>); <i>CAPOTA</i> [F.: Do top. <i>Guiné</i> .] |
| DOP (2009-2017) | guiné <i>sf</i> [Botânica] Planta fitolacácea (<i>Petiveria hexagloch</i> in).[Omitologia] Variação de <i>galinha-d'angola</i> . [...] |

Fonte: Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 121. Verbetes estou-frac~ tô-frac (DM)

| | |
|-----------------|---|
| NDLP (1913) | estou-frac <i>f.</i> O mesmo que <i>galinha-da-índia</i> ou <i>pintada</i> . (Nome imitativo do canto desta ave) |
| GNDLP (1954) | ESTOU-FRACA , <i>s.f.</i> <i>Onom.</i> Ave originária da África, da família das galináceas, também chamada <i>galinha da Guiné</i> , <i>galinha da Angola</i> , <i>galinha da Numidia</i> , <i>meleagris</i> ou <i>pintada</i> . |
| DHLP (2009) | estou-frac <i>s.f.2n.</i> ORN m.q. <i>galinha-d'angola</i> (<i>Numida meleagris</i>) |
| NADCLP (2011) | * estou-frac <i>s. f.</i> (<i>fam.</i>) nome popular da <i>galinha-d'angola</i> . <i>F.</i> Nome imitativo do canto dessa galinha. |
| DOP (2009-2017) | estou-frac <i>f.</i> O mesmo que <i>galinha-da-índia</i> ou <i>pinta da</i> . (Nome imitativo do canto desta ave) |

Fonte: Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 122. Verbetes picota~picote (DM)

| | |
|-----------------|---|
| NDLP (1913) | picota , ² <i>f.</i> <i>Bras.</i> Ave, o mesmo que <i>galinha-da-índia</i> . |
| GNDLP (1954) | PICOTA , <i>s.f.</i> Ave, o mesmo que <i>galinha da Índia</i> . |
| DHLP (2009) | picota <i>s.f.</i> (1145) [...] 4 ORN <i>AMAZ</i> m.q. <i>galinha-d'angola</i> (<i>Numida meleagris</i>) ⊙ ETIM ¹ <i>pico</i> + <i>-ota</i> ⊙ HOM <i>picota</i> (fl. <i>picotar</i>) |
| NADCLP (2011) | * picota ² <i>s. f.</i> (<i>Bras.</i> , <i>Amazônia</i>) o mesmo que <i>galinha-d'angola</i> . |
| DOP (2009-2017) | picota [...] <i>sf</i> [Regionalismo: Amazônia] Variação de <i>galinha-d'angola</i> . |

Fonte: Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 123. Verbetes galinha d'angola (DB)

| | |
|-----------|---|
| HM (1923) | Gallinh a,f. [...] ~ d'Angola, ~ Mourisca, Guinea-hen, pinto do [...] |
| JT (1970) | galinha (f) [...] —d'angola, the Guinea fowl (<i>Numida meleagris</i>), known also by many other names: GALINHA-DA-ÍNDIA, GALINHA-DA-NUMÍDIA, GALINHA-DA-GUINÉ, GUINÉ, CONQUEM, ANGOLINHA, ANGOLISTA, GALINHOLA, CAPOTE, COCAR, ESTOU-FRACA, PICOTA, PINTADA, etc. [...] |
| AM (2010) | galinha /ga'liña/ nf [...] galinha d'angola nf guinea fowl [...] |
| LIN(2017) | galinha-d'angola <i>substantivo, feminino</i> guinea fowl s |

Fonte: Michaelis (1923), Taylor (1970), Chamberlain; Harmon (1983), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 124. Variantes de galinha d'angola (DB)

| | |
|-----------|---|
| JT (1970) | angolinha, angolista (f) = GALINHA-D'ANGOLA capote (m) [...] also = GALINHA-D'ANGOLA (guinea hen) conquém (m) = GALINHA-D'ANGOLA estou-fraca (f) guinea fowl. [This is the onomatopoeic name. Other common names are: GALINHA-DA-ANGOLA, GALINHA-DA-GUINÉ, GALINHA-DA-NUMÍDIA, MELEAGRIS, PINTADA.] galinhola (f) [...] also, the guinea fowl [=GALINHA D'ANGOLA]. |
| LIN(2017) | pintada <i>substantivo, feminino</i> guinea fowl s |

Fonte: Taylor (1970)

Quanto aos dicionários bilíngues, encontraram-se registros de **galinha d'angola** em HM, JT, AM, LIN, com muitas variantes apresentadas em JT, como galinha da índia, galinha da numídia, galinha da guiné, mas sem referências aos contextos em que ocorrem. No quadro 123, são apresentadas as variantes encontradas em JT e LIN reunidas num único quadro. Nenhuma referência à variação dialetal foi mencionada, a não ser nos monolíngues. Além da marca dialetal, seria interessar marcar usos artificiais como “estou-fraca” a fim de chamar atenção do consulente que não soaria natural utilizar essa unidade para um conhecimento tão popular, como o que permeia a ingênuia *tô-fraco*.

7.5.3 LIBÉLULA

“Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?”. Como respostas a essa pergunta na carta L12 do ALiB surge **libélula**~ *helicóptero*~*bate-bunda/lava-bunda/lava-cu*~*jacinta* ~*zigue-zague*~*cigarra*~*outras* (*cavalo do cão*~*catirina*~*cavalo-do-cão*~*mané-magro* etc.). Nesta pesquisa, encontraram-se registros de libélula em NDLP,

GNDLP, DHLP, NADCLP, DOP. Como se pode observar no quadro 124, são muitas variantes atribuídas ao lema principal, inclusive muitas que não se encontram no *Atlas Linguístico do Brasil*. Não, contudo, nenhuma identificação dialetal das mesmas.

Reuniram-se as variantes do QSL encontradas nos dicionários monolíngues pesquisados no quadro 125. Em DHLP, foram encontrados *helicóptero*, *jacinta*, *lava-bunda*, *lava-cu*, *lavadeira*, *zigue-zague*; no NADCLP, estão *lava-cu*, *lavadeira*, *lava-bunda*, *ziguezague*, *zigue-zague*; no DOP, registram-se *helicóptero*, *lavadeira* e *zigue-zague*. Marcas dialetais foram empregadas em alguns casos, como em *jacinta* (DHLP), com a marca de “Amazônia”, que coincide com o registro do *ALiB*, uma vez que é bastante utilizada em Manaus. Além dessa, *lava-cu* recebe a marca dialetal de “Sergipe”, que também é fiel ao *ALiB*, que aponta para esse uso lexical em Aracaju, bem como *zigue-zague* recebe a marca de uso de “Paraíba”, também corroborando os resultados da pesquisa geolinguística. Parece, dessa forma, que em Houaiss (2009), nesse caso, a preocupação com a variação dialetal vai além do tom impressionístico.

Quadro 125. Verbetes libélula (DM)

| | |
|--------------------|---|
| NDLP (1913) | libélula <i>f.</i> Designação científica da <i>libelinha</i> . |
| GNDLP (1954) | LIBELULA , ou LIBELLULA , <i>s.f.</i> Designação científica de libelinha. |
| DHLP (2009) | libélula <i>s.f.</i> (1899) ENT design. comum aos insetos da ordem dos odonatos, facilmente reconhecíveis pelo abdome longo e estreito, pelas quatro asas alongadas, transparentes e providas de rica nervação [São camívoros em todas as fases vitais, alimentando-se de insetos e outros organismos.] ⊙ ETIM lat.cien. <i>libellula</i> , dim. do lat.cl. <i>libélla</i> , <i>ae</i> 'prumo, nível' ⊙ SIN/VAR aviãozinho, cabra-cega, calunga, cambito, canzil, catarina, cavalinho-de-judeu, cavalinho-do-diabo, cavalo-judeu, chupeta, donzelinha, fura-olho, fura-terra, helicóptero, jaçanã, jacina, jacinta, lava-bunda, lava-cu, lavadeira, lavandeira, libelinha, macaquinho-de-bambá, o donato, olho-de-peixe, papa-fumo, papa-verto, pito, tangerina, zabumba, zigue-zague, zigue-zigue |
| NADCLP (2011) | libélula (<i>li.bé.lu.la</i>) <i>sf.</i> 1. Ent. Nome comum aos insetos da ordem dos odonatos, de quatro asas longas e transparentes, abdome estreito e comprido, e que se alimentam de insetos e outros organismos; LAVADEIRA [F.: Do fr. <i>libellule</i> , do lat. cient. <i>libellula</i> .] |
| DOP (2009-2017) | Libélula <i>s.f.</i> Inseto de quatro asas membranosas, que voa rapidamente junto às águas em perseguição a outros minúsculos insetos e cuja larva é a quática. |

Fonte: Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 126. Variantes de libélula (DM)

| | |
|-----------------|--|
| GNDLP (1954) | LAVADEIRA, s.f. De lavar+ deira [...] 3. Inseto, o mesmo que <i>libelinha</i> . [...] |
| DHLP (2009) | helicóptero s.m. (1932)[...] 2 ENT B m.q. <i>libélula</i> ◊ ETIM <i>helic(i/o)- + -ptero</i> , pelo fr. <i>hélicoptère</i> 'id.' (aer) jacinta s.f. ENT AMAZ m.q. <i>libélula</i> ◊ ETIM orig.obsc. lava-bunda s.m. ENT B S. m.q. <i>libélula</i> ◊ GRAM pl.: <i>lava-bundas</i> lava-cu s.m. SE m.q. <i>libélula</i> ◊ GRAM pl.: <i>lava-cus</i> lavadeira s.f. (1813)[...] 5 ENT B m.q. <i>libélula</i> [...] ◊ ETIM fem.substv. de <i>lavadeiro</i> (signf. correlato ao de <i>lavador</i>) zigue-zague s.m. (1836)[...] ENT RV 3 m.q. <i>libélula</i> ◊ GRAM pl.: <i>zigue-zagues</i> ◊ ETIM fr. <i>zigzag</i> 'id.' ◊ PAR <i>zigue-zigue</i> (s.m. s.2g.) zigue-zigue s.m. (1721)[...] 3 ENT PB AL m.q. <i>libélula</i> ◊ ETIM prov. orig.onom. ◊ PAR <i>zigue-zague</i> (s.m. s.2g.) |
| NADCLP (2011) | * lava-cu (la.va-cu) sm. 1. SE Ent. Libélula [Pl.: lava-cus.] [F.: lava(r)- + -cu] lavadeira (la.va.dei.ra) sf. [...] 4. Zool. Ver <i>libélula</i> . [...] [F.: Fem. substv. de <i>lavadeiro</i> .] * lava-bunda s. m. (Bras.) (pop.) inseto, o mesmo que <i>lavadeira</i> ou <i>libélula</i> F. <i>Lavar+bunda</i> '. * ziguezigue s. m. (Bras., Nordeste) Libélula. F. E voz onomatopaica. zigue-zague (zi.gue-za.gue) sm. [...] 11 RN Ent. Ver <i>libélula</i> [F.: Do fr. <i>zigzag</i> .] (só no dicionário impresso) |
| DOP (2009-2017) | helicóptero s.m.[...] [Brasil] Libélula; aspecto comum aos insetos de abdome muito longo, caracterizados por suas quatro asas transparentes.(Etm helicio + ptero; do francês: hélicoptère) Sinônimos de Helicóptero Helicóptero é sinônimo de: <u>aeronave</u> , <u>libélula</u> , <u>autogiro</u> lavadeira s.f.[...] Nome comum às espécies de insetos da ordem dos odonatos, que a deixam à superfície das águas; libélula. ziguezigue s.m.[...].[Brasil: Nordeste] Libélula. |

Fonte: Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 127. Verbete libélula (DB)

| | |
|-------------|---|
| TM (1964) | libélula [lee-be'loo-lâ] f. dragon-fly. |
| JT (1970) | libélula (f.) dragonfly, c.a. LIBELINHA, CAVALO-JUDEU, DONZELINHA. |
| BC (1991) | libélula n.f. dragonfly |
| ONPD (2008) | libélula /li'bɛ'lula/ f dragonfly |
| AM (2010) | libélula /li'bɛ'lula/ nf dragonfly |
| LIN(2017) | libélula substantivo, feminino dragonfly s |

Fonte: Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain; Harmon (1983), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 128. Variantes de libélula (DB)

| | |
|-----------|--|
| JT (1970) | lava-bunda (<i>m.</i>) a dragon fly. lavadeira (<i>f.</i>) washerwoman, laundress; washing machine; (Zool.) the courier water-tyrant (<i>Fluvicola c. climazura</i>), c.a. LAVANDEIRA, LAVADEIRA-DE-NOSSA-SENHORA; also = VIUVINHA, POMBINHA-DAS-ALMAS. |
|-----------|--|

Fonte: Taylor (1970)

Se houve preocupação com variação dialetal nos dicionários monolíngues, entre os bilíngues nenhum registro nesse sentido, para essas variantes, foi verificado. **Libélula** aparece em HM, JT, BC, ONPD, AM, LIN. Apresentam-se, além disso, em JT, as variantes *lava-bunda* e *lavadeira*.

7.5.4 PERNILONGO

“Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?” (carta L14). A pergunta do QSL obteve as respostas: **pernilongo~mosquito~muriçoca~carapanã~praga**. Pernilongo e mosquito foram registrados em DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP. Este atribui marca de uso “Minas Gerais” para **pernilongo** como ‘qualquer mosquito da família dos culicídeos’. Em relação a *carapanã*, registram-se entradas para essa unidade em: DVB, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP, DOP. Em NDLP, marca de uso “brasileirismo do norte” foi empregada na definição dessa unidade. No *Atlas Linguístico do Brasil*, identifica-se de fato o norte do país com a ocorrência *carapanã*, no mapa.

Muriçoca aparece em DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP, empregando-se no Houaiss (2009) a marca “brasileirismo” e “nordeste/Minas Gerais” para o uso dessa unidade. Apesar de não se verificar o uso em Minas, no registro do *Atlas Linguístico do Brasil*, o mesmo não se pode dizer sobre o nordeste, que registrou sim *muriçoca* nos inquéritos. Acerca de *praga*, seu registro se faz notar nos seis dicionários monolíngues consultados, chamando atenção o fato de se apontar em DVB o uso próprio do Maranhão, confirmado pelo registro do *ALiB*, que marca São Luís.

Quadro 129. Verbetes pernilongo (DM)

| | |
|-----------------|--|
| DCLP (1881) | Pernilongo (pér-ni-lon-ghu), <i>adj.</i> que tem as pernas compridas: O que elle me parece é ga fanhoto <i>pernilongo</i> . (Castilho.) F. <i>Perna+longo</i> . |
| NDLP (1913) | pernilongo <i>adj.</i> Que tem pernas compridas. *M. Ave ribeirinha, (<i>Himantopus candidus</i> , Bonnat). *Bras. Variedade de mosquito. (De perna + longo) |
| GNDLP (1954) | PERNILONGO , <i>adj.</i> De <i>perna+longo</i> . Que tem pernas compridas. PERNILONGO , <i>s.m.</i> De <i>perna+longo</i> . Ave ribeirinha (<i>Himantopus candidus</i> , Bonnat.). 2. Variedade de mosquito (<i>Stegomyia fasciata</i>). |
| DHLP (2009) | <i>adj.</i> (1877) 1 que tem pernas longas ■ <i>s.m.</i> 2 ENT B m.q. ¹ mosquito ('designação comum') 3 ⊙ ETIM <i>pern(i)-+longo</i> ⊙ SIN/VAR do <i>adj.</i> : ver sinonímia de <i>pernalto</i> ⊙ ANT do <i>adj.</i> : <i>pemicurto</i> |
| NADCLP (2011) | (<i>per.ni.lon.go</i>) Bras. Zool. <i>sm.</i> 1. Ver <i>mosquito</i> . 2. Ave da fam. dos recurvirostrídeos (<i>Himantopus himantopus</i>), de dorso negro e partes inferiores brancas, pés e íris vermelhos, com cerca de 38cm, encontra da dos EUA ao sul da América do Sul. [F.: <i>pern(i)-+longo</i> .] |
| DOP (2009-2017) | pernilongo No Brasil em geral, e particularmente em Minas, designação dada a qualquer mosquito da família dos culicídeos. Ver <i>carapanã</i> . |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 130. Verbetes carapanã (DM)

| | |
|-----------------|---|
| DVB (1889) | Carapanân , <i>s.m.</i> (<i>Valle do Amaz.</i>) mosquito pernilongo, especie de <i>Culex</i> . <i>Etyim.</i> E' vocabulo do dialecto tupi da costa septentrional do Brazil. No sul davam-lhe os Tupinambás o nome de <i>Marigüi</i> . |
| NDLP (1913) | carapanan <i>m.</i> Bras. do N. Espécie de mosquito de longas pernas. (T. tupi) |
| GNDLP (1954) | CARAPANÁ, ou CARAPANAN, <i>s.m.</i> Espécie de mosquito de pernas compridas da família das culicíidas (<i>Culex fatigans</i>). CARAPANÁ-PINIMA, <i>s.m.</i> Inseto díptero hematófago da família dos culicíidas, também chamado <i>moroçoca</i> , <i>mosquito</i> , <i>muriçoca</i> , <i>perereca</i> , <i>sovela</i> (<i>Stegomyia calopus</i> , Mezgen.). |
| DHLP (2009) | carapanan <i>s.m.</i> (1763) AMAZI ENT m.q. ¹ mosquito ('designação comum') |
| NADCLP (2011) | carapanã ¹ (<i>ca.ra.pa.nã</i>) Bras. AM Zool. <i>sm.</i> 1. O mesmo que <i>mosquito</i> [F.: Do tupi.] |
| DOP (2009-2017) | carapanã <i>s.m.</i> [Brasil] Nome comum dos mosquitos pernilongos da família dos culicídeos; <i>muriçoca</i> . |

Fonte: Beaurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 131. Verbetes mosquito (DM)

| | |
|-----------------|---|
| DCLP (1881) | Mosquito (mus-ki-tu), <i>s. m.</i> (zool.) genero de insectos dipteros (<i>Culex</i>), de que ha um grande numero de especies que abundam principalmente junto das aguas estagnadas ou das estremeiras. <i>Mosquito</i> trombeteiro ou zumbidor, uma das especies d'estes insectos (<i>Culex pipiens</i>). <i>Mosquito</i> das galhas, genero de insectos hymenopteros (<i>Cynips</i>). [F. <i>Mosca</i> + <i>ito</i> . |
| NDLP (1913) | mosquito m. Gênero de insectos dipteros, (<i>Culex</i>). (De <i>môsc</i> a) |
| GNDLP (1954) | MOSQUITO, s.m. Cast. <i>mosquito</i> . Qualquer inseto da família dos culicídeos; qualquer inseto díptero pequeno. Diamante pequeno: "nem um <i>mosquito</i> para remédio" (Afrânio Peixoto). 3. <i>Lus. Gír.</i> Gaiato. |
| DHLP (2009) | ¹ mosquito <i>s.m.</i> (sXV) 1 ENT design. comum aos insetos dípteros, de pequeno tamanho, esp. os hematófagos da fam. dos culicídeos, ger. vetores de conhecidas doenças do homem; bicuda, carapanã, carapanã, fincão, fincudo, meruçoca, moruçoca, mosquito-pemilongo, muriçoca, muruçoca, perereca, pemilongo, sovela 1.1 ENT mosquito culicídeo (<i>Culex pipiens</i>), hematôfago, de ampla disseminação nas regiões tropicais e comum no interior das habitações humanas ⊕ ETIM <i>mosca</i> (-c > -qu-) + -ito ⊕ SIN/VAR ver sinonímia de <i>busca-pé</i> |
| NADCLP (2011) | mosquito (mos.qui.to) sm.1. Ent. Nome comum da do a várias spp. de insetos dipteros, esp. da fam. dos culicídeos, com larvas aquáticas, pernas longas e finas e cujas fêmeas, hematófagas, podem servir como importantes vetores na transmissão de diversas doenças ao homem; MURIÇOCA; PERNILONGO |
| DOP (2009-2017) | mosquito <i>s.m.</i> Zoologia Nome comum dos insetos dípteros do gênero <i>Culex</i> , de que há grande número de espécies. (MG) Mosca de qualquer espécie. Sinônimos de Mosquito Mosquito é sinônimo de: <u>pemilongo</u> , <u>muriçoca</u> , <u>perereca</u> , <u>minim</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 132. Verbetes muriçoca (DM)

| | |
|-----------------|--|
| DCLP (1881) | Muriçoca (mu-ni-ssó-ka), <i>s.f.</i> (zool.) bichinho do Brazil que se cria na agua. |
| NDLP (1913) | muriçoca f. Inseto do Brasil, (<i>stegomia fasciata</i>) |
| GNDLP (1954) | MURIÇOCA , s.f. Mosquito dos lugares molhados; pemilongo (<i>Stegomia fasciata</i>). |
| DHLP (2009) | muriçoca s.m. (1877) ENT <i>B.N.E. MG</i> m.q. ¹ <i>mosquito</i> ("designação comum") ⊕ ETIM tupi * <i>mberu'soka</i> 'pemilongo', formado do tupi <i>mbe'ru</i> 'mosca' e tupi <i>'soka</i> 'que quebra, que parte, que fura' |
| NADCLP (2011) | muriçoca (mu.ri.ço.ca) [ô] <i>sf.</i> 1. <i>Zool.</i> O mesmo que <i>mosquito</i> |
| DOP (2009-2017) | muriçoca <i>s.f.</i> Inseto díptero hematôfago, também chamado carapanã-pinima. |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 133. Verbetes praga (DM)

| | |
|---------------|---|
| DCLP (1881) | Praga (<i>prá-gha</i>), <i>s. f.</i> imprecação de males contra alguém: Rogar <i>pragas</i> . E o vulto soltou uma <i>praga</i> tremenda. (IIerc.) (Por ext.) Calamidade, desastre, grande desgraça pública: A <i>praga</i> dos gafanhotos. Pessoa ou coisa importuna. Grande abundancia de objetos importunos, desagradáveis ou nocivos: Uma <i>praga</i> de realejos. Uma <i>praga</i> de perservejos. Tantos como <i>praga</i> , muitíssimos (diz-se geralmente do que é prejudicial). F. lat. <i>Plaga</i> . |
| DVB (1889) | Prága, <i>s.f.</i> (<i>Maranhão</i>) nome aplicado aos mosquitos: <i>Aprága</i> , dia e noite, atormenta os que viajam no rio Mearim. |
| NDLP (1913) | praga <i>f.</i> Acto de imprecicar males contra alguém; maldição. <i>Ext.</i> Grande desgraça; catástrophe. Coisa ou pessoa que importuna. Abundância de coisas prejudiciais ou desagradáveis: <i>a praga dos gafanhotos</i> . * <i>Bras. do Maranhão</i> . Mosquitos. * <i>Ant.</i> O mesmo que <i>chaga</i> . * <i>Açor</i> . Os pássaros dos campos, em geral: <i>a praga deu cabo do trigo</i> . (Do lat. <i>plaga</i>) |
| GNDLP (1954) | PRAGA , <i>s.f.</i> Lat. <i>plaga</i> . Imprecação de males contra alguém; maldição. 2. Calamidade, desastre, grande desgraça pública. 3. Mosquitos; nuvens de mosquitos. 9. Denominação geral dos insetos ou moléstias que atacamos animais ou as plantas. |
| DHLP (2009) | praga <i>s.f.</i> (sXIII) 8 qualquer forma de vida animal que possa destruir a quilo que o ser humano considera um bem seu <os peixes carnívoros amazônicos, levados para fora do seu ecossistema, tornam-se pragas> 9 ARAC ENT m.q. <i>bicho-de-galinha</i> © ETIM lat. <i>plāga, ae</i> 'golpe, pancada, chaga, contusão, dano, lesão, prejuízo' © SIN/VAR ver sinonímia de <i>catástrofe e imprecação</i> |
| NADCLP (2011) | praga (<i>pra.ga</i>) <i>sf.</i> 6. Grande quantidade de coisas danosas, nocivas ou destrutivas: <i>Praga de mosquitos</i> . 7. Pessoa ou algo que incomoda demais, que imita: <i>Esse homem é uma praga!</i> : <i>A praga das guitarras elétricas</i> . [+ a, contra] [F.: Do lat. <i>plaga, ae</i> .] Rogar ~ a/contra/para 1 Desejar (esp. expressando-o em voz alta) algo de ruim, infortúnio, má sorte etc. para (alguém). |

Fonte: Aulete (1881), Beaurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 134. Verbetes pernilongo (DB)

| | |
|-------------|---|
| JT (1970) | pernilongo -ga (<i>adj.</i>) long-legged; (<i>m.</i>) a shore bird called MAÇARICÃO; the yellow-fever mosquito (<i>Aedes aegypti</i>). |
| BC (1991) | pernilongo , 1. <i>adj.</i> long-legged 2. <i>n.m.</i> yellow-fever mosquito. |
| ONPD (2008) | pernilongo /pemi'lõgu/ <i>m</i> (large) mosquito |
| AM (2010) | pemilongo /pemi'lõgu/ <i>nm</i> mosquito |
| LIN (2017) | pernilongo <i>substantivo, masculino</i> black-winged stilt <i>s</i> |

Fonte: Taylor (1970), Chamberlain (1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 135. Verbetes carapanã (DB)

| | |
|-----------|---|
| HM (1923) | Carapaná, m. (<i>Braz.</i>) big gnat with long legs. |
| JT (1970) | carapanã (<i>m.</i>) a large mosquito (<i>Culex quinquefasciatus</i>) which transmits filariasis. — -ora , an ichneumon fly. — -pinima , a mosquito (<i>Culex sp.</i>), c.a. PERERECA, MURIÇOCA, SOVELA. |

Fonte: Michaelis (1923), Taylor (1970)

Quadro 136. Verbetes mosquito (DB)

| | |
|-------------|---|
| AVT (1773) | <i>MOSQUITO</i> , s.m. (in America &c.) muschetto, a very common and troublesome insect, something resembling |
| HM (1923) | Mosquit [...] ~o, <i>m. (ent.)</i> mosquito, a kind of gnat. |
| RPP (1943) | mos-qui'-to <i>m.</i> mosquito. |
| TM (1964) | mosquito [moosh-kee'too] <i>m.</i> mosquito; gnat. |
| BC (1991) | mosquito , <i>n.m.</i> mosquito |
| ONPD (2008) | mosquito /mos'kitu/ <i>m</i> mosquito |
| AM (2010) | mosquito /moʃ'kitu/ <i>nm</i> mosquito |
| LIN (2017) | mosquito <i>substantivo, masculino</i> mosquito s (<i>quase sempre utilizado</i>) Os mosquitos podem infectar um hospedeiro com uma pica da. Mosquitoes can infect a host with a bite. <i>menos frequentes:</i> gnat s mosquitoes pl <i>Exemplos:</i> mosquito da dengue m — dengue mosquito s rede de mosquito f — mosquito net s pica da de mosquito f — mosquito bite s |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), McKay's (1943), Lamb (1964), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 137. Verbetes muriçoca (DB)

| | |
|-----------|---|
| JT (1970) | muriçoca (<i>f.</i>) == see CARAPANÁ-PINIMA. |
| BC (1991) | muriçoca , <i>n.f.</i> mosquito. |

Fonte: Taylor (1970), Chamberlain(1991)

Quadro 138. Verbetes praga (DB)

| | |
|-------------|--|
| AVT (1773) | <i>PRAGA</i> , s.f imprecation, curse. <i>Regar ou deitar pragas</i> , to imprecate. <i>Praga</i> , any public calamity or affliction, as plague, &c. <i>Praga de bichos</i> , a swarm of worms. <i>Praga de bichos</i> , que dão nas arvores, a worm-eating, or breeding of worms in trees. |
| HM(1923) | Praga , f. imprecation, curse; any public calamity, plague; fig. misfortune; affliction, sorrow; ~ <i>de bichos</i> , a swarm of worms; <i>rogar ou deitar ~s</i> , to imprecate evil on one, to curse; <i>boca de ~s</i> , slanderer, backbiter. |
| RPP (1943) | pra'-ga f. plague, curse, bore. |
| TM (1964) | praga [prah'gã] f. curse; plague; pest, nuisance. |
| JT (1970) | praga (f.) curse, malediction; plague, scourge; pest; vermin; weeds; [cap.] Prague. <i>rogar —s</i> , to call down curses on. |
| ONPD (2008) | praga /'praga/ f curse; (<i>inseto, doença, pessoa</i>) pest |
| AM (2010) | praga /'praga/ nf1 curse 2 plague 3 pest |
| LIN(2017) | praga substantivo, feminino plague s pest s <i>menos frequentes:</i> curse s infestation s blight s nuisance s jinx s Praga nome próprio (nome geogr.) Prague np <i>Exemplos:</i> <i>praga de gafanhotos</i> f— plague of locusts s swarm of locusts s <i>praga de insetos</i> f [antes AO] [PT]— plague of insects s <i>Primavera de Praga</i> np f— Prague Spring np |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), McKay's (1943), Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain; Harmon (1983), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Na área temática da fauna, **pernilongo** aparece, na carta, acompanhado das variantes: *carapanã*, *mosquito*, *muriçoca* e *praga* (CARDOSO et al., 2014, p. 227). Os registros surgem como resposta à pergunta, do questionário semântico-lexical: “Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?”. São recorrentes nos dicionários os registros em que se nota a existência de uma relação variacional entre essas unidades, uma vez que definições por equivalência como ‘mosquito’ para o lema *muriçoca* (BC) ou para o lema *pernilongo* (AM) abrem uma brecha para o emprego dessas lexias como variantes.

Como observado, é possível reputar definições sinonímicas (aquelas construídas por meio de equivalência entre língua-alvo e língua-fonte) como indícios de uma relação variacional entre as unidades citadas. Essa relação, no entanto, está longe de ser estabelecida nos moldes propostos pelo *Atlas Linguístico do Brasil*, uma vez que sua existência se resume à elaboração de definições pouco detalhadas e confusas. Foram observados, por outro lado, tentativas de distinguir as unidades pernilongo, carapanã,

mosquito e muriçoca, como ‘large mosquito’ (mosquito grande) para *carapanã* (JT), ‘yellow-fever mosquito’ (mosquito da febre amarela) para pernilongo (BC), merecendo destaque o traço “long-legged” como *differentia* caracterizadora de pernilongo em comparação às demais lexias.

Com relação ao registro dessas lexias pelos dicionários pesquisados, apresenta-se o seguinte: **pernilongo** não é registrada por AVT, HM, RPP, TM, CH; **carapanã** não aparece em AVT, RPP, TM, CH, BC, ONPD, AM, e, em LIN, encontra-se apenas a abonação para a lexia; mosquito só não apareceu em JT; **muriçoca** não é registrada por AVT, HM, RPP, ONPD, AM, LIN; **praga** não aparece em CH e BC. Destaca-se que, no que diz respeito à lexia praga, não houve nenhum registro que a associasse a mosquito ou alguma das variantes.

Apesar de pernilongo, definido como variante padrão pelo *ALiB*, não aparecer em cinco dos doze dicionários avaliados, seu registro é observado nas publicações mais contemporâneas. Surpreende que, mesmo nesses dicionários mais atuais, em que se elege a variedade brasileira como padrão, unidades como muriçoca, recorrentes no PB, não são registradas.

Confrontando a aparição das lexias com a porcentagem de respostas válidas à pergunta motivadora, é dominante a unidade **pernilongo** no Brasil, coocorrendo com *muriçoca ~ mosquito*, no Nordeste (Salvador, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa, Natal, Fortaleza). No Norte, observa-se coocorrência de **pernilongo** com *carapanã ~ muriçoca ~ mosquito* (Manaus, Boa Vista), valendo frisar que nessas cidades *carapanã* é a variante dominante, assim como em Rio Branco e Belém, onde aparecem pernilongo em variação somente com *carapanã*. Somente em São Luis, **pernilongo** coocorre com *praga ~ mosquito*.

As ocorrências registradas pelo *ALiB*, ainda que não representem a realidade integral das capitais investigadas, são um importante indicador linguístico das ocorrências que podem interessar na elaboração de dicionários bilíngues em que o português brasileiro é evidenciado. As definições apresentadas para essas unidades, lematizadas pelo *corpus* bilíngue analisado, oferece indícios de que uma relação variacional pode ser o caminho para justificar que, por exemplo, mosquito e pernilongo sejam equivalentes.

7.6 JOGOS E DIVERSÕES

7.6.1 BOLINHA DE GUDE

Neste caso, a pergunta do QSL foi a seguinte: “Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” (carta L18b) Como respostas, as variantes são **bola de gude/bolinha de gude~peteca~bola de vidro/bolinha de vidro~biloca/birosca~bolita~outras(bola de fona, cabeçulinha, marraio etc.)**. Nos dicionários monolíngues, encontraram-se registros para “gude”, e não bola ou bolinha de gude. Sendo assim, essa unidade foi verificada em GNDLP, DHLP, NADCLP, DOP, verificando-se a apresentação de muitas variantes em DHLP e NADCLP, como se vê no quadro 138. Apresenta-se um quadro de variantes em que se registram *bolita* em GNDLP, *biloca*, *bolita* e *ximbra* em DHLP, associadas a Goiás, Rio Grande do Sul e Alagoas, respectivamente. No caso de *bolita*, o uso coincide com o que é marcado pelo *Atlas Linguístico do Brasil*, no Rio Grande do Sul.

Quadro 139. Verbetes gude ~ bola de gude (DM)

| | |
|-----------------|---|
| GNDLP (1954) | GUDE , s.m. Jogo infantil com bolinhas de vidro. |
| DHLP (2009) | gude s.m. (a1958) LUD B 1 jogo infantil com bolinhas de vidro que, num percurso de ida e volta, devem entrar em três buracos dispostos em linha reta, saindo vencedora a criança que chegar primeiro ao buraco inicial 2 p.met. bolinha us. nesse jogo 3 p.ana. (da acp. 1) qualquer outro jogo infantil com bolinhas de vidro ☉ ETIM provincianismo minhoto <i>gode</i> 'pedrinha redonda e lisa' ☉ SIN/VAR belindre, berlinde, biloca, bilosca, birosca, bolita, búraca, búrica, peteca, piroasca, ximbra |
| NADCLP (2011) | gude (gu.de) Bras. Lud. sm. 1. Jogo infantil que consiste em entrechocar bolinhas de vidro e encaixá-las em pequenos buracos ger. cavados na terra. 2. Bolinha us. nesse jogo. 3. Qualquer jogo em que se use essas bolinhas de vidro. [F.: De <i>gode</i> , provincianismo minhoto. Sin. ger.: <i>baleba</i> , <i>belindre</i> , (Lus.) <i>berlinde</i> , <i>biloca</i> , <i>bilosca</i> , <i>birosca</i> , <i>bolita</i> , <i>búraca</i> , <i>búrica</i> , (Lus.) <i>bute</i> , <i>cabiçulinha</i> , <i>firo</i> , <i>peteca</i> , <i>pirosca</i> , <i>ximbra</i> .] |
| DOP (2009-2017) | gude s.m. [Brasil] Jogo infantil com pequenas bolas de vidro. |

Fonte: Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 140. Variantes de bola de gude (DM)

| | |
|-----------------|--|
| GNDLP (1954) | BOLITA , s.f. Pequena bola de vidro ou de ágata com que jogamos meninos. |
| DHLP (2009) | biloca s.f. LUD GO 1 gude jogado ger. com cinco buracos 2 cada um desses buracos ⊙ ETIM orig.desc. ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de <i>gude</i> bolita s.f. LUD RS m.q. <i>gude</i> ⊙ ETIM <i>bola</i> + <i>-ita</i> , por infl. do plat. <i>bolita</i> 'id.' ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de <i>gude</i> ximbra s.f. LUD AL m.q. <i>gude</i> ⊙ ETIM segundo Nascentes, voc. expressivo ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de <i>gude</i> |
| NADCLP (2011) | * bolita s. f. (Bras., Rio Grande do Sul) V. <i>gude</i> . F. <i>Bola</i> . Cp. cast. <i>Bolita</i> . marraio (mar.rai.o) Bras. Lud. sm. 1. Na bola de gude e em outros jogos, palavra que dá ao primeiro que a grita o direito de jogar por último. 2. O parceiro que obteve esse direito. [F.: De or. obsc.] * ximbra s. f. (Bras., Alagoas) o mesmo que <i>gude</i> . |
| DOP (2009-2017) | Ximbra sf[Regionalismo: Alagoas] Variação de <i>gude</i> . |

Fonte: Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 141. Verbetes bola de gude ~ gude (DB)

| | |
|-------------|---|
| JT (1970) | bola (f.) [...] — s de gude , glass marbles [...] |
| BC (1991) | gude , n.m. marbles (game). bola de g. , marble. |
| ONPD (2008) | gude /'gudʒi/ m bola de ~ marble |
| AM (2010) | bola /'bola/ nf[...] ~ de gude : marble [...] |
| LIN(2017) | bola de gude substantivo, feminino marble s |

Fonte: Taylor (1970), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 142. Variantes de bola de gude (DB)

| | |
|-----------|--|
| JT (1970) | bolita (f.) a marble. ximbra (f.) a game played with marbles [=GUDE]. |
|-----------|--|

Fonte: Taylor (1970)

Nos dicionários bilíngues, verificaram-se as unidades **gude** e **bola/bolas de gude** em JT, BC, ONPD, AM e LIN. Em JT, *bolita* e *ximbra* aparecem como variantes de *gude*. Nenhum registro de variação dialetal foi visto, nesse caso.

7.6.2 CAMBALHOTA

Quanto à unidade cambalhota, apresenta-se como variante da variável **cambalhota**~*cambota*~*perereca*~*pirueta* e constituiu resposta à pergunta: “Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?”. A variante cambalhota foi encontrada em DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP, todas as definições com detalhamento do movimento que se faz ao dar uma cambalhota como ‘volta que se dá virando o corpo’ (DCLP) ou ‘movimento ou exercício em que se faz o corpo girar para frente ou para trás’ (DHLP). No DOP, apresentam-se sinônimos como *pirueta*, *cabriola*, *viravolta*.

Aú só foi registrado por DHLP, com marca de uso “brasileirismo” e de linguagem própria à capoeira. Por sua vez, a variante *cabriola* aparece em DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP. Este último fornece em sua definição equivalências como ‘cambalhota, salto’ e como sinônimos ‘pinote, pirueta, pincho’, sem, contudo, apontar restrições de uso geográficas ou de outra ordem. *Cangapé* aparece em DVB, DHLP e NADCLP, com usos bem marcados pelo registro da variação dialetal: o primeiro a associa ao Ceará; o segundo a Maranhão e Alagoas. No ALiB, a variante *cangapé* aparece nos contextos geográficos de Fortaleza, São Luís e Macapá, nordeste e norte, em consonância com os registros do DVB e DHLP.

Quadro 143. Verbetes cambalhota (DM)

| | |
|-----------------|---|
| DCLP (1881) | Cambalhota (kan-ba- <i>lhó</i> -ta), <i>s.f.</i> volta que se dá virando o corpo por sobre a cabeça; reviravolta; trambolhão. |
| NDLP (1913) | cambalhota <i>f.</i> Volta, que se dá com o corpo, baixando a cabeça, ou firmando-a no chão, e levantando as pernas posteriormente, para caírem do outro lado. Trambolhão. (Do rad. de <i>cambar</i> ¹) |
| GNDLP (1954) | CAMBALHOTA , <i>s.f.</i> Volta que se dá com o corpo, baixando a cabeça ou firmando-a no chão e depois levantando as pernas para caírem do outro lado. 2. Queda, trambolhão. 3. Passe de cartas de jogar, de cima para baixo do baralho. 4. Reviravolta. 5. Mudança de opinião. |
| DHLP (2009) | cambalhota <i>s.f.</i> (1789) 1 movimento ou exercício em que se faz o corpo girar para a frente ou para trás, com ou sem apoio em qualquer superfície, realizando uma revolução em que os pés passam por cima da cabeça e voltam a tocar o chão; bagaço, cabriola, cambota 2 <i>p.ext.</i> qualquer salto acrobático 3 <i>p.ext.</i> qualquer movimento em que algo gira ou rodopia sobre si mesmo; reviravolta ◉ ETIM orig.duv., prov. ligado a <i>cambalear</i> ◉ SIN/VAR ver sinonímia de <i>queda</i> ◉ HOM <i>cambalhota</i> (fl.cambalhotar) |
| NADCLP (2011) | cambalhota (cam.ba. <i>lhota</i>) [ô] <i>sf.</i> 1. Movimento em que se gira o corpo sobre a própria cabeça, apoiando ou não as mãos no chão ou em qualquer superfície sólida; CAMBOTA ; CABRIOLA 2. Acrobacia no ar 3. Giro ou rodopio sobre si mesmo (na direção vertical, de baixo para cima ou vice-versa) sem apoio; |
| DOP (2009-2017) | cambalhota <i>s.f.</i> Volta que se dá com o corpo, apoiando-se ou não a cabeça, ou as mãos, no chão. Sinônimos de Cambalhota Cambalhota é sinônimo de: <u>pirueta, cabriola, viravolta</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 144. Verbetes aú (DM)

| | |
|-------------|---|
| DHLP (2009) | aú <i>s.m.</i> CAP B golpe em que o capoeirista, com as mãos apoiadas no chão, joga o corpo no ar e gira-o lateralmente, formando um semicírculo com as duas pernas [É recurso de que o jogador lança mão quando atacado por várias pessoas.] ◉ ETIM orig.obsc. |
|-------------|---|

Fonte: Houaiss (2009)

Quadro 145. Verbetes cabriola (DM)

| | |
|--------------------|--|
| DCLP (1881) | Cabriola (ka-bri-ó-la), <i>s.f.</i> salto de cabra. Grande salto em que o corpo do saltador se dobra ou revira no ar. (Fig.) Mudança rápida de opinião, de partido. F. <i>Cabra+ola</i> . |
| NDLP (1913) | cabriola <i>f.</i> Salto de cabra. Cambalhota [...] piruêta <i>f.</i> Volta, dada pelo cavallo sôbre uma das mãos. Giro sôbre um dos pés. Pulo. (Cast. <i>pirueta</i>) |
| GNDLP (1954) | CABRIOLA , <i>s.f.</i> Salto de cabra. 2. Salto em que o corpo da pessoa revira ou se dobra no ar. 3. Cambalhota [...] |
| DHLP (2009) | cabriola <i>s.f.</i> (1668) 1 salto de cabra 2 salto ou saltito ágil, leve, desembaraçado, esp. quando dado por brincadeira ou como manifestação de contentamento, alegria etc. 3 salto ágil ou acrobático em que o corpo se dobra ou vira no ar 3.1 m.q. |
| NADCLP (2011) | cabriola (ca.bri:ó.la) [ó] <i>sf.</i> 1. Cambalhota (1). 2. Qualquer salto realizado com agilidade ou vigor, e ger. com alegria ou por brincadeira etc. [...] [F.: Do fr. <i>cabriole</i> , deriv. do it. <i>capriola</i> .] |
| DOP (2009-2017) | Cabriola <i>s.f.</i> Cambalhota, salto, pulo. Sinônimos de Cabriola Cabriola é sinônimo de: <u>pinote</u> , <u>pirueta</u> , <u>pincho</u> , <u>pulo</u> , <u>salto</u> , <u>cambalhota</u> , <u>viravolta</u> |

Fonte: Aulete (1881), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 146. cangapé (DM)

| | |
|------------------|--|
| DVB (1889) | Cangapé , <i>s.m.</i> pancada que os meninos das escolas, no jogo da lucta, dão a falsa fê na bamiã da pema do adversario para o fazer cahir. No Ceará dão o mesmo nome ao pontapé que a mergulhar a criança, ligeira e geitosamente, dá no companheiro dentro d'agua, em animada brincadeira (J. Galeno). <i>Etym.</i> Parece que este vocabulo não é mais do que a alteração de <i>cambapé</i> , que em portuguez exprime a mesma idéa. |
| DHLP (2009) | cangapé <i>s.m.</i> (1889) 1 B pontapé na partumilha para fazer o adversário cair durante a luta 2 MA a AL pontapé aplicado dentro da água, em uma espécie de jogo de capoeira ☉ ETIM ver em <i>cambapé</i> |
| NADCLP (2011) | cangapé (can.ga.pê) <i>sm.</i> 1. Bras. Pontapé que alguém dá inesperadamente na bamiã da pema de outrem, como na capoeira; CAMBAPÉ: "...Também solta <u>cangapé</u> , bofete e rabo de arraia, e se alguém fica de pé..." (Herculano Duarte Ramos de Alencar, <i>Cabra macho</i>) [...] |

Fonte: Beaurepaire-Rohan (1889), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 147. Verbetes pirueta (DM)

| | |
|-----------------|---|
| DCLP (1881) | Pirueta (pi-ru-ê-ta), <i>s.f.</i> volta dada pelo cavallo sobre uma das mãos. (Fig.) Salto, cabriola. Fazer piruetas (fig.), ser versátil e inconstante, fazer diferentes caras e figuras. F. hesp. <i>Pirueta</i> . |
| NDLP (1913) | piruêta <i>f.</i> Volta, dada pelo cavallo sôbre uma das mãos. Giro sôbre um dos pés. Pulo. (Cast. <i>pirueta</i>) |
| GNDLP (1954) | PIRUETA , <i>s.f.</i> Cast. <i>pirueta</i> . Volta dada pelo cavalo sôbre uma das mãos. 2. Giro sôbre um dos pés. 3. Pulo. [...] |
| DHLP (2009) | pirueta \ê\ <i>s.f.</i> (c1750-1799) 1 rodopio realizado sobre um único pé 2 giro do cavalo sobre uma das patas dianteiras 3 salto, cabriola ⊙ ETIM fr. <i>pirouette</i> 'pião, carrapeta; rodopio sobre um só pé' ⊙ HOM <i>pirueta</i> (fl. <i>piruetar</i>) |
| NADCLP (2011) | pirueta (pi.ru.e.ta) [ê] <i>sf.</i> 1. Rodopio sobre um pé. [...] 4. Salto em que se dá uma volta no ar, apoiando as mãos no chão, ou não, e caindo sobre os pés; CABRIOLA [F.: Do fr. <i>pirouette</i> . Hom./Par.: <i>pirueta</i> (<i>sf.</i>), <i>pirueta</i> (fl. de <i>piruetar</i>).] |
| DOP (2009-2017) | pirueta <i>s.f.</i> Coreogr. Rodopio sobre um pé. Salto acrobático; cabriola. Evolução arrojada feita por aviões. Sinônimos de Pirueta Pirueta é sinônimo de: <u>cabriola</u> , <u>cambalhota</u> , <u>viravolta</u> |

Fonte: Aulete (1881), Beaurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 148. Verbetes cambalhota (DB)

| | |
|-------------|---|
| HM(1923) | Cambalhota , <i>f.</i> caper, skip; somerset, cocksettle; fall, tumbling; <i>dar uma ~</i> , to tumble head over heels, to cocksettle. |
| RPP (1943) | cam-ba-lho'-ta <i>f.</i> somersault; tumble. |
| TM (1964) | cambalhota [kan-bă-lyo'tă] <i>f.</i> somersault. |
| JT (1970) | cambalhota , (<i>f.</i>) somersault, flip-flop; <i>dar uma —</i> ; to fall head over heels. |
| BC (1991) | cambalhota , <i>n.f.</i> somersault |
| ONPD (2008) | camba [...] ~ lhota <i>f.</i> somersault |
| AM (2010) | cambalhota /kãba'łota/ <i>nf</i> somersault · <i>dar uma ~</i> : to do a somersault |
| LIN(2017) | cambalhota <i>substantivo, feminino</i> somersault <i>s</i> <i>Exemplos:</i> <i>dar cambalhota v—</i> <i>tumble v</i> |

Fonte: Michaelis (1923), McKay's (1943), Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain; Harmon (1983), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 149. Verbetes cabriola (DB)

| | |
|------------|--|
| AVT (1773) | <i>CABRIO'LA</i> , s.f. a caper, a skip. |
| HM(1923) | Cabr [...] ~ <i>iola</i> , f. capriole, caper, skip. |
| RPP (1943) | ca-bri-o'-la f. caper, quick tum of body, leap. |
| TM (1964) | cabriola [kã-bree-o'lã] f. caper, leap. |
| JT (1970) | cabriola (f.) capriole, caper, antic. |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), McKay's (1943), Lamb (1964), Taylor (1970),

Quadro 150. Verbetes pirueta (DB)

| | |
|-------------|--|
| HM(1923) | Pirueta , V. <i>piroeta</i> . Piroeta , f. pirouette, turning upon one leg, the other up. |
| RPP (1943) | pi-ru-e'-ta f. pirouette. |
| TM (1964) | pirueta [pee-roo-ay'tã] f. pirouette. |
| JT (1970) | pirueta (f.) pirouette. |
| BC (1991) | pirueta , n.f. pirouette |
| ONPD (2008) | Pirueta /piru'eta/ f. pirouette |
| LIN(2017) | pirueta <i>substantivo, feminino</i> pirouette s |

Fonte: Michaelis (1923), McKay's (1943), Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Nas obras bilíngues, entre as variantes, foram registradas na obras consultadas: **cambalhota** (HM, RPP, TM, JT, BC, ONPD, AM e LIN); **cabriola** (AVT, HM, RPP, TM e JT); **pirueta** (HM, RPP, TM, JT, BC, ONPD, LIN). Sem nenhum tipo de marca de uso, são evidentes as correspondências entre os verbetes referentes a esses itens nos dicionários investigados, contudo, não há remissões, nem observações sobre essa suposta compatibilidade lexical entre as unidades. Principalmente entre **cambalhota** e **cabriola**, os equivalentes fornecidos como definição são muito semelhantes, então é interessante que se estabeleça a distinção de uso, quando necessário.

ESTILINGUE

“Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e de duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?” Essa é a pergunta da carta L19 do questionário semântico-lexical, em que se como resposta as variantes **estilingue~baladeira~atiradeira~badogue~funda~outras** (*estilete~peteca~seta*). Quanto aos dicionários monolíngues, registrou-se estilingue no GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP, com marcas de uso “brasileirismo” marcando as definições de Houaiss (2009) e

Aulete (2011). *Atiradeira* é uma unidade lematizada por três dos dicionários investigados: DHLP, NADCLP, DOP, também com marca “brasileirismo” nos dois primeiros. Em ambos, são apresentadas variantes como *badogue*, *badoque*, *baladeira*, *bodoque*, *estilingue* etc. Funda foi amplamente registrada nos monolíngues, aparecendo em DCLP, NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP. Observaram-se, ainda, as variantes *bodoque~badoque* em DHLP, NADCLP e DOP, este aplicou marca de uso “antigo” para a unidade *bodoque*.

Quanto ao item *baladeira*, houve lematização por parte de DHLP, NADCLP e DOP. Nos três, a variante foi marcada dialetalmente como relacionada aos estados do Acre e Pernambuco. Na carta L19 do *Atlas Linguístico do Brasil*, é possível confirmar esse registro, uma vez que a mesma unidade aparece em ambas as regiões citadas, com utilização mais ampliada em Rio Branco, pois em Recife divide espaço com *badogue*, marcado como mais recorrente.

Quadro 151. Verbetes estilingue (DM)

| | |
|--------------------|---|
| GNDLP (1954) | ESTILINGUE , ou ESTILLINGUE , s.m. Arma de arremesso destinada a matar passarinhos. |
| DHLP (2009) | estilingue s.m. (a1928)B arma de arremesso constituída de uma forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingueta de couro, com que se lançam pedras para matar pássaros; atira deira, bodoque ☉ ETIM orig.obsc. |
| NADCLP (2011) | estilingue (es.ti.lin.gue) sm. Bras. Instrumento composto por uma forquilha (de madeira) na qual se amarra uma tira elástica, us. para arremessar objetos (ger. pequenas pedras) à distância; ATIRADEIRA [F.: Prov. do ing. <i>sling</i> 'funda', com epêntese.] |
| DOP (2009-2017) | estilingue s.m.O mesmo que <u>atira deira</u> . |

Fonte: Aulete (1881), Beurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 152. Verbetes atiradeira (DM)

| | |
|--------------------|--|
| DHLP (2009) | atiradeira <i>s.f.</i> (1939) LUD <i>B</i> arma ou brinquedo infantil para arrojear pedras ou objetos a fins, de dimensões reduzidas, que consiste numa funda de material elástico, ger. borracha, presa às extremidades da bifurcação de uma pequena forquilha de madeira, plástico ou metal ⊙ ETIM rad. do part. <i>atirado</i> + <i>-eira</i> ⊙ SIN/VAR <i>badogue</i> , <i>badoque</i> , <i>baladeira</i> , <i>baleira</i> , <i>beca</i> , <i>bodoque</i> , <i>estilingue</i> , <i>funda</i> , <i>peteca</i> , <i>seta</i> , <i>setra</i> . |
| NADCLP (2011) | atiradeira (a.ti.ra.dei.ra) <i>sf.</i> Bras. Forquilha de madeira (ou de metal, plástico etc.) em forma de Y, em cujas pontas duplas se amarra um elástico à maneira de funda, us. para atirar pequenas pedras; BADOQUE; BALADEIRA; BODOQUE; ESTILINGUE; PETECA: "Passarinho na mão, pedra de <u>atiradeira</u> . / É uma ave no céu, é uma ave no chão,..." (Tom Jobim, "Águas de março") [F.: de <i>atirar</i> + <i>-deira</i> .] |
| DOP (2009-2017) | Atiradeira s.f. Instrumento para atirar pedrinhas, feito com um elástico cujas extremidades se prendem às pontas de uma forquilha; O mesmo que <u>estilingue</u> . besta. [Antigo] Besta utilizada para atirar badoques. (Etm. do grego: <i>pontikón</i>) |

Fonte: Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 153. Verbetes baladeira (DM)

| | |
|--------------------|--|
| DHLP (2009) | baladeira <i>s.f.</i> (a1958) AC a PE m.q. <i>atiradeira</i> ⊙ ETIM rad. do part. <i>balado</i> <* <i>bal</i> (<i>bala</i> + <i>-ar</i>) + <i>-eira</i> |
| NADCLP (2011) | baladeira (ba.la.dei.ra) <i>sf.</i> AC a PE Atiradeira, estilingue. [F.: De <i>bala</i> + <i>-deira</i> .] |
| DOP (2009-2017) | Baladeira <i>sf</i> [Regionalismo: Amazonas e Pernambuco] O mesmo que <u>estilingue</u> . (<i>bala</i> + <i>d</i> + <i>eira</i>) |

Fonte: Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 154. Verbetes funda (DM)

| | |
|--------------------|--|
| DCLP (1881) | Funda (<i>fun-da</i>), <i>s.f.</i> instrumento ou aparelho de corda ou de couro com que se arremessam pedras ou balas. [...] |
| NDLP (1913) | Funda , ¹ <i>f.</i> Aparelho, para arremesso de pedras ou balas. Utensílio cirúrgico, para ligar quebra-duras. (Lat. <i>funda</i>) |
| GNDLP (1954) | FUNDA , <i>s.f.</i> Lat. <i>funda</i> . Aparelho feito de um pedaço de couro e de duas cordas, com que se lançam pedras ou balas. |
| DHLP (2009) | funda <i>s.f.</i> (sXIV) 1 arma de arremesso constituída por uma correia, ou corda dobrada, em cujo centro é colocado o objeto que se deseja lançar; atiradeira, catapulta, estilingue, fundíbulo 2 MED dispositivo us. para conter a expansão de certas hémias ⊙ ETIM lat. <i>funda</i> , <i>ae</i> 'funda, atiradeira, estilingue', com a cp. extensivas a 'quaisquer objetos de atirar ou arremessar comparáveis', como 'bolsa, bala (de chumbo), pedra lançada pela funda' ⊙ HOM <i>funda</i> (fl. fundar e fundir) |
| NADCLP (2011) | funda (<i>fun.da</i>) <i>sf.</i> 1. Arma para arremessar pedras, balas, flechas etc. feita com uma correia ou corda dobrada, no centro da qual se coloca o que vai ser lançado; ATIRADEIRA; CATAPULTA; ESTILINGUE 2. Med. Espécie de cinta para contenção de certos tipos de hémia [F.: Do lat. <i>funda</i> , <i>ae</i> . Hom./Par.: <i>funda</i> (fl. de fundar e fundir)] |
| DOP (2009-2017) | Funda s.f. Arma de arremesso formada por uma peça central presa a duas tiras de couro. Provavelmente a primeira arma a ser concebida para lançar uma pedra com mais força do que um homem poderia ter só com o braço e a mão. Sinónimos de Funda Funda é sinónimo de: <u>fundíbulo</u> |

Fonte: Aulete (1881), Beaurepaire-Rohan (1889), Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 155. Variantes de estilingue (DM)

| | |
|--------------------|--|
| DHLP (2009) | bodoque <i>s.m.</i> (1712) 1 <i>ant.</i> pelota de argila cozida que se arremessava com certo tipo de besta 2 <i>p.ext. ant.</i> besta us. para arremessá-la 3 <i>B m.q. atiradeira</i> ⊙ ETIM gr. <i>pontikón (káruon)</i> '(noz) pântica', através do ár. <i>bunduq</i> 'noz, avelã, bolota, bala de pedra ou barro para espingarda ou atiradeira' ⊙ SIN/VAR badoque (acp. 3), badoque; vertb. sinonímia de <i>atiradeira</i> setra <i>s.f.</i> LUD SC <i>infrm.</i> m.q. <i>atiradeira</i> ⊙ ETIM prov. alt. de ¹ <i>seta</i> |
| NADCLP (2011) | * badoque s. m. (ant.) o mesmo que <i>bodoque</i> . bodoque (bo.do.que) sm. 1. Artefato feito de forquilha e elástico, us. para atirar pedrinhas; ATIRADEIRA; BADOQUE; BODOGUE; ESTILINGUE 2. Ant. Bola de barro endurecida que se atirava com a besta [ê], ou com arco. 3. Ant. Arco para atirar essas bolas de barro. [F.: Do gr. <i>pontikón</i> , pelo ár. <i>bunduq</i>] |
| DOP (2009-2017) | Bodoque s.m.[Antigo] Bala construída em barro, atirada com o auxílio de besta.[Antigo] Besta utilizada para atirar bodoques.(Etm. do grego: <i>pontikón</i>) cetra sfAntigo escudo coberto de couro, usado por povos da Espanha.(lat <i>cetra</i>)sfO mesmo que <u>estilingue</u> . |

Fonte: Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 156. Verbetes estilingue (DB)

| | |
|----------------|---|
| JT (1970) | estilingue (<i>m</i>) slingshot. |
| BC (1991) | estilingue <i>n.m.</i> sling, slingshot. |
| ONPD (2008) | estilingue /istʃi'ligi/ <i>m</i> catapult |
| LIN(2017) | estilingue substantivo, masculino slingshot <i>s</i> (frequentemente utilizado) sling <i>s</i> |

Fonte: Taylor (1970), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 157. Verbetes atiradeira (DB)

| | |
|-----------|---|
| BC (1991) | atiradeira , <i>n.f.</i> slingshot. |
| AM (2010) | atiradeira /atʃira'dera/ <i>n</i> /slingshot [...] |
| LIN(2017) | atiradeira substantivo, feminino [BR] sling <i>s</i> funda substantivo, feminino sling <i>s</i> |

Fonte: Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 158. Verbetes cetra (DB)

| | |
|------------|---|
| AVT (1773) | <i>CETRA</i> , s.f. a short square target, or buckler, formerly used by the Portuguese and Spaniards, made of the ounce, or buffalo's hide. |
| HM (1923) | <i>Setra</i> , f. flourish (V. <i>cetra</i>) <i>Cetra</i> , f. a short square target, or buckler, formerly used by the Portuguese and Spaniards, made of the ounce, or buffalo's hide [...] |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923)

Quadro 159. Verbetes funda (DB)

| | |
|------------|---|
| AVT (1773) | <i>FUNDA</i> , s.f. a sling. |
| HM (1923) | <i>Funda</i> , f. I. sling: <i>atirar com a ~</i> , to sling truss, bandage [...] |
| RPP (1943) | <i>fun'-da</i> f. slingshot. |
| TM (1964) | <i>funda</i> , [foon'dá] f. sling [...] |
| JT (1970) | <i>funda</i> (f.) sling (for hurling stone) [...] |
| BC (1991) | <i>funda</i> , n.f. sling, slingshot. |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), McKay's (1943), Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain; Harmon (1983), Chamberlain(1991)

Neste caso, as marcas dialetais se fizeram notar nos dicionários bilíngues. Os registros de estilingue aparecem em JT, BC, ONPD e LIN. Atiradeira está lematizada em BC, AM, LIN, neste aparece com marca “brasileirismo”. Por sua vez, cetra também foi registrada, mas somente nas obras mais antigas, como Transtagano (1773) e Michaelis (1923). Finalmente funda aparece em AVT, HM, RPP, TM e JT.

7.7 VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

7.7.1 SUTIÃ

“Como se chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios?” (carta L25) Essa é a pergunta utilizada para se chegar à unidade **sutiã** e suas variantes *corpete*, *califom*, *porta-seio*, *goleiro*. Está aí uma variável interessante de ser discutida nos estudos de gênero contemporâneos, o que não é tema desta tese, mas não se pode deixar de avaliar criticamente, quando o assunto é lexicografia, as definições a partir de seu compromisso social. A pergunta acaba, assim, refletindo a ideia que se tem do sutiã como peça de roupa íntima que mantém os seios de uma mulher levantados, e as variantes apresentadas refletem mais ainda o discurso machista: a variante *goleiro* já diz

tudo. Retornando ao propósito de avaliar a variação dialetal, **sutiã** aparece nos dicionários DHLP, NADCLP e DOP. *Porta-seios*, por sua vez, é registrado em GNDLP, DHLP, NADCLP, DOP, referindo-se à variante **sutiã** o Houaiss (2009) e com uma remissão propriamente dita no Aulete (2011), em que se diz “ver sutiã”.

Quadro 160. Verbetes sutiã (DM)

| | |
|-----------------|--|
| DHLP (2009) | sutiã <i>s.m.</i> (s.XX) 1 VEST acessório de vestuário us. para sustentar os seios sob o vestido, a blusa etc. 2 JOR <i>infrm. joc.</i> palavra ou frase que precede o título; antetítulo ⊙ ETIM fr. <i>soutien(-gorge)</i> 'sustenta-seios', comp. de <i>soutien</i> 'aquilo que sustenta' + <i>gorge</i> 'seios' ⊙ SIN/VAR na acp. de vest: califom, corpete, corpinho, estrofião, porta-seios, sustenta-seios ⊙ ANT na acp. jor: subtítulo |
| NADCLP (2011) | sutiã (su.ti:ã) <i>sm.</i> 1. Vest. Peça do vestuário feminino us. para sustentar, modelar e cobrir os seios 2. Jom. Frase colocada depois do título e que serve para complementar o mesmo; subtítulo. [F.: Do fr. <i>soutien</i> .] |
| DOP (2009-2017) | sutiã s.m. Vestuário. Componente do vestuário feminino utilizado, sob outra peça de roupa que pode ser um vestido, uma camiseta etc, para sustentar ou revestir os seios. [Jornalismo] Expressão, palavra ou frase situada após o título para completá-lo: subtítulo. (Etm. do francês: soutien) |

Fonte: Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 161. Verbetes porta-seios(DM)

| | |
|-----------------|--|
| GNDLP (1954) | PORTA-SEIOS , s.m. Peça do vestuário feminino, a qual serve para acomodar os seios. |
| DHLP (2009) | porta-seios <i>s.m. 2n.</i> VEST m.q. <i>sutiã</i> ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de <i>sutiã</i> |
| NADCLP (2011) | porta-seios (por.ta-sei:os) <i>sm 2n.</i> Vest. Ver sutiã. [F.: <i>porta(r)</i> + pl. de <i>seio</i> .] |
| DOP (2009-2017) | porta-seios s.m. Peça do vestuário que as mulheres usam para acomodar e amparar os seios. |

Fonte: Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 162. Verbetes sutiã (DB)

| | |
|-------------|---|
| TM (1964) | soutien [soo-tee-an'] <i>m.</i> brassière. |
| JT (1970) | soutien (<i>m.</i>) brassière [= PORTA-SEIOS]. |
| BC (1991) | soutien [soo-tee-an'] <i>m.</i> brassière. |
| ONPD (2008) | soutien /suti'ã/ (pl ~s) <i>m</i> (<i>Port</i>) bra |
| AM (2010) | sutiã /su'tjiã/ <i>nm</i> bra |
| LIN(2017) | sutiã substantivo, masculino bra s (<i>frequentemente utilizado</i>) brassiere s |

Fonte: Lamb (1964), Taylor (1970), Chamberlain; Harmon (1983), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 163. Verbete corpinho (DB)

| | |
|------------|--|
| AVT (1773) | <i>CORPINHO</i> , s.m. a little body; also a little doublet or waistcoat, generally worn by women. |
| HM(1923) | Corpinho , m. a little body; a little doublet or waist-coat, generally worn by women. |
| RPP (1943) | cor-pi'-nho m. corset cover, camisole. |

Fonte: Transtagano (1773), Michaelis (1923), McKay's (1943)

Quadro 164. Verbete corpete (DB)

| | |
|-------------|--|
| BC (1991) | corpete, -pinho , n.m. bodice. |
| ONPD (2008) | corpete /kor'petʃi/ m bodice |
| LIN(2017) | corpete substantivo, masculino bodice <i>s</i> (frequentemente utilizado) bustier <i>s</i> corpinho substantivo, masculino bodice <i>s</i> |

Fonte: Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Entre os bilíngues, registram **sutiã** o TM, JT, BC, ONPD, AM e LIN. Em AVT, HM e RPP aparecem *corpinho*, enquanto *corpete* é lematizado por BC, ONPD e LIN.

7.8 VIDA URBANA

7.8.1 SEMÁFORO

A pergunta utilizada no QSL para se chegar à variável da qual faz parte semáforo foi “Na cidade, o que costuma haver em cruzamentos movimentados com luzes vermelha, verde amarela?” (carta L27). São variantes, nesse contexto, *sinál~semáforo~sinaleiro~farol~sinaleira~luminoso*, em que *sinál* é variante utilizada com mais frequência de modo geral, sendo a mais empregada nas capitais onde aparece, sendo **semáforo** a variante presente em todos os locais investigados. Nos dicionários, semáforo aparece, entre os monolíngues, em NDLP, GNDLP, DHLP, NADCLP e DOP. *Farol* é registrado pelo DHLP e NADCLP, recebendo marca de uso “SP”, pois é onde o “farol” é sempre escutado pelas ruas como equivalente a semáforo. *Sinaleira* aparece em

DHLP, NADCLP e DOP, sendo que no primeiro aparece a marca de uso “N.E.” de nordeste. Interessa dizer, contudo, que no registro do *ALiB* a única capital do nordeste em que essa unidade ocorre é Salvador.

Quadro 165. Verbetes semáforo (DM)

| | |
|-----------------|---|
| NDLP (1913) | semáforo <i>m.</i> Poste de sinais das linhas férreas, com farol e hastes móveis. (Do gr. <i>sema</i> + <i>phoros</i>) |
| GNDLP (1954) | SEMAFORO, ou SEMAPHORO, <i>s.m.</i> 2. Poste de sinais das linhas férreas, com farol e hastes móveis. [...] |
| DHLP (2009) | semáforo <i>s.m.</i> (1877) 1 MAR espécie de telégrafo aéreo colocada em locais altos da costa ou perto dos portos para anunciar a passagem ou a chegada de navios 2 aparelho de sinalização urbana, rodoviária ou ferroviária que orienta o tráfego por meio de lanternas, luzes, bandeiras e/ou hastes móveis etc.; sinal de trânsito, sinal ⊙ ETIM fr. <i>sémaphore</i> , comp. a partir dos voc. gregos <i>sēma, atos</i> 'sinal, caráter distintivo, marca' + <i>phorós, ós, ón</i> 'que leva, carrega, transporta' ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de <i>sinaleira</i> |
| NADCLP (2011) | semáforo (<i>se.má.fo.ro</i>) <i>sm.</i> 1. Sinal luminoso us. sobretudo no trânsito [F.: Do fr. <i>sémaphore</i> .] |
| DOP (2009-2017) | Semáforo <i>s.m.</i> [Brasil: SP] Sinal de trânsito. |

Fonte: Figueiredo (1913), Freire (1954), Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 166. Verbetes farol (DM)

| | |
|---------------|---|
| DHLP (2009) | farol <i>s.m.</i> (sXV) 5 SP sinal de trânsito; sinaleira, semáforo 6 <i>fig. infrm</i> ostentação, falsa aparência com que se procura enganar ou seduzir os outros; presunção, jactância ⊙ GRAM dim. irreg.: <i>farolim, farolete</i> ⊙ ETIM esp. <i>farol</i> 'íd.' ⊙ SIN/VAR fanal, fardo |
| NADCLP (2011) | farol (<i>fa.rol</i>) <i>sm.</i> [...] 5. SP Sinal luminoso de trânsito [...] [Pl.: -róis. As formas irreg. <i>farolete, farolim</i> aplicam-se somente às acp. 1 e 2.] [F.: gr. <i>pháros</i> , pelo cat. <i>faró</i> , pelo esp. <i>farol</i> .] |

Fonte: Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 167. Verbetes sinal (DM)

| | |
|-----------------|--|
| DHLP (2009) | sinal <i>s.m.</i> (1130)[...] ◊ sinal s. de trânsito 1 símbolo que regula a circulação de veículos 2 m.q. semáforo ('aparelho de sinalização urbana') |
| NADCLP (2011) | sinal (<i>si.nal</i>) <i>sm.</i> [...] ~ de trânsito Aparelho instalado em ruas (ger. em cruzamentos) ou estradas, destinado a sinalizar aos motoristas se podem seguir ou se devem parar, permitindo a passagem de outros veículos no cruzamento; farol; semáforo; sinaleira. [Consiste, ger. de três luzes coloridas que se alternam: a verde (embaixo se a disposição for vertical e à esquerda se for horizontal) libera a passagem; a vermelha (em cima ou à direita) sinaliza a parada obrigatória; a amarela (entre as duas) sinaliza atenção à mudança iminente da luz verde para a vermelha.] |
| DOP (2009-2017) | sinal <i>s.m.</i> [...][Brasil] Semáforo.[...] |

Fonte: Houaiss (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 168. Verbetes sinaleira (DM)

| | |
|-----------------|---|
| DHLP (2009) | sinaleira <i>sf.</i> (sXX) <i>B N.E.</i> m.q. semáforo ⊙ ETIM <i>sinal</i> + <i>-eira</i> ⊙ SIN/VAR farol, semáforo, sinal, sinaleiro sinaleiro <i>adj.s.m.</i> (1881)[...] ■ <i>s.m. B 3</i> m.q. semáforo ⊙ ETIM <i>sinal</i> + <i>-eiro</i> ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de <i>sinaleira</i> |
| NADCLP (2011) | sinaleira (<i>si.na.lei.ra</i>) <i>sf.</i> Bras. Aparelho de sinalização instalado nas ruas, rodovias ou ferrovias para orientar o tráfego; SEMÁFORO; SINALEIRO; SINAL; SINAL LUMINOSO; FAROL [F.: <i>sinal</i> + <i>-eira</i> .] |
| DOP (2009-2017) | Sinaleira Sinaleira é uma palavra derivada de <u>sinaleiro</u> Sinaleiro : <i>s.m.</i> [...] Bras. Semáforo. |

Fonte: (2009), Aulete (2011), Dicio (2009-2017)

Quadro 169. Verbetes semáforo (DB)

| | |
|-------------|--|
| JT (1970) | semáforo (<i>m.</i>) semaphore. |
| BC (1991) | semáforo , <i>n.m.</i> semaphore. |
| ONPD (2008) | semáforo /se`ma foru/ <i>m</i> (na rua) traffic lights [...] |
| AM (2010) | semáforo /se`ma foru/ <i>nm</i> traffic lights |
| LIN(2017) | semáforo substantivo, masculino traffic light <i>s</i> (frequentemente utilizado) É obrigatório parar num semáforo vermelho. It is mandatory to stop at a red traffic light. <i>menos frequentes</i> : stop light <i>s</i> semaphore <i>s</i> traffic signal <i>s</i> stoplight <i>s</i> |

Fonte: Taylor (1970), Chamberlain; Harmon (1983), Chamberlain(1991), Oxford (2008), Marques (2010), Linguee (2017)

Quadro 170. Verbetes farol (DB)

| | |
|----------------|--|
| ONPD (2008) | fa rol /fa`row/(pl ~róis) [...] (<i>de trânsito</i>)traffic light [...] ~leira/traffic lights [...] |
| AM (2010) | farol /fa`row/nm(pl faróis) [...] 3 (<i>reg.: São Paulo</i>)traffic lights [...] |

Fonte: Oxford (2008), Marques (2010)

Nos dicionários bilíngues, **semáforo** aparece em JT, BC, ONPD, AM e LIN. Enquanto farol é apresentado somente em ONPD e AM, recebendo neste a marca de uso dialetal “São Paulo”.

Como resultado final da pesquisa, produziu-se um glossário dialetal bilíngue português-inglês, cujo objetivo é aplicar os aspectos teóricos metalexigráficos discutidos na tese. Utilizando-se os registros lexicais encontrados no Questionário Semântico-Lexical do *Atlas Linguístico do Brasil Linguístico do Brasil* (2014), elaborou-se um método de definição em que fossem contempladas as informações fornecidas pela fonte geolinguística, de modo a se construir um modelo lexicográfico dialetal bilíngue. O caráter experimental do presente estudo justifica a escolha do glossário como meio mais adequado à proposta que se busca cumprir, resguardando-se a relevância desse instrumento para a história da lexicografia:

Os glossários conservam um material precioso para o estudo deste campo de ensaio linguístico que foi a Europa medieval. Informam sobre a evolução e a deriva do latim, ajudam a esclarecer a origem e o processo de formação dos vernáculos, e são ainda portadores de inesperadas informações sociolinguísticas e histórico-culturais. (VERDELHO, 1995, p. 143)

A natureza desse produto torna sua configuração interessante à pretensão de se selecionar um recorte lexical cujo alcance seja representativo para o português brasileiro contemporâneo. Diferenciando-se de um vocabulário por ser uma “lista restrita de vocábulos de um determinado domínio do conhecimento, de um determinado registro linguístico” (CORREIA, 2009, p. 31), dispensando um levantamento exaustivo, o glossário confere a este estudo a possibilidade de descrever um conjunto lexical mais restrito, voltado exclusivamente às realizações registradas pelo *Atlas Linguístico do Brasil*, numa tentativa de englobar variantes do léxico vigente no PB hoje.

A última etapa da tese envolve, assim, a aplicação das noções metalexigráficas revisadas durante a pesquisa, sob uma perspectiva linguística variacional, pautada nos registros lexicais do *ALiB*. O questionário semântico-lexical (QSL) é peça fundamental da pesquisa, uma vez que fornece as ocorrências que servirão de base para a elaboração pretendida. A pesquisa se fundamenta, ainda, no projeto do *Dicionário Dialectal Brasileiro* (MACHADO FILHO, 2010), também pautado no QSL, mas não somente

nele⁶⁷, na constituição de sua nomenclatura e dos verbetes, no entanto, as propostas se distanciam pelo caráter bilíngue deste estudo e por estar restrito ao QSL.

8.1 PREÂMBULO

Busca-se, neste glossário, propor formas de se registrar algumas unidades lexicais representativas do português brasileiro, extraídas das cartas semântico-lexicais do *ALiB*, a partir de uma perspectiva dialetal bilíngue português-inglês. Um aspecto que merece destaque, nesse âmbito, pela ênfase atribuída durante toda a tese às marcas de uso, é relativo à composição de uma lista de abreviaturas que deem conta da variação dialetal da forma como será apresentada. Assim, com base numa proposta de revisão dos pontos de vista funcional e conceitual a partir da análise do *ALiB* (2014), são sugeridas as seguintes marcas dialetais:

- *Categorical variant CV - Variante categórica*
- *Higher overall occurrence HOO - Maior ocorrência geral*
- *Lowest overall occurrence LOO - Menor ocorrência geral*
- *Higher occurrence in the North HON- Maior ocorrência no Norte*
- *Higher occurrence in the Northeast - HONE -Maior ocorrência no Nordeste*
- *Higher occurrence in the South HOS - Maior ocorrência no Sul*
- *Higher occurrence in the Southeast HOSE - Maior ocorrência no Sudeste*
- *Higher occurrence in the Midwest HOM- Maior ocorrência no Centro-Oeste*
- *Isolated occurrence IO - Ocorrências isoladas*

No caso de ser empregada a marca de *Categorical Variant CV* (variante categórica), tem-se uma unidade registrada em todas as capitais brasileiras. Há, contudo, aquelas que não aparecem em todas as capitais, mas, ainda assim, são predominantes, estas marcadas como *Higher Overall Occurrence HOO* (maior ocorrência geral, aparecendo mesmo em menor porcentagem em mais capitais). As unidades marcadas como *Lowest Overall Occurrence LOO* (menor ocorrência geral) são, ao contrário, aquelas que, no panorama geral, possuem um número de ocorrência menor. Sugerem-se, também, as marcas de uso com base nas ocorrências registradas por região: *Higher*

⁶⁷ “todas as respostas dos informantes aos três questionários, isto é, ao QFF, ao QSL e ao QMS, em todos os 250 pontos que são abrangidos pelo *ALiB*, devem ser consideradas em sua composição” (MACHADO FILHO, 2010, p. 8). Estão incluídos, assim, na proposta do DDB, os três questionários de *ALiB*, o fonético-fonológico, semântico-lexical e o morfossintático.

Occurrence in the North HON (Ocorrência mais alta no Norte); *Higher occurrence in the Northeast* HONE (Ocorrência mais alta no Nordeste); *Higher Occurrence in the South* HOS (Maior ocorrência no Sul); *Higher Occurrence in the Southeast* HOSE (Maior ocorrência no Sudeste); *Higher occurrence in the Midwest*, HOM (Maior ocorrência no Centro-Oeste). Por fim, como marca dos registros lexicais assistemáticos, isoladamente espalhados por diferentes regiões, propõe-se a *Isolated Occurrence* IO (Ocorrências isoladas).

As marcas de uso constituem, assim, um primeiro esboço de recurso para representação da variação lexical em dicionários bilíngues português-inglês, propostas sob uma nova configuração que pode permitir a diferenciação, aos olhos do consulente, entre lemas cujas definições compartilham os mesmos *genus* e *differentia*. Esses itens terão a finalidade de nortear a pesquisa lexicográfica, de maneira que se substituam as marcas empregadas corriqueiramente por itens extraídos de uma base de dados empírica. Imagina-se, *a priori*, que o emprego desse recurso dentro do domínio dialetal do português brasileiro seja essencial a materiais especialmente direcionados a tradutores, que, não raro, necessitam de uma orientação mais precisa acerca do emprego das unidades lexicais de um idioma em seus contextos de uso.

Nesta elaboração proto-lexicográfica, são incluídas as unidades lexicais representativas, de 8 (oito) áreas temáticas desenvolvidas pelo *Atlas Linguístico do Brasil: alimentação e cozinha; atividades agro-pastoris; convívio e comportamento social; fenômenos atmosféricos; fauna; jogos e diversões infantis; vestuário e acessórios; vida urbana*. Levando-se em conta o caráter experimental do glossário, não restam dúvidas de que a quantidade aparentemente reduzida de unidades registradas constitui uma fonte grandiosa não só pela pesquisa envolvida, mas pelas contribuições que proporciona, especialmente a divulgação do ALiB como referência essencial para a produção lexicográfica, e pela impulsão de novas investigações.

Como evidencia Correia (2009, p. 85), entre as condições consideradas na produção de um dicionário, a principal é que uma unidade lexical é, antes de tudo, pertencente à “língua corrente”. O avanço tecnológico, quanto a isso, tem permitido a criação cada vez mais acelerada de ferramentas eletrônicas capazes de recolher o léxico mais recorrente num determinado contexto. Já há, inclusive, algumas fontes *online* que disponibilizam estatísticas lexicais, com base na ocorrência das unidades em *corpora* ou pelo volume de buscas. Vale citar como exemplos o *Corpus do português*, composto por mais de 45 milhões de palavras, recolhidas de um *corpus* formado por

aproximadamente 57 mil textos, de um período compreendido entre os séculos XIV e XX, e o *Google Ngram Viewer*, baseado inicialmente em ocorrências extraídas do *Google Books*, constituído de fontes publicadas entre 1800 e 2012.

Há, desse modo, no meio eletrônico *online* uma constante atualização do léxico disponibilizado em ferramentas de pesquisas, que incluem dicionários. A proposta que aqui se anuncia, malgrado sua distância conceitual e numérica dos projetos citados, aproxima-se desses empreendimentos por constituir também uma tentativa de respaldar a exposição do léxico com uma contextualização que vá além de fórmulas reiteradas e exemplos criados fixados pela norma-padrão. Em adição a isso, o *Pequeno glossário bilíngue dialetal português-inglês* é aqui apresentado tem como objetivo principal comprovar que a pesquisa geolinguística pode ser incorporada à lexicografia, promovendo uma tomada de consciência acerca da diversidade linguística a partir de dados reais de língua.

Vale descartar, quanto à proposta do glossário, que, ainda que se busque apoio no *Atlas Linguístico do Brasil* (2014), sua estruturação onomasiológica não será reproduzida, uma vez que se pretende conservar o padrão semasiológico seguido pelos dicionários bilíngues, muito especialmente os impressos, em que a ordenação alfabética acaba sendo um ponto facilitador da pesquisa. Quando à lematização das unidades, adota-se a frequência geral das variantes como critério. Só serão incluídas como lemas variantes cuja frequência no Brasil for maior que 50%, com base no registro do *ALiB*.

Na elaboração da microestrutura, considera-se a importância de indicadores tipográficos, com entradas destacadas em negrito. O item categoria gramatical se mantém, acompanhado de gênero, f.n./m.n. , *female noun* (substantivo feminino)/ *male noun* (substantivo masculino). As variantes extraídas do *ALiB* são lematizadas, mas a variante que serve de título nas cartas é destacada em negrito, enquanto as outras recebem o indicador itálico. Sublinha-se, contudo, que essa diferenciação não tem por objetivo definir uma hierarquia, mas apenas marcar as variantes norteadoras nos registros do *Atlas*. Como mostra o exemplo abaixo, além da definição, apresentada entre aspas simples, são elencadas as variantes lematizadas no dicionário, que aparecem em suas respectivas posições ao longo do glossário estruturado em ordem alfabética. Tratando-se de uma produção de cunho dialetal, as definições também apresentam informações sobre esse aspecto, que funcionam como *differentia* paralelamente ao *genus* semântico compartilhado pelas variantes. Fornecem-se as seguintes chaves de consulta a fim de orientar o consulente em sua pesquisa:

Figura 68. Chave de consulta 1 para o Pequeno glossário

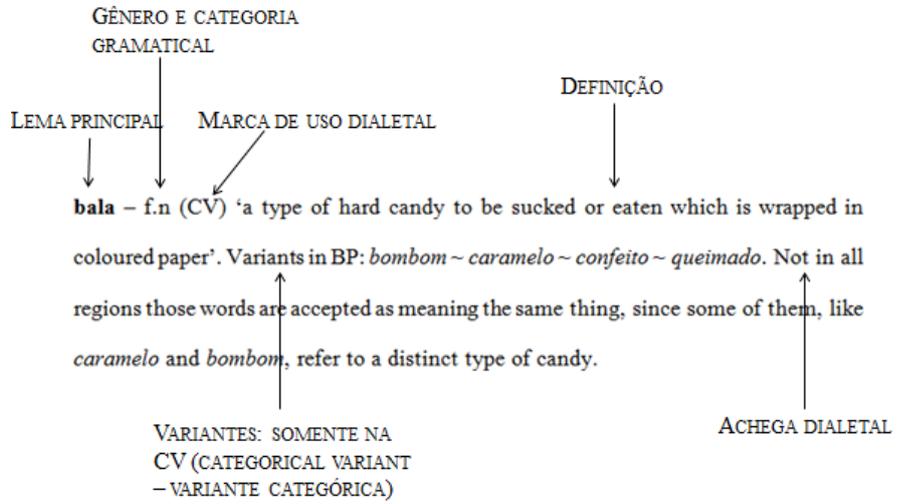
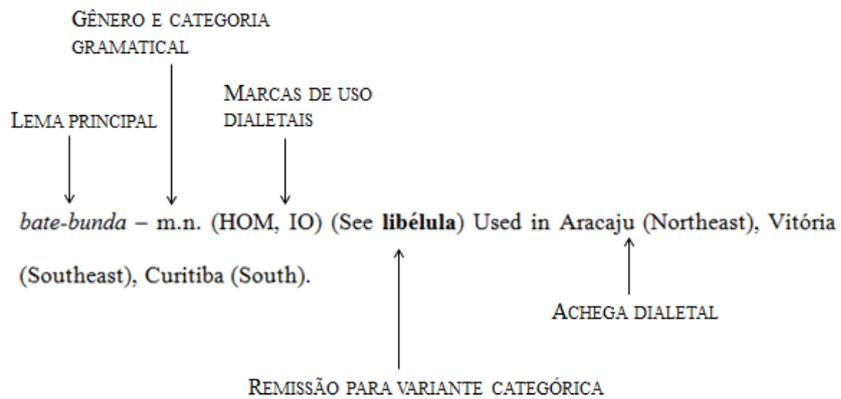


Figura 69. Chave de consulta 2 para o Pequeno glossário



aipim – m.n. (HOS) (HOSE) (IO) (See **mandioca**¹) Used in Salvador (Northeast).

angolista – f.n. (HOS) (See **galinha d'angola**)

atiradeira – f.n. (HONE, HOSE) (See **estilingue**)

aú – f.n. (LOO) (See **cambalhota**) Used in Salvador (Northeast).

badogue – m. n. (HONE) (See **estilingue**)

bala – f.n (CV) ‘a type of hard candy to be sucked or eaten which is wrapped in coloured paper’. Variants in BP: *bombom* ~ *caramelo* ~ *confeito* ~ *queimado*. Not in all regions those words are accepted as meaning the same thing, since some of them, like *caramelo* and *bombom*, refer to a distinct type of candy.

baladeira – f.n. (HONE, HON) (See **estilingue**)

bate-bunda – m.n. (HOM, IO) (See **libélula**) Used in Aracaju (Northeast), Vitória (Southeast), Curitiba (South).

bergamota – f.n. (HOS) (See **tangerina**)

bicho da fruta – m.n. (IO) (See **bicho da goiaba**) Used in Belém (North) and Fortaleza (Northeast).

bicho da goiaba – m.n. (CV) ‘a white little wrinkled bug, like a worm, that uses to appears inside the guava, coconut and other fruits’. Variants in BP: *larva* ~ *tapuru* ~ *lagarta* ~ *broca* ~ *gongolô* ~ *bicho da fruta* ~ *coró*.

bila – f.n. (HONE) (See **bolinha de gude**).

biloca/birosca – f.n. (IO) (See **bolinha de gude**) Used in Natal (Northeast), Goiânia (Midwest) and Belo Horizonte (Southeast).

biscate - f.n. (HOM) (See **prostituta**)

bola de fona – f.n. (IO) (See **bolinha de gude**) Used in João Pessoa (Northeast).

bola de vidro/bolinha de vidro – f.n. (HOSE, IO) (See **bolinha de gude**) Used in Florianópolis (South), Goiânia (Midwest) and Natal (Northeast).

bolinha de gude, bola de gude – (CV) ‘little glass balls used by people, mainly children, to have fun’. Variants in BP: *peteca* ~ *bola de vidro/bolinha de vidro* ~ *biloca/birosca* ~ *bolita* ~ *bila* ~ *bola de fona* ~ *cabeçulinha* ~ *marraio* ~ *ximbra* ~ *búrica* ~ *peteca*

bolita – f.n. (HOM, IO) (See **bolinha de gude**) Used in Porto Alegre (South).

bombom – m.n. (HON) (See **bala**) In some regions it is considered different from **bala** for its soft or creamy consistency, not hard like that, and, sometimes, for its creamy filling.

broca – f.n. (HON) (See **bicho da goiaba**) Used in Macapá and Porto Velho.

bunda-canastra – f.n. (HONE) (See **cambalhota**).

búrica – f.n. (IO) (See **bolinha de gude**) Used in Curitiba (South).

cabeçulinha – f.n. (LOO) (See **bolinha de gude**) Used in Fortaleza (Northeast).

cabriola – f.n. (LOO) (See **cambalhota**) Used in Salvador (Northeast).

cachimbal – m.n. (HONE) (See **libélula**).

califom - m.n. (HONE) (See **sutiã**)

cambalhota – f.n (CV) ‘the fun consisting in doing a somersault’. Variants in BP: *carambela* ~ *carambola* ~ *cambota* ~ *bunda-canastra* ~ *pirueta* ~ *mortal* ~ *cangapé* ~ *cabriola* ~ *cambona* ~ *marina-escambona* ~ *aú* ~ *perereca*.

cambona – f.n. (LOO) (See **cambalhota**) Used in Maceió (Northeast).

cambota – f.n. (HOM, HOS, IO) (See **cambalhota**) Used in São Paulo (Southeast) and São Luís (Northeast).

cangapé – f.n. (IO) (See **cambalhota**) Used in Rio Branco (North) and Fortaleza (Northeast).

capão – m.n. (HONE) (See **galinha d’angola**)

capote – f.n. (HON, HONE) (See **galinha d’angola**)

carambela – f.n. (HON, HONE) (See **cambalhota**)

carambola – f.n. (HON, HONE) (See **cambalhota**)

caramelo – m.n. (HOM) (See **bala**) In some regions it is considered different from **bala** for its sticky texture and composition.

carapanã - m.n. (HON) (See **pernilongo**)

carioquinha – f.n. (LOO) (See **tangerina**) Used in São Paulo (Southeast).

catirina – f.n. (IO) (See **libélula**) Used in Teresina (Northeast).

catraia – f.n. (IO) (See **galinha d’angola**) Used in São Luís (Northeast).

cavalo – m.n. (HONE) (See **libélula**). Used in Salvador and Recife.

cavalo-do-cão – m.n. (IO) (See **libélula**) Used in Rio Branco (Northeast).

chuva de granito - f.n. (HONE) (See **granizo**)

chuva de granizo – f.n. (CV) (See **granizo**)

chuva de neve – f.n. (HONE) (See **granizo**)

chuva de pedra de gelo – f.n. (HOM, IO) (See **granizo**) Used in Teresina (Northeast).

cigarra – f.n. (HON, HOSE, IO) (See **libélula**) Used in Porto Alegre (South).

cocar – f.n. (HOM) (See **galinha d’angola**)

confeito – m.n. (HONE) (See **bala**)

coró – m.n. (HOM) (See **bicho da goiaba**).

corpete – m.n. (HONE) (See **sutiã**)

estilingue – m.n. (CV) ‘a sling toy made of a fork with two rubber strips used by some children to kill birds’. Variants in BP: *baladeira* ~ *atiradeira* ~ *badogue* ~ *funda* ~ *peteca*,

farol – m.n. (IO) (See **sinal**) Used in São Paulo and in a lower proportion in Goiânia.

funda – m.n. (HOM) (See **estilingue**)

galinha d'angola – f.n. (CV) ‘species of fowl which looks very similar to a hen with black feathers and white spots’. Variants in BP: *tô-fraco~capote~guiné ~ picote~capote~capão~saqué~catraia~angolista~cocar*.

garoa – f.n. (HOS, IO) (See **orvalho**) Used in Porto Velho (North).

garota de programa – f.n. (HOO) (See **prostituta**).

goleiro – m.n. (LOO) (See **sutiã**)

gongolô – m.n. (HON, IO) (See **bicho da goiaba**) Used in Teresina (Northeast).

granizo – m.n. (CV) ‘a type of rain, when ice falls from the sky; hailstorm’. Variants in BP: *chuva de granizo ~ chuva de neve~ chuva de granito ~ chuva de pedra de gelo*.

guiné – f.n. (HONE) (See **galinha d'angola**)

helicóptero – m.n. (HOO) (See **libélula**).

jacinta – f.n. (HON) (See **libélula**).

lagarta – f.n. (HONE, IO) (See **bicho da goiaba**) Used in Vitória (Southeast) and Porto Velho (North).

laranja-cravo – f.n. (HONE) (See **tangerina**)

larva – f.n. (HOO) (See **bicho da goiaba**).

lava-bunda – m.n. (IO) (HOM) (See **libélula**) Used in Aracaju (Northeast), Vitória (Southeast), Curitiba (South).

lava-cu – m.n. (IO) (HOM) (See **libélula**) Used in Aracaju (Northeast), Vitória (Southeast), Curitiba (South).

lavadeira – f.n. (HOSE, IO) (See **libélula**) Used in Rio Branco (North).

libélula – f.n. (CV) ‘an insect with long and thin body and transparent wings. It flies and touches the water with its tail section. Generally known as dragon-fly’. Variants in

BP: *helicóptero* ~ *bate-bunda*~*lava-bunda* ~ *lava-cu* ~ *jacinta* ~*zigue-zague* ~ *cigarra* ~ *cavalo-do-cão* ~ *lavadeira* ~ *cachimbal* ~ *cavalo* ~ *catirina* ~ *macaco* ~ *mané-magro*.

macaco – m.n.(HONE) (See **libélula**).

macaxeira – f.n. (HOO, HONE, HON) (See **aipim**)

macaxeira brava – f.n. (IO) (See **mandioca**²)Used in Rio Branco (North).

mandioca brava – f.n. (HOM, HOSE, IO) (See **mandioca**²)Used in Porto Alegre and Maceió.

mandioca –f.n. (HONE, HON) (See **mandioca**¹)

mandioca¹ – f.n. (HOM, HOSE) ‘tuberous root white inside with a dark brown, thick peel that must be eaten after cooking, frying or baking’. Variants in BP: *macaxeira*, *aipim*.

mandioca² – f.n. (CV) ‘tuberous root considered poisonous that must not be eaten, from which different types of flour are made’. Variants in BP: *mandioca brava*, *macaxeira brava*.

mané-magro – m.n. (IO) (See **libélula**) Used in Fortaleza (Northeast).

maricote – f.n. (HOM) (See **tangerina**).

marina-escambona – f.n. (LOO) (See **cambalhota**) Used in Aracaju (Northeast).

marraio – f.n. (IO) (See **bolinha de gude**) Used in Aracaju (Northeast).

meretriz – f.n. (HOO) (See **prostituta**).

mexerica – f.n. (HOO) (See **tangerina**).

mimosa – f.n. (IO) (See **tangerina**) Used in Curitiba.

mortal – f.n. (IO) (See **cambalhota**) Used in Boa Vista (North), São Luís (Northeast) and Belo Horizonte (Southeast).

mosquito – f.n. (HOO) (See **pernilongo**).

mulher... - f.n. (See **prostituta**) 'lexical variant of prostitute, it can assume different forms in Brazil: *mulher da vida*, *mulher de programa*, *mulher piranha*, *mulher de vida fácil*, *mulher galinha* (HOO) and *mulher de rua*, *mulher à toa*, *mulher de aluguel*, *mulher de zona* (LOO).

muriçoca – f.n. (HONE) (See **pernilongo**)

neblina – f.n. (HOSE, HON) (See **orvalho**)

neve – f.n. (LOO) (See **orvalho**)

orvalho – m.n. (CV) 'in the morning, the grass is wet, due to this phenomenon, called morning dew'. Variants in BP: *sereno* ~ *neblina* ~ *garoa* ~ *neve*.

perereca – f.n. (LOO) (See **cambalhota**) Used in Cuiabá (Midwest).

pernilongo – m.n. (CV) 'small flying insect with long legs that buzzes in people's ears at night'. Variants in BP: *carapanã* ~ *mosquito* ~ *muriçoca* ~ *praga*.

peteca – f.n. (HONE) (See **bolinha de gude**).

peteca – f.n. (IO) (See **estilingue**) Used in Maceió (Northeast).

picote – f.n. (HON) (See **galinha d'angola**)

pirueta – f.n. (IO) (See **cambalhota**) Used in Campo Grande (Midwest), Curitiba (South), São Luís (Northeast) and Macapá (North).

poncã – f.n. (HOO) (See **tangerina**)

porta-seio - m.n. (IO) (See **sutiã**) Used in Belém (North) and Porto Alegre (South).

praga – f.n. (IO) – (See **pernilongo**) Used in São Luís (Northeast).

prima - f.n. (IO) (See **prostituta**) 'often referred to as family relationship, it can be a lexical variant of prostitute whose few occurrences were registered in: Boa Vista (North) and São Paulo (Southeast)'

prostituta - f.n (VC) ‘the woman who makes sex in order to earn money, but also a derogatory word used to insult women’. Variants in BP: *biscate* ~ *garota de programa* ~ *meretriz* ~ *prima* ~ *puta* ~ *quenga* ~ *rameira* ~ *rampeira* ~ *rapariga* ~ *mulher...* .

puta - f.n. (HOO) (See **prostituta**).

queimado – m.n. (IO) (See **bala**). Used in Salvador (Northeast).

quenga - f.n. (HONE,IO) (See **prostituta**) Used in Florianópolis (South).

rameira - f.n. (HON) (See **prostituta**)

rampeira - f.n. (HON) (See **prostituta**)

rapariga - f.n. (HONE, IO) (See **prostituta**). Used in Rio Branco (North) and Cuiabá (Midwest). Often pointed out for its semantical difference between European e Brazilian Portuguese, it is a lexical variant of prostitute in Brazil.

saqué – f.n. (HONE) (See **galinha d’angola**).

semáforo – m.n. (HOO) (See **sinal**).

sereno – m.n. (HOO) (See **orvalho**).

setra – f.n. (IO) (See **estilingue**) Used in Curitiba (South).

sinal – m.n. (CV) ‘traffic light’. Variants in BP: *semáforo* ~ *sinaleiro* ~ *farol* ~ *sinaleira* ~ *luminoso* – (HOM) (See **sinal**)

sinaleira – f.n. (HOS, IO) (See **sinal**) Used in Salvador (Northeast)

sinaleiro – (HOM, HOS) (See **sinal**)

sutiã – m.n. (CV) ‘underwear supposedly used to support women's breasts which sometimes hurts skin being very uncomfortable’. Variants in BP: *corpete* ~ *califom* ~ *porta-seio*

tangerina – f.n. (CV) ‘a citric fruit similar to an orange manually peeled, with a very aromatic smell’. Variants in BP: *mexerica* ~ *poncã* ~ *maricote* ~ *laranja-cravo* ~ *tanja*, *carioquinha* ~ *bergamota* ~ *mimosa*.

tanja – f.n. (HONE) (See **tangerina**)

tapuru – m.n. (HON, HONE) (See **bicho da goiaba**).

tô-fraco – m.n. (HONE, HOS, IO) (See **galinha d'angola**) Used in Vitória (Southeast).

ximbra – f.n. (IO) (See **bolinha de gude**) Used in Maceió (Northeast).

zigue-zague – m.n. (HONE) (See **libélula**).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto mais se estuda a lexicografia, quanto mais se analisam dicionários, quanto mais se investigam metalexigraficamente publicações, descortinam-se a meticulosidade, os desafios e também limitações envolvidos na árdua tarefa de definir, padronizar verbetes, planejar um fonte de consulta em todos os seus (des)limites porque é assim que se desenvolve a obra lexicográfica. Ao mesmo tempo em que impõe inovação, aceita muito bem os novos recursos que as correntes teóricas mais atuais e as tecnologias proporcionam, também exige a manutenção de algumas condutas nada revolucionárias. Quando se propõe um glossário dialetal, a metodologia adotada precisa ser cautelosamente definida. No caso de uma proposta dialetal, sabe-se, por exemplo, que obras mais “comerciais” podem nutrir total desinteresse por um material experimental pautado tão somente na geografia linguística. Ao mesmo tempo em que se compreende que conhecimentos científicos/ acadêmicos nem sempre chegarão ou interessarão ao “mundo exterior”, pode-se recorrer a adequações que viabilizem a rupturas de algumas fronteiras.

As novas tecnologias têm proporcionado grandes transformações também nos meios que pareciam mais conservadores, e a lexicografia pode ser incluída nesse rol. A “viagem” feita pelos dicionários ao longo do tempo, como foi possível ver nesta pesquisa, revela alterações no cenário em que se produzem esses materiais, não só pelos interesses subjacentes à confecção, mas pelas exigências dos utentes. A quantas versões diferentes da lexicografia se tem acesso a partir das leituras de prefácios e de verbetes. O primeiro dicionário português-inglês que serviu de *corpus* a esta pesquisa acumula distanciamentos inúmeros e até intransponíveis em relação a um dicionário moderno *online*, por exemplo. Desde a apresentação da obra até a constituição das definições, há, de fato, alterações significativas ao longo dos caminhos trilhados pela lexicografia. Por outro lado, existe um ponto de partida, uma base em comum, que permite reconhecer o que é um dicionário, ainda que o modo de enxergá-lo sofra também interferências.

Os modos de ler passaram por transformações e o dicionário, como livro que é, tem se adaptado a esse contexto. Hoje, o lexicógrafo já não é mais o detentor da autoria integral de sua obra, pois a desenvolve, deixando-a a serviço da interatividade e coletividade. Essa noção tomou corpo antes da revolução tecnológica, no âmbito da lexicografia. Afinal, os lexicógrafos que assumiam integralmente a autoria e o prestígio pela publicação de suas obras há muito deixaram de atuar sozinhos, não só pelo volume

de trabalho, mas pelas imposições fragmentárias do trabalho moderno, que exige trabalho em grupo, diversas funções incumbidas de um só objetivo. Assim, no momento atual, caminha-se para uma lexicografia cada vez mais flexível e aberta a participações de indivíduos não “especialistas”. Aqueles interessados em produzir verbetes, por exemplo, encontram na *internet* facilmente um espaço para esse exercício, exemplo disto está no *Dicionário Online do Português*, em que os consulentes são convidados a colaborar com a edição dos artigos lexicográficos ou mesmo na confecção.

Vale acerca desse aspecto citar uma definição de dicionário trazida por Chartier (2007, p. 71):

Pequeno livro que temos o hábito de levar no bolso, cujas folhas são cobertas com um revestimento e são brancas. Ao livrinho incluímos uma pena de metal na ponta da qual se insere uma fina grafite de lápis, com a qual se anota, no pequeno livro, tudo o que não se quer confiar à fragilidade da memória, e se apaga em seguida, para que as folhas possam servir novamente. Fazem-se essas folhas também em marfim.

Uma das noções adotadas nesta tese, de dicionário como “memória lexical” é corroborada por Chartier nesse excerto, mas vale repensar se a lexicografia continua nesse caminho. Com as novas possibilidades que surgem, os verbetes passam a sofrer atualizações constantes, não restando espaço para a manutenção de conceitos que precisam se adequar à rapidez e à liquidez, para não deixar de falar em Baumann, que o mundo atual exige. Definições que endossam discursos de opressão, de discriminação, por exemplo, estão com dias contados, e já nem existiriam mais, não estivessem os dicionários ainda resguardados por sua condição de obra de referência e pelo “respeito” que seus modelos impressos impõem, com capas duras e tamanhos exageradamente desconfortáveis para a consulta.

Reconhece-se o patrimônio que a lexicografia representa como técnica, ciência, como legado, inclusive, mas é preciso também entender que revisará-la se faz necessário. A forma encontrada nesta tese de contribuir teoricamente com a lexicografia foi por meio do *Pequeno glossário dialetal português-inglês*, em que se evidencia um recurso considerado aqui essencial, por constituir uma ponte entre o dicionário e o seu contexto extralinguístico: as marcas de uso. Investigações concentradas nesse item, como se fez neste trabalho, permitem o acesso ao pensamento que permeia uma obra, às avaliações, à subjetividade de quem as elabora, a noções que refletem conceitos de língua e sociedade. É só pensar nos “tabuísmos” e “barbarismos”,

ainda incluídos nas publicações mais gerais e pedagógicas, e na carga de imprecisões que eles carregam em si, funcionando como rótulos de julgamento ou depreciação.

Contudo, na mesma medida em que se faz necessário pensar em se lançar mão das teorias linguísticas contemporâneas, buscando-se estratégias para o aperfeiçoamento, também é essencial saber conciliar as novas ferramentas com as expectativas do público-alvo. Dentro da perspectiva adotada, a língua inglesa exerce função de coadjuvante, servindo à pesquisa realizada pelo contexto bilíngue que compartilha com o português brasileiro e pela relevância histórica desse encontro. Além disso, nota-se que, no contexto bilíngue, as contribuições das ciências como a sociolinguística e a dialetologia estão longe de ser contempladas pelos dicionários. Sendo assim, constituiu interesse principal nesta pesquisa a busca pela inovação lexicográfica (impresa) a partir da base teórica consistente engendrada pela Dialetologia.

Assim, concentrando-se na variedade brasileira do português, espera-se que tanto a análise desenvolvida quanto a proposta final possam contribuir para uma revisão da lexicografia contemporânea ainda restritiva no que diz respeito à diversidade linguística. Concebe-se a laboriosa atividade lexicográfica como reflexo das sincronias em que é exercida, sempre convencionalmente comprometida com a manutenção e legitimação do léxico da língua. Independente do suporte para veiculação, em placas de barro ou no espaço digital, a função de servir aos consulentes nos intercâmbios entre nações sempre foi mantida. Do século XVIII aos dias atuais, inúmeros foram os avanços, contemplando os novos rumos tomados pelos estudos linguísticos, mas a busca pelo aperfeiçoamento precisa ser uma constante na descrição científica de uma língua. Para tanto, estudos como este encontram seu fim no fomento à reflexão crítica no tocante à importância histórica da lexicografia e, principalmente, na sugestão de mudança que deseja transmitir.

Com a seleção do *corpus* analisado, momentos representativos da historiografia lexicográfica foram abarcados: o século XVIII, com o surgimento do primeiro dicionário bilíngue português-inglês; o desenvolvimento intenso de obras monolíngues também a partir do século XIX; o período atual, em que, progressivamente, ganham espaço os dicionários eletrônicos *online*. A pesquisa metalexográfica, ainda pouco aproveitada no âmbito do ensino, tem muito a revelar sobre a história do uso da língua portuguesa como idioma em progressiva expansão e que tem despertado interesse de segmentos diversos, também internacionais. Os dicionários, nesse processo, são

valiosos instrumentos de pesquisa, mas precisam ser avaliados de modo crítico, pois, muitas vezes, distanciam-se da diversidade inerente à língua, disseminando usos desatualizados e discursos hostis.

Em verdade, o dicionário é um produto de caráter social que reflete determinadas visões sobre a língua e, logo, posições do sujeito enunciativo, a despeito de sua aparência de neutralidade, a qual está vinculada à articulação de um paradigma formal histórica e universalmente estabelecido, e que praticamente acompanha a história da humanidade. Dessa forma, nas sociedades de cultura, marcas sócio-históricas e ideológicas costumam passar despercebidas e o dicionário assume o caráter de referência neutra e inquestionável sobre a “existência” das palavras, de seus usos e sentidos. A indiscutível autoridade do dicionário relaciona-se a uma função prioritária que a sociedade costuma atribuir-lhe: a de desempenhar o papel de código normativo no seio das comunidades linguísticas. Constituído-se em parâmetro das regras do “bem-dizer”, o dicionário exerce grande influência sobre os comportamentos linguísticos, demonstrando seu estatuto de poder. É, pois, enquanto referência social do dizer que se compreende que a história da lexicografia de um país é também a história da construção de sua identidade linguística [...] (KRIEGER, 2010, p. 137)

Finalmente, retomam-se as perguntas do capítulo inicial: por que dicionários bilíngues? Por que dicionários monolíngues? Por que o *Atlas Linguístico do Brasil*? Por que um glossário? Por que as marcas de uso? As respostas, por sua vez, estão diluídas por entre as páginas desta tese, provando que os caminhos que levam a esses questionamentos estão interligados. Na perspectiva aqui adotada, não seria possível tratar do léxico do português brasileiro sem contemplar esses diferentes pontos, incluindo o glossário como resultado prático do que se propõe aqui. Se nos dicionários bilíngues, encontrou-se o olhar do (e para o) estrangeiro sobre a constituição da norma brasileira, nos monolíngues, os propósitos de uso mudam para cumprir outros papéis, menos objetivos e mais comprometidos com a formação de uma variedade nacional, notando-se, por conta disso, alterações na mecânica de elaboração das obras. O *Atlas* forneceu, nesse contexto, o suporte necessário para que se partisse de uma base de dados confiável tanto para a análise dos dicionários quanto para a confecção do glossário, atribuindo-se atenção especial às marcas de uso dialetais, estabelecendo-se um diálogo entre a metalexigrafia e a lexicografia propriamente ditas, numa simbiose necessária e funcional. Justifica-se, assim, a recorrência da expressão (meta)lexicografia, com parênteses, constituindo o ponto de convergência que aqui se

buscou estabelecer entre teoria e prática, entre as tantas reflexões que surgem quando se lança um olhar crítico sobre o dicionário e a proposta de aplicação de tudo o que foi discutido, materializada no glossário.

- AGUILERA, Vanderci de Andrade; ALTINO, Fabiane Cristina. Para um atlas pluridimensional: pesquisas e pesquisadores. *Alfa*, São Paulo, 56 (3): 871-889, 2012.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. A importância dos dados geolinguísticos para construção dos dicionários de Língua Portuguesa. CARDOSO, Suzana; MEJRI, Salah; MOTA, Jacyra Andrade (Orgs.). *Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias*. Salvador, Vento Leste, 2011.
- ALKMIN, Tânia. Um texto inaugural: o Visconde de Pedra Branca e o português do Brasil. *Stockholm Review of Latin American Studies*. Issue n. 8, march 2012.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Paixão Medida*, J. Olympio, 1983.
- ANDRADE, Lameira de; SILVA JUNIOR, Pacheco da. *Noções de grammatica portuguesa*. Rio de Janeiro, J.G. de Azevedo Editor, 1887.
- AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza*, Lisboa, Imp. Nacional, 1881.
- AULETE, Caldas. [Org.: Paul Geiger]. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Lexikon, 2011.
- AUROUX, Sylvain (1992). *A Revolução tecnológica da Gramatização*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp.
- BAGNO, Marcos. Dicionários, variação linguística e ensino. BAGNO, Marcos; CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia. (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo, Parábola Editorial, 2011.
- BALDINGER, Kurt. Semasiologia e onomasiologia. Trad. Ataliba de Castilho. *Revue de Linguistique Romane* t. XXVIII, 1964.
- BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. ALVES, I. M. (org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- BARROS, Lidia Almeida. *Curso Básico de Terminologia*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BAUMAN, Zygmund. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, Visconde de. *Diccionario de vocabulos brasileiros*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1889.

- BÉJOINT, Henri. *Modern Lexicography: an introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, Pontes, 1989.
- BERRUTO, G. *Prima lezioni di sociolinguistica*. Roma-Bari: Laterza, 2004.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F. (Org.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, v. II
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Teoria linguística: *teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Terminologia e lexicografia. *TradTerm*, 7, 2001, p. 153-181.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Aurélio: sinônimo de dicionário? *Alfa*, São Paulo, vol. 44, 2000.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Dicionário Didático de Português*. São Paulo, Ática, 1998.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A ciência da lexicografia. *Alfa*, São Paulo, 28 (supl.), 1-26, 1984.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Glossário. *Alfa*, São Paulo, 28 (supl.), 135-144, 1984.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O dicionário padrão da língua. *Alfa*, São Paulo, 28 (supl.), p. 27-43, 1984.
- BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo, Ática, 2002.
- BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecilia. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4ª ed, São Paulo, Contexto, 2013.
- CABRÉ, M. T. *La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.
- CARBALLO M. A. C. *La macroestructura del diccionario*. In: GUERRA, A. M. M. (coord.) *Lexicografía española*. España: Editorial Ariel, S.A., 2003.

- CARDOSO, Brayna; RAZKY, Abdelhak. A variação diatópica no dicionário escolar. COSTA, Daniela de Souza Silva; BENÇAL, Dayme Rosane (Orgs.). *Nos caminhos do léxico*. Campo Grande, MS, Ed. UFMS, 2016.
- CARDOSO, Suzana Alice et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina, EDUEL, 2014.
- CARDOSO, Suzana Alice et al (Orgs.). *Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador, Vento Leste, 2013.
- CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. Percursos da geolinguística no Brasil. *Linguística*, vol. 29, no. 1, Montevideo, jun. 2013.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MEJRI, Salah; MOTA, Jacyra Andrade. (Org.). *Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias*. Salvador: Vento Leste, 2011.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. A construção de um Atlas Linguístico do Brasil: o percurso do ALiB. *Signum Estudos Linguísticos*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 237-256, jul. 2009.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? *Revista do GELNE / Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste*, Natal, v.4, n. 2, 2002.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Que dimensões outras, que não a diatópica, interessam aos atlas lingüísticos? In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOGIE ROMANES, 22., 1998, Bruxelas. Actes... Tübingen: Niemeyer, 2000a. v. 3, p. 411-416.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Atlas linguísticos e variação. MOURA, Denilda. (Org.). *Os múltiplos usos da língua*. Edufal, Maceió, 1999.
- CARMO, Laura Aparecida Ferreira. *O léxico do Brasil em dicionários de língua portuguesa do século XIX*. Tese de Doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras, Rio de Janeiro, 2015.
- CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia. *Lexicografia bilíngue português/alemão: teoria e aplicação à categoria das preposições*. Brasília, Thesaurus, 2001.
- CASARES, J. *Introducción a la lexicografía moderna*. 3ed. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1992.
- CASTILHO, Ataliba de. (2010). *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.

- CHABATA, Emmanuel. Linguistic Variation in Shona with Special reference to Monolingual Dictionaries. *Lexikos 13* (AFRILEX-reeks/series 13), 81-91, 2003.
- CHAMBERLAIN, Bobby J. *Random House Webster's Pocket Portuguese Dictionary*. Random House Reference, USA, 1991.
- CHAMBERLAIN, Bobby; HARMON, Ronald M. *A Dictionary of Informal Brazilian Portuguese*, Georgetown University Press, Washington, 1983.
- CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura*. Tradução Luzmara Curcino. São Paulo, Editora UNESP, 2007.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. *Sociolinguística*. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC, 2010.
- CORACINI, Maria José. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo/Campinas, EDUC/Pontes, 1991.
- CORREIA, Margarita. *Os dicionários portugueses*. Lisboa, Editora Caminho, 2009.
- CORREIA, Margarita. Lexicografia no início do século XXI – novas perspectivas, novos recursos e suas consequências. JÚNIOR, Manuel Alexandre (coord.) *Lexicon – Dicionário de Grego-Português, Actas de Colóquio*. Lisboa: Centro de estudos Clássicos / FLUL, pp. 73-85, 2008.
- COUTINHO, Ismael Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976.
- DAPENA, J.A. P. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid, Arcos/Libros, S.L., 2002.
- DASCAL, Marcelo; BORGES NETO, José. De que trata a linguística? *Histoire epistemologie langage*. Press Universitaires de Vincennes, Université Paris VIII, Tome 13, fascicule 1, 1991.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad.: Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*: Dicionário Caldas Aulete, versão online, disponível em < <http://www.aulete.com.br/>>
- Dicionário Online do Português*. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/>>
- DORNSEIFF, Franz. *Der Deutsche Wortschatz nach Sachgruppen*. Berlin: Walter de Gruyter, 2004.

DUARTE, Sónia; LEÓN, Rogelio Ponce de. O contributo da obra lexicográfica de Rafael Bluteau para a história do ensino do português como língua estrangeira: o *Methodo breve, y facil para entender Castellanos la lengua portugueza* In: *Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas*, II Série, vol. XXII, Porto, 2005, pp. 373-429

DURAN, Magali Sanches; XATARA, Claudia Maria. A metalexigrafia pedagógica. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 18, 2006.

DURAN, Magali Sanches; XATARA, Claudia Maria. As funções da definição nos dicionários bilíngues. In: *Alfa*, São Paulo, 50 (2): 145-154, 2006.

DWORKIN, Steven N. *A history of the Spanish lexicon: a linguistic perspective*. Oxford University Press, New York, 2012.

ECO, Umberto (2007). *Da Árvore ao Labirinto: estudos históricos sobre o signo e a interpretação*. Rio de Janeiro, Record, 2013

FARACO, Carlos Alberto. (2007). *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: ParábolaFAULSTICH, Enilde. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. In: *Organon: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Vol. 25, n. 50. Porto Alegre: UFRGS. 2011.

FARIAS, Virgínia Sita. *Sobre a definição lexicográfica e seus problemas: fundamentos para uma teoria geral dos mecanismos explanatórios em dicionários semasiológicos*. Tese, Porto Alegre, 2013.

FARIAS, Virgínia Sita; MIRANDA, Félix Valentín Bugueño. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 9, n.1, p. 39-69, 2011.

FAULSTICH, Enilde. Variante terminológica lexical: um estudo das reduções. *Saberes lexicais: mundos, mentes e usos*. ALMEIDA, Aurelina Ariadne; SANTOS, Elisângela Santana dos; SOLEDADE, Juliana. Salvador, Edufba, 2015.

FAULSTICH, Enilde. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. *Organon*, v. 25, n. 50, 2011.

- FAULSTICH, Enilde. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. *TradTerm*, 7, p. 11-40, 2001.
- FERRARI, Pollyana. A web somos nós. FERRARI, Pollyana et al. (org.). *Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital*. São Paulo: Contexto, 2012.
- FIGUEIREDO, António Cândido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1913.
- FINATTO, Maria José Bocorny; KRIEGER, Maria da Graça. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo, Contexto, 2004.
- FRAHLING, Gereon. *Dicionário online Linguee*, 2015. Disponível em: <http://www.linguee.com.br/portugues-ingles>
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1954.
- GEERAERTS, Dirk. Meaning and definition. VAN STERKENBURG, Piet (ed.). *A Practical Guide to Lexicography. (Terminology and Lexicography Research and Practice 6.)* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad.: Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê, 2009.
- GONÇALVES, Maria Filomena. La terminología azucarera en Brasil: el testimonio de los lexicógrafos Rafael Bluteau y António de Moraes Silva. Ana Viña & Dolores Corbella eds. (2012), *La ruta azucarera atlántica: Historia y documentación*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, pp. 101-132, 2012.
- HAENSCH, G. 9.2. Selección de entradas. In: HAENSCH, G. et al. *La Lexicografía: de la Lingüística teórica a la Lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.
- HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la Lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madris, Editorial Gredos, 1982.
- HANNAY, Mike. Types of bilingual dictionaries. STERKENBURG, Piet van. (ed.). *A practical guide to lexicography*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2003.
- HARTMANN, R.R.K; JAMES, Gregory. *Dictionary of lexicography*. London and New York, Routledge, 1998.

HARTMANN, Reinhard R.K. *Dictionary of lexicography*. New York/London. Routledge, 2002.

HAUSMANN, Franz J.; WIEGAND, Herbert E. Component Parts and Structures of General Monolingual Dictionaries: a Survey. In: HAUSMANN, F. J. et al., vol. 1, 1989.

HAUSMANN, Franz; WIEGAND, Herbert E. Component parts and structures of general monolingual dictionaries: a survey. HAUSMANN, Franz et al. *Wörterbücher/Dictionaries/Dictionnaires. An international encyclopedia of lexicography*. Berlin, W. De Gruyter, Vol. 1, p. 328-360, 1989.

HOEPNER, Lutz. A lexicografia bilingue Português-Alemão. SILVESTRE, João Paulo; VERDELHO, Telmo dos Santos. *Lexicografia bilíngue. A tradição dicionarística português – línguas modernas*. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Universidade de Aveiro, 2011.

HONSELAAR, Wim. Examples of design and production criteria for major dictionaries. STERKENBURG, Piet van. (ed.). *A practical guide to lexicography*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLA, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2009.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Os estudos lexicográficos no Brasil: um percurso histórico. In: Suzana Alice Marcelino Cardoso; Salah Mejri; Jacyra Andrade Mota. (Org.). *Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias. Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias*. 1ª ed. Salvador: Vento Leste. v. 1, p. 113-144, 2011.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 2. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.

ISQUERDO, Aparecida Negri; OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 1. 2ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO, Valter Pereira. Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: um reflexão a partir do perfil dos informantes. *Alfa*, São Paulo, 56 (3): 891-916, 2012.

KRIEGER, MG. O léxico do português do Brasil em dicionários. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, pp. 391-400. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books, 2012.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia e lexicografia diacrônicas: qual o papel desse tipo de pesquisa. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande – MS, Editora UFMS, 2010.

KRIEGER, Maria da Graça; MÜLLER, Alexandra Feldekircher; GARCIA, Andréa Roberta da Rocha; BATISTA, Rosinalda Pereira. O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. *Alfa*, São Paulo, 50 (2): 173-187, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça. O termo: questionamentos e configurações. *TradTerm* 7, p. 11-140, 2001.

LAMB, N.J. *Collins Gem English-Portuguese Portuguese-English Dictionary*, Collins, London and Glasgow, 1964.

LANDAU, Sidney I. *Dictionaries: the art and craft of lexicography*. New York: Cambridge University Press, 2001.

LARA, L. F. Sociolinguística del Diccionario del Español de México. *International Journal of the Sociology of Language*, 96, 1992. p. 19-34.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolingüísticos do português brasileiro. In: *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006.

LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolingüísticos do português brasileiro. In: *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez. 2006.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Do conceito de nomia para os estudos do léxico em perspectiva variacional e histórica*. IV Congrès International de Dialectologie et de Sociolinguistique. Paris Sorbonne Université, 2016.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. O projeto Dicionário Dialectal Brasileiro: discussão sobre método. *Comunicación Social: retos y perspectivas*. Centro de Linguística Aplicada, Santiago de Cuba, 2015.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. A variação linguística em dicionários escolares: estado da arte. *Revista da Anpoll*, número 37, Florianópolis, jul/dez, 2014 (p. 233-246).

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Diversidade Linguística do português: entrefaces*.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Do conceito de “variante” nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. In: *Filologia Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 261-275, jul./dez. 2014.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. The history of the léxicon. In: KABATEK, Johannes; WALL, Albert; SIMÕES, José. *Handbook of Brazilian Portuguese Linguistics*. (no prelo)

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Um ponto de interseção para a dialectologia e a lexicografia: a proposição de elaboração de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB. *Estudos* (UFBA), 2010.

MARQUES, Amadeu. *Brazilian Portuguese-English, English-Brazilian Portuguese concise dictionary*, Hippocrene Books, New York, 2010.

MARTÍN, R. Essai d'une typologie des définitions verbales dans le dictionnaire de langue, *TRAUU*, XV, 1, págs. 361-378, 1977.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: uma aproximação*. Vol. 1. Léxico e morfologia. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

MICHAELIS, Henriette. *A new dictionary of the Portuguese and English Languages enriched by a great number of technical terms used in commerce and industry, in the arts and sciences, and including a great variety of expressions from the language of daily life*, Leipzig : F.A.Brockhaus, 1923.

MILLER, C. The Place of Portuguese in American Education. *Education A Monthly Magazine*, v. 62, n. 6, p. 351-353, 1942.

MIRANDA, Felix Bugueño. Cómo ler y qué esperar de un diccionario monolingüe (com especial atención a los diccionarios del español). *Revista Língua & Literatura*. Frederico Westphalen, v. 8 / 9, S. 97-114, 2003.

MIRANDA, Felix Bugueño. Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas: proposta de uma taxonomia. *Alfa*, São Paulo, 58 (1), 215-231, 2014.

MORELLO, Rosângela. Diversidade no Brasil: línguas e políticas sociais. *Synergies Brèsil*. n° 7, 2009, pp. 27-36.

MOTA, Jacyra Andrade. Um aporte aos dicionários: os dados do APFB. CARDOSO, Suzana; MEJRI, Salah; MOTO, Jacyra Andrade (Orgs.). *Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias*. Salvador, Vento Leste, 2011.

MURAKAWA, Clothilde de Almeida Azevedo (2002). *D. Raphael Bluteau: Marco na Lexicografia Portuguesa de Setecentos*, disponível em <http://www.fflch.usp.br/dl/anpoll2/clotildecoloquio2002.htm>

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. A construção de um dicionário histórico: o caso do Dicionário Histórico do Português do Brasil — séculos XVI, XVII e XVIII. *Revista de Estudos de lingüística galega* 6, 2014, p. 199-216.

NAGEL, Ernest. *The structure of Science: problems in the logic of scientific explanation*. Columbia University, USA, 1961.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1953.

NUNES, José Horta. A invenção do dicionário brasileiro: transferência tecnológica, discurso literário e sociedade. In: *Revista argentina de historiografía lingüística*, V, 2, 159-172, 2013.

NUNES, José Horta. A invenção do dicionário brasileiro: transferência tecnológica, discurso literário e sociedade. *Revista argentina de historiografía lingüística*, V, 2, 159-172, 2013.

NUNES, José Horta. Dicionário, sociedade e língua nacional: o surgimento dos dicionários monolíngues no Brasil. CARMO, Laura do; LIMA, Ivana Stolze. *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro, Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.

NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Org.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP/ Pontes, 2002.

NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, Pontes, 2002.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. Brasileirismos e regionalismos. *Alfa*, São Paulo, 42 (n. esp.), 109-120, 1998.

OLIVEIRA, Anielle Souza de. *Incursões (meta)lexicográficas e semânticas em Vieira Transtagano : a guerra e o comércio no dicionário português-inglês*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 2011.

OSWALD, Tim. English-Portuguese and Portuguese-English Bilingual Dictionaries. In: VERDELHO, Telmo dos Santos; SILVESTRE, João Paulo. *Lexicografia bilíngue. A tradição dicionarística português – línguas modernas*. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Universidade de Aveiro, 2011.

PAGOTTO, Emílio Gozze. *Variação e (‘) identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004.

PEIRCE, F. Lamont. Portuguese is Worth Learning. *Foreign Commerce Weekly*, v. XI, n. 13, p 10-43, 1943.

PINTO, Pedro A. *Brasileirismos e supostos brasileirismos*. Rio de Janeiro, Tipografia S. Benedito, 1931.

POTTIER, Bernard. *Grammaire de l’espagnol*. Paris, Presses Universitaires de France, 1969.

QUEDNAU, Laura Rosane. A síncope e seus efeitos em latim e em português arcaico. BRESCANCINI, Cláudia; BISOL, Leda (Orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002.

RANGEL, Egon de Oliveira. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. BAGNO, Marcos; CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia (Orgs.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo, Parábola Editorial, 2011.

RETO, L., ESTÊVÃO, P., ESPERANÇA, J., GULAMHUSSEN, M., MACHADO, FL & Costa, AF. *O Ensino da Língua Portuguesa nos EUA*, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, 2014.

REY-DEBOVE, Josette. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Paris, Hachette, 1971.

REY-DEBOVE, J. La définition lexicographique: recherches sur l’équation sémique. *Cahiers de Lexicologie*, v. 8(1), 1966, p. 71-94.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e Dicionário. *Alfa*, São Paulo, p. 45-69, 1984.

ROBERT, Paul; REY, Alain; REY-DEBOVE, Josette. *Le petit Robert 1: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, Le Robert, 1991.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões grammaticaes ou nova grammatica portugueza*. Bahia, Estabelecimento dos dois mundos, 1915.

- RIBEIRO, Julio. *Grammatica Portugueza*. São Paulo, Teixeira & Irmão Editores, 1885.
- RICHARDSON, Elbert L.; SÁ PEREIRA, Maria de Lourdes; SÁ PEREIRA, Milton. *McKays's Modern Portuguese-English and English-Portuguese Dictionary*, 1943.
- SANROMÁN, Álvaro Iriarte. *A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas*. Dissertação de Doutorado. Universidade do Minho. Braga, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007>. Acesso em: 11 de janeiro de 2017.
- SILVA JUNIOR, Manuel Pacheco da; ANDRADE, Lameira de. *Noções de grammatica portugueza: de accordo com o programa official para os exames geraes de preparatorios do corrente anno*. Rio de Janeiro, J.G. Azevedo Editor, 1887.
- SILVA, Maria Cristina Parreira da. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo, Humanitas, 2007.
- SILVESTRE, João Paulo; VERDELHO, Telmo dos Santos. *Lexicografia bilíngue. A tradição dicionarística português – línguas modernas*. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Universidade de Aveiro, 2011.
- SILVESTRE, João Paulo; VERDELHO, Telmo (Org.) . *Dicionarística portuguesa: inventariação e estudo de patrimônio lexicográfico*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2007.
- SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SMITH, Robert C. A Pioneer teacher: Father Peter Babad and his portugueses grammar. In: *Hispania*, XXVIII, 35, 1945.
- STARLING, R. Breves considerações sobre ciência, teorias e fenômenos. *Boletim Informativo da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental*, n. 23, p. 4-5, 2001.
- STERKENBURG, Piet van. (ed.). *A practical guide to lexicography*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2003.
- STREHLER, René G. *Análise de categorias de marcas de uso em dicionários*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Brasília: UNB, 1997.

SWANEPOEL, Piet. *Dictionary typologies: a pragmatic approach*. VAN STERKENBURG, Piet (ed.). *A Practical Guide to Lexicography*. (Terminology and Lexicography Research and Practice 6.) Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1994.

TAYLOR, James L. *Portuguese English Dictionary* with corrections and additions by the author and Priscilla Clark Martin, Stanford University Press, 1970.

TEYSSIER, Paul. (2001). *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. 5. ed. Lisboa: Sá da Costa.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

The Oxford New Portuguese Dictionary, Berkley Publishing Group, New York, 2008.

TRANSTAGANO, Anthony Vieyra. *A dictionary of the Portuguese and English languages, in two parts, Portuguese and English: and English and Portuguese. In two parts: wherein I. The words are explained in their different meanings: II. The etymology of the Portuguese generally indicated from Latin, Arabic and other languages* volumes. English Book Computer File 2 v.; 40. London: printed for J. Nourse, 1773. CD-ROOM.

VAN STERKENBURG, Piet (ed.). *A Practical Guide to Lexicography*. (Terminology and Lexicography Research and Practice 6.) Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003

VERDELHO, Telmo dos Santos; SILVESTRE, João Paulo. *Lexicografia bilíngue. A tradição dicionarística*. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Universidade de Aveiro, 2011.

VERDELHO, Telmo. *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Aveiro: Instituto Nacional da Investigação Científica, 1995.

VERKUYL, Henk; JANSSEN, Maarten; Janssen; JANSEN, Frank. The Codification of Usage by Labels. In: *A Practical Guide to Lexicography*, ed. by Piet van Sterkenburg. John Benjamins, 2003

VILELA, Mário. As expressões idiomáticas na língua e no discurso. In: *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do*

Porto, vol. 2, 2002. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2002, p. 159-189.

VILELA, Mário. As expressões idiomáticas na língua e no discurso. In: *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, vol. 2, 2002. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2002, p. 159-189.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola.

WELKER, Herbert Andreas. (2004). *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2ª ed. Brasília: Thesaurus.

WELKER, Herbert Andreas. Breve histórico da metalexigrafia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.13, n.19, p.69-84, 2006.

WIEGAND, Herbert. Was ist eigentlich ein Lemma? Ein Beitrag zur Theorie der lexikographischen Sprachbeschreibung. *Germanistische Linguistik* 1-4, p. 401-474.

WÜSTER, Eugen. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, 1998.

ZGUSTA, L. *Manual of Lexicography*. The Hague: Mouton, 1971.